

PROSPER
MÉRIMÉE

Tradução:
Mario Quintana

CARMEN
E OUTRAS
HISTÓRIAS

NOVELAS E CONTOS COMPLETOS
Edição comentada

CLÁSSICOS  ZAHAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PROSPER
MÉRIMÉE

Tradução:
Mario Quintana

CARMEN

E OUTRAS
HISTÓRIAS

NOVELAS E CONTOS COMPLETOS
Edição comentada

CLÁSSICOS  ZAHAR

Prosper Mérimée

CARMEN E OUTRAS HISTÓRIAS

NOVELAS E CONTOS COMPLETOS

edição comentada

Tradução:

Mario Quintana

Apresentação:

Gloria Carneiro do Amaral

Notas:

Bruno Gambarotto



SUMÁRIO

Apresentação

Prosper Mérimée: vida e obra, por Gloria Carneiro do Amaral

NOVELAS E CONTOS COMPLETOS

Mateus Falcone

Visão de Carlos XI

A tomada do reduto

Tamango

Federigo

O vaso etrusco

A partida de gamão

O duplo engano

As almas do purgatório

A Vênus de Ille

Colomba

Arsênia Guillot

Carmen

O padre Aubain

Il viccolo di madama Lucrezia

O quarto azul

Lokis

Djumane

Cronologia: vida e obra de Prosper Mérimée

Apresentação

PROSPER MÉRIMÉE: VIDA E OBRA

PROSPER MÉRIMÉE (1803-70) é conhecido como o autor da novela *Carmen*, um pouco eclipsada pela popularíssima ópera homônima de Georges Bizet. Os aficionados do fantástico provavelmente também conhecem *A Vênus de Ille*, conto exemplar no gênero. Talvez não seja tão conhecida sua personalidade múltipla e facetada: dândi, homem do mundo e das letras, parisiense e viajante, frequentador da corte e dos salões, amigo da imperatriz Eugênia, arqueólogo, historiador, filólogo.

De família culta, voltada para as artes, era filho de um pintor, professor de desenho na Escola Politécnica e secretário da Escola de Belas Artes. Mérimée cresceu então num meio parisiense de burgueses artísticos, aprendeu desenho e aquarela e cedo se interessou por história. Seguiu a trajetória habitual na época: foi aluno do liceu Henri IV (de 1812 a 1819) e estudou direito. Cedo começou a frequentar os meios literários e tornou-se amigo de Stendhal, Victor Hugo e Alfred de Musset.

Tinha o dom das línguas. Aos quinze anos falava correntemente inglês e aprendeu russo e espanhol. Foi tradutor de Ossian, Gogol, Puchkin e Turguêniev, do qual ficou amigo, assim como de outros escritores franceses do período.¹ O gosto pelas viagens o levou à Inglaterra, à Escócia, à Espanha, onde permaneceu cinco meses em 1830, à Itália, à Grécia e ao Oriente. Muito elegante, gostava de se vestir em Londres, onde tinha um grande amigo, Panizi, administrador do Museu Britânico, e frequentava a sociedade, bailes, jantares e concertos.

Na opinião do crítico Hypolite Taine, tal estilo de vida reproduzia-se na sua escritura "*sans-façon de l'homme du monde*".²

De 1831 a 1840, Mérimée ocupou um cargo secundário no Ministério da Marinha e do Comércio, mas não era talhado para a vida de escritório. Em 1834, foi nomeado inspetor-geral dos monumentos históricos, cargo, este sim, que "convém muito ao meu gosto, à minha preguiça e às minhas ideias de viagem", conforme declara em carta a Sutton Sharpe, egiptólogo e tradutor da Bíblia.

Só não é verdade que o posto convinha à sua "preguiça", pois o exerceu cerca de 26 anos, com devotamento, interesse e eficiência. Viajou por toda a França numa época em que ainda não havia estradas de ferro, muitas vezes de diligência ou a cavalo, hospedando-se em hotéis precários. No âmbito da conservação dos monumentos históricos, foi significativo o papel que desempenhou na organização do Museu de Cluny, inaugurado em março de 1844 e especializado em arte e cultura medievais.

Cultivou várias amizades femininas, em especial a da condessa de Montijo, mãe da imperatriz Eugênia e com quem manteve ativa correspondência. Conheceu a futura imperatriz quando ela era ainda criança, mais tarde tornando-se um amigo fiel. Frequentou a intimidade do casal imperial e era convidado para as temporadas fora de Paris, em Saint-Cloud, Fontainebleau, Compiègne, Biarritz. Sobretudo a partir de 1857, foi sendo cada vez mais incluído nas vilegiaturas imperiais, em que os *petits comités* consistiam em "apenas" trinta ou quarenta pessoas às refeições... As temporadas na corte aguçaram sua arte das epístolas.

Os favores de Napoleão III ajudaram-no a permanecer no cargo de inspetor-geral dos monumentos e a tornar-se senador de 1853 a 1870, o que atraiu, claro, as críticas de uma parte da intelectualidade e de Victor Hugo, exilado desde o golpe de dezembro de 1852.

Há que se lembrar que gozava de prestígio no início de sua carreira, quando era aclamado pelo próprio Hugo: "A Prosper Mérimée, mestre de todos nós." Patrick Berthier, historiador da literatura contemporâneo, reconhece-lhe, no momento da publicação

de *Teatro de Clara Gazul*, o status de escritor de importância no período.

Nos anos 1840, levou uma vida dissipada, causando certo escândalo. O que não impediu que, em 1843, fosse eleito membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres e, em 1844, substituísse Charles Nodier na Academia Francesa.

A partir de 1856, por causa da asma e da saúde, passava os invernos em Cannes, onde morreu, em 1870, em uníssono com a queda do Império.

O centenário de sua morte foi comemorado mais por arqueólogos do que por literatos, e um número da revista dos monumentos históricos da França lhe foi consagrado.

OBRA: COR LOCAL E PAIXÕES

Embora a expressão “cor local” tenha sido utilizada antes na pintura, os românticos podem se gabar de tê-la difundido. E Mérimée posicionou-se incisivamente sobre o tema no prefácio de *La Guzla*, coletânea de falsas baladas folclóricas que muitos acreditaram autênticas:

Por volta do ano da graça de 1827, eu era *romântico*. Dizíamos aos *clássicos*: seus gregos não são gregos, seus romanos não são romanos; vocês não sabem dar *cor local* às suas composições. Não há salvação sem a *cor local*. Entendíamos por “cor local” o que no século XVII chamavam-se os costumes; mas estávamos muito orgulhosos da nossa expressão e pensávamos ter inventado a palavra e a coisa.³

Não nos cabe aqui discutir a fundo esse conceito, mas mostrá-lo tal como aparece na obra de Mérimée, nela se configurando como um traço fundamental, ao qual vários historiadores recorrem para caracterizá-lo como autor romântico, pois sua cor local não se fundamenta apenas num pitoresco de objetos e hábitos, mas também em paixões violentas e atos frenéticos. Daí seu interesse pela intensidade das paixões na Espanha e pela *vendetta* corsa. A

cor local, nas suas novelas, impregna a atmosfera e aparece em paisagens, personagens, expressões, objetos, armas, comidas, vocabulário, nomes próprios. Como diria o próprio escritor em sua correspondência com um toque de ironia: "Nós nos fartamos de cor local em Esmirna, ou seja, de camelos, de café sem açúcar, de alabanês, de mulheres com véu e de narguilé."⁴

Os contos e novelas desta edição são fartos em exemplos de "cor local", e, de uma certa forma, praticamente todos podem ser abordados por esse viés.

A cor local pode surgir em pequenos toques, como em *O duplo engano*, ambientada na sociedade contemporânea do escritor, centralizada numa personagem, sr. Darcy, um dândi que circula à vontade na sociedade parisiense, envolto numa aura sedutora de aventuras de viagens em terras exóticas, da Rússia à Grécia, passando por Constantinopla, e que envolvem o salvamento de mulheres turcas ameaçadas de morte por maridos traídos. Inclusive seu rival junto à personagem feminina, sra. de Chaverny, ouvindo-lhe o relato sabe exatamente o nome da arma utilizada nesse salvamento, um iatagã, pois "amava a cor local". Essa novela é a primeira em que Mérimée se aventura pela pintura psicológica das personagens, e seu desfecho acaba por ser um tanto inverossímil.

Mateus Falcone é o seu primeiro texto corso, escrito quando ainda não conhecia a Córsega. Sua fonte provável é um artigo do historiador e político Alexandre Buchon na *Revue Trimestrielle*. Tema e ambientação revelam já sua preocupação com a cor local, sobre a qual se monta a intriga. A estrutura da narrativa é simples: caminha-se pela paisagem do *maquis* até a casa de Mateus Falcone, apresentado através de pinceladas rápidas, suficientes para inseri-lo no código de honra corso e preparar a situação de conflito até sua explosão quase selvagem. Pela sua extensão e pelo impacto do desenlace, essa narrativa insere-se mais na categoria dos contos curtos à Poe que, como diria Cortázar, devem levar o leitor a nocaute do que na estrutura da maioria das novelas posteriores de Mérimée.

Em *Lokis*, publicado na *Revue des Deux Mondes*, a história nos é reportada pelo prof. Wittembach, um linguista alemão que vai à

Lituânia atrás do exemplar raro de um determinado catecismo e registra num diário estranhos acontecimentos de que é testemunha. Esse tipo de narrador é elemento comum nas novelas de Mérimée: vamos encontrá-lo em *Carmen* e em *A Vênus de Ille*. Trata-se de um estudioso das línguas, dos dialetos, do folclore, dos costumes, enfim da cor local, que, em parte, sustenta a narrativa.

Em carta de 9 de outubro de 1868, Mérimée assim descreve o conto a Turguêniev, enfatizando os aspectos linguísticos, citados já no primeiro parágrafo: "Eu tinha nas mãos uma gramática lituana. Tornei-me competente em *jmoude*, *zomailis* e ambientei a intriga na Lituânia. A cor local abunda!!!"

O prof. Wittembach hospeda-se no castelo do conde Szémioth, detentor do único exemplar existente do catecismo. Num castelo vizinho mora a srta. Iwinska, que, durante uma visita do conde e do professor, apresenta uma dança típica, embora vestindo, com coqueteria, roupas parisienses. O interesse entre o professor e a jovem é mútuo e eles acabam se casando, em cerimônia que recupera costumes locais como o de beber champanhe no sapato da noiva.

ESSE INTERESSE por culturas outras está acentuadamente presente em uma das suas melhores novelas, *Colomba*, também publicada na *Revue des Deux Mondes*. Albert Thibaudet, historiador da literatura e crítico exigente, aprecia-a especialmente e considera-a um exemplo de equilíbrio e composição: "E *Colomba* é uma obra-prima de narração, de técnica, de conquista absoluta do leitor sem recursos excessivos! Sem recursos excessivos! Em 1840!"⁵

No ano anterior, Mérimée viajara para a Córsega, por causa do seu cargo de inspetor dos monumentos históricos. Conheceu na ocasião um cônsul, Orso Carabelli, que tinha uma irmã idosa igualmente talentosa no manejo de armas e no improviso de versos. Ao seu lado, vivia uma linda jovem que emprestou seus traços para a *Colomba* da ficção. A curiosidade biográfica nos mostra como Mérimée buscou elementos essenciais da novela no que observou na Córsega, a começar pela trama da *vendetta*, mas sem se limitar a

ela: "Diverti-me muito nesse país e procurei ver tudo, do cedro ao hissopo."

Na verdade, não são nem os monumentos, que aliás lhe parecem sem muito interesse, nem a natureza que o atraem, mas sim "a pura natureza do HOMEM",⁶ que, veremos, sustenta a narrativa.

A visão da turista inglesa, miss Lydia, logo no início, é já muito significativa: interessa-se mais pela Córsega do que pela Itália, que não lhe parece ter cor local suficiente. Sua perspectiva privilegiada na abertura da narrativa atenua-se por um certo tom irônico: propõe-se a anotar cada pequeno incidente no seu diário de viagens não por curiosidade ou interesse cultural, mas para reportá-los como troféu às suas amigas inglesas. Além disso, o jovem tenente Della Rebbia, seu futuro par romântico, embora aristocrático, parece muito franco e alegre, o que não casaria bem com um herói de romance...

O leitor conhece logo três das personagens centrais, os dois turistas ingleses e Orso della Rebbia, mas a Colomba do título só parece no capítulo V e sob o olhar feminino e interessado de miss Lydia. E também do leitor curioso: o par amoroso já não está delineado? Quem é então essa mulher jovem e muito bela, toda de negro, "a dama do *mezzaro*", véu de seda negra muito usado pelas corsas e que atrai a atenção da turista inglesa? Ainda por cima está acompanhada por um camponês armado, com "a indumentária completa de bandido de melodrama ou de burguês corso em viagem".

Estamos *in medias res*, como afirma o narrador, declarando ter seguido os preceitos de Horácio em sua *Arte poética* para que o leitor entre fundo na sua "verídica história". O capítulo VI é uma verdadeira aula sobre o costume arraigadamente corso da *vendetta*, que não se configura como um aparato exótico da novela, mas como sua espinha dorsal.

Sua principal articuladora é a graciosa Colomba, que, como o leitor vai aos poucos percebendo, revela-se uma manipuladora de primeira. Não recua diante de nada e prepara ardilosas armadilhas para envolver o irmão, cujo espírito corso de vingança acha-se muito diluído depois do contato com outras culturas e diante do medo de

perder o amor da civilizada inglesa. Mas a irmã consegue levá-lo a realizar seu intento.

A determinação cruel da *vendetta* se estende até a cena final em que Colomba encontra o velho advogado Barricini, acabado, à beira da morte, cena toda articulada num jogo de olhares entre os dois inimigos. As condições são nitidamente desiguais, mas a jovem corsa não recua e deixa o moribundo com “a face animada, o olhar em fogo”.

E a novela se fecha sobre a definição supersticiosa da granjeira: “Estás vendo aquela moça tão bonita? – disse para a filha. – Pois bem! Estou certa de que ela tem mau-olhado.”

A IMAGEM DA MULHER perigosa e destrutiva está presente desde a primeira obra publicada de Mérimée: *Teatro de Clara Gazul*. Valem duas palavras sobre sua gênese. Clara Gazul teria sido uma dramaturga espanhola, que se dizia de ascendência moura, bisneta de Maure Gazul, herói do *Romancero* espanhol, de beleza exótica e pele “levemente azeitonada”. O prefaciador Joseph L’Estrange, nome de fachada do próprio Mérimée, conheceu-a, conta ele, em Gibraltar, quando estava sob a tutela de um parente que era inquisidor no tribunal de Granada, dado que insere a fictícia autora num dos contextos da obra, a Inquisição espanhola, cujo desempenho é satirizado nas peças.

Na verdade, Clara Gazul é um pseudônimo de Mérimée para publicar sua primeira obra, um conjunto de seis peças curtas (na primeira edição) que apresentam para o leitor de hoje a sedução do humor. E justamente a segunda peça intitula-se *Uma mulher é um diabo ou A tentação de Santo Antônio* e gira em torno do interrogatório de Maria Valdez, conhecida como Mariquita, que seduz um dos inquisidores, frei Antônio; ele acaba por renegar sua posição de inquisidor para se propor como seu amante.

A própria Mariquita tem como última fala: “Vendo esse fim trágico, direis conosco, acho, que UMA MULHER É UM DIABO”, com direito a todas as letras maiúsculas no original, para atestar a relevância do tema.

Claro que esse título nos evoca a figura por excelência da *femme fatale*, Carmen. Mas na novela mais conhecida (1845) de Mérimée não devemos nos ater apenas à personagem central: a estrutura de narração é muito representativa na sua obra. O narrador é um arqueólogo fazendo pesquisas, como o de *A Vênus de Ille* atrás de monumentos históricos, ou como o prof. Wittembach de *Lokis*, linguista em busca de livros raros em lituano: são todos narradores testemunhas que conferem veracidade às suas histórias; mesmo o de *Mateus Falcone*, que não se identifica, declara ter ido à Córsega.

O de Carmen não só conheceu os dois protagonistas como ouviu a história de d. José. Pode, portanto, descrevê-los com conhecimento de causa.

D. José, como convém a uma figura masculina algo exótica, mistura estranheza e nobreza de caráter. Como miss Lydia, o narrador vê “um certo charme” em se encontrar face a face com um bandido conhecido e perigoso que, à luz do interior da “*venta*” – termo em espanhol no original –, lembra “o Satã de Milton” por sua altiva dignidade.

Carmen é apresentada sob dupla perspectiva. O narrador vê uma jovem miúda, de cabelos negros não como a asa da graúna da nossa Iracema, mas como as asas de um corvo, ave de mau agouro; de grandes olhos oblíquos, olhar de cigana, de uma beleza selvagem; toda de negro, deixando deslizar sensualmente a mantilha.

D. José conta ao narrador sua primeira visão dessa “Carmen que o senhor conhece”, que está agora toda vestida em vermelho forte, “cor de fogo”. O gesto provocante de deslizar a mantilha se repete, intensificado pelo andar cadenciado e sensual, vulgarizado pela comparação com uma égua de corrida; o gesto desafiador de cigana, erguendo a cabeça, as mãos na cintura. A impressão distanciada do narrador contrasta com a fascinação de d. José, que prenuncia o desenrolar da intriga.

Muitas obras literárias francesas haviam usado a Espanha como cenário, desde *Hernani*, de Victor Hugo, passando por *Contes d’Espagne et d’Italie*, de Musset, até alguns textos do *Teatro de*

Clara Gazul (o primeiro deles é *Les espagnols en Danemark*). Em *Carmen*, as paixões avassaladoras têm como contraponto os elementos culturais que ajudam a compor a novela, especialmente os que dizem respeito às personagens centrais, ele, basco, e ela, cigana. Já não confessara d. José ter medo das andaluzas, sempre briguentas, numa fala retomada literalmente pela ópera? Ele que logo de saída se diz “basco e cristão velho”. A própria Carmen previne-o de que ela lhe trará azar e desgraça. O conselho é retomado numa das mais conhecidas árias da ópera, “La Habanera”: “*Si je t’aime, prends garde à toi*”, “se eu te amar, cuide-se”.

O embate, em parte, é cultural, já que o componente cigano de Carmen é ressaltado incessantemente: preza a liberdade acima de tudo, dança a *romalis*, ao som das castanholas, come comidas típicas e sua fala está recheada de expressões em sua língua e de provérbios ciganos. O que gera várias notas do autor e o último capítulo da novela, integralmente consagrado à descrição dos costumes ciganos e seus relacionamentos conjugais.

Carmen está para a Espanha como Colomba está para a Córsega: duas heroínas da cor local.

ESSES ELEMENTOS – narrador erudito, cor local, *femme fatale* – estão presentes também em *A Vênus de Ille*, que além deles integra um componente cuja voga talvez a torne, para nós, a novela mais conhecida de Mérimée: o fantástico.⁷

A narrativa começa por um “eu”, que introduz um sujeito de enunciação muito presente ao longo da narrativa, pois fatos e personagens são filtrados pelo seu olhar. Trata-se de um estudioso de monumentos históricos e conhecedor de línguas – latim e catalão – que veio visitar a região, reputada pela qualidade dos seus monumentos.

Seu anfitrião, sr. de Peyrehorade, é um antiquário entusiasta que descobriu por acaso, há quinze dias, a enorme estátua de uma Vênus de bronze. Fascinado por essa descoberta, logo leva o hóspede para conhecê-la e para traduzir uma inscrição do pedestal: “*Cave Amantem*”. De acordo com o narrador, o escultor queria

prevenir o espectador contra a estátua, pois poderíamos assim traduzir a inscrição: "*Prends garde à toi, si elle t'aime*". Dizeres que os aficionados da ópera de Bizet reconhecerão imediatamente.

A má reputação da estátua precede sua aparição: antes mesmo de surgir aos olhos do narrador e do leitor, o guia se encarrega de apresentá-la como um "ídolo" carregado de maldade. Ao vê-la, o narrador fica impressionado com a perfeição da escultura e com a expressão estranha e indefinível do olhar, no qual reencontramos os olhos oblíquos de Carmen. E que ecoa nos "olhos de cigana, oblíqua e dissimulada" da nossa Capitu.⁸ O filho do sr. de Peyrehorade a classifica como "aquele diabo de Vênus". Até o indulgente anfitrião do narrador lamenta a sorte dos amantes da possível modelo. A natureza da *femme fatale* é, portanto, insólita e prepara o desenlace da novela, pelo qual passo em silêncio, para não estragar a surpresa do leitor, aguçando apenas sua curiosidade.

A chegada do narrador coincide com o casamento do jovem herdeiro do anfitrião, Alphonse, com srta. de Puygarrig, bela jovem da região. Reencontramos a ambientação do outro casamento a que assistíramos em *Lokis*; este segundo traz diversos episódios de ruidosa cor local, que incomodam o narrador.

Resta-nos um rápido olhar para a presença do fantástico. Observações ambíguas em torno da estátua e fatos estranhos vão sutilmente se cerrando para nos conduzir ao desenlace cuja explicação lógica permanece em suspenso, repousando numa linha tênue de indefinição, enredando e seduzindo o leitor.

Fazer uso dos seus conhecimentos de arqueólogo e filólogo, aproveitando-os na intriga ficcional, como em *A Vênus de Ille*, articular uma eficaz convivência de imaginação e de cientificismo, parece-me ser a particularidade de Prosper Mérimée em suas novelas – narrativas saborosas, com toques de humor, que certamente têm seu atrativo para o leitor atual. E ainda criar a figura da *femme fatale* por excelência, convenhamos, não é pouco.

Gloria Carneiro do Amaral é professora livre-docente da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em literatura francesa, particularmente do século XIX, e em literatura comparada (Brasil-França). Autora de *Aclimatando Baudelaire* (Annablume), *Navette literária França-Brasil: a crítica literária de Roger Bastide* (Edusp, prêmio Jabuti) e de artigos nessa área.

1. Maupassant, por exemplo, cita o escritor russo num de seus contos intitulado "O medo".
2. Conservei no francês pelo sabor da expressão: "seu jeito à vontade de homem mundano".
3. Apud J.W. Hovenkamp, *Mérimée et la couleur locale*. Paris, Les Belles Lettres, 1928, p.1.
4. Carta de 1º de dezembro de 1841 ao amigo F. de Saulcy.
5. A. Thibaudet, *Histoire de la littérature française de 1789 à nos jours*. Paris, Librairie Stock, 1936, p.213.
6. J.W. Hovenkamp, op.cit., p.160.
7. Duas conhecidas antologias do fantástico apresentam *A Vênus de Ille* em português: *Os melhores contos fantásticos*, organizado por Flávio Moreira da Costa, e *Contos fantásticos do século XIX*, de Italo Calvino.
8. A respeito das relações de Capitu com a literatura francesa consultar G. Pinheiro Passos, *Capitu e a mulher fatal: análise da presença francesa em Dom Casmurro*. São Paulo, Nankin, 2003.

CARMEN E OUTRAS HISTÓRIAS

NOVELAS E CONTOS COMPLETOS

MATEUS FALCONE

QUEM SE DIRIGE de Porto-Vecchio¹ para o interior da ilha, rumo ao nordeste, nota logo a rápida elevação do terreno. E, após três horas de marcha ao longo de tortuosos caminhos, obstruídos de pedras enormes ou escavados em grotões, vai ter a um *mato*² bastante extenso. O mato é a pátria dos pastores corsos e de quem quer que esteja em dificuldades com a justiça. Convém saber que o lavrador corso, para não se dar ao trabalho de adubar a terra, atea fogo a certa extensão de mato; tanto pior se o incêndio se propaga além do necessário; aconteça o que acontecer, tem-se certeza de uma boa colheita, semeando aquele terreno fertilizado pelas cinzas das suas próprias árvores. Colhidas as espigas, pois desprezam as respectivas palhas, que dariam muito trabalho arrancar, sucede que na primavera seguinte as raízes não consumidas pelo fogo deitam vigorosos brotos que, em poucos anos, atingem sete ou oito pés de altura. A essa espécie de ínvio matagal é que chamam o *mato*. Compõem-no as mais diversas árvores e arbustos, misturados e confundidos ao deus-dará. Só a machado se poderia ali abrir passagem, e veem-se matos tão espessos que nem os próprios carneiros selvagens conseguem penetrá-los.

Se matastes um homem, ide para o mato de Porto-Vecchio, e ali vivereis em segurança, com um bom fuzil, pólvora e balas; não olvideis uma capa escura de capuz³ que faz as vezes de coberta e colchão. Os pastores vos dão leite, queijo e castanhas, e nada tereis a temer da justiça ou dos parentes do morto, senão quando tiverdes de descer à cidade para renovar as munições.

Quando me achava na Córsega em 18..., morava Mateus Falcone a meia légua do referido mato. Era um homem bastante rico para a região; vivia nobremente, isto é, sem nada fazer, do produto de seus

rebanhos, que campônios um tanto nômades levavam a pastar nas montanhas. Quando o vi, logo após o caso que vou contar, pareceu-me que tinha quando muito uns cinquenta anos. Imaginai um homem baixo, mas robusto, de cabelos crespos, negros como ébano, nariz aquilino, lábios delgados, olhos grandes e vivos, e uma pele cor de couro cru. Mesmo na sua própria terra, onde há tão bons atiradores, passava por extraordinariamente hábil no manejo da espingarda. Mateus, por exemplo, jamais atirava num carneiro selvagem com chumbo grosso; mas abatia-o, a cento e vinte passos, com uma bala na cabeça ou no quarto dianteiro, à escolha. À noite, utilizava-se das armas tão facilmente como de dia, e citaram-me dele o seguinte feito, que talvez pareça inacreditável a quem nunca andou pela Córsega. A oitenta passos, colocavam uma vela acesa por trás de um transparente de papel, do tamanho de um prato. Ele fazia a mira, depois apagavam a vela, e, ao cabo de um minuto na mais completa escuridão, fazia fogo; em três vezes sobre quatro, conseguia atravessar o transparente.

Com tão transcendentales méritos, granjeara Mateus Falcone enorme reputação. Diziam-no tão bom amigo quão perigoso inimigo: era aliás serviçal, dado a fazer esmolas, e vivia em paz com todos no distrito de Porto-Vecchio. Mas dele se contava que em Corte, onde casara, soubera desembaraçar-se energicamente de um rival considerado tão temível na guerra como no amor: pelo menos atribuíam-se a Mateus certo tiro de espingarda que abatera o dito rival, quando se achava este a barbear-se diante de um espelhinho pendurado à janela. Abafado o caso, Mateus casou-se. Sua mulher Josefa dera-lhe a princípio três filhas, o que o deixara furioso, e finalmente um filho, a quem chamou Fortunato: era a esperança da família, o herdeiro do nome. As filhas haviam casado bem: seu pai podia contar, em caso de necessidade, com os punhais e as escopetas dos genros. O filho tinha apenas dez anos, mas já anunciava excelentes pendores.

Certa manhã de outono, bem cedo, saiu Mateus com a mulher, para ir ver um de seus rebanhos, numa clareira do mato. O pequeno Fortunato queria acompanhá-lo, mas a clareira era muito longe; de

resto, era preciso que alguém ficasse guardando a casa; o pai recusou, pois; veremos se teve ou não motivos para arrepende-se.

Fazia algumas horas que se ausentara, e o pequeno Fortunato achava-se tranquilamente deitado ao sol, contemplando as montanhas azuis, e considerando que, no próximo domingo, iria jantar na cidade, em casa de seu tio, o caporal,⁴ quando foi subitamente arrancado à cisma pela detonação de uma arma. Ergueu-se e voltou-se para o lado de onde partira o ruído. Outros tiros se sucederam, a intervalos desiguais, e cada vez mais próximos; afinal, no caminho que ia da planície à casa de Mateus, surgiu um homem com o barrete pontiagudo dos montanhese, a barba crescida, as vestes em farrapos, e que se arrastava penosamente, apoiando-se à espingarda. Acabava de receber um tiro na coxa.

Aquele homem era um *bandido*⁵ que, saindo à noite para munir-se de pólvora na cidade, caíra numa emboscada de atiradores corsos.⁶ Após vigorosa defesa, conseguira bater em retirada, vivamente perseguido, e tiroteando de rochedo em rochedo. Mas levava pouca luz sobre os soldados, e o ferimento impossibilitava-o de ganhar o mato antes que o alcançassem.

Aproximou-se de Fortunato e indagou:

– Não és o filho de Mateus Falcone?

– Sim.

– Eu sou Gianetto Sanpiero. Estou sendo perseguido pelos golas amarelas.⁷ Oculta-me, pois não posso ir mais longe.

– E que dirá meu pai, se eu te oculto sem sua permissão?

– Dirá que fizeste bem.

– Quem sabe...

– Oculta-me depressa, que eles aí vêm.

– Espera que chegue meu pai.

– Que espere?! Maldição! Anda, oculta-me, ou eu te mato.

Fortunato respondeu com o maior sangue-frio:

– O teu fuzil está descarregado e não há mais cartuchos em tua *carchera*.⁸

– Tenho o meu punhal.

– Mas correrás mais depressa do que eu?

Deu um salto, pondo-se fora de alcance.

– Não, não és filho de Mateus Falcone! Vais então deixar que me prendam na frente da tua casa?

O menino pareceu sensibilizado com tais palavras.

– Que me darás se te escondo? – disse ele, aproximando-se.

O bandido procurou numa bolsa de couro que lhe pendia à cinta e retirou uma moeda de cinco francos, que sem dúvida reservara para comprar pólvora. Fortunato sorriu à vista da moeda de prata; agarrou-a e disse a Gianetto:

– Nada temas.

Abriu em seguida um grande buraco num monte de feno próximo à casa. Gianetto ali se meteu, e o menino recobriu-o de maneira que não lhe faltasse um pouco de ar, sem que no entanto fosse possível suspeitar que aquele feno ocultava um homem. De mais a mais, ocorreu-lhe uma astúcia de selvagem, bastante engenhosa. Foi buscar uma gata com os seus filhotes e acomodou-os sobre o monte de feno, a fim de fazer crer que ali ninguém tocara recentemente. Em seguida, notando manchas de sangue no caminho, próximo da casa, cobriu-as cuidadosamente com terra. Feito isto, tornou a deitar-se ao sol, com a maior tranquilidade.

Alguns minutos após, achavam-se ante a porta de Mateus seis homens de uniforme pardo com gola amarela, comandados por um ajudante. Este era vagamente aparentado com Falcone (na Córsega, como é sabido, seguem-se os graus de parentesco muito mais longe do que nas outras terras). Chamava-se Teodoro Gamba: era um homem ativo, a quem os bandidos muito temiam, pois já havia apanhado vários deles.

– Bom dia, priminho – disse ele, achegando-se a Fortunato. – Como estás grande! Não viste passar um homem por aqui, ainda há pouco?

- Ora! Eu ainda não estou tão grande como o senhor, meu primo!
- respondeu o menino com um ar ingênuo.
 - Há de chegar a tua vez. Mas não viste passar um homem, hein?
 - Se eu vi passar um homem?
 - Sim, um homem com um gorro alto de veludo preto e casaco bordado de vermelho e amarelo.
 - Um homem com um gorro alto, e casaco bordado de vermelho e amarelo?
 - Sim, responde depressa, e não repitas as minhas perguntas.
 - Esta manhã, passou por aqui o sr. cura, no seu cavalo Piero. Perguntou-me como ia papai, e eu respondi-lhe que...
 - Ah!, velhaquinho, tirando o corpo, hein? Dize-me depressa por onde passou Gianetto, pois é quem estamos procurando; e tenho certeza de que ele tomou por esse caminho.
 - Como se poderá saber?
 - Como? Pois *eu sei* que tu o viste.
 - E como é que a gente vai ver quem passa, quando está dormindo?
 - Tu não estavas dormindo, maroto; os tiros te acordaram.
 - Acha então o primo que os seus fuzis fazem tanto barulho? A escopeta de meu pai faz muito mais.
 - Que o diabo te carregue, pestinha! Estou bem certo de que viste Gianetto. Quem sabe até se não o escondeste! Vamos, camaradas, entrem na casa e vejam se o nosso homem não está lá dentro. Ele não ia nada bem de uma pata, e tem muito bom senso, o patife, para dirigir-se até o mato, manquejando daquele jeito! De resto, as manchas de sangue param aqui.
 - E que vai dizer papai? – indagou Fortunato com um risinho de desafio. – Que vai dizer papai quando souber que entraram na sua casa enquanto ele estava fora?
 - Patife! – disse o adjunto Gamba, segurando-o pela orelha. – Não sabes que só depende de mim fazer-te mudar de tom? Talvez que com umas vinte pranchadas te resolves enfim a falar.

Fortunato continuava com seu risinho zombeteiro.

– Meu pai é Mateus Falcone! – disse ele enfaticamente.

– Bem sabes, malandrim, que posso levar-te para Corte ou para Bastia.⁹ Farei dormires num calabouço, em cima da palha, com ferros nos pés, e mandarei guilhotinar-te se não disseres onde está Gianetto Sanpiero.

A essa ridícula ameaça, o menino soltou uma gargalhada. E repetiu:

– Meu pai é Mateus Falcone!

– Adjunto – ponderou baixinho um dos atiradores –, não convém nos metermos com Mateus.

Gamba parecia evidentemente embaraçado. Conversava em voz baixa com os seus homens, que já tinham devassado toda a casa. Não era diligência muito longa, pois a cabana de um corso consiste apenas em uma única peça quadrada. A mobília compõe-se de uma mesa, bancos, arcas e utensílios domésticos ou de caça. Enquanto isto, o pequeno Fortunato acariciava a sua gata, e parecia saborear malignamente a confusão do primo e dos atiradores.

Um soldado aproximou-se do monte de feno. Viu a gata, e deu no feno um golpe de baioneta, num gesto negligente e alçando os ombros, como se sentisse o ridículo da sua providência. Nada se moveu; e o rosto do menino não traiu a mais leve emoção.

O ajudante e seus homens arrepelavam-se. Já olhavam seriamente para as bandas da planície, como que dispostos a voltar por onde tinham vindo, quando o chefe, convencido de que as ameaças não impressionariam absolutamente o filho de Mateus Falcone, resolveu envidar um último esforço, tentando o poder das carícias e dos presentes.

– Primo – disse ele –, tu me pareces um rapazinho bastante esperto. Irás longe. Mas não te estás portando direito agora; e, se eu não temesse causar incômodos a meu primo Mateus, palavra que te levaria preso.

– Bah!

– Mas, quando o meu primo voltar, eu lhe contarei tudo, e, por causa das tuas mentiras, ele há de surrar-te até sair sangue.

– É o que veremos.

– Verás, verás... Mas olha... trata de ser bonzinho, e eu te darei uma coisa...

– Pois eu, meu primo, lhe darei um conselho: é que, se se demorar mais, Gianetto ganhará o mato, e aí será preciso mais de um espertalhão como o senhor para tirá-lo de lá.

O ajudante sacou do bolso um relógio de prata, que na verdade valia os seus dez escudos: e, notando que os olhos do pequeno Fortunato rebrilhavam ao vê-lo, disse-lhe, segurando o relógio suspenso à extremidade da corrente de aço:

– Malandro! Bem que desejarias ter um relógio como este, preso à tua gola. E sairias a passear pelas ruas de Porto-Vecchio, orgulhoso como um pavão. E as pessoas te perguntariam: “Que horas são?” e tu lhes dirias: “Vejam no meu relógio.”

– Quando eu for grande, o meu tio caporal me dará um relógio.

– Sim, mas o filho de teu tio já tem um... não é tão bonito como este, na verdade... E no entanto ele é mais moço do que tu.

O menino suspirou.

– E então, não queres este relógio, priminho?

Fortunato, fitando o relógio com o rabo do olho, assemelhava-se a um gato a quem oferecem um frango inteirinho. Como sente que estão zombando, não ousa avançar a garra, e de tempos em tempos desvia os olhos para não sucumbir à tentação; mas a todo momento lambe o focinho, e parece dizer a seu dono: “Como é cruel a sua brincadeira!”

O adjunto Gamba, entretanto, parecia de boa-fé ao oferecer o seu relógio. Fortunato não avançou a mão, mas disse-lhe com um sorriso amargo:

– Por que zomba de mim?¹⁰

– Por Deus que não estou zombando! Dize-me apenas onde está Gianetto, e este relógio será teu.

Fortunato deixou escapar um sorriso de incredulidade; e, fitando os olhos negros nos do adjunto, esforçava-se por decifrar neles a fé que suas palavras lhe poderiam merecer.

– Que eu perca as minhas divisas – exclamou o adjunto –, se não te der o relógio sob essa condição! Aqui os camaradas são testemunhas, e eu não posso desdizer-me.

Assim dizendo, continuava a aproximar o relógio, que quase tocava agora a face pálida do menino. Este denotava na fisionomia a luta que se travava em sua alma, entre a cobiça e o respeito devido à hospitalidade. Seu peito nu soerguia-se com força e ele parecia prestes a sufocar. Enquanto isto, o relógio oscilava, volteava no ar, e às vezes lhe batia na ponta do nariz. Afinal, pouco a pouco, a sua mão direita ergueu-se para o relógio: as extremidades de seus dedos tocaram-no; e o relógio pesava inteiro em sua mão, sem que no entanto o adjunto largasse a corrente... o quadrante era azulado... a caixa fora recentemente brunida... e ali, ao sol, parecia toda de fogo... A tentação era demasiado forte.

Fortunato ergueu também a mão esquerda, e indicou com o polegar, por cima do ombro, o monte de feno a que se recostara. O adjunto compreendeu. Soltou a extremidade da corrente; Fortunato sentiu-se possuidor único do relógio. Endireitou-se com a agilidade de um gamo, e afastou-se dez passos para longe do feno, que os atiradores começaram logo a revirar.

Não tardou que o feno se agitasse; e dali saiu um homem ensanguentado, com um punhal na mão; mas, tentando ficar de pé, não o conseguiu. O homem tombou. O adjunto atirou-se a ele e arrancou-lhe o punhal. Em seguida amarraram-no fortemente, apesar da sua resistência.

Gianetto, deitado por terra e ligado como um feixe, voltou a cabeça para Fortunato, que se aproximara.

– Filho da...! – disse-lhe ele, com mais desprezo que cólera.

O menino lançou-lhe a moeda que dele recebera, sentindo que não mais a merecia; mas o proscrito não pareceu atentar nesse gesto. Disse com bastante sangue-frio ao adjunto:

– Eu não posso andar, meu caro Gamba; vais ser obrigado a carregar-me até a cidade.

– Ainda há pouco corrias mais depressa que um cabrito – tornou-lhe o cruel vencedor. – Mas fica tranquilo: estou tão contente de te haver pegado que seria capaz de carregar-te uma légua às costas, sem o menor cansaço. De resto, meu camarada, vamos fazer-te uma liteira com galhos e o teu capote; e na granja de Crespoli encontraremos cavalos.

– Bem – disse o prisioneiro –, porás também um pouco de palha na liteira, para que eu fique mais a cômodo.

Enquanto os atiradores se ocupavam, uns a fazer uma espécie de maca com galhos de castanheiros, outros a pensar o ferimento de Gianetto, Mateus Falcone e a mulher apareceram de súbito na volta de um caminho que conduzia ao mato. A mulher avançava penosamente, curvada ao peso de enorme saco de castanhas, ao passo que o marido ia à vontade, carregando apenas uma espingarda na mão e outra a tiracolo; pois é indigno um homem carregar outro fardo a não ser suas armas.

À vista dos soldados, o primeiro pensamento de Mateus foi que vinham para prendê-lo. Mas por que essa ideia? Tinha acaso Mateus complicações com a justiça? Não; gozava de boa reputação. Era, como se diz, “um particular bem considerado”; mas era corso e montanhês, e há poucos corsos e montanheses que, sondando bem a memória, não topem com algum pecadilho, tal como tiros, punhaladas e outras bagatelas. Mateus, mais do que qualquer outro, estava com a consciência limpa; pois há mais de dez anos que não apontava contra um homem; mas, como era prudente, colocou-se de jeito a fazer uma bela defesa, em caso de necessidade.

– Mulher – disse ele a Josefa –, larga o saco e apronta-te.

Ela obedeceu imediatamente. Mateus deu-lhe a espingarda que trazia a tiracolo e que poderia estorvá-lo. Engatilhou a que tinha na mão, e avançou lentamente para a casa, renteando as árvores que bordavam o caminho, e pronto, à menor demonstração hostil, a lançar-se atrás do mais grosso tronco, de onde poderia fazer fogo abrigado. A mulher marchava-lhe nos calcanhares, com a espingarda

sobressalente e a cartucheira. A função de uma boa esposa, em caso de combate, é municiar as armas do marido.

Quanto ao adjunto, não lhe agradava nada ver Mateus avançar daquele jeito, a passos medidos, com a arma apontada e o dedo no gatilho.

“Se por acaso”, pensou ele, “Mateus fosse parente de Gianetto, ou seu amigo, e quisesse defendê-lo, as balas de seus dois fuzis alcançariam a dois de nós, tão seguro como uma carta no correio... e se ele me visasse, apesar do parentesco!...”

Nessa perplexidade, tomou um corajoso partido, o de avançar sozinho para Mateus, a fim de lhe contar o que sucedia, abordando-o como um velho conhecido; mas o curto intervalo que o separava de Mateus pareceu-lhe terrivelmente longo.

– Então, como vai isso, meu velho camarada? – gritava ele. – Sou eu, Gamba, o teu primo.

Mateus, sem responder palavra, havia parado e, à medida que o outro falava, ia erguendo devagarinho o cano da arma, de sorte que estava dirigido para o céu quando o adjunto o alcançou.

– Bom dia, irmão¹¹ – disse o adjunto, com a mão estendida –, há muito que eu não te via.

– Bom dia, irmão.

– Eu tinha vindo para cumprimentar-te de passagem, a ti e à prima Pepa. Demos hoje uma longa caminhada; mas não nos queixamos da canseira, pois fizemos uma bela captura. Acabamos de apanhar Gianetto Sanpiero.

– Louvado seja Deus! – exclamou Josefa. – Ainda a semana passada ele nos roubou uma cabra leiteira.

Tais palavras alegraram Gamba.

– Pobre-diabo! – disse Mateus. – Ele tinha fome.

– O velhaco defendeu-se como um leão – prosseguiu o adjunto, um pouco mortificado. – Matou-me um dos atiradores e, não contente com isso, inutilizou o braço do cabo Chardon; mas isso não tem grande importância, não passava de um francês... E depois

ocultou-se tão bem, que nem o próprio diabo poderia descobri-lo. Se não fosse o meu priminho Fortunato, eu nunca o teria encontrado.

– O Fortunato! – exclamou Mateus.

– O Fortunato! – repetiu Josefa.

– Sim, Gianetto escondera-se naquele monte de feno, mas o meu priminho revelou-me tudo. Contarei isso ao seu tio caporal, a fim de que lhe mande um belo presente pelo seu trabalho. E o nome dele e o teu figurarão no relatório que enviarei ao procurador-geral.

– Maldição! – disse baixinho Mateus.

Tinham alcançado o destacamento. Gianetto já estava deitado na liteira e pronto para partir. Quando viu Mateus na companhia de Gamba, esboçou um sorriso estranho; depois, voltando-se para a porta da casa, cuspiu-lhe à entrada, dizendo:

– Casa de traidor!

Só um homem decidido a morrer teria ousado pronunciar a palavra “traidor” aplicando-a a Falcone. Uma boa punhalada, sem necessidade de repetição, teria imediatamente pago o insulto. Mateus, no entanto, não fez outro gesto que o de levar a mão à frente, como um homem acabrunhado.

Fortunato entrara em casa ao ver que o pai estava de volta. Em breve reapareceu com uma jarra de leite, que apresentou de olhos baixos a Gianetto.

– Longe de mim! – gritou-lhe o proscrito com voz trovejante.

Depois, voltando-se para um dos atiradores:

– Dá-me de beber, camarada – disse ele.

O soldado pôs-lhe entre as mãos o seu cantil, e o bandido bebeu a água que lhe dava um homem com o qual acabava de trocar tiros. Depois pediu que lhe amarrassem as mãos sobre o peito, e não às costas.

– Gosto – dizia ele – de estar deitado à vontade.

Apressaram-se em satisfazê-lo; depois o adjunto deu sinal de partida, abanou para Mateus, que não lhe respondeu, e desceu a passo acelerado para a planície.

Transcorreram cerca de dez minutos, antes que Mateus abrisse a boca. O menino olhava inquietamente ora para a mãe, ora para o pai, que, apoiado à arma, o considerava com uma expressão de cólera concentrada.

– Começas bem! – disse afinal Mateus com voz calma, mas terrível para quem conhecia o homem.

– Meu pai! – exclamou o menino, avançando com os olhos cheios de lágrimas, como para lançar-se-lhe aos joelhos.

Mas Mateus gritou-lhe:

– Afasta-te!

O menino parou e pôs-se a soluçar, imóvel, a alguns passos do pai.

Josefa aproximou-se. Acabava de avistar a corrente do relógio, cuja extremidade saía da camisa de Fortunato.

– Quem te deu esse relógio? – perguntou ela, num tom severo.

– O meu primo adjunto.

Falcone agarrou o relógio e, lançando-o com força contra uma pedra, fê-lo em mil pedaços.

– Mulher – disse ele –, esse menino é meu filho?

As faces morenas de Josefa tornaram-se de um vermelho de tijolo.

– Que dizes, Mateus? Não sabes com quem estás falando?

– Pois olha, esse menino é o primeiro da sua raça que comete uma traição.

Redobraram os soluços de Fortunato, e Falcone mantinha sempre os seus olhos de lince fixos no menino. Bateu enfim com o coice da arma no solo, lançou-a ao ombro e tomou o caminho do mato, gritando ao filho que o seguisse. Fortunato obedeceu.

Josefa correu para Mateus e pegou-lhe do braço.

– É o teu filho – disse ela com voz trêmula, fitando os olhos negros nos do marido, como para ler o que se passava em sua alma.

– Deixa-me – retrucou Mateus –, e eu sou o pai dele.

Josefa beijou o filho e voltou chorando para a cabana. Lançou-se de joelhos ante uma imagem da Virgem e pôs-se a rezar fervorosamente. Entrementes, Falcone, avançando uns duzentos passos no caminho, parou enfim junto a um barranco, por onde desceu. Sondou a terra com o coice da arma: achou-a branda e fácil de cavar. O local pareceu-lhe conveniente para o seu desígnio.

– Fortunato, vai para junto daquela pedra grande.

O menino fez o que lhe ordenavam, depois ajoelhou-se.

– Reza as tuas orações.

– Meu pai, meu pai, não me mate.

– Reza! – repetiu Mateus, com voz terrível.

O menino, balbuciando e soluçando, rezou o Padre-Nosso e o Credo. O pai, com voz forte, respondia “Amém!” no fim de cada prece.

– São só essas orações que tu sabes?

– Eu sei também a Ave-Maria, meu pai, e a ladainha que minha tia me ensinou.

– É muito longa, mas não importa.

O menino terminou a litania com uma voz apagada.

– Terminaste?

– Oh! Meu pai, por amor de Deus, perdoe-me! Eu não farei mais! Pedirei tanto ao meu primo caporal, que hão de perdoar ao Gianetto!

Continuava a falar, enquanto Mateus armava a espingarda e apontava-a, dizendo-lhe:

– Que Deus te perdoe!

O menino fez um desesperado esforço para se erguer e abraçar-se aos joelhos do pai; mas não teve tempo. Mateus fez fogo, e Fortunato caiu morto.

Sem um olhar para o cadáver, Mateus retomou o caminho de casa, em busca de uma enxada para enterrar o filho. Mal dera alguns passos, encontrou Josefa, que acorria alarmada com o tiro.

– Que fizeste?

- Justiça.
- Onde está, ele?
- Lá embaixo no barranco. Vou enterrá-lo. Morreu como cristão, mandarei rezar uma missa por ele. Dize a meu genro Teodoro Bianchi que venha morar conosco.

1. Porto-Vecchio é uma comuna localizada ao sul da ilha da Córsega, França. Dotada de bons portos e com população predominantemente agrária e pastoril, entre os sécs.XVIII e XIX a ilha foi palco de conflitos pela independência, conquistada aos italianos em 1755 e perdida aos franceses em 1769. À época retratada por Mérimée, a ilha ainda trazia um histórico recente de conflitos e resistência, bem como fortes traços da cultura italiana (a própria língua corsa aparenta-se com o toscano). As notas do autor (N. do A.) ao longo do conto procuravam dotar o leitor cidadão de língua francesa de referências a essa presença cultural na ilha, então possessão francesa, como que para reforçar o caráter pitoresco do conto.

2. No original, *maquis*. O fato de a palavra tornar-se bastante popular durante a Segunda Guerra Mundial para designar os grupos guerrilheiros da Resistência francesa instalados no campo remonta ao caráter insubordinado da cultura campesina da Córsega.

3. *Pilone*. (N. do A.) [Mérimée aparentemente anota o equivalente corso do que descreve como “*un manteau brun garni d’un capuchon*”; não encontramos, porém, tal definição nos dicionários consultados.]

4. Os caporais eram outrora os chefes das comunas corsas que se insurgiram contra os senhores feudais. Ainda hoje se dá às vezes tal título ao homem que, pela extensão de suas propriedades, pelas alianças de família e o número de subordinados, exerce considerável influência e uma espécie de magistratura efetiva sobre uma *pieve* ou cantão. Por antigo hábito, dividem-se os corsos em cinco castas: os gentis-homens (subdivididos, por sua vez, em magníficos e signori), os caporais, os cidadãos, os plebeus e os estrangeiros. (N. do A.) [Em francês, “*les caporaux*”, “os cabos”, em português. Trata-se da patente militar e de seu valor cultural específico entre os corsos. Cf. a novela *Colomba*, à p.236 deste volume.]

5. A palavra é aqui sinônimo de proscrito. (N. do A.) [Ver também nota 200.]

6. Corpo criado há poucos anos pelo governo e que faz o policiamento juntamente com a gendarmeria. (N. do A.)

7. O uniforme dos atiradores constava então de um traje pardo com gola amarela. (N. do A.)

8. Cinta de couro que serve de cartucheira e de carteira. (N. do A.)

9. A comuna de Bastia (derivada do italiano *bastiglia*, em português "bastilha", "pequeno forte ou cidadela") está localizada na região nordeste da ilha. A cidade, fundada pelos genoveses, foi capital da ilha até 1791, quando perdeu o posto para Ajácio, ao sul. No contexto, não se deve ignorar a ressonância de outra Bastilha, isto é, a prisão política cuja queda assinala um dos momentos capitais da Revolução Francesa. Sobre a má opinião em que os corsos do *maquis* têm os bastienses, cf. nota 207.

10. "Perchè me c...?" (N. do A.)

11. "Buongiorno, fratello", saudação habitual dos corsos. (N. do A.)

VISÃO DE CARLOS XI

*There are more things in heav'n and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.*¹²
Shakespeare, *Hamlet*

COSTUMAM ZOMBAR das visões e aparições sobrenaturais; algumas, no entanto, se acham tão bem documentadas que, se lhes recusássemos crédito, nos veríamos forçados, para ser coerentes, a rejeitar em massa todos os testemunhos históricos.

Um depoimento em boa forma, com a assinatura de quatro testemunhas dignas de fé, eis o que garante a autenticidade do fato que vou narrar. Acrescentarei que a predição contida nesse depoimento era conhecida e citada muito tempo antes de se cumprir, ao que parece, nos acontecimentos sucedidos em nossos dias.

Carlos XI, pai do famoso Carlos XII,¹³ era um dos monarcas mais despóticos, mas também dos mais sábios que já teve a Suécia. Restringiu os monstruosos privilégios da nobreza, aboliu o poder do Senado, e fez leis por sua própria autoridade; transformou, em suma, a Constituição do país, que era antes oligárquica, e forçou os Estados a lhe confiarem a autoridade absoluta. Era aliás um homem esclarecido, bravo, muito dado à religião luterana, e de caráter inflexível, frio, positivo, inteiramente desprovido de imaginação.

Acabava de perder sua esposa Ulrica Eleonora.¹⁴ Ainda que sua dureza para com esta lhe houvesse apressado o fim, pelo que dizem, ele a estimava, e pareceu mais tocado com a sua morte do que se poderia esperar de um coração tão seco. Desde então, tornou-se muito mais sombrio e taciturno que antes, e dedicou-se ao trabalho

com uma aplicação que bem denotava a incoercível necessidade de afastar pensamentos penosos.

Ao findar de um serão de outono, achava-se ele, de chambre e pantufas, ante a lareira de seu gabinete no palácio de Estocolmo. Faziam-lhe companhia seu camareiro, o conde Brahé,¹⁵ a quem honrava com suas boas graças, e o médico Baumgarten, que, diga-se de passagem, campava de espírito forte e queria que se duvidasse de tudo, exceto da medicina. Mandara-o chamar naquela noite, para consultá-lo sobre não sei que indisposição.

O serão prolongava-se, e o rei, contra o costume, não lhes fazia sentir, dando-lhes boa noite, que era tempo de se retirarem. De cabeça baixa e olhos fixos nos tições, guardava profundo silêncio, aborrecido com a companhia, mas receoso, sem saber por quê, de ficar sozinho. Bem percebia o conde Brahé que a sua presença não lhe era muito agradável, e já várias vezes insinuara que Sua Majestade talvez tivesse necessidade de repouso: um gesto do rei detivera-o no seu lugar. O médico, por sua vez, falou do mal que as vigílias causam à saúde, mas Carlos respondeu-lhe entre dentes:

– Fique, ainda não tenho vontade de dormir.

Tentaram então diferentes assuntos de palestra, que se esgotavam todos na segunda ou terceira frase. Parecia evidente que Sua Majestade se achava num dos seus humores negros, situação esta bastante delicada para um cortesão. Supondo que a tristeza do rei proviesse dos seus sentimentos pela perda da esposa, o conde Brahé contemplou por algum tempo o retrato da rainha, suspenso à parede, exclamando depois com um profundo suspiro:

– Como está parecido esse retrato! É bem aquela expressão, tão majestosa e suave ao mesmo tempo!...

– Qual! – respondeu o rei, que julgava ouvir uma censura todas as vezes que pronunciavam em sua presença o nome da rainha: – Esse retrato está muito lisonjeiro! A rainha era feia.

Depois, agastado intimamente com a própria rispidez, ergueu-se e deu uma volta pela sala, para ocultar uma emoção de que se

envergonhava. Parou diante da janela que dava para o pátio. A noite estava escura e a lua no seu primeiro quarto.

Ainda não fora terminado o palácio onde residem hoje os reis da Suécia, e Carlos XI, que o mandara construir, habitava então o antigo palácio situado na ponta do Ritterholm e que dá vista para o lago Moeler.¹⁶ É uma grande construção em forma de ferradura. O gabinete do rei estava situado numa das extremidades e, mais ou menos defronte, achava-se a grande sala onde se reuniam os Estados¹⁷ quando deviam receber alguma comunicação da Coroa.

As janelas da referida sala pareciam, naquele momento, fortemente iluminadas. Isto se afigurou estranho ao rei. Supôs a princípio que o clarão era produzido pelo archote de algum criado. Mas que iriam fazer, àquela hora, em uma sala que desde muito não fora aberta? De resto, a luz era demasiado viva para provir de um único archote. Poder-se-ia atribuí-la a um incêndio; mas não se avistava fumo, as vidraças não estavam quebradas, nenhum ruído se fazia ouvir; tudo denotava, antes, uma iluminação.

Carlos contemplou aquelas janelas por algum tempo, sem falar. Já o conde Brahé estendia a mão para o cordão da sineta, a fim de chamar um pajem, para que fosse verificar a causa daquela estranha claridade; mas o rei deteve-o.

– Quero ir eu mesmo àquela sala – disse ele.

Ao terminar tais palavras, viram-no empalidecer, e sua fisionomia expressava uma espécie de terror religioso. Mas saiu a passo firme; o camareiro e o médico seguiram-no, cada um com uma vela acesa.

O porteiro, que era o encarregado das chaves, já se havia deitado. Baumgarten foi despertá-lo e ordenou-lhe, da parte do rei, que abrisse imediatamente as portas da sala dos Estados. Grande foi a surpresa daquele homem ante a inesperada ordem; vestiu-se às pressas e reuniu-se ao rei, com o seu molho de chaves. Abriu primeiro uma galeria que servia de antecâmara ou de corredor para a sala dos Estados. O rei entrou; mas qual não foi o seu espanto ao ver as paredes inteiramente forradas de negro!

– Quem deu ordens para forrar assim esta peça? – perguntou, num tom de cólera.

– Ninguém, que eu saiba, Majestade – respondeu o porteiro, confuso. – E, da última vez que mandei varrer a galeria, estava guarnecida de carvalho, como sempre... Esses panejamentos não provêm com certeza do depósito de Vossa Majestade.

E o rei, marchando a passo rápido, já percorrera mais de dois terços da galeria. O conde e o porteiro seguiam-no de perto; o médico Baumgarten caminhava um pouco atrás, dividido entre o temor de ficar sozinho e o de expor-se às consequências de uma aventura que se anunciava de tão estranha maneira.

– Não siga adiante, Majestade! – exclamou o porteiro. – Aposto minh'alma como há nisso feitiçaria. A estas horas... e desde a morte da rainha, sua graciosa esposa... dizem que ela passeia por esta galeria... Que Deus nos proteja!

– Pare, Majestade! – exclamava por sua vez o conde. – Não ouve esse rumor que parte da sala dos Estados? Quem sabe a que perigos não se expõe Vossa Majestade!

– Sire – dizia Baumgarten, cuja vela um golpe de vento acabava de apagar –, permita ao menos Vossa Majestade que eu vá buscar uns vinte alabardeiros.

– Entremos – disse o rei com voz firme, parando ante a porta da grande sala. – E tu, porteiro, abre-me depressa esta porta.

Bateu-lhe com o pé, e o ruído, repercutido pelo eco das abóbadas, reboou na galeria como um tiro de canhão.

O porteiro tremia de tal maneira, que a chave batia contra a fechadura sem que conseguisse fazê-la entrar.

– Um velho soldado que treme! – disse Carlos, alçando os ombros. – Vamos, conde, abra-nos esta porta.

– Sire – respondeu o conde, recuando um passo –, ordene Vossa Majestade que eu marche contra um canhão dinamarquês ou alemão, e eu obedecerei sem hesitar; mas o que Vossa Majestade quer que eu desafie é o inferno.

O rei arrancou a chave das mãos do porteiro.

– Bem vejo – disse ele num tom de desprezo – que isto é somente comigo.

E, antes que os outros pudessem impedi-lo, tinha aberto a espessa porta de carvalho e entrara na grande sala, pronunciando estas palavras: “Com a ajuda de Deus!”

Seus três acólitos, impelidos pela curiosidade, mais forte que o medo, e talvez envergonhados de abandonar o seu rei, entraram com ele.

A grande sala achava-se alumiada por uma infinidade de velas. Um forro negro substituíra a antiga tapeçaria figurada. Ao longo das paredes, viam-se dispostas em ordem, como de ordinário, bandeiras alemãs, dinamarquesas e moscovitas, troféus dos soldados de Gustavo Adolfo.¹⁸ Distinguiam-se, no centro, estandartes suecos, recobertos de crepes funerários.

Uma assembleia imensa cobria os bancos. As quatro ordens do Estado¹⁹ achavam-se cada uma em seu lugar. Todos estavam vestidos de negro, e aquela multidão de faces humanas, que pareciam luminosas sobre um fundo escuro, ofuscava de tal modo os olhos que, das quatro testemunhas daquela cena extraordinária, nenhuma pôde encontrar um rosto conhecido. Assim um ator, diante de numeroso público, não vê mais que uma confusa massa, em meio à qual seus olhos não conseguem distinguir um único indivíduo.

Sobre o trono elevado, de onde o rei costumava arengar para a assembleia, viram um cadáver ensanguentado, revestido das insígnias da realeza. À sua direita, um menino, de pé e com a coroa na cabeça, segurava um cetro; à esquerda, um homem idoso, ou antes, outro fantasma, achava-se apoiado ao trono. Vestia o manto de cerimônia que usavam os antigos administradores da Suécia, antes que Wasa²⁰ a transformasse em reino. Defronte ao trono, vários personagens, em atitude grave e austera, vestidos de longas togas negras, e que pareciam juízes, estavam sentados a uma mesa na qual se viam grandes in-fólios e alguns pergaminhos. Entre o trono e os bancos da assembleia, havia um cepo coberto de crepe negro, com uma machadinha ao lado.

Ninguém, naquela assembleia sobrenatural, parecia aperceber-se da presença de Carlos e das três pessoas que o acompanhavam. Ao entrar, não ouviram, a princípio, mais que um murmúrio confuso, em meio do qual não podia o ouvido captar palavras articuladas; depois, o mais velho dos juizes de toga negra, aquele que parecia desempenhar as funções de presidente, ergueu-se e bateu três vezes com a mão sobre um in-fólio que se achava aberto à sua frente. Fez-se logo profundo silêncio. Alguns jovens de bom aspecto, ricamente vestidos, e com as mãos amarradas às costas, entraram na sala por uma porta oposta àquela que Carlos XI acabava de abrir. Marchavam de cabeça erguida e olhar firme. Atrás deles, um homem robusto, com um gibão de couro, segurava a extremidade das cordas que lhes ligava as mãos. O que marchava à frente, e que parecia o mais importante dos prisioneiros, parou no meio da sala, defronte ao cepo, que contemplou com um desdém soberbo. Ao mesmo tempo, o cadáver pareceu tremer convulsivamente, e um sangue fresco e vermelho jorrou-lhe da ferida. O jovem ajoelhou-se, estendeu a cabeça; o machado brilhou no ar, e caiu em seguida com fragor. Um jato de sangue espadanou sobre o estrado, e confundiu-se com o do cadáver; e a cabeça, saltando várias vezes sobre o pavimento avermelhado, rolou até os pés de Carlos, que se tingiram de sangue.

Até aquele momento, a surpresa o emudecera; mas, ante aquele horrendo espetáculo, sua língua se libertou; Carlos deu alguns passos para o estrado, e, dirigindo-se para o vulto que envergava o manto de administrador, proferiu ousadamente a conhecida fórmula:

– Se és de Deus, fala; se és do Outro, deixa-nos em paz.

O fantasma respondeu, lentamente e num tom solene:

– CARLOS REI! Este sangue não correrá sob o teu reinado... (aqui a voz se tornou menos distinta) mas cinco reinados após. Ai do sangue de Wasa! Ai do sangue de Wasa!

Nisto, as formas dos inúmeros personagens daquela espantosa assembleia começaram a tornar-se menos nítidas e já não pareciam mais que sombras coloridas; em breve desapareceram de todo; as fantásticas velas extinguiram-se, e as de Carlos e seus companheiros

não alumiavam agora senão as velhas tapeçarias, levemente agitadas pelo vento. Ouviu-se ainda, durante algum tempo, um ruído assaz melodioso, que uma das testemunhas comparou ao murmúrio do vento na folhagem, e outra ao som que emitem as cordas de uma harpa, no instante em que se afina o instrumento. Todos se mostram acordes quanto ao tempo que durou a aparição, calculado em cerca de dez minutos.

Os drapejamentos negros, a cabeça cortada, as espadanas de sangue que tingiam o soalho, tudo desaparecera com os fantasmas; apenas a pantufa de Carlos conservou uma mancha rubra, que só por si bastaria para lhe recordar as cenas daquela noite, se já não as tivesse muito bem gravadas na memória.

De volta ao gabinete, o rei mandou escrever a relação do que presenciara, fez com que a assinassem os seus companheiros, e assinou-a ele próprio. Por mais precauções que tomassem para ocultar ao público o conteúdo daquele documento, não deixou ele de ser logo conhecido, mesmo em vida de Carlos XI; ainda existe e, até o momento atual, ninguém se lembrou de levantar dúvidas quanto à sua autenticidade.

“E se o que acabo de relatar” diz o rei “não é da estrita verdade, renuncio a toda esperança numa vida melhor, que possa haver merecido por algumas boas ações, e sobretudo por meu zelo em trabalhar pela felicidade de meu povo, e em defender a religião de meus antepassados.”

Agora, considerando a morte de Gustavo III²¹ e o julgamento de Ankarstroem, seu assassino, encontrar-se-á mais de uma relação entre este acontecimento e as circunstâncias da singular profecia.

O jovem decapitado em presença dos Estados reunidos designaria Ankarstroem.

O cadáver coroadado seria Gustavo III.

O menino, seu filho e sucessor, Gustavo Adolfo IV.²²

O velho, por último, seria o duque de Sudermânia, tio de Gustavo IV, que foi regente do reino, e finalmente rei, após a deposição do sobrinho.²³

12. "Há mais coisas, Horácio, em céus e terras,/ do que sonhou nossa filosofia." *Hamlet*, Ato I, Cena 5 (trad. de Barbara Heliodora). O contexto do dístico na peça de Shakespeare deve ser levado em conta para o uso que dele faz Mérimée.

13. Carlos XI (1655-97) tornou-se rei da Suécia ainda criança, em 1660, e é conhecido por ser o primeiro representante da monarquia absoluta na Suécia, usando de um poder conquistado em sucessivas guerras para suprimir conflitos e centralizar as decisões do conselho de Estado e diminuindo, pelos mesmos meios, a força econômica e política da nobreza, ao confiscar-lhe terras e propriedades e, assim, restabelecer as finanças do reino. Seu filho, Carlos XII (1682-1718), sucedeu-o e permaneceu no trono de 1697 a 1718. A "fama" referida pelo narrador remonta a suas habilidades como líder militar e político, não obstante o fim de seu reinado (morto em batalha) represente o início da queda do Império sueco (1611-1721) e do absolutismo monárquico no reino.

14. Ulrica Eleonora da Dinamarca (1656-93) foi rainha da Suécia, dividindo a casa real com seu marido, Carlos XI. Filha do rei Frederico III da Dinamarca, teve sua mão prometida ao rei da Suécia em 1675 como parte de um esforço de paz diplomática entre os dois reinos, quebrado pouco tempo depois com a declaração da Guerra Escanesa (1675-79). Fiel a seu compromisso, porém, Ulrica foi especialmente cuidadosa com os prisioneiros suecos; e seu casamento com Carlos XI, em 1679, acabaria por selar o fim do conflito, sem vencedores.

15. Ao que tudo indica, Nils Brahe (1633-99), conde, foi camareiro do rei, conselheiro real e diplomata sueco em Portugal.

16. Ritterholm ("ilha dos cavaleiros") é uma das ilhas sobre as quais está fundada a cidade de Estocolmo, capital da Suécia e sede da família real sueca. O lago Mälär, ou Mälaren, é o terceiro maior do país.

17. Na Suécia, a reunião dos Estados (ver nota 19) formava o chamado *Riksdag*, assembleia deliberativa a que compareciam representantes dos quatro estamentos reconhecidos da sociedade sueca. A dissolução da assembleia entre 1680 e 1719 (período de fundo para a narrativa) marca o absolutismo sueco.

18. Rei da Suécia entre 1611 e 1632, Gustavo Adolfo (1594-1632) foi um grande estrategista militar. Protestante, foi decisivo para a balança do poder na Europa, impondo a supremacia dos exércitos suecos durante o conflito entre Estados católicos e protestantes conhecido como a Guerra dos Trinta Anos (1618-48). Suas principais vitórias durante o conflito são representadas pelas bandeiras mencionadas.

19. A nobreza, o clero, os burgueses e os campônios. (N. do A.)

20. O capitão Gustavo Wasa (1496-1560), que libertou a Suécia do jugo dinamarquês e foi coroado rei em 1523, tornando-se o primeiro da chamada casa Wasa, que comandaria o reino até 1654. Com os Wasa, a Suécia iniciaria o

processo de reformas que a transformaria em potência europeia, consolidado por Carlos XI.

21. Rei da Suécia entre 1771 e 1792, Gustavo III (1746-92) foi déspota esclarecido e responsável pelo fim de uma experiência parlamentar de cinquenta anos (a chamada "era da liberdade" sueca, dos anos de 1721 a 1771), para a qual era central o papel do *Riksdag* (ver nota 17). Eliminando as divisões que tornavam difícil a governança do Parlamento, Gustavo III levou adiante reformas de cunho liberal e, não obstante seu apreço pelas ideias iluministas, defendeu a formação de liga de Estados para restituir o poder ao rei francês durante a Revolução Francesa. Foi assassinado num baile de máscaras por um conspirador de orientação política revolucionária (inspirado pelos acontecimentos políticos da França), um jovem ex-capitão do exército de nome Johan Jacob Ankarstroem.

22. Rei da Suécia de 1792 a 1809. Graças a uma política externa desastrosa, que custaria o fim de mais de quinhentos anos de poder sueco na Finlândia (em 1809, esta passa ao controle dos russos), Gustavo IV foi deposto numa ação liberal, e sua família excluída da sucessão real. Ocuparia seu lugar, sob a exigência de ratificar uma Constituição, seu tio, o duque de Sudermânia, a partir dali Carlos XIII.

23. Diz Henri Martineau, em nota da edição *La Pléiade*, que, nesta novela, Mérimée teria se limitado a reproduzir, salvo pequenas alterações, um documento conhecido dos suecos, forjado em algum momento do séc.XVIII por razões políticas. A publicação do conto na *Revue de Paris* levou o embaixador do rei da Suécia e Noruega na França a enviar à redação da revista uma carta de protesto, desmentindo a narrativa.

A TOMADA DO REDUTO

UM MILITAR MEU AMIGO, que morreu de febre na Grécia há alguns anos, contou-me um dia a primeira batalha a que assistira. De tal modo me impressionou sua narrativa, que a escrevi de memória logo que tive tempo. Ei-la aqui:

– Cheguei ao regimento na noite de 4 de setembro.²⁴ Encontrei o coronel no bivaque. Recebeu-me a princípio muito secamente; mas, depois de ler a carta de recomendação do general B..., mudou de atitude, e dirigiu-me algumas palavras amáveis.

“Fui apresentado por ele ao meu capitão, que naquele mesmo instante voltava de um reconhecimento. Esse capitão, que quase não tive tempo de conhecer, era um homenzarrão moreno de fisionomia dura e fechada. Fora simples soldado, e ganhara as divisas e a cruz de guerra nos campos de batalha. A sua voz, rouca e fraca, contrastava-lhe singularmente com a estatura quase gigantesca. Disseram-me que devia aquela voz estranha a uma bala que lhe atravessara a garganta na batalha de Iena.²⁵

“Ao saber que eu vinha da escola de Fontainebleau, fez uma careta e disse:

“‘Ontem mesmo, morreu o meu lugar-tenente...’

“Compreendi o que ele queria dizer: ‘É você quem deve substituí-lo; mas falta-lhe capacidade para isso.’ Veio-me aos lábios uma frase picante, mas contive-me.

“A lua ergueu-se por detrás do reduto de Chevardino, situado a dois tiros de canhão do nosso bivaque. Apresentava-se grande e avermelhada, como o é geralmente ao erguer-se. Mas, naquela noite, pareceu-me de dimensões extraordinárias. Durante um

momento, o reduto destacou-se em negro sobre o disco fulgurante da lua. Assemelhava-se a um cone vulcânico no instante da erupção.

“Um velho soldado, junto ao qual me achava, observou a cor da lua.

“‘Está muito vermelha’, disse ele. ‘Sinal de que nos vai sair caro, esse reduto!’

“Sempre fui supersticioso, e aquele augúrio, sobretudo naquele momento, não deixou de impressionar-me. Deitei-me, mas não pude dormir. Pus-me então a caminhar, contemplando a imensa linha de fogo que cobria as alturas, além da aldeia de Chevardino.

“Quando julguei que o ar fresco e picante da noite já me refrescara o sangue, voltei para junto do fogo; enrolei-me cuidadosamente no capote e fechei os olhos, esperando não abri-los antes do raiar do dia. Mas o sono desatendeu-me. Meus pensamentos tomavam insensivelmente um aspecto lúgubre. Considerava que não tinha um amigo entre os cem mil homens que cobriam aquela planície. Se fosse ferido, ficaria num hospital, tratado sem consideração por cirurgiões ignorantes. Voltou-me à memória o que ouvira dizer das operações cirúrgicas. Meu coração batia com violência, e eu, maquinalmente, dispunha numa espécie de couraça, sobre o peito, a carteira e o lenço que trazia debaixo da túnica. A fadiga derreava-me, eu cochilava a cada instante, e, a cada instante, algum pensamento sinistro se reproduzia com mais força e despertava-me em sobressalto.

“Mas afinal o cansaço venceu e, quando tocou alvorada, achava-me inteiramente adormecido. Entramos em formatura, respondemos à chamada e depois ensarilhamos as armas. Tudo anunciava um dia tranquilo.

“Pelas três horas, chegou um emissário com uma ordem. Fizemos-nos retomar as armas; nossos atiradores espalharam-se pela planície; seguimo-los lentamente, e, ao cabo de vinte minutos, vimos todas as guardas avançadas dos russos retrocederem para o reduto.

“À nossa direita postou-se uma bateria de artilheiros e outra à esquerda, mas ambas muito adiante de nós. Abriram cerrado fogo contra o inimigo, que respondeu energicamente, e em breve o reduto de Chevardino desapareceu sob espessas nuvens de fumo.

“Nosso regimento achava-se quase abrigado do fogo dos russos por uma depressão do terreno. Suas balas, raras aliás para nós (pois visavam de preferência os artilheiros), passavam acima de nossas cabeças ou, quando muito, arremessavam-nos terra e pequenas pedras.

“Logo que nos foi dada ordem de avançar, meu capitão olhou-me com uma atenção que me obrigou a cofiar por duas ou três vezes o incipiente bigode, com o ar mais despreocupado que me foi possível aparentar. De resto, eu não tinha medo, e o único temor que experimentava era que imaginassem que eu tinha medo. Aqueles disparos inofensivos ainda mais contribuíram para manter-me em minha calma heroica. Dizia-me o amor-próprio que eu corria um real perigo, pois afinal me encontrava sob o fogo de uma bateria. Estava encantado de achar-me tão à vontade em tal ocasião, e pensei no prazer de contar a tomada do reduto de Chevardino, no salão de madame de B..., na rua de Provence.

“O coronel passou por nossa companhia; dirigiu-me a palavra:

“‘Olhe! Você vai ter uma bela estreia!’

“Sorri com um ar perfeitamente marcial, enquanto sacudia a manga da túnica, a que uma bala de canhão, caindo a trinta passos de mim, havia arrojado um pouco de poeira.

“Parece que os russos se aperceberam do pouco sucesso de suas balas, pois as substituíram por obuses que podiam mais facilmente atingir-nos na concavidade onde nos abrigávamos. Um estilhaço bastante volumoso arrebatou-me o *schako*²⁶ e matou um homem perto de mim.

“‘Meus cumprimentos’, disse-me o capitão, quando eu acabava de apanhar meu *schako*, ‘por hoje, o senhor está livre.’

“Eu conhecia essa superstição militar que considerava o axioma ‘*non bis in idem*’²⁷ tão plausível num campo de batalha como numa

corte de justiça. Recoloquei altivamente o meu *schako*.

“Eis uma maneira muito sem-cerimônia de obrigar a gente a saudar’, disse eu o mais jovialmente possível.

“Esse péssimo gracejo, dadas as circunstâncias, foi considerado excelente.

“Felicito-o’, tornou o capitão, ‘o senhor hoje não sofrerá mais nada, e vai comandar uma companhia esta noite; pois sinto que o forno já está quente para mim. Todas as vezes em que fui ferido, o oficial junto a mim recebeu alguma bala perdida, e’, acrescentou num tom mais baixo e quase envergonhado, ‘os seus nomes começavam sempre por um P.’

“Fiz de espírito forte; muitos teriam feito como eu; muitos, tal como eu, teriam ficado impressionados com aquelas palavras proféticas.

“Na minha qualidade de conscrito, compreendia que não poderia confiar meus sentimentos a ninguém e que sempre me deveria mostrar friamente intrépido.

“Ao cabo de meia hora, diminuiu sensivelmente o fogo dos russos; saímos então do abrigo para marchar contra o reduto.

“O nosso regimento compunha-se de três batalhões. O segundo foi encarregado de contornar o reduto, os outros dois deviam efetuar o ataque. Achava-me no terceiro batalhão.

“Ao sair da espécie de parapeito que nos protegera, fomos recebidos por várias descargas de mosquetes, que pouco dano causaram em nossas fileiras. O silvo das balas me surpreendia: muitas vezes eu virava a cabeça, atraindo assim alguns remos da parte de meus camaradas mais familiarizados com aquele ruído.

“Afinal de contas, considere, uma batalha não é uma coisa tão terrível.

“Avançávamos a passo de marcha, precedidos pelos atiradores: de súbito os russos lançaram três hurras, três hurras distintos, depois permaneceram silenciosos e sem atirar.

“Não gosto desse silêncio’, disse o meu capitão. ‘Não prenuncia nada de bom.’

“Achei que o nosso pessoal estava um pouco bulhento demais e não pude deixar de comparar intimamente o seu tumultuoso alarido com o silêncio imponente do inimigo.

“Chegamos rapidamente ao pé do reduto; nossas balas haviam quebrado as paliçadas e revolvido a terra. Os soldados lançaram-se sobre aquelas recentes ruínas, aos gritos de ‘Viva o imperador’,²⁸ mais fortes do que se poderia esperar de gente que já tanto havia gritado.

“Ergui os olhos, e jamais esquecerei o espetáculo que vi. A maior parte do fumo erguera-se, permanecendo suspensa como um dossel, a vinte pés acima do reduto. Através de um vapor azulado, avistavam-se, por detrás de seu parapeito semidestruído, os granadeiros russos, de armas em mira, imóveis como estátuas. Creio ver ainda cada soldado, com o olho esquerdo fixo em nós, e o direito oculto pelo fuzil erguido. A alguns passos de distância, em um vão, achava-se um homem, com uma lança de fogo, junto a uma peça de artilharia.

“Estremeci, e julguei que era chegada a minha última hora.

“‘Vai começar o baile!’, exclamou meu capitão. ‘Boa noite!’

“Foram as últimas palavras que lhe ouvi.

“Ressoou no reduto um rufar de tambores. Vibraram todos os fuzis. Fechei os olhos, e ouvi um espantoso fragor, seguido de gritos e gemidos. Abri os olhos, surpreso de ainda me encontrar no mundo.

“O reduto estava de novo envolto em fumaça. Achava-me cercado de feridos e mortos. Meu capitão jazia estendido a meus pés, com a cabeça esfaçalhada por uma bala de canhão, e eu estava coberto de seu cérebro e seu sangue. De toda a minha companhia, só restavam de pé seis homens e eu.

“A essa carnificina sucedeu um momento de estupor. O coronel, enfiando o chapéu na ponta da espada, galgou em primeiro lugar o parapeito, bradando: ‘Viva o imperador!’ Foi seguido por todos os sobreviventes. Quase que não tinha lembrança nítida do que sucedeu depois. Entramos no reduto, não sei como. Batemo-nos

corpo a corpo no meio de uma fumaça tão espessa que não se via ninguém. Creio que atingi alguém, pois o meu sabre se achava todo ensanguentado. Afinal ouvi gritar: 'Vitória!' e, diminuindo o fumo, percebi o sangue e os mortos sob os quais desaparecia o solo do reduto. Os canhões, sobretudo, achavam-se enterrados sob montões de cadáveres. Cerca de duzentos homens de pé, com uniforme francês, estavam agrupados sem ordem, uns carregando os fuzis, outros limpando as baionetas. Achavam-se com eles onze prisioneiros russos.

"O coronel jazia banhado em sangue sobre uma caixa de munições, junto à saída do reduto. Em torno dele afanavam-se alguns soldados: aproximei-me.

"'Onde está o mais antigo capitão?', perguntou ele a um sargento.

"O sargento ergueu os ombros de modo expressivo.

"'E o mais antigo lugar-tenente?'

"'Aqui está este senhor que chegou ontem', disse o sargento num tom calmo.

"O coronel sorriu amargamente.

"'Vamos', disse-me ele, 'o senhor agora é quem vai comandar; mande logo fortificar a saída do reduto com esses carros, pois o inimigo está preparado; mas o general C... vai mandar reforços.'

"'Coronel', perguntei-lhe, 'o senhor está muito ferido?'

"'Estou f..., meu caro, mas o reduto foi tomado!'"

24. O ano a que o narrador se refere é 1812. Trata-se, aqui, da tomada do reduto de Chevardino, famoso episódio da Campanha da Rússia, sucedida, dias depois, pela batalha de Moscou e a vitória francesa. Segundo consta, o caso relatado é verdadeiro e foi realmente contado a Mérimée por um sobrevivente.

25. Travada em 14 de outubro de 1806, a batalha de Iena garantiu a Napoleão a vitória sobre os prussianos, que, em aliança com os russos, tinham declarado guerra à França.

26. *Schako* ou *shako* é um tipo de quepe militar com viseira e geralmente algum adorno em pluma ou metal.

27. Máxima da jurisprudência segundo a qual não se pode julgar duas vezes um mesmo ato ou delito.

28. O grito de guerra "*Vive l'Empereur!*" se disseminara pelas tropas francesas durante as Guerras Napoleônicas.

TAMANGO

O CAPITÃO LEDOUX era um bom marujo. Começara como simples marinheiro e tornara-se depois auxiliar de timoneiro. Na batalha de Trafalgar,²⁹ teve a mão esquerda esfaqueada por um estilhaço de madeira; fizeram-lhe a amputação e dispensaram-no em seguida, com bons certificados. O repouso não lhe convinha e, apresentando-se ocasião de reencetar as atividades, foi servir como segundo-lugar-tenente, a bordo de um corsário. O dinheiro que auferiu de alguns saques permitiu-lhe comprar livros e estudar a teoria da navegação, que já conhecia perfeitamente na prática. Com o tempo tornou-se capitão de um lugre corsário de três canhões e sessenta homens de equipagem, e os navios costeiros de Jersey ainda conservam lembrança de suas façanhas. A paz consternou-o: reunira durante a guerra uma pequena fortuna, que esperava aumentar à custa dos ingleses. Viu-se forçado a oferecer seus serviços a pacíficos negociantes; e, como era conhecido por homem de decisão e experiência, confiaram-lhe facilmente um navio. Quando foi proibida a escravatura dos negros,³⁰ sendo preciso, para entregar-se a ela, não só enganar a vigilância dos aduaneiros franceses, o que não era muito difícil, mas também, e isso era o mais arriscado, escapar aos cruzadores ingleses, o capitão Ledoux tornou-se um homem precioso para os traficantes de ébano.³¹

Muito diferente da maioria dos marítimos que se arrastaram como ele em postos subalternos, não tinha o capitão Ledoux esse profundo horror às inovações e esse espírito de rotina que aqueles muitas vezes levam consigo para os postos superiores. Fora, pelo contrário, o primeiro a recomendar a seu armador o uso de caixas de ferro, destinadas a conter e conservar a água. No barco sob o seu comando, as algemas e cadeias, de que os navios negreiros têm

provisão, eram fabricadas segundo um novo sistema e envernizadas cuidadosamente, para evitar a ferrugem. Mas o que mais o honrava entre os mercadores de escravos era a construção, que ele próprio dirigira, de um brigue destinado ao tráfico, um veleiro estreito, longo como um vaso de guerra, e no entanto capaz de conter grande número de negros. Chamou-lhe *Esperança*. Decidiu que as entrepontes, estreitas e apertadas, não tivessem mais que três pés e quatro polegadas de altura, alegando que tais dimensões permitiam aos escravos de talhe razoável ficarem comodamente sentados; e que necessidade tinham eles de levantar-se?

– Chegados às colônias – dizia Ledoux – têm muito tempo para ficar de pé!

Os negros, com o dorso apoiado à bordagem do navio, e dispostos em duas linhas paralelas, deixavam entre os pés um espaço vazio que, em todos os outros negreiros, apenas servia para a circulação. Ledoux imaginou colocar nesse intervalo outros negros, em perpendicular com os primeiros. Destarte, seu navio continha uma dezena de negros a mais que qualquer outro da mesma tonelagem. Em rigor, ali ainda poderiam caber mais alguns; mas a gente deve ter humanidade e deixar a um negro pelo menos cinco pés de comprimento e dois de largura, para que ele possa espreguiçar-se durante uma travessia de seis semanas ou mais: “Pois os negros”, dizia Ledoux a seu armador, para justificar essa medida liberal, “os negros afinal são gente, como os brancos.”

O *Esperança* partiu de Nantes numa sexta-feira, como o notaram depois os supersticiosos. Os inspetores que visitaram escrupulosamente o brigue não descobriram seis grandes caixas repletas de cadeias, de algemas e desses ferros chamados, não sei por quê, “barras de justiça”. Tampouco se espantaram da enorme provisão de água que devia carregar o *Esperança*, o qual, segundo os seus papéis, ia apenas ao Senegal, para negociar em madeira e marfim. É verdade que a travessia não é longa, mas enfim um excesso de precauções nunca pode prejudicar. E se ocorresse uma calma, que seria deles, sem água?

O *Esperança* partiu, pois, numa sexta-feira, bem provido e equipado de tudo. Ledoux talvez desejasse mastros um pouco mais sólidos; no entanto, logo que assumiu o comando, não teve de que se queixar. A travessia foi feliz e rápida até a costa da África. Ancorou no rio de Joale³² (creio eu) num momento em que os cruzadores ingleses não vigiavam aquela parte do litoral. Corretores da região subiram logo a bordo. A ocasião não poderia ser mais propícia; Tamango, guerreiro famoso e vendedor de homens, acabava de conduzir à costa uma grande quantidade de escravos, de que se desfazia a preço módico, como quem se sente com forças e meios para abastecer prontamente o mercado, logo que escasseiem os artigos de seu comércio.

O capitão Ledoux desceu em terra, e fez sua visita a Tamango. Encontrou-o numa cabana de palha que lhe haviam construído às pressas, acompanhado de suas duas mulheres e de alguns submercadores e condutores de escravos. Tamango preparara-se devidamente para receber o capitão branco. Vestia uma velha túnica azul, que tinha ainda os galões de cabo, mas de cada ombro pendiam duas dragonas douradas, presas ao mesmo botão, e que balouçavam, uma adiante, outra atrás. Como não tinha camisa e a túnica fosse um pouco curta para um homem da sua estatura, notava-se, entre a barra da túnica e as suas ceroulas de pano da Guiné, uma considerável faixa de pele negra que se assemelhava a uma larga cinta. [Um grande sabre de cavalaria pendia-lhe no flanco, preso por uma corda, e ele tinha nas mãos um belo fuzil de dois tiros, de fabricação inglesa.]³³ Nessa indumentária, o guerreiro africano julgava sobrepujar em elegância ao mais acabado peralvilho de Paris ou Londres.

O capitão Ledoux considerou-o algum tempo em silêncio, enquanto Tamango, empertigando-se como um granadeiro durante a revista de um general, gozava a impressão que supunha produzir no branco. Ledoux, depois de o examinar como bom conhecedor, voltou-se para o imediato, dizendo-lhe:

– Eis aqui um rapagão que eu venderia no mínimo por mil escudos, se conseguisse levá-lo são e sem avarias até Martinica.

Sentaram-se, e serviu-lhes de intérprete um marinheiro que sabia um pouco da língua wolofe.³⁴ Trocadas as primeiras cortesias, trouxe-lhes um grumete um cesto de garrafas de aguardente; beberam, e o capitão, para deixar Tamango de bom humor, fez-lhe presente de um lindo polvarinho de cobre, com a efígie de Napoleão em relevo. Aceito o mimo com o devido reconhecimento, saíram ambos da cabana e sentaram-se à sombra, para que trouxessem os escravos que tinha à venda.

Surgiram em longa fila, o corpo acurvado pela fadiga e o medo, cada qual com o pescoço preso a uma forquilha de mais de seis pés de comprimento, e cujas pontas se reuniam à nuca, por uma barra de madeira. Quando é preciso pôr-se em marcha, um dos condutores toma ao ombro o cabo da forquilha do primeiro escravo; este encarrega-se da forquilha do homem que o segue; o segundo carrega a forquilha do terceiro escravo, e assim por diante. Se se trata de fazer alto, o chefe da fila finca em terra a ponta aguçada de sua forquilha, e toda a coluna estaca. Bem se vê que é impossível pensar em fuga quando se traz ao pescoço um bastão de seis pés de comprimento.

A cada escravo macho ou fêmea que passava à sua frente, o capitão dava de ombros, achando os homens franzinos, as mulheres muito velhas ou demasiado jovens, e queixava-se do abastardamento da raça negra.

– Tudo degenera – dizia ele. – Antigamente era outra coisa. As mulheres tinham cinco pés e seis polegadas de altura, e quatro homens eram capazes de manobrar sozinhos o cabrestante de uma fragata, para erguer a âncora-mestra.

Todavia, enquanto criticava, fazia uma primeira escolha dos negros mais robustos e mais belos. Por estes, podia pagar o preço ordinário; mas, quanto ao resto, exigia considerável abatimento. Tamango, da sua parte, defendia os próprios interesses, gabava a mercadoria, falava da raridade dos homens e dos perigos do tráfico. Terminou pedindo um preço, não sei qual, pelos escravos que o capitão branco queria carregar.

Logo que o intérprete traduziu em francês a proposta de Tamango, por pouco que Ledoux não tombou de surpresa e indignação; depois, resmungando terríveis pragas, ergueu-se como para romper todo e qualquer negócio com um homem tão desarrazoado. Então Tamango o reteve; conseguiu com dificuldade fazê-lo sentar de novo. Abriram nova garrafa e a discussão recomeçou. Foi a vez de o negro considerar loucas e extravagantes as propostas do branco. Gritaram, disputaram por muito tempo, beberam prodigiosamente, mas a aguardente produzia efeito muito diverso nas duas partes contratantes. Quanto mais o francês bebia, mais reduzia as ofertas; quanto mais bebia o africano, mais cedia nas suas pretensões. De sorte que, esvaziado o cesto, chegaram a um acordo. Fazendas estampadas de má qualidade, pólvora, isqueiros, três barris de aguardente, cinquenta fuzis mal-ajustados foram dados em troca de cento e sessenta escravos. O capitão, para ratificar o trato, deu uma palmada na mão do negro já quase embriagado, e em seguida os escravos foram entregues aos marinheiros franceses, que se apressaram em retirar-lhes as forquilhas de madeira para lhes dar golilhas e algemas de ferro, o que prova a superioridade da civilização europeia.

Restavam ainda uns trinta escravos: eram crianças, velhos, mulheres inválidas. O navio estava cheio.

Tamango, que não sabia o que fazer daquele refugio, propôs vendê-los a uma garrafa de aguardente por cabeça. A oferta era sedutora. Lembrou-se Ledoux de que, na representação das *Vésperas sicilianas*,³⁵ em Nantes, vira regular número de pessoas corpulentas e gordas entrar numa plateia já cheia, conseguindo no entanto acomodar-se, em virtude da compressibilidade dos corpos humanos. Ficou com os vinte mais esbeltos dos trinta escravos.

Então Tamango pediu apenas um copo de aguardente por cada um dos dez restantes. Ledoux considerou que as crianças não pagam e só ocupam meio lugar nas viaturas públicas. Ficou, pois, com três crianças, mas declarou que não queria mais nenhum negro adulto. Tamango, vendo que ainda tinha em mãos sete escravos,

tomou o fuzil e apontou-o para uma mulher que se achava em primeiro lugar: era a mãe das três crianças.

– Compra – disse ele ao branco –, ou eu a mato; um copo de aguardente, ou eu atiro.

– E que diabo queres tu que eu faça com ela? – retrucou Ledoux.

Tamango fez fogo, e a escrava tombou morta.

– Vamos a outro! – exclamou Tamango, visando um velho alquebrado. – Um copo de aguardente, ou então...

Uma de suas esposas desviou-lhe o braço, e o tiro partiu ao acaso. Acabava de reconhecer, no velho que o marido ia matar, um *guiriô*, ou mágico,³⁶ o qual lhe havia predito que ela seria rainha.

Tamango, a quem a aguardente tornava furioso, não mais se conteve, ao ver que se opunham à sua vontade. Bateu rudemente na esposa com a coronha do fuzil; e depois, voltando-se para Ledoux:

– Olha! – disse ele. – Eu te dou esta mulher.

Ela era bonita. Ledoux olhou-a sorridente, depois pegou-a pela mão:

– Hei de achar um lugarzinho para ti – disse ele.

O intérprete era um homem humano. Deu uma tabaqueira de papelão a Tamango, e pediu-lhe os seis escravos restantes. Livrou-os das forquilhas, permitindo-lhes que fossem para onde bem lhes parecesse. Logo se dispersaram, ao acaso, muito embaraçados para regressar a suas terras, a duzentas léguas da costa. O capitão despediu-se de Tamango e tratou de embarcar sua carga o mais depressa possível. Não era prudente demorar-se muito; os cruzadores podiam reaparecer, e ele queria aparelhar no dia seguinte. Quanto a Tamango, deitou-se na relva, à sombra, pondo-se a dormir para cozinhar a bebida.

Quando despertou, já o navio descia o rio. Tamango, com a cabeça ainda confusa da orgia da véspera, mandou chamar sua mulher Aychê. Responderam-lhe que Aychê tivera a desgraça de lhe desagradar, e que ele a havia dado de presente ao capitão branco, o qual a conduzira para bordo. A esta notícia, Tamango, estupefato,

bateu na cabeça, depois tomou um fuzil e, como o rio fazia várias voltas antes de desembocar no mar, correu, pelo caminho mais direto, até uma pequena angra, meia légua distante da foz. Esperava ali encontrar uma canoa para alcançar o brigue, cuja marcha seria retardada pelas sinuosidades do rio. Não se enganava; teve tempo de lançar-se a uma canoa e alcançar o negreiro.

Ledoux ficou surpreso de o ver, mas ainda mais de ouvi-lo reclamar a mulher.

– Coisa dada não se toma – respondeu ele.

E virou-lhe as costas.

O negro insistiu, propondo devolver-lhe parte dos objetos que recebera em troca dos escravos. O capitão pôs-se a rir, disse que Aychê era uma boa mulher, e que pretendia ficar com ela. Então o pobre Tamango lançou uma torrente de lágrimas e soltou gritos de dor, tão agudos como os de um infeliz que sofre uma operação cirúrgica. Ora rolava pelo convés, chamando pela sua querida Aychê; ora batia com a cabeça contra as tábuas, como para se matar. Sempre impassível, mostrando a margem, o capitão fazia-lhe sinal de que era tempo de retirar-se; mas Tamango persistia. Chegou a oferecer até as suas dragonas de ouro, o seu fuzil e o seu sabre. Tudo em vão.

Durante esse debate, o lugar-tenente do *Esperança* disse ao capitão:

– Morreram-nos esta noite três escravos, dispomos de lugar. Por que não pegarmos esse robusto malandro, que vale, sozinho, pelos três mortos?

Ledoux refletiu que Tamango poderia ser vendido por uns mil escudos; que aquela viagem, que se lhe apresentava muito proveitosa, seria provavelmente a última. E que, em suma, depois de fazer fortuna e abandonar o comércio de escravos, pouco se lhe dava deixar na costa da Guiné uma boa ou má reputação. De resto, as margens estavam desertas e o guerreiro africano inteiramente à sua mercê. O problema era tirar-lhe as armas; pois seria perigoso pôr-lhe a mão em cima enquanto ainda as tivesse em seu poder.

Ledoux pediu-lhe, pois, o fuzil, como para examiná-lo e verificar se valia tanto quanto a bela Aychê. Enquanto manuseava a arma, teve o cuidado de deixar cair a pólvora da escorva. O lugar-tenente, por seu lado, examinava o sabre. Achando-se assim Tamango desarmado, lançaram-se a ele dois vigorosos marinheiros, que o derrubaram de costas, na intenção de amarrá-lo. A resistência do negro foi heroica. Voltando a si da primeira surpresa, e apesar da desvantagem da posição, lutou muito tempo contra os dois marinheiros. Graças à sua força prodigiosa, conseguiu erguer-se. Com um soco, derribou o homem que o segurava pela gola; deixou um pedaço da túnica entre as mãos do outro marinheiro, e lançou-se como um furioso sobre o lugar-tenente para arrebatá-lo o sabre. Este lhe assentou um golpe na cabeça, abrindo-lhe uma ferida larga, mas pouco profunda. Tamango tombou uma segunda vez. Em seguida ataram-lhe fortemente os pés e as mãos. Enquanto se defendia, lançava gritos de cólera e agitava-se como um javali preso numa rede. Mas quando viu que era inútil toda resistência, fechou os olhos e não fez mais nenhum movimento. Só a sua respiração forte e precipitada denotava que ainda estava vivo.

– É boa! – exclamou o Capitão Ledoux. – Os negros que ele vendeu vão achar muita graça ao vê-lo escravo por sua vez. E isso os convencerá de que existe mesmo uma Providência.

Enquanto isto, o pobre Tamango ia perdendo todo o sangue. O caridoso intérprete que na véspera salvara a vida a seis escravos aproximou-se, pensou-lhe o ferimento e dirigiu-lhe algumas palavras de consolação. O que lhe disse, ignoro-o. O negro permanecia imóvel como um cadáver. Foi preciso que dois marinheiros o levassem como um fardo à entreponte, para o lugar que lhe estava destinado. Durante dois dias não quis comer nem beber; mal lhe viram abrir os olhos. Seus companheiros de escravidão, outrora prisioneiros seus, viram-no aparecer no meio deles tomados de estúpido assombro. Tal era o temor que Tamango ainda lhes inspirava que nem um só se atreveu a insultar a miséria daquele que causara a sua.

Favorecido por um bom vento da terra, o navio afastava-se rapidamente da costa da África. Já sem inquietação quanto ao cruzeiro inglês, o capitão só pensava nos enormes lucros que o esperavam nas colônias para onde se dirigia. O seu ébano mantinha-se sem avarias. Nada de doenças contagiosas. Apenas doze negros, e dos mais fracos, haviam morrido de calor: uma bagatela. Para que a sua carga humana sofresse o menos possível as fadigas da travessia, fazia todos os dias os seus escravos subirem à cobertura. Terça parte daqueles infelizes dispunha alternadamente de uma hora para fazer a sua diária provisão de ar. Parte da equipagem vigiava-os, armada até os dentes, por medo de uma revolta; aliás, tinham o cuidado de nunca lhes tirar inteiramente os ferros. Às vezes um marinheiro que sabia tocar rabeça regalava-os com uma audição. Era de ver todos aqueles vultos negros que, voltados para o músico, iam perdendo gradualmente o seu ar de estúpido desespero e que riam gostosamente e até batiam com as mãos, quando lho permitiam as cadeias. O exercício é necessário à saúde; de modo que uma das salutaras medidas do capitão Ledoux consistia em obrigar os escravos a dançar, como se fazem corcovear os cavalos embarcados para uma longa travessia.

– Vamos, meus filhos, dancem, divirtam-se – dizia o capitão com voz trovejante, fazendo estalar um enorme chicote de cocheiro.

E em seguida os pobres negros pulavam e dançavam.

O ferimento de Tamango reteve-o algum tempo sob as escotilhas. Afinal apareceu na cobertura; primeiramente, erguendo com altivez a cabeça, em meio da multidão temerosa dos escravos, lançou um olhar triste, mas calmo, sobre a imensa extensão de água que cercava o navio; depois, deitou-se, ou antes, deixou-se cair sobre as tábuas do convés, sem ao menos se dar ao trabalho de arranjar seus ferros de modo que lhe fossem menos incômodos. Ledoux, sentado no castelo de popa, fumava tranquilamente o seu cachimbo. Perto dele, Aychê, sem ferros, com um elegante vestido de algodão branco e lindas pantufas de marroquim, segurando uma bandeja carregada de bebidas, mantinha-se a postos para lhe dar de beber. Era evidente que preenchia altas funções junto ao capitão. Um negro,

que detestava Tamango, fez-lhe sinal para que olhasse para aquele lado. Tamango voltou a cabeça, viu tudo, soltou um grito; e, erguendo-se num ímpeto, correu para o castelo de popa antes que os guardas pudessem evitar tamanha infração à disciplina naval:

– Aychê! – gritou ele com voz trovejante, e Aychê lançou um grito de terror. – Acreditas que no país dos brancos não haja MAMA-JUMBO?

Já os marinheiros acorriam de bastão erguido; mas Tamango, de braços cruzados e como insensível, voltava tranquilamente para o seu lugar, enquanto Aychê, em lágrimas, parecia petrificada por aquelas misteriosas palavras.

O intérprete explicou o que era esse Mama-Jumbo, cujo nome bastava para causar tamanho horror.

– É o Papão dos negros – disse ele. – Quando um marido receia que sua mulher faça o que fazem muitas mulheres tanto na França como na África, ameaça-a com Mama-Jumbo. Eu, que lhe estou falando, eu vi o Mama-Jumbo, e compreendi a tramoia; mas com os negros... é gente simples, não compreende nada. Imagine que uma noite, enquanto as mulheres se divertiam em dançar, em fazer um “folgar”, como dizem no seu jargão, eis que, de um mato espesso e escuro, ouve-se uma música estranha, sem que se visse ninguém para a executar; todos os músicos estavam ocultos no mato. Havia frutas de taquara, tambores de madeira, *balafos*³⁷ e violas feitas com metades de cabaças. Tudo aquilo tocava uma música de fazer aparecer o diabo. Mal ouviram aquilo, põem-se as mulheres a tremer, querem fugir, mas os maridos as detêm: bem sabiam elas do que se tratava. De repente sai do mato um grande vulto branco, da altura do nosso mastro de joanete, com a cabeça do tamanho de um alqueire, olhos grandes, como escovéns, e uma goela como a do diabo, com fogo dentro. Aquilo marchava devagarinho, devagarinho, e não se afastava além de sessenta braças do mato. As mulheres gritavam.

– Olha o Mama-Jumbo!

Berravam como vendedoras de ostras. Então os maridos lhes diziam:

– Vamos, suas velhacas, digam se se portaram às direitas; se mentirem, aí está Mama-Jumbo para as comer cruas.

Havia algumas bastante ingênuas para confessarem, e então os maridos moíam-nas de pancadas.

– E que era então esse vulto branco, o tal Mama-Jumbo? – perguntou o capitão.

– Pois bem, era um farsante enrolado num pano branco, que tinha, em vez de cabeça, uma abóbora perfurada e com uma tocha acesa, na extremidade de uma vara. A coisa era bem grosseira, mas não é preciso muito dispêndio de espírito para apanhar os negros. Em todo caso, esse Mama-Jumbo é uma boa invenção, e eu desejava que a minha mulher acreditasse nele.

– Quanto à minha – disse Ledoux –, se não tem medo de Mama-Jumbo, tem medo de Mestre-Porrete, e bem sabe como eu a trataria, se me pregasse alguma peça. Não somos complacentes na família dos Ledoux, e, embora eu tenha uma única mão, serve ainda muito bem para manejar uma chibata. Quanto àquele malandro que fala do Mama-Jumbo, diga-lhe que fique quieto e não assuste a mulherzinha; senão eu mandarei esfregá-lo tão bem, que o seu couro, de preto, se tornará vermelho como um rosbife cru.

Dito isto, o capitão recolheu-se ao camarote, chamou Aychê e tentou consolá-la: mas nem as carícias, nem as bordoadas (pois afinal a gente perde a paciência) conseguiram tornar tratável a bela negra; torrentes de lágrimas corriam-lhe dos olhos. O capitão voltou ao convés de mau humor, querelando com o oficial de quarto sobre a manobra que este efetuava.

À noite, quando quase toda a equipagem dormia a sono solto, os homens de guarda ouviram a princípio um canto grave, solene, lúgubre, que partia da entreponte, depois um grito de mulher, terrivelmente agudo. Logo em seguida, a grossa voz de Ledoux, praguejando e ameaçando, e o ruído de seu terrível chicote, ressoaram em toda a embarcação. Um instante após, tudo recaiu no silêncio. No dia seguinte, Tamango apareceu no convés um tanto desfigurado, mas com o ar tão altivo, tão resoluto como antes.

Mal o avistou, Aychê, que estava sentada no castelo de popa ao lado do capitão, correu a seu encontro e disse-lhe, num tom de desespero concentrado:

– Perdoa-me, Tamango; perdoa-me!

Tamango olhou-a fixamente durante um minuto; depois, notando que o intérprete se achava afastado, murmurou:

– Uma lima!

E deitou-se, virando as costas a Aychê. O capitão repreendeu-a violentamente, deu-lhe até algumas bofetadas e proibiu-lhe que falasse ao ex-esposo; mas longe estava de suspeitar o sentido das breves palavras que haviam trocado e não fez nenhuma pergunta a respeito.

Tamango, encerrado com os outros escravos, exortava-os dia e noite a tentar um esforço generoso para recuperarem a liberdade. Falava-lhes do diminuto número dos brancos e fazia-lhes notar a crescente negligência dos guardas; depois, sem se explicar nitidamente, dizia que saberia reconduzi-los à pátria, gabava-se de ser um mestre em ciências ocultas, de que os negros são fanáticos, e ameaçava com a vingança do diabo aqueles que se recusassem a auxiliá-lo na empresa. Só se exprimia, em suas arengas, no dialeto dos *peulos*,³⁸ conhecido da maioria dos escravos, mas que o intérprete ignorava. A reputação do orador, o hábito que tinham os escravos de temê-lo e obedecer-lhe, secundaram maravilhosamente a sua eloquência, e os negros instaram para que fixasse o dia da libertação, muito antes que ele próprio se julgasse em condições de efetuar-la. Respondia vagamente aos conjurados que ainda não era tempo, e que o diabo, que lhe aparecia em sonhos, ainda não o avisara de nada, mas que se mantivessem a postos para o primeiro sinal. Entrementes, não negligenciava nenhuma ocasião de experimentar a vigilância dos guardas. De uma feita, um marinheiro deixara o fuzil apoiado à platibanda e divertia-se em observar um cardume de peixes voadores que seguiam o navio; Tamango pegou o fuzil e pôs-se a manejá-lo, imitando com gestos grotescos os movimentos que vira os marinheiros executarem, quando faziam exercícios. Tomaram-lhe o fuzil ao cabo de um instante; mas ele

ficara sabendo que poderia tocar numa arma sem imediatamente despertar suspeitas; e, quando chegasse o tempo de utilizar-se dela, ai daquele que lha quisesse arrancar das mãos!

Um dia, Aychê atirou-lhe um biscoito, fazendo-lhe um sinal que só ele compreendeu. O biscoito continha uma pequena lima: daquele instrumento dependia o sucesso da conspiração. De início, Tamango absteve-se de mostrar a lima aos companheiros; mas, chegada a noite, pôs-se a murmurar palavras ininteligíveis, que acompanhava de gestos bizarros. Foi-se aos poucos animando, até lançar verdadeiros gritos. Pelas variadas entonações de sua voz, parecia empenhado em animada conversação com uma personagem invisível. Todos os escravos tremiam, não duvidando nada de que o diabo estivesse naquele momento entre eles. Tamango pôs fim à cena soltando um grito de alegria.

– Camaradas – disse ele –, o espírito que evoquei acaba de conceder-me o que me prometera, e eu tenho em minhas mãos o instrumento de nossa libertação. Basta-lhes agora um pouco de coragem para se tornarem livres.

Fez os vizinhos tocarem a lima, e a impostura, por grosseira que fosse, encontrou crédito junto a homens ainda mais grosseiros.

Após longa espera, chegou o grande dia da vingança e da liberdade. Os conspiradores, ligados por solene juramento, haviam assentado seu plano depois de madura deliberação. Os mais resolutos, com Tamango à frente, quando subissem ao convés, deviam apoderar-se das armas dos guardas; outros iriam ao camarote do capitão para arrepanhar os fuzis que ali encontrassem. Aqueles que tivessem conseguido limar seus ferros deviam iniciar o ataque; mas, apesar do obstinado trabalho de várias noites, a maioria dos escravos achava-se ainda incapaz de tomar parte enérgica na ação. De modo que três negros robustos foram incumbidos de matar o homem que carregava a chave das cadeias e libertar em seguida os seus companheiros acorrentados.

Naquele dia, o capitão Ledoux estava de excelente humor; contra o seu costume, havia perdoado a um grumete que merecera a chibata. Cumprimentou o oficial de quarto pela sua manobra,

declarou à tripulação que estava satisfeito, anunciando que em Martinica, aonde chegariam dentro em pouco, receberia cada homem a sua gratificação. Todos os marinheiros, embalados por tão agradáveis pensamentos, já faziam projetos quanto ao emprego daquela gratificação. Pensavam na aguardente e nas mulheres de cor da Martinica, quando fizeram subir ao convés Tamango e os outros conjurados.

Haviam tido o cuidado de limar os ferros de maneira que não se lhes visse o corte, mas que pudessem romper-se ao mínimo esforço. De resto, faziam-nos tinir tão bem que, ao ouvi-los, se diria carregarem o duplo do peso. Depois de respirar bem o ar fresco, puseram-se todos a dançar de mãos dadas, enquanto Tamango entoava o canto guerreiro de sua família,³⁹ que outrora cantava antes do combate. Quando a dança se prolongou algum tempo, Tamango, como exausto de fadiga, deitou-se ao comprido aos pés de um marinheiro que se apoiava negligentemente à platibanda do navio; todos os conjurados fizeram o mesmo. De modo que cada marinheiro se achava cercado de vários negros.

De súbito Tamango, que acabava de romper cautelosamente os seus ferros, solta um grande brado, que devia servir de sinal, puxa violentamente pelas pernas o marinheiro a cujo lado se achava, derruba-o, e, pondo-lhe o pé sobre o ventre, arranca-lhe o fuzil, com o qual mata logo o oficial de quarto. Ao mesmo tempo, cada guarda é assaltado, desarmado, e em seguida liquidado. De todas as partes se eleva um brado de guerra. O contramestre, que tinha a chave dos ferros, é dos primeiros que sucumbe. Logo uma multidão de negros invade o convés; os que não podem encontrar armas apoderam-se das barras do cabrestante ou dos remos da chalupa. Desde esse momento a tripulação europeia está perdida. No entretanto, alguns marinheiros concentraram-se no castelo de popa; mas faltava-lhes armamento e decisão. Ledoux estava muito vivo e nada perdera da sua coragem. Percebendo que Tamango era a alma da rebelião, teve esperança de que, se o pudesse matar, dominaria facilmente os seus cúmplices. Lançou-se, pois, a seu encontro, chamando-o a grandes brados. Tamango logo se precipitou para ele. Segurava um fuzil pelo

cano, utilizando-o como se fora um cacete. Os dois chefes encontraram-se sobre um dos passavantes, estreita comunicação entre o castelo de proa e o de popa. Tamango atacou primeiro. Com um rápido movimento de corpo, o branco evitou o golpe. A coronha, batendo com força no pavimento, partiu-se, e o contragolpe foi tão violento que o fuzil escapou das mãos de Tamango. Estava sem defesa, e Ledoux, com um sorriso de alegria diabólica, erguia o braço e já ia feri-lo; mas Tamango era tão ágil como as panteras do seu país. Avançou contra os braços do adversário e segurou-lhe a mão que sustinha o sabre. Esforça-se um por sustentar a arma, o outro por arrancá-la. Nessa luta furiosa, tombam os dois no chão; mas o africano ficara por baixo. Então, Tamango, sem desanimar, enlaçando o adversário com toda a força, mordeu-o na garganta com tamanha violência que o sangue jorrou como sob as presas de um leão. O sabre escapou da mão desfalecente do branco. Tamango apoderou-se da arma; depois, erguendo-se, com a boca toda ensanguentada, e lançando um grito de triunfo, desferiu repetidos golpes no inimigo já semimorto.

Não havia mais dúvida quanto à vitória! Os poucos marinheiros que restavam tentaram implorar compaixão, mas todos eles, até o intérprete, que nunca lhes fizera mal nenhum, foram impiedosamente massacrados. O imediato morreu com glória. Retirara-se para a popa, junto de um desses pequenos canhões que giram sobre um eixo e que são carregados a metralha. Com a mão esquerda, dirigiu a peça, e com a direita, armado de um sabre, defendeu-se tão bem que atraiu em torno de si uma multidão de negros. E então, puxando o gatilho, abriu no meio daquela massa compacta uma larga rua pavimentada de mortos e moribundos. Um instante após era estraçalhado.

Quando o cadáver despedaçado do último branco foi jogado ao mar, os negros, saciados de vingança, ergueram os olhos para as velas do navio, que, enfunadas por um vento fresco, pareciam ainda obedecer aos antigos brancos e levar seus vencedores, apesar do triunfo, para a terra da escravatura.

– Nada adiantou – pensaram eles com tristeza. – Será que este grande fetiche dos brancos há de querer trazer-nos de volta para a nossa terra, nós que derramamos o sangue de seus senhores?

Alguns disseram que Tamango saberia obrigá-lo a obedecer. Logo chamam Tamango a grandes brados.

Este não se apressava em mostrar-se. Foram achá-lo no castelo de popa, de pé, com uma das mãos apoiada no sabre ensanguentado do capitão; a outra, estendia-a com ar distraído à sua esposa Aychê, que a beijava de joelhos. A alegria de ter vencido não abrandava uma sombria inquietação que se denotava em toda a sua atitude. Menos bronco que os outros, melhor compreendia a dificuldade da sua posição.

Apareceu enfim no convés, afetando uma calma que não experimentava. Instado por cem vozes confusas a dirigir a rota do navio, aproximou-se lentamente do leme, como para retardar um pouco o momento que iria, para si mesmo e para os outros, decidir da extensão de seu poder.

Não havia a bordo um único negro, por mais estúpido que fosse, que não houvesse notado a influência que certa roda e a caixa colocada defronte exerciam nos movimentos do navio; mas naquele mecanismo sempre havia um grande mistério para eles. Tamango examinou a bússola por muito tempo, movendo os lábios, como se lesse os caracteres que ali via traçados. Levava depois a mão à frente e assumia a atitude pensativa de quem faz um cálculo mental. Todos os negros o rodeavam, de boca aberta e olhos esgazeados, seguindo ansiosamente o menor de seus gestos. Afinal, com esse misto de temor e fé que inspira a ignorância, imprimiu enérgico impulso à roda do leme.

Como um generoso corcel que se empina sob as esporas de um cavaleiro imprudente, o lindo brigue *Esperança* saltou sobre as vagas ante aquela inaudita manobra. Dir-se-ia que, de indignado, procurava submergir com o seu ignorante piloto. Bruscamente rompida a necessária correspondência entre a direção das velas e a do leme, o navio inclinou-se com tamanha violência que parecia prestes a soçobrar. Suas longas vergas mergulharam na água. Vários

homens foram derrubados, alguns caíram no mar. Em breve o navio se reergueu altivamente contra a vaga, como para se opor ainda à destruição. O vento redobrou de esforços e, súbito, com terrível fragor, ruíram os dois mastros, partidos a alguns pés acima da coberta, cobrindo o tombadilho de destroços e como de uma pesada rede de cordoalhas.

Os negros assustados fugiam pelas escotilhas, lançando gritos de terror. No entanto, como o vento não encontrasse mais presa, tornou o navio a erguer-se, deixando-se suavemente embalar pelas ondas. Então os mais ousados voltaram ao convés, desembaraçando-o dos detritos que o obstruíam. Tamango permanecia imóvel, com o cotovelo apoiado na bitácula, e ocultando o rosto no braço encurvado. Perto dele estava Aychê, mas não se atrevia a dirigir-lhe a palavra. Pouco a pouco os negros se foram aproximando; ergueu-se um murmúrio, que logo se mudou numa tempestade de reproches e injúrias.

– Bandido! Impostor! – gritavam eles. – Foste tu que causaste todas as nossas desgraças, foste tu que nos vendeste aos brancos, foste tu que nos obrigaste a revoltar-nos contra eles. Tu nos havias gabado o teu saber, prometendo levar-nos de volta à nossa terra. E nós – loucos que éramos! – acreditamos em ti, e agora quase morremos porque ofendeste ao fetiche dos brancos.

Tamango ergueu altivamente a cabeça, e os negros que o cercavam recuaram intimidados. Apanhou dois fuzis, fez sinal à mulher que o seguisse, atravessou a multidão, que lhe abriu passagem, e dirigiu-se para a proa do navio. Ergueu ali um anteparo de tábuas e tonéis vazios; depois, sentou-se no meio daquela espécie de trincheira, de onde sobressaíam ameaçadoras as baionetas dos dois fuzis. Deixaram-no em paz. Dentre os revoltosos, alguns choravam; outros, erguendo as mãos ao céu, invocavam seus fetiches e os dos brancos; estes, ajoelhados ante a bússola, cujo contínuo movimento admiravam, suplicavam-lhe que os levasse para as suas terras; aqueles deitavam-se no convés, entregues a um sombrio abatimento. Em meio desses desesperados, imaginem-se

agora as mulheres e crianças a gritar de medo, e uns vinte feridos a implorar socorro que ninguém pensava em dar-lhes.

De repente aparece um negro no convés: sua fisionomia está radiante. Anuncia que acaba de descobrir o local onde os brancos guardavam a aguardente; sua alegria e seu aspecto bem demonstram que já a tinha provado. Tal notícia suspende por um instante os gritos daqueles infelizes. Correm à despensa e enchem-se de bebida. Uma hora depois, poder-se-ia vê-los saltar e rir sobre o convés, entregues a todas as extravagâncias da mais brutal bebedeira. Suas danças e cantos eram acompanhados pelo gemer e soluçar dos feridos. Assim transcorreu o resto do dia e toda a noite.

De manhã, ao despertar, novo desespero. Durante a noite morreram inúmeros feridos. O navio flutuava cercado de cadáveres. O mar estava agitado e o céu brumoso. Reuniram-se em conferência. Alguns aprendizes de artes mágicas, que não tinham ousado falar de suas habilidades na presença de Tamango, ofereceram cada um os seus serviços. Tentaram vários encantamentos poderosos. A cada tentativa inútil, aumentava o desânimo. Falou-se enfim em Tamango, que ainda não saíra da sua barricada. Afinal de contas, era o mais sábio de todos, e o único que podia tirá-los da horrível situação em que os metera. Um velho aproximou-se dele, como portador de propostas de paz. Pediu-lhe que fosse dar o seu conselho; mas Tamango, inflexível como Coriolano,⁴⁰ manteve-se surdo a seus rogos. Durante a noite, em meio à desordem, fizera a sua provisão de biscoitos e carne salgada. Parecia decidido a viver sozinho no seu retiro.

Restava a aguardente. Ao menos fazia esquecer o mar, e a escravidão, e a morte próxima. Dorme-se, sonha-se com a África, veem-se seringais, choças cobertas de palha, baobás cuja sombra cobre toda uma aldeia. Recomeçou a orgia da véspera. Assim se passaram vários dias. Gritar, chorar, arrancar os cabelos, depois embriagar-se e dormir, tal era a sua vida. Vários morreram de tanto beber; alguns se lançaram ao mar, ou apunhalaram-se.

Certa manhã, saiu Tamango do seu reduto e avançou até o toco do grande mastro.

– Escravos – disse ele –, o Espírito apareceu-me em sonhos e revelou-me o modo de os tirar daqui para levá-los de volta. A ingratidão de vocês bem merecia que eu abandonasse a todos, mas tenho pena dessas mulheres e crianças que choram. Eu os perdoo: escutem-me.

Todos os negros baixaram a cabeça com respeito e aglomeraram-se em torno dele.

– Só os brancos – prosseguiu Tamango – conhecem as palavras mágicas que movimentam estas grandes casas de madeira; mas podemos dirigir à vontade esses barcos leves que se assemelham aos da nossa terra.

E designava a chalupa e as outras embarcações do brigue.

– Vamos enchê-los de víveres. Depois é só embarcar e remar na direção do vento, que o nosso senhor fará soprar para as nossas terras.

Acreditaram. Jamais projeto foi tão insensato. Ignorando o uso da bússola, e sob um céu desconhecido, ele só poderia vagar ao acaso. Segundo as suas ideias, imaginava que, remando direito para a frente, encontraria afinal alguma terra habitada pelos negros, pois os negros possuem a terra, e os brancos vivem a bordo de seus navios. Era o que ouvira a sua mãe dizer.

Em breve tudo estava pronto para o embarque; mas só a chalupa e um bote se achavam em condições de servir. Era muito pouco para conter cerca de oitenta negros ainda vivos. Tiveram de abandonar todos os feridos e enfermos. A maioria destes pediram que os matassem antes de os deixar.

As duas embarcações, lançadas na água com infinito trabalho e carregadas além da medida, apanharam um mar agitado, que a cada instante ameaçava afundá-las. O bote afastou-se primeiro. Tamango e Aychê tinham tomado lugar na chalupa, que, muito mais pesada e com maior carga, se retardava consideravelmente. Ainda se ouviam os gritos queixosos de alguns infelizes abandonados no brigue, quando uma vaga bastante forte colheu a chalupa de viés e encheu-a de água. Soçobrou em menos de um minuto. O pessoal do bote

viu o desastre, e seus remadores redobram de esforço, com medo de terem de recolher alguns náufragos. Os passageiros da chalupa afogaram-se quase todos. Apenas uma dúzia pôde alcançar o navio. A esse número pertenciam Tamango e Aychê. Quando o sol se punha, viram o bote desaparecer no horizonte; mas o que foi feito dele, ignora-se.

Por que fatigaria eu o leitor com a penosa descrição das torturas da fome? Cerca de vinte pessoas num espaço estreito, ora sacudidas por um mar tempestuoso, ora queimadas por um sol ardente, disputam todos os dias os miseráveis restos de suas provisões. Cada pedaço de biscoito custa um combate, e o fraco morre, não porque o forte o mate, mas porque o deixa morrer. Ao fim de alguns dias, a bordo do *Esperança*, só restavam vivos Tamango e Aychê.

UMA NOITE, estava o mar agitado, o vento soprava com violência e tão grande era a escuridão, que da popa não se podia distinguir a proa do navio. Aychê estava deitada em uma enxerga no camarote do capitão, com Tamango sentado a seus pés. Fazia muito que guardavam silêncio.

– Tamango! – exclamou por fim Aychê. – Tudo o que sofres é por minha causa...

– Não sofro – respondeu ele bruscamente. E lançou sobre o colchão, ao lado da mulher, metade de um biscoito que lhe restava.

– Guarda-o para ti – disse ela, afastando com brandura o biscoito. – E depois, para que comer? Pois já não chegou a minha hora?

Tamango ergueu-se sem responder. Subiu cambaleando ao convés e sentou-se ao pé de um mastro partido. Com a cabeça pendida sobre o peito, assobiava o canto de sua família. Ressoou de súbito um grande grito acima do ruído do vento e do mar, uma luz apareceu. Ele ouviu outros gritos, e um grande navio negro deslizou rapidamente ao lado do seu, tão perto que as vergas lhe passaram por cima da cabeça. Viu apenas dois vultos alumados por uma lanterna suspensa a um mastro. Lançaram eles mais um grito e em seguida o seu navio, levado pelo vento, desapareceu nas trevas.

Sem dúvida os homens de guarda haviam percebido o navio naufragado, mas o mau tempo não lhes permitia virar de bordo. Um instante após, Tamango viu a flama de uma peça de artilharia e ouviu o ruído da explosão, depois viu a flama de outro canhão, mas não ouviu nenhum ruído; depois não viu mais nada. No dia seguinte, nem uma vela aparecia no horizonte. Tamango tornou a deitar-se na enxerga e fechou os olhos. Sua mulher Aychê morrera naquela noite.

NÃO SEI QUANTO TEMPO DEPOIS, uma fragata inglesa, a *Belona*, avistou um navio sem mastros e aparentemente abandonado pela tripulação. Abordado por uma chalupa, ali encontraram uma negra morta e um negro tão descarnado e magro que parecia uma múmia. Não dava acordo de si, mas ainda conservava um sopro de vida. O cirurgião tomou conta dele, dispensou-lhe os seus cuidados, e, quando a *Belona* aportou em Kingston, Tamango estava de perfeita saúde. Perguntaram-lhe a sua história. Ele contou o que sabia. Os plantadores da ilha queriam que o enforcassem como negro rebelde, mas o governador, que era um homem humano, interessou-se por ele, achando o seu caso justificável, pois que, afinal de contas, não fizera mais que usar do direito de legítima defesa; e, depois, aqueles a quem tinha matado não passavam de franceses. Trataram-no como se trata aos negros apanhados a bordo de um navio negreiro confiscado. Concederam-lhe a liberdade, isto é, fizeram-no trabalhar para o governo; mas tinha seis soldos por dia e comida. Era um belo homem. O coronel do 75 viu-o e tomou-o como tocador de pratos na banda do seu regimento. Ele aprendeu um pouco de inglês; mas quase nunca falava. Em compensação, bebia excepcionalmente rum e tafiá. Morreu no hospital, de uma inflamação de peito.

29. A batalha de Trafalgar foi travada no contexto das guerras napoleônicas em 1805 e contou com as esquadras francesa e espanhola unidas contra a britânica. Os franceses pretendiam invadir a Inglaterra pelo canal da Mancha; para impedi-lo, os britânicos, liderados pelo almirante Nelson e em menor número, atacaram as naus inimigas no cabo de Trafalgar. A vitória dos britânicos custou os planos de Napoleão de subjugar a Inglaterra.

30. Referência ao Slave Trade Act, de 1807, assinado pela Inglaterra proibindo o tráfico de escravos no Império britânico.

31. Nome com que se designavam a si próprios os que exerciam o tráfico negreiro. (N. do A.)

32. Referência à vila de Joal, no Senegal. Situada na região de Thiès (uma das principais cidades do país) e próxima ao delta dos rios Sine e Saloum, Joal foi um importante entreposto comercial e palco das disputas coloniais pelo poder na região, conquistada pelos franceses no séc.XIX.

33. Sobre os trechos entre colchetes, ver observação na p.4 deste volume.

34. Língua falada na África Ocidental, sobretudo no Senegal, mas também em Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali e Mauritânia, regiões ocupadas pelo grupo étnico de mesmo nome.

35. Tragédia de Casimir Delavigne (1793-1843), autor bastante popular em virtude de seus poemas cívicos, exaltando o orgulho da França napoleônica no contexto de sua derrota em Waterloo. A peça estreou em 1819 e é baseada numa revolta na Sicília contra o reinado de Carlos I de Anjou, rei francês que tomara o controle da ilha em 1266 com o auxílio do papa Clemente IV. A peça levou o diretor do teatro Odéon a celebrar Delavigne como o refundador da Comédie Française.

36. O autor se refere aqui aos *griots*, responsáveis pela manutenção das tradições e saberes em diversas etnias africanas (dentre as quais a wolofe) de cultura oral, que eles preservam e difundem, exercendo importantes funções sociais, sobretudo acompanhando e aconselhando governantes. Suas performances podem ser acompanhadas de música. A menção à mágica feita pelo narrador é, ao que tudo indica, equivocada.

37. Instrumento de percussão semelhante ao xilofone, típico de parte da África ocidental. É constituído de uma série de tabuinhas de madeira de diferentes tamanhos, percutidas por baquetas ou martelos de madeira ou borracha.

38. "Peulos", aqui, refere-se à etnia *peul* ou fula. Trata-se de um dos maiores grupos etnolinguísticos da África, presente em toda a costa ocidental do continente e disseminado pela África central até o Sudão. Não obstante sua diversidade cultural e de modo de vida, o grupo mantém-se unido pela língua (fula) e um código de conduta, o *pulaaku*.

39. Cada capitão negro tem o seu canto guerreiro. (N. do A.)

40. Caio Márcio Coriolano foi um lendário general romano, cuja suposta existência data do séc.V. Consta que Coriolano, nascido de importante família republicana, teria cedo se destacado no exército lutando em batalhas decisivas para a consolidação da República entre os demais povos latinos. Refratário, na condição de senador, a medidas políticas favoráveis à plebe, despertou a ira da população e dos tribunos que a representavam; estes o colocaram sob julgamento, ao qual Coriolano preferiu fugir, refugiando-se na cidade de Volsci, onde organizou um

exército ao lado dos volscianos com o intuito de invadir Roma. Delegações romanas tentaram a todo custo dissuadi-lo, e a elas o general mostrou-se inflexível; acabou, porém, cedendo ao pranto da mãe e da esposa. Em represália às suas intenções, seus antigos aliados assassinam Coriolano por traição.

FEDERIGO

ERA UMA VEZ um jovem senhor chamado Federigo,⁴¹ belo, elegante, cortês e bonachão, mas de costumes muito dissolutos, pois amava em excesso o jogo, o vinho e as mulheres, principalmente o jogo; nunca se confessava, e só percorria as igrejas para ali procurar ocasiões de pecado. Ora, aconteceu que Federigo, após haver arruinado no jogo doze rapazes de família (que depois se fizeram bandoleiros e morreram sem confissão em encarniçado combate com os *condottieri*⁴² do rei), veio ele próprio a perder, em menos de um ápice, tudo o que havia ganho, e mais o seu patrimônio, exceto uma pequena propriedade, onde foi ocultar sua miséria, atrás das colinas de Cava.⁴³

Três anos se haviam passado desde que começara a viver em solidão, caçando de dia e jogando à noite, com o reideiro, sua habitual partida de arrenegada.

Um dia em que acabava de entrar em casa após uma caçada, a mais feliz que até então fizera, Jesus Cristo, acompanhado dos santos apóstolos, foi bater à sua porta e pediu-lhe hospitalidade. Federigo, que possuía uma alma generosa, ficou encantado de ver chegarem convivas, e ainda mais num dia em que tinha à farta com que os regalar. Fez pois entrar os peregrinos, ofereceu-lhes com a maior boa vontade a mesa e a pousada e pediu-lhes desculpas de não os tratar como mereciam, visto achar-se desprevenido. Nosso Senhor, que bem sabia da oportunidade da visita, perdoou a Federigo aquela pequena demonstração de vaidade, em vista das suas disposições hospitaleiras.

– Nós nos contentaremos com o que o senhor tiver – disse ele. – Mas mande aprontar logo a ceia, pois se faz tarde, e este aqui está com muita fome – acrescentou, mostrando São Pedro.

Federigo não esperou segundo pedido e, querendo oferecer aos hóspedes algo mais que o produto da caça, mandou o rendeiro carnear seu último cabrito, que foi logo posto no espeto.

Quando estava pronta a ceia e os convivas assentados à mesa, só um pesar afligia a Federigo: era que seu vinho não fosse melhor.

– Senhor – disse ele a Jesus Cristo –,

Desejava que o meu vinho

Fosse de outra condição,

Mas, mesmo assim, ofereço-o

De todo o meu coração.

E Nosso Senhor, tendo provado o vinho, retrucou:

– Mas de que se queixa o amigo, se o seu vinho é perfeito? – E apontando com o dedo para São Pedro: – Este homem que o diga.

São Pedro o saboreou, por sua vez, e declarou o vinho excelente (*proprio stupendo*⁴⁴), pedindo a Federigo que também o experimentasse.

Federigo, que considerava tudo aquilo uma simples cortesia dos hóspedes, obedeceu no entanto ao apóstolo. Mas qual não foi a sua surpresa ao achar aquele vinho mais delicioso que todos os que bebera nos anos de prosperidade! Reconhecendo em tal milagre a presença do Salvador, ergueu-se em seguida, como indigno de ceiar em tão santa companhia; mas Nosso Senhor ordenou-lhe que se sentasse, o que ele fez sem maiores cerimônias. Após a ceia, durante a qual foram servidos pelo rendeiro e a mulher, Jesus Cristo retirou-se com os apóstolos para o aposento que lhes fora preparado. Quanto a Federigo, ficando a sós com o rendeiro, jogou como de costume a sua partida de arrenegada, enquanto bebia o resto do vinho miraculoso.

No dia seguinte, reunidos os santos hóspedes na sala com o dono da casa, disse Nosso Senhor a Federigo:

– Estamos muito satisfeitos com a acolhida que nos fizeste, e queremos recompensar-te. Pede-nos três graças à tua escolha, e serás atendido; pois nos foi dado poder absoluto sobre o céu, a Terra e os infernos.

E então Federigo, tirando do bolso um baralho de que nunca se separava, assim falou:

– Senhor, fazei com que eu ganhe infalivelmente todas as vezes em que jogar com estas cartas.

– Assim seja! – disse Jesus Cristo. (*Ti sia concesso.*⁴⁵)

Mas são Pedro, que estava perto de Federigo, dizia-lhe em voz baixa:

– Que fazes, infeliz pecador? Devias pedir ao Mestre a salvação de tua alma.

– Pouco me importa isso – retrucou Federigo.

– Tens ainda duas graças a pedir – disse Jesus Cristo.

– Senhor – prosseguiu Federigo –, já que sois tão bondoso, fazei com que toda pessoa que suba à laranjeira defronte à minha porta não possa descer sem licença minha.

– Assim seja! – disse Jesus Cristo.

A isto, são Pedro, dando forte cotovelada no seu vizinho, disse-lhe:

– Mas, infeliz pecador, não temes o inferno que está reservado a teus desmandos? Pede ao Mestre um lugar no seu santo paraíso, ainda é tempo...

– Não há pressa – retrucou Federigo, afastando-se do apóstolo, e, tendo dito Nosso Senhor:

– Que desejas como terceira graça?

– Desejo – respondeu ele – que qualquer pessoa que se assente naquele escabelo junto à lareira não possa erguer-se sem licença minha.

E Nosso Senhor, depois de atender a esse voto como aos dois primeiros, partiu com os apóstolos.

Mal havia o último apóstolo franqueado a porta da casa, quando Federigo, querendo experimentar a virtude de suas cartas, chamou o rendeiro, e jogou com ele uma partida de arrenegada, sem atentar nos lances que fazia. Ganhou-a facilmente, bem como a terceira e a quarta partida. Cheio então de segurança, partiu para a cidade, e

dirigiu-se à melhor hospedaria, onde alugou o mais belo apartamento. Espalhado o rumor de sua chegada, vieram logo visitá-lo os seus antigos companheiros de orgia.

– Nós te julgávamos perdido para sempre – exclamou d. Giuseppe –, afirmavam que te fizeras eremita.

– E tinham razão – respondeu Federigo.

– Em que diabo gastaste o tempo nestes últimos três anos em que não te víamos? – indagaram, a uma voz, todos os outros.

– Em orações, meus caros irmãozinhos – replicou Federigo em tom devoto.

– E eis aqui as minhas *Horas*⁴⁶ – acrescentou, tirando do bolso o baralho que preciosamente conservara.

Tal resposta provocou hilaridade geral, e cada qual ficou convencido de que Federigo recuperara a fortuna no estrangeiro, à custa de jogadores menos hábeis do que aqueles com quem então se achava e que já se impacientavam por arruiná-lo pela segunda vez. Queriam alguns arrastá-lo, sem mais demora, para uma mesa de jogo. Mas Federigo, pedindo-lhes que adiassem a partida para a noite, fê-los passar para uma sala onde mandara preparar finas iguarias, que foram entusiasticamente acolhidas.

Esse jantar foi mais alegre que a ceia dos apóstolos: é verdade que só se bebeu malvasia e *lacryma*, mas os comensais, exceto um, não conheciam melhor vinho.

Antes da chegada dos convivas, Federigo munira-se de um baralho, em tudo semelhante ao primeiro, a fim de poder trocá-lo de vez em quando e, perdendo uma partida em três ou quatro, afastar assim qualquer suspeita do espírito dos adversários. Colocara um dos baralhos do lado direito e o outro do esquerdo.

Finda a ceia, e acomodado o nobre bando em redor do tapete verde, Federigo colocou primeiro sobre a mesa as cartas profanas, e fixou as paradas em razoável soma para o resto da noite. Querendo então interessar-se pelo jogo e medir as suas forças, jogou o melhor que pôde as duas primeiras partidas e perdeu a ambas, não sem um secreto despeito. Mandou em seguida trazer vinho, e aproveitou o

momento em que os ganhadores bebiam pelos sucessos passados e futuros para recolher com uma das mãos as cartas profanas e substituí-las com a outra pelas bentas.

Iniciada que foi a terceira partida, Federigo, sem prestar a mínima atenção a seu jogo, teve vagar para observar o dos outros, e viu que era desonesto. Muito satisfeito ficou com a descoberta. Poderia dali por diante esvaziar de sã consciência a bolsa dos adversários. Pois sua ruína tinha sido obra da fraude, e não da habilidade ou sorte dos parceiros. Podia agora fazer melhor opinião da sua força relativa, opinião justificada por anteriores sucessos. O amor-próprio (pois a que não se apega ele?), a certeza da vingança e a do ganho são três sentimentos bem gratos ao coração do homem. Federigo experimentou-os todos ao mesmo tempo; mas, pensando em sua antiga fortuna, lembrou-se dos doze rapazes de família à custa dos quais enriquecera. E, persuadido de que aqueles jovens eram os únicos jogadores honestos com quem se defrontara, arrependeu-se, pela primeira vez, das vitórias que deles obtivera. Uma sombria nuvem lhe sucedeu, na face, aos raios da alegria que a dominava, e ele lançou um profundo suspiro ao ganhar a terceira partida.

Seguiram-se várias outras, e Federigo arranjou-se para ganhar a maioria delas, de modo que conseguiu naquela noite o suficiente para pagar a ceia e um mês de aluguel. Era só o que desejava na ocasião. À despedida, os parceiros, desapontados, prometeram-lhe voltar no dia seguinte.

Neste e nos outros dias soube Federigo ganhar e perder tão a propósito que dentro em pouco adquiriu considerável fortuna, sem que ninguém suspeitasse da verdadeira causa. Mudou-se então para um grande palácio, onde, de quando em quando, oferecia festas magníficas. As mais lindas mulheres disputavam um só de seus olhares; os mais raros vinhos lhe cobriam diariamente a mesa, e o palácio de Federigo era considerado o centro dos prazeres.

Ao cabo de um ano de jogo discreto, resolveu tornar mais completa a vingança, depenando os principais senhores da região. Com tal fim, tendo convertido em pedrarias a maior parte do seu dinheiro, convidou-os, com oito dias de antecedência, para uma

festa extraordinária, na qual colaboravam os melhores músicos, artistas etc., e que deveria terminar por um jogo dos mais fortes. Os que não tinham dinheiro, extorquiram-no aos judeus; os outros trouxeram o que tinham, e tudo foi raspado. Federigo partiu de noite com o seu ouro e seus diamantes.

Desde então, tomou como norma só jogar na certa com os parceiros de má-fé, achando-se bastante forte para haver-se com os outros. Percorreu assim todas as cidades do mundo, jogando em toda parte, ganhando sempre, e consumindo em cada lugar o que a região produzia de melhor.

Todavia, a lembrança de suas doze vítimas apresentava-se-lhe incessantemente ao espírito e envenenava todas as suas alegrias. Afinal, resolveu um belo dia libertá-las, ou perder-se com elas.

Tomada esta resolução, partiu para o inferno, de bordão e sacola, sem outra escolta além da sua galga favorita, que se chamava Marchesella. Chegando à Sicília, subiu o monte Gibel⁴⁷ e desceu, pela cratera do vulcão, tantos pés abaixo da base da montanha quanto a própria montanha se eleva acima de Piamonte. Desse ponto, para ir ter com Plutão, é preciso atravessar um pátio que está sob a vigilância de Cérbero. Federigo franqueou-o sem dificuldade, enquanto Cérbero fazia festas à sua galga, e foi bater à porta de Plutão.

Quando o conduziram à sua presença:

– Quem és tu? – perguntou-lhe o rei dos abismos.

– Eu sou o jogador Federigo.

– Que diabo vens fazer aqui?

– Plutão – respondeu Federigo –, se achas que o primeiro jogador da Terra é digno de jogar contigo uma partida de arrenegada, eis a minha proposta: jogaremos tantas partidas quantas quiseres; uma só que eu perca, e minha alma será tua legítima propriedade, com todas as que povoam os teus Estados; mas, se eu ganhar, terei o direito de escolher uma dentre as tuas súditas, por cada partida que eu tiver ganho, e de a levar comigo.

– Feito! – disse Plutão.

E pediu um baralho.

– Tenho aqui um – disse logo Federigo, tirando do bolso o baralho mágico.

E começaram a jogar.

Federigo ganhou a primeira partida, e pediu a Plutão a alma de Stéfano Pagani, um dos doze a quem queria salvar. Foi em seguida libertada e, tendo-a recebido, ele a pôs no seu saco. Ganhou da mesma forma a segunda partida, depois a terceira, e assim por diante, até a duodécima, fazendo de cada vez libertar, e metendo na sua sacola, uma das almas pelas quais se interessava. Quando completou a dúzia, propôs a Plutão continuarem o jogo.

– Com muito gosto – disse Plutão, que no entanto se aborrecia de perder. – Mas vamos sair um momento; não sei que cheiro fétido acaba de espalhar-se por aqui.

O que Plutão procurava era um pretexto para desembaraçar-se de Federigo; pois logo que este se achou fora com o seu saco e as suas almas, ele gritou com toda a força que fechassem a porta atrás do visitante.

Depois de atravessar o pátio dos infernos, sem que Cérbero o notasse, tão encantado estava com a sua galga, Federigo alcançou penosamente o cume do monte Gibel. Chamou em seguida Marchesella, que não tardou a aparecer, e desceu para Messina, mais satisfeito da sua conquista espiritual do que jamais o estivera por nenhum sucesso mundano. Chegado em Messina, embarcou para voltar à terra firme e terminar seus dias na antiga casa de campo.

(DALI A MESES, Marchesella deu à luz uma ninhada de pequenos monstros, alguns dos quais tinham até três cabeças. Foram todos jogados à água.)

TRANSCORRIDOS TRINTA ANOS (Federigo tinha então setenta), a Morte entrou-lhe em casa e recomendou-lhe que pusesse em ordem a consciência, pois era chegada a sua hora.

– Estou pronto – disse o moribundo –, mas, antes de me lewares, peço-te que me dês um fruto da árvore que sombreia a minha porta. Ainda esse pequeno prazer, e morrerei contente.

– Se queres apenas isso, posso satisfazer-te – disse a Morte.

E subiu na laranjeira para colher uma laranja. Mas, quando quis descer, não o conseguiu: Federigo opunha-se.

– Ah, tu me enganaste, Federigo! – gritou ela. – Estou agora em teu poder; mas devolve-me a liberdade, e eu te prometo dez anos de vida.

– Dez anos! Ora, grande coisa! Se queres apear, minha cara, precisas ser mais liberal.

– Eu te darei vinte.

– Estás brincando.

– Trinta.

– Nem chega à terça parte.

– Queres então viver um século?

– Nada menos, minha cara.

– Federigo, tu não és sensato.

– Que queres? Eu gosto de viver.

– Seja! Vá por cem anos – disse a Morte. – Não tenho outro remédio.

E assim conseguiu descer.

Quando a Morte partiu, Federigo ergueu-se de perfeita saúde, e começou nova vida com a força de um jovem e a experiência de um velho. Tudo quanto se sabe dessa nova existência é que continuou a satisfazer curiosamente todas as suas paixões, e em particular os apetites carnis, fazendo um pouco de bem quando se apresentava ensejo, mas sem mais pensar na salvação do que durante a primeira vida.

Passados os cem anos, a Morte foi bater-lhe de novo à porta, e achou-o na cama.

– Estás pronto? – disse ela.

– Mandei chamar meu confessor – respondeu Federigo. – Senta-te perto do fogo até que ele venha. Só espero a absolvição para lançar-me contigo na eternidade.

A Morte, que era boa pessoa, foi sentar-se no escabelo, e esperou uma hora inteira sem que visse chegar o padre. Começando afinal a aborrecer-se, disse a Federigo:

– E ainda desta vez, velho, não tiveste tempo de regular tua consciência, desde que nos vimos, há uns bons cem anos?

– Eu tinha muito mais que fazer – disse o velho, com um sorriso zombeteiro.

– Pois bem – disse a Morte, indignada com a sua impiedade –, agora não tens mais um minuto a viver.

– Qual! – disse Federigo, enquanto ela procurava inutilmente erguer-se. – Sei que és muito cordata para me concederes ainda mais alguns anos de vida.

– Mais alguns anos, miserável! – E fazia inúteis esforços por afastar-se da lareira.

– Sim, sem dúvida, mas desta vez não serei exigente e, como não faço questão da velhice, contento-me com quarenta anos para a terceira vida.

A Morte compreendeu que estava retida no escabelo, como outrora na laranjeira, por um poder sobrenatural; mas, no seu furor, nada queria conceder.

– Sei um meio de tornar-te razoável – disse Federigo.

E mandou lançar três feixes no fogo. A chama, num momento, encheu a lareira, de modo que a Morte se viu num verdadeiro suplício:

– Misericórdia! – gritou ela, sentindo queimarem-se os seus velhos ossos. – Eu te prometo quarenta anos de saúde.

A estas palavras, Federigo rompeu o encanto, e a Morte fugiu, meio tostada.

Findo o prazo, voltou em busca de seu homem, que a esperava de pé firme, com um saco às costas.

– Chegou a tua hora – disse ela, entrando bruscamente. – Não há como recusar. Mas que pretendes fazer com esse saco?

– Contém as almas de doze jogadores meus amigos, que eu outrora livreí do inferno.

– Que voltem para lá contigo! – disse a Morte.

E, tomando Federigo pelos cabelos, lançou-se aos ares, voou para o sul, e mergulhou com sua presa nos abismos do monte Gibel. Chegando às portas do inferno, bateu três vezes.

– Quem vem lá? – indagou Plutão.

– Federigo, o jogador – respondeu a Morte.

– Não abram! – exclamou Plutão, que logo se lembrou das doze partidas que perdera. – Esse velhaco é capaz de despovoar o meu império.

Recusando-se Plutão a abrir, a Morte transportou seu prisioneiro às portas do purgatório; mas, vendo que ele se achava em estado de pecado mortal, o anjo de guarda não lhe permitiu entrar.

E, com grande pesar da Morte, que tinha má vontade contra Federigo, não houve outro remédio senão conduzir o comboio para as regiões celestes.

– Quem és tu? – perguntou são Pedro a Federigo, quando a Morte o depôs à entrada do paraíso.

– Vosso antigo hospedeiro, aquele que vos obsequiou outrora com o produto da sua caçada.

– E ainda ousas apresentar-te aqui no estado em que te vejo? – exclamou são Pedro. – Não sabes que o céu está fechado para os teus semelhantes? Como! Não mereces nem o purgatório, e queres um lugar no paraíso!

– São Pedro – retrucou Federigo –, foi assim que vos acolhi quando, há cerca de cento e oitenta anos, me fostes pedir hospedagem, com o vosso Divino Mestre?

– Tudo isso é muito bonito – redarguiu são Pedro, em tom zombeteiro, embora comovido –, mas não posso assumir a

responsabilidade de deixar-te passar. Vou informar Jesus Cristo da tua chegada; veremos o que ele diz.

Nosso Senhor, avisado, veio até a porta do paraíso, onde encontrou Federigo de joelhos na soleira, com as suas doze almas, seis de cada lado. E então, deixando-se tomar de compaixão:

– Por ti ainda passa – disse ele a Federigo –, mas essas doze almas que o inferno reclama, eu não poderia, em consciência, deixá-las entrar.

– Como, Senhor! – exclamou Federigo. – Quando tive a honra de vos receber, em minha casa, não vínheis acompanhado de doze viajantes, que acolhi, como a vós, da melhor maneira que me foi possível?

– Não há como resistir a esse homem – disse Jesus Cristo. – Entra, já que estás aqui; mas não te gables da graça que te concedo; seria um mau precedente.

41. Este conto é popular no reino de Nápoles. Nele se nota, como em muitas outras histórias originárias da mesma região, uma bizarra mescla da mitologia grega com as crenças do cristianismo; parece ter sido composto pelos fins da Idade Média. (N. do A.)

42. Os *condottieri* eram os chefes de grupos de mercenários, ligados por contrato pecuniário aos chefes das cidades-Estado italianas e ao papado com vistas à sua proteção militar. O costume de contratar mercenários perdurou de fins da Idade Média – quando as pequenas cidades-Estado italianas (sobretudo Florença, Gênova e Veneza) passam a liderar o comércio com o Oriente e veem necessária a manutenção de exércitos para assegurar seu poder – até fins do séc.XVI.

43. Colinas férteis localizadas na região da Campânia, no sul da península italiana.

44. “Deveras estupendo”, em italiano no original.

45. “Seja-te concedido”, em italiano no original.

46. Livro de devoção, contendo o calendário de festas e santos, orações comuns e de penitência, além da Liturgia das Horas.

47. Palavra que, em árabe, designa “montanha” e dá um dos nomes históricos do vulcão Etna. O nome árabe para o Etna era *Gibel Utlamat* (“montanha de fogo”), donde a corruptela “Mons Gibel”, monte Gibel (literalmente, “monte monte”) e, em siciliano, *Mongibeddu*.

O VASO ETRUSCO

AUGUSTO SAINT-CLAIR não era estimado no que se costuma chamar de sociedade; a principal razão disso era que só tentava agradar àqueles de quem se agradava. Procurava a uns e evitava a outros. Era, aliás, distraído e indolente. Uma noite, quando saía do Teatro Italiano, perguntou-lhe a marquesa A... como havia cantado a srta. Sontag.⁴⁸ “Sim, minha senhora”, respondeu Saint-Clair com um sorriso amável, e pensando em coisa muito diferente. Não se podia atribuir à timidez essa ridícula resposta, pois costumava falar a um grande senhor, a um grande homem, e até a uma mulher da moda, com tanta segurança como se falasse com um seu igual. A marquesa concluiu que Saint-Clair era um prodígio de impertinência e fatuidade.

A sra. B... convidou-o para jantar, numa segunda-feira. Ela conversou bastante; e Saint-Clair, ao sair da casa da dama, declarou que jamais encontrara mulher tão amável. A sra. B... acumulava espírito com os outros durante um mês e despendia-o em casa, numa noite. Saint-Clair tornou a vê-la na quinta-feira da mesma semana. Desta vez, aborreceu-se um pouco. Outra visita o decidiu a não mais aparecer nos salões da dama. A sra. B... espalhou que Saint-Clair era um jovem sem delicadeza nem distinção.

Nascera com um coração terno e amorável; mas, numa idade em que se recebem facilmente impressões que duram toda a vida, sua sensibilidade muito expansiva lhe atraía a zombaria dos camaradas. Era altivo, ambicioso; como as crianças, ligava muita importância à opinião dos outros. Desde então, esforçou-se por ocultar todas as aparências do que considerava uma desonrosa fraqueza. Atingiu seu fim; mas a vitória saiu-lhe caro. Pôde dissimular aos outros as emoções de sua alma demasiado sensível; mas, encerrando-as em si

próprio, tornou-as mil vezes mais cruéis. Obteve, na sociedade, a triste reputação de insensível e descuidoso; e, na solidão, sua imaginação inquieta criava-lhe tormentos tanto mais horríveis porquanto a ninguém os confiaria.

Na verdade é difícil encontrar um amigo!

Difícil! Será possível? Acaso já existiram dois homens que não tivessem segredos em comum? Saint-Clair não acreditava em amizade e disto se apercebiam os outros. Achavam-no frio e reservado com os jovens da sociedade. Nunca os interrogava sobre os seus segredos; e todos os pensamentos de Saint-Clair e a maioria das suas ações eram um mistério para eles. Gostam os franceses de falar de si mesmos; de modo que Saint-Clair, mau grado seu, era depositário de muitas confidências. Seus amigos, e esta palavra designa as pessoas a quem vemos duas vezes por semana, queixavam-se da sua desconfiança para com eles; de fato, aquele que, sem que o interroguem, nos dá parte do seu segredo, ordinariamente se ofende por não ficar sabendo o nosso. Imagina-se que deva haver reciprocidade na indiscrição.

– Ele é abotoado até o queixo – comentava um dia o belo chefe de esquadrão Afonso de Thémynes. – Jamais poderei ter a mínima confiança nesse diabo do Saint-Clair.

– Creio que é um tanto jesuíta – tornou Júlio Lambert. – Alguém me jurou tê-lo visto sair duas vezes da igreja de são Suplício. Ninguém sabe o que ele pensa. Quanto a mim, nunca poderei sentir-me à vontade com Saint-Clair.

Separaram-se. Afonso encontrou Saint-Clair no bulevar des Italiens, andando de cabeça baixa e sem olhar para ninguém. Deteve-o, tomou-lhe o braço e, antes que houvessem chegado à rua de la Paix, lhe havia contado toda a história de seus amores com a sra. ..., cujo marido é tão ciumento e brutal.

Naquela mesma noite, Júlio Lambert perdeu todo o dinheiro que trazia, no *écarté*.⁴⁹ Pôs-se a dançar. Enquanto dançava, deu um encontrão num homem, que, tendo também perdido todo o seu dinheiro, estava de muito mau humor. Daí algumas frases incivis: duelo ajustado. Júlio pediu a Saint-Clair que lhe servisse de

testemunha e, na mesma ocasião, pediu-lhe dinheiro emprestado, que nunca se lembrou de restituir.

Afinal de contas, Saint-Clair era um homem muito acomodaticioso. Seus defeitos só a ele mesmo prejudicavam. Era prestadio, muitas vezes amável, raramente aborrecido. Viajara muito, lera muito, e só falava de suas viagens e leituras quando solicitado. De resto, era alto, elegante; tinha uma fisionomia nobre e tranquila, quase sempre demasiado grave; mas o seu sorriso era cheio de graça.

Esquecia um ponto importante. Saint-Clair era atento para com quase todas as mulheres, e buscava o seu convívio mais que o dos homens. Amava? Difícil decidi-lo. Somente, se aquela criatura tão fria experimentava amor, sabia-se que a linda condessa Matilde de Coursy devia ser o objeto de sua preferência. Tratava-se de uma jovem viúva junto à qual era assíduo. Para chegar-se a uma conclusão quanto à intimidade de ambos, havia as presunções seguintes: primeiro, a polidez quase cerimoniosa de Saint-Clair para com ela, e vice-versa; depois, a sua afetação de nunca lhe pronunciar o nome em sociedade; ou nunca lhe fazer o mínimo elogio, quando obrigado a falar dela; além disso, antes de lhe ser apresentado, Saint-Clair amava apaixonadamente a música, e a condessa tinha igual afeição à pintura. Depois de se haverem conhecido, seus gostos se haviam trocado. Enfim, tendo a condessa seguido para uma estação de águas no ano passado, Saint-Clair para lá partira seis dias depois.

OBRIGA-ME O MEU dever de narrador a declarar que, por uma noite do mês de julho, pouco antes do nascer do sol, se abriu o portão do parque de uma casa de campo, e dali saiu um homem com todas as precauções de um ladrão que teme ser surpreendido. Aquela casa pertencia à sra. de Coursy, e aquele homem era Saint-Clair. Uma mulher, envolta numa peliça, acompanhou-o até o portão, e pôs a cabeça para fora, a fim de o ver ainda algum tempo, enquanto ele se afastava, descendo o caminho que margeava o muro do parque. Saint-Clair parou, lançou em redor um olhar circunspeto, e fez sinal à mulher para que entrasse. A claridade de uma noite de verão lhe

permitia distinguir seu vulto branco, sempre imóvel no mesmo lugar. Saint-Clair voltou, aproximou-se dela, e apertou-a carinhosamente nos braços. Queria induzi-la a entrar; mas tinha ainda mil coisas a dizer-lhe. Fazia dez minutos que durava a conversa, quando ouviram a voz de um camponês que saía para o trabalho. Um beijo dado e devolvido, um portão que se fecha, e Saint-Clair, de um salto, está à beira da estrada.

Seguia um caminho que parecia bastante familiar. Ora quase saltava de alegria e corria, batendo as moitas com a bengala; ora parava, ou caminhava devagar, contemplando o céu que se coloria de púrpura para as bandas do oriente. Em suma, quem o visse, tomá-lo-ia por um louco, encantado de haver quebrado as grades da prisão. Após meia hora de marcha, estava à porta de uma pequena casa isolada, que alugara para a estação. Tinha uma chave; entrou; depois se lançou sobre um grande canapé, e, com os olhos fixos e um doce sorriso nos lábios, cismava e sonhava acordado. A imaginação só lhe apresentava pensamentos de felicidade. “Como sou feliz!”, dizia consigo a cada instante. “Encontrei afinal um coração que compreende o meu!... Sim, foi o meu ideal que eu encontrei... Tenho, ao mesmo tempo, um *amigo* e uma amante... Que caráter!... Que alma apaixonada!... Não, ela nunca amou antes de encontrar-me...” E logo, como a vaidade se insinua em todas as coisas deste mundo: “É a mais bela mulher de Paris”, pensava ele. E a imaginação retraçava-lhe todos os seus encantos. “Ela escolheu-me dentre todos. E tinha entre os seus admiradores o que há de melhor na sociedade. Esse coronel dos húsares, tão bem-parecido, tão bravo, e nada tolo... Esse jovem autor que faz tão lindas aquarelas e representa tão bem... Esse Lovelace⁵⁰ russo que esteve nos Bálcãs e serviu com Diebitch...⁵¹ E principalmente Camilo T..., que tem inegável espírito, boas maneiras, e uma bela cicatriz de espada na fronte... A todos, ela despachou... Quanto a mim...” Vinha então o estribilho: “Como sou feliz! Como sou feliz!” E erguia-se, abria a janela, pois não podia respirar; depois andava de um lado para outro, depois se agitava no canapé.

Um amante feliz é quase tão aborrecido como um apaixonado infeliz. Um amigo meu, que frequentemente se encontrava em uma ou outra dessas duas posições, não descobrira outro meio de fazer-se ouvir senão oferecendo-me um excelente almoço, durante o qual tinha toda a liberdade de falar em seus amores; mas, servido o café, era obrigado a mudar de assunto.

Como não posso dar de almoçar a todos os meus leitores, poupo-lhes os pensamentos amorosos de Saint-Clair. De resto, nem sempre se pode permanecer na região das nuvens. Saint-Clair estava fatigado, bocejou, espreguiçou-se, percebeu que o sol já ia alto; afinal era preciso dormir. Quando despertou, viu no relógio que mal tinha tempo de vestir-se e correr a Paris, onde fora convidado para um almoço-jantar com vários rapazes seus conhecidos.

ACABAVAM DE ABRIR mais uma garrafa de champanha; deixo ao leitor o cuidado de lhe determinar o número. Basta-lhe saber que haviam chegado a esse momento, que tão depressa ocorre em uma reunião de rapazes, quando todo o mundo quer falar ao mesmo tempo e as cabeças fortes começam a temer pelas fracas.

– Eu desejaría – disse Afonso de Thémínes, que nunca perdia ensejo de referir-se à Inglaterra –, eu desejaría que fosse moda em Paris, como em Londres, levantar cada qual um brinde à sua amada. Assim, saberíamos ao certo por quem suspira o nosso amigo Saint-Clair.

Dizendo isto, enchia sua taça e a dos vizinhos.

Saint-Clair, um pouco embaraçado, preparava-se para responder; mas Júlio Lambert tomou-lhe a dianteira:

– Aprovo plenamente esse uso, e adoto-o – disse ele. E, erguendo a taça: – A todas as modistas de Paris! Exceto as que têm trinta anos, as vésias, as coxas etc.

– Hurra! Hurra! – gritaram os jovens anglômanos.

Saint-Clair levantou-se, empunhando a taça:

– Senhores, não tenho um coração tão vasto como o de nosso amigo Júlio, mas é mais constante. Ora, tanto mais meritória é a

minha constância, visto que me acho há muito separado da dama de meus pensamentos. Contudo, estou certo de que aprovam minha escolha, se é que já não são meus rivais. A Judith Pasta,⁵² senhores! Possamos rever em breve a primeira trágica da Europa!

Thémines queria criticar o brinde; mas as aclamações interromperam-no. Saint-Clair, tendo aparado aquele bote, julgava-se livre do assunto para o resto do dia.

A conversa caiu então sobre os espetáculos. A censura teatral serviu de transição para a política. De lorde Wellington,⁵³ passou-se para os cavalos ingleses e, dos cavalos ingleses, para as mulheres, por uma associação de ideias fácil de compreender; pois, para os jovens, um lindo cavalo primeiro e uma bonita amante depois são os dois objetos mais desejáveis deste mundo.

Discutiram então os meios de adquirir tão desejáveis objetos. Os cavalos compram-se; mulheres, também; mas destas não falemos. Saint-Clair, depois de haver alegado modestamente o seu pouco de experiência nesse delicado assunto, concluiu que a primeira condição para a gente agradar a uma mulher é singularizar-se, ser diferente dos outros. Mas haveria uma fórmula geral de singularidade? Não acreditava.

– De modo que, a teu ver – disse Júlio –, um coxo ou um corcunda estão em melhores condições de agradar do que um homem normal?

– Levas a coisa muito longe; mas aceito, se é preciso, todas as consequências da minha proposição. Por exemplo, eu, se fosse corcunda, não meteria uma bala nos miolos, mas daria para fazer conquistas. Antes de tudo, só me dirigiria a duas espécies de mulheres: aquelas que possuem uma verdadeira sensibilidade, ou aquelas, cujo número é grande, que têm a pretensão de possuir um caráter original, *eccentric*, como se diz na Inglaterra. Às primeiras, eu pintaria o horror da minha posição, a crueldade da natureza para comigo. Trataria de apiedar-lhes o coração, procuraria fazê-las suspeitar de que sou capaz de um amor apaixonado. Mataria em duelo a um de meus rivais, e me envenenaria com uma dose insuficiente de láudano. Ao cabo de alguns meses, não mais se veria

a minha bossa, e então só me competiria ficar à espreita do primeiro acesso de sensibilidade. Quanto às mulheres que ostentam originalidade sua conquista é fácil. É só persuadi-las de que é uma regra estabelecida que os corcundas não podem ter sorte em amor; e elas em seguida hão de querer dar um desmentido à regra geral.

– Que d. Juan! – exclamou Júlio.

– Quebremos as nossas pernas, senhores – disse o coronel Beaujeu –, já que tivemos a desgraça de não nascer corcundas.

– Sou inteiramente da opinião de Saint-Clair – disse Heitor Roquantin, que não tinha mais que três pés e meio de altura. – Veem-se todos os dias as mulheres mais belas e mais em moda entregarem-se a sujeitos de quem vocês, moços bonitos, jamais desconfiariam...

– Heitor, levanta-te, por favor, e toca a sineta, para que nos tragam vinho – disse Thémínes, com o ar mais natural do mundo.

O anão ergueu-se, e cada qual se lembrou, sorrindo, da fábula da raposa de rabo cortado.

– Quanto a mim – disse Thémínes, reencetando a conversação –, quanto mais vivo mais me convenço de que uma cara passável (e ao mesmo tempo lançava um olhar complacente ao espelho que lhe ficava oposto), uma cara passável e gosto no vestir são a grande singularidade que seduz as mais cruéis. – E, com um piparote, fez saltar uma migalha de pão que lhe ficara presa à lapela.

– Qual! – exclamou o anão. – Com uma linda cara e um traje de Staub,⁵⁴ têm-se mulheres que a gente conserva por oito dias e que nos aborrecem no segundo encontro. É preciso algo mais para fazer-se amar, o que se chama verdadeiramente amor... É preciso...

– Olhem – interrompeu Thémínes –, querem um exemplo concludente? Vocês todos conheceram Massigny, e sabem que espécie de homem era ele. Maneiras de *groom*⁵⁵ inglês, e uma conversa como a de seu cavalo... Mas era belo como Adônis⁵⁶ e compunha a gravata como Brummel.⁵⁷ Em suma, a criatura mais aborrecida que conheci.

– Ele quase me matou de aborrecimento – disse o coronel Beaujeu. – Imaginem que fui obrigado a fazer duzentas léguas em sua companhia.

– E não sabem – perguntou Saint-Clair – que foi ele quem causou a morte do pobre Ricardo Thornton?

– Mas tu então não sabes – retrucou Júlio – que Thornton foi assassinado pelos salteadores, perto de Fondi?

– De acordo; mas vão ver que Massigny foi pelo menos cúmplice do crime. Vários viajantes, entre os quais Thornton, haviam combinado ir todos juntos a Nápoles, por medo aos salteadores. Massigny fez questão de juntar-se à caravana. Logo que Thornton o soube, tomou a dianteira, horrorizado, creio eu, por ter de passar alguns dias com Massigny. Partiu sozinho, e o resto vocês sabem.

– Thornton tinha razão – disse Thémínes – e, dentre duas mortes, escolheu a mais suave. Qualquer um teria feito o mesmo no seu lugar.

E após uma pausa:

– Concordam então comigo – disse ele –, em que Massigny era o homem mais aborrecido do mundo?

– Concordamos – foi o brado unânime.

– Não desesperemos ninguém – disse Júlio. – Abramos uma exceção em favor de..., principalmente quando desenvolve os seus planos políticos.

– Hão de convir agora – prosseguiu Thémínes –, que a sra. de Coursy é uma mulher superior.

Houve um momento de silêncio. Saint-Clair conservava a cabeça baixa e imaginava que todos os olhos estavam fixos na sua pessoa.

– Quem duvida disso? – disse afinal, sempre inclinado sobre o prato e parecendo examinar com muita curiosidade as flores pintadas na porcelana.

– Sustento – disse Júlio, elevando a voz –, sustento que é uma das três mais amáveis mulheres de Paris.

– Conheci-lhe o marido – disse o coronel –, muitas vezes mostrou-me encantadoras cartas da esposa.

– Augusto – interrompeu Heitor Roquantin –, apresenta-me então à condessa. Dizem que tens grande influência em casa dela.

– Pelo fim do outono – murmurou Saint-Clair –, quando a condessa tiver voltado a Paris... Eu... eu não creio que ela receba no campo...

– Querem ou não querem escutar-me? – exclamou Thémynes. Saint-Clair agitava-se na cadeira como um acusado diante do tribunal.

– Tu não viste a condessa há três anos – tornou Afonso de Thémynes, com um exasperante sangue-frio. – Estavas então na Alemanha. Não podes imaginar o que ela era: linda, fresca como uma rosa, viva principalmente, e alegre como uma borboleta. Pois bem, dentre os seus inúmeros admiradores, sabes qual foi o contemplado com as suas bondades? Massigny! O mais estúpido e tolo dos homens virou a cabeça da mais inteligente das mulheres. Acreditas que um corcunda poderia fazer o mesmo? Não, não há como ter uma bela cara, um bom alfaiate, e ousadia!

Saint-Clair estava numa situação atroz. Ia dar um formal desmentido ao narrador; mas reteve-o o medo de comprometer a condessa. Desejaria poder dizer algo em favor dela; mas a sua língua estava paralisada. Os lábios tremiam-lhe de furor, e ele em vão procurava um meio indireto de suscitar uma disputa.

– Como! – exclamou Júlio atônito. – A sra. de Coursy entregou-se a Massigny! *Frailty, thy name is woman!*⁵⁸

– É coisa tão sem importância a reputação de uma mulher! – disse Saint-Clair num tom seco e desdenhoso. – É permitido estraçalhá-la para fazer um pouco de espírito, e...

Enquanto falava, lembrou-se com horror de certo vaso etrusco que vira cem vezes sobre a lareira da condessa em Paris. Sabia que era um presente que Massigny lhe trouxera da Itália, e – terrível circunstância! – aquele vaso fora transportado de Paris para o

campo. E todas as noites, Matilde, ao desprender seu ramallete, colocava-o no vaso etrusco!

[A palavra morreu em seus lábios; ele agora só via uma coisa, só pensava em uma coisa: no vaso etrusco!]

Bela prova! Dirá um crítico: suspeitar da amante por tão pouco!

O senhor nunca esteve apaixonado, sr. crítico?

Thémines estava de muito bom humor para ofender-se com o tom de Saint-Clair. Respondeu com um ar de ligeireza e bonomia.

– Limito-me a repetir o que dizem na sociedade. A coisa passava por certa quando estavas na Alemanha. De resto, pouco conheço a sra. de Coursy; faz dezoito meses que não vou à sua casa. É possível que estejam enganados e que Massigny haja inventado uma história. Voltando ao que nos ocupa, mesmo que fosse falso o exemplo citado, nem por isso eu deixaria de ter razão. Todos aqui sabem que a mulher mais espirituosa de França, aquela cujas obras...

Nisto a porta se abriu, e entrou Teodoro Néville. Voltava do Egito.

Teodoro! Já de volta! Crivaram-no de perguntas.

– Trouxeste um verdadeiro traje turco? – indagou Thémines. – Tens um cavalo árabe e um criado egípcio?

– Que espécie de homem é o pachá?⁵⁹ – inquiriu Júlio. – Quando pretende tornar-se independente? Viste cortar um pescoço com um só golpe de espada?

– E as almeias? – informou-se Roquantin. – São bonitas as mulheres do Cairo?

– Viste o general L...? – perguntou o coronel Beaujeu. – Como organizou ele o exército do pachá? O coronel C... não te entregou um sabre para mim?

– E as pirâmides? E as cataratas do Nilo? E a estátua de Memnon?⁶⁰ E Ibrahim pachá?⁶¹ etc. – Todos falavam ao mesmo tempo; Saint-Clair só pensava no vaso etrusco.

Sentado com as pernas cruzadas, pois adquirira esse hábito no Egito e não pudera perdê-lo em França, Teodoro esperou que os

perguntadores se cansassem e falou como se segue, bastante depressa para que não o interrompessem:

– As pirâmides? Um *regular humbug*,⁶² palavra. Não são assim tão altas como se supõe. O Munster de Estrasburgo⁶³ só tem quatro metros a menos. De antiguidades estou por aqui! Não me falem nisso! A simples vista de um hieróglifo me faria desmaiar. Há tantos viajantes que se ocupam dessas coisas! Mas o meu fim foi estudar a fisionomia e os costumes de toda aquela população bizarra que formiga nas ruas de Alexandria e do Cairo: turcos, beduínos, coptas, felás, mogrebinos. Redigi às pressas algumas notas, enquanto estava no lazareto. Que infâmia, aquele lazareto! Espero que vocês não acreditem no contágio! Quanto a mim, fumei tranquilamente o meu cachimbo, no meio de trezentos pestíferos. Ah! Coronel, o senhor haveria de ver por lá uma esplêndida cavalaria. Hei de mostrar-lhe as armas soberbas que eu trouxe. Tenho um djerid⁶⁴ que pertenceu ao famoso Murad-*bev*.⁶⁵ Tenho um iatagã para o senhor, coronel, e um *kandjar* para Augusto. Verão o meu *metchlá*, meu *burnús*, o meu *hhaïck*.⁶⁶ Sabem que só dependia de mim trazer mulheres? Ibrahim pachá importou-as em tal quantidade da Grécia, que elas estão por quase nada... Mas, por causa de minha mãe... Conversei muito com o pachá. É um homem de espírito, caramba! Sem preconceitos. Não imaginam como é entendido nos nossos assuntos. Está a par dos menores mistérios de nosso gabinete. Obtive, na sua conversa, preciosos informes sobre a situação dos partidos franceses... Atualmente se ocupa muito de estatística. Assina todos os nossos jornais. Sabem que ele é um feroz bonapartista? Só fala de Napoleão. “Ah! Que grande homem esse *Bunabardo!*” – dizia-me ele. – Bunabardo, é assim que eles chamam Bonaparte.

– Giurdina, isto é, Jourdain⁶⁷ – murmurou Thémimes.

– No princípio – continuou Teodoro –, Mehemet-Ali mostrava-se extremamente reservado comigo. Bem sabem vocês como os turcos são desconfiados. Tomava-me por um espião, ou por um jesuíta. Ele tem horror aos jesuítas. Mas, após algumas visitas, reconheceu que era um viajante sem preconceitos, curioso por informar-me dos

hábitos e costumes e da política do Oriente. Então, abriu-se e falou-me de coração aberto. Na minha última audiência, a terceira que me concedia, tomei a liberdade de dizer-lhe: “Não concebo por que Tua Alteza não se torna independente da Porta.”⁶⁸ “Meu Deus!”, disse ele, “bem que o desejaria; mas temo que os jornais liberais, que governam tudo no teu país, não me apoiem quando eu houver proclamado a independência do Egito.” É um bonito velho, de belas barbas brancas, e que nunca ri. Presenteou-me com excelentes compotas; mas, de tudo o que lhe dei, o que mais agradou foi a coleção dos uniformes da Guarda Imperial, por Charlet.⁶⁹

– O pachá é romântico? – perguntou Thémínes.

– Ele pouco se ocupa de literatura; mas decerto não ignoras que a literatura árabe é inteiramente romântica. Tem um poeta chamado Melek Ayatalnefus-Ebn-Esraf, que ultimamente publicou *Meditações* junto às quais as de Lamartine⁷⁰ pareceriam prosa clássica. Ao chegar ao Cairo, tomei um professor de árabe, com quem me pus a ler o *Alcorão*. Embora só tivesse tomado poucas lições, bastaram-me para compreender as sublimes belezas do estilo do profeta e como são más todas as nossas traduções. Olhem, querem ver a escrita árabe? Esta palavra em letras de ouro é *Allah*, isto é, Deus.

Assim falando, mostrava uma carta muito suja, que tirara de uma bolsa de seda perfumada.

– Quanto tempo te demoraste no Egito? – indagou Thémínes.

– Seis semanas.

E o viajante continuou a descrever tudo, desde o cedro até o hissopo.⁷¹ Saint-Clair retirou-se quase imediatamente após sua chegada, e rumou para a casa de campo onde residia. O galope impetuoso do cavalo impedia-o de seguir nitidamente suas ideias. Mas vagamente sentia que estava para sempre destruída a sua felicidade neste mundo, e que ele só podia pedir contas a um morto e a um vaso etrusco.

Chegando em casa, lançou-se ao canapé, onde ainda, na véspera, tão longa e deliciosamente analisara a sua felicidade. A ideia que mais amorosamente acariciara era a de que sua amante não era

uma mulher como as outras, e que não havia amado nem podia amar senão a ele. Agora esse belo sonho desaparecia perante a triste e cruel realidade. “Eu possuo uma bela mulher, apenas isto. Ela tem espírito: e isso ainda a torna mais culpada, porque pôde amar a Massigny!... É verdade que agora ela me ama... com toda a sua alma... como é capaz de amar. Ser amado como foi amado Massigny! Ela rendeu-se às minhas atenções, às minhas lisonjas, às minhas insistências. Mas enganei-me. Não havia simpatia entre nossos dois corações. Massigny ou eu, para ela vem a dar no mesmo. Ele era belo, ela amou-o por sua beleza. Quanto a mim, divirto às vezes a madame. ‘Pois bem, amemos Saint-Clair’, disse ela consigo, ‘já que o outro está morto! Agora, se Saint-Clair morre, ou me aborrece, veremos o que se há de fazer.’”

Creio firmemente que o diabo está, invisível, à escuta, junto de um infeliz que assim se tortura a si mesmo. Esse espetáculo é divertido para o inimigo dos homens e, quando a vítima sente as suas feridas se fecharem, ali está o diabo para as abrir.

Saint-Clair julgou ouvir uma vez que lhe murmurava ao ouvido:

A honra singular de ser o sucessor.....

Soergueu o corpo e lançou um olhar feroz em torno de si. Que feliz seria, se encontrasse alguém no seu quarto! Sem dúvida o estraçalharia.

O relógio bateu oito horas. Às oito e meia, a condessa o espera. E se ele faltasse à entrevista! “De fato, para que ir ver a amante de Massigny?” Tornou a deitar-se no canapé e fechou os olhos. “Quero dormir”, disse ele. Permaneceu imóvel um meio minuto, depois se pôs de pé e correu ao relógio para ver o progresso do tempo. “Como eu desejaria que já fossem oito e meia!”, pensou ele. “Seria então demasiado tarde para me pôr a caminho.” No íntimo, não se sentia com coragem para permanecer em casa; queria ter um pretexto. Desejaria estar gravemente enfermo. Passeou pelo quarto, depois sentou, abriu um livro, e não pôde ler uma única sílaba. Sentou-se ao piano, e não teve forças para abri-lo. Assobiou, olhou as nuvens,

e tentou contar os choupos que avistava da janela. Voltou enfim a consultar o relógio e viu que não conseguira passar três minutos. “Não posso deixar de amá-la!”, exclamou, rangendo os dentes e batendo com o pé. “Ela me domina, e eu sou seu escravo, como Massigny o foi antes de mim! Pois bem, miserável, obedece, já que não tens coragem bastante para quebrar os ferros que tanto odeias!”

Tomou o chapéu e saiu precipitadamente.

Quando nos arrebatamos uma paixão, experimentamos algum consolo de amor-próprio em contemplar a nossa fraqueza do alto de nosso orgulho. “É verdade que sou fraco (pensa-se), mas se eu quisesse!...”

Subia devagar o caminho que levava ao portão do parque, e de longe avistava um vulto branco que se destacava sobre o fundo escuro das árvores. O vulto agitava um lenço como para lhe fazer sinal. O coração de Saint-Clair batia com violência, tremiam-lhe os joelhos, à medida que se aproximava; não tinha forças para falar, e tornara-se tão tímido que temia que a condessa lhe descobrisse no rosto o seu estado.

Tomou a mão que Matilde lhe estendia, beijou-lhe a fronte, visto que ela se lançara de encontro a seu peito, e seguiu-a silencioso até o apartamento, abafando a custo os suspiros que pareciam rebentar-lhe o peito.

Uma única vela alumia o camarim da condessa. Sentaram-se ambos. Saint-Clair notou o penteado da amiga; uma única rosa nos cabelos. Levava-lhe na véspera uma bela gravura inglesa, a *Duquesa de Portland*,⁷² por Lesby, onde ela está penteada dessa maneira. Dissera-lhe então: “Gosto mais desta simples rosa nos cabelos que de todos esses penteados em moda.” Não gostava de joias, e pensava como aquele lorde que dizia brutalmente: “Mulher enfeitada, cavalo ajaezado, o diabo os entenda.” Na última noite, brincando com um colar de pérolas da condessa (pois, enquanto falava, precisava ter sempre alguma coisa entre as mãos), dissera-lhe: “Joias só servem para ocultar defeitos. E tu és muito bonita, Matilde, para as usares.” Naquela noite, a condessa, que guardava

até as suas frases mais indiferentes, despojara-se de anéis, colares, brincos e pulseiras. Em matéria de *toilette*, atentava ele principalmente no calçado e, como muitos outros, tinha suas manias a esse respeito. Ora, tombara uma forte chuvarada, antes do pôr do sol, o chão ainda estava molhado, e no entanto a condessa marchara sobre a relva úmida com sapatos de cetim negro e meias de seda... E se fosse adoecer?

“Ela me ama”, disse consigo Saint-Clair.

E suspirou por si mesmo e por sua loucura. E contemplava-a sorrindo, mau grado seu, dividido entre a angústia e o prazer de ver como uma linda mulher procurava agradar-lhe por meio de todos esses pequeninos nada que têm tanto valor para os amantes.

Quanto à condessa, sua fisionomia radiante exprimia uma mescla de amor e brejeirice que a tornava ainda mais adorável. Tirou alguma coisa de um cofre de laca e, apresentando a mão fechada, onde ocultava um objeto, disse-lhe:

– Na outra noite quebrei o teu relógio. Aqui está ele consertado.

Entregou-lhe o relógio, e contemplava Saint-Clair com um ar ao mesmo tempo carinhoso e faceto, mordendo o lábio inferior, como para impedir o riso. Meus Deus! Que lindos dentes aqueles! Com que alvura brilhavam sobre o róseo ardente dos lábios! (Um homem deve parecer muito tolo quando recebe friamente as lisonjas de uma bela mulher.)

Saint-Clair agradeceu-lhe, pegou o relógio e ia metê-lo no bolso:

– Mas olha – continuou ela –, debes abri-lo para ver se está bem consertado. Tu que sabes tanto, que estiveste na Escola Politécnica, tens de ver esse trabalho.

– Oh! Pouco entendo de relojoaria – disse Saint-Clair.

E abriu distraidamente a tampa do relógio. Mas qual não foi a sua surpresa! Ali estava pintado o retrato, em miniatura, da sra. de Coursy. Como zangar-se ainda? O rosto de Saint-Clair desanuviou-se; não mais pensou em Massigny; lembrou-se apenas de que estava perto de uma mulher encantadora, e que essa mulher o adorava.

A COTOVIA, essa mensageira da aurora, já começava a cantar, e grandes faixas de luz pálida listravam as nuvens do oriente. É então que Romeu diz adeus a Julieta, é a hora clássica em que todos os amantes devem separar-se.

Saint-Clair achava-se de pé ante uma lareira, com a chave do parque na mão, e os olhos atentamente fixos no vaso etrusco de que já falamos. No íntimo, ainda lhe guardava rancor. Todavia, estava bem-disposto, e começava a delinear-se-lhe no espírito a ideia muito simples de que Thémises poderia ter mentido. Enquanto Matilde, que queria acompanhá-lo até o portão, punha um xale à cabeça, ele batia suavemente com a chave no vaso odioso, aumentando gradativamente a força dos golpes, de modo a fazer crer que iria em breve estilhaçá-lo.

– Meu Deus! Cuidado! – exclamou Matilde. – Vais quebrar o meu belo vaso etrusco!

E arrancou-lhe a chave das mãos.

Saint-Clair estava muito descontente, mas resignado. Voltou as costas para a lareira, a fim de não sucumbir à tentação, e, abrindo o relógio, pôs-se a considerar o retrato que acabava de receber.

– Quem é o pintor? – indagou ele.

– O sr. R... Conheci-o por intermédio de Massigny. (Desde sua viagem a Roma, Massigny descobrira possuir um apurado gosto pelas belas-arts, e arvorara-se em Mecenas⁷³ de todos os jovens artistas). Na verdade, acho esse retrato muito parecido, embora um pouco lisonjeiro.

Saint-Clair teve vontade de lançar o relógio contra a parede, o que o tornaria assaz difícil de consertar. Conteve-se, no entanto, e guardou-o no bolso; depois, notando que já era dia, retirou-se, pediu a Matilde que não o acompanhasse, atravessou o parque a passos largos e, dentro em pouco, se via sozinho no campo.

– Massigny! Massigny! – exclamava, com raiva concentrada. – Será que hei de encontrar-te sempre!?... Sem dúvida, o pintor que fez esse retrato pintou um outro para Massigny!... Que imbecil eu era! Cheguei por um instante a acreditar que era amado com um

amor igual ao meu... e isto só porque ela se touca com uma rosa e não usa joias! Pois se tem uma secretária cheia delas... Massigny, que só se preocupava com a *toilette* das mulheres, gostava tanto de joias!... Sim, convenhamos que ela tem um excelente gênio. Sabe adaptar-se ao gosto dos amantes. Mil vezes preferiria que ela fosse uma cortesã e se houvesse entregue por dinheiro. Ao menos poderia acreditar que ela me ama, visto que ela é minha amante e eu não lhe pago nada.

Logo outro pensamento, ainda mais aflitivo, se lhe apresentou ao espírito. Dali a algumas semanas, terminaria o luto da condessa, e ele deveria desposá-la, logo que transcorresse o ano de viuvez. Assim lho prometera. Prometera-o? Não. Nunca lhe falara naquilo. Mas tal era a sua intenção, e a condessa o compreendera. O que, para ele, equivalia a um juramento. Na véspera, daria um trono para apressar o instante em que pudesse confessar de público o seu amor; agora estremecia ao pensamento de ligar o seu destino à antiga amante de Massigny.

– E, no entanto, DEVO FAZÊ-LO! – pensou. – A pobre julgava, sem dúvida, que eu conhecia a sua passada aventura. Dizem que a coisa foi pública. E, de resto, ela não me conhece... Não pode compreender-me. Pensa que a amo apenas como Massigny a amava.

Disse então para si, não sem orgulho:

– Durante três meses ela me tornou o mais feliz dos homens. Esta felicidade bem vale o sacrifício de minha vida inteira.

Não se deitou, e passeou a cavalo durante toda a manhã. Em uma alameda do bosque de Verrières, avistou um homem montado num belo cavalo inglês, e que o chamou de longe pelo nome, vindo imediatamente a seu encontro. Era Afonso de Thémynes. No estado de espírito em que se encontrava Saint-Clair, a solidão é particularmente agradável: de modo que o encontro com Thémynes lhe transformou o mau humor em cólera abafada. Thémynes não o percebia, ou entregava-se então ao maligno prazer de contrariá-lo. Falava, ria, gracejava, sem se aperceber de que não lhe respondiam. Vendo um atalho estreito, Saint-Clair por ali meteu o cavalo, na

esperança de que o importuno não o seguisse; mas enganava-se; um importuno não larga tão facilmente sua presa. Thémínes deu de rédeas e estugou o cavalo, para emparelhar-se com Saint-Clair e continuar mais comodamente a conversação.

O atalho era estreito, já o disse, e muito dificilmente poderiam dois cavalos percorrê-lo um ao lado do outro. Assim, não é de estranhar que Thémínes, embora excelente cavaleiro, roçasse o pé de Saint-Clair, quando se punha a seu lado. Este, cuja cólera chegara ao auge, não pôde conter-se por mais tempo. Ergueu-se nos estribos e bateu rudemente com o pingalim no focinho do cavalo de Thémínes.

– Que diabo tens tu, Augusto? – exclamou Thémínes. – Por que bates no meu cavalo?

– E por que me segues? – retrucou Saint-Clair, com voz terrível.

– Estás louco, Saint-Clair? Esqueces que estás falando comigo?

– Sei muito bem que estou falando com um tolo.

– Saint-Clair!... Enlouqueceste... Escuta: amanhã me apresentarás desculpas, ou terás de prestar-me contas da tua impertinência.

– Então até amanhã, senhor.

Thémínes fez parar o cavalo; Saint-Clair fustigou o seu; em breve desaparecia no bosque.

Desde esse momento, sentiu-se mais calmo. Tinha a fraqueza de acreditar em pressentimentos. Sentia que seria morto no dia seguinte, o que afinal constituiria um desenlace para a sua situação. Mais um dia a passar; e, amanhã, adeus, inquietações, adeus, tormentos! Entrou em casa, mandou um bilhete ao coronel Beaujeu, escreveu algumas cartas, depois comeu com bom apetite, e foi pontual, às oito e meia, junto ao portão do parque.

– QUE TENS HOJE? – observou a condessa. – Demonstras uma estranha alegria, e no entanto não consegues fazer-me rir, com todos os teus gracejos. Ontem, estavas um tanto aborrecido, e eu tão alegre! Hoje invertemos o papel. Estou com uma terrível dor de cabeça.

– Confesso, bela amiga, que estava muito enfadonho ontem. Mas, hoje, passei; fiz exercício, sinto-me às maravilhas.

– Quanto a mim, dormi muito esta manhã, levantei-me tarde, e tive sonhos fatigantes.

– Ah! Sonhos? Acreditas em sonhos?

– Que loucura!

– Pois eu acredito; aposto que tiveste um sonho que anuncia algum acontecimento trágico.

– Meu Deus, nunca me lembro do que sonho. Mas agora recordo... sonhei com Massigny... Bem vêes que não era uma coisa muito divertida...

– Massigny! Pelo contrário, eu julgava que terias muito prazer em revê-lo.

– Pobre Massigny!

– Pobre Massigny?

– Dize-me, por favor, o que é que tu tens hoje. Há qualquer coisa de diabólico no teu sorriso. Parece que zombas de ti mesmo.

– Ah! Estou vendo que me tratas tão mal como me tratam as velhas fidalgas tuas amigas!

– Sim, Augusto; estás hoje com a fisionomia que tens quando falas com pessoas a quem não estimas.

– Mazinha! Vamos, dá-me a tua mão.

Com uma galanteria irônica, ele beijou-lhe as mãos, e olharam-se fixamente durante um minuto. Saint-Clair baixou primeiro os olhos e exclamou:

– Como é difícil viver neste mundo sem passar por mau! Seria preciso nunca falar de outra coisa a não ser do tempo ou da caça, ou então discutir com as tuas velhas amigas o orçamento dos seus comitês de beneficência.

Apanhou um papel da mesa:

– Olha, eis a conta de tua lavadeira de roupa fina. Conversemos a respeito disso, meu anjo: assim não dirás que sou mau...

– Na verdade, Augusto, tu me espantas...

– Esta ortografia me faz pensar numa carta que encontrei hoje de manhã. Devo dizer-te que andei arranjando os meus papéis, pois sou ordeiro de vez em quando. E encontrei uma carta amorosa de uma costureira de quem me enamorara aos dezesseis anos. Tem um sistema todo seu de escrever cada palavra, e sempre da maneira mais complicada. E o estilo é digno da ortografia. Pois bem, como eu era então meio tolo, achei indigno de mim ter uma amante que não escrevesse como madame de Sévigné;⁷⁴ deixei-a bruscamente. Hoje, ao reler a sua carta, reconheci que aquela costureirinha devia dedicar-me um verdadeiro amor.

– Bem! Uma mulher a quem sustentavas?...

– E luxuosamente: a cinquenta francos por mês. Mas o meu tutor não me dava uma mesada muito forte, pois dizia que um rapaz que tem dinheiro se perde a si e perde aos outros.

– E essa mulher, que é feito dela?

– Sei lá!... Provavelmente morreu no hospital.

– Augusto... se isso fosse verdade, não terias esse ar descuidado.

– A falar verdade, ela casou-se com um "homem direito"; e, quando me emanciparam, dei-lhe um pequeno dote.

– Como és bom!... Mas por que queres parecer mau?

– Oh! Sou muito bom, mesmo!... Quanto mais reflito, mais me convenço de que aquela mulher me queria realmente... Mas naquele tempo eu não sabia distinguir um sentimento verdadeiro sob uma forma ridícula.

– Deverias trazer-me essa carta. Eu não ficaria com ciúme... Nós, mulheres, temos mais tato do que os homens, e sabemos discernir, pelo estilo de uma carta, se o remetente está de boa-fé, ou se finge uma paixão que não experimenta.

– E, no entanto, quantas vezes se deixam as mulheres seduzir por tolos ou presunçosos!

Enquanto falava, olhava para o vaso etrusco, e havia em seus olhos e em sua voz uma expressão sinistra que Matilde não notou.

– Ora, vocês, os homens... cada qual quer ser um d. Juan. Imaginam que fazem vítimas, quando muitas vezes só encontram

“*doñas Juanas*” ainda mais espertas que vocês...

– Compreendo que, com o vosso espírito superior, minhas senhoras, pressentis um tolo a uma légua de distância. Assim, não duvido que o nosso amigo Massigny, que era tolo e presunçoso, tenha morrido virgem e mártir...

– Massigny? Mas ele não era muito tolo; e, de resto, há mulheres tolas. A propósito de Massigny, tenho de contar-te uma história... ou quem sabe se já não te contei?

– Nunca – respondeu Saint-Clair com voz trêmula.

– Massigny, ao voltar da Itália, apaixonou-se por mim. Meu marido o conhecia: apresentou-o a mim como um homem de espírito e gosto. Eram feitos um para o outro. Massigny foi a princípio muito assíduo; dava-me, como de sua autoria, aquarelas que comprava na Casa Schroth, e falava-me sobre música e pintura com um tom de superioridade muito divertido. Um dia, enviou-me uma carta incrível. Dizia-me, entre outras coisas, que eu era a mulher mais honesta de Paris; e por isso é que desejava ser meu amante. Mostrei a carta a minha prima Júlia. Éramos então duas loucas, e resolvemos pregar-lhe uma peça. Uma noite, tínhamos algumas visitas, entre as quais Massigny. Minha prima disse: “Vou ler-te uma declaração de amor que recebi esta manhã.” Toma a carta e a lê, entre gargalhadas... Pobre Massigny!...

Saint-Clair tombou de joelhos, soltando um grito de alegria. Apoderou-se da mão da condessa e cobriu-a de beijos e lágrimas. Matilde estava no auge da surpresa e julgou a princípio que ele não se sentia bem. Saint-Clair não podia dizer mais que estas palavras: “Perdoa-me! perdoa-me!” Afinal se ergueu. Estava radiante. Sentia-se mais feliz do que no dia em que Matilde pela primeira vez lhe dissera: “Eu te amo.”

– Eu sou o mais louco e o mais culpado dos homens!... – exclamou ele. – Há dois dias que eu te suspeitava... e não procurei uma explicação contigo...

– Suspeitavas!... E de quê?

– Oh! Sou um miserável! Disseram-me que tinhas amado a Massigny, e...

– Massigny! – Ela pôs-se a rir. E depois, retomando a seriedade: – Augusto, como pudeste ser tão louco para conceber tais suspeitas, e tão hipócrita para ocultá-las de mim?!

Duas lágrimas lhe corriam pelas faces.

– Perdoa-me, eu te suplico.

– Como não perdoar-te, meu amigo?... Mas primeiro deixa-me jurar-te...

– Oh! Eu acredito, eu acredito em ti, não me digas nada.

– Mas, em nome de Deus, que motivo te fez imaginar uma coisa tão improvável?

– Nada, nada no mundo, a não ser esta maldita cabeça e... sabes?... esse vaso etrusco. Eu sabia que te fora dado por Massigny.

A condessa juntou as mãos, com um ar atônito; depois exclamou, a rir:

– O meu vaso etrusco! O meu vaso etrusco!

Saint-Clair não pôde deixar de rir também, e no entanto grossas lágrimas lhe corriam pelas faces. Enlaçou Matilde, e disse:

– Não te solto até que me hajas perdoado.

– Sim, eu te perdoo, louco que tu és! – disse ela, beijando-o ternamente. – Tu me tornas muito feliz hoje; é a primeira vez que te vejo chorar, e supunha que não choravas.

Depois, desvencilhando-se, agarrou o vaso etrusco e atirou-o no chão, estilhaçando-o em mil pedaços. (Era um exemplar raríssimo, no qual se via pintado, a três cores, o combate de um lápita com um centauro.)

Saint-Clair foi, durante algumas horas, o mais envergonhado e o mais feliz dos homens.

– E ENTÃO – disse Roquantin ao coronel Beaujeu, que encontrou à noite no Tortoni⁷⁵ –, é verdade a notícia?

– Infelizmente – respondeu o coronel com ar triste.

– Conte-me então como foi.

– Pois bem, Saint-Clair começou por me dizer que não tinha razão, mas que desejava expor-se ao duelo antes de apresentar desculpas. Eu não podia deixar de aprová-lo. Thémines queria que a sorte decidisse quem atiraria primeiro: Saint-Clair exigiu que fosse Thémines. Thémines atirou: vi Saint-Clair dar uma volta sobre si mesmo e cair morto. Já observei, em muitos soldados atingidos por bala, esse estranho rodopio que precede a morte.

– Extraordinário! – disse Roquantin. – E Thémines que fez?

– Oh! O que se deve fazer em semelhante ocasião. Atirou a pistola ao chão, num gesto de pesar. Atirou-a com tanta força que quebrou o cão da arma. É uma pistola inglesa de Manton;⁷⁶ não sei se poderá ele encontrar em Paris um armeiro capaz de lhe arranjar outra tão leve.

A CONDESSA PASSOU três anos inteiros sem receber nem visitar ninguém; inverno e verão, permanecia na sua casa de campo, mal saindo do quarto, e atendida por uma mulata que conhecia a sua ligação com Saint-Clair e à qual não dirigia duas palavras diariamente. Ao cabo de três anos, sua prima Júlia regressou de longa viagem; forçou a entrada, encontrou a pobre Matilde tão magra e tão pálida que julgou ver o cadáver daquela mulher a quem deixara bela e cheia de vida. Conseguiu a custo afastá-la de seu retiro e levá-la para Hyères. Ali a condessa enlanguesceu ainda uns três ou quatro meses, depois morreu de uma doença de peito causada por pesares domésticos, como disse o dr. M..., que a assistira.

48. A alemã Henriette Sontag (1805-54) foi uma das mais importantes sopranos de seu tempo, cantando nos melhores palcos do Velho e do Novo Mundos.

49. O *écarté* (literalmente “descarte”) é um jogo de cartas em geral travado entre duas pessoas, similar ao *whilst* inglês.

50. Robert Lovelace é o nome do vilão sedutor de *Clarissa, or the History of a Young Lady*, romance epistolar de Samuel Richardson publicado em 1748.

51. Ivan Ivanovitch Diebitch (1785-1831) foi um importante militar do exército russo, combatendo primeiramente nas guerras napoleônicas e, décadas depois, nos Bálcãs, onde veio a morrer.

52. Judith Pasta (1798-1865) foi uma mezzo-soprano, cantora de técnica e dons invejáveis e uma das maiores de seu tempo.

53. Ver nota 172.

54. O alemão Johann Jacob Staub (1783-1852), conhecido alfaiate de sua época. Sua fama chegou à literatura, e escritores como Balzac, Victor Hugo e Stendhal (além de Mérimée) o mencionam como responsável pelos trajes de suas personagens.

55. Cavalariço, em inglês no original.

56. Figura mitológica de origem grega, Adônis é o deus da beleza. As raízes do mito remontam aos fenícios (de cuja língua deriva o nome) e se disseminam em diferentes culturas do Oriente Próximo. Segundo as *Metamorfoses* (Livro X), de Ovídio, Adônis nasce da relação incestuosa entre Cíniras, rei do Chipre, e sua filha Mirra. Objeto da paixão de Afrodite (deusa do amor e mulher de Ares) e de Perséfone (deusa da vegetação e mulher de Hades, deus do subterrâneo dos mortos), Adônis desperta a ira dos deuses e acaba se tornando motivo de disputa entre ambas, a qual Zeus resolve da seguinte forma: durante um terço do ano, Adônis ficaria ao lado de Perséfone no mundo subterrâneo; durante outro terço, viria à superfície para acompanhar Afrodite; cabendo-lhe permanecer o restante do ano em liberdade. Tal lenda marca, entre outros, o culto agrícola de Adônis, que como os vegetais seguiria um ciclo de crescimento no solo, nascimento e retorno à terra.

57. Influente dândi inglês e amigo pessoal do príncipe de Gales e futuro rei George IV, George "Beau" Brummel (1778-1840) era uma importante referência de moda masculina.

58. "Frivolidade, o teu nome é mulher", citação de *Hamlet*, de Shakespeare, Ato I, Cena 2 (trad. de Barbara Heliodora).

59. Aqui o termo se refere ao comandante otomano-albanês Mehemet-Ali (1769-1849), vice-rei do Egito por nomeação do imperador otomano e, em virtude das reformas que impôs às instituições egípcias, fundador do Egito moderno.

60. Referência aos Colossos de Memnon. Trata-se de duas estátuas gigantescas representando o faraó Amenófis III, localizadas na necrópole da antiga cidade de Tebas, no Egito.

61. Filho mais velho de Mehemet-Ali, Ibrahim (1789-1848) combateu ao lado do pai nas guerras que este travou contra os otomanos e consagrou-se como um dos mais importantes membros da dinastia que governaria o país até a revolução de 1952.

62. "Uma completa decepção", em inglês no original.

63. Munster é o nome que se dá à torre da catedral de Estrasburgo, construída em 1647. Com seus 142 metros de altura, a torre foi até 1874 a mais alta edificação do mundo.

64. Lança curta produzida em madeira de azagaia e utilizada pelos caçadores do sul da África.

65. Famoso líder mameluco, Murad-bey (1750-1801) fez-se general a partir de um casamento de interesses e lutou contra Napoleão no Egito na célebre batalha das Pirâmides, em 1798. Em seguida, fugiu para o Alto Egito (sul do país), organizando ali ações de guerrilha. Foi em perseguição a Bey que os franceses descobriram alguns dos principais monumentos do Egito Antigo, como os de Denderas e Tebas.

66. O *kandjar* é um punhal de lâmina curva; o *metchlá*, uma capa usada por mulheres; *burnús*, o mesmo que o albornoz, manto de lã com capuz; e o *hhaïck* (também grafado *haïk*), um manto branco bastante longo usado por homens e mulheres no norte da África.

67. Faz-se aqui alusão ao Ato V, Cena 1 de *O burguês fidalgo*. Na peça de Molière, o protagonista (sr. Jourdain), um burguês de falsa cultura, julga falar italiano quando, na verdade, apenas deturpa o vocabulário francês.

68. Porta ou Sublime Porta era a designação dada ao governo do Império otomano. O nome faz menção aos célebres portões do palácio real localizado em Istambul.

69. Desenhista, pintor e gravurista muito popular na França de seu tempo, Nicolas Toussaint Charlet (1792-1845) fez-se conhecido principalmente por suas cenas militares e seus retratos e composições baseadas em figuras da guarda napoleônica.

70. Além de médico e político republicano, Alphonse de Lamartine (1790-1869) foi um importante poeta romântico francês. Dentre suas obras, estão *Primeiras meditações poéticas* (1820) e *Novas meditações poéticas* (1823).

71. De inspiração bíblica ("Também falou das árvores, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que nasce na parede; também falou dos animais e das aves, e dos répteis e dos peixes." Livro dos Reis, I, 4:33), a expressão se refere a extremos – o da árvore portentosa e o do pequeno arbusto.

72. Margaret Cavendish Bentinck, duquesa de Portland (1715-85), foi a mulher mais rica da Grã-Bretanha de seu tempo e dona de uma importantíssima coleção de história natural.

73. Caio Clínio Mecenas foi um importante político romano e patrono das artes da época do imperador Augusto (27 a.C.-14 d.C.).

74. Nobre de nascimento, Marie de Rabutin Chantal, ou marquesa de Sévigné (1626-96), foi uma importante escritora francesa. Suas *Lettres* são exemplo do gênero epistolar.

75. Até seu fechamento, em 1887, um conhecido café de Paris, ponto de encontro de escritores.

76. Joseph Manton (1766-1835) foi um importante fabricante de armas de Londres.

A PARTIDA DE GAMÃO

AS VELAS SEM MOVIMENTO pendiam coladas aos mastros; o mar estava liso como um espelho; o calor era sufocante, a calmaria desesperadora.

Numa viagem por mar, logo se esgotam os recursos de distração que se nos possam oferecer. A gente já se conhece demasiado bem depois de conviver quatro meses numa casa de madeira com cento e vinte pés de comprimento. Ao aproximar-se o lugar-tenente, já se sabe que ele vai falar primeiro no Rio de Janeiro, de onde procede; depois na famosa ponte de Essling,⁷⁷ construída pelos marinheiros da guarda, de que fazia parte. Ao cabo de quinze dias, conhecemos até as suas expressões prediletas, a pontuação de suas frases, as diversas entonações de sua voz. Quando jamais deixou ele de parar tristemente, após haver pronunciado pela primeira vez em sua narrativa esta palavra: o “imperador”... “Ah! Se os senhores o tivessem visto, então!!!” (três pontos de exclamação), acrescenta invariavelmente. E o episódio do cavalo do trombeta, e a bala de canhão que ricocheta e arrebatou uma cartucheira onde havia cerca de sete mil e quinhentos francos em ouro e joias etc. etc.! – O segundo-lugar-tenente é um grande político; comenta todos os dias o último número do *Constitutionnel*,⁷⁸ que trouxe de Brest;⁷⁹ ou, se deixa as sublimidades da política para descer à literatura, regala-nos com a análise do último *vaudeville* a que assistiu. E o comissário de marinha... que história interessante a sua, meu Deus! Como nos encantou da primeira vez em que narrou sua fuga do navio-prisão de Cádiz!⁸⁰ Mas, na vigésima repetição, ninguém podia aguentar mais... – E os segundos-tenentes, e os aspirantes!... A lembrança das suas conversas arrepiava-me. Quanto ao capitão, é geralmente a pessoa menos aborrecida de bordo. Na sua condição de comandante

despótico, acha-se em secreta hostilidade contra todo o estado-maior; vexa, oprime algumas vezes, mas há certo prazer em praguejar contra ele. Se tem alguma mania incômoda para seus subordinados, é sempre um prazer ver um superior ridículo, e isso consola um pouco.

Os oficiais de bordo do navio em que eu embarcara eram as melhores pessoas do mundo; uns bons diabos que se estimavam como irmãos, mas que se aborreciam soberanamente. O capitão era o mais brando dos homens, e nada rezinguento (o que constitui uma raridade). Era sempre a contragosto que fazia sentir a sua autoridade ditatorial. No entanto, que longa me pareceu a viagem! Sobretudo aquela calma que nos apanhou apenas alguns dias antes de avistarmos terra!...

Um dia, após o jantar, que a ociosidade nos fizera prolongar o quanto era humanamente possível, estávamos todos reunidos no convés, aguardando o espetáculo monótono, mas sempre majestoso de um crepúsculo no mar. Uns fumavam, outros reliam pela vigésima vez um dos trinta volumes de nossa triste biblioteca; todos bocejavam até mais não poder. Um segundo-tenente, sentado junto a mim, distraía-se, com toda a gravidade de uma séria ocupação, em deixar cair de ponta para baixo, sobre as pranchas do convés, o punhal que os oficiais de marinha carregam ordinariamente em pequeno uniforme. É um divertimento como qualquer outro, e que exige habilidade para que a ponta penetre bem perpendicularmente na madeira. Desejando fazer como o segundo-tenente, e não possuindo punhal, pedi emprestado o do capitão, mas ele recusou-me. Era singularmente cioso daquela arma, e não se agradaria de vê-la servir para um divertimento tão fútil. Aquele punhal, disse ele, pertencera a um bravo, oficial tragicamente morto na última guerra... Adivinhei que ia seguir-se uma história, e não me enganava. O capitão começou, sem fazer-se rogar. Quanto aos oficiais que nos cercavam, como todos conhecessem de cor os infortúnios do lugar-tenente Roger, fizeram logo uma prudente retirada. Eis mais ou menos como foi a narrativa do capitão.

“QUANDO O CONHECI, Roger era lugar-tenente e eu guarda-marinha. Tinha três anos mais do que eu. Garanto-lhes que era um dos melhores oficiais de nosso corpo, tinha excelente coração, de resto, e espírito, instrução, talento: um belo rapaz, em suma. Infelizmente era um pouco altaneiro e suscetível. Isto provinha, creio eu, de ser ele filho natural: temia que sua origem lhe causasse descrédito na sociedade. Mas, a falar verdade, o maior defeito seu era um desejo violento e contínuo de sobressair onde quer que estivesse. O pai, a quem jamais vira, dava-lhe uma pensão que servia mais que o suficiente para as suas necessidades, se Roger não fosse a generosidade em pessoa. Tudo o que tinha pertencia aos amigos. Logo que recebia o seu trimestre, bastava que alguém o fosse visitar com uma fisionomia triste e preocupada:

“– Que tens, camarada? – indagava ele. – Quer-me parecer que não farias muito ruído batendo nos bolsos. Aqui está a minha bolsa, toma o que quiseres, e vamos jantar juntos.

“Chegou a Brest uma jovem atriz muito bonita, chamada Gabriela, que não tardou em fazer conquistas entre os marujos e oficiais da guarnição. Não era uma beleza regular, mas tinha um belo talhe, lindos olhos, pés pequenos, e um ar passavelmente atrevido; tudo isto agrada muito quando se está entre os vinte e os vinte e cinco anos. Diziam, ainda, que era a mais caprichosa criatura do seu sexo, e sua maneira de representar não desmentia tal fama. Ora representava às maravilhas, dir-se-ia uma comediante de primeira ordem; no dia seguinte, na mesma peça, mostrava-se fria, insensível; dizia o seu papel como uma criança recita o catecismo. O que principalmente interessou a nossos jovens foi a seguinte história que contavam a seu respeito. Parece que fora, em Paris, magnificamente sustentada por um senador que fazia loucuras por ela, como se diz. Esse homem, um dia, encontrando-se no apartamento de Gabriela, pôs o chapéu na cabeça; ela lhe pediu que o tirasse, queixando-se da sua falta de respeito. O senador pôs-se a rir, deu de ombros, e disse, refestelando-se na poltrona: ‘Não há nada de mais em que eu me ponha à vontade em casa de uma rapariga a quem pago.’ Uma bela bofetada de carregador, desferida

pela branca mão de Gabriela, lhe deu em seguida a resposta, arremessando-lhe o chapéu à outra extremidade da peça. Daí, o rompimento completo. Banqueiros e generais haviam feito consideráveis ofertas à dama; mas esta os recusara a todos, e fizera-se atriz, a fim, dizia ela, de viver independente.

“Quando a viu e soube de tal história, Roger julgou que era a criatura que lhe convinha e, com a franqueza um tanto brutal que nos censuram, a nós marinheiros, eis o que fez para demonstrar-lhe como estava impressionado com os seus encantos. Comprou as mais lindas e raras flores que pôde encontrar em Brest, fez um ramallete, que atou com uma bela fita cor-de-rosa e, no laço, ajustou habilmente um pacotinho de vinte e cinco napoleões; era tudo quanto possuía no momento. Lembro-me de que o acompanhei aos bastidores durante um entreato. Cumprimentou laconicamente Gabriela, pela graça com que ela usava o costume teatral, ofereceu-lhe o ramallete e pediu permissão para ir vê-la em sua casa. Tudo isto em três palavras.

“Enquanto não via mais que as flores e o belo jovem que lhas apresentava, Gabriela sorria-lhe, acompanhando o sorriso com uma reverência das mais graciosas: mas, depois que pegou o ramallete e sentiu o peso do ouro, sua fisionomia mudou mais rapidamente que a superfície do mar sublevado por um furacão dos trópicos; e não menos temível se mostrou Gabriela, pois lançou com toda a força o ramallete e os napoleões à cara de meu pobre amigo, que lhes guardou a marca durante mais de oito dias. Bateu a sineta do diretor de cena, Gabriela entrou no palco, onde representou a trouxe-mouxe. Apanhando o ramallete e o rolo com um ar confuso, Roger foi oferecer as flores (sem o dinheiro) à moça do balcão, e tentou esquecer a cruel, bebendo ponche. Não o conseguiu; e, malgrado o despeito que sentia por não poder mostrar-se com a sua vista arroxeadada, enamorou-se loucamente da raivosa Gabriela. Escrevia-lhe vinte cartas por dia, e que cartas! Submissas, ternas, respeitadas, como as que a gente dirigiria a uma princesa. As primeiras lhe foram devolvidas sem abrir, as outras não obtiveram resposta. Roger, no entanto, ainda alimentava alguma esperança,

quando descobrimos que a vendedora de laranjas do teatro enrolava suas frutas com as cartas de amor de Roger, que Gabriela lhe dera, por um refinamento de maldade. Foi um golpe terrível para o orgulho de nosso amigo. Mas a paixão não diminuiu. Falava em pedir a atriz em casamento; e, como lhe diziam que o ministro da Marinha jamais daria consentimento para isso, declarava que meteria uma bala na cabeça.

“Nesse ínterim, aconteceu que os oficiais de um regimento que estava de guarnição em Brest quiseram fazer com que Gabriela bisasse um número de *vaudeville*, a qual se recusou por puro capricho. Tanto teimaram os oficiais e a atriz, que uns fizeram baixar o pano à força de assovios, e a outra desmaiou. Bem sabeis o que é uma plateia de uma cidade de guarnição. Combinaram os oficiais que, no dia seguinte, seria a culposa vaiada sem remissão, não se lhe permitindo que representasse antes de apresentar satisfações em público, com a devida humildade, para expiar seu crime. Dito e feito. [Roger não assistira a essa apresentação, mas, naquela mesma noite, soube do escândalo que tumultuara o teatro, bem como dos planos de vingança que se tramavam para o dia seguinte.]

“No dia seguinte, quando apareceu Gabriela, da fila dos oficiais partiram vaias e assovios de rebentar os tímpanos. Roger, que propositadamente se colocara perto dos desordeiros, ergueu-se e interpelou os mais bulhentos em termos tão ofensivos que todo o furor destes se voltou contra ele. Então, com o maior sangue-frio, tirou Roger a caderneta do bolso e assentou os nomes que lhe gritavam de todos os lados; teria aprazado encontro para bater-se contra todo o regimento se não houvessem chegado inúmeros oficiais da Marinha, que, por espírito de classe, começaram a provocar os do Exército. Foi um tremendo pandemônio.

“Toda a guarnição foi detida por vários dias; mas, recuperada a liberdade, havia terríveis contas a ajustar. Comparecemos cerca de sessenta ao campo de honra. Só Roger se bateu sucessivamente contra três oficiais; matou um e feriu gravemente os outros dois, sem receber um único arranhão. Quanto a mim, fui menos feliz: um maldito lugar-tenente, que era mestre-d’armas, me atingiu no peito

com uma terrível espadada, de que quase morri. Asseguro-vos que constituiu um belo espetáculo aquele duelo, ou antes, aquela batalha. A Marinha levou a vantagem, e o regimento foi obrigado a deixar Brest.

“Bem haveis de compreender que os oficiais superiores não esqueceram o causador da disputa. Esteve ele durante quinze dias com sentinela à porta.

“Depois que Roger foi libertado, recebi alta do hospital, e fui visitá-lo. Qual não foi a minha surpresa, quando entrei em sua casa, ao vê-lo almoçando em companhia de Gabriela! Tinham o ar de se acharem há muito em perfeita harmonia. Já se tratavam por tu e bebiam do mesmo copo. Roger apresentou-me à amante como o seu melhor amigo, e eu disse-lhe que fora ferido na espécie de escaramuça de que ela fora causa. Isto me valeu um beijo da bela criatura. Aquela rapariga tinha inclinações decididamente marciais.

“Passaram ambos três meses juntos, na mais perfeita felicidade, sem se deixarem um só instante. Gabriela amava-o com verdadeira fúria, e Roger confessava que, antes de conhecer Gabriela, ainda não havia conhecido o que era amor.

“Ancorou no porto uma fragata holandesa. Os oficiais ofereceram-nos uma ceia. Bebeu-se à larga toda espécie de vinhos; e, retirada a toalha, não sabendo o que fazer, pois aqueles senhores falavam muito mal o francês, pusemo-nos a jogar. Os holandeses pareciam ter muito dinheiro; e sobretudo o seu primeiro-lugar-tenente mostrava-se disposto a jogar tão forte que nenhum de nós se animava a topar a parada. Roger, que geralmente não jogava, julgou que se tratava, no momento, de defender a honra da pátria. Jogou, pois, e aceitou tudo o que bem quis o lugar-tenente holandês. No princípio ganhou, depois perdeu. Depois de algumas alternativas de ganho e perda, separaram-se, numa situação de empate, mais ou menos. Retribuímos a ceia aos oficiais holandeses. Jogou-se de novo. Roger e o lugar-tenente recomeçaram o jogo. E, durante vários dias, encontraram-se de novo no café, ou a bordo, experimentando toda sorte de jogos, principalmente o gamão, e sempre aumentando as apostas, chegando até a jogar a vinte e

cinco napoleões a partida. Era uma soma enorme para pobres oficiais como nós: mais de dois meses de soldo! Ao cabo de uma semana, Roger perdera todo o dinheiro que possuía, e mais três ou quatro mil francos tomados de empréstimo aqui e acolá.

“Certamente já tereis adivinhado que Roger e Gabriela acabaram por fazer casa comum e bolsa comum: quer dizer que Roger, que acabava de receber uma boa parte da presa, contribuía para o pecúlio com dez ou vinte vezes mais que a atriz. Considerava todavia que aquilo pertencia principalmente à amante, e só reservara para as suas despesas particulares uns cinquenta napoleões. Fora no entanto obrigado a recorrer à reserva para continuar o jogo. Gabriela não lhe fez a mínima objeção.

“O dinheiro da casa tomou o mesmo caminho que o seu dinheiro de bolso. Em breve viu-se Roger reduzido a jogar os seus últimos vinte e cinco napoleões. Aplicou-se terrivelmente: a partida foi longa e disputada. Momento chegou em que Roger, que segurava o copo de dados, não tinha mais que uma chance para ganhar. Creio que lhe era preciso um seis e um quatro. A noite ia avançada. Um oficial que estava de há muito observando o jogo acabara por adormecer na sua poltrona. O holandês estava exausto e sonolento; por outro lado, bebera muito ponche. Só Roger estava bem desperto e tomado do mais violento desespero. Foi num estremeção nervoso que jogou os dados. Atirou-os tão bruscamente sobre o tabuleiro que uma vela tombou no chão. O holandês voltou primeiro a cabeça para a vela, que acabava de cobrir de cera as suas calças novas, depois olhou os dados: marcavam seis e quatro. Roger, pálido como a morte, recebeu os vinte e cinco napoleões. Depois recomeçaram. A sorte tornou-se favorável a meu infeliz amigo, que no entanto cometia disparate sobre disparate e jogava como se quisesse perder. O lugar-tenente holandês tomou-se de brios, e dobrou, decuplicou as apostas: continuou perdendo. Parece-me ainda vê-lo; era um loiro grandalhão, fleumático, cujo rosto parecia de cera. Levantou-se afinal, depois de perder quarenta mil francos, que pagou sem que a sua fisionomia traísse a mínima emoção.

“Roger lhe disse:

“– O que houve nada significa, o senhor estava meio adormecido; não posso aceitar seu dinheiro.

“– Está brincando – respondeu o fleumático holandês –, joguei muito bem, mas os dados foram contra mim. Estou certo de poder sempre ganhar, dando-lhe quatro pontos de vantagem. Boa noite!

“E retirou-se.

“No dia seguinte, soubemos que, desesperado com a perda, metera uma bala na cabeça, após haver bebido uma taça de ponche.

“Os quarenta mil francos ganhos por Roger estavam espalhados sobre uma mesa, e Gabriela contemplava-os com um sorriso de satisfação.

“– Eis-nos bastante ricos – disse ela. – Que faremos com todo esse dinheiro?

“Roger nada respondeu; parecia como que estupidificado, depois da morte do holandês.

“– Temos de fazer mil loucuras – continuou Gabriela. – Dinheiro ganho tão facilmente tem de ser gasto da mesma forma. Compremos uma caleça e vamos afrontar o prefeito marítimo e sua mulher. Quero diamantes, cachemiras. Pede uma licença e vamos a Paris; aqui, jamais conseguiríamos gastar tanto dinheiro!

“Parou para observar Roger, que, com os olhos fixos no soalho, a cabeça apoiada à mão, nem sequer a tinha ouvido e parecia remoer os mais sinistros pensamentos.

“– Que diabo tens tu, Roger? – exclamou Gabriela, apoiando a mão no seu ombro. – Estás a fazer-me beicinho, pelo que vejo; não te posso arrancar uma só palavra.

“– Sinto-me muito infeliz – disse ele afinal, com um suspiro abafado.

“– Infeliz! Não me venhas dizer que estás com remorsos por haver depenado aquele gordo *mynheer*!⁸¹

“Roger ergueu a cabeça, fitando-a com um olhar desvairado.

“– Que importa! – prosseguiu ela. – Que importa que ele haja tomado a coisa pelo lado trágico e metido uma bala no que tinha de miolos! Não lamento os jogadores que perdem; e sem dúvida o dinheiro dele está melhor em nossas mãos do que nas suas; ele o teria gasto em bebida e fumo, ao passo que nós vamos fazer mil extravagâncias cada qual mais chique que as outras.

“Roger passeava pelo quarto, com a cabeça pendida, os olhos semicerrados e rasos d’água. Causar-lhes-ia piedade, se o tivessem visto.

“– Sabes – continuou Gabriela – que as pessoas que não conhecessem a tua sensibilidade romanesca bem poderiam pensar que fizeste trapaça?

“– E se fosse verdade? – exclamou Roger com uma voz surda, estacando diante dela.

“– Qual! – respondeu Gabriela sorrindo. – Não tens bastante esperteza para trapacear no jogo.

“– Sim, eu trapaceei, Gabriela; trapaceei como um miserável que sou.

“Pela sua emoção, compreendeu Gabriela que ele dizia a verdade: sentou-se num canapé e permaneceu algum tempo sem falar.

“– Eu preferiria – disse ela afinal, com a voz embargada –, eu preferiria que tivesses matado dez homens a teres feito trapaça no jogo.

“Houve um silêncio mortal de cerca de meia hora. Estavam ambos sentados no mesmo sofá, e não se olharam uma única vez. Roger levantou-se primeiro e despediu-se com voz bastante calma.

“– Boa noite! – respondeu ela num tom seco e frio.

“Roger me disse que naquela mesma noite teria dado cabo da vida, se não fora o temor de que os nossos camaradas adivinhassem a causa do suicídio. Não queria que a sua memória ficasse infamada.

“No dia seguinte, Gabriela mostrou-se tão alegre como de costume; dir-se-ia que já esquecera a confidência da véspera. Quanto a Roger, tornara-se sombrio, atrabiliário, ensimesmado; mal saía do quarto, evitava os amigos e passava muita vez dias inteiros

sem dirigir uma palavra à amante. Eu atribuía sua tristeza a uma sensibilidade honrosa, mas excessiva, e tentei várias vezes consolá-lo; mas ele frustrava o meu intento, afetando a maior indiferença por seu infeliz parceiro. Até que um dia saiu-se com uma violenta diatribe contra o povo holandês e quis provar-me que não poderia haver um único homem digno na Holanda. No entanto, fazia secretas investigações sobre a família do lugar-tenente holandês; mas ninguém lhe podia prestar informes.

“Seis semanas após a fatal partida de gamão, encontrou nos aposentos de Gabriela um bilhete escrito por um aspirante que parecia agradecer-lhe certas bondades que tivera para com o remetente. Gabriela era a desordem em pessoa, e o referido bilhete fora achado em cima da lareira. Não sei se ela o traíra, mas Roger o acreditou, e sua cólera foi terrível. O amor e um resto de orgulho eram os únicos sentimentos que ainda o prendiam à vida, e o mais forte desses sentimentos ia ser assim subitamente destruído. Cumulou de injúrias a orgulhosa comediante; e, violento como era, não sei como se conteve que não lhe batesse.

“– Com certeza esse bonifrate te deu muito dinheiro, não foi? É a única coisa de que gostas, e serias capaz de conceder teus favores ao mais sórdido dos marinheiros, se ele tivesse com que os pagar.

“– E por que não? – respondeu friamente a atriz. – Sim, eu seria capaz de aceitar dinheiro de um marujo... *mas nunca o roubaria.*

“Roger soltou um grito de raiva. Sacou do punhal, a tremer, e por um instante fixou Gabriela com o olhar desvairado; depois, reunindo todas as suas forças, arremessou a arma ao chão e escapou-se do apartamento para não ceder à tentação que o obsediava.

“Naquele mesmo dia, tarde da noite, passando por seu alojamento, notei que havia luz e entrei para tomar-lhe um livro emprestado. Achei-o muito ocupado em escrever. Ele não se interrompeu, mal parecendo aperceber-se da minha presença. [Sentei-me perto de sua escrivaninha e observei suas feições; estavam tão alteradas que outro que não eu teria dificuldade em reconhecê-la.] De repente, avistei sobre a escrivaninha uma carta já fechada, e que me era dirigida. Abri-a imediatamente. Roger

anunciava-me que ia suicidar-se, e encarregava-me de diversas incumbências.

“Enquanto eu lia, continuava ele a escrever, sem prestar-me atenção: fazia as suas despedidas a Gabriela... Imaginem qual não foi o meu espanto, e o que não lhe disse, aturdido como estava com a sua resolução.

“– Como! Queres matar-te, tu que és tão feliz?

“– Meu amigo – disse ele, fechando a carta –, não sabes de nada; tu não me conheces, eu não passo de um ladrão; sou tão desprezível que uma mulher perdida me insulta; e tanto reconheço a minha baixaza que não tenho ânimo de bater-lhe.

“Foi então que me contou a história da partida de gamão, com todas as consequências que os senhores já sabem. Enquanto o ouvia, estava no mínimo tão comovido quanto ele; não sabia o que lhe dizer; apertei-lhe as mãos, tinha os olhos cheios de lágrimas, mas não podia falar. Veio-me afinal a ideia de lhe observar que não deveria incriminar-se de haver causado a ruína do holandês, e que, afinal de contas, com a sua... trapaça... apenas lhe fizera perder vinte e cinco napoleões.

“– Quer então dizer – exclamou ele, com amarga ironia – que eu sou um pequeno ladrão e não um grande! Eu que tinha tantas ambições! Não passar de um simples gatuno!

“E soltou uma gargalhada.

“Eu desatei em pranto.

“De súbito a porta abriu-se; uma mulher entrou e precipitou-se em seus braços: era Gabriela.

“– Perdoa-me – exclamou, estreitando-o com força –, perdoa-me. Bem sinto que só amo a ti. E agora ainda mais te amo do que se não tivesses feito isso de que te censuras. Se quiseres, eu roubarei, eu já roubei... Sim, eu roubei, roubei um relógio de ouro... Que se pode fazer de pior?

“Roger sacudiu a cabeça com um ar de incredulidade; mas sua frente pareceu alumiar-se.

“– Não, minha pobre menina – disse ele, repelindo-a com brandura –, é preciso absolutamente que eu me mate. Sofro demasiado, não posso resistir à dor que sinto aqui.

“– Pois bem! Se queres morrer, Roger, morrerei contigo! Sem ti, que me importa a vida! Tenho coragem, já lidei com armas, e me matarei como qualquer outra pessoa. Antes de tudo, eu que já representei tragédias, estou acostumada a isso...

“Tinha lágrimas nos olhos ao começar, mas esta última ideia fê-la rir, e o próprio Roger deixou escapar um sorriso.

“– Tu ris, meu tenente – exclamou, batendo palmas e beijando-o –, tu não te matarás!

“E continuava a beijá-lo, ora chorando, ora rindo, ora praguejando como um marinheiro, pois não era dessas mulheres que se assustam com um palavrão.

“Eu, que nesse meio-tempo me apoderara das pistolas e do punhal de Roger, disse-lhe então:

“– Meu caro Roger, tens uma amante e um amigo que te estimam. Acredita-me, ainda podes ter alguma felicidade neste mundo.

“Saí depois de tê-lo abraçado, e deixei-o a sós com Gabriela.

“Creio que apenas teríamos conseguido adiar o seu funesto desígnio, se não tivesse ele recebido ordens de partir, como primeiro-lugar-tenente, a bordo de uma fragata que devia ir fazer um cruzeiro pelos mares da Índia, depois de romper o cerco da esquadra inglesa, que bloqueava o porto. A missão era perigosa. Dei-lhe a entender que mais valia morrer nobremente de uma bala inglesa do que matar-se ele próprio, sem glória e sem utilidade para a pátria. Roger prometeu viver. Dos quarenta mil francos, distribuiu metade entre marujos inválidos ou viúvas e filhos de marinheiros. Deu o resto a Gabriela, que a princípio jurou só empregar o dinheiro em boas obras. A pobre rapariga tencionava cumprir sua palavra; mas o entusiasmo lhe era de curta duração. Soube depois que dera alguns milhares de francos aos pobres. Gastou o resto em bugigangas.

“Embarcamos, Roger e eu, numa bela fragata, a *Galateia*. Os nossos homens eram bravos, tinham experiência e disciplina; mas o comandante não passava de um ignorantão, que se supunha um Jean Bart⁸² porque praguejava melhor que um instrutor, estropiava o francês, e nunca estudara a teoria de sua profissão, de cuja prática tinha um conhecimento assaz medíocre. Mas a sorte a princípio o favoreceu. Saímos facilmente da enseada, graças a um golpe de vento que forçou a esquadra do bloqueio a ganhar o largo, e começamos nossos cruzeiros incendiando uma corveta inglesa e um navio da companhia nas costas de Portugal.

“Seguíamos vagarosamente para as costas da Índia, contrariados pelos ventos e as falsas manobras do capitão, cuja inabilidade aumentava o perigo de nosso cruzeiro. Ora escorraçados por forças superiores, ora perseguindo navios mercantes, não passávamos um só dia sem alguma nova aventura. Mas nem a arriscada vida que levávamos, nem as canseiras que lhe davam os seus encargos, conseguiam distrair Roger dos tristes pensamentos que incessantemente o assediavam. Ele, que passava outrora pelo mais ativo e brilhante oficial de nosso porto, limitava-se agora a cumprir estritamente o seu dever. Mal findava o serviço, encerrava-se na cabina, sem livros, sem papel; passava horas inteiras deitado no seu catre. E o infeliz não podia dormir.

“Um dia, vendo o seu abatimento, assim lhe falei:

“– Ora, meu caro! Tu te afliges por pouca coisa. Bem: escamoteaste vinte e cinco napoleões a um gordo holandês... e tens remorsos para mais de um milhão. E quando eras amante da mulher do prefeito de... não tinhas então remorsos? No entanto, ela valia mais que vinte e cinco napoleões.

“Ele voltou-se para o outro lado, sem responder.

“Eu prossegui:

“– Afinal de contas, o teu crime, já que assim o consideras, tinha um motivo honroso e provinha de uma alma elevada.

“Ele virou a cabeça e olhou-me com um ar furioso.

“– Sim, porque se houvesse perdido, que seria de Gabriela? A pobre rapariga seria capaz de vender a última camisa por ti... Se perdesse, estaria ela reduzida à miséria. Foi por ela, foi por amor a ela que trapaceaste. Há pessoas que matam por amor... que se matam... Tu, meu caro Roger, tu fizeste mais. Para homens como nós, há mais coragem em... roubar, para falar claro, do que em matar.”

– PODE SER que agora – disse o capitão, interrompendo a narrativa –, eu lhes pareça ridículo. Mas asseguro que minha amizade a Roger me dava, naquele instante, uma eloquência que hoje não consigo reproduzir; o diabo me carregue se, falando daquela maneira, eu não agia de boa-fé e não acreditava em tudo quanto dizia. Ah! Eu era jovem, então!

“ROGER PERMANECEU algum tempo sem responder; depois estendeu a mão.

“– Meu amigo – disse ele, parecendo fazer um grande esforço para assim se confessar –, tu me julgas melhor do que sou. Eu não passo de um covarde trapaceiro. Quando enganei aquele holandês, não pensava senão em ganhar vinte e cinco napoleões, eis tudo. Não pensava em Gabriela... e eis por que me desprezo... Eu, avaliar a minha honra por menos de vinte e cinco napoleões!... Que baixeza! Sim, eu seria feliz se pudesse dizer comigo: ‘Roubei para tirar Gabriela da miséria...’ Não! Eu não pensava nela... Eu não estava apaixonado naquele momento... Eu era um jogador... era um ladrão... Roubei dinheiro para apossar-me dele... e esse ato de tal forma me embruteceu e aviltou que hoje não tenho mais coragem nem para amar... eu vivo, e não penso mais em Gabriela... sou um homem acabado.

“Parecia tão infeliz que, se me houvesse pedido as minhas pistolas para matar-se, creio que lhas daria.

“Certa sexta-feira, dia de mau agouro, avistamos uma grande fragata inglesa, o *Alceste*, que começou a perseguir-nos. Tinha cinquenta e oito canhões, e nós apenas trinta e oito. Demos de vela

para lhe escapar, mas sua velocidade era superior à nossa, e a cada instante o inimigo nos levava vantagem. Tornava-se evidente que, antes do anoitecer, nos veríamos obrigados a um combate desigual. O comandante mandou chamar Roger à sua cabina, onde permaneceram um bom quarto de hora em conferência. Roger, de volta ao convés, pegou-me do braço e me falou à parte.

“– Daqui a duas horas vai dar-se a coisa; aquele homenzinho que anda de um lado para outro ali no castelo de popa perdeu decididamente a cabeça. Havia dois partidos a tomar: o primeiro, o mais honroso, era deixar que o inimigo nos alcançasse, e depois assaltá-lo vigorosamente, despejando-lhe a bordo uma centena de homens decididos; o outro partido, nada mau, mas bastante covarde, consistiria em aliviar-nos, lançando ao mar uma parte de nossos canhões. Poderíamos então rentear a costa da África, que avistamos a bombordo. Os ingleses, de medo de encalhar, ver-se-iam obrigados a deixar-nos fugir; mas o nosso... capitão não é nem um covarde nem um herói: vai deixar-se arrasar de longe a canhonaços e, após algumas horas de combate, arriará honrosamente a bandeira. Tanto pior para vocês: os navios-prisões de Portsmouth lá estão à espera... Quanto a mim, não pretendo vê-los.

“– Pode ser – aventei eu – que os nossos primeiros tiros causem ao inimigo avarias suficientemente graves para obrigá-lo a cessar a perseguição.

“– Escuta, eu não quero cair prisioneiro, vou fazer-me matar; já é tempo de acabar com isso. Se por desgraça eu for apenas ferido, dá-me a tua palavra de que me lançarás ao mar. É o leito em que deve morrer um bom marinheiro como eu.

“– Que loucura! – exclamei. – E de que missão me encarregas!

“– Cumprirás o dever de um bom amigo. Bem sabes que tenho de morrer. Só consenti em não matar-me na esperança de ser morto, debes lembrar-te. Vamos, faze-me essa promessa; se te recusares, vou solicitar esse serviço ali ao contramestre, que não me negará isso.

“Depois de refletir algum tempo, afinal lhe disse:

“– Dou-te a minha palavra de que farei o que desejas, contanto que sejas mortalmente ferido, sem esperança de salvação. Neste caso, consinto em poupar-te os sofrimentos.

“– Serei ferido mortalmente, ou serei morto.

“Estendeu-me a mão, que apertei com força. Desde então, tornou-se mais calmo, e até mesmo certa alegria marcial lhe brilhou no rosto.

“Pelas três da tarde, os canhões de caça do inimigo começaram a visar nosso massame. Colhemos então uma parte das velas; apresentamos o costado ao *Alceste*, e fizemos um fogo contínuo, ao qual os ingleses responderam com vigor. Depois de cerca de uma hora de combate, o nosso capitão, que nada fazia a propósito, resolveu tentar a abordagem. Mas tínhamos já muitos mortos e feridos, e o resto da tripulação perdera o entusiasmo; estávamos muito avariados no massame, e os mastros achavam-se muito danificados. No momento em que aprestávamos as velas para aproximar-nos dos ingleses, o nosso grande mastro, sem mais nada que o amparasse, tombou com terrível fragor. O *Alceste* aproveitou-se da confusão em que a princípio nos deixou tal acidente. Veio passar-nos pela popa e despejou, a meio tiro de pistola, toda a sua descarga, varrendo de ponta a ponta a nossa infeliz fragata, que só lhe podia opor, em tal caso, dois pequenos canhões. Naquele instante, estava eu perto de Roger, que se ocupava em fazer cortar os calabres que ainda retinham o mastro abatido. Sinto que ele me aferra o braço com força; volto-me, e ei-lo caído ao convés e todo coberto de sangue. Acabava de receber um tiro de metralha no ventre.

“O capitão correu a ele.

“– Que fazer, tenente? – exclamou.

“– Agora é pregar nossa bandeira a esse toco de mastro e afundar o navio.

“O capitão deixou-o em seguida, muito pouco satisfeito com o conselho.

“– Vamos – disse-me então Roger –, lembra-te da tua promessa.

“– Não é nada – respondi –, ainda podes refazer-te...

“– Lança-me ao mar – exclamou ele, praguejando terrivelmente e agarrando-me pela aba do casaco –, bem vês que eu não posso escapar: lança-me ao mar, não quero ver arriarem a nossa bandeira.

“Dois marinheiros aproximaram-se de Roger, a fim de o conduzir para o porão.

“– Voltem aos canhões, patifes – exclamou, ele com força –, metralhem, visem o convés. E tu, se faltares à tua palavra, eu te amaldiçoo e tenho-te pelo mais covarde e vil de todos os homens!

“Seu ferimento era sem dúvida mortal. Vi o capitão chamar um aspirante e dar-lhe ordem para arriar a bandeira.

“– Dá-me um aperto de mão – disse eu a Roger.

“No instante preciso em que era arriada a nossa bandeira...”

– CAPITÃO, UMA BALEIA a bombordo – interrompeu um guarda-marinha, acorrendo.

– Uma baleia? – exclamou o capitão, transportado de alegria, e interrompendo nesse ponto à sua narrativa. – Depressa, a chalupa ao mar! A iole ao mar! Todas as chalupas ao mar! – Harpões, cordas! etc. etc.

E eu não pude saber como morreu o pobre lugar-tenente Roger.

77. Referência às guerras napoleônicas, mais especificamente à batalha de Aspern-Essling, travada entre os dias 22 e 23 de maio de 1809 nos arredores de Viena. Os exércitos de Napoleão, detentores do controle da capital austríaca, pretendiam atravessar à margem direita do Danúbio cruzando a ilha fluvial de Loban; do outro lado, porém, aguardavam-lhes as hostes da chamada Quinta Coalizão, formada por britânicos, austríacos, prussianos e suecos. A derrota que estes impuseram a Napoleão, contendo o avanço de suas tropas, foi a primeira em anos de guerra e custou ao exército francês a vida de importantes comandantes. Um mês depois, os franceses, reorganizados, voltaram a atacar e venceram os austríacos na batalha de Wagram.

78. Jornal fundado em 1815 como *L'Indépendant* durante o Governo dos Cem Dias, o *Le Constitutionnel* serviu de porta-voz a liberais, bonapartistas e críticos da

Igreja. Foi durante a Segunda Restauração que o jornal recebeu tal nome, e sua campanha contra Carlos X foi decisiva para a Revolução de 1830.

79. A cidade de Brest, na Bretanha, é um dos mais importantes centros militares da França. Seu desenvolvimento contou com um arsenal fundado pelo cardeal Richelieu no séc.XVII e em torno do qual se deu o crescimento da cidade, além de uma academia naval.

80. Referência à batalha de Bailén, travada em julho de 1808 entre o exército andaluz e o exército imperial francês, este sob o comando do general Pierre Dupont. A capitulação de Dupont levou à prisão de seus soldados capturados, conduzidos a Cádiz encarcerados em navios-prisão sob terríveis condições.

81. "Senhor", em holandês no original.

82. Jean Bart (1650-1702) foi um corsário francês. Suas vitórias a serviço de Luís XIV lhe renderam um título de nobreza.

O DUPLO ENGANO

*Zagala, mas que las flores
Blanca, rubia y ojos verdes,
Si piensas seguir amores
Piérdete bien, pues te pierdes.⁸³*

I.

Fazia cerca de seis anos que Júlia de Chaverny estava casada, e mais ou menos cinco anos e meio que reconhecera não somente a impossibilidade de amar ao marido, mas ainda a dificuldade de lhe dedicar qualquer estima.

Esse marido não era absolutamente um mau homem, nem tampouco um estúpido ou um tolo. Mas quem sabe se não haveria mesmo nele um pouco de tudo isso? Consultando as suas recordações, bem poderia ela lembrar-se de que o achara amável tempo atrás; mas agora, como a aborrecia! Tudo, nele, lhe era repelente. Sua maneira de comer, de tomar café, de falar, causava-lhe arrepios nervosos. Só se viam e se falavam à mesa; mas jantavam juntos várias vezes por semana, o que era suficiente para alimentar a aversão de Júlia.

Quanto a Chaverny, era um homem assaz bonito, um tanto gordo demais para a idade, sanguíneo, de pele fresca, e que, por gênio, não se dava a essas vagas inquietações que tantas vezes atormentam as pessoas. Acreditava piamente que a mulher experimentava a seu respeito uma doce amizade (era muito filósofo para julgar-se amado como no primeiro dia do casamento), e esta persuasão não lhe causava prazer nem pena; ter-se-ia igualmente

acomodado com o contrário. Servira vários anos num regimento de cavalaria; mas, tendo herdado considerável fortuna, aborrecera-se da vida militar, solicitara demissão e casara-se. Explicar o casamento de duas pessoas que não tinham uma ideia em comum é coisa que talvez pareça demasiado difícil. De uma parte, os parentes e essas criaturas prestimosas que, como Frosina,⁸⁴ seriam capazes de casar a República de Veneza com o Grão Turco haviam-se movimentado para regular os assuntos de interesses. Por outro lado, pertencia Chaverny a uma boa família; não era então muito gordo; possuía bom humor, e era em toda a acepção da palavra, o que se chama um *bom menino*. Era com prazer que Júlia o via no salão de sua mãe, pois ele a fazia rir contando-lhe histórias de seu regimento com uma comicidade que nem sempre primava pelo bom gosto. Achava-o amável porque dançava com ela em todos os bailes e sempre descobria razões para persuadir sua mãe a que a deixasse ficar até mais tarde, ou que fossem ao teatro ou ao Bosque de Bolonha. Júlia, enfim, julgava-o um herói; pois se batera honrosamente em duelo, umas duas ou três vezes. Mas o que coroou o triunfo de Chaverny foi a descrição de certa carruagem que deveria mandar fazer conforme um projeto seu, e na qual ele próprio conduziria Júlia, quando ela assentisse em conceder-lhe a mão.

Ao cabo de alguns meses de casamento, todas as belas qualidades de Chaverny muito haviam perdido de seu mérito. Não dançava mais com a mulher, isto nem era preciso dizer. Suas histórias alegres, já as contara todas, umas três ou quatro vezes. Dizia agora que os bailes se prolongavam até muito tarde. Bocejava no teatro e achava uma coação insuportável o costume de ter de preparar-se à noite. Seu defeito capital era a preguiça; se houvesse procurado agradar, talvez o conseguisse; mas o menor incômodo lhe parecia um suplício: tinha isto em comum com quase todas as pessoas gordas. A sociedade aborrecia-o, porque nela só se é bem recebido em proporção com os esforços que a gente faz para agradar. A alegria grosseira parecia-lhe preferível aos mais delicados divertimentos; pois, para se distinguir entre as pessoas do seu gosto, não lhe custava maior trabalho que o de gritar mais forte que

os outros, o que não lhe era difícil com os pulmões que tinha. Por outro lado, picava-se de beber mais champanha que um homem ordinário e saltava perfeitamente a cavalo um obstáculo de quatro pés. Gozava, por conseguinte, de uma estima, legitimamente adquirida, entre essas criaturas difíceis de definir que se chamam “os jovens” e de que abundam os nossos bulevares, pelas cinco horas da tarde. Caçadas, piqueniques, corridas, almoços e ceias de solteiros, eram coisas que com gostoso empenho procurava. Vinte vezes por dia afirmava que era o mais feliz dos homens; e Júlia, todas as vezes que o escutava, erguia os olhos ao céu, e sua pequena boca tomava uma indizível expressão de desdém.

Bela, jovem, e casada com um homem que lhe desagradava, bem se compreende que deveria andar cercada das mais interesseiras atenções. Mas, sem contar com a proteção da mãe, mulher muito prudente, o orgulho, que era o seu defeito, a defendera até então contra as seduções do mundo. De resto, o desapontamento que lhe adviera do matrimônio, dando-lhe uma espécie de experiência, a tornara difícil de entusiasmar-se. Sentia-se orgulhosa de ver-se lamentada na sociedade, e citada como um modelo de resignação. Afinal de contas, sentia-se quase feliz, pois não amava a ninguém, e o marido deixava-lhe inteira liberdade de ação. Sua coqueteria (pois a verdade é que se comprazia um pouco em provar que o marido não avaliava o tesouro que tinha), sua coqueteria, inteiramente instintiva como a de uma criança, aliava-se muito bem a certa desdenhosa reserva que nada tinha da afetação de virtude. Sabia enfim ser amável com todos, mas com todos igualmente. A maledicência não encontrava a mínima censura que lhe pudesse fazer.

II.

Os dois esposos tinham jantado em casa da sra. de Lussan, mãe de Júlia, que ia partir para Nice. Chaverny, que se aborrecia mortalmente em casa da sogra, fora obrigado a passar ali o serão, apesar de todo o seu desejo de reunir-se aos amigos, no bulevar.

Depois de jantar, acomodara-se num canapé e passara duas horas sem dizer palavra. A razão era simples: ele dormia, decentemente aliás, sentado, com a cabeça inclinada para um lado, como a escutar com interesse a conversa; e até de tempos em tempos despertava, para lançar a sua palavrinha.

Em seguida tivera de sentar-se a uma mesa de uíste, jogo que detestava, porque demanda certa atenção. Tudo isso o ocupara até bem tarde. Acabavam de bater as onze e meia. Chaverny não tinha compromissos para a noite: não sabia absolutamente o que fazer. Enquanto se achava nessa perplexidade, anunciaram o seu carro. Se fosse para casa, devia levar a mulher. A perspectiva de um *tête-à-tête* de vinte minutos era o bastante para assustá-lo; mas não trazia charutos no bolso e morria de desejos de abrir uma caixa que recebera do Havre no momento exato em que saíra para jantar. Resignou-se.

Quando abrigava a mulher no xale, não pôde deixar de sorrir quando se viu, no espelho, cumprindo as funções de um marido de oito dias. Considerou também a esposa, a quem mal havia olhado. Naquela noite, pareceu-lhe mais linda que de costume: de modo que ele se demorou algum tempo a ajustar-lhe o xale nos ombros. Júlia estava tão contrariada quanto ele com o *tête-à-tête* conjugal que se anunciava. Sua boca fazia um pequeno amuo, e as sobrancelhas arqueadas aproximavam-se involuntariamente. Tudo aquilo emprestava à sua fisionomia uma expressão tão graciosa que nem mesmo um marido lhe poderia ficar insensível. Os olhos de ambos encontraram-se no espelho durante a operação de que acabo de falar. Tanto um como outro ficaram embaraçados. Para sair do apuro, Chaverny beijou, sorrindo, a mão que a mulher erguia para arranjar o xale.

– Como eles se amam! – disse baixinho a sra. de Lussan, que não notou nem o frio desdém da mulher nem o ar displicente do marido.

Sentados ambos na carruagem e quase a se tocarem, ficaram a princípio sem falar. Bem sentia Chaverny que seria conveniente dizer qualquer coisa, mas nada lhe ocorria.

Júlia, por sua parte, guardava um silêncio exasperante. Chaverny bocejou três ou quatro vezes, com o que ele próprio se envergonhou, e da última vez sentiu-se na obrigação de pedir desculpas à mulher.

– O serão foi longo – acrescentou ele, para escusar-se.

Júlia só viu nessa frase a intenção de criticar as reuniões de sua mãe, de dizer-lhe algo de desagradável. De há muito tomara o hábito de evitar quaisquer explicações com o marido: continuou a guardar silêncio.

Chaverny, que naquela noite se sentia, mau grado seu, com disposições de conversar, prosseguiu dali a dois minutos:

– Jantei bem hoje; mas devo observar que o champanha de sua mãe é demasiado doce.

– Como? – perguntou Júlia, voltando-se despreocupadamente para ele e fingindo que nada ouvira.

– Eu estava dizendo que o champanha de sua mãe é demasiado doce. Esqueci-me de o dizer a ela. É uma coisa incrível, mas imagina-se que seja fácil escolher champanha. Pois bem! Não há nada mais difícil. Há vinte qualidades de champanha que são más e só uma boa.

– Ah!...

E Júlia, após haver concedido essa interjeição à polidez, voltou a cabeça e pôs-se a olhar pela portinhola. Chaverny recostou-se e passou os pés na almofada dianteira da caleça, um pouco mortificado de que sua mulher se mostrasse tão insensível a todo o trabalho que ele se dava para travar conversação.

No entanto, após haver bocejado mais duas ou três vezes, prosseguiu, aproximando-se de Júlia:

– Esse vestido lhe assenta às maravilhas, Júlia. Onde o comprou?

“Ele quer sem dúvida comprar um parecido para a sua amante”, pensou Júlia.

– No Burty – respondeu ela, sorrindo ligeiramente.

– Por que está rindo? – indagou Chaverny, tirando os pés da almofada e aproximando-se mais. Ao mesmo tempo, tomou-lhe uma das mangas do vestido e pôs-se a alisá-la de leve, à maneira de Tartufo.⁸⁵

– Rio – disse Júlia –, por haver você notado a minha *toilette*. Cuidado, que está a amarrotar-me.

E retirou a manga da mão de Chaverny.

– Asseguro que presto muita atenção à sua *toilette*, e admiro singularmente o seu gosto. Palavra que eu até falava no outro dia a... uma mulher que sempre se veste mal... embora gaste horrivelmente em vestidos... Iria arruinar-se, dizia-lhe eu... E então citei a você como exemplo...

Júlia divertia-se com seu embaraço, e não procurava fazê-lo cessar, interrompendo o marido.

– Esses seus cavalos não prestam. Não andam nada! Tenho de os mudar – disse Chaverny, completamente desconcertado.

Durante o resto do caminho, a conversa não adquiriu maior vivacidade; de um lado e de outro não se foi além da réplica.

Os dois esposos chegaram enfim à rua de..., e separaram-se, desejando-se uma boa noite.

Começava Júlia a despir-se, e a criada de quarto saíra para qualquer coisa, quando a porta se abriu com bastante brusquidão, e Chaverny entrou. Júlia cobriu precipitadamente os ombros.

– Perdão – disse ele –, eu desejaria, para dormir, o último volume de Scott... Não é o *Quentin Durward*?⁸⁶

– Deve estar com você – respondeu Júlia. – Aqui não há livros.

Chaverny contemplava a mulher naquela semidesordem tão favorável à beleza.

Achava-a *picante*, para me servir de uma dessas expressões que detesto. “É na verdade uma bela mulher!”, pensava ele. E permanecia de pé, imóvel, diante dela, sem dizer uma palavra, e com o castiçal na mão. Júlia, também de pé à sua frente, amarfanhava a touca e parecia esperar com impaciência que ele a deixasse sozinha.

– O diabo que me carregue, mas estás encantadora esta noite! – exclamou afinal Chaverny, avançando um passo e pousando a vela num móvel. – Como gosto das mulheres com os cabelos em desordem! – E, assim falando, tomou com uma das mãos as longas tranças que cobriam as espáduas de Júlia, e enlaçou-lhe quase ternamente o talhe.

– Meu Deus! Você cheira a fumo que é um horror! – exclamou Júlia, desviando-se. – Solte os meus cabelos, vai pegar neles esse cheiro, e eu não poderei tirá-lo mais.

– Qual! Dizes isso ao acaso e porque sabes que eu fumo às vezes. Não te faças tão difícil, minha mulherzinha.

E Júlia não pôde desembaraçar-se de seus braços com bastante presteza para evitar um beijo que ele lhe deu na espádua.

Felizmente para ela, chegou a criada de quarto; pois não há nada mais odioso para uma mulher do que essas carícias que é quase tão ridículo recusar como aceitar.

– Maria – disse a sra. de Chaverny –, o corpete de meu vestido azul está demasiado longo. Vi hoje a sra. de Bégy, que sempre se veste muito bem; o seu corpete devia ter uns bons dois dedos a menos do que o meu. Olha, toma uns alfinetes e faz agora algumas pregas, para se ver como fica.

Neste ponto, iniciou-se entre a criada e a patroa um diálogo dos mais interessantes sobre as dimensões exatas que deve ter um corpete. Bem sabia Júlia que não havia coisa que Chaverny mais odiasse do que ouvir falar de modas, e que assim iria pô-lo em fuga. De sorte que, após cinco minutos de idas e vindas, Chaverny, vendo Júlia sempre ocupada com o seu corpete, bocejou terrivelmente, pegou o castiçal e saiu desta vez para não mais voltar.

III.

O comandante Perrin achava-se sentado a uma pequena mesa e lia atentamente. Seu redingote perfeitamente escovado, o boné de polícia, e sobretudo a rigidez inflexível do peito, anunciavam um

velho militar. No seu aposento, tudo era limpo, mas da maior simplicidade. Um tinteiro e duas penas aparadas achavam-se sobre a mesa, ao lado de um caderno de papel de cartas, de que pelo menos há um ano não se havia utilizado uma folha. Se o comandante Perrin não escrevia, em compensação lia muito. Estava agora lendo as *Cartas persas*,⁸⁷ enquanto fumava o seu cachimbo de espuma do mar, e essas duas ocupações de tal modo lhe cativavam a atenção que no princípio não notou a entrada do comandante de Châteaufort. Era um jovem oficial de seu regimento, de aspecto encantador, muito amável, um pouco fátuo, protegido do ministro da Guerra; numa palavra, a antítese do comandante Perrin, em quase todos os sentidos. No entanto, eram amigos, não sei por quê, e avistavam-se todos os dias.

Châteaufort bateu no ombro do comandante Perrin. Este voltou a cabeça sem tirar o cachimbo. Sua primeira expressão foi de alegria, ao ver o amigo, a segunda de pesar, o digno homem!, porque ia deixar a leitura; a terceira indicava que tomara o seu partido e que ia fazer o melhor possível as honras do apartamento. Vasculhava o bolso, procurando a chave de um armário onde estava encerrada uma preciosa caixa de charutos que ele não fumava e que ia dando de um em um ao amigo; mas Châteaufort, que o vira cem vezes fazer o mesmo gesto, exclamou:

– Calma, tio Perrin, guarde os seus charutos; eu cá tenho os meus!

Depois, tirando de um elegante estojo de palha do México um charuto cor de canela, bem afilado nas duas pontas, acendeu-o e deitou-se num pequeno canapé, de que o comandante Perrin não se servia nunca, com a cabeça numa almofada e os pés sobre o encosto, Châteaufort começou por envolver-se numa nuvem de fumaça, enquanto, com os olhos cerrados, parecia meditar profundamente sobre o que tinha a dizer. Seu rosto irradiava de júbilo, e ele parecia encerrar a custo no peito o segredo de uma felicidade que estava ansioso por deixar adivinhar.

O comandante Perrin, tendo colocado a sua cadeira defronte ao canapé, fumou algum tempo sem nada dizer; depois, como

Châteaufort não se apressasse em falar, indagou:

– Como vai Ourika?

Tratava-se da jumenta preta que Châteaufort esfalfara um pouco e que estava ameaçada de ficar com pulmoeira.

– Muito bem – disse Châteaufort, que não prestara atenção à pergunta. – Perrin! – exclamou estendendo para ele a perna que repousava no encosto do canapé. – Sabes que és muito feliz por me teres como amigo?...

O velho comandante procurava consigo as vantagens que lhe proporcionara o conhecimento de Châteaufort, e não achava mais que o presente de alguns livros de Kanaster e alguns dias de detenção que sofrera por se haver envolvido num duelo em que Châteaufort desempenhara o primeiro papel. Era verdade que o amigo lhe dava numerosas mostras de confiança. Era sempre a ele que Châteaufort se dirigia para fazer-se substituir quando estava de serviço, ou quando necessitava de uma testemunha.

Châteaufort não o deixou por muito tempo entregue às suas pesquisas, e estendeu-lhe uma cartinha escrita em papel inglês acetinado, numa linda caligrafia de patas de mosca. O comandante Perrin fez uma careta que, nele, equivalia a um sorriso. Já vira muitas dessas cartas acetinadas e cobertas de patas de mosca, dirigidas a seu amigo.

– Olha – disse este –, lê. É a mim que deves isso.

Perrin leu o que se segue:

Muito amável seria da sua parte, meu caro senhor, se aceitasse este convite para jantar conosco. O sr. de Chaverny teria ido convidá-lo em pessoa, mas foi obrigado a comparecer a uma caçada. Não sei o endereço do sr. comandante Perrin, e não posso escrever-lhe para lhe pedir que o acompanhe. O senhor me inspirou muita vontade de o conhecer, e assim lhe ficarei devendo uma dupla obrigação se no-lo trouxer em sua companhia.

JÚLIA DE CHAVERNY

P.S.: Muito lhe agradeço pela música que teve o trabalho de copiar para mim. É encantadora, e sempre se deve admirar o seu gosto. O senhor não tem mais

comparecido às nossas reuniões de quinta-feira; bem sabe no entanto o prazer que sentimos em vê-lo.

– Uma linda letra, mas muito fina – disse Perrin, terminando. – Mas que diabo! Esse jantar me arrebenta; pois é preciso meter-se a gente em meias de seda, e nenhuma cachimbada após o jantar!

– Bela desgraça, na verdade! Preferir um cachimbo à mais linda mulher de Paris!... O que me admira é a tua ingratidão. Não me agradeces a felicidade que me deves.

– Agradecer-te! Mas se não é a ti que devo a obrigação desse jantar... se é que há obrigação.

– A quem então?

– A Chaverny, que foi capitão entre nós. Terá dito à mulher: “Convida Perrin, é um bom diabo.” Como queres que uma linda mulher, a quem só vi uma vez, se lembre de convidar a um velho sargento como eu?

Châteaufort sorriu, mirando-se no estreito espelho que decorava o quarto do comandante.

– Não estás com muita perspicácia hoje, tio Perrin. Relê-me esse bilhete, e aí acharás talvez alguma coisa que não notaste.

O comandante examinou o bilhete, e não descobriu nada.

– Como, velho dragão! – exclamou Châteaufort. – Não compreendes que ela te convida apenas para me dar prazer, que ela quer dar-me a prova... de...?

– De quê? – interrompeu Perrin.

– De... bem sabes de quê.

– De que te ama? – perguntou o comandante com ar de dúvida.

Châteaufort assoviou sem responder.

– Ela está então apaixonada por ti?

Châteaufort continuava a assoviar.

– Ela mesma te disse?

– Mas... isso logo se vê, parece-me.

– Como...? Nesta carta?

– Sem dúvida.

Foi a vez de Perrin assoviar. Seu assovio foi tão significativo quanto o famoso “Lilibulero” de meu tio Tobias.⁸⁸

– Como! – exclamou Châteaufort, arrancando a carta das mãos de Perrin. – Não vêes tudo o que há de... terno... sim, de terno... nas suas expressões? Que dizes a isto: “Meu caro senhor?” Nota bem que, noutro bilhete, ela escrevera: “Senhor”, simplesmente. “E assim lhe ficarei devendo uma dupla obrigação”, isto é positivo. E repara, há depois uma palavra apagada, é “meus”. Ela achou que “meus cumprimentos” seria muito fraco, mas não se atreveu a mais. Oh! Meu velho! Querias por acaso que uma mulher de posição como a sra. de Chaverny se atirasse a este teu criado como uma costureirinha qualquer? Digo-te que a sua carta é encantadora, e que é preciso ser cego para não ver toda a paixão que ali transparece... E que me dizes das censuras do fim, só porque eu falto a uma única quinta-feira?

– Pobre mulherzinha! – exclamou Perrin. – Não te enamores deste: cedo te arrependerás!

Châteaufort não deu atenção à prosopopeia do amigo: mas, num tom baixo e insinuante assim lhe falou:

– Sabes, meu caro, que me poderias prestar um grande serviço?

– Como?

– É preciso que me ajudes neste assunto. Sabes que o marido não lhe convém –, é um animal que a torna uma infeliz... tu o conhecestes, Perrin. Pois dize à sua mulher que ele é um bruto, um homem que tem a pior reputação...

– Oh!...

– Um libertino... bem o sabes. Tinha amantes quando estava no regimento; e que amantes! Conta tudo isso à mulher.

– Oh! Como dizer isso?

– Meu Deus! Há maneiras de dizer tudo!... E, antes de mais nada, fala bem de mim.

– Quanto a isso, é mais fácil. No entanto...

– Não, não é tão fácil... Se eu te deixasse falar à vontade, eras bem capaz de fazer-me um elogio que estragasse tudo... Dize-lhe que, *desde algum tempo*, tens notado que ando triste, que não falo, que não como...

– Que golpe! – exclamou Perrin, com um riso que lhe imprimia ao cachimbo os mais grotescos movimentos. – Nunca poderei dizer tal coisa, de cara, à sra. de Chaverny. – Ainda ontem à noite, quase que foi preciso carregarem-te, depois do jantar que os camaradas nos ofereceram.

– Vá lá que seja! Mas é inútil contar-lhe isso. É bom que a sra. de Chaverny saiba que me apaixonei por ela; e esses fazedores de romances convenceram às mulheres de que um homem que bebe e come não pode estar apaixonado.

– Quanto a mim, não conheço nada que me faça perder a sede ou a fome.

– Pois bem, meu caro Perrin – disse Châteaufort, pondo o chapéu e arranjando os caracóis dos cabelos –, está combinado. Quinta-feira próxima venho buscar-te; sapatos e meias de seda, traje de rigor! E principalmente não te esqueças de dizer horrores do marido, e muito bem de mim.

Saiu, agitando a chibata com muita graça, e deixando o comandante Perrin preocupadíssimo com o convite que acabava de receber, e ainda mais perplexo no tocante às meias de seda e ao traje de rigor.

IV.

Vários convidados da sra. de Chaverny se haviam escusado, e o jantar esteve um pouco triste. Châteaufort achava-se ao lado de Júlia, muito solícito em servi-la, galante e amável como de costume. Quanto a Chaverny, que fizera uma longa cavalgada pela manhã, estava com um apetite prodigioso. Comia, pois, e bebia de modo a dar vontade aos mais doentes. O comandante Perrin fazia-lhe companhia, servindo-lhe muitas vezes a bebida, e rindo de rachar os

copos todas as vezes em que a alacridade do anfitrião lhe dava ensejo. Encontrando-se com militares, Chaverny retomava logo seu bom humor e suas maneiras do regimento; aliás, nunca fora dos mais delicados na escolha dos gracejos. A mulher assumia um ar friamente desdenhoso, a cada saída imprópria: voltava-se então para Châteaufort e começava a falar à porta com ele, para não parecer que dava ouvidos a uma conversação que lhe desagradava sumamente.

Eis uma amostra da urbanidade daquele modelo de esposos. Pelo fim da ceia, recaindo a conversa na Ópera, comparavam-se os méritos de várias bailarinas e, entre outras, louvava-se muito a mademoiselle... Neste ponto Châteaufort a encarecia mais do que ninguém, louvando-lhe sobretudo a graça, o porte, e o seu ar decente.

Perrin, que Châteaufort levara à Ópera, alguns dias antes, sendo essa a única vez que lá fora, lembrava-se muito bem de mademoiselle...

– É aquela pequena de cor-de-rosa – disse ele –, que salta como um cabrito?... Que tem umas pernas que gabavas tanto, Châteaufort?

– Ah! O senhor gabava as pernas dela! – exclamou Chaverny. – Pois fique sabendo que, se as gabar demasiado, terá de haver-se com o seu general, o duque de J...! Tome cuidado, meu camarada!

– Mas não o suponho tão ciumento que proíba a gente de as olhar por um binóculo.

– Pelo contrário, ele é tão cioso delas como se as tivesse descoberto. Que diz a isto, comandante Perrin?

– Apenas sou entendido em pernas de cavalos – respondeu modestamente o velho soldado.

– São verdadeiramente admiráveis – tornou Chaverny. – Não as há mais belas em Paris, exceto as de...

Parou, e pôs-se a cofiar os bigodes com um ar faceto, olhando para a mulher, que enrubesceu até os ombros.

– Exceto as de mademoiselle D...? – interrompeu Châteaufort, citando outra bailarina.

– Não! – respondeu Chaverny, no tom trágico de Hamlet: – *Mas olhe a minha mulher.*

Júlia ficou vermelha de indignação. Lançou ao marido um olhar rápido como o relâmpago, mas onde se pintavam o desprezo e o furor. Depois, esforçando-se por se dominar, voltou-se rapidamente para Châteaufort.

– Devemos – disse ela, numa voz levemente trêmula –, devemos estudar o duo de *Maometto*.⁸⁹ Parece-me perfeitamente adequado à sua voz.

Chaverny não se desconcertava facilmente.

– Não sabe, Châteaufort – prosseguiu ele –, não sabe que já pretendi mandar tirar um molde das pernas de que falo? Mas isso nunca me foi permitido.

Châteaufort, que experimentava uma viva alegria com essa impertinente revelação, não pareceu ter ouvido, e pôs-se a falar sobre *Maometto* com a sra. de Chaverny.

– A pessoa a quem quero referir-me – continuou o impiedoso marido – geralmente se escandalizava quando lhe faziam justiça nesse artigo, mas no fundo não ficava incomodada. Sabem que ela manda o vendedor de meias tirar-lhe as medidas? – Minha querida, não se incomode... *vendedora*, quero eu dizer. E quando estive em Bruxelas, levei três páginas escritas por ela, com as mais detalhadas instruções para a compra de meias.

Por mais que ele falasse, porém, estava Júlia decidida a nada ouvir. Conversava com Châteaufort, afetando alegria, e seu sorriso gracioso procurava persuadi-lo de que só escutava a ele. Châteaufort, da sua parte, parecia completamente entregue ao *Maometto*; mas não perdia nada das impertinências de Chaverny.

Depois do jantar, fez-se música, e a sra. de Chaverny cantou ao piano com Châteaufort. Chaverny desapareceu no momento em que o piano se abriu. Foram chegando visitantes, o que não impediu Châteaufort, por várias vezes, de falar em voz baixa com Júlia. Na

saída, declarou a Perrin que não perdera a noite e que os seus negócios progrediam.

Perrin achava muito natural que um marido se referisse às pernas da mulher. Assim, quando se viu a sós na rua com Châteaufort, disse-lhe compenetradamente:

– Como tens coragem de perturbar um casal assim? Ele ama tanto a sua mulherzinha!

V.

Fazia um mês que Chaverny andava muito preocupado com a ideia de tornar-se gentil-homem da câmara. Talvez se espantem de que um homem gordo, preguiçoso, amante de comodidades, fosse acessível a um pensamento de ambição, mas não lhe faltavam boas razões para isso. Primeiro, dizia ele aos amigos, gasto muito em camarotes que dou a mulheres. Quando obtiver um emprego na Corte, terei, sem que me custe um vintém, quantos camarotes quiser. E é sabido tudo o que se obtém com camarotes. Por outro lado, gosto muito de caçar: as caçadas reais serão minhas. Enfim, agora que não tenho mais uniformes, não sei como me vestir para os bailes de Madame;⁹⁰ não gosto das vestes de marquês; uma de gentil-homem da câmara me iria muito bem. Por conseguinte, andava ele a fazer solicitações. Desejaria que a mulher fizesse o mesmo, mas Júlia recusara-se obstinadamente a isso, embora tivesse várias amigas muito influentes. Como houvesse prestado alguns pequenos serviços ao duque de H..., que então estava muito bem na Corte, tinha Chaverny grandes esperanças no seu valimento. Seu amigo Châteaufort, que também possuía excelentes relações, servia-o com um zelo e devotamento como o leitor talvez venha a encontrar um dia, se for marido de uma mulher bonita.

Uma circunstância auxiliou em muito a causa de Chaverny, embora pudesse ter para ele consequências assaz funestas. A sra. de Chaverny conseguira, não sem algum trabalho, um camarote na Ópera, em certo dia de estreia. Tinha o camarote seis lugares. O marido, por exceção, e depois de discutir muito, consentira em

acompanhá-la. Ora, Júlia queria oferecer um lugar a Châteaufort, e, compreendendo que não podia ir sozinha com ele à Ópera, obrigara o marido a comparecer ao espetáculo.

Logo que terminou o primeiro ato, Chaverny saiu, deixando a mulher a sós com o amigo. No princípio, ambos guardaram silêncio, com o ar um pouco constrangido: Júlia porque desde algum tempo se sentia embaraçada quando se via sozinha com Châteaufort; este, porque tinha lá os seus projetos, e achava conveniente parecer emocionado. Lançando a furto um olhar para a sala, viu ele, com prazer, vários binóculos de conhecidos assestados para o seu camarote. Sentia viva satisfação em pensar que vários de seus amigos invejavam a sua ventura, supondo-a muito maior do que na realidade era.

Júlia, após haver por várias vezes cheirado a sua caçoila e o seu ramallete, falou do calor, do espetáculo, dos vestidos. Châteaufort escutava distraidamente, suspirava, agitava-se na cadeira, contemplava Júlia e suspirava de novo. Júlia começava a inquietar-se. De repente ele exclamou:

– Que pena haver passado o tempo da cavalaria!

– O tempo da cavalaria! Mas por quê? – indagou Júlia. – Decerto porque umas vestes da Idade Média lhe assentariam muito bem, não é?

– Julga-me muito tolo – disse ele, num tom de amargura e tristeza. – Não, eu lamento haver passado esse tempo... porque um homem que se sentisse com coragem... podia aspirar a... muitas coisas... Em suma, não se tratava mais que de abater um gigante para agradar a uma dama... Está vendo aquele colosso ali no balcão? Quisera eu que a senhora me mandasse ir pedir-lhe os bigodes, para depois conceder-me a permissão de lhe dizer três pequenas palavras, sem incomodar-se.

– Que loucura! – exclamou Júlia, enrubescendo, pois bem adivinhava quais seriam as três pequenas palavras. – Mas veja a sra. de Saint-Hermine! Decotada na sua idade, e de vestido de baile!

– Eu só vejo uma coisa: é que a senhora não quer ouvir-me, e há muito tempo o percebo... Eu calo-me, bem vê; mas... (acrescentou baixinho e suspirando) sei que me compreendeu...

– Nada compreendo – disse secamente Júlia. – Mas aonde terá ido o meu marido?

Chegou uma visita muito a propósito para tirá-la do embaraço. Châteaufort não abriu a boca. Estava pálido e parecia profundamente afetado. Quando o visitante se retirou, fez ele algumas observações indiferentes sobre o espetáculo. Havia longos intervalos de silêncio entre ambos.

Ia começar o segundo ato, quando a porta do camarote se abriu e apareceu Chaverny, conduzindo uma mulher muito bonita e muito enfeitada, com magníficas plumas cor-de-rosa no toucado. Vinha seguido pelo duque de H...

– Minha querida amiga – disse ele à mulher –, encontrei o sr. duque e madame num horrível camarote lateral, de onde não se pode ver o cenário. Eles aceitaram um lugar no nosso.

Júlia inclinou-se friamente; o duque de H... desagradava-lhe. O duque e a dama das plumas cor-de-rosa se confundiam em escusas, temendo incomodá-la. Houve um movimento de cadeiras, travando-se uma espécie de duelo de generosidade para a escolha dos lugares. Durante a confusão, Châteaufort inclinou-se para o ouvido de Júlia e disse-lhe baixinho e depressa:

– Por amor de Deus, não vá para a frente do camarote.

Júlia ficou atônita e permaneceu no seu lugar. Depois que todos se acomodaram, voltou-se para Châteaufort e pediu-lhe, com um olhar um pouco severo, a explicação daquele enigma. Ele conservava-se com o pescoço ereto, os lábios apertados, e toda a sua atitude denotava enorme contrariedade. Refletindo no caso, Júlia interpretou muito mal a recomendação de Châteaufort. Pensou que este lhe quisesse falar baixinho durante o espetáculo e continuar as suas estranhas alegações, o que lhe não seria possível se ela ficasse no lugar da frente. Quando passeou o olhar pela sala, notou que várias mulheres dirigiam o binóculo para o seu camarote;

mas sempre assim acontece quando surge uma figura nova. Cochichavam, sorriam; mas que havia de extraordinário nisso? A gente é tão aldeã na Ópera!

A dama desconhecida inclinou-se para o ramalhete de Júlia e disse-lhe com um encantador sorriso:

– É um soberbo buquê, madame! Estou certa de que deve ter saído bastante caro nesta estação: no mínimo dez francos. Mas com toda a certeza foi dado! É um presente, não? As damas não compram nunca os seus buquês.

Júlia arredondava os olhos, perguntando-se com que espécie de provinciana se encontrava.

– Duque – disse a dama com um ar lânguido –, eu não ganhei buquê.

Chaverny precipitou-se para a porta. O duque queria detê-lo, a dama também; ela não mais desejava o buquê. Júlia trocou um olhar com Châteaufort, olhar que queria dizer: “Agradeço-lhe, mas é demasiado tarde.” No entanto, ainda não adivinhara a verdade exata.

Durante toda a representação, a dama das plumas tamborilava com os dedos fora de compasso, e falava sobre música a torto e a direito. Perguntava a Júlia o preço de seus vestidos, de suas joias, de seus cavalos. [Júlia nunca vira modos como aqueles.] Concluiu que a desconhecida devia ser alguma parenta do duque, recém-chegada da Baixa Bretanha. Quando Chaverny voltou com um enorme buquê, muito mais bonito que o da esposa, foi uma admiração, e uns agradecimentos, e umas desculpas, que não acabavam mais.

– Eu não sou nenhuma ingrata, sr. de Chaverny – disse a suposta provinciana depois de uma longa tirada. – Para prová-lo, “faça-me pensar em prometer alguma coisa”, como diz Potier.⁹¹ O fato é que vou bordar-lhe uma bolsa, logo que houver terminado a que prometi ao duque.

Afinal terminou o espetáculo, com grande satisfação de Júlia, que se sentia pouco à vontade ao lado de sua singular vizinha. O duque

ofereceu-lhe o braço, Chaverny tomou o da outra dama. Châteaufort, com um ar sombrio e descontente, caminhava atrás de Júlia, saudando constrangidamente os conhecidos que encontrava na escadaria.

Algumas mulheres passaram por eles. Júlia conhecia-as de vista. Um jovem lhes falou baixo e rindo; as senhoras olharam em seguida para Chaverny e sua esposa, com um olhar de viva curiosidade, e uma delas exclamou:

– Será possível?!

Apareceu o carro do duque. Ele saudou a sra. de Chaverny, renovando-lhe calorosamente todos os agradecimentos pela sua bondade. Chaverny fazia questão de conduzir a dama desconhecida até o carro do duque, e Júlia e Châteaufort ficaram a sós um instante.

– Mas quem é essa mulher? – indagou Júlia.

– Não devo dizer-lhe... a coisa é mesmo muito estranha!

– Como assim?

– De resto, todas as pessoas que a senhora conhece saberiam como haver-se... Mas Chaverny!... É inacreditável...

– Mas de que se trata afinal? Fale, por amor de Deus! Quem é essa mulher? – Chaverny já vinha de volta. Châteaufort respondeu em voz baixa:

– É a amante do duque de H..., sra. Melânia R...

– Meu Deus! – exclamou Júlia, olhando para Châteaufort com um ar estupefato. – Não é possível!

Châteaufort deu de ombros, e conduzindo-a à carruagem, acrescentou:

– É o que diziam as senhoras que encontramos na escadaria. Quanto a ela, é uma pessoa que, no seu gênero, não tem o que se lhe diga. Está acostumada a solitudes, a atenções... Possui até mesmo um marido.

– Querida amiga – disse Chaverny num tom jovial –, não tens necessidade de mim para levar-te a casa. Boa noite. Eu vou cear

com o duque.

Júlia nada respondeu.

– Châteaufort – prosseguiu Chaverny –, queres ir comigo à casa do duque? Estás convidado, acabam de dizer-me. Foste notado, e agradaste, meu velho.

Châteaufort agradeceu friamente. Saudou a sra. de Chaverny, que mordida raivosamente o lenço, quando partiu de carro.

– Bem, meu caro – disse Chaverny –, mas pelo menos me levarás no teu cabriolé até a porta dessa infantia.

– Com muito gosto – respondeu alegremente Châteaufort. – Mas, a propósito, sabes que a tua mulher compreendeu afinal com quem se achava?

– Impossível.

– Podes estar certo, e isso não te fica muito bem.

– Qual! Ela é muito distinta; e depois ainda ninguém sabe bem quem é. O duque a leva a toda parte.

VI.

A sra. de Chaverny passou uma noite muito agitada. O procedimento do marido na Ópera constituía o cúmulo de todas as suas faltas, e parecia-lhe exigir separação imediata. No dia seguinte teria uma explicação com ele e lhe comunicaria a intenção de não mais viver sob o mesmo teto com um homem que tão cruelmente a comprometera. Mas essa explicação a assustava. Nunca tivera uma conversação a sério com o marido. Até então só exprimira o seu descontentamento com amuos a que o marido não dera atenção nenhuma; pois, concedendo inteira liberdade à mulher, jamais lhe passaria pela cabeça que Júlia lhe pudesse recusar a indulgência que, se necessário, estava disposto a ter para com ela. Temia sobretudo chorar em meio da explicação e que Chaverny atribuísse as lágrimas a um amor ofendido. Lamentava então profundamente a ausência da mãe, que lhe poderia dar um bom conselho ou encarregar-se de pronunciar a sentença de separação. Essas

reflexões lançaram-na em grande incerteza e, ao adormecer, tomara a resolução de consultar uma senhora sua amiga que conhecera bastante jovem, e fiar-se na sua prudência quanto à atitude que assumiria perante Chaverny.

Enquanto se abandonava à indignação, não pudera deixar de fazer involuntariamente um paralelo entre o marido e Châteaufort. A tremenda inconveniência do primeiro fazia ressaltar a delicadeza do segundo, e reconhecia com certo prazer, mas censurando-se por isso, que o enamorado se mostrava mais cioso da sua reputação do que o marido. Essa comparação levava-a, mau grado seu, a constatar a elegância de maneiras de Châteaufort e o ar mediocrementemente distinto de Chaverny. Via o marido, com o seu ventre um pouco obeso, afanar-se pesadamente junto à amante do duque de H..., enquanto Châteaufort, ainda mais respeitoso que de costume, dir-se-ia querer concentrar em torno dela a consideração que o marido lhe pudesse alienar. Afinal, como os pensamentos podem levar a gente muito longe, sem querer, mais de uma vez considerou que poderia ficar viúva e que então, moça, rica, nada a impediria de coroar legitimamente o constante amor do jovem chefe de esquadrão. Uma tentativa infeliz nada implicava contra o casamento e, se o pendor de Châteaufort fosse verdadeiro... Mas então afugentava esses pensamentos que a faziam corar, e prometia a si mesma mostrar-se mais reservada do que nunca nas suas relações com ele.

Despertou com forte dor de cabeça, e ainda mais afastada, do que na véspera, de uma explicação decisiva. Não quis descer, por medo de encontrar o marido; mandou que lhe servissem o chá no quarto, e que preparassem o carro para ir à casa da sra. Lambert, a amiga com quem desejava aconselhar-se. Achava-se esta na sua casa de campo, em P...

Enquanto tomava o chá, abriu um jornal. Eis o primeiro tópico que se lhe deparou: "Chegou anteontem à nossa capital, em missão diplomática, o sr. Darcy,⁹² primeiro-secretário da embaixada de França em Constantinopla. O jovem diplomata, logo após a sua

chegada, manteve longa conferência com S. Excia. o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros.”

– Darcy em Paris! – exclamou Júlia. – Terei prazer em revê-lo. Será que mudou muito? *Jovem diplomata!* Darcy, jovem diplomata! – E não pôde deixar de rir sozinha ante essa expressão: *Jovem diplomata.*

Darcy era outrora assíduo frequentador das recepções da sra. de Lussan; estava então adido ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Deixara Paris pouco antes do casamento de Júlia e, desde aí, ela não mais tornara a vê-lo. Sabia apenas que ele viajara muito e obtivera rápidas promoções.

Tinha ainda o jornal na mão quando o marido entrou. Parecia muito bem-disposto. Júlia ergueu-se para sair, mas, como era preciso passar junto dele para recolher-se à alcova, permaneceu de pé no mesmo lugar, mas tão nervosa que sua mão, apoiada na mesa de chá, fazia distintamente tremer o serviço de porcelana.

– Minha querida – disse Chaverny –, venho despedir-me por alguns dias. Vou caçar com o duque de H... Ele ficou encantado com a tua bondade de ontem à noite. Meu negócio vai indo às maravilhas, e o duque prometeu recomendar-me muito especialmente ao rei.

Júlia, ouvindo-o, empalidecia e corava alternativamente.

– O sr. Duque de H... – disse ela com voz trêmula – deve-te essa obrigação. Nem pode fazer menos por alguém que compromete a sua mulher da maneira mais escandalosa com as amantes de seu protetor.

Depois, num desesperado esforço, atravessou a sala com um passo digno e encerrou-se na alcova, cuja porta bateu com força.

Chaverny permaneceu um momento de cabeça baixa e ar confuso.

– Como diabo sabe ela isso? – pensou. – Que importa, afinal? O que está feito está feito!

E, como não era hábito seu insistir muito tempo numa ideia desagradável, fez uma pirueta, tirou um torrão do açucareiro, e

gritou de boca cheia para a criada de quarto que entrava:

– Diga à minha mulher que ficarei quatro a cinco dias na casa do duque de H..., e que lhe remeterei caça.

Retirou-se, sem pensar em mais nada a não ser nos faisões e corças que ia matar.

VII.

Júlia partiu para P... com um redobramento de cólera contra o marido; mas desta vez era por motivo bastante fútil. Ele tomara, para ir ao castelo do duque, a caleça nova, deixando à mulher um outro carro que, no dizer do cocheiro, tinha necessidade de reparações.

Durante o caminho, a sra. de Chaverny aprestava-se para contar sua aventura à sra. Lambert. Malgrado seu pesar, não era insensível à satisfação que proporciona a todo narrador uma história bem contada, e preparava-se para a narrativa, procurando exórdios e começando ora duma ora doutra maneira. Donde lhe resultou examinar as barbaridades do marido sobre todas as faces, e o seu ressentimento aumentou na devida proporção.

P..., como todos sabem, fica a mais de quatro léguas de Paris, e, por longo que fosse o requisitório da sra. de Chaverny, bem se vê que é impossível, mesmo ao mais envenenado ódio, ruminar a mesma ideia durante quatro léguas seguidas. Às violentas reações que lhe provocavam as faltas do marido, vinham juntar-se doces e melancólicas recordações, devido a essa estranha faculdade do pensamento humano, que muita vez associa uma imagem risonha a uma sensação penosa.

O ar puro e vivo, o belo sol, a fisionomia descuidada dos passantes, também contribuía para afastá-la de seus rancorosos pensamentos. Recordou as cenas da infância e os dias em que ia passear no campo com amiguinhas da sua idade. Revia as companheiras de convento; assistia a seus jogos, a suas refeições. Interpretava as misteriosas confidências que surpreendera entre “as

grandes”, e não podia deixar de sorrir quando pensava nas mil pequenas coisas que tão cedo revelam o instinto da coqueteria entre as mulheres.

Depois figurava a sua estreia na sociedade. Dançava de novo nos bailes mais brilhantes a que comparecera no ano que se seguiu à sua saída do convento. Os outros bailes, esquecera-os. A gente se desgasta tão depressa! Mas esses bailes lembravam-lhe o marido. “Que louca eu era! Como não percebi, à primeira vista, que seria infeliz com ele?” Todos os disparates, todas as vulgaridades de noivo que o pobre Chaverny lhe dizia com tanta ênfase um mês antes do casamento, achavam-se cuidadosamente registrados em sua memória. Ao mesmo tempo, não podia deixar de pensar nos inúmeros admiradores que o seu casamento reduzira ao desespero, o que aliás não os impedira de se casarem, ou consolar-se doutra maneira, alguns meses depois. “Teria eu sido feliz com outro que não ele? A... não passa de um tolo; mas é inofensivo, e Amália governa-o como quer. Sempre se pode viver com um marido que obedece. B... tem amantes, e a mulher dá-se ao trabalho de se afligir com isso. Aliás, ele se mostra cheio de consideração para com ela, e... eu não pediria outra coisa... O jovem conde de C..., que sempre anda a ler panfletos, e que tanto se esforça por vir a ser um dia um bom deputado, talvez dê um bom marido. Sim, mas todos esses são aborrecidos, feios, tolos...” Quando assim passava em revista a todos os rapazes que conhecera em solteira, o nome de Darcy apresentou-se-lhe pela segunda vez ao espírito.

Darcy era outrora no salão da sra. de Lussan uma criatura sem importância, isto é, sabia-se... as mães sabiam – que a fortuna dele não lhe permitia pensar em suas filhas. Para as tais senhoras, não havia nele nada que pudesse transtornar as moças. Tinha, aliás, reputação de homem galante. Um pouco misantropo e cáustico, aprazia-lhe, único homem num círculo de senhoritas, zombar dos ridículos e pretensões dos outros jovens. Quando falava baixo a alguma donzela, as mães não se alarmavam, pois suas filhas riam alto, e as mães das que tinham belos dentes chegavam a dizer que o sr. Darcy era muito amável.

A identidade de gostos e o recíproco temor do seu talento de maldizer haviam aproximado Júlia e Darcy. Após algumas escaramuças, concluíram um tratado de paz, espécie de aliança ofensiva e defensiva; poupavam-se mutuamente, e estavam sempre aliados para prestar as devidas honras aos conhecidos.

Certa noite, haviam pedido a Júlia que cantasse não sei que trecho. Ela possuía linda voz, e sabia-o. Aproximando-se do piano, olhou para as mulheres com um ar um tanto altivo, como se quisesse desafiá-las.

Ora, aquela noite, qualquer indisposição ou uma infeliz fatalidade privava-a de quase todos os seus recursos. A primeira nota que saiu daquela garganta ordinariamente tão melodiosa foi decididamente falsa. Júlia perturbou-se, cantou tudo errado, perdeu todos os efeitos; em suma, um terrível fiasco. Desamparada, quase a romper em pranto, a pobre Júlia deixou o piano, e, voltando para o seu lugar, foi-lhe impossível não notar a maligna alegria que as companheiras mal ocultavam ao ver assim abatido o seu orgulho. Até os homens pareciam reprimir a custo um sorriso zombeteiro. Ela baixou os olhos de vergonha e cólera, e ficou algum tempo sem ousar erguê-los. Quando levantou a cabeça, o primeiro semblante amigo que percebeu foi o de Darcy. Estava pálido, e tinha os olhos rasos d'água; parecia mais desolado com o seu desastre do que ela própria.

“Ele me ama!”, pensou ela. “Ele me ama verdadeiramente.” À noite, não dormiu nada, e a fisionomia triste de Darcy estava sempre diante de seus olhos. Durante dois dias, só pensou em Darcy e na secreta paixão que ele devia dedicar-lhe. Assim avançava o romance, quando a sra. de Lussan encontrou em casa um cartão do sr. Darcy com estas três letras: P.P.C.⁹³

– Para onde vai o sr. Darcy, afinal? – perguntou Júlia a um jovem que o conhecia.

– Não sabe? Para Constantinopla. Parte hoje de noite.

– Então ele não me ama! – pensou ela. Oito dias depois, Darcy estava esquecido. Da sua parte, Darcy, que era então bastante romanesco, passou oito meses sem esquecer Júlia. Para escusar a

esta nota e explicar a prodigiosa diferença de constância, cumpre notar que Darcy vivia no meio de bárbaros, ao passo que Júlia se achava em Paris, cercada de atenções e prazeres.

Como quer que seja, seis ou sete anos após aquela separação, Júlia, em seu carro, na estrada de P..., recordava a expressão melancólica de Darcy no dia em que ela cantou tão mal; e, se devemos confessá-lo, pensou no provável amor que ele então lhe dedicava, e até mesmo, talvez, nos sentimentos que ainda agora poderia conservar. Tudo isso a ocupou vivamente durante meia légua. Depois o sr. Darcy foi esquecido pela terceira vez.

VIII.

Júlia não ficou pouco contrariada quando, ao entrar em P..., viu no pátio da sra. Lambert um carro de que desatrelavam os cavalos, o que era indício de visita longa. Impossível, pois, entabular a discussão dos seus agravos contra o sr. de Chaverny.

Quando entrou no salão da sra. Lambert, achava-se esta com uma dama que Júlia já encontrara em sociedade, mas que conhecia apenas de nome. Teve de fazer um esforço para ocultar o desapontamento de haver feito em vão aquela viagem.

– Bom dia, minha bela! – exclamou a sra. Lambert, beijando-a. – Como estou contente por não me haveres esquecido! Não podias chegar mais a propósito, pois espero hoje uma porção de gente que tem loucura por ti.

Júlia respondeu, um pouco constrangida, que esperava encontrá-la sozinha.

– Vão ficar encantadas de ver-te! – continuou a sra. Lambert. – A minha casa está tão triste desde o casamento de minha filha que fico contentíssima quando meus amigos resolvem fazer ponto de reunião aqui. Mas minha filha, que fizeste das tuas lindas cores? Estás tão pálida hoje!

Júlia inventou uma pequena mentira: a duração da viagem... a poeira... o sol...

– Exatamente hoje tenho, ao jantar, um de teus adoradores, a quem vou fazer uma agradável surpresa, o sr. de Châteaufort, e provavelmente o seu fiel Achates,⁹⁴ o comandante Perrin.

– Tive o prazer de receber ultimamente o comandante Perrin – disse Júlia, enrubescendo um pouco, pois pensava em Châteaufort.

– Tenho também o sr. de Saint-Léger. Faço questão de que ele organize aqui uma noitada de provérbios para o próximo mês; e tu representarás um papel, meu anjo: eras a principal figura dos provérbios, há uns dois anos.

– Meu Deus, há tanto tempo que não represento provérbios, que não mais poderei encontrar a minha segurança de antigamente. Serei obrigada a recorrer ao *Ouçó alguém*.

– Ah! Júlia, minha filha, adivinha a quem mais esperamos. Mas este, minha cara, é preciso memória para lembrar-lhe o nome...

O nome de Darcy apresentou-se imediatamente ao espírito de Júlia.

“Já é obsessão, na verdade”, pensou Júlia.

– Memória? – disse ela. – Não me falta...

– Mas eu digo uma memória de seis ou sete anos... Não te lembras de um de teus admiradores quando eras menina e usavas os cabelos em bandós?

– A falar verdade, não adivinho...

– Que coisa horrível! Minha querida... Esqueceres assim um homem encantador que tanto te agradava que a tua mãe quase ficou alarmada... Bem, já que assim esqueces a teus adoradores, tenho de lembrar-te os seus nomes: é o sr. Darcy que hoje verás.

– O sr. Darcy?

– Sim, faz poucos dias que voltou afinal de Constantinopla. Veio ver-me anteontem, e eu convidei-o. E sabes, ingrata, que ele me pediu notícias tuas com uma solicitude bastante significativa?

– O sr. Darcy? – disse Júlia, hesitando e com afetada distração. – Não é um loiro alto, que é secretário de embaixada?

– Oh! Minha cara, tu não o reconhecerás: está muito mudado; é pálido, ou antes cor de oliva, os olhos fundos; perdeu muito cabelo devido ao calor, segundo diz. Daqui a dois ou três anos, se a coisa continua, estará calvo na frente. E no entanto ainda não tem trinta anos.

Aqui a dama que ouvia essa desdita aconselhou calorosamente o uso do *Kalydor*,⁹⁵ que lhe produzira excelente resultado após uma doença que a fizera perder muito cabelo. Enquanto falava, acariciava os espessos bandós, de um belo castanho cendrado.

– Será que o sr. Darcy ficou durante todo esse tempo em Constantinopla? – indagou a sra. de Chaverny.

– Não, viajou muito: esteve na Rússia, depois percorreu toda a Grécia. Não sabes da sorte dele? Morreu-lhe um tio, deixando-lhe uma bela fortuna. Esteve também na Ásia Menor, na... como se diz?... Na Caramânia. Ele é encantador, minha querida; tem histórias deliciosas que te arrebatarão. Ontem contou-me umas tão lindas, que eu sempre lhe dizia: “Mas guarde-as para amanhã; o senhor as contará às damas, em vez de desperdiçá-las com uma velha mamãe como eu.”

– E ele não lhe contou a história da turca a quem salvou a vida? – perguntou a padroeira do *Kalydor*, sra. Dumanoir.

– A turca que ele salvou? Ele salvou uma turca? Não, não me disse nada.

– Como! Mas foi uma ação admirável, um verdadeiro romance.

– Oh! Conte-nos isso, por favor.

– Não, não; peçam a ele para contar. Quanto a mim, só sei a história por minha irmã, cujo marido, como sabem, foi cônsul em Esmirna. Ela, porém, sabia-o por intermédio de um inglês, que fora testemunha de toda a aventura.

– Conte-nos. Como vamos esperar até a hora da ceia? Não há nada que aflija tanto como ouvir falar de uma história que não se conhece.

– Pois bem, vou estragar-lhes a história; mas, enfim, ei-la aqui, tal como me contaram: achava-se o sr. Darcy na Turquia, a ver não

sei que ruínas à beira-mar, quando notou que vinha a seu encontro uma procissão bastante lúgubre. Eram mudos que carregavam um saco, e esse saco, notava-se que se movia, como se houvesse dentro qualquer coisa viva...

– Ah! Meu Deus! – exclamou a sra. Lambert, que lera *O Giaur*.⁹⁶ – Era uma mulher que iam lançar ao mar!

– Justamente – prosseguiu a sra. Dumanoir, um pouco formalizada por ver que lhe arrebatavam o lance mais dramático da sua história. – O sr. Darcy olha o saco, ouve um gemido surdo, e adivinha logo a horrível verdade. Pergunta aos mudos o que vão fazer: por toda resposta, sacam os mudos os seus punhais. Felizmente o sr. Darcy achava-se muito bem armado. Põe em fuga os escravos, e retira enfim do maldito saco uma mulher de extraordinária beleza, meio desfalecida, e a leva para a cidade, hospedando-a numa casa segura.

– Pobre mulher! – exclamou Júlia, que começava a interessar-se pela história.

– Pensa que ela se salvou? Absolutamente. O marido, ciumento, pois se tratava de um marido, amotinou todo o populacho, que se dirigiu com tochas à casa do sr. Darcy, para queimá-lo vivo. Não sei muito bem o fim da história, só o que sei é que ele sustentou um cerco e acabou pondo a mulher em segurança. Parece até – acrescentou a sra. Dumanoir, mudando de expressão e num tom nasal muito devoto –, parece que o sr. Darcy providenciou para que a convertessem, e ela foi batizada.

– E o sr. Darcy desposou-a? – perguntou Júlia, sorrindo.

– Quanto a isto, nada sei. Mas a turca... tinha um nome esquisito: chamava-se Emineh... apaixonou-se violentamente pelo sr. Darcy. Dizia a minha irmã que ela o chamava sempre de *Sotir*... o que quer dizer *meu salvador* em turco ou grego. Eulalie me disse que era uma das mais belas criaturas que já vira.

– Nós o apertaremos sobre essa história da turca! – exclamou a sra. Lambert. – Não é? É preciso atormentá-lo um pouco... De resto, essa atitude de Darcy não me surpreende absolutamente. É um dos

homens mais generosos que conheço, e sei de gestos seus que me encham os olhos de lágrimas todas as vezes em que os conto. Quando o tio morreu, deixou uma filha natural que jamais reconhecera. Como não fez testamento, não tinha ela nenhum direito à herança; Darcy, que era o único herdeiro, fez questão de que ela ficasse com uma parte, e provavelmente essa parte foi muito mais considerável do que lhe teria destinado o tio.

– E era bonita, essa filha natural? – perguntou a sra. de Chaverny com um ar perverso, pois começava a sentir necessidade de falar mal daquele sr. Darcy a quem não podia expulsar do pensamento.

– Ah! Minha querida, como podes imaginar uma coisa dessas? Em todo caso, o sr. Darcy estava ainda em Constantinopla quando morreu o tio, e sem dúvida nenhuma nem viu a tal criatura.

A chegada de Châteaufort, do comandante Perrin e de algumas outras pessoas pôs fim a essa conversação. Châteaufort sentou-se perto da sra. de Chaverny e, aproveitando um momento em que falavam muito alto:

– A senhora parece triste – disse-lhe ele – e eu ficaria muito aborrecido se a causa disso fosse o que eu lhe disse ontem.

A sra. de Chaverny não o ouvira, ou antes, não quis ouvi-lo. Châteaufort sofreu, pois, a mortificação de repetir a sua frase, e a mortificação mais forte ainda de uma resposta um pouco seca, após a qual Júlia se intrometeu logo na conversa geral; e, mudando de lugar, afastou-se de seu infeliz admirador.

Sem desanimar, Châteaufort fazia inutilmente muito espírito. A sra. de Chaverny, que era a única a quem ele queria agradar, ouvia-o distraidamente: pensava na próxima chegada do sr. Darcy, enquanto perguntava a si mesma por que se preocupava tanto com um homem a quem devia ter esquecido e que provavelmente também de há muito a esquecera.

Ouviu-se afinal o ruído de um carro; a porta do salão abriu-se.

– Ei-lo! – exclamou a sra. Lambert. Júlia não ousou voltar a cabeça, mas empalideceu terrivelmente. Experimentou uma viva e súbita sensação de frio, e teve necessidade de reunir todas as forças

para refazer-se e impedir que Châteaufort notasse a alteração da sua fisionomia.

Darcy beijou a mão da sra. Lambert e falou-lhe, de pé, por algum tempo; depois sentou-se a seu lado. Fez-se então um grande silêncio: a sra. Lambert parecia aguardar um reconhecimento. Châteaufort e os outros homens, com exceção do bom comandante Perrin, observavam Darcy com uma curiosidade um pouco ciumenta. Recém-chegado de Constantinopla, levava grandes vantagens sobre todos, e isso era um motivo suficiente para que eles assumissem esse ar de reserva que em geral se toma com estrangeiros. Darcy, que não prestara atenção a ninguém em particular, foi quem primeiro rompeu o silêncio. Falou do tempo ou da estrada, pouco importa; a sua voz era suave e musical. A sra. de Chaverny arriscou-se a olhá-lo: viu-o de perfil. Pareceu-lhe mais magro, e sua expressão mudara... Em suma, achou-o muito bem.

– Meu caro Darcy – disse a sra. Lambert –, olhe bem em redor, e veja se não encontra aqui uma das suas antigas relações.

Darcy voltou a cabeça e percebeu Júlia, que se ocultara até então sob o chapéu. Ergueu-se precipitadamente com uma exclamação de surpresa, e avançou para ela de mão estendida; depois, parando de súbito, e como que arrependido daquele excesso de familiaridade, saudou profundamente a Júlia, exprimindo-lhe em termos *convenientes* todo o prazer que sentia em tornar a vê-la. Júlia balbuciou algumas palavras de polidez, e enrubesceu ao ver que Darcy continuava de pé diante dela e a olhava fixamente.

Logo lhe voltou a presença de espírito, e ela o contemplou por sua vez com esse olhar ao mesmo tempo distraído e observador que a gente da sociedade assume quando quer. Era um jovem alto e pálido, e cujos traços exprimiam calma, mas uma calma que parecia provir menos de um estado habitual da alma que do domínio que conseguira sobre a expressão fisionômica. Já pronunciadas rugas lhe sulcavam a fronte. Os olhos eram fundos, os cantos da boca pendidos e as têmporas começavam a desguarnecer-se. No entanto não tinha mais de trinta anos. Darcy estava simplesmente vestido, mas com essa elegância que indica os hábitos da boa sociedade e

indiferença no tocante a um assunto que ocupa as meditações de tantos jovens.

Foi com prazer que Júlia fez todas essas observações. Notou também que ele tinha na fronte uma cicatriz bastante longa que mal ocultava com uma mecha de cabelos e que parecia devida a um espadão.

Júlia estava sentada ao lado da sra. Lambert. Havia uma cadeira entre ela e Châteaufort; mas logo que Darcy se levantara, Châteaufort pusera a mão no espaldar da cadeira, fazendo-a equilibrar-se num único pé. Era evidente que pretendia guardá-la como o cão do jardineiro guardava a arca de aveia.⁹⁷ A sra. Lambert apiedou-se de Darcy, que continuava sempre de pé diante da sra. de Chaverny. Fez lugar no canapé onde se achava, oferecendo-o a Darcy, que ficou assim perto de Júlia. Ele apressou-se em tirar proveito dessa vantajosa posição, entabulando com a vizinha uma palestra cerrada.

Teve no entanto de suportar da sra. Lambert e de algumas outras pessoas um interrogatório em regra sobre as suas viagens; livrou-se laconicamente, e aproveitava todas as ocasiões para prosseguir na sua espécie de conversa particular com a sra. de Chaverny.

– Tome o braço da sra. de Chaverny – disse a sra. Lambert a Darcy no momento em que a sineta do castelo anunciou o jantar.

Châteaufort mordeu os lábios, mas achou meios de colocar-se na mesa bastante próximo de Júlia, para observá-la melhor.

IX.

Após o jantar, como fizesse uma bela noite e algum calor, reuniram-se todos no jardim em torno de uma mesa rústica, para tomar café.

Châteaufort notara com crescente despeito as atenções de Darcy para com a sra. de Chaverny. À medida que observava o interesse que ela parecia tomar na conversação do recém-chegado, tornava-se por sua vez menos amável, e o ciúme que sentia não tinha outro efeito senão o de lhe tirar todos os meios de agradar. Passeava pelo

terraço onde se achavam sentados, incapaz de permanecer no mesmo lugar, como em geral acontece às pessoas inquietas, olhando várias vezes para as grossas nuvens que se acumulavam no horizonte, prenunciadoras de tempestade, e mais ainda para o seu rival, que conversava em voz baixa com Júlia. Ora a via sorrir, ora tornar-se séria, ora baixar timidamente os olhos; via enfim que Darcy não lhe dizia palavra que não produzisse efeito notório; e o que mais o mortificava era que as variadas expressões que assumiam os traços de Júlia pareciam não ser mais que a imagem e como que o reflexo da fisionomia móvel de Darcy. Enfim, não mais podendo suportar aquele suplício, aproximou-se dela, e, inclinándose sobre as costas da sua cadeira no momento em que Darcy prestava informações a alguém sobre a barba do sultão Mahmoud,⁹⁸ disse-lhe num tom amargo:

– O sr. Darcy é muito amável, não?

– Oh! Sim – respondeu a sra. de Chaverny com uma expressão de entusiasmo que não pôde reprimir.

– Assim parece – continuou Châteaufort –, pois que a faz esquecer os velhos amigos.

– Os velhos amigos! – disse Júlia num tom um pouco severo. – Não sei o que quer dizer. – E voltou-lhe as costas. Depois, tomando uma ponta do lenço que a sra. Lambert tinha na mão: – Que bonito o bordado desse lenço – disse ela. – É um trabalho maravilhoso.

– Acha, querida? É um presente do sr. Darcy, que me trouxe não sei quantos lenços bordados de Constantinopla. A propósito, Darcy, foi a sua turca quem os bordou?

– A minha turca! Que turca?

– Sim, a linda sultana, a quem você salvou a vida e que o chamava... oh! nós sabemos tudo... que o chamava... o seu... salvador, enfim. Deve saber como se diz isso em turco.

Darcy bateu na testa, a rir.

– Será possível – exclamou – que a fama da minha desgraça já tenha chegado a Paris?!

– Mas não há nenhuma desgraça nisso; a não ser talvez para o *Mamamouch*⁹⁹ que perdeu a sua favorita.

– Ai! Bem vejo que conhecem metade da história, pois foi uma aventura tão triste para mim como a dos moinhos de vento para d. Quixote. Será possível que, depois de haver dado tanto que rir aos francos, seja eu ainda ridicularizado em Paris pelo único gesto de cavaleiro andante que pratiquei em minha vida?!

– Como! Mas nós não sabemos de nada. Conte-nos isso! – exclamaram todas as damas ao mesmo tempo.

– Eu deveria – disse Darcy – deixá-las com o que já conhecem da história e dispensar o resto, cuja lembrança nada tem de agradável para mim: mas um de meus amigos... peço licença para lho apresentar, sra. Lambert, sir John Tyrrel... um de meus amigos, também ator nessa cena tragicômica, virá em breve a Paris. E bem poderá dar-se ao maligno prazer de emprestar-me na sua narrativa um papel ainda mais ridículo do que aquele que eu representei. Eis os fatos: Essa infeliz mulher, uma vez instalada no consulado francês...

– Oh! Mas comece pelo princípio! – exclamou a Sra. Lambert.

– Mas já o sabem.

– Nós não sabemos nada, e queremos que nos conte toda a história, do princípio ao fim.

– Pois bem! Saibam, minhas senhoras, que eu me achava em Larnaca¹⁰⁰ em 18... Um dia, saí da cidade para desenhar. Estava comigo um jovem inglês muito amável, bom rapaz, bom viver, chamado sir John Tyrrel, um desses homens preciosos em viagem, porque pensam no jantar, não esquecem as provisões e estão sempre de bom humor. Viajava aliás sem finalidade e não sabia nem geologia nem botânica, ciências bastante desastrosas para um companheiro de viagem.

“Estava eu sentado à sombra de uma velha construção, a cerca de duzentos passos do mar, que é, naquele local, dominado por uns rochedos a pique. Achava-me muito ocupado em desenhar o que restava de um sarcófago antigo, enquanto sir John, deitado na relva,

desdenhava da minha desgraçada paixão pelas belas-artes, fumando o delicioso tabaco de Latakié.¹⁰¹ A nosso lado um criado turco que contratáramos nos preparava o café. Era o melhor preparador de café e o mais poltrão de todos os turcos que já conheci.

“De súbito sir John exclamou alegremente:

“‘Lá vem gente descendo a montanha, com um carregamento de neve; vamos comprar alguma e fazer sorvete de laranja.’

“Ergui os olhos e vi que se aproximava um asno com um grande fardo atravessado no lombo; dois escravos o sustentavam, um de cada lado. Adiante, ia um homem puxando o asno e, atrás, um venerável turco de barbas brancas fechava a marcha, montado num excelente cavalo.

“Aquela procissão avançava lentamente e com toda a gravidade.

“O nosso turco, enquanto soprava o fogo, lançou um olhar de soslaio para a carga do asno, e disse-nos com um singular sorriso: ‘Não é neve.’ Depois, pôs-se a preparar o nosso café com a fleuma habitual.

“‘Que é então?’, perguntou Tyrrel. ‘É alguma coisa de comer?’

“‘Para os peixes’, respondeu o turco.

“Nesse momento, o homem a cavalo partiu a galope; e, rumando para o mar, passou por nós, não sem nos lançar um desses olhares de desprezo que os muçulmanos costumam dirigir aos cristãos. Guiou o cavalo até os rochedos a pique de que lhes falei, fazendo-o estacar no sítio mais escarpado. Contemplava as águas, parecendo escolher o melhor lugar para precipitar-se.

“Examinamos então mais atentamente o fardo que o asno carregava, e ficamos impressionados com a forma estranha do saco. Vieram-nos logo à lembrança todas as histórias de mulheres afogadas por maridos ciumentos. Comunicamo-nos as nossas reflexões.

“‘Pergunta a esses marotos’, disse John ao nosso turco, ‘se não é uma mulher que eles estão carregando.’

“O turco abriu desmesuradamente os olhos, mas não a boca. Era claro que achava a nossa pergunta demasiado inconveniente.

“Achando-se então o saco perto de nós, vimo-lo mover-se distintamente, chegando até a ouvir no seu interior uma espécie de gemido, ou grunhido.

“Tyrrel, apesar de gastrônomo, é muito cavalheiresco. Ergueu-se como um possesso, correu ao condutor e perguntou-lhe em inglês, tão perturbado estava pela cólera, o que era que ele assim carregava e o que pretendia fazer daquele saco. O condutor não se preocupava em contestar: mas o saco agitou-se violentamente e ouviram-se gritos de mulher: diante disto, os dois escravos puseram-se a dar fortes laços sobre o saco, com as correias de que se serviam para fustigar o asno. Tyrrel não mais se conteve. Com um vigoroso e científico bofetão, lançou por terra o condutor e segurou um escravo pela garganta: o saco, agitado com violência durante a luta, tombou pesadamente ao solo.

“Nesse meio-tempo eu acorrera. O outro escravo começava a apanhar pedras, o condutor erguia-se. Apesar da minha aversão a imiscuir-me em assuntos alheios, era-me impossível não ir em socorro de meu companheiro. Apoderando-me de uma estaca que me servia para sustentar o para-sol enquanto desenhava, pus-me a brandi-la, ameaçando os escravos e o condutor com o ar mais marcial que me era possível mostrar. Tudo ia bem, quando o diabo do turco a cavalo, tendo acabado de contemplar o mar e voltando-se ao ruído que fazíamos, partiu como uma frecha e lançou-se sobre nós: empunhava uma espécie de horrível facão...”

– Um iatagã? – aparteu Châteaufort, que amava a cor local.

– Um iatagã – tornou Darcy, com um sorriso de aprovação. – Passou por mim e vibrou-me na cabeça um golpe daquele iatagã, que me fez ver trinta e seis... velas, como tão elegantemente dizia o meu amigo marquês de Roseville. Respon-di-lhe, no entanto, assentando-lhe um bom golpe de estaca nos rins, e em seguida pus-me a fazer o molinete como melhor podia, batendo condutor, escravos, cavalo e turco, e dez vezes mais furioso agora do que o meu amigo sir John Tyrrel. [A situação estava ficando difícil para o nosso lado.] Nosso criado observava neutralidade, e nós não nos podíamos defender por muito tempo, com um bastão, contra três

homens de infantaria, um de cavalaria e um iatagã. Felizmente sir John lembrou-se de um par de pistolas que trazíamos conosco. Pegou-as, jogou-me uma e apontou a outra contra o cavaleiro que tanto trabalho nos dava. A vista das armas e o leve trinclido do cão da pistola produziram um efeito mágico em nossos inimigos. Bateram vergonhosamente em retirada, deixando-nos senhores do campo de batalha, do saco e até do burro. Apesar de toda a nossa cólera, não fizéramos fogo, o que foi uma felicidade, pois não se mata impunemente a um bom muçulmano, e espancá-lo já sai bastante caro.

“Logo que me refiz um pouco, nosso primeiro cuidado foi, como bem imaginam, ir ao saco e abri-lo. Encontramos uma mulher bastante bonita, um pouco gorda, com lindos cabelos negros, e tendo por única vestimenta uma camisa de lã azul um pouco menos transparente que o lenço da sra. de Chaverny.

“Saiu lestamente do saco, e, sem parecer muito embaraçada, dirigiu-nos um discurso muito patético sem dúvida, mas de que não compreendemos patavina; depois do quê, ela beijou-me a mão. Foi a primeira vez, minhas senhoras, que uma dama me concedeu essa honra.

“Voltava-nos o sangue-frio. Víamos o nosso criado turco arrancar as barbas como um desesperado. Eu atava a cabeça o melhor possível com o meu lenço. Tyrrel dizia:

“‘Que diabo fazer dessa mulher? Se ficarmos aqui, o marido vai voltar com reforços e dará cabo de nós; se voltarmos a Larnaca, com ela, nessa bela equipagem, a canalha infalivelmente nos apedrejará.’

“Embaraçado com essas reflexões, mas já senhor da sua fleuma britânica, exclamou afinal:

“‘Mas que ideia a tua de desenhar logo hoje!’

“A sua saída me fez rir, e a mulher, que nada compreendeu, pôs-se a rir também.

“Mas urgia tomar um partido. Considerei que o melhor que tínhamos a fazer era nos colocarmos todos sob a proteção do cônsul

da França; o mais difícil, porém, era entrar em Larnaca. O dia declinava, o que era uma circunstância feliz para nós. O nosso turco obrigou-nos a fazer um grande desvio, e, graças à noite e a essa precaução, chegamos sem maior obstáculo à casa do cônsul, que fica fora da cidade. Esqueci-me de lhes dizer que havíamos arranjado para a mulher um vestuário quase decente, com o saco e o turbante de nosso intérprete.

“O cônsul recebeu-nos muito mal, disse que éramos uns loucos, que cumpria respeitar os usos e costumes dos países por onde se estava viajando, e que não devíamos nos meter em casos de família. Passou-nos, em suma, um sermão em regra; e tinha razão, pois fizéramos o bastante para ocasionar um violento motim e provocar o massacre de todos os franceses da ilha de Chipre.

“Sua esposa mostrou-se mais humana; lera uma porção de romances, e afigurou-se-lhe muito generosa a nossa conduta. Havíamo-nos portado, no caso, como verdadeiros heróis de romance. A excelente dama era muito devota; pensou que converteria facilmente a infiel que puséramos em suas mãos, que essa conversão seria mencionada no *Moniteur*¹⁰² e que o seu marido seria nomeado cônsul-geral. Todo esse plano delineou-se-lhe em um instante na cabeça. Ela beijou a turca, deu-lhe um vestido, fez o sr. cônsul envergonhar-se da sua crueldade, e mandou-o falar com o pachá para arranjar o assunto.

“O pachá estava muito encolerizado. O marido ciumento era um sujeito importante e ameaçava céus e Terra. Era um horror, dizia, que cães cristãos impedissem um homem como ele de lançar a sua escrava ao mar. O cônsul estava sobre brasas; falou então do rei seu senhor, e ainda mais de uma fragata de sessenta canhões que acabava de aparecer nas águas de Larnaca. Mas o argumento que mais impressionou foi a proposta que fez, em nosso nome, de pagar o justo preço pela escrava.

“Ah! Se soubessem o que é o justo preço de um turco! Foi preciso pagar o marido, pagar o pachá, pagar o condutor do burro, a quem Tyrrel quebrara dois dentes, pagar pelo escândalo, pagar por tudo.

Quantas vezes Tyrrel exclamou dolorosamente: 'Por que diabo ir fazer desenhos à beira-mar!'"

– Que aventura, meu pobre Darcy! – exclamou a sra. Lambert. – Foi então aí que você arranhou essa terrível cicatriz? Por favor, levante os cabelos. Mas é um milagre que não lhe tenham fendido a cabeça!

Júlia, durante todo esse relato, não desviara os olhos da frente do narrador; perguntou afinal com voz tímida:

– E que foi feito da mulher?

– É justamente a parte da história que não gosto muito de contar. A continuação é tão triste para mim que, na hora em que lhe falo, ainda riem da nossa arremetida cavalheiresca.

– E era bonita, essa mulher? – perguntou a sra. de Chaverny, corando um pouco.

– Como se chamava ela? – perguntou a sra. Lambert.

– Chamava-se Emineh.

– Bonita?

– Sim, era bem bonita, mas muito gorda e toda besuntada de pintura, segundo o costume de seu país. É preciso já estar muito habituado para apreciar os encantos de uma beleza turca. Emineh foi, pois, instalada na casa do cônsul. Era da Mingrélia, e declarou à consulesa ser filha de príncipe. Naquele país, qualquer tratante que comanda a dez outros tratantes é um príncipe. Tratavam-na, pois, como princesa: sentada à mesa conosco, comia por quatro; e depois, logo que lhe falavam da religião, adormecia infalivelmente. Isso durou algum tempo. Afinal marcou-se dia para o batismo. A sra. C..., esposa do cônsul, nomeou-se sua madrinha, e quis que eu fosse padrinho, com ela. Bombons, presentes e tudo o que se segue!... Estava escrito que aquela infeliz Emineh me arruinaria. A sra. C... dizia que Emineh gostava mais de mim que de Tyrrel, porque, ao servir-me café, sempre o derramava em minha roupa. Preparava-me para aquele batismo com uma compunção verdadeiramente evangélica, senão quando, na véspera da cerimônia, a bela Emineh desapareceu. Devo contar-lhes tudo? O

cônsul tinha como cozinheiro um mingreliano, grande maroto sem dúvida, mas admirável para preparar *pilaf*.¹⁰³ Esse mingreliano agradara a Emineh, que inegavelmente era patriota à sua maneira. Ele fugiu com ela e também com uma considerável quantia do sr. cônsul, que jamais pôde encontrá-lo. A aventura custou assim ao cônsul o seu dinheiro, à sua esposa o enxoval que dera a Emineh, a mim as minhas luvas e os meus bombons, afora os golpes que recebi. O pior é que me tornaram, de certa maneira, responsável por tudo. Pretendeu-se que fora eu quem libertara aquela maldita mulher, que eu desejaria saber embaixo d'água e que atraíra tantos males sobre meus amigos. Tyrrel soube tirar-se de apuros; passou por vítima, quando fora ele o único causador de toda a complicação, e eu fiquei com uma fama de d. Quixote e a cicatriz que estão vendo e que tanto prejudica o meu sucesso.

Finda a história, regressaram ao salão.

Darcy conversou ainda algum tempo com a sra. de Chaverny; depois foi obrigado a deixá-la para lhe apresentarem um jovem muito versado em economia política, que se preparava para ser deputado, e desejava informes estatísticos sobre o império otomano.

X.

Júlia, depois que Darcy a deixara, olhava seguidamente para a pêndula. Ouvia Châteaufort com distração e seus olhos procuravam, sem querer, a Darcy, que conversava na outra extremidade da sala. Este por vezes a olhava, enquanto continuava a falar com o seu amador de estatística, e Júlia não podia suportar o seu olhar penetrante, embora calmo. Sentia que Darcy já tomara sobre ela uma ascendência extraordinária, e não mais pensava em subtrair-se a tal influência.

Mandou avisar o seu cocheiro que lhe preparasse o carro e, ou de propósito ou não, fê-lo olhando para Darcy, como se quisesse dizer: "Vês? Perdeste meia hora, que poderíamos ter passado juntos." O carro ficou pronto. Darcy continuava a conversar, mas parecia fatigado e aborrecido com o questionador, que não havia jeito de o

largar. Júlia ergueu-se lentamente, apertou a mão da sra. Lambert, depois se dirigiu à porta do salão, surpresa e quase ressentida de ver Darcy sempre no mesmo lugar. Châteaufort achava-se ali perto; ofereceu-lhe o braço, que ela tomou maquinalmente, sem escutá-lo, e quase sem se aperceber da sua presença.

Atravessou o vestíbulo, acompanhada da sra. Lambert e de algumas pessoas que a conduziram até o carro. Darcy permanecera no salão. Quando já acomodada na caleça, perguntou-lhe Châteaufort, sorrindo, se não tinha medo de seguir sozinha de noite pela estrada, acrescentando que iria segui-la de perto no *tilbury*, logo que o comandante Perrin houvesse terminado a sua partida de bilhar. Júlia, que estava imersa em cismas, foi chamada à realidade pelo som da voz de Châteaufort, mas nada havia compreendido. Fez o que qualquer outra mulher teria feito em circunstância idêntica: sorriu. Depois, com um aceno de cabeça, disse adeus às pessoas reunidas na escadaria, e seus cavalos arrastaram-na rapidamente.

Mas, justamente no instante em que o carro se movimentava, vira Darcy sair do salão, pálido, o ar triste, de olhos fixos nela, como que a lhe pedir um adeus particular. Júlia partiu, levando o pesar de não ter podido dirigir um sinal de cabeça para ele só, e chegou até a pensar que Darcy ficaria sentido com isso. Já havia esquecido que deixara a outro o cuidado de conduzi-la a seu carro; agora as faltas estavam do seu lado, e Júlia censurava-se por elas como de um grande crime. Os sentimentos que alguns anos antes experimentara por Darcy, depois daquela noite em que cantara tão mal, eram muito menos vivos que os de agora. É que não só os anos tinham dado força às suas impressões, mas haviam-se estas acrescido de toda a cólera alimentada contra o esposo. E quem sabe mesmo se a espécie de inclinação que sentira por Châteaufort, aliás completamente esquecido agora, não a tinha preparado para abandonar-se, sem maiores remorsos, ao sentimento muito mais vivo que experimentava por Darcy?

Quanto a este, seus pensamentos eram de natureza mais calma. Revia com prazer uma linda mulher que lhe evocava recordações felizes, e cujo conhecimento lhe seria provavelmente agradável

durante o inverno que ia passar em Paris. Mas, uma vez que não mais a tinha ante os olhos, restava-lhe quando muito a lembrança de algumas horas decorridas alegremente, lembrança cuja doçura era aliás perturbada pela perspectiva de deitar-se tarde e de fazer quatro léguas para ir ter ao leito. Deixemo-lo, com suas ideias prosaicas, envolver-se cuidadosamente na capa, alojar-se comodamente de viés no seu cupê de aluguel, com os pensamentos a vagabundear, do salão da sra. Lambert a Constantinopla, de Constantinopla a Corfu, e de Corfu a um meio-sono.

Agora, caro leitor, acompanhemos a sra. de Chaverny.

XI.

Quando a sra. de Chaverny deixou o castelo da sra. Lambert, estava a noite horrivelmente escura, a atmosfera pesada e sufocante: de tempos em tempos, relâmpagos, iluminando a paisagem, desenhavam as silhuetas negras das árvores sobre um fundo de um alaranjado lívido. A escuridão parecia redobrar depois de cada relâmpago, e o cocheiro não enxergava a cabeça dos cavalos. Em breve desabou violenta tempestade. A chuva, que tombava a princípio em grossas e pesadas gotas, transformou-se logo num verdadeiro dilúvio. De todos os lados estava o céu em fogo e a artilharia celeste começava a tornar-se ensurdecadora. Os cavalos, assustados, resfolegavam fortemente e empinavam-se em vez de avançar, mas o cocheiro jantara muito bem: o seu espesso *carrick*, e sobretudo o vinho que bebera, impediam-no de temer a água e as más estradas. Fustigava energicamente os pobres animais, não menos intrépido que César na tempestade quando dizia a seu piloto: Tu carregas César e o seu destino.¹⁰⁴

A sra. de Chaverny, que não tinha medo de trovões, pouco se importava com a tempestade. Repetia consigo mesma tudo quanto lhe dissera Darcy, coisas que lhe teria podido dizer, quando foi de súbito interrompida em suas meditações por um choque violento que recebeu o carro: ao mesmo tempo as vidraças voaram em estilhaços e fez-se ouvir um estalido de mau agouro: a caleça

precipitara-se num fosso. Júlia nada mais sofreu além do susto. Mas a chuva não cessava; uma roda quebrara-se; as lanternas se haviam apagado, e não se divisava nos arredores uma só casa que pudesse servir de abrigo. O cocheiro praguejava, o laçao amaldiçoava o cocheiro, imprecando contra a sua inépcia. Júlia permanecia no carro, indagando como poderia voltar a P..., ou o que seria preciso fazer; mas, a cada pergunta, recebia esta desesperadora resposta:

– Impossível!

Ouviu-se no entanto ao longe o ruído surdo de um carro que se aproximava. Com grande satisfação, o cocheiro da sra. de Chaverny reconheceu um de seus colegas, com o qual acabara de lançar as bases de uma terna amizade, na copa da sra. Lambert; gritou-lhe que parasse.

O carro parou e, mal fora pronunciado o nome da sra. de Chaverny, um jovem que se achava no cupê abriu a portinhola exclamando: “Está ferida?” E saltou para junto da caleça de Júlia. Ela reconheceu Darcy: esperava-o.

As mãos de ambos encontraram-se no escuro e Darcy julgou sentir que a sra. de Chaverny apertava a sua; mas sem dúvida era efeito do medo. Após as primeiras perguntas, Darcy, naturalmente, ofereceu a sua condução. Júlia a princípio não respondeu, pois estava muito indecisa quanto ao partido que devia tomar. Pensava, por um lado, nas três ou quatro léguas que teria de viajar a sós com um jovem, se resolvesse ir a Paris; por outro lado, caso voltasse ao castelo para pedir hospitalidade à sra. Lambert, estremecia à ideia de contar o romanesco acidente do carro e do socorro que recebera de Darcy. Reaparecer no salão, em meio da partida de uíste, salva por Darcy como a mulher turca... nem se devia pensar nisso. Mas também três longas léguas até Paris!... Enquanto assim flutuava na incerteza e pronunciava desajeitadamente algumas frases banais sobre o incômodo que iria causar, Darcy, que parecia ler no fundo de seu coração, disse-lhe friamente:

– Tome o meu carro, senhora, eu ficarei no seu até que passe alguém a caminho de Paris.

Júlia, temendo demonstrar excessiva reserva, aceitou o primeiro oferecimento, mas não o segundo. E como a sua resolução foi súbita, não teve tempo de resolver a importante questão de saber se iriam a P..., ou a Paris. Já se achava no cupê de Darcy, agasalhada na capa que este se apressara em lhe emprestar, e já os cavalos trotavam rapidamente na direção de Paris, antes que ela tivesse pensado em dizer aonde queria ir.

Seu criado escolhera por ela, dando ao cocheiro o nome e endereço da patroa.

A conversa começou embaraçada de ambas as partes. O tom de Darcy era breve e parecia indicar certa irritação. Júlia imaginou que a sua irresolução o melindrara, e que ele a tomava por uma ridícula puritana. Já de tal modo se achava sob a influência daquele homem, que dirigia a si mesmo severos reproches, e não pensava senão em dissipar aquela irritação de que se julgava culpada. A roupa de Darcy estava molhada, ela o percebeu e, desfazendo-se logo da capa, exigiu que ele a pusesse. Daí um duelo de generosidade, resultando que resolvido o caso irmãmente, ficou cada qual com metade da capa. Tremenda imprudência que ela jamais cometeria se não fora aquele momento de hesitação que queria fazer esquecer!

Tão perto estavam um do outro, que a face de Júlia podia sentir o calor da respiração de Darcy. E os solavancos do carro, por vezes, ainda mais os aproximavam.

– Esta capa que nos envolve aos dois – disse Darcy – me lembra os nossos enigmas de outrora. Não se lembra de ter sido a minha Virgínia,¹⁰⁵ quando nos cobrimos com a mantilha de sua avó?

– Sim, e a descompostura que ela então me passou.

– Ah! – exclamou Darcy. – Que feliz tempo aquele! Quantas vezes não pensei, com tristeza e encanto, em nossos divinos serões da rua de Bellechasse! Não se lembra das belas asas de abutre que lhe haviam atado aos ombros com fitas cor-de-rosa, e os bicos de papel dourado que eu lhe fabriquei com tanta arte?

– Sim – respondeu Júlia –, o senhor era Prometeu, e eu o abutre. Mas que memória a sua! Como pode lembrar-se de todas essas

loucuras? Pois faz tanto tempo que não nos vemos.

– É um cumprimento que me pede? – disse Darcy, sorrindo e avançando de maneira a olhá-la em face.

Depois, num tom mais sério:

– Na verdade – prosseguiu –, não é nada extraordinário que eu tenha conservado a lembrança dos mais felizes instantes da minha vida.

– E que talento que o senhor tinha para charadas! – disse Júlia, temerosa de que a conversa tomasse um rumo muito sentimental.

– Quer que eu lhe dê outra prova de minha memória? – interrompeu Darcy. – Lembra-se do nosso tratado de aliança em casa da sra. Lambert? Prometêramos um ao outro dizer mal do universo inteiro; em compensação, deveríamos defender-nos mutuamente diante de todos e contra todos... Mas o nosso tratado teve a sorte da maioria dos tratados; ficou sem execução.

– Como sabe?

– Ora! Imagino que a senhora não teve muita ocasião para me defender; pois, uma vez eu afastado de Paris, qual o ocioso que iria preocupar-se comigo?

– Ocasião de defendê-lo?... Não... mas de falar no senhor a seus amigos...

– Oh! Os meus amigos! – exclamou Darcy com um sorriso mesclado de tristeza. – Eu não os tinha naquela época, pelo menos amigos que a senhora conhecesse... Os jovens que frequentavam a casa da sra. sua mãe odiavam-me, não sei por quê; e, quanto às mulheres, pouco pensavam no senhor adido do Ministério do Exterior.

– É que o senhor não se preocupava com elas.

– Lá isso é verdade. Jamais consegui mostrar amabilidade para com pessoas a quem não estimava.

Se a escuridão permitisse distinguir o rosto de Júlia, Darcy poderia ver que um vivo rubor se lhe espalhara nos traços ao ouvir essa última frase, à qual emprestara ela um sentido de que ele talvez nem cogitasse.

Como quer que fosse, abandonando aquelas lembranças ainda tão vivas para um e outro, Júlia procurou levá-la para o assunto das viagens, esperando que assim ficaria dispensada de falar. Esse processo quase sempre surte efeito com viajantes, sobretudo com os que visitaram algum país remoto.

– Que bela viagem a sua! – disse ela. – E como lamento nunca poder fazer uma semelhante!

Mas Darcy não estava com disposição para narrativas.

– Quem é esse jovem de bigode – perguntou ele de súbito – que ainda há pouco lhe falava?

Desta vez Júlia corou ainda mais.

– É um amigo de meu marido – respondeu ela. – Um oficial de seu regimento... Dizem – prosseguiu, não querendo abandonar o tema oriental – que as pessoas que viram o lindo céu azul do Oriente não podem mais viver em outra parte.

– Desagradou-me horivelmente, não sei por quê... Falo do amigo de seu marido, não do céu azul... Quanto a esse céu azul, Deus a livre. Acaba aborrecendo de tal maneira, à força de o ver sempre igual, que se admiraria como o mais belo de todos os espetáculos um sujo nevoeiro de Paris. Nada me irrita mais os nervos, acredite-me, que aquele belo céu azul, que era azul ontem e que será azul amanhã. Se soubesse com que impaciência, com que desapontamento sempre renovado, a gente espera uma nuvem!

– E no entanto o senhor se demorou muito sob aquele céu azul!

– Mas, minha senhora, era-me difícil fazer de outro modo. Se pudesse seguir apenas as minhas inclinações, teria voltado logo para as proximidades da rua de Bellechasse, depois de haver satisfeito o pequeno impulso de curiosidade que devem necessariamente suscitar as coisas do Oriente.

– Creio que muitos viajantes diriam o mesmo, se fossem tão francos como o senhor... Como se passa o tempo em Constantinopla e nas outras cidades do Oriente?

– Lá, como em toda parte, há diversas maneiras de matar o tempo. Os ingleses bebem, os franceses jogam, os alemães fumam,

e algumas pessoas dispostas servem de alvo, aos tiros, trepando nos telhados para espiar as mulheres do país.

– Decerto era essa última ocupação que o senhor preferia.

– Absolutamente. Eu estudava turco e grego, o que me cobria de ridículo. Findo o expediente da embaixada, desenhava, galopava pelas Águas Doces¹⁰⁶ e depois ia à beira-mar, para ver se me aparecia alguma figura humana da França ou doutra parte.

– Devia ser uma grande satisfação para o senhor, ver um francês a tamanha distância da França.

– Sim; mas, para um homem inteligente que aparecesse, quantos vendedores de quinquilharias ou de cachemiras! Ou, o que era muito pior, jovens poetas que, por mais longe que avistassem alguém da embaixada, logo lhe gritavam: “Leve-me a ver as ruínas, leve-me a Santa Sofia, conduza-me às montanhas, ao mar azul; quero ver os lugares onde suspirava Hero!”¹⁰⁷ Depois, logo que apanham uma boa insolação, encerram-se no quarto, e não querem ver mais nada a não ser os últimos números do *Constitutionnel*.

– O senhor vê tudo pelo lado pior, conforme o seu velho hábito. Sabe que não se corrigiu nada? É ainda o mesmo zombeteiro de sempre.

– Diga-me, não será permitido a um danado que está sendo frito divertir-se um pouco à custa dos seus companheiros de fritada? Palavra! Não imagina que vida miserável levamos nós por lá. Nós, os secretários de embaixada, parecemo-nos às andorinhas que não pousam nunca. Para nós, nada dessas relações íntimas que constituem a felicidade da vida... parece-me. (Pronunciou estas últimas palavras com um tom singular, e aproximando-se de Júlia.) Faz seis anos que não encontro uma pessoa a quem possa transmitir meus pensamentos.

– Então não tinha amigos por lá?

– Acabo de lhe dizer que é impossível tê-los em terra estranha. Deixara dois em França. Um morreu; o outro está agora na América, de onde só voltará daqui a alguns anos, se a febre amarela não o retiver.

- De modo que está sozinho?...
- Sozinho.
- E a companhia das mulheres, como é no Oriente? Não lhes ajuda em nada?
- Oh! É o pior de tudo. Quanto às mulheres turcas, nem pensar nelas. Das gregas e armênias, o máximo que se pode dizer em seu louvor é que são muito bonitas. No tocante às mulheres dos cônsules e embaixadores, dispense-me de fazer comentários. É uma questão diplomática; e se eu fosse dizer o que penso delas, poderia ficar prejudicado no Ministério.
- O senhor parece que não gosta da sua carreira. E dizer-se que outrora desejava tanto entrar para a diplomacia!
- Ainda não conhecia o ofício. Agora desejaria ser fiscal da lama de Paris!
- Meu Deus! Como pode dizer tal coisa? Paris! O lugar mais aborrecido do mundo!
- Não blasfeme. Desejaria ouvir a sua palinódia em Nápoles, após dois anos de permanência na Itália.
- Ver Nápoles é o que eu mais desejaria no mundo – respondeu ela suspirando –, contanto que meus amigos estivessem comigo.
- Oh! Nessas condições, eu daria a volta ao mundo! Mas é como se a gente ficasse em casa, enquanto o mundo fosse passando por nossas janelas, como um panorama que se desenrola.
- Pois bem! Se não é pedir muito, eu desejaria viajar com um... com dois amigos apenas.
- Quanto a mim, não sou tão ambicioso; desejaria um só, ou uma só – acrescentou, sorrindo. – Mas é uma felicidade que jamais me aconteceu. E que nunca me acontecerá – tornou, com um suspiro. E depois, num tom mais alegre: – Na verdade, sempre me saí mal no que pretendo. As duas coisas que verdadeiramente mais desejei na vida, não pude obtê-las.
- E que eram?

– Oh! Nada de muito extravagante. Desejei apaixonadamente poder um dia valsar com alguém... Fiz aprofundados estudos de valsa. Exercitei-me durante meses inteiros, sozinho, com uma cadeira, para dominar o atordoamento que sempre me vinha, e quando consegui não ter mais vertigens...

– E com quem desejava valsar?

– E se eu dissesse que era com a senhora?... Pois quando consegui tornar-me, com imenso trabalho, um valsista consumado, a sua avó, que acabava de tomar um confessor jansenista,¹⁰⁸ proibiu a valsa, com uma ordem do dia que ainda me aperta o coração.

– E o seu segundo desejo? – pergunta Júlia, muito perturbada.

– O meu segundo desejo... aqui vai. Eu desejava, era demasiada ambição da minha parte, eu desejava ser amado... mas amado mesmo... Era antes da valsa que eu desejava isso, não estou seguindo a ordem cronológica... Desejava, dizia, ser amado por uma mulher que me preferisse a um baile – o mais perigoso de todos os rivais; por uma mulher que eu pudesse ir visitar com as botas enlameadas no momento em que ela se dispusesse a partir de carro para um baile. Ela estaria em vestido de gala, e diria: *Fiquemos*. Mas era uma loucura. Só se devem pedir coisas possíveis.

– Como o senhor é mau! Sempre essas observações irônicas! Nada lhe escapa. O senhor é impiedoso para com as mulheres.

– Eu! Deus me livre! É de mim mesmo que estou falando. Será dizer mal das mulheres sustentar que preferem uma festa agradável a um *tête-à-tête* comigo?

– Um baile!... Uma *toilette*!... Ah! Meu Deus!... Quem gosta de bailes agora?...

Não pensava em justificar todo o seu sexo; a pobre mulher julgava ouvir o pensamento de Darcy, e só escutava o seu próprio coração.

– A propósito de *toilettes* e de bailes, que pena que já tenha passado o carnaval! Trouxe um vestuário de grega que é encantador, e que lhe assentaria às maravilhas.

– O senhor o desenhará no meu álbum.

– Com muito gosto. Verá que progresso tenho feito desde a época em que rabiscava calungas na mesa de chá da sra. sua mãe. A propósito, quero dar-lhe felicitações: disseram-me esta manhã no Ministério que o sr. de Chaverny ia ser nomeado gentil-homem da Câmara. [Isso me deixou muito contente.

Júlia estremeceu involuntariamente. Sem se dar conta de tal reação, Darcy prosseguiu:

– Permita-me pedir-lhe sua proteção desde agora... Porém, no fundo, não estou muito satisfeito com sua nova posição.] Temo que a senhora seja obrigada a ir morar em Saint-Cloud durante o verão, de modo que terei menos seguidamente a honra de vê-la.

– Jamais irei a Saint-Cloud – disse Júlia com voz comovida.

– Oh! Tanto melhor, pois Paris, creia, é o paraíso, de onde nunca se deve sair a não ser para ir de tempos em tempos jantar na campanha com a sra. Lambert, sob a condição de voltar à noite. Que feliz é a senhora por viver em Paris! Eu que talvez fique aqui por pouco tempo, não imagina como me sinto feliz no pequeno apartamento que me deu minha tia. E a senhora reside, pelo que me disseram, no bairro de Saint-Honoré. Indicaram-me a sua casa. Deve ter um jardim delicioso, se é que a mania de construir já não mudou as suas alamedas em lojas.

– Não, meu jardim está ainda intato, graças a Deus.

– Em que dias recebe, minha senhora?

– Estou em casa quase todas as noites. Ficaria encantada se o senhor me fosse visitar algumas vezes.

– Bem vê que faço como se a nossa antiga *aliança* ainda vigorasse. Convido-me a mim mesmo sem cerimônia e sem apresentação oficial. Perdoa-me, não? Em Paris só conheço a senhora e madame Lambert. Todos me esqueceram, mas as casas de ambas foram as únicas que lamentei no exílio. O seu salão, principalmente, deve ser encantador. A senhora que escolhia tão bem os amigos!... Lembra-se dos projetos que fazia outrora para quando fosse dona de casa? Um salão inacessível aos aborrecidos, música às vezes, palestra sempre, e até bem tarde; nada de gente

pretensiosa, um reduzido grupo de pessoas que se conhecem perfeitamente e que por conseguinte não procuram mentir nem causar efeito... Duas ou três mulheres inteligentes (e é impossível que suas amigas não o sejam...), e sua casa é a mais agradável de Paris. Sim, a senhora é a mais feliz das mulheres, e torna felizes a todos aqueles que se lhe aproximam.

Enquanto Darcy falava, Júlia pensava que essa felicidade que ele com tanto ardor descrevia, tê-la-ia obtido se houvesse casado com outro homem... com Darcy, por exemplo. Em vez daquele salão imaginário, tão elegante e agradável, pensava nos fastidiosos convivas que Chaverny lhe conseguira... em vez daquelas conversações tão alegres, recordava as cenas conjugais como aquela que a tinha levado a P... Via-se enfim infeliz para sempre, ligada por toda a vida ao destino de um homem a quem odiava e desprezava; ao passo que aquele a quem considerava o homem mais amável do mundo, aquele a quem desejaria encarregar do cuidado de assegurar-lhe a felicidade, devia permanecer sempre um estranho para ela. Era de seu dever evitá-lo, afastar-se... e ele estava tão perto dela que a manga do seu vestido lhe roçava a lapela do casaco!

Darcy continuou por algum tempo a pintar os prazeres da vida parisiense com toda a eloquência que lhe dava uma longa privação. Júlia sentia as lágrimas correrem-lhe ao longo das faces. Temia que Darcy o percebesse, e a contenção que se impunha ainda mais lhe aumentava a emoção. Sufocava; não ousava fazer um só movimento. Afinal escapou-lhe um soluço, e tudo ficou perdido. Deixou pender o rosto nas mãos, meio afogada pelas lágrimas e a vergonha.

Darcy, que não esperava por aquilo, ficou atônito. Durante um momento, a surpresa o emudeceu; mas, como redobrassem os soluços, julgou-se na obrigação de falar e inquirir a causa de tão súbitas lágrimas.

– Que tem, senhora? Por amor de Deus, minha senhora... responda-me. Que lhe aconteceu?

E como a pobre Júlia, a todas essas perguntas, apertava com mais força o lenço sobre os olhos, ele tomou-lhe a mão, e afastando brandamente o lenço:

– Rogo-lhe, senhora – disse ele num tom de voz alterado que penetrou Júlia até o fundo do coração –, diga-me o que tem. Será que a ofendi sem querer?... A senhora me desespera com o seu silêncio.

– Ah! – exclamou Júlia, não mais podendo conter-se. – Eu sou muito infeliz! – E começou a soluçar mais forte.

– Infeliz! Como? Por quê? Quem pode torná-la infeliz? Responda-me.

Assim falando, apertava-lhe as mãos, e sua cabeça quase tocava a de Júlia, que chorava em vez de responder. Darcy não sabia o que pensar, mas estava comovido com as suas lágrimas. Achava-se rejuvenescido seis anos, e começava a entrever, num futuro que ainda se não lhe apresentara à imaginação, que, do papel de confidente, bem poderia passar para outro mais elevado.

Como Júlia se obstinava em não responder, Darcy, temendo que ela se achasse mal, baixou uma das vidraças, desatou-lhe as fitas do chapéu, afastou-lhe a capa e o xale. Os homens são muito sem jeito para esses cuidados. Queria mandar parar o carro perto de uma aldeia e já chamava o cocheiro, quando Júlia, pegando-lhe pelo braço, pediu-lhe que não mandasse parar, assegurando que estava muito melhor. O cocheiro nada ouvira, e continuava a guiar os cavalos na direção de Paris.

– Mas eu lhe suplico, minha querida sra. de Chaverny – disse Darcy, retomando a mão que abandonara por um instante. – Diga-me o que tem... Eu temo... Não posso compreender como fui tão desastrado para causar-lhe mágoa.

– Oh! Não se trata do senhor! – exclamou Júlia; e apertou-lhe um pouco a mão.

– Pois diga-me: quem é capaz de fazê-la assim chorar? Fale-me com toda a confiança. Não somos velhos amigos? – acrescentou, sorrindo, e apertando por sua vez a mão de Júlia.

– O senhor me falava da felicidade de que me julgava cercada... e essa felicidade está tão longe de mim!

– Como! Pois não tem todos os elementos da felicidade...? É jovem, rica, bonita... Seu marido ocupa um lugar distinto na sociedade...

– O meu marido... eu o detesto! – exclamou Júlia, fora de si. – Desprezo-o! – E ocultou a cabeça no lenço, soluçando mais forte do que nunca.

“Oh! Oh!”, pensou Darcy, “a coisa está ficando muito grave.”

E, aproveitando-se habilmente de todos os solavancos do carro, para mais se aproximar da infeliz Júlia:

– Por que – dizia-lhe, com a voz mais branda e carinhosa do mundo –, por que afligir-se assim? Acaso uma criatura a quem despreza deverá ter tamanha influência em sua vida? Por que lhe permite envenenar sozinho sua felicidade? É a ele, então, que deve pedir essa felicidade?...

E beijou-lhe a ponta dos dedos; mas como Júlia, aterrorizada, retirou logo a mão, Darcy temeu ter ido muito longe... Mas, decidido a prosseguir até o fim da aventura, disse, suspirando de maneira assaz hipócrita:

– Como fui enganado! Quando soube de seu casamento, pensei que o sr. de Chaverny realmente lhe agradava.

– Ah! Sr. Darcy, o senhor nunca me conheceu!

O tom de sua voz dizia claramente: “Eu sempre te amei, e nunca o quiseste notar.” Naquele momento, a pobre mulher acreditava, com a maior boa-fé do mundo, que sempre amara a Darcy, durante os seis anos que acabavam de decorrer, com o mesmo amor que agora lhe dedicava.

– E a senhora – exclamou Darcy, animando-se –, a senhora já me conheceu alguma vez? Já soube alguma vez quais eram os meus sentimentos? Ah! Se me houvesse conhecido melhor, seríamos hoje completamente felizes!

– Que desgraçada sou! – repetiu Júlia, redobrando as lágrimas, e apertando-lhe com força a mão.

– Mas, mesmo que a senhora me houvesse compreendido – continuou Darcy, com a expressão de melancolia irônica que lhe era habitual –, que resultaria? Fortuna, eu não possuía; a sua era considerável; a sra. sua mãe me repeliria com desprezo. Eu estava de antemão condenado. E você mesma, Júlia, sim, você, antes de que uma fatal experiência lhe houvesse mostrado onde está a verdadeira felicidade, por certo teria rido da minha presunção, e uma carruagem bem envernizada com uma coroa de conde na portinhola seria então sem dúvida o mais seguro meio de lhe agradar.

– Meu Deus! Você também! Ninguém terá então piedade de mim?

– Perdoe-me, querida Júlia! – exclamou ele, muito comovido. – Perdoe-me, suplico-lhe. Esqueça as minhas censuras; não, eu não tenho o direito de fazê-las. Sou mais culpado que você... Não soube apreciá-la. Julguei-a fraca como as mulheres da sociedade em que você vivia; duvidei da sua coragem, querida Júlia, e por isso fui cruelmente punido!...

Beijava-lhe com ardor as mãos, que ela não mais retirava; ia aconchegá-la ao peito... mas Júlia o repeliu com uma viva expressão de terror e afastou-se dele o quanto lho permitia a largura do carro.

A isto, disse Darcy, com uma voz cuja doçura lhe tornava mais pungente a expressão:

– Desculpe-me, senhora, eu tinha esquecido Paris. Lembro-me agora que a gente aqui se casa, mas não ama.

– Oh! Sim, eu te amo – murmurou ela, soluçando; e deixou tombar a cabeça no ombro de Darcy.

Darcy apertou-a nos braços com transporte, procurando estancar-lhe as lágrimas com beijos. Júlia procurou mais uma vez desenvencilhar-se de seus braços, mas esse esforço foi o último que ela tentou.

XII.

Darcy enganava-se quanto à natureza da sua emoção: mas, cumpre dizê-lo, não estava enamorado. Aproveitara-se da boa sorte que parecia lançar-se-lhe nos braços e que bem merecia que não a deixasse escapar. Aliás, como todos os homens, era muito mais eloquente para pedir do que para agradecer. No entanto, era polido, e a polidez, não raro, faz as vezes de sentimentos mais respeitáveis. Passado o primeiro momento de embriaguez, dizia, pois, a Júlia, ternas frases que compunha sem grande trabalho, e que acompanhava de numerosos beijos de mão que lhe poupavam outras tantas palavras. Viu sem pesar que o carro já se aproximava da cidade, e que dentro em poucos minutos iria separar-se da sua conquista. O silêncio da sra. de Chaverny ante as suas expansões, o acabrunhamento em que parecia mergulhada, tornava difícil, aborrecida até, se ousou dizê-lo, a posição de seu amante.

Ela permanecia imóvel, a um canto do carro, apertando maquinalmente o xale contra o seio. Não chorava mais; seus olhos estavam fixos, e quando Darcy lhe tomava a mão para beijá-la, essa mão, logo que era abandonada, retombava sobre os joelhos, como que morta. Não falava, e mal ouvia; mas uma multidão de cruciantes pensamentos se lhe apresentavam ao espírito, e, quando queria exprimir um deles, já outro lhe vinha fechar a boca.

Como expressar o caos daqueles pensamentos, ou antes, daquelas imagens que se sucediam com tanta rapidez como as batidas de seu coração? Julgava ouvir palavras sem ligação, mas todas com um sentido terrível. De manhã acusara ao marido, ele era um vil, a seus olhos; agora ela era cem vezes mais desprezível. Parecia-lhe que a sua vergonha era pública. A amante do duque de H... por sua vez a desprezaria. A sra. Lambert, todos os seus amigos, ninguém mais desejaria vê-la. E Darcy? Amava-a? Mal a conhecia. Tinha-a esquecido. Não a reconheceria logo. Talvez a achasse muito mudada. Mostrava-se frio para com ela: era o golpe de misericórdia. Aquele seu enlevo por um homem que apenas a conhecia, que não lhe demonstrava amor... mas polidez somente. Era impossível que ele a amasse. E ela, por sua vez, acaso o amava? Não, pois se casara logo após sua partida.

Quando o carro entrou em Paris, os relógios batiam uma hora. Fora às quatro horas que vira Darcy pela primeira vez. Sim, *vira* – não podia dizer *revira*... Tinha esquecido seus traços, sua voz; era um estranho para ela... Nove horas depois, era sua amante!... Nove horas tinham bastado para aquela singular fascinação... tinham bastado para que ela ficasse desonrada a seus próprios olhos, aos olhos do próprio Darcy; pois que podia ele pensar de uma mulher tão frágil? Como não despezá-la?

Por vezes, a doçura da voz de Darcy, as palavras ternas que lhe dirigia, reanimavam-na um pouco. Esforçava-se então por acreditar que ele sentia realmente o amor de que falava. Não se rendera assim tão facilmente. De há muito que durava seu mútuo amor, quando Darcy a deixara. Darcy devia saber que ela só se havia casado em consequência do despeito que lhe deixara a sua partida. As culpas eram todas de Darcy. No entanto, sempre a amara durante a sua longa ausência. E, ao regressar, sentira-se feliz por encontrá-la tão constante como ele. A franqueza de sua confissão, sua própria fraqueza, deviam agradar a Darcy, que detestava a dissimulação. Mas logo reconhecia o absurdo de tais raciocínios. Dissipavam-se os pensamentos consoladores, e ela ficava entregue à vergonha e ao desespero.

Por um momento, desejou exprimir o que sentia. Acabava de considerar-se proscrita pela sociedade, abandonada pela família. Depois de haver tão gravemente ofendido ao esposo, seu orgulho não lhe permitia tornar a vê-lo. “Darcy me ama”, dizia ela consigo, “e eu não posso amar senão a Darcy. Sem ele não posso ser feliz. Em qualquer parte serei feliz com ele. Vamos juntos para qualquer lugar onde eu não possa ver ninguém que me faça enrubescer. Que ele me leve consigo para Constantinopla...”

Darcy estava a cem léguas de adivinhar o que se passava no coração de Júlia. Acabava de notar que entravam na rua onde morava a sra. de Chaverny, e pusera-se, com bastante sangue-frio, a calçar as luvas geladas.

– A propósito – disse ele –, tenho de ser apresentado oficialmente ao sr. de Chaverny... Suponho que logo ficaremos bons amigos.

Apresentado pela sra. Lambert, estarei num bom pé em sua casa. Enquanto isto, já que ele está no campo, não poderei ir visitá-la?

A voz expirou nos lábios de Júlia. Cada palavra de Darcy era uma punhalada. Como falar de fuga, de rapto, àquele homem tão calmo, tão frio, que só pensava em arranjar sua ligação para a temporada estival, da maneira mais cômoda possível? Rompeu com raiva o colar de ouro que trazia ao pescoço, e pôs-se a torcer os elos entre os dedos. O carro parou à sua porta. Darcy apressou-se em arranjar-lhe o xale nos ombros e reajustar-lhe convenientemente o chapéu. Quando a portinhola se abriu, ele lhe ofereceu a mão com o ar mais respeitoso, mas Júlia saltou por terra sem querer aproveitar-se do auxílio.

– Peço-lhe permissão, minha senhora – disse ele, inclinando-se profundamente –, de vir saber notícias suas.

– Adeus! – disse Júlia, com voz abafada.

Darcy subiu ao cupê e mandou tocar para casa, assobiando com o ar de um homem muito satisfeito com o seu dia.

XIII.

Logo que se encontrou em seu apartamento de solteiro, Darcy vestiu um chambre turco, calçou pantufas, e, enchendo de fumo de Latakié um longo cachimbo cujo cano era de cerejeira da Bósnia e o forno de âmbar branco, dispôs-se a saboreá-lo, reclinando-se numa grande e fofa poltrona de marroquim. Aos que se espantarem de o ver nessa vulgar ocupação no momento em que deveria talvez sonhar mais poeticamente, responderei que um bom cachimbo é útil, senão necessário, a essa espécie de cismas, e que o verdadeiro meio de bem desfrutar de uma felicidade é associá-la a outra felicidade. Um de meus amigos, homem muito sensual, nunca abria uma carta da amante sem primeiro tirar a gravata, e atijar o fogo, se fosse no inverno, deitando-se em seguida num cômodo canapé.

“Eu seria verdadeiramente um tolo”, pensou Darcy, “se tivesse seguido o conselho de Tyrrel, comprando uma escrava grega para

trazê-la a Paris. Ora essa! Seria o mesmo, como dizia o meu amigo Haleb Effendi, seria o mesmo que levar figos para Damasco. Graças a Deus! Muito avançou a civilização durante a minha ausência, e não parece que a severidade tenha sido levada ao excesso... Pobre Chaverny!... Ah! Ah! Se no entanto eu fosse bastante rico há alguns anos, teria desposado Júlia, e seria talvez Chaverny quem a levasse para casa esta noite. Se algum dia eu me casar, mandarei examinar seguidamente o carro de minha mulher, para que ela não tenha necessidade de cavaleiros andantes que a tirem dos fossos... Vejamos. É, na verdade, uma linda mulher, tem inteligência e, se eu não fosse tão velho, só dependeria de mim acreditar que é devido às minhas prodigiosas qualidades! Ah! As minhas prodigiosas qualidades!... Daqui a um mês, talvez, as minhas qualidades estarão no nível das daquele senhor de bigode... Bem desejava eu que aquela pequena Nastasia, a quem tanto amei, soubesse ler e escrever, e conversar com pessoas educadas, pois creio que é a única mulher que verdadeiramente me teve amor... Pobre criança!..."

O cachimbo extinguiu-se, e ele logo adormeceu.

XIV.

Ao entrar no seu apartamento, a sra. de Chaverny reuniu todas as forças para dizer em tom natural, à criada, que não precisava de seus serviços e que a deixasse a sós. Logo que a mulher se retirou, Júlia atirou-se no leito e pôs-se a chorar mais amargamente, agora que se encontrava sozinha, do que na presença de Darcy, que a obrigava a conter-se.

A noite exerce sem dúvida grande influência sobre as penas morais como sobre as dores físicas. Dá a tudo um tom lúgubre, e as imagens que, de dia, seriam indiferentes ou mesmo risonhas, nos inquietam e atormentam à noite, como espectros que só têm poder durante as trevas. Parece que, durante a noite, o pensamento redobra de atividade, e a razão perde o seu império. Uma espécie de fantasmagoria interior nos perturba e amedronta, sem que

tenhamos forças para afastar a causa de nossos terrores ou examinar-lhes friamente a realidade.

Imagine-se a pobre Júlia estirada no leito, meio vestida, agitando-se sem cessar, ora devorada por um calor ardente, ora enregelada por um penetrante arrepio, estremecendo ao menor estalido da madeira, e ouvindo distintamente as batidas do coração. Não conservava, da sua situação, mais que uma vaga angústia, cuja causa em vão procurava. Depois, de súbito, rápida como um relâmpago, passava-lhe pelo espírito a lembrança daquela noite fatal e, com ela, uma dor viva e aguda como a que produziria um ferro em brasa sobre uma ferida cicatrizada.

Ora olhava para a lâmpada, observando com estúpida atenção todas as vacilações da chama, até que as lágrimas que se lhe acumulavam nos olhos, não sabia por quê, a impedissem de ver a luz.

“Por que essas lágrimas?”, indagava ela consigo. “Ah! Estou desonrada!”

Ora contava as borlas das cortinas do leito, mas jamais lhes podia reter o número.

“Mas que loucura foi esta?”, pensava ela. “Loucura? Sim, pois, há uma hora, entreguei-me como uma miserável cortesã a um homem a quem não conhecia.”

Depois seguia com olhar pasmado o ponteiro do relógio, com a ansiedade de um condenado que vê aproximar-se a hora do suplício. De repente o relógio batia.

“Há três horas”, pensava, num sobressalto, “eu me achava com ele, e estou desonrada!”

Passou toda a noite nessa febril agitação. Quando clareou o dia, abriu a janela, e o ar fresco e picante da manhã lhe trouxe algum alívio. Inclinação no balaústre da janela que dava para o jardim, respirava o ar frio com uma espécie de volúpia. A desordem de suas ideias desvaneceu-se pouco a pouco. Aos vagos tormentos, ao delírio que a agitava, seguiu-se um desespero concentrado, que era, comparativamente, um repouso.

Era preciso tomar um partido. Preocupou-se então em pensar no que deveria fazer. Não se deteve um momento na ideia de rever Darcy. Isto lhe parecia impossível; morreria de vergonha ao avistá-lo. Devia deixar Paris, onde, dentro de dois dias, todo o mundo a apontaria com o dedo. Sua mãe estava em Nice; iria ter com ela, confessar-lhe tudo; e, depois de se haver desabafado em seu seio, só lhe restava uma coisa a fazer: era procurar algum lugar deserto da Itália, desconhecido dos viajantes, onde iria viver sozinha, e morrer em breve.

Tomada essa resolução, sentiu-se mais tranquila. Sentou-se a uma pequena mesa defronte à janela e, com a face entre as mãos, pôs-se a chorar, mas desta vez sem amargura. A fadiga e o abatimento afinal a venceram, e ela adormeceu, ou antes cessou de pensar durante uma hora, aproximadamente.

Acordou com o tremor da febre. O tempo se modificara, o céu estava opaco, e uma chuva fina e gelada anunciava frio e umidade para todo o resto do dia. Júlia chamou a criada.

– Minha mãe está doente – disse-lhe ela –, devo partir imediatamente para Nice. Prepara a mala; quero embarcar daqui a uma hora.

– Mas que tem a senhora? Não está doente? A senhora nem se deitou! – exclamou a mulher, surpresa e alarmada com a mudança que observou nos traços da patroa.

– Quero partir – disse Júlia, num tom de impaciência. – É absolutamente necessário partir. Prepara-me a mala.

Em nossa moderna civilização, não basta um simples ato da vontade para ir de um lugar a outro. É preciso fazer pacotes, arranjar caixas, ocupar-se de mil preparativos aborrecidos que bastariam para afastar qualquer desejo de viagem. Mas a impaciência de Júlia abreviou em muito a todos esses necessários vagares. Ia e vinha de quarto em quarto, ajudava pessoalmente a preparar as malas, amontoando sem ordem peças e vestidos afeitos a ser tratados com mais delicadeza. Mas a sua agitação mais contribuía para atrasar do que para apressar os criados.

– A senhora já preveniu o patrão? – informou-se timidamente a criada de quarto.

Júlia, sem lhe dar resposta, tomou um papel. Escreveu: “Minha mãe está doente em Nice. Vou visitá-la.” Dobrou o papel em quatro, mas não pôde resolver-se a pôr-lhe o endereço.

Em meio dos preparativos de viagem, entrou um criado.

– O sr. de Châteaufort – disse ele – pergunta se Madame está visível; há também um outro senhor que chegou ao mesmo tempo e que não conheço; mas aqui está o seu cartão.

Júlia leu: “E. Darcy, *secretário de embaixada*”.

Mal pôde reter um grito.

– Não estou em casa para ninguém! – exclamou. – Informe-lhes que estou doente. Não diga que vou partir.

Não podia atinar como Châteaufort e Darcy vinham visitá-la ao mesmo tempo, e, na sua perturbação, não duvidou de que Darcy já tivesse escolhido a Châteaufort para confidente.

Nada mais simples, no entanto, que a sua presença simultânea. Trazidos pelo mesmo motivo, tinham-se encontrado à porta; e, depois de trocarem uma saudação muito fria, haviam-se mandado baixinho ao diabo, mutuamente e de todo o coração.

Ante a resposta do criado, desceram juntos a escada, saudaram-se de novo ainda mais friamente, e afastaram-se cada um em direção oposta.

Châteaufort notara a particular atenção que a sra. de Chaverny dispensara a Darcy, e, desde aquele momento, lhe tomara ódio. Por seu lado, Darcy, que se picava de bom fisionomista, não pudera observar o ar de embaraço e contrariedade de Châteaufort sem concluir que este amava a Júlia; e como, na sua qualidade de diplomata, era inclinado a supor o mal *a priori*, concluíra apressadamente que Júlia não era cruel para com Châteaufort.

– Essa estranha *coquette* – dizia consigo ao sair – com certeza não nos quis receber, por medo de uma cena de explicação como a do *Misanthropo*...¹⁰⁹ Mas fui bem tolo em não descobrir um pretexto para ficar e deixar que fosse embora aquele jovem presunçoso. Se

ao menos eu tivesse esperado que ele virasse as costas, decerto seria recebido, pois levo sobre ele a incontestável vantagem da novidade.

Enquanto fazia essas reflexões, parara; depois dera volta e entrara de novo na residência da sra. de Chaverny. Châteaufort, que também se voltara várias vezes para observá-lo, retrocedeu, e parou a alguma distância para vigiar o outro.

Disse Darcy ao criado, surpreso de o rever, que se esquecera de lhe dar um recado para a sua patroa: tratava-se de um assunto urgente de que uma dama o encarregara junto à sra. de Chaverny. Lembrando-se de que Júlia sabia inglês, escreveu a lápis no seu cartão: "*Begs leave to ask when he can show to Madame de Chaverny his Turkish album.*"¹¹⁰ Entregou o cartão ao criado e disse que esperaria a resposta.

A resposta demorou muito. Afinal o criado voltou muito perturbado:

– Madame desmaiou há pouco, e sente-se muito mal para poder responder-lhe agora.

Tudo aquilo durara um quarto de hora. Darcy absolutamente não acreditava no desmaio, mas era evidente que ela não queria vê-lo. Tomou o seu partido filosoficamente; e, lembrando-se de que tinha visitas a fazer no bairro, saiu sem penalizar-se muito com o contratempo.

Châteaufort esperava-o numa furiosa ansiedade. Ao vê-lo passar, não duvidou de que ele fosse o seu feliz rival, e prometeu a si mesmo aproveitar a primeira ocasião para se vingar da infiel e de seu cúmplice. O comandante Perrin, a quem encontrou muito a propósito, recebeu sua confiança e consolou-o da melhor maneira que pôde, não sem lhe observar a pouca consistência das suas suspeitas.

Júlia desmaiara realmente ao receber o segundo cartão de Darcy. Ao desmaio seguiu-se uma expectoração de sangue que a enfraqueceu muito. A criada de quarto mandara chamar o médico; mas Júlia recusou-se obstinadamente a recebê-lo. Pelas quatro horas, tinham chegado os cavalos de posta, as malas foram arrumadas: tudo estava pronto para a partida. Júlia subiu no carro tossindo horrivelmente e num estado de causar piedade. Durante a tarde e toda a noite, falou apenas ao criado que se achava na boleia, e somente para que ele recomendasse aos postilhões que andassem o mais depressa possível. Tossia sempre e parecia sofrer muito do peito, mas não fez nenhuma queixa. Pela manhã estava tão fraca que desmaiou quando abriram a portinhola. Fizeram-na recolher-se a um mau albergue, onde a deitaram. Foi chamado um médico de aldeia; encontrou-a com uma febre violenta e proibiu-lhe que prosseguisse viagem. Mas Júlia teimava em partir. À noite voltou o delírio, e todos os sintomas aumentaram em gravidade. Falava continuamente e com tamanha volubilidade que era impossível compreendê-la. Mas em suas frases incoerentes sempre se repetiam os nomes de Darcy, de Châteaufort e da sra. Lambert. A criada de quarto escreveu ao sr. de Chaverny para anunciar-lhe a doença de sua esposa. Mas Júlia estava a trinta léguas de Paris, Chaverny caçava nas propriedades do duque de H..., e a doença fazia tanto progresso que era duvidoso que ele pudesse chegar a tempo.

O criado, no entanto, fora a cavalo até a cidade vizinha e trouxera um médico. Este censurou as prescrições de seu colega, declarou que o chamavam muito tarde e que a doença era grave.

O delírio cessou ao clarear do dia, e Júlia adormeceu então profundamente. Quando despertou, dois ou três dias depois, pareceu sentir dificuldade em lembrar-se por que série de acidentes se encontrava deitada num sujo quarto de albergue. Mas logo lhe voltou a memória. Disse que se sentia melhor, e falou até em seguir viagem no dia seguinte. Depois, parecendo meditar longamente, com a frente apoiada à mão, pediu tinta e papel, e dispôs-se a escrever. A criada a viu começar cartas que sempre rasgava depois de escritas as primeiras palavras. Ao mesmo tempo recomendava

que queimassem os fragmentos de papel. A criada notou em vários pedaços esta palavra: “Senhor”, o que lhe pareceu extraordinário, disse ela, pois julgava que a patroa escrevia à mãe ou ao marido. Em outro fragmento leu: “Deve desprezar-me muito...”

Durante cerca de meia hora, tentou em vão escrever essa carta, que parecia preocupá-la vivamente. Afinal o esgotamento de forças não lhe permitiu que continuasse: afastou a escrivaninha portátil que lhe haviam colocado sobre o leito e disse com um ar desvairado à criada de quarto.

– Escreva você mesma ao sr. Darcy.

– Que devo escrever, madame? – perguntou a criada, persuadida de que o delírio ia recomeçar.

– Escreva-lhe que ele não me conhece... que eu não o conheço...

E retombou acabrunhada sobre o travesseiro.

Foram as últimas palavras seguidas que proferiu. O delírio apossou-se dela e não mais a abandonou. Morreu no dia seguinte, sem grande sofrimento aparente.

XVI.

Chaverny chegou três dias após o enterro. Sua dor pareceu verdadeira, e todos os habitantes da aldeia choravam ao vê-lo de pé, no cemitério, contemplando a terra recém-removida que cobria o esquife da esposa. Queria a princípio mandar exumá-la, para a transportar a Paris; mas, como o prefeito se opusesse e o notário se referisse a formalidades sem fim, contentou-se em encomendar uma pedra de liós e dar ordem para a ereção de um túmulo simples, mas decente.

Châteaufort mostrou-se muito sensibilizado com aquele súbito passamento. Recusou vários convites de baile, e durante algum tempo só o viram vestido de preto.

XVII.

Correram, na sociedade, várias versões da morte da sra. de Chaverny. Segundo alguns, tivera ela um sonho, ou se quisessem, um pressentimento que lhe anunciava que sua mãe estava doente. Ficara tão impressionada que se pusera imediatamente em viagem para Nice, apesar de um forte resfriado que apanhara ao voltar da casa da sra. Lambert; e esse resfriado transformara-se em uma fluxão de peito.

Outros, mais clarividentes, asseguravam com ar misterioso que a sra. de Chaverny, não podendo dissimular o amor que dedicava ao sr. de Châteaufort, resolvera ir procurar, junto à mãe, forças para resistir-lhe. O resfriado e a fluxão de peito eram consequências da precipitação da sua partida. Neste ponto estavam de acordo.

Darcy nunca falava nela. Três ou quatro meses após sua morte, fez um casamento vantajoso. Quando o participou à sra. Lambert, disse-lhe ela, felicitando-o:

– Na verdade, a sua esposa é encantadora. E só a minha pobre Júlia é que poderia convir-lhe da mesma forma. Que pena que o senhor fosse tão pobre para Júlia quando ela se casou!

Darcy sorriu com aquele sorriso irônico que lhe era habitual, mas não respondeu nada.

Aqueles dois corações que se desconhecera tinham sido talvez feitos um para o outro.

83. Romanceiro espanhol tradicional, em espanhol no original: "Rapariga, mais do que as flores/ Branca, loura e de olhos verdes,/ Se pensas te entregar aos amores/ Perde-te bem, uma vez que te perdes."

84. Referência ao Ato II, Cena 5 de *O avaro*, de Molière. No contexto, o sexagenário Harpagão (o avaro) deseja se casar com Mariana, a namorada do próprio filho, e conta com Frosina, a alcoviteira intrigante, para tanto. Diz Frosina, gabando-se de seus dons: "Não há bons partidos no mundo que eu não consiga, em pouco tempo, reunir. Creio que, se me desse na veneta, casaria a Sublime Porta com a República da Veneza" (trad. de Manuel Bandeira).

85. Célebre personagem de Molière, protagonista da comédia de mesmo nome. Dissimulado e hipócrita, o golpista Tartufo veste a máscara do bom religioso para

enredar o rico Organ com o único interesse de casar-se com sua filha e tomar-lhe as posses.

86. Romance histórico de Walter Scott, publicado em 1823. Ambientado no séc.XV, versa sobre as ditas e desditas militares e amorosas de Quentin Durward, um arqueiro escocês, a serviço do exército do rei francês Luís XI. Os romances de Scott eram mundialmente conhecidos e aguardados, e sua literatura influenciou grandes nomes como Honoré de Balzac, James Fenimore Cooper e nosso José de Alencar.

87. Obra satírica de Montesquieu, publicada anonimamente em 1721. Nela, o autor simula as cartas de Rica e Usbek, dois persas em visita a Paris, a pessoas de seu círculo de relações no Oriente. Por meio das cartas, ambos analisam e criticam as instituições e costumes da sociedade francesa.

88. Meu tio Tobias é um dos protagonistas de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne (1767), e o "Lillibulero", uma marcha popular cujas raízes remontam à Guerra Civil inglesa (1642-51). O personagem tinha o costume de assoviar a marcha em momentos importantes ou de tensão.

89. *Maometto II*, ópera de Gioachino Rossini em dois atos, com libreto de Cesare della Valle. Estreou em 1820 e é inspirada pela história de Mehmet II (Maomé II), sultão otomano responsável pela conquista de Constantinopla, em 1453.

90. Ao que tudo indica, "Madame" é aqui utilizado como redução de "Madame Royale", título de nobreza aplicado à filha viva mais velha do casal reinante em França.

91. Charles-Gabriel Potier (1775-1837), ator francês muito popular e conhecido por suas frases de efeito.

92. À época, a simples menção ao nome "Darcy" em determinados contextos literários (vide o do romance nesta novela) bastava para invocar a célebre personagem de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, Fitzwilliam Darcy, ou sr. Darcy.

93. Abreviatura de "*pour prendre congé*", "para despedir-se".

94. Achates é o companheiro mais devotado de Eneias, protagonista do épico latino *Eneida*, de Virgílio. Sua fidelidade a Eneias (daí o *fidus*, ou "fiel", que o qualifica) fez com que a expressão passasse a designar o bom amigo sempre presente.

95. Preparado químico para uso cosmético bastante conhecido das senhoras burguesas, geralmente utilizado para o frescor e relaxamento da pele.

96. Poema narrativo de lorde Byron publicado em 1813. Estrutura-se em três narrativas; na principal delas, Leila, mulher do harém do muçulmano Hassan, apaixona-se pelo Giaour (termo ofensivo que, em turco, significa "infiel, não crente", no caso o estrangeiro) e paga por sua traição sendo lançada ao mar envolta em pano, segundo costume local.

97. Referência ao provérbio espanhol "*Es del hortelano el perro, ni come ni comer deja*", "É o cão do jardineiro, não come nem deixa comer". Sob a forma de fábula, o provérbio remonta à fábula grega (Luciano de Samosata a cita) do "cão na manjedoura" (que não come a aveia e o feno da caixa de alimentos dos animais, porém não permite que os demais se alimentem dela).

98. Sultão do Império otomano entre 1808 e 1839, responsável por importantes reformas institucionais.

99. "Mamamouchi" é o falso título de nobreza turca conferido ao sr. Jourdain, o protagonista de *O burguês fidalgo*, de Molière (ver nota 67).

100. Cidade da ilha de Chipre. Conhecida na Antiguidade como Cítio, Lárnaca é a cidade natal de Zenão (Zenão de Cítio), que em Atenas fundou a filosofia estoica.

101. Hoje o principal porto da Síria, a cidade de Latáquia tornou-se possessão otomana no séc.XVI. Além de sua reconhecida função estratégica, era renomada pelo tipo de tabaco que produzia. O tratamento das folhas com madeira de pinheiro-manso ou carvalho produzia um aroma e paladar picantes que o tornavam adequado, sobretudo, para a mistura com outros fumos mais leves.

102. Referência ao *Le Moniteur Universel*, diário fundado em 1789, o principal do período revolucionário e, durante muitos anos, diário oficial do governo francês. No período napoleônico, fez parte da propaganda imperial.

103. Arroz com especiarias, bastante apreciado no Oriente Médio.

104. Famosa citação do capítulo que o historiador grego Plutarco dedica a Júlio César em seu *Vidas paralelas* (cap. 38, seção 3). No contexto da Guerra Civil, Júlio César, tendo expulsado seu adversário, o general Sexto Pompeu, da península Itálica, decide persegui-lo em sua fuga para a Grécia. É malfadada, porém, sua tentativa de atravessar o mar Adriático disfarçado de escravo numa pequena embarcação: o barco é atingido por uma tempestade e acaba por retornar à península.

105. Referência a *Paulo e Virgínia*, romance de Bernardin de Saint-Pierre. Publicada em 1787, a narrativa, fortemente inspirada pelo contexto iluminista, é ambientada no arquipélago das Ilhas Maurício e relata o idílio de dois jovens e o desenlace trágico de seu amor.

106. Referência ao vale de Guiuk Suey, ou "Águas Doces da Ásia". Localizada no estreito de Bósforo, próxima ao mar, a região oferecia descanso e morada ao sultão e à elite otomana.

107. Sacerdotisa de Vênus, Hero vivia numa torre em Sestos e amava Leandro, um jovem grego da cidade de Abidos. As cidades estavam separadas pelo Helesponto (atual estreito de Dardanelos), o qual Leandro atravessava a nado para vê-la. Numa das travessias, durante uma tempestade, Leandro perdeu a vida.

108. O jansenismo foi um movimento teológico católico e de fundamentação agostiniana (isto é, baseado nas ideias de santo Agostinho) fundado em três

pilares: o pecado original, a necessidade da Graça e a predestinação. Por alguns de seus fundamentos, considerados hereges, o jansenismo sofreu perseguição do papado. No contexto, o termo parece sugerir a rigidez e ortodoxia do confessor.

109. *O misantropo, ou o atrabiliário apaixonado* é uma comédia de Molière, datada de 1666. A cena da explicação a que aqui se refere (Ato II, Cena 4) tem por centro Célimène, principal personagem feminina. Sua tendência ao flerte é motivo de angústia para o protagonista Alceste, um de seus pretendentes.

110. "Pede licença para perguntar quando pode mostrar à sra. de Chaverny o seu álbum turco", em inglês no original.

AS ALMAS DO PURGATÓRIO

DIZ CÍCERO nalguma parte, creio que no seu tratado *Da natureza dos deuses*, que houve diversos Júpiteres – um Júpiter em Creta, outro na Olímpia, mais outro alhures –, de modo que não existe na Grécia uma cidade um pouco famosa que não tenha possuído o seu Júpiter particular. De todos esses Júpiteres fez-se um único, a quem se atribuíram todas as aventuras de cada um dos seus homônimos. É o que explica a prodigiosa quantidade de façanhas amorosas imputadas a esse deus.

Igual confusão se deu com referência a d. Juan, personagem que muito se aproxima da celebridade de Júpiter. Só a cidade de Sevilha possui vários d. Juans; muitas outras citam os seus. Cada um deles tinha outrora a sua lenda separada. Com o tempo, fundiram-se todas numa só.

Todavia, atentando bem, é fácil distinguir a parte de cada um, ou pelo menos salientar dois desses heróis, a saber: d. Juan Tenorio, que, como todos sabem, foi carregado por uma estátua de pedra; e d. Juan de Maraña, cujo fim foi muito diferente.

Conta-se da mesma maneira a vida de um e outro: só o desenlace as diferencia. Há-os para todos os gostos, como nas peças de Ducis,¹¹¹ que acabam bem ou mal, segundo a sensibilidade dos leitores.

Quanto à veracidade dessa história, ou dessas histórias, é incontestável, e seria ofender gravemente o patriotismo provincial dos sevilhanos pôr em dúvida a existência desses malandrins que tornaram suspeita a genealogia das suas mais nobres famílias. Mostra-se aos forasteiros a casa de d. Juan Tenorio, e nenhum homem amigo das artes pôde passar por Sevilha sem visitar a igreja da Caridade. Terá visto o túmulo do cavaleiro de Maraña, com esta

inscrição ditada por sua humildade, ou se quiserem, por seu orgulho: *Aqui yace el peor hombre que fué en el mundo*. Como duvidar, depois de tudo isso? É verdade que depois de nos haver conduzido a esses dois monumentos, o nosso cicerone nos contará ainda como d. Juan (não se sabe qual) fez propostas estranhas à Giralda, aquela figura de bronze que encima a torre mourisca da catedral, e de como a Giralda as aceitou; como d. Juan, passeando, já meio avinhado, pela margem esquerda do Guadalquivir, pediu fogo a um homem que passava pela margem direita fumando um charuto, e de como o braço do fumante (que não era outro senão o diabo em pessoa) de tal modo espichou que atravessou o rio e veio apresentar seu charuto a d. Juan, o qual acendeu o seu sem pestanejar e sem aproveitar a advertência, tão endurecido estava...

Tratei de distribuir a cada d. Juan a parte que lhe toca em seu fundo comum de maldades e crimes. Na falta de melhor método, apliquei-me em apenas contar de d. Juan de Maraña, o meu herói, aquelas aventuras que já não pertencessem por direito de prescrição a d. Juan Tenorio, tão conhecido entre nós graças às obras-primas de Molière e de Mozart.

ERA O CONDE d. Carlos de Maraña um dos mais ricos e considerados senhores que já houve em Sevilha. Seu nascimento era ilustre e, na guerra contra os mouros rebeldes, provara que não havia degenerado da coragem de seus avós. Após a submissão de Alpujarras,¹¹² voltou a Sevilha com uma cicatriz na fronte e grande número de meninos arrebatados aos infiéis, que teve o cuidado de mandar batizar e que vendeu vantajosamente em casas cristãs. Seus ferimentos, que não o desfiguravam, não o impediram de agradar a uma senhorita de boa família, que o preferiu a inúmeros pretendentes. Desse casamento nasceram várias filhas; algumas vieram depois a casar e as outras entraram para o convento. Já desesperava d. Carlos de Maraña de conseguir um herdeiro para o seu nome quando o nascimento de um filho veio enchê-lo de alegria, dando-lhe a segurança de que o seu antigo morgadio não passaria a um ramo colateral.

D. Juan, o tão desejado filho, o herói desta verídica história, foi estragado pelo pai e a mãe, como herdeiro único que era, de um grande nome e de uma grande fortuna. Ainda menino, já era senhor quase absoluto de suas ações, e no palácio do pai ninguém teria a ousadia de contradizê-lo. Apenas, queria a mãe que ele fosse devoto como ela, e o pai que o seu filho fosse bravo como ele. A mãe, à força de carícias e gulodices, obrigava o filho a aprender as litanias, os rosários, enfim, todas as orações obrigatórias e não obrigatórias. Adormecia-o lendo-lhe a vida dos santos. Por outro lado, o pai ensinava ao filho os romances do Cid e Bernardo del Carpio,¹¹³ contava-lhe a revolta dos mouros,¹¹⁴ e animava-o a exercitar-se todo o dia no lançamento da azagaia, a atirar de balestra ou mesmo de arcabuz contra um manequim vestido de mouro que mandara colocar no fundo do parque.

Havia no oratório da condessa de Maraña um quadro no estilo duro e seco de Morales, que representava os tormentos do purgatório. Todos os gêneros de suplícios de que cuidara o pintor achavam-se ali tão exatamente representados que o verdugo da Inquisição nada teria que lhe objetar. As almas do purgatório estavam numa espécie de grande caverna, no alto da qual se via um respiradouro. À borda dessa abertura, um anjo estendia a mão para uma alma que saía da estância de dores, enquanto ao lado um homem idoso, com um rosário entre as mãos juntas, parecia rezar fervorosamente. Esse homem era o doador do quadro, que o mandara executar para uma igreja de Huesca. Durante a revolta, os mouros incendiaram a cidade; a igreja foi destruída; mas, por milagre, o quadro ficou intato. O conde de Maraña trouxera-o consigo e o dependurara no oratório da mulher. De ordinário, o pequeno Juan, sempre que entrava nos aposentos da mãe, permanecia longo tempo imóvel em contemplação ante aquele quadro, que ao mesmo tempo o assustava e atraía. Principalmente não podia despregar os olhos de um homem a que uma serpente parecia devorar as entranhas, enquanto permanecia ele suspenso acima de um braseiro ardente, por meio de anzóis que o figavam pelas costelas. Voltando ansiosamente os olhos para o respiradouro,

parecia o paciente pedir ao doador orações que o arrancassem a tamanhos sofrimentos. A condessa nunca deixava de explicar ao filho que aquele desgraçado estava sofrendo tal suplício porque não soubera direito o catecismo, porque zombara de um padre, ou porque estivera distraído na igreja. Quanto à alma que voava para o paraíso, era a de um parente da família Maraña, e que tinha sem dúvida alguns pecadinhos na consciência; mas o conde de Maraña rezara por ele e dera muito dinheiro ao clero para resgatá-lo do fogo e dos tormentos, e tivera a satisfação de enviar ao paraíso a alma de seu parente, sem lhe dar tempo de aborrecer-se muito no purgatório.

– Assim, Juanito – acrescentava a condessa –, eu talvez venha a sofrer um dia dessa maneira, e ficarei milhões de anos no purgatório se não te lembrares de mandar rezar missas por mim! Como ficaria mal deixares no sofrimento a mãe que te criou!

Então o menino chorava; e, se tinha alguns reais no bolso, apressava-se em dá-los ao primeiro pedinte que encontrava com um mealheiro para as almas do purgatório.

Se entrava no gabinete do pai, via couraças amolgadas por balas de arcabuz, o capacete que o conde de Maraña usara no assalto de Alméria e que guardava a marca de uma acha de armas muçulmana; e lanças, espadas mourescas, estandartes tomados aos infiéis decoravam aquele apartamento.

– Esta cimitarra – dizia o conde –, arrebatei-a ao cádi¹¹⁵ de Vejer, que três vezes me golpeou com ela, antes que eu lhe tirasse a vida. Este estandarte era carregado pelos rebeldes da montanha de Elvira. Acabavam de saquear uma aldeia cristã: acorri com vinte cavaleiros. Quatro vezes tentei penetrar no meio de seu batalhão para tomar-lhes este estandarte; quatro vezes fui repellido. Da quinta vez, fiz o sinal da cruz; bradei: “São Tiago!” e mergulhei nas hastes daqueles pagãos. E estás vendo este cálice de ouro que ostento em meu brasão? Um alfaqui dos mouros roubara-o de uma igreja, onde cometera mil horrores. Seus cavalos haviam comido cevada sobre o altar, e seus soldados dispersaram os ossos dos santos. O alfaqui servia-se deste cálice para tomar refresco. Surpreendi-o na sua

tenda quando levava aos lábios o vaso sagrado. Antes que ele pudesse dizer "Allah!" e enquanto a bebida estava ainda na sua garganta, dei com esta boa espada na cabeça nua do cão, e a lâmina penetrou-lhe até os dentes. Para lembrar esta santa vingança, permitiu-me o rei usar um cálice de ouro em meus braços. Digo-te isto, Juanito, para que o contes a teus filhos e fiquem eles sabendo por que as tuas armas não são exatamente as de teu avô, d. Diego, que ali vêes pintadas acima do seu retrato.

Dividido entre a guerra e a devoção, passava o menino o dia a fabricar pequenas cruces de ripa, ou, armado de uma espada de madeira, a esgrimir, no quintal, contra as abóboras de Rota, cuja forma muito se assemelhava, para ele, a cabeças de mouros com os seus turbantes.

Aos dezoito anos, d. Juan traduzia muito mal o latim, ajudava missa muito bem, e manejava a tarasca, ou espada de duas mãos, melhor do que o fazia o Cid. O pai, julgando que um gentil-homem da casa de Maraña devia adquirir ainda outros talentos, resolveu enviá-lo a Salamanca. Logo se concluíram os aprestos da viagem. A mãe lhe deu uma porção de rosários, escapulários e medalhas bentas. Ensinou-lhe várias orações de grande força em muitas circunstâncias da vida. D. Carlos deu-lhe uma espada cujo punho, damasquinado de prata, era ornado com as armas da família; e disse-lhe:

– Até agora só conviveste com crianças; daqui por diante vais conviver com homens. Lembra-te de que o bem mais precioso de um gentil-homem é a sua honra; e a tua honra é a dos Marañas. Morra o último rebento de nossa casa, antes que fique manchada a sua honra! Toma esta espada; ela te defenderá, se te atacarem. Nunca sejas o primeiro a puxá-la; mas lembra-te de que os teus antepassados nunca embainharam a sua senão depois de vencedores e vingados.

Munido assim de armas espirituais e temporais, o descendente dos Marañas montou a cavalo e deixou a casa paterna.

A Universidade de Salamanca estava então em toda a sua glória. Jamais haviam sido tão numerosos os seus estudantes, nem tão

sábios os seus professores; mas também nunca os burgueses tiveram de suportar tantas insolências da juventude indisciplinável que residia, ou antes, reinava na sua cidade. As serenatas, os charivaris, toda espécie de desordens noturnas, tal o seu ordinário gênero de vida, cuja monotonia era quebrada de tempos em tempos com raptos de esposas ou filhas, furtos ou bastonadas. D. Juan, chegado a Salamanca, passou alguns dias a entregar cartas de recomendação aos amigos do pai, a visitar seus professores, a percorrer as igrejas, vendo as relíquias que encerravam. Por vontade dos pais, entregou a um dos lentes uma soma assaz considerável para ser distribuída entre os estudantes pobres. Essa liberalidade obteve o maior sucesso e angariou-lhe em seguida inúmeros amigos.

D. Juan tinha grande desejo de aprender. Propunha-se escutar como palavras do Evangelho tudo quanto saísse da boca dos professores; e, para nada perder, fez questão de colocar-se o mais perto possível da cátedra. Quando entrou na sala onde devia realizar-se a aula, viu que havia um lugar vago bem perto do professor. Ali se sentou. Um estudante sujo, despenteado e malvestido, como há tantos pelas universidades, desviou por um instante os olhos do livro para os fixar em d. Juan com um ar de espanto estúpido.

– Vai sentar-se nesse lugar? – disse ele com um tom quase aterrado. – Ignora então que é aí que costuma sentar d. Garcia Navarro?

Respondeu d. Juan que sempre ouvira dizer que os lugares pertenciam a quem chegasse primeiro, e que, encontrando aquele vazio, julgara poder ocupá-lo, principalmente se o sr. d. Garcia não encarregara o vizinho de lho guardar.

– Pelo que vejo – disse o estudante –, você é estranho aqui, e chegado há bem pouco tempo, visto que não conhece d. Garcia. Pois fique sabendo que é um dos homens mais...

Aqui o estudante baixou a voz, como que temeroso de que os outros o ouvissem.

– D. Garcia é um homem terrível. Ai de quem ofendê-lo! Tem a paciência curta e a espada longa. E fique certo de que, se alguém sentar num lugar em que d. Garcia sentou duas vezes, é o bastante para sair discussão, pois é muito agastadiço e suscetível. Quando ele discute, bate, e quando bate mata. Agora que já o avisei, fará você o que melhor lhe parecer.

D. Juan achava muito extraordinário que aquele d. Garcia pretendesse reservar para si os melhores lugares, sem se dar ao trabalho de os merecer por sua pontualidade. Ao mesmo tempo via que vários estudantes tinham os olhos fixos nele, e sentia o quanto seria mortificante deixar aquele lugar depois de ali haver sentado. Por um lado, não cogitava absolutamente de ter uma briga logo de chegada, e sobretudo com um homem tão perigoso como parecia d. Garcia Navarro. Estava nessa perplexidade, sem saber o que fizesse e deixando-se ficar maquinalmente no mesmo lugar, quando um estudante entrou, encaminhando-se direito a ele.

– Eis aí d. Garcia – disse-lhe o vizinho.

Esse Garcia era um jovem largo de espáduas, esbelto, bronzeado, de olhar altivo e boca desdenhosa. Trazia um gibão puído, que podia ter sido preto, e uma capa esburacada; por cima de tudo isso pendia uma longa cadeia de ouro. Sabe-se que em todos os tempos os estudantes de Salamanca e das outras universidades da Espanha consideraram como uma espécie de ponto de honra andarem maltrapilhos, querendo provavelmente mostrar com isso que o verdadeiro mérito dispensa os ornamentos emprestados pela fortuna.

D. Garcia aproximou-se do banco onde d. Juan ainda se achava sentado e, saudando-o muito cortesmente, disse-lhe:

– Sr. estudante, embora seja recém-chegado entre nós, o seu nome me é bastante conhecido. Nossos pais foram grandes amigos e, se o permitir, os seus filhos não o serão menos.

Assim falando, estendia a mão a d. Juan com ar cordial. D. Juan, que esperava acolhida muito diversa, recebeu pressuroso as atenções de d. Garcia, e respondeu que se julgaria muito honrado com a amizade de um cavalheiro como ele.

– O amigo ainda não conhece Salamanca – prosseguiu d. Garcia –; se quiser aceitar-me como guia, ficarei encantado em mostrar-lhe tudo, desde o cedro ao hissopo, na terra onde vai viver.

Depois, dirigindo-se ao estudante sentado ao lado de Juan:

– Vamos, Perico, safate daí. Achas que um pateta como tu possa fazer companhia ao sr. d. Juan de Maraña?

Assim dizendo, empurrou-o rudemente, sentando-se no seu banco, que o outro se apressou em abandonar.

Finda a lição, d. Garcia deu o endereço ao seu novo amigo e fez-lhe prometer que o procuraria. Depois, fazendo um aceno gracioso e familiar, retirou-se, traçando elegantemente a capa furada como uma espumadeira.

D. Juan, com os livros debaixo do braço, parara numa galeria do colégio para examinar as velhas inscrições que cobriam as paredes, quando percebeu que o estudante que primeiro lhe falara se aproximava dele, como para examinar a mesma coisa. D. Juan, depois de fazer uma inclinação de cabeça para mostrar que o reconhecia, dispunha-se a sair, mas o estudante reteve-o pela capa.

– Sr. d. Juan – disse ele –, se não tem muita pressa, poderia ter a bondade de conceder-me um momento?

– Pois não – disse d. Juan, apoiando-se a um pilar –, estou a seu dispor.

Perico olhou para todos os lados com ar inquieto, como se temesse ser observado, e aproximou-se de d. Juan para lhe falar ao ouvido, o que parecia uma precaução inútil, pois não havia mais ninguém além deles na vasta galeria gótica em que se encontravam. E após um momento de silêncio:

– Poderia dizer-me, sr. d. Juan – perguntou o estudante em voz baixa e quase trêmula –, poderia dizer-me se seu pai realmente conheceu o pai de d. Garcia Navarro?

D. Juan fez um gesto de surpresa.

– Não ouviu d. Garcia dizê-lo ainda há pouco?

– Sim – respondeu o estudante, baixando ainda mais a voz –, ouviu algum dia seu pai dizer que conhecia ao sr. Navarro?

– Sim, sem dúvida, até estive com ele na guerra contra os mouros.

– Muito bem; mas ouviu dizer que esse gentil-homem tivesse... um filho?

– Na verdade, nunca prestei muita atenção ao que meu pai pudesse dizer a tal respeito... Mas para que essas perguntas? Não é d. Garcia filho do sr. Navarro?... Será um bastardo?

– Deus é testemunha de que eu não disse nada de semelhante – exclamou o estudante, assustado, espiando atrás do pilar a que se apoiava d. Juan –, eu queria apenas perguntar-lhe se não tinha conhecimento de uma história estranha que contam sobre esse d. Garcia...

– Não, nada sei.

– Pois dizem... note bem que eu não faço mais que repetir o que ouvi dizer..., dizem que d. Diego Navarro tinha um filho que, na idade de seis ou sete anos, adoeceu de uma enfermidade tão grave e tão estranha que os médicos não lhe atinavam o remédio. Diante disto, o pai, que não tinha outro filho, mandou numerosas oferendas a diversas capelas, fez o doente tocar em relíquias, mas tudo em vão. Desesperado, disse um dia, asseguraram-me..., disse um dia, olhando uma imagem de são Miguel: “Já que não podes salvar meu filho, quero saber se esse que está aí debaixo de teus pés não terá mais poder do que tu...”

– Era uma blasfêmia abominável! – exclamou d. Juan, escandalizado ao último ponto.

– Pouco depois o menino curou-se... e esse menino... é d. Garcia!

– E tanto assim que, desde esse tempo, d. Garcia tem o diabo no corpo – disse, numa gargalhada, d. Garcia, que se mostrou no mesmo instante, e que parecia haver escutado a conversa, oculto por detrás de um pilar vizinho. – Na verdade, Perico – disse ele num tom frio e desdenhoso ao estudante estupefato –, se não fosses um poltrão, eu faria com que te arrependesses da audácia que tiveste em falar de mim. – Sr. d. Juan – prosseguiu, dirigindo-se a Maraña –, quando nos conhecer melhor, não há de perder tempo com esse

mexeriqueiro. Olhe, para ver que não sou um mau diabo, dê-me a honra de me acompanhar agora até a igreja de são Pedro; depois de fazermos ali as nossas devoções, terei o prazer de convidá-lo para um mau almoço, com alguns camaradas.

Dizendo isto, tomava o braço de d. Juan que, envergonhado de o haverem surpreendido a escutar a estranha história de Perico, se apressou em aceitar o convite de seu novo amigo para lhe provar o pouco-caso que fazia das maledicências que acabava de ouvir.

Entrando na igreja de são Pedro, d. Juan e d. Garcia ajoelharam-se ante um altar junto do qual havia grande concurso de fiéis. D. Juan fez as suas orações em voz baixa; e, embora demorasse um tempo conveniente nessa piedosa ocupação, viu, ao erguer a cabeça, que o seu camarada parecia ainda mergulhado num devoto êxtase; movia suavemente os lábios; dir-se-ia que não estava nem na metade das suas meditações. Um pouco envergonhado de haver findado tão cedo, pôs-se d. Juan a recitar baixinho as litanias que lhe vieram à memória. Despachadas as litanias, d. Garcia continuava na mesma atitude. D. Juan expediu distraidamente mais algumas miúdas devoções; depois, vendo o seu camarada sempre imóvel, julgou que podia olhar um pouco em torno de si para passar o tempo e esperar o fim daquela eterna oração. Logo lhe chamaram a atenção três mulheres que se achavam ajoelhadas em tapetes da Turquia. Uma delas, pela idade, pelos óculos, e pela venerável amplidão de sua coifa, só podia ser uma aia. As outras duas eram jovens e bonitas e não tinham os olhos de tal modo baixados sobre os seus rosários, que não se pudesse ver que eram grandes, vivos e rasgados. D. Juan experimentou grande prazer em olhar para uma delas, mais prazer até do que deveria sentir num lugar sagrado. Esquecendo a prece do camarada, puxou-o pela manga e perguntou-lhe baixinho quem era aquela senhorita que tinha um rosário de âmbar amarelo.

– É – respondeu Garcia, sem parecer escandalizado com a interrupção –, é dona Teresa de Ojeda; e a outra é dona Fausta, sua irmã mais velha; são filhas de um auditor do conselho de Castela. Estou enamorado da mais velha; trata de fazer o mesmo com a

caçula. Olha – acrescentou –, elas levantam-se e vão sair da igreja; apressemo-nos, a fim de vê-las subir ao carro: talvez o vento lhes erga as saias, e a gente consiga espiar uma linda perna, ou duas.

De tal modo estava d. Juan emocionado com a beleza da mais moça, que, sem dar atenção à indecência daquela linguagem, acompanhou d. Garcia até a porta e viu as duas senhoritas tomarem a carruagem, a qual deixou a praça da igreja, seguindo por uma das ruas mais frequentadas. Logo que elas partiram, d. Garcia, enviesando o chapéu na cabeça, exclamou alegremente:

– Que encantadoras criaturas! O diabo me carregue se a mais velha não for minha antes de dez dias! E tu, avançaste os teus negócios com a caçula?

– Como! Se avancei meus negócios? – indagou d. Juan com ar ingênuo. – Mas é a primeira vez que a vejo!

– Boa razão, na verdade! – exclamou d. Garcia. – Acha você que faz muito mais tempo que eu conheço Fausta? Hoje, no entanto, passei-lhe um bilhete que ela não deixou de receber muito bem!

– Um bilhete? Mas eu não vi você escrever coisa alguma!

– Sempre trago no bolso bilhetes já prontos, e, desde que não lhes ponha nome nenhum, podem servir para todas. Deve-se somente ter o cuidado de evitar epítetos comprometedores ao referente à cor dos olhos ou dos cabelos. Quanto aos suspiros, as lágrimas, os tormentos, todas, loiras e morenas, damas e donzelas, os aceitam com agrado.

Assim conversando, d. Garcia e d. Juan encontraram-se à porta da casa onde os esperava o almoço. Era um bródio de estudantes, mais copioso que elegante e variado: petiscos bem apimentados, carnes salgadas, tudo o que provocasse bastante sede. Aliás, havia abundância de vinhos da Mancha e da Andaluzia. Alguns estudantes, amigos de d. Garcia, esperavam a sua chegada. Puseram-se imediatamente à mesa, e durante algum tempo não se ouviu outro rumor que o das mandíbulas e dos copos chocando com as garrafas. Em breve, como o vinho despertasse o bom humor dos convivas, iniciou-se a conversa, que se tornou das mais ruidosas. Só se tratou

de duelos, de amores, de estudantadas. Contava um como enganara a hospedeira, mudando-se na véspera do dia em que devia pagar o aluguel. Outro encomendara a um comerciante de vinhos alguns garrafões de *yaldepenas*, da parte de um dos mais graves professores de teologia, e tivera a habilidade de desviar os garrafões, deixando ao professor a incumbência de pagar a nota, se quisesse. Este espancara a um guarda; aquele, por meio de uma escada de corda, penetrara nos aposentos da amada, apesar das precauções de um ciumento. A princípio d. Juan ouvia com uma espécie de consternação a narrativa de todas aquelas arbitrariedades. Pouco a pouco, o vinho que tomava e a alegria dos convivas desarmaram o seu puritanismo. As histórias que contavam fizeram-no rir, e chegou até a invejar a reputação que davam a alguns os seus rasgos de audácia ou de esperteza. Começou a esquecer os sábios princípios com que chegara à Universidade, para adotar a norma de conduta dos estudantes; norma simples e fácil de seguir, que consiste em permitir-se tudo para com os *pillos*, isto é, toda a parte da espécie humana que não está matriculada nos registros da Universidade. O estudante, no meio dos *pillos*, está em país inimigo, e tem o direito de proceder com eles como os hebreus o faziam com os cananeus. Apenas, como o sr. corregedor, desgraçadamente, não tem o mínimo respeito às santas leis da Universidade, e não perde vasa de prejudicar seus iniciados, devem estes comportar-se como irmãos, ajudar-se mutuamente e sobretudo guardar entre si um segredo inviolável.

Aquela edificante conversação durou quanto duraram as garrafas. Depois que se esvaziaram, achavam-se todos os *judiciários* singularmente confusos, e cada qual experimentava um violento desejo de dormir. Estando o sol ainda em todo o seu esplendor, separaram-se para ir deitar-se; mas d. Juan aceitou um leito em casa de d. Garcia. Mal se estendera num colchão, quando a fadiga e os vapores do vinho o mergulharam em profundo sono. Durante algum tempo, seus sonhos foram tão estranhos e confusos que não experimentava senão um vago mal-estar, sem que percebesse uma imagem ou ideia que o pudesse ocasionar. Pouco a pouco começou a

ver mais claro, se assim se pode dizer, e principiou a sonhar com certo nexo. Parecia-lhe que estava num barco, em um grande rio, largo e agitado como nunca vira o Guadalquivir no inverno. Não havia nem velas, nem remos, nem leme, e a margem do rio estava deserta. De tal modo era o barco sacudido, que, pelo que experimentava, se julgou na embocadura do Guadalquivir, no momento em que os basbaques de Sevilha que vão a Cádiz começam a sentir os primeiros ataques de enjoo. Em breve se encontrou num trecho mais estreito do rio, de modo que podia facilmente ver as duas margens, e até fazer-se ouvir de um lado e outro. Apareceram então, ao mesmo tempo, em ambas as margens, duas figuras que se aproximaram, cada qual do seu lado, para lhe prestar socorro. Voltou primeiro a cabeça para a direita, e viu um velho de rosto grave e austero, vestido apenas de um saio grosseiro. Parecia estender a mão para d. Juan. À esquerda, para onde olhou em seguida, viu uma mulher de elevada estatura, fisionomia nobre e atraente, tendo na mão uma coroa de flores que lhe apresentava. Ao mesmo tempo notou que o barco se dirigia para onde ele quisesse, sem outro auxílio que o da sua vontade. Ia apartar do lado da mulher, quando um brado, partido da margem direita, o fez voltar a cabeça e dirigir-se para aquele rumo. O velho tinha o ar ainda mais austero do que antes. Tudo quanto podia ver de seu corpo estava contundido, lívido e sujo de sangue coagulado. Segurava numa das mãos uma coroa de espinhos, e na outra um látigo guarnecido de pontas de ferro. Ante esse espetáculo, d. Juan foi tomado de terror; voltou depressa para a margem esquerda. A aparição que tanto o encantara ainda ali se encontrava; os cabelos da mulher flutuavam ao vento, seus olhos estavam animados de uma luz sobrenatural e, em vez da coroa, tinha agora uma espada na mão. D. Juan deteve-se um instante antes de descer em terra e, olhando com mais atenção, viu que a lâmina da espada estava tinta de sangue, e que a mão da ninfa também estava vermelha. Atemorizado, despertou em sobressalto. Abrindo os olhos, não pôde reter um grito, à vista de uma espada nua que brilhava a dois pés do leito. Mas não era uma bela ninfa que segurava essa espada. D. Garcia viera despertar o amigo e, vendo perto do leito uma espada de lavor curioso,

examinava-a com um ar de conhecedor. Na lâmina havia esta inscrição: "Sê leal." E o punho, como já dissemos, trazia as armas, o nome e a divisa dos Marañas.

– Bela espada tem você, companheiro – disse-lhe d. Garcia. – Agora já deve estar repousado. É noite, vamos passear um pouco; e, quando as pessoas de bem estiverem recolhidas iremos, se quiseres, dar uma serenata às nossas divindades.

D. Juan e d. Garcia passearam algum tempo por Tormes, olhando as mulheres que vinham tomar a fresca ou ver os seus namorados. Pouco a pouco foram rareando os passantes: desapareceram de todo.

– Eis o momento – disse d. Garcia –, eis o momento em que a cidade inteira pertence aos estudantes. Os *pillos* não ousariam perturbar as nossas inocentes diversões. Quanto à ronda, se por acaso tivermos algum desentendido com essa gente, não tenho necessidade de dizer-lhe que é uma canalha que não se deve poupar. Mas, se os pulhas forem muito numerosos, e for preciso dar de pernas, não se inquiete por isso: conheço todos os atalhos, você só terá o trabalho de seguir-me, e fique certo de que tudo sairá bem.

Assim falando, jogou a capa ao ombro esquerdo, de modo a cobrir a maior parte do rosto, mas deixando livre o braço direito. D. Juan fez o mesmo, e ambos se dirigiram para a rua onde moravam d. Fausta e a irmã. Ao passar pelo pórtico de uma igreja, d. Garcia assoviou, e seu pajem apareceu com uma guitarra. D. Garcia tomou-a e despediu o pajem.

– Vejo – disse d. Juan, ao penetrar na rua de Valladolid –, vejo que você quer que eu garanta a sua serenata; pode ficar certo de que me conduzirei de modo a merecer a sua aprovação. Seria renegado por Sevilha, minha terra, se não soubesse guardar uma rua contra os importunos!

– Não pretendo colocá-lo de sentinela – retrucou d. Garcia. – Tenho aqui os meus amores, mas também você tem os seus aqui. Cada qual com a sua caça. Olhe! É esta a casa. Para você esta janela, para mim aquela, e olho vivo!

D. Garcia, depois de haver afinado a guitarra, pôs-se a cantar, com voz bastante agradável, uma romança onde, como de costume, só se falava de lágrimas, de suspiros, e o mais que se lhes segue. Não sei se era ele o autor.

Pela terceira ou quarta seguidilha, abriram-se de leve as persianas das duas janelas, e ouviu-se uma tossezinha. Queria isso dizer que os escutavam. Os músicos, ao que se afirma, nunca tocam quando instados ou quando os escutam. D. Garcia depôs a guitarra sobre um marco e entabulou conversa com uma das duas ouvintes.

D. Juan, erguendo os olhos, viu à janela que ficava acima de sua cabeça uma mulher que parecia considerá-lo atentamente. Não duvidou de que fosse a irmã de d. Fausta, que o seu próprio gosto e a escolha do amigo lhe destinavam para dama de seus pensamentos. Mas era ainda tímido, inexperiente, e não sabia como principiar. De súbito, um lenço tombou da janela, e uma vozinha suave exclamou:

– Ai! Jesus! O meu lenço caiu.

D. Juan apanhou-o em seguida, colocou-o na ponta da espada e ergueu-o até a janela. Era uma maneira de entrar em matéria. A voz começou com agradecimentos, depois perguntou se o sr. cavalheiro que tinha tanta cortesia não estivera de manhã na igreja de são Pedro. D. Juan respondeu que sim, e que ali havia perdido o repouso.

– Como assim?

– Ao ver a senhorita.

Estava rompido o gelo. D. Juan era de Sevilha, e sabia de cor todos os romances mouriscos, cuja linguagem amorosa é tão rica. Não podia deixar de ser eloquente. A conversa durou cerca de uma hora. Afinal Teresa exclamou que ouvira o pai, e que tinham de retirar-se. Os dois galãs não deixaram a rua senão depois de ver duas mãozinhas brancas jogarem, a cada um, um ramo de jasmim. D. Juan foi deitar-se com a cabeça cheia de imagens deliciosas. Quanto a d. Garcia, entrou numa taverna, onde passou a maior parte da noite.

No outro dia, recomeçaram os suspiros e serenatas. A mesma coisa nas noites seguintes. Após uma resistência conveniente, as duas damas consentiram em dar e receber anéis de cabelo, operação que se efetuou por meio de um fio de linha, que baixou e içou os penhores trocados. D. Garcia, que não era homem que se contentasse com bagatelas, falou de uma escada de corda, ou de chaves falsas; mas acharam-no ousado, e sua proposta foi, se não repelida, indefinidamente adiada.

E assim, fazia mais ou menos um mês que d. Juan e d. Garcia arrulhavam inutilmente sob as janelas de suas amadas. Por uma noite assaz escura, achavam-se ambos nos seus postos, e a conversa se prolongava com satisfação de todos os interlocutores, quando na extremidade da rua apareceram sete ou oito homens de capa, metade dos quais carregava instrumentos de música.

– Jesus! – exclamou Teresa. – Eis d. Cristobal que vem dar-nos uma serenata. Afastem-se, por amor de Deus, ou acontecerá alguma desgraça.

– Não cedemos a ninguém tão belo lugar – exclamou d. Garcia, e, erguendo a voz: – Cavalheiro – disse ele ao primeiro que avançava –, o lugar está tomado, e essas damas não se importam com a sua música. Queira, pois, tentar a sorte noutra lugar.

– É um desses malandros de estudantes que pretende barrar-nos o passo! – exclamou d. Cristobal. – Vou ensinar-lhe o quanto custa intrometer-se nos meus amores!

Dito isto, puxou da espada. Ao mesmo tempo, as de dois companheiros seus brilharam fora da bainha. D. Garcia, com admirável presteza, enrolando a capa no braço, sacou a espada, bradando:

– A mim, estudantes!

Mas não havia um único pelas cercanias. Os músicos, temendo sem dúvida que seus instrumentos se quebrassem no tumulto, puseram-se em fuga, gritando pelos guardas, enquanto as duas mulheres, à janela, invocavam em seu auxílio todos os santos do paraíso.

D. Juan, que se encontrava abaixo da janela mais próxima de d. Cristobal, teve logo de defender-se contra ele. O seu adversário era hábil, e, além disso, trazia na mão esquerda um broquel de ferro, de que se servia para aparar os golpes, ao passo que d. Juan tinha apenas a espada e a capa. Vivamente acometido por d. Cristobal, lembrou-se muito de propósito de um golpe do sr. Uberti, seu mestre-d'armas. Deixou-se cair sobre a mão esquerda e, com a direita, metendo a espada por debaixo do broquel de d. Cristobal, mergulhou-a entre duas costelas com tamanha força, que a lâmina se partiu, após haver penetrado cerca de um palmo. D. Cristobal lançou um grito e tombou banhado em sangue. Durante essa operação, que durou menos para fazer do que para contar, d. Garcia defendia-se com sucesso contra seus dois adversários, os quais, mal viram o seu chefe por terra, fugiram em desabalada carreira.

– Fugamos agora – disse d. Garcia –; o momento não é para brincadeiras. Adeus, minhas belas!

E arrastou consigo d. Juan, o qual se achava completamente desnortado com o que praticara. A vinte passos da casa, d. Garcia estacou para perguntar ao companheiro o que fizera de sua espada.

– Minha espada! – disse d. Juan, só então se apercebendo de que não a tinha mais na mão. – Não sei... com certeza deixei-a cair...

– Maldição! – exclamou d. Garcia. – E teu nome que está gravado no punho!

Naquele momento, viram-se homens com archotes saírem das casas vizinhas e aglomerarem-se em torno do moribundo. Na outra extremidade da rua, um grupo de homens armados avançava rapidamente. Era evidentemente uma patrulha atraída pelos gritos dos músicos e o ruído do combate.

D. Garcia, baixando o chapéu sobre os olhos e cobrindo metade do rosto com a capa, para não ser reconhecido, atirou-se, apesar do perigo, em meio de todos aqueles homens reunidos, esperando encontrar aquela espada que indubitavelmente faria identificar o culpado. D. Juan viu-o brandir a espada à direita e à esquerda, apagando as luzes e derribando tudo quanto encontrava pela frente.

Reapareceu em seguida, correndo com todas as forças e segurando uma espada em cada mão: toda a patrulha vinha em seu encalço.

– Ah! D. Garcia! – exclamou d. Juan, tomando a espada que o outro lhe estendia. – Como agradecer tudo isso?!

– Fugamos! Fugamos! – bradou Garcia. – Segue-me, e, se algum desses marotos te chegar muito perto, faze-lhe o que fizeste com o outro.

Puseram-se ambos a correr com toda a velocidade que lhes podia emprestar o seu vigor natural, aumentado pelo medo do sr. corregedor, magistrado que passava por mais temível aos estudantes do que aos próprios ladrões.

D. Garcia, que conhecia Salamanca como o seu *Deus det*,¹¹⁶ era muito hábil em dobrar rapidamente as esquinas e lançar-se por estreitas vielas, ao passo que o seu companheiro, mais novato, tinha grande dificuldade em segui-lo. Começava a faltar-lhes o alento, quando, no desembocar de uma rua, encontraram um grupo de estudantes, que passeavam cantando e tocando guitarra. Estes, mal viram que dois de seus camaradas estavam sendo perseguidos, apoderaram-se de pedras, bastões e todas as armas possíveis. Os esbirros, já sem fôlego, não julgaram a propósito aceitar a escaramuça. Retiraram-se prudentemente, e os dois culpados foram refugiar-se e descansar um instante numa igreja próxima.

No pórtico, resolveu d. Juan embainhar a espada, pois não achava conveniente nem cristão entrar na casa de Deus com uma arma em punho. Mas a bainha resistia, a lâmina só entrava com grande dificuldade; em suma, reconheceu que a espada que tinha não era a sua: d. Garcia, na sua precipitação, tinha agarrado a primeira espada que encontrara por terra, e que era a do morto ou de um de seus acólitos. O caso era grave; d. Juan avisou o amigo, a quem já se acostumara a considerar como de bom conselho.

D. Garcia franziu as sobrancelhas, mordeu os lábios, torceu a aba do chapéu, deu alguns passos de um lado para outro, enquanto d. Juan, aturdido com a infeliz descoberta que acabava de fazer, estava entregue ao mesmo tempo à inquietação e ao remorso. Após um quarto de hora de reflexões, durante o qual teve o bom gosto de

não dizer uma única vez: “Mas por que deixaste cair a espada?”, d. Garcia pegou d. Juan pelo braço e disse:

– Vem comigo, já sei o que fazer.

Nesse momento um padre saía da sacristia e dispunha-se a atravessar a rua; d. Garcia deteve-o:

– Não é ao sábio licenciado Gomez que tenho a honra de falar? – disse-lhe, inclinando-se profundamente.

– Não sou ainda licenciado – respondeu o padre, evidentemente lisonjeado com aquelas palavras. – Chamo-me Manuel Tordoya, e estou a seu dispor.

– Meu padre – disse d. Garcia –, o senhor é justamente a pessoa com quem eu desejava falar. Trata-se de um caso de consciência, e, se a fama não me enganou, foi o senhor quem publicou o famoso tratado *De casibus conscientiae*,¹¹⁷ que tanto sucesso causou em Madri.

O padre, deixando-se cair no pecado da vaidade, respondeu balbuciando que não era autor do referido livro (o qual na verdade jamais existiu), mas que se ocupara muito de semelhante matéria. D. Garcia, que tinha as suas razões para não escutá-lo, assim prosseguiu:

– Eis em duas palavras, meu padre, o assunto sobre o qual eu desejava consultá-lo. Um amigo meu, hoje mesmo, há menos de uma hora, é abordado na rua por um homem que lhe diz: “Cavalheiro, vou bater-me a dois passos daqui, e meu adversário tem uma espada mais longa que a minha; queira o senhor emprestar-me a sua para que as armas sejam iguais.” E o meu amigo trocou de espada com ele. Espera algum tempo, à esquina, que o assunto seja liquidado. Não ouvindo o tinir das espadas, aproxima-se. E que vê? Um homem morto, varado pela mesma espada que ele acabava de emprestar. Desde esse momento, acha-se em desespero, censura-se pela sua complacência, e teme haver cometido um pecado mortal. Tento tranquilizá-lo; alego que o seu pecado é venial, visto que, se não houvesse emprestado a espada,

seria o causador de que dois homens se batessem com armas desiguais. Que diz a isso, sr. padre? Não pensa como eu?

O padre, que era casuísta aprendiz, ergueu a orelha ao ouvir tal história e coçou algum tempo a testa, como um homem que procura uma citação. D. Juan não atinava aonde o amigo queria chegar, mas não acrescentou nada, temendo cometer alguma tolice.

– Meu padre – prosseguiu Garcia –, a questão é muito árdua, já que um grande sábio como o senhor hesita em resolvê-la. Amanhã, se o permite, voltaremos para saber sua opinião. Enquanto isto, queira dizer, ou mandar dizer, algumas missas por alma do defunto.

Dizendo tais palavras, depositou dois ou três ducados na mão do padre, o que acabou de o deixar nas mais favoráveis disposições para com uns jovens tão devotos, tão escrupulosos e sobretudo tão generosos. Assegurou-lhes que no dia seguinte, no mesmo local, lhes daria o seu parecer por escrito. D. Garcia foi pródigo em agradecimentos; depois acrescentou, num tom despreocupado, como se fizesse uma observação de pouca importância:

– Prouvera que a justiça não nos queira tornar responsáveis por essa morte! Contamos com o senhor para nos reconciliarmos com Deus.

– Quanto à justiça – disse o padre –, nada há que temer. O seu amigo, tendo apenas emprestado a espada, não é legalmente cúmplice.

– Sim, meu padre, mas o assassino fugiu. Examinarão o ferimento, acharão talvez a espada ensanguentada... que sei eu? Esses homens de lei são terríveis, dizem.

– Mas – disse o padre – o senhor não é testemunha de que a arma foi emprestada?

– Certamente, e hei de afirmá-lo perante todas as cortes do reino. De resto – prosseguiu no tom mais insinuante –, aí está o senhor, meu padre, para prestar testemunho da verdade. Apresentamo-nos ao senhor muito tempo antes que o caso seja divulgado, para pedir-lhe uma assistência espiritual. O senhor poderia até atestar a troca...

Eis a prova. Veja esta espada. – E dizendo isto tomou a espada que trazia d. Juan: – Que figura faz ela nesta bainha?!

O padre inclinou a cabeça, como que convencido da verdade da história. Sopesava, sem falar, os ducados que tinha na mão, e neles achava sempre um argumento sem réplica em favor dos dois jovens.

– E depois, meu padre – disse d. Garcia, num tom devoto –, que nos importa a justiça? É com Deus que nos queremos reconciliar.

– Até amanhã, meus filhos – disse o padre, retirando-se.

– Até amanhã – respondeu d. Garcia. – Nós lhe beijamos as mãos e contamos com o senhor.

O padre partiu, d. Garcia pulou de contente.

– Viva a simonia! – exclamou ele. – Eis-nos em melhor posição, creio eu. Se a justiça se preocupar contigo, esse bom padre, pelos ducados que recebeu, e pelos que ainda espera tirar de nós, está pronto a dar testemunho de que somos tão estranhos à morte do cavalheiro que acabas de despachar como um menino recém-nascido. Recolhe-te agora a casa, conserva-te sempre alerta, e só abre a porta quando estiveres seguro de quem bate. Eu vou sair pela cidade, e ver que novas há.

D. Juan, de volta a sua residência, atirou-se vestido sobre o leito. Passou a noite em claro, pensando na morte que acabava de praticar, e sobretudo nas suas consequências. Cada vez que ouvia na rua um ruído de passos, imaginava que a justiça vinha prendê-lo. No entanto, como estava exausto e tinha a cabeça ainda pesada do bródio em que tomara parte, adormeceu no momento em que clareava o dia.

Fazia já algumas horas que repousava quando o criado o despertou, dizendo-lhe que uma dama velada pedia para lhe falar. No mesmo instante uma mulher entrou no quarto. Estava envolta da cabeça aos pés num grande manto negro que só lhe deixava a descoberto um dos olhos. Este, ela o dirigiu para o criado e depois para d. Juan, como que a pedir para lhe falar sem testemunhas. O criado retirou-se em seguida. A dama sentou-se, fitando

atentamente em d. Juan o olho descoberto. Após um instante de silêncio, assim começou:

– Sr. cavalheiro, decerto a minha atitude o surpreende e o senhor sem dúvida não está fazendo boa opinião a meu respeito; mas quem souber dos motivos que aqui me trazem não poderá censurar-me. O senhor bateu-se ontem com um cavalheiro desta cidade...

– Eu, minha senhora?! – exclamou d. Juan, empalidecendo. – Se nem saí deste quarto...

– É inútil fingir comigo, e devo dar-lhe o exemplo da franqueza.

Assim dizendo, abriu o manto, e d. Juan reconheceu d. Teresa.

– Sr. d. Juan – prosseguiu ela, enrubescendo –, devo confessar-lhe que a sua bravura me inspirou o maior interesse pelo senhor. Apesar da perturbação em que me achava, notei que sua espada se quebrara e que o senhor a deixara cair junto à nossa porta. No momento em que todos se afanavam em torno do ferido, desci e apanhei o punho da espada. Examinando-o, vi que tinha o seu nome, e compreendi o quanto o senhor ficaria comprometido se ele caísse em mão de seus inimigos. Ei-lo aqui, sinto-me feliz em poder restituí-lo.

Como era natural, d. Juan tombou-lhe aos pés, declarou que lhe devia a vida, mas que esse era agora um presente inútil, visto que ela iria matá-lo de amor. D. Teresa estava com pressa e queria retirar-se imediatamente; no entanto, escutava d. Juan com tanto prazer que não podia decidir-se a voltar para casa. Assim transcorreu mais ou menos uma hora, cheia de juras de amor eterno, de beijos na mão, de rogos de um lado, de fracas recusas do outro. D. Garcia, entrando de súbito, interrompeu o colóquio. Não era homem que se escandalizasse. Seu primeiro cuidado foi tranquilizar Teresa. Louvou-lhe muito a coragem, a presença de espírito, e acabou pedindo-lhe para influir no espírito da irmã, a fim de que esta lhe dispensasse uma acolhida mais humana. D. Teresa prometeu tudo o que ele quis, envolveu-se hermeticamente no seu manto e partiu, depois de haver combinado comparecer na mesma noite, com a irmã, em determinado local do passeio.

– Nossos assuntos vão bem – disse d. Garcia, logo que os dois se viram a sós. – Ninguém suspeita de ti. O corregedor, que não me quer nenhum bem, deu-me a princípio a honra de pensar na minha pessoa. Estava persuadido, dizia, de que fora eu quem matara d. Cristobal. Sabes o que lhe fez mudar de opinião? É que lhe disseram que eu havia passado toda a noite contigo; e tu tens, meu caro, tamanha reputação de santidade que até dá para a revender aos outros. Como quer que seja, não pensam em nós. A esperteza dessa brava Teresinha nos tranquiliza quanto ao futuro; não pensemos mais nisso e tratemos apenas de nos divertir.

– Ah! Garcia – exclamou tristemente d. Juan –, é uma coisa bem triste matar um dos nossos semelhantes!

– Há uma coisa ainda mais triste – respondeu d. Garcia –, é que um dos nossos semelhantes nos mate, e uma terceira coisa que ultrapassa as duas outras em tristeza, é um dia sem almoçar. Eis por que eu te convido a almoçar hoje com alguns bons vivedores, que ficarão encantados de ver-te.

Dizendo tais palavras, retirou-se.

Já o amor concorria poderosamente para distrair os remorsos do nosso herói. A vaidade terminou de os abafar. Os estudantes com quem almoçou em casa de Garcia haviam sabido por este quem era o verdadeiro matador de d. Cristobal. Esse Cristobal era um cavaleiro famoso por sua coragem e destreza, e temido dos estudantes: de modo que a sua morte só podia provocar a alegria geral, e o seu feliz adversário foi cumulado de cumprimentos. A dar-lhes crédito, era ele a honra, a flor, o braço da Universidade. Ergueram-lhe entusiásticos brindes, e um estudante de Murcia improvisou um soneto em seu louvor, no qual o comparava ao Cid e a Bernardo del Carpio. Ao erguer-se da mesa, bem que d. Juan ainda sentia algum peso no coração; mas, se estivesse em seu poder ressuscitar a d. Cristobal, é duvidoso que o fizesse, por medo de perder a consideração e renome que aquela morte lhe granjeara em toda a Universidade de Salamanca.

À noite, as duas partes foram pontuais ao encontro, que se realizou à margem do Tormes. D. Teresa tomou a mão de d. Juan

(ainda não se usava dar o braço às mulheres), e d. Fausta a de d. Garcia. Após algumas voltas, os dois pares se separaram muito satisfeitos, com a promessa de não deixar escapar uma única ocasião de se tornarem a ver.

Ao deixar as duas irmãs, encontraram eles algumas ciganas que dançavam com pandeiros, no meio de um grupo de estudantes. Reuniram-se a eles. As bailarinas agradaram a d. Garcia, que resolveu levá-las a cear. Proposta feita, proposta aceita. Na sua qualidade de *fidus Achates*,¹¹⁸ d. Juan fazia parte do bando. Melindrado por lhe haver dito uma das ciganas que ele tinha o ar de noviço, d. Juan empenhou-se em fazer tudo o que era preciso para provar a impropriedade de tal apelido: praguejou, dançou, tocou e bebeu tanto, ele sozinho, como o poderiam fazer dois estudantes do segundo ano.

Tiveram muita dificuldade em levá-lo para casa depois da meia-noite, um pouco mais do que bêbado, e em tal estado de fúria que queria atear fogo a Salamanca e beber todo o Tormes para impedir que se apagasse o incêndio.

E assim d. Juan ia perdendo, uma após outra, todas as felizes qualidades que lhe haviam dado a natureza e a educação. Ao cabo de três meses de permanência em Salamanca sob a direção de d. Garcia, conseguira seduzir a pobre Teresa: seu camarada, por sua parte, fizera o mesmo a Fausta, dez dias antes. No princípio, d. Juan amou a sua amante com todo o amor que um menino de sua idade dedica à primeira mulher que se entregou a ele; mas d. Garcia demonstrou-lhe facilmente que a constância era uma virtude quimérica; e ainda mais que, se se conduzisse de modo diverso do de seus colegas nas orgias universitárias, isso acabaria afetando a reputação de Teresa. Pois, dizia ele, só um amor muito ardente e satisfeito é que pode contentar-se com uma única mulher. Por outro lado, as más companhias em que andava d. Juan não lhe deixavam um momento de repouso. Mal aparecia nas aulas, ou então, cansado das noites em claro e das orgias, caía no sono ante as douradas lições dos mais ilustres professores. Em compensação, era sempre o último a deixar o passeio; e quanto às suas noites, passava-as

regularmente nas tavernas ou em piores lugares, quando d. Teresa não lhas podia conceder.

Recebera certa manhã um bilhete dessa dama, que lhe exprimia o pesar de faltar a um encontro prometido para a noite. Uma velha parenta acabava de chegar a Salamanca e haviam lhe cedido o quarto de Teresa [, que devia dormir no da mãe]. Esse desapontamento afetou mediocrementemente a d. Juan, que encontrou meios de preencher a sua noite. No momento em que saía para a rua, preocupado com os seus projetos, uma mulher velada lhe entregou um bilhete; era de d. Teresa. Achara jeito de conseguir outro quarto, e arranjava tudo com a irmã para o encontro noturno. D. Juan mostrou a carta a d. Garcia. Hesitaram algum tempo; afinal, maquinalmente e como por hábito, escalaram o balcão de suas amantes.

D. Teresa tinha no seio um sinal bem visível. Foi um imenso favor que recebeu d. Juan a primeira vez em que teve permissão de contemplá-lo. Durante algum tempo continuou a considerá-lo como a coisa mais adorável do mundo. Ora comparava-o a uma violeta, ora a uma anêmona [, ora a uma flor de alfafa]. Mas em breve esse sinal, que era realmente muito lindo, deixou, pela saciedade, de parecer-lhe tal. “É uma grande mancha negra”, dizia ele, suspirando, “e nada mais. É pena que se encontre logo ali no seio. Parece tocinho com pelo. Que o diabo carregue o sinal!” Chegou um dia a perguntar a Teresa se não havia consultado um médico sobre os meios de fazê-lo desaparecer. A isto a pobre respondeu, enrubescendo até a raiz dos cabelos, que não havia um único homem no mundo, exceto ele, que o tivesse visto, e que, de resto, a sua ama costumava dizer que tais sinais davam sorte.

Na noite a que me referi, d. Juan, tendo comparecido ao encontro de muito mau humor, reviu o sinal em questão, que lhe pareceu ainda maior do que das outras vezes. “Parece”, pensou ele, considerando-o, “parece um ratão.. Uma monstruosidade, afinal! É um sinal de maldição, como aquele com que foi marcado Caim. Cumpre ter o diabo no corpo para fazer-se amante de tal mulher!” Mostrou-se impertinente ao último ponto, discutiu sem motivo com a

pobre Teresa, fê-la chorar, e deixou-a de madrugada sem se dar ao trabalho de a beijar na despedida. D. Garcia, que saíra junto com ele, andou algum tempo sem dizer palavra; depois, estacando de súbito:

– Hás de convir que nos aborrecemos muito esta noite. Não posso mais. Palavra! Dá-me vontade de mandar a princesa ao diabo, de uma vez por todas!

– Fazes mal – observou d. Juan –, Fausta é uma criatura encantadora, alva como um cisne, e está sempre de bom humor. E depois, ama-te tanto! És na verdade muito feliz.

– Alva? Vá lá que seja! Mas não tem boa cor, como se diz. E, ao lado da irmã, parece uma coruja ao lado de uma pomba. Tu, sim, é que és feliz.

– Assim, assim – respondeu d. Juan. – A pequena tem os seus atrativos, é verdade. Mas não passa de uma criança. Impossível conversar direito com ela. Tem a cabeça cheia de romances de cavalaria, e faz do amor as ideias mais extravagantes. Nem imaginas as suas exigências.

– É que és ainda muito jovem – retrucou o outro –, e não sabes domar as amantes. Olha, uma mulher é como um cavalo; se a deixas adquirir maus hábitos, se não a convences de que não lhe perdoarás nenhum capricho, nunca obterás dela coisa alguma.

– Escuta, d. Garcia, tratas as tuas amantes como a teus cavalos? Usas seguidamente do relho para acabar com os seus caprichos?

– Raramente: mas sou demasiado bom. Cá entre nós, d. Juan, não quererás ceder-me a tua Teresa? Prometo-te que ao cabo de quinze dias ela estará macia como uma luva. Em troca, ofereço-te Fausta. Combinado?

– O negócio me agradaria muito – disse d. Juan, sorrindo –, se elas, por seu lado, o consentissem. Mas d. Fausta jamais aceitaria tal coisa. Sairia perdendo na troca.

– És demasiado modesto, mas tranquiliza-te. Tanto a enraiveci, que o primeiro que se apresente há de parecer-se, comparado

comigo, como um anjo a um danado. E fica sabendo – prosseguiu d. Garcia –, que estou falando muito seriamente.

E d. Juan ainda riu mais forte da seriedade com que o amigo dizia tais extravagâncias.

Essa edificante conversação foi interrompida pela chegada de vários estudantes, que imprimiram outro curso às suas ideias. Mas, à noite, estando os dois amigos sentados ante uma garrafa de Montilla, acompanhada de uma cestinha cheia de glandes de Valência, d. Garcia tornou a queixar-se da amante. Acabava de receber uma carta de Fausta, cheia de ternas expressões e de brandas censuras, onde transparecia o seu espírito jovial, e o seu hábito de descobrir o lado ridículo de cada coisa.

– Olha – disse d. Garcia, estendendo a carta a d. Juan –, vê só esta bela composição. Mais um encontro para esta noite! Mas o diabo me carregue se eu compareço.

D. Juan leu a carta, que lhe pareceu encantadora.

– Na verdade – disse ele –, se eu tivesse uma amante como a tua, faria todo o empenho por torná-la feliz.

– Pois então fica com ela, meu caro – exclamou d. Garcia –, toma-a, até que te passe a fantasia. Cedo-te os meus direitos. Façamos melhor – acrescentou, erguendo-se como que iluminado por súbita inspiração –, apostemos as nossas amantes. Joguemos uma partida de voltarete. D. Fausta é a minha parada, e tu, arriscarás d. Teresa.

D. Juan, rindo até as lágrimas da esquisitice de seu camarada, tomou as cartas e baralhou-as. Embora não prestasse a mínima atenção ao jogo, ganhou a partida. D. Garcia, sem que parecesse aborrecido com a perda, redigiu uma espécie de ordem de pagamento, sacada contra d. Fausta, na qual lhe ordenava pôr-se à disposição do portador, tal qual se escrevesse ao seu intendente para pagar cem ducados a um de seus credores.

D. Juan, sempre a rir, ofereceu revanche a d. Garcia. Mas este recusou.

– Se tiveres um pouco de coragem – disse ele –, toma a minha capa e vai até à portinha que bem conheces. Só encontrarás Fausta, pois Teresa não te está esperando. Segue-a sem dizer palavra; uma vez no seu quarto, bem pode acontecer que ela experimente um momento de surpresa, que derrame uma ou duas lágrimas; mas que isto não te preocupe. Fica certo de que Fausta não ousará gritar. Mostra-lhe, então, a minha carta; dize-lhe que eu sou um celerado, um monstro, tudo o que quiseres; que ela dispõe de uma vingança fácil e rápida, e esta vingança, podes ter certeza de que ela achará bastante doce.

A cada palavra de Garcia, mais o diabo penetrava no coração de d. Juan, e dizia-lhe que aquilo que até então considerara um simples gracejo podia terminar para ele da maneira mais agradável. Cessou de rir, e a vermelhidão do prazer começou a subir-lhe à frente.

– Se eu estivesse seguro – disse ele – de que Fausta consentirá na troca...

– Se ela consente! – exclamou o libertino. – Que ingênuo és tu, meu camarada, para acreditares que uma mulher possa hesitar entre um amante de seis meses e um amante de um dia! Vamos, amanhã vocês dois hão de agradecer-me, não duvido, e a única recompensa que te peço é consentires que eu faça a corte à Teresita, para me distrair.

Depois, vendo que d. Juan já estava meio convencido, acrescentou:

– Anda, decide-te, pois, quanto a mim, não quero ver Fausta esta noite; se não a quiseres, darei este bilhete ao gordo Fradique, e ele é quem sairá ganhando.

– Bem, seja como for! – exclamou d. Juan, apoderando-se do bilhete; e, para ganhar coragem, bebeu de um trago um grande cálice de Montilla.

Aproximava-se a hora. D. Juan, a quem um resto de consciência ainda retinha, bebia sem parar para atordoar-se. Afinal o relógio bateu. D. Garcia lançou a sua capa sobre os ombros de d. Juan e o conduziu até a porta de Fausta; depois de fazer o sinal

convencionado, desejou-lhe uma boa noite e afastou-se, sem o mínimo remorso da má ação que acabava de cometer.

A porta abriu-se em seguida. Fazia já algum tempo que Fausta estava esperando.

– És tu, Garcia? – perguntou ela, em voz baixa.

– Sim – respondeu d. Juan ainda mais baixo, com o rosto oculto nas dobras da capa. Entrou e, fechada a porta, começou a subir uma escura escada com o seu guia.

– Agarra a ponta de minha mantilha – disse ela –, e segue-me o mais silenciosamente possível.

Em poucos instantes achou-se no quarto de Fausta. Apenas uma lâmpada esparzia uma medíocre claridade. A princípio d. Juan, sem tirar a capa nem o chapéu, manteve-se de pé, encostado à porta, sem ousar ainda descobrir-se. D. Fausta considerou-o algum tempo, sem nada dizer; depois, subitamente, avançou para ele, estendendo-lhe os braços. D. Juan, deixando então cair a capa, imitou-lhe o gesto.

– Como! É o senhor, d. Juan? – exclamou Fausta. – Será que d. Garcia está doente?

– Doente? Não... – disse d. Juan –, mas não pode vir, e enviou-me para aqui.

– Oh! Que pena! Mas diga-me: não é alguma outra mulher que o impede de vir?

– Desconfia então que d. Garcia é um libertino?...

– Como a minha irmã vai ficar contente de o ver, d. Juan! A pobre menina pensava que o senhor não vinha... Deixe-me passar, vou avisá-la.

– É inútil.

– O senhor está com um ar muito esquisito, d. Juan... Decerto me traz más notícias... Diga-me, aconteceu alguma desgraça a d. Garcia?

Para evitar uma resposta embaraçosa, d. Juan entregou à pobre rapariga o infame bilhete de d. Garcia. Ela o leu precipitadamente, e

no princípio não compreendeu nada. Tornou a lê-lo, e não podia acreditar nos seus olhos. D. Juan observava-a com atenção, e via-a alternativamente enxugar a fronte, esfregar os olhos; os lábios tremiam-lhe, mortal palidez lhe cobria o rosto, e era obrigada a segurar o papel com ambas as mãos, para que ele não tombasse. Afinal, erguendo-se em desesperado esforço, exclamou:

– É falso! É uma horrível falsidade! D. Garcia nunca escreveu isto!

D. Juan respondeu:

– Bem conheces a sua letra. Ele não avaliava o tesouro que possuía... e eu aceitei porque te adoro.

Fausta lançou-lhe um olhar do mais profundo desprezo, e pôs-se a reler a carta com a atenção de um advogado que suspeita uma falsificação num documento. Seus olhos estavam desmesuradamente abertos e fixos no papel. De tempos em tempos, escapava uma grossa lágrima sem que ela ao menos pestanejasse, e deslizava-lhe pelo rosto. De repente, esboçou um sorriso desvairado, exclamando:

– É uma brincadeira, não é? Não passa de uma brincadeira... D. Garcia está aqui por perto e já vai chegar!

– Não é nenhuma brincadeira, Fausta. Nada há de mais verdadeiro do que o amor que te dedico. Eu me sentiria muito infeliz se não me acreditasses.

– Miserável! – exclamou d. Fausta. – Mas, se falas a verdade, és ainda mais celerado do que d. Garcia.

– O amor tudo desculpa, linda Faustita. D. Garcia abandona-te; fica comigo para te consolares. Vejo aqui pintados, neste painel, Baco e Ariana; deixa-me ser o teu Baco.

Sem responder palavra, ela apanhou uma faca de sobre a mesa, e avançou para d. Juan, conservando-a erguida acima da cabeça. Mas este vira o movimento; agarrou-lhe o braço, desarmou-a sem trabalho, e, julgando-se autorizado a castigar esse início de hostilidades, beijou-a três ou quatro vezes e tentou arrastá-la para um pequeno leito de repouso. D. Fausta era uma mulher frágil e delicada, mas a cólera emprestava-lhe forças; ela resistia a d. Juan,

ora agarrando-se aos móveis, ora defendendo-se com as mãos, com os pés e com os dentes. No princípio d. Juan recebera alguns golpes a sorrir, mas em breve a cólera foi nele tão forte quanto o amor. Apertou-a fortemente, sem receio de magoar-lhe a delicada pele. Era um lutador irritado que queria a qualquer preço triunfar do adversário, prestes a esganá-lo, se preciso fosse, para o dominar. Fausta recorreu então ao último recurso que lhe restava. Até aquele instante, um sentimento de pudor feminino impedira-a de pedir socorro; mas, vendo-se a ponto de ser vencida, fez ressoar a casa com os seus gritos.

D. Juan sentiu que não mais se tratava agora de possuir a vítima, e que devia antes de tudo pensar na própria segurança. Tentou repelir Fausta e alcançar a porta, mas a mulher agarrava-se à sua roupa, e ele não podia desenvencilhar-se. Ao mesmo tempo, ouvia-se o alarmante rumor de portas que se abriam; passos e vozes de homens vinham-se aproximando; não havia um instante a perder. D. Juan fez um esforço para arremessá-la longe de si; mas Fausta se lhe agarrara ao gibão e com tamanha força que ele deu uma volta sobre si mesmo jungido com a mulher, sem conseguir outra coisa senão mudar de posição. Fausta achava-se então do lado da porta. Continuava a gritar. Eis que a porta se abre; um homem, de arcabuz em punho, aparece à entrada. Deixa escapar uma exclamação de surpresa, e em seguida ouve-se um tiro. A lâmpada apagou-se, e d. Juan sentiu que as mãos de d. Fausta se desprendiam e que alguma coisa de morno e líquido escorria pelas suas próprias mãos. Ela tombou, ou antes, escorregou para o chão; a bala acabava de atingir-lhe a espinha: o pai matara-a, em vez do seu agressor. D. Juan, sentindo-se livre, lançou-se para a escada, em meio do fumo do arcabuz. Primeiro recebeu um coronhaço do pai e um golpe de espada do lacaio que o seguia. Mas nem um nem outro lhe causaram muito mal. De espada em punho, procurava abrir passagem e apagar o archote que o criado trazia. Este recuou, assustado com o seu ar resolutivo. Quanto a d. Alonso de Ojeda, homem ardoroso e intrépido, precipitou-se, sem hesitar, sobre o adversário. D. Juan aparou alguns golpes, e sem dúvida não tinha

no princípio senão a intenção de defender-se; mas o hábito da esgrima faz com que uma resposta, após uma parada, não seja mais que um movimento maquinal e quase involuntário. Ao cabo de um instante, o pai de d. Fausta lançou um grande suspiro e tombou mortalmente ferido. D. Juan, vendo a passagem livre, lançou-se como um raio escada abaixo, e num ápice estava na rua, sem ser perseguido pelos criados, que se apressuravam em torno do patrão moribundo. D. Teresa, que acorrera ao rumor do tiro, presenciara aquela terrível cena e caíra desmaiada ao lado do pai. Ela ainda não conhecia senão metade da sua desgraça.

Acabava d. Garcia a sua última garrafa de Montilla quando d. Juan, pálido, coberto de sangue, o olhar desvairado, roto o gibão e com a gola meio pé para fora dos seus limites ordinários, entrou precipitadamente no quarto e lançou-se arquejante sobre uma cadeira, sem poder falar. O outro logo compreendeu que acabava de acontecer algum grave acidente. Deixou d. Juan respirar penosamente duas ou três vezes, depois pediu detalhes; em duas palavras estava a par de tudo. D. Garcia, que não perdia tão facilmente a sua calma habitual, ouviu, sem pestanejar, a narrativa entrecortada de d. Juan. Depois, enchendo um copo e oferecendo-o ao amigo:

– Bebe – disse ele –, que bem estás precisando. – É um mau negócio – acrescentou, após haver ele próprio bebido. – Matar um pai, é grave... É verdade que há exemplos, a começar pelo Cid. O pior é que não tens quinhentos homens todos de branco, todos teus primos, para te defenderem dos esbirros de Salamanca e dos parentes do defunto... Ocupemo-nos primeiro do mais urgente...

Deu duas ou três voltas pelo quarto, como para concentrar as ideias.

– Ficar em Salamanca – tornou –, depois de semelhante escândalo, seria loucura. D. Alonso de Ojeda não é nenhum fidalgo, e aliás os criados devem ter-te reconhecido. Admitamos por um momento que não foste reconhecido, mas já adquiriste na Universidade tão vantajosa reputação que não deixarão de imputar-te um crime anônimo. Olha, acredita-me, é preciso ir embora daqui,

e quanto mais cedo melhor. Já te tornaste três vezes mais sábio do que convém a um gentil-homem de boa estirpe. Deixa Minerva em paz, e ensaia um pouco com Marte; com isto te darás melhor, pois vocação é que não te falta. Agora estão brigando em Flandres. Vamos matar hereges; nada mais próprio para resgatar nossos pecadilhos neste mundo. Amém! Termine como no sermão.

A palavra Flandres operou em d. Juan como um talismã. Deixar a Espanha, acreditava ele que era como escapar de si mesmo. Em meio das fadigas e perigos da guerra, não teria tempo para remorsos!

– Para Flandres, para Flandres! – exclamou. – Vamos fazer-nos matar em Flandres.

– De Salamanca a Bruxelas, há muito que andar – tornou gravemente d. Garcia –, e, na tua situação, tens de partir o quanto antes. Pensa que, se o sr. corregedor te pega, muito difícil te será fazer uma campanha noutra parte a não ser nas galeras de Sua Majestade.

Depois de discutir alguns momentos com o amigo, d. Juan despiu as vestes estudantis. Envergou um traje de couro bordado, como o que então usavam os militares, um grande chapéu de abas pendidas, e não deixou de guarnecer o cinturão com quantos dobrões lhe pôde meter d. Garcia. Esses aprestos não duraram mais que alguns minutos. Pôs-se a caminho a pé, saiu da cidade sem ser reconhecido, e andou toda a noite e toda a manhã seguinte, até que o calor do solo obrigou a deter-se. Na primeira cidade a que chegou, comprou um cavalo e, juntando-se a uma caravana de viajantes, entrou sem obstáculo em Saragoça. Ali permaneceu alguns dias sob o nome de d. Juan Carrasco. D. Garcia, que deixara Salamanca no dia seguinte ao de sua partida, tomou por outro caminho, indo encontrar-se com ele em Saragoça, onde não se demoraram muito. Após haverem cumprido às pressas as suas devoções a Nossa Senhora do Pilar, não sem namorar as belas aragonesas, providos cada qual de um bom criado, dirigiram-se a Barcelona, de onde embarcaram para Civitavecchia. A fadiga, o enjoo, a novidade dos lugares, e a natural inconstância de d. Juan, tudo concorria para que

depressa esquecesse as terríveis cenas que deixara atrás de si. Durante alguns meses, os prazeres que encontravam os dois amigos na Itália levaram-nos a negligenciar o fim principal da viagem; mas, começando a escassear-lhes os fundos, reuniram-se a certo número de seus compatriotas, bravos como eles e leves de dinheiro, e puseram-se a caminho para a Alemanha. Chegados a Bruxelas, cada qual foi servir na companhia do capitão que mais lhe agradou. Resolveram os dois amigos iniciar a carreira das armas na companhia do capitão d. Manuel Gomara, primeiro porque era andaluz, e, depois, porque passava por não exigir de seus soldados senão coragem e armas bem polidas e em bom estado, sendo muito acomodaticioso quanto à disciplina.

Encantado com o seu bom aspecto, o capitão tratou-os bem e segundo os gostos de ambos, isto é, utilizou-os em todas as empreitadas perigosas. A sorte lhes foi favorável e, onde muitos de seus camaradas encontraram a morte, não receberam eles um só ferimento e fizeram com que os generais os notassem. Ambos obtiveram promoção no mesmo dia. Desde este momento, julgando-se seguros da estima e amizade dos chefes, confessaram os seus verdadeiros nomes e retornaram à sua vida ordinária, isto é, passavam o dia a jogar ou a beber, e a noite a dar serenatas às mais lindas mulheres das cidades onde se achavam de guarnição durante o inverno. Haviam recebido o perdão dos respectivos pais, o que os impressionou mediocrementemente, e cartas de crédito para os bancos de Antuérpia, de que se utilizaram à grande. Jovens, ricos, bravos e ousados, suas conquistas foram numerosas e rápidas. Não me deterei em contá-las; baste ao leitor saber que, quando viam uma bonita mulher, qualquer meio lhes era lícito para obtê-la. Promessas e juramentos não passavam de um brinquedo para aqueles indignos libertinos; e se algum irmão ou marido achava algo que objetar à sua conduta, tinham, para lhe responder, boas espadas e corações impiedosos.

A guerra recomeçou com a primavera.

Numa escaramuça infeliz para os espanhóis, o capitão Gomara foi mortalmente ferido. D. Juan, que o viu tombar, correu a ele e

chamou alguns soldados para carregá-lo; mas o bravo capitão, reunindo o que lhe restava de forças, disse-lhe:

– Deixa-me morrer aqui; sinto que tudo está acabado. Tanto vale morrer aqui como meia légua adiante. Conserva os teus soldados; eles vão ter muito que fazer, pois vejo os holandeses avançarem dispostos. Meus filhos – acrescentou, dirigindo-se aos soldados que se acotovelavam em torno dele –, cerrem fileiras junto aos seus estandartes, e não se preocupem comigo.

Nesse momento chegou d. Garcia e perguntou-lhe se ele não tinha alguma última vontade para ser executada após a sua morte:

– Que diabo queres tu que eu queira num momento como este?...

Pareceu recolher-se alguns instantes.

– Nunca pensei muito na morte – continuou –, e não a julgava tão próxima... Não me incomodaria de ter perto de mim algum padre... Mas todos os nossos monges estão perto das bagagens. É duro, no entanto, morrer sem confissão!

– Eis aqui o meu livro de horas – disse d. Garcia, apresentando-lhe uma garrafa de vinho. – Tenha coragem.

Os olhos do velho soldado tornavam-se cada vez mais turvos. Não notou o gracejo de d. Garcia, mas os velhos soldados que o cercavam ficaram escandalizados.

– D. Juan – disse o moribundo –, aproxima-te, meu filho. Quero fazer-te meu herdeiro. Toma esta bolsa; contém tudo quanto possuo; é melhor que fique contigo do que com aqueles excomungados. A única coisa que te peço é que mandes rezar algumas missas pelo repouso de minha alma.

D. Juan lho prometeu, apertando-lhe a mão, enquanto d. Garcia observava baixinho ao amigo quanta diferença havia entre as opiniões de um homem quando está para morrer e as que o mesmo professa quando sentado a uma mesa coberta de garrafas. Algumas balas que vieram sibilar a seus ouvidos anunciaram-lhes a aproximação dos holandeses. Os soldados retornaram às fileiras. Cada qual se despediu às pressas do capitão Gomara, e só se tratou, depois, de fazer uma retirada em boa ordem. Tal coisa era assaz

difícil com um inimigo numeroso, caminhos arruinados pela chuva e soldados exaustos de uma longa marcha. Mas os holandeses não puderam destruí-los e abandonaram a perseguição à noite, sem haver tomado uma só bandeira nem feito um único prisioneiro que não estivesse ferido.

À noite, os dois amigos, sentados numa barraca com alguns oficiais, falavam sobre os últimos acontecimentos. Foram censuradas as disposições do comandante do dia, e descobriram *a posteriori* tudo o que ele deveria ter feito. Finalmente, vieram a falar dos mortos e feridos.

– Quanto ao capitão Gomara – disse d. Juan –, hei de lamentar por muito tempo a sua perda. Era um bravo oficial, um bom camarada, um verdadeiro pai para os soldados.

– Sim – disse d. Garcia –, mas confesso-te que nunca fiquei tão surpreendido como ao vê-lo afligir-se tanto por não ter uma batina a seu lado. Isto só prova uma coisa: que é mais fácil ser bravo em palavras do que em ações. O que zomba de um perigo afastado empalidece quando o perigo chega. A propósito, d. Juan, já que és seu herdeiro, dize-me o que há na bolsa que ele te deixou.

D. Juan abriu-a então pela primeira vez e viu que continha cerca de sessenta moedas de ouro.

– Agora que temos fundos – disse d. Garcia, habituado a considerar como sua a bolsa do amigo –, por que não jogarmos uma partida de faraó, em vez de choramingar assim, pensando nos amigos mortos?

Todos aplaudiram a proposta. Juntaram alguns tambores, que foram recobertos de uma capa, servindo assim como mesa de jogo. D. Juan, a conselho de d. Garcia, jogou em primeiro lugar; mas antes tirou da bolsa dez moedas de ouro, que embrulhou no lenço e guardou no bolso.

– Que diabo estás fazendo? – exclamou d. Garcia. – Um soldado guardando dinheiro! E na véspera de um combate!

– Bem sabes que esse dinheiro não é todo meu. D. Manuel fez-me um legado *sub poenae nomine*,¹¹⁹ como dizíamos em Salamanca.

– Olhem só o presumido! – exclamou d. Garcia. – O diabo me carregue se ele não tem intenção de dar esses dez escudos ao primeiro cura que aparecer.

– E por que não? Assim o prometi.

– Cala-te; pelas barbas de Maomé! Tu me envergonhas, não te conheço mais.

No princípio a sorte foi variada, mas em breve voltou-se decididamente contra d. Juan. Em vão, para quebrar o azar, d. Garcia tomou as cartas. Ao cabo de uma hora, todo o dinheiro que possuíam, e mais os cinquenta escudos do capitão Gomara, tinham passado para as mãos do banqueiro. D. Juan queria ir deitar-se; mas d. Garcia estava espicaçado e queria tirar revanche.

– Vamos, sr. Prudente – disse ele –, vejamos esses últimos escudos que traz aí tão bem guardados. Tenho certeza de que nos darão sorte.

– Pensa na minha promessa, d. Garcia.

– Ora! Não sejas criança! A ocasião não é para missas. O capitão, se estivesse vivo, preferiria pilhar uma igreja a perder uma parada.

– Toma cinco escudos – disse d. Juan. Não os arrisques de uma só vez.

– Nada de fraquezas! – disse d. Garcia. E pôs os cinco escudos sobre um rei. Ganhou; dobrou a parada; perdeu.

– Venham os cinco últimos! – exclamou, empalidecendo de cólera. D. Juan fez algumas objeções, facilmente vencidas; mas acabou cedendo quatro escudos, que seguiram a sorte dos primeiros. D. Garcia, lançando as cartas à cara do banqueiro, ergueu-se furioso. Disse a d. Juan: – Sempre tens sido feliz, e eu ouvi dizer que um último escudo tem grande poder para conjurar a sorte.

D. Juan estava pelo menos tão furioso quanto ele. Não mais pensou nas missas nem no seu juramento. Pôs sobre um ás o derradeiro, e perdeu-o.

– A alma do capitão Gomara que vá para o diabo que a carregue! – exclamou ele. – Creio que o seu dinheiro estava enfeitado!...

Perguntou-lhes o banqueiro se ainda queriam jogar; mas, como não tinham dinheiro e dificilmente se concede crédito a pessoas que arriscam a vida todos os dias, viram-se obrigados a deixar o jogo e foram consolar-se com os bebedores. A alma do pobre capitão foi completamente esquecida.

Tendo recebido reforços alguns dias depois, os espanhóis retomaram a ofensiva. Tornaram a atravessar o local do último combate. Os mortos ainda não estavam enterrados. D. Garcia e d. Juan esporeavam os cavalos, para escapar àqueles cadáveres que ofendiam, ao mesmo tempo, a vista e o olfato, quando um soldado que seguia adiante deles soltou um grito à vista de um corpo estendido num valo. Aproximaram-se e reconheceram o capitão Gomara. Estava no entanto quase desfigurado. Os traços deformados em horríveis contorções provavam que seus últimos momentos tinham sido acompanhados de dores atrozes. Embora já acostumado a tais espetáculos, d. Juan não pôde deixar de estremecer ante aquele cadáver, cujos olhos baços e cheios de sangue coagulado pareciam dirigidos ameaçadoramente para ele. Lembrou-se dos últimos desejos do pobre capitão e de como havia negligenciado executá-los. No entanto, a fictícia dureza de que conseguira revestir o coração livrou-o logo de tais remorsos; mandou imediatamente abrir uma cova para sepultar o capitão. Por acaso, achava-se ali um capuchinho, que rezou às pressas algumas orações. O cadáver, aspergido de água benta, foi recoberto de pedras e terra, e os soldados prosseguiram a marcha, mais silenciosos que de costume: mas d. Juan notou um velho arcabuzeiro que, depois de haver por muito tempo remexido nos bolsos, encontrou afinal um escudo, que deu ao capuchinho, dizendo-lhe:

– Aqui tem, para dizer missas pelo capitão Gomara.

Naquele dia, d. Juan deu provas de extraordinária bravura, e expôs-se de tal modo às balas inimigas como se procurasse a morte.

– Coragem como essa – diziam os seus camaradas –, só mesmo quando não se tem mais dinheiro...

Pouco depois da morte do capitão Gomara, um jovem soldado entrou como recruta para a companhia onde serviam d. Juan e d. Garcia; parecia decidido e intrépido, mas de um caráter dissimulado e misterioso. Nunca o viam beber nem jogar com os camaradas; passava horas inteiras sentado em um banco no corpo da guarda, olhando as moscas, ou brincando com o gatilho do arcabuz. Os soldados, que zombavam da sua reserva, haviam-no apelidado de *Modesto*. Sob esse nome é que era conhecido na companhia, e seus próprios chefes não o chamavam de outra forma.

A campanha terminou pelo cerco de Berg-op-Zoom,¹²⁰ que foi, como se sabe, um dos mais pesados dessa guerra, pois os sitiados se defenderam até as últimas. Certa noite achavam-se os dois amigos de serviço nas trincheiras, tão próximas então das muralhas da praça que o posto era dos mais perigosos. Os sitiados faziam frequentes surtidas, e seu fogo era vivo e bem dirigido.

A primeira parte da noite passou-se em contínuos alarmas; em seguida, sitiados e sitiantes pareceram ceder igualmente à fadiga. De ambas as partes cessou o fogo, e estendeu-se por toda a planície um profundo silêncio; rompiam-no somente umas raras descargas, as quais não tinham outra finalidade senão mostrar que, se haviam cessado de combater, continuavam todavia a postos. Eram cerca de quatro horas da madrugada; é o momento em que o homem que velou experimenta uma penosa sensação de frio, acompanhada de uma espécie de acabrunhamento moral, causado pela fadiga física e a vontade de dormir. Não há militar de boa-fé que não confesse que, em tal disposição de espírito e de corpo, não se tenha sentido capaz de fraquezas das quais se envergonharia ao nascer do sol.

– Caramba! – exclamou d. Garcia, marcando passo para se aquecer, e apertando a capa. – Sinto o meu tutano gelar dentro dos ossos; creio que um menino holandês poderia agora bater-me com uma simples caneca de cerveja. Na verdade, não me reconheço. Eis um tiro que acaba de fazer-me estremecer. Palavra! Se eu fosse devoto, tomaria o estranho estado em que me acho por um aviso de Deus.

Todos os presentes, e sobretudo d. Juan, ficaram muito surpreendidos de ouvi-lo falar de Deus, pois era assunto de que jamais se ocupava; ou, se o fazia, era como motivo de escárnio. Percebendo que vários sorriam a tais palavras, e movido por um sentimento de vaidade, exclamou:

– Que ninguém ao menos vá agora pensar que estou com medo dos holandeses, de Deus ou do diabo, pois, ao render da guarda, teria contas a ajustar comigo!

– Vá pelos holandeses, mas, quanto a Deus e ao Outro, é justo que os temamos – disse um velho capitão de bigodes grisalhos, que trazia um rosário suspenso junto à espada.

– Que mal podem eles fazer-me? – perguntou d. Garcia. – O raio não é tão certo como o arcabuz protestante.

– Mas e a tua alma? – disse o velho capitão, persignando-se ante essa horrível blasfêmia.

– Ah! Quanto à minha alma... seria preciso, antes de tudo, que eu estivesse bem certo de possuir uma. Quem é que me afirma que eu tenho uma alma? Os padres. Ora, a invenção da alma lhes dá tão belos rendimentos, que não é de duvidar que sejam eles os seus autores, da mesma forma que os pasteleiros inventaram os pastéis para os vender.

– D. Garcia, ainda acabarás mal – observou o velho capitão. – Tais coisas não se devem dizer numa trincheira.

– Numa trincheira, ou em qualquer outra parte, eu digo sempre o que penso. Mas vou calar-me, pois aí o camarada d. Juan está a ponto de derrubar o chapéu, de tal modo se lhe eriçam os cabelos. Esse não acredita apenas em alma; acredita, ainda por cima, nas almas do purgatório.

– Eu não sou um espírito forte – disse d. Juan, a rir –, e às vezes invejo a tua sublime indiferença quanto às coisas do outro mundo; pois, por mais que zombes de mim, devo confessar-te que há instantes em que tudo quanto se conta dos danados me provoca pensamentos nada agradáveis.

– A melhor prova do pouco poder do diabo é que estás hoje de pé nesta trincheira. Palavra, senhores – acrescentou d. Garcia, batendo nas costas de d. Juan –, se houvesse um diabo, ele já teria carregado este rapaz. Moço que é, apresento-o como um verdadeiro excomungado. Já deixou mais mulheres em mau estado e mais homens sem vida do que o poderiam fazer dois franciscanos e dois bandidos de Valência.

Falava ainda quando um tiro partiu do lado da trincheira que lindava com o campo espanhol. D. Garcia levou a mão ao peito, exclamando:

– Estou ferido!

Cambaleou, e tombou quase em seguida. Ao mesmo tempo, viu-se um homem a fugir, mas a escuridão logo o furtou àqueles que o perseguiam.

O ferimento de d. Garcia era mortal. O tiro fora disparado de muito perto, e a carga era considerável. Mas a firmeza daquele endurecido libertino não se desmentiu um só instante. Expulsou da sua presença aqueles que lhe falavam em confissão. E dizia a d. Juan:

– Só uma coisa me preocupa após a minha morte: é que os capuchinhos vão convencer-te de que se trata de um julgamento de Deus contra mim. Hás de convir em que não há nada mais natural do que um tiro matar um soldado. Dizem que o tiro partiu de nosso lado: foi sem dúvida algum ciumento que me mandou matar. Manda-o enforcar sem mais aquela, se o apanharem. Escuta, d. Juan, tenho duas amantes em Antuérpia, três em Bruxelas, e outras não me lembra onde... falha-me a memória... Pois bem, deixo-as para ti... na falta de melhor coisa... Toma ainda a minha espada... e sobretudo não esqueças o golpe que te ensinei... Adeus... e, em lugar de missas, que meus camaradas se reúnam numa gloriosa orgia após o meu enterro.

Tais foram mais ou menos as suas últimas palavras. De Deus, do outro mundo, não se preocupou mais do que o fizera quando cheio de vida e força. Morreu com um sorriso nos lábios, pois a vaidade lhe dava forças para sustentar até o fim o detestável papel que por

tanto tempo representara. Modesto não mais apareceu. Todo o exército se persuadiu de que fora ele o assassino de d. Garcia; mas perdiam-se em vãs conjeturas quanto aos motivos que o teriam levado a tal gesto.

D. Juan lamentou a morte de d. Garcia como não o faria um irmão. Dizia consigo, o insensato! Que lhe devia tudo. Fora ele quem o iniciara nos mistérios da vida, quem lhe tirara dos olhos a densa nuvem que os cobria. “Que era eu, antes de o conhecer?” E dizia-lhe o amor-próprio que se tornara um ente superior aos outros homens. Todo o mal, enfim, que lhe causara o conhecimento daquele ateu, ele o mudava em bem, e era-lhe tão reconhecido por isso como o deve ser um discípulo a seu mestre.

As tristes impressões que lhe deixou aquela súbita morte gravaram-se-lhe bastante tempo no espírito de modo a obrigá-lo, por vários meses, a mudar o gênero de vida. Mas pouco a pouco foi voltando aos antigos hábitos, já agora muito arraigados para que um acidente lhes pudesse mudar. Recomeçou a jogar, a beber, a cortejar as mulheres e a bater-se com os maridos. Todos os dias tinha novas aventuras, hoje subindo a uma brecha, amanhã escalando um balcão, de manhã acutilando um marido, de noite bebendo com cortesãs.

Em meio das suas orgias, soube que o pai acabava de morrer; sua mãe não lhe sobrevivera mais que uns dias, de sorte que ele recebeu as duas notícias ao mesmo tempo. Os homens de negócio, de acordo com seu próprio gosto, aconselhavam-no a que regressasse à Espanha, para tomar parte do morgadio e dos grandes haveres que acabava de herdar. Fazia muito que obtivera indulto pela morte de d. Alonso de Ojeda, o pai de d. Fausta, e considerava tal assunto definitivamente liquidado. De resto, tinha vontade de agir numa cena maior. Pensava nas delícias de Sevilha e nas inúmeras beldades que só esperavam, sem dúvida, a sua chegada, para entregar-se à sua discrição. Deixando, pois, as armas, partiu para a Espanha. Ficou algum tempo em Madri; tornou-se notado, numa corrida de touros, pela riqueza de sua indumentária e sua habilidade em farpear; fez lá algumas conquistas, mas não se demorou muito.

Chegado em Sevilha, deslumbrou a pequenos e grandes com o seu fausto e magnificência. Todos os dias dava novas festas, para as quais convidava as mais belas damas da Andaluzia. Todos os dias novos divertimentos, novas orgias em seu luxuoso palácio. Tornara-se o rei de uma multidão de libertinos que, desrespeitosos e sem cerimônia para com todo o mundo, lhe obedeciam com essa docilidade tão comum nas associações de malfeitores. Não havia, enfim, deboche em que não mergulhasse, e, como um rico viciado não é prejudicial apenas a si mesmo, pervertia com o seu exemplo a juventude andaluza, que o tomava por modelo e o elevava às nuvens. Por certo que, se a Providência houvesse tolerado por mais tempo a sua libertinagem, seria preciso uma chuva de fogo para castigar as desordens e crimes de Sevilha. Uma doença que o reteve no leito durante alguns dias não lhe inspirou contrição alguma; pelo contrário, só pedia ao médico que lhe restituísse a saúde para correr a novos excessos.

Durante a convalescença, distraiu-se em fazer uma lista de todas as mulheres a que seduzira e de todos os maridos a que enganara. A lista estava metodicamente dividida em duas colunas. Numa constavam os nomes das mulheres, e, sumariamente, as suas características; ao lado, o nome dos respectivos maridos e suas profissões. Teve muita dificuldade em lembrar o nome de todas aquelas infelizes, e é de crer que a lista estivesse longe de ser completa. Um dia mostrou-a a um amigo seu que fora visitá-lo; e, como na Itália obtivera os favores de uma mulher que ousava vangloriar-se de ter sido amante de um papa, a lista começava pelo seu nome e o do papa figurava na lista dos maridos. Vinha em seguida um príncipe reinante, depois duques, marqueses, e afinal até artesãos.

– Estás vendo, meu caro? – disse ele ao amigo. – Ninguém me pôde escapar, desde o papa ao sapateiro; não há uma classe que não tenha fornecido o seu representante.

D. Torribio – era esse o nome do amigo – examinou a lista e devolveu-lha, dizendo num tom de triunfo:

– Não está completa!

– Como! Não está completa? Quem falta então na minha lista de maridos?

– DEUS – respondeu d. Torribio.

– Deus? É verdade, não há nenhuma freira. Obrigado, por me haveres chamado a atenção. Pois bem! Dou-te a minha palavra de gentil-homem de que, em menos de um mês, estará ele na lista, antes de Sua Santidade o papa, e que te farei cear aqui com uma religiosa. Em que convento de Sevilha há freiras bonitas?

Alguns dias depois, d. Juan se pôs em campo. Começou a frequentar as igrejas dos conventos de mulheres, ajoelhando-se muito perto das grades que separam as esposas do Senhor do resto dos fiéis. Lançava dali atrevidos olhares àquelas virgens tímidas, como um lobo que, entrando no aprisco, procura a ovelha mais gorda para imolá-la em primeiro lugar. Logo notou, na igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma jovem religiosa de encantadora beleza, a que mais realce emprestava o ar de melancolia de seu semblante. Jamais erguia os olhos, nem os volvia à esquerda ou à direita; parecia inteiramente absorta no divino mistério que se celebrava no recinto. Seus lábios moviam-se suavemente, era fácil ver que rezava com mais fervor e unção que todas as suas companheiras. Sua vista provocou em d. Juan antigas e vagas lembranças. Pareceu-lhe que já vira aquela mulher nalguma parte, mas era-lhe impossível recordar-se quando e onde. Tantas feições havia mais ou menos gravadas na sua memória que não podia deixar de fazer confusão. Dois dias seguidos voltou à igreja, colocando-se sempre perto da grade, sem conseguir no entanto que a irmã Ágata erguesse os olhos. Soubera que assim era o seu nome.

A dificuldade de triunfar de uma pessoa tão bem guardada pela sua condição e recato mais servia para espicaçar os desejos de d. Juan. O ponto mais importante, e também o mais difícil, era ser notado. A vaidade insuflava-lhe que, se ao menos pudesse atrair a atenção da irmã Ágata, já meia vitória estava ganha. Eis o expediente que imaginou para obrigar a bela criatura a erguer os olhos. Colocou-se, pois, o mais perto possível da religiosa, e, aproveitando o momento da elevação, em que todos se prosternam,

passou a mão entre as grades e derramou diante dela o conteúdo de um frasco de perfume que levava consigo. O odor penetrante que subitamente se expandiu obrigou a jovem religiosa a erguer a cabeça; e, como d. Juan se achava bem à sua frente, não pôde deixar de percebê-lo. A princípio, um vivo espanto espalhou-se-lhe pela fisionomia, depois as suas faces cobriram-se de palidez mortal; ela soltou um débil grito e tombou desfalecida sobre as lajes. As companheiras cercaram-na, transportando-a para a cela. D. Juan, retirando-se muito contente consigo mesmo, refletia:

– Essa freira é na verdade encantadora; mas, quanto mais a vejo, mais me parece que já deve figurar em minha lista.

No dia seguinte, foi pontual junto à grade, na hora da missa. Mas a irmã Ágata não estava em seu lugar de costume, na primeira fila das religiosas; achava-se, ao contrário, quase oculta atrás das companheiras. Todavia, notou d. Juan que ela, por vezes, o olhava furtivamente. Tirou disso um favorável augúrio para a sua paixão. “A pequena está com medo”, pensava ele. “Em breve se domesticará...” Finda a missa, observou que ela entrava num confessionário; mas, para ali chegar, passou rente à grade e deixou cair o rosário, como que por descuido. D. Juan tinha muita experiência para não compreender essa pretensa distração. Logo pensou que urgia ter consigo o rosário, mas este caíra do outro lado da grade, e ele compreendeu que, para apanhá-lo, seria preciso esperar que todos se retirassem da igreja. Para aguardar esse momento, encostou-se a um pilar, em atitude meditativa, a mão sobre os olhos, mas com os dedos levemente afastados, de maneira a nada perder dos movimentos da irmã Ágata. Quem quer que o visse em tal postura, tomá-lo-ia por um bom cristão absorto em piedosa cisma.

A religiosa saiu do confessionário e deu alguns passos para o interior do convento; mas logo se apercebeu, ou antes, fingiu aperceber-se de que lhe faltava o rosário. Viu que estava perto da grade. Voltou e abaixou-se para apanhá-lo. No mesmo instante, d. Juan notou alguma coisa branca que passava por baixo da grade. Era um pequeno papel dobrado em quadro. Em seguida a religiosa retirou-se.

O libertino, surpreso de vencer mais depressa do que esperava, sentiu-se um tanto pesaroso por não haver encontrado mais obstáculos. Tal é mais ou menos o desapontamento de um caçador que persegue um cervo: súbito o animal tomba, apenas iniciara a disparada, roubando assim ao caçador o prazer e o mérito que esperava colher da perseguição. Contudo, apanhou prontamente o bilhete e saiu da igreja para o ler à vontade. Eis o que dizia:

És tu, d. Juan? É então verdade que não me tenhas esquecido? Eu era bastante infeliz, mas começava a habituar-me à minha sorte. Vou ser agora cem vezes mais infeliz. Eu deveria odiar-te... derramaste o sangue de meu pai..., mas não posso odiar-te nem esquecer-te. Tem piedade de mim. Não voltes a esta igreja; fazes-me muito mal. Adeus, adeus, estou morta para o mundo.

TERESA

– Ah! É a Teresita! – disse consigo d. Juan. – Bem me parecia que já a tinha visto nalguma parte.

Depois releu o bilhete. “Eu devia odiar-te...” Quer dizer, eu te adoro. “Derramaste o sangue de meu pai...” O mesmo dizia Chimène a Rodrigo.¹²¹ “Não voltes a esta igreja...” Isto é, espero-te amanhã. Muito bem! Ela é minha.

E foi almoçar.

No dia seguinte, compareceu pontualmente à missa, com uma carta já pronta no bolso; mas grande foi a sua surpresa ao não avistar a irmã Ágata. Nunca uma missa lhe pareceu tão longa. Estava furioso. Depois de haver mil vezes amaldiçoado os escrúpulos de Teresa, foi passear pela margem do Guadalquivir, a ver se achava algum expediente, e eis o que lhe ocorreu.

O convento de Nossa Senhora do Rosário era famoso entre os de Sevilha, pelos excelentes doces que ali preparavam as freiras. Dirigiu-se ao parlatório e pediu à porteira a lista de todos os doces que tinham à venda.

– Não fazem limões à Maraña? – perguntou ele, com o ar mais natural do mundo.

– Limões à Maraña, sr. cavaleiro? É a primeira vez que ouço falar nisso.

– No entanto, estão muito em moda, e espanto-me de que não os fabriquem numa casa como a sua.

– Limões à Maraña?

– À Maraña – repetiu d. Juan, acentuando cada sílaba. – É impossível que alguma das suas religiosas não conheça a receita. Peço-lhe que pergunte a essas damas se não conhecem tal doce. Amanhã voltarei.

Alguns minutos após, em todo o convento, não se falava senão em limões à Maraña. As mulheres doceiras nunca tinham ouvido falar em tal coisa. Só a irmã Ágata conhecia a receita. Devia-se misturar água de rosas, violetas etc., a limões ordinários, e depois... Enfim, ela se encarregaria de tudo. D. Juan, ao voltar, encontrou um boião de limões à Maraña; na verdade, era uma misturada de gosto abominável; mas, sob o invólucro do boião, achava-se um bilhete do punho de Teresa. Eram novos rogos para que d. Juan renunciasse a ela e a esquecesse de uma vez por todas. A pobre rapariga procurava enganar-se a si mesma. A religião, a piedade filial e o amor disputavam o coração daquela desgraçada; mas não era difícil perceber que o amor era o mais possante. No dia seguinte, d. Juan mandou um de seus pajens ao convento com uma caixa de limões, para os prepararem em compota, e especialmente recomendados à freira que atendera à encomenda anterior. No fundo da caixa, estava habilmente oculta uma resposta às cartas de Teresa. Escrevia-lhe: “Tenho sido muito infeliz. Foi a fatalidade que dirigiu meu braço. Desde aquela noite funesta, não cessei de pensar em ti. Não ousava esperar que não me odiasses. Afinal tornei a encontrar-te. Deixa de me falar dos votos que proferiste. Antes de ires ajoelhar ao pé dos altares, já me pertencias. Não podes dispor do teu coração, que era meu... Venho reclamar um bem que prefiro à própria existência. Ou morrerei ou me serás devolvida. Amanhã irei chamar-te ao parlatório. Não ousei apresentar-me ali antes de te haver prevenido. Temi que a tua perturbação nos traísse. Arma-te de coragem. Dize-me se a porteira pode ser subornada.”

Duas gotas d'água habilmente jogadas sobre o papel figuravam lágrimas irreprimíveis, caídas ao escrever.

Algumas horas depois, o jardineiro do convento trouxe uma resposta e ofereceu-lhe seus serviços. A porteira era incorruptível; irmã Ágata consentia em descer ao parlatório, mas sob a condição de que seria para dar e receber um adeus eterno.

A infeliz Teresa apareceu no parlatório mais morta do que viva. Teve de agarrar-se com ambas as mãos à grade, para se equilibrar. D. Juan, calmo e impassível, saboreava com delícia a perturbação em que a lançava. A princípio, e para enganar a porteira, falou despreocupadamente dos amigos que Teresa deixara em Salamanca, e que o haviam encarregado de lhe transmitir seus cumprimentos. Depois, aproveitando um momento em que a porteira se afastara, disse depressa e em voz baixa a Teresa.

– Estou resolvido a tudo para tirar-te daqui. Se for preciso incendiar o convento, eu o incendiarei. Nada quero ouvir. Tu me pertences. Dentro em poucos dias serás minha, ou estarei morto; mas muitos outros morrerão comigo.

A porteira aproximou-se. D. Teresa sufocava e não podia pronunciar uma só palavra. D. Juan, entretanto, num tom indiferente, falava de doces, dos trabalhos de agulha que as religiosas faziam, prometia à porteira mandar-lhe rosários bentos em Roma e doar ao convento um manto de brocado para vestir a santa padroeira da comunidade, no dia de sua celebração. Após meia hora de semelhante palestra, saudou Teresa com um ar respeitoso e grave, deixando-a num estado de agitação e desespero impossível de descrever. Correu a encerrar-se na cela, e sua mão, mais obediente que a língua, traçou uma longa carta de censuras, de súplicas e lamentações. Mas não podia deixar de confessar o seu amor, e escusava-se dessa falta com o pensamento de que a expirava recusando atender aos rogos do amante. O jardineiro, encarregado dessa criminosa correspondência, trouxe logo uma resposta. D. Juan persistia na sua ameaça de ir aos últimos extremos. Tinha cem homens a seu serviço. O sacrilégio não o assustava. Sentir-se-ia feliz em morrer, desde que houvesse

apertado mais uma vez nos braços a sua amada. Que podia fazer aquela frágil menina, habituada a ceder a um homem a quem adorava. Passava as noites chorando, e de dia era-lhe impossível rezar, pois a imagem de d. Juan seguia-a por toda parte; e, até quando acompanhava as outras nos exercícios religiosos, seu corpo fazia maquinalmente os gestos de uma pessoa que estivesse orando, mas sua alma estava inteiramente entregue àquela funesta paixão.

Ao cabo de alguns dias não teve mais forças de resistir. Anunciou a d. Juan que estava pronta para tudo. De qualquer jeito, via-se perdida, e pensava que, a morrer por morrer, melhor seria ter antes um momento de felicidade. D. Juan, no auge da alegria, fez todos os preparativos para raptá-la. Escolheu uma noite sem lua. O jardineiro entregou a Teresa uma escada de seda que lhe devia servir para franquear os muros do convento. Um pacote com um vestido citadino seria oculto em um lugar combinado do jardim, pois era óbvio que não devia sair à rua com hábitos de religiosa. D. Juan a esperaria junto ao muro. A certa distância, uma liteira com mulas vigorosas estaria a postos, a fim de a levar a uma casa de campo, onde, a salvo de todas as perseguições, viveria tranquila e feliz com o seu amante. Tal era o plano traçado por d. Juan. Mandou fazer os vestidos convenientes, experimentou a escada de corda, juntou-lhe instruções sobre a maneira de utilizá-la; nada negligenciou, enfim, do que pudesse assegurar o êxito da sua empresa. O jardineiro estava garantido, e tinha muito a ganhar com a sua fidelidade para que a pudessem pôr em dúvida. De resto, haviam-se tomado medidas para que ele fosse assassinado após o rapto. A trama parecia, enfim, tão habilmente urdida que nada a poderia romper.

A fim de evitar suspeitas, partiu d. Juan para o castelo de Maraña dois dias antes daquele que fora marcado para o rapto. Naquele castelo havia passado a infância, mas ali não pusera os pés desde que regressara a Sevilha. Chegou ao cair da noite, e seu primeiro cuidado consistiu em fazer uma copiosa ceia. Em seguida chamou os criados para o despirem, e meteu-se no leito. Mandara acender no quarto dois grandes candelabros, e sobre a mesa de cabeceira havia um livro de contos libertinos. Depois de ter lido algumas páginas,

sentindo-se a ponto de adormecer, fechou o livro e apagou um dos candelabros. Antes de apagar o segundo, passeou distraidamente o olhar por todo o quarto e deu com os olhos no quadro que representava os tormentos do purgatório, quadro que tantas vezes considerara quando menino. Involuntariamente, seu olhar fixou-se no homem a que uma serpente devorava as entranhas e, embora tal cena lhe inspirasse então ainda mais horror do que outrora, não podia afastar a vista daquilo. Ao mesmo tempo, evocou a figura do capitão Gomara e as terríveis contorções que a morte lhe gravara nos traços. Isso o fez estremecer, e sentiu os cabelos eriçarem-se. Todavia, apelando para toda a sua coragem, extinguiu a última luz, na esperança de que a escuridão o livraria das tremendas imagens que o perseguiram. As trevas ainda mais aumentaram o terror. Seus olhos continuavam a dirigir-se para o quadro que não podia ver; mas era-lhe tão familiar que lhe aparecia à imaginação com tanta nitidez como se fora em pleno dia. Chegava às vezes a parecer-lhe que as figuras se tornavam luminosas, como se o fogo do purgatório que o artista pintara fosse uma flama real. Tão grande afinal foi sua agitação que chamou aos gritos os criados, para mandar retirar o quadro que o aterrorizava. Quando estes entraram no quarto, sentiu vergonha de sua fraqueza. Pensou que zombariam dele, se chegassem a saber que tinha medo de uma pintura. Contentou-se em dizer, no tom mais natural possível, que reacendessem as velas e o deixassem a sós. Depois continuou a ler; mas só os olhos percorriam o livro, pois o espírito estava no quadro. Tomado de indizível agitação, passou assim a noite em claro.

Logo que amanheceu, ergueu-se às pressas e saiu para a caça. O exercício e o ar fresco da manhã acalmaram-no pouco a pouco, e as impressões suscitadas pela vista do quadro haviam desaparecido quando regressou ao castelo. Sentou-se à mesa e bebeu muito. Já estava um pouco aturdido quando foi deitar-se. Por ordem sua, fora preparado um leito em outro quarto, e está visto que não lhe ocorreu mandar levar o quadro para os novos aposentos; mas guardava-lhe a lembrança, que foi bastante poderosa para ainda o manter acordado uma parte da noite.

Esses terrores, de resto, não lhe inspiraram o arrependimento da vida passada. Continuava a ocupar-se com o rapto projetado; e, depois de dar aos criados todas as ordens necessárias, partiu sozinho para Sevilha, depois do meio-dia, a fim de só chegar à noite. Era efetivamente noite fechada quando passou pela torre del Lloro,¹²² onde o esperava um dos criados. Entregou-lhe o cavalo, indagou se a liteira e as mulas estavam prontas. Segundo as suas ordens, deviam esperá-lo numa rua bastante próxima do convento para que ele pudesse ir até lá a pé com Teresa, mas não tão próxima que despertasse as suspeitas da ronda, no caso de a encontrarem. Tudo estava pronto, suas instruções tinham sido executadas à risca. Viu que tinha ainda de esperar uma hora para dar a Teresa o sinal convencionado. O criado lançou-lhe aos ombros uma grande capa escura, e ele entrou sozinho em Sevilha pela porta de Triana, ocultando o rosto de modo a não ser reconhecido. O calor e o cansaço forçaram-no a sentar num banco, em uma rua deserta. Pôs-se a assobiar e a cantarolar as canções que lhe vinham à memória. De tempos em tempos consultava o relógio e via com desgosto que o ponteiro não avançava na medida da sua impaciência. De súbito, feriu-lhe os ouvidos uma música lúgubre e solene. Percebeu logo que eram os cantos que a Igreja consagra aos enterros. Em breve uma procissão dobrou a esquina da rua, avançando na sua direção. Duas longas filas de penitentes, carregando círios acesos, precediam um féretro coberto de veludo negro e carregado por várias figuras vestidas à moda antiga, de barba branca e espada à cinta. O cortejo era cerrado por duas filas de penitentes de luto e carregando círios como os primeiros. Toda essa procissão avançava lenta e gravemente. Não se ouvia o rumor dos passos, e dir-se-ia que cada figura antes deslizava que marchava. As pregas longas e rígidas das roupas e capas pareciam tão imóveis como as vestes de mármore das estátuas.

Ante aquele espetáculo, d. Juan experimentou a princípio essa espécie de desgosto que a morte inspira aos epicuristas. Ergueu-se para se afastar, mas o número de penitentes e a pompa do cortejo surpreenderam-no e espicaçaram a sua curiosidade. Dirigindo-se a

procissão para uma igreja próxima, cujas portas acabavam de abrir-se com rumor, d. Juan deteve pela manga uma das figuras que carregavam círios e perguntou-lhe polidamente quem era a pessoa que iam enterrar. O penitente ergueu a cabeça: seu rosto era pálido e descarnado como o de uma pessoa que acaba de sair de uma longa e dolorosa enfermidade. Respondeu com voz sepulcral:

– É o conde d. Juan de Maraña.

Essa estranha resposta fez eriçarem-se os cabelos de d. Juan; mas em seguida recuperou o sangue-frio e pôs-se a sorrir.

“Com certeza ouvi mal”, pensou ele, “ou esse velho enganou-me.”

Entrou na igreja ao mesmo tempo que o préstito. Recomeçaram os cantos fúnebres, acompanhados pelo som potente do órgão; e os padres com estolas de luto entoavam o *De profundis*. Apesar dos esforços para aparentar calma, d. Juan sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. Aproximando-se de outro penitente, indagou:

– Mas quem é o morto que estão encomendando?

– O conde d. Juan de Maraña – respondeu o penitente, em voz cava e assustadora.

D. Juan apoiou-se a uma coluna para não cair. Sentia-se desfalecer, e toda a coragem o abandonara. Continuava, entretanto, a cerimônia, e as abóbadas da igreja ampliavam ainda mais a sonoridade do órgão e das vozes que cantavam o terrível *Dies irae*. Parecia-lhe ouvir os coros dos anjos no Juízo Final. Por fim, fazendo um esforço, pegou da mão de um padre que passava. Aquela mão era fria como mármore:

– Em nome de Deus, meu padre! – exclamou ele. – Por quem rezais aqui, e quem sois?

– Nós rezamos pelo conde d. Juan de Maraña – respondeu o sacerdote, olhando-o fixamente, com uma expressão de dor. – Rezamos por sua alma, que está em pecado mortal, e somos as almas que as missas e orações de sua mãe tiraram das chamas do purgatório. Pagamos ao filho a dívida da mãe. Mas esta missa é a última que nos é permitido dizer por alma do conde d. Juan de Maraña.

Naquele momento, o relógio da igreja deu uma batida: era a hora aprazada para o rapto de Teresa.

– A hora é chegada – bradou uma voz que partia de um ângulo escuro da igreja –, a hora é chegada! Está ele conosco?

D. Juan voltou a cabeça e viu uma aparição horrível: d. Garcia, pálido, ensanguentado, avançava com o capitão Gomara, cujos traços estavam ainda agitados de horríveis convulsões. Dirigiram-se ambos para o féretro, e d. Garcia, lançando a tampa com violência ao chão, repetiu: “Está ele conosco?” Ao mesmo tempo, ergueu-se por trás de sua cabeça uma gigantesca serpente, que, ultrapassando-o de vários pés, parecia prestes a lançar-se no caixão... D. Juan exclamou: “Jesus!” e tombou desfalecido sobre as lajes.

Ia a noite bastante avançada quando a ronda que passava avistou um homem estendido sem movimento à porta de uma igreja. Os esbirros aproximaram-se, julgando que se tratava do corpo de um homem assassinado. Reconheceram logo o conde de Maraña, e trataram de reanimá-lo, lançando-lhe água fresca ao rosto; mas, vendo que ele não recuperava os sentidos, conduziram-no à sua residência. Diziam uns que estava bêbado, outros que recebera uma bastonada de algum marido ciumento. Ninguém, ou pelo menos nenhum homem honrado, o estimava em Sevilha, e cada qual lançava o seu dito. Um abençoava o bastão que tão bem o atordoara, perguntava outro quantas garrafas poderiam caber naquela carcaça sem movimento. Os criados de d. Juan receberam o amo das mãos dos esbirros e correram em busca de um cirurgião. Fizeram-lhe uma abundante sangria, e ele não tardou em voltar a si. A princípio, só fez ouvir palavras sem nexos, gritos inarticulados, soluços e gemidos. Pouco a pouco pareceu considerar com atenção todos os objetos que o cercavam. Perguntou onde se achava, e depois o que era feito do capitão Gomara, de d. Garcia, e da procissão. Seu pessoal julgava-o louco. No entanto, após haver tomado um cordial, mandou trazer um crucifixo e beijou-o por algum tempo, derramando uma torrente de lágrimas. Em seguida ordenou que lhe trouxessem um confessor.

A surpresa foi geral, tão conhecida era a sua impiedade. Vários padres, chamados pelos serviçais do conde, recusaram-se a ir vê-lo, convencidos de que d. Juan lhes preparava alguma brincadeira de mau gosto. Afinal um monge dominicano consentiu em atendê-lo. Deixaram-nos a sós, e d. Juan, lançando-se-lhe aos pés, contou-lhe a visão que tivera; depois confessou-se. Fazendo a narrativa de cada um de seus crimes, interrompia-se para perguntar se era possível que tão grande pecador como ele pudesse obter jamais o perdão celeste. O religioso respondeu que infinita era a misericórdia de Deus. Depois de havê-lo exortado a perseverar no arrependimento, propiciando-lhe as consolações que a religião não recusa aos maiores criminosos, o dominicano retirou-se, com a promessa de voltar à noite. D. Juan passou todo o dia em orações. Quando o dominicano chegou, declarou-lhe d. Juan a sua resolução de se retirar de um mundo onde causara tanto escândalo, procurando expiar, pela penitência, os enormes crimes com que se maculara. O monge, comovido com suas lágrimas, animou-o como pôde, e, para ver se teria ele a coragem de seguir seus propósitos, traçou-lhe um terrível quadro das austeridades do claustro. Mas, a cada mortificação que descrevia, d. Juan exclamava que não era nada e que merecia tratos muito mais rigorosos.

Logo no dia seguinte, doou metade da fortuna a seus parentes, que eram pobres; consagrou outra parte à fundação de um hospital e à construção de uma capela; distribuiu consideráveis somas aos pobres, e mandou dizer grande número de missas pelas almas do purgatório, sobretudo pela do capitão Gomara, e pelas dos infelizes que haviam sucumbido batendo-se em duelo contra ele. Reuniu enfim a todos os seus amigos, acusando-se, na sua presença, dos maus exemplos que por tanto tempo lhes dera; pintou-lhes de maneira patética os remorsos que lhe causava a passada conduta, e as esperanças que ousava conceber quanto ao futuro. Vários daqueles libertinos sentiram-se impressionados, e emendaram-se; outros, incorrigíveis, abandonaram-no com duras zombarias.

Antes de entrar no convento que escolhera para retiro, d. Juan escreveu a d. Teresa. Confessava-lhe os seus vergonhosos projetos,

contava-lhe a sua vida, a sua conversão, e pedia-lhe que o perdoasse, concitando-a a aproveitar seu exemplo e procurar a salvação no arrependimento. Confiou tal carta ao dominicano, depois de lhe haver mostrado o conteúdo.

A pobre Teresa esperara por muito tempo no jardim o sinal combinado; depois de várias horas de indizível agitação, vendo que ia amanhecer, voltou para a cela, acometida da dor mais profunda. Atribuía a ausência de d. Juan a mil causas, e todas muito longe da verdade. Assim passou vários dias, sem notícias dele, e sem que nenhuma mensagem lhe viesse suavizar o desespero. Afinal o monge, depois de falar com a superiora, obteve permissão de visitá-la, e entregou-lhe a carta do sedutor arrependido. Enquanto a lia, via-se-lhe a fronte cobrir-se de grossas gotas de suor; ora tornava-se vermelha como o fogo, ora pálida como a morte. Teve no entanto a coragem de terminar a leitura. Tentou então o dominicano pintar-lhe o arrependimento de d. Juan, e felicitá-la por haver escapado ao terrível perigo que os esperava a ambos, se seus planos não se houvessem frustrado, por uma evidente intervenção da Providência. Mas, a todas essas exortações, Teresa exclamava: "Ele nunca me amou!" Uma febre ardente acometeu a infeliz; foram-lhe em vão prodigados os socorros da arte e da religião: ela repeliu a uns e mostrou-se insensível aos outros. Expirou ao cabo de alguns dias, sempre repetindo "Ele nunca me amou!".

Depois de tomar o hábito de noviço, bem mostrou d. Juan como era sincera a sua conversão. Não havia mortificações ou penitências que não achasse demasiado suaves, e o superior do convento via-se muitas vezes obrigado a ordenar-lhe que pusesse limite às macerações com que torturava o corpo. Fazia-lhe ver que assim abreviaria os seus dias e que, na verdade, havia mais coragem em sofrer por muito tempo mortificações moderadas do que em findar de vez a penitência, findando a vida. Após o período de noviciado, d. Juan pronunciou seus votos, e continuou, sob o nome de irmão Ambrósio, a edificar toda a casa com sua austeridade. Usava uma camisa de crina por baixo do burel; uma espécie de caixa estreita, menos longa que seu corpo, servia-lhe de leito. Legumes cozidos

n'água constituíam todo o seu alimento, e só nos dias festivos consentia em comer pão, por ordem expressa do superior. Passava a maior parte da noite a velar e a orar, com os braços estendidos em cruz; era enfim o exemplo daquela devota comunidade, como fora dantes o modelo dos libertinos seus contemporâneos. Uma epidemia que surdira em Sevilha deu-lhe ensejo para exercer as novas virtudes que lhe trouxera a conversão. Os doentes eram recebidos no hospital que fundara; ele tratava dos pobres, passava o dia junto a seus leitos, exortando-os, animando-os, consolando-os. Tal era o perigo do contágio que não se podia encontrar, por dinheiro, quem quisesse sepultar os mortos. D. Juan cumpria esse mister: ia às casas abandonadas e dava sepultura aos cadáveres já putrefatos, que muitas vezes ali se encontravam desde vários dias. Por toda parte o bendiziam, e, como durante aquela terrível epidemia jamais estivera doente, asseguravam alguns crédulos que Deus obrava um novo milagre em seu favor.

Já vários anos eram transcorridos que d. Juan, ou irmão Ambrósio, habitava o claustro, e sua vida não era mais que uma ininterrupta sequência de exercícios piedosos e de mortificações. Sempre lhe estava presente na memória a lembrança da vida passada, mas os remorsos eram já suavizados pela satisfação de consciência que lhe dava a sua mudança.

Um dia, à tarde, no momento em que o calor se fazia sentir com mais intensidade, todos os frades do convento gozavam de algum repouso, segundo o costume. Só o irmão Ambrósio trabalhava no jardim, ao sol, de cabeça descoberta, pois era essa uma das penitências que se impusera. Curvado sobre a sua pá, viu a sombra de um homem que parara perto dele. Julgou que fosse algum dos monges que descera ao jardim e, sem interromper a tarefa, saudou-o com uma ave-maria. Mas não lhe responderam. Surpreso de ver aquela sombra imóvel, ergueu os olhos e avistou, de pé, à sua frente, um homem envolto numa capa que tombava até a terra e com o rosto meio oculto por um chapéu sombreado de um penacho branco e preto. Aquele homem contemplava-o em silêncio com uma expressão de alegria maligna e de profundo desprezo. Olharam-se

ambos fixamente, durante alguns minutos. Afinal o desconhecido, avançando um passo e soerguendo o chapéu para lhe mostrar seu rosto, assim falou:

– Não me reconheces?

D. Juan considerou-o com mais atenção, mas não o reconheceu.

– Não te lembras do cerco de Berg-op-Zoom? – indagou o desconhecido. – Já esqueceste um soldado chamado Modesto?...

D. Juan estremeceu. O desconhecido prosseguiu friamente:

– Um soldado chamado Modesto, que matou com um tiro de arcabuz o teu digno amigo d. Garcia, em vez de matar a ti, a quem ele visava... Modesto, sou eu! Tenho ainda outro nome, d. Juan: chamo-me d. Pedro de Ojeda; sou filho de d. Alonso de Ojeda, a quem mataste; sou irmão de d. Fausta de Ojeda, a quem mataste; sou irmão de d. Teresa de Ojeda, a quem mataste.

– Meu irmão – disse d. Juan, ajoelhando-se diante dele –, sou um miserável coberto de crimes. Para os expiar é que visto este hábito e renunciei ao mundo. Se houver algum meio de conseguir o teu perdão, indica-mo. Não me assustará a mais rude penitência, se eu puder conseguir que não me amaldiçoes.

D. Pedro riu amargamente.

– Deixemos de hipocrisias, sr. de Maraña: eu não perdoo. Quanto às minhas maldições, já as fiz. Mas não tenho paciência de lhes esperar o resultado. Trago aqui comigo alguma coisa mais eficaz que todas as maldições. – A estas palavras, desfez-se do manto, e mostrou duas longas espadas de combate. Tirou-as da bainha e cravou a ambas no solo.

– Escolhe, d. Juan – disse ele. – Dizem que és um grande espadachim, e eu tenho-me por bom esgrimista. Vejamos o que sabes fazer.

D. Juan fez o sinal da cruz e disse:

– Meu irmão, esqueces os votos que pronunciei. Não sou mais o d. Juan que conheceste, sou o irmão Ambrósio.

– Pois bem! Irmão Ambrósio, és meu inimigo, e, tenhas o nome que tiveres, odeio-te, e quero vingar-me de ti.

D. Juan ajoelhou-se de novo.

– Se é a minha vida que queres tomar, meu irmão, ela é tua. Castiga-me conforme o teu desejo.

– Covarde hipócrita! Crês que me enganas? Se quisesse matar-te como a um cão raivoso, teria eu tido o trabalho de trazer estas armas? Vamos, escolhe logo e defende a tua vida.

– Repito-te, irmão, não posso combater, mas posso morrer.

– Miserável! – exclamou d. Pedro, furioso. – Haviam-me dito que tinhas coragem. Vejo que não passas de um vil poltrão.

– Coragem, meu irmão? É o que eu peço a Deus para não abandonar-me ao desespero a que me lançaria, sem o seu auxílio, a lembrança de meus crimes. Adeus, meu irmão, retiro-me, pois vejo que minha presença te irrita. Possa o meu arrependimento parecer-te um dia tão sincero como o é na realidade!

Dava alguns passos para deixar o jardim quando d. Pedro o deteve pela manga.

– Um de nós – exclamou – não sairá vivo daqui. Toma uma destas armas, pois o diabo me carregue se acredito uma palavra de todas as tuas jeremiadas!

D. Juan lançou-lhe um olhar suplicante e deu mais um passo para se afastar; mas d. Pedro, agarrando-o com força e segurando-o pela gola:

– Pensas, assassino infame, que poderás escapar de minhas mãos?! Não! Vou despedaçar tua batina hipócrita, que oculta o pé fendido do diabo, e, então, talvez sintas bastante coragem para te bateres comigo.

E assim falando, empurrava-o rudemente contra o muro.

– Sr. Pedro de Ojeda – exclamou d. Juan –, mate-me se quiser, eu não me baterei!

E cruzou os braços, olhando fixamente para d. Pedro com um ar calmo, embora bastante altivo.

– Sim, eu vou matar-te, miserável! Mas antes te tratarei como ao covarde que tu és.

E deu-lhe uma bofetada, a primeira que d. Juan jamais havia recebido. O rosto de d. Juan tornou-se de um vermelho purpúreo. A altivez e o furor da sua juventude novamente se lhe apossaram da alma. Sem dizer palavra, lançou-se para uma das espadas e empunhou-a. D. Pedro tomou a outra e pôs-se em guarda. Ambos atacaram com fúria, arremetendo um contra o outro ao mesmo tempo e com igual impetuosidade. A espada de d. Pedro perdeu-se na batina de d. Juan e deslizou junto ao corpo sem o ferir, ao passo que a de d. Juan mergulhou até os copos no peito do adversário. D. Pedro expirou instantaneamente. D. Juan, vendo o inimigo estendido a seus pés, permaneceu algum tempo imóvel, a contemplá-lo com ar estúpido. Pouco a pouco voltou a si e reconheceu toda a extensão de seu novo crime.

Precipitou-se sobre o corpo e tentou chamá-lo à vida. Mas já vira muitos ferimentos para que pudesse duvidar um só instante que aquele não fosse mortal. A espada ensanguentada jazia a seus pés e parecia oferecer-se-lhe para que ele se punisse a si mesmo; mas, afastando depressa essa nova tentação do demônio, correu ao superior e lançou-se desvairado em sua cela. Ali, prostrado a seus pés, contou-lhe aquela terrível cena, derramando uma torrente de lágrimas. A princípio o superior não lhe quis dar crédito e sua primeira ideia foi que as grandes penitências que se impunha o irmão Ambrósio lhe haviam feito perder o juízo. Mas o sangue que cobria a batina e as mãos de d. Juan não mais lhe permitiram duvidar da horrível verdade. Era um homem de presença de espírito. Logo compreendeu todo o escândalo que recairia sobre o convento se tal aventura se tornasse pública. Ninguém assistira ao duelo. Tratou de ocultá-lo aos próprios moradores do convento. Ordenou a d. Juan que o seguisse e, auxiliado por ele, transportou o cadáver para uma sala térrea, que fechou a chave. Em seguida, encerrando d. Juan na sua cela, saiu para prevenir o corregedor.

Talvez vos espanteis de que d. Pedro, que já tentara matar d. Juan à traição, tenha rejeitado a ideia de um segundo assassinato, procurando desfazer-se de seu inimigo em um combate de armas iguais; mas isso não passava, da sua parte, de um cálculo de

infernai vingança. Ouvira falar das austeridades de d. Juan e tão espalhada estava a sua fama de santidade, que não duvidava de que, se o matasse, era o mesmo que enviá-lo para o Céu. E esperava que, provocando-o e obrigando-o a bater-se, o mataria em pecado mortal, fazendo-o assim perder o corpo e a alma. Viu-se como esse plano diabólico se voltou contra o seu autor.

Não foi difícil abafar o assunto. O corregedor entrou em entendimento com o superior da comunidade para desviar as suspeitas. Os outros monges acreditaram que d. Pedro sucumbira em duelo com um adversário desconhecido e fora carregado ferido para o convento, onde não tardara a expirar. Quanto a d. Juan, não tentarei pintar nem seus remorsos nem seu arrependimento. Cumpriu com alegria todas as penitências que lhe impôs o superior. Durante toda a vida conservou, suspensa ao pé do leito, a espada com que matara d. Pedro, e nunca a olhava sem rezar por sua alma e pelas da sua família. A fim de matar o resto de orgulho mundano que ainda lhe permanecia no coração, ordenara-lhe o abade que se apresentasse todas as manhãs ao cozinheiro do convento, que lhe devia dar uma bofetada. Depois de recebê-la, o irmão Ambrósio nunca deixava de oferecer a outra face, agradecendo ao cozinheiro por aquela humilhação. Viveu ainda dez anos no claustro, e jamais foi sua penitência interrompida pelas antigas paixões. Morreu venerado como um santo, mesmo por aqueles que haviam conhecido os seus primeiros desmandos. No leito de morte, pediu, como uma graça, para ser enterrado sob o sôlio da igreja, a fim de que todos os que ali entravam o calcassem aos pés. Quis ainda que no seu túmulo fosse gravada a seguinte inscrição: "Aqui jaz o pior homem que houve no mundo." Mas não julgaram próprio executar todas as disposições ditadas por sua excessiva humildade. Foi sepultado junto ao altar-mor da capela que fundara. Consentiram, é verdade, em gravar na lápide que cobre os seus despojos mortais a inscrição que ele compusera, mas foi-lhe acrescentado o relato e elogio de sua conversão. Seu hospital, e sobretudo a capela onde está sepulto, são visitados por todos os forasteiros que passam por Sevilha. Murillo decorou a capela com várias de suas obras-primas. A

volta do filho pródigo e *A piscina de Jericó*, que hoje se admiram na galeria do sr. marechal Soult, ornavam outrora as paredes do Hospital de Caridade.

111. Jean-François Ducis (1733-1816) foi dramaturgo medíocre e fez-se conhecido por suas adaptações das peças de Shakespeare ao modelo teatral do classicismo francês, valendo-se para tanto de mutilações e até mesmo alterações de enredo.

112. Vales ao sul da Serra Nevada, na Espanha. Com a tomada de Granada, serviu de refúgio aos mouros no séc.XVI, que nele conseguiram resistir culturalmente por seu difícil acesso. Conde d. Carlos participou da campanha contra a Rebelião das Alpujarras (1568-71), durante o reinado de Filipe II. Os revoltosos se sublevaram contra as proibições de culto e língua vindas da corte e foram controlados pelo exército real. Com a vitória do reino, cerca de 80 mil pessoas de origem moura foram deportadas da região e espalhadas por Castela.

113. Rodrigo Díaz de Vivar (1043-99), também conhecido como El Cid pelos mouros da ocupação árabe na península Ibérica e El Campeador pelos cristãos, nasceu próximo à cidade de Burgos e transformou-se em herói nacional no combate em favor do domínio cristão na região (ver nota 446). Bernardo del Carpio é um herói lendário de cavalaria do reino das Astúrias.

114. Ver nota 112.

115. Entre os muçulmanos, cádi é um governante com funções judiciais que julga e executa suas sentenças segundo a charia, isto é, o corpo de direito islâmico fundado no Alcorão.

116. São as primeiras palavras da oração de agradecimento à hora das refeições: "*Deus det nobis suam pacem*", "Que Deus nos dê a sua paz".

117. "Dos casos de consciência", em latim no original. Não há referência à existência de tal tratado.

118. Ver nota 94.

119. "Sob pretexto de castigo", em latim no original.

120. Localizada na Holanda, a cidade de Bergen op Zoom era estratégica para a defesa dos Países Baixos, abrigando, no séc.XVI, um importante arsenal, um forte de defesa e soldados, cujo contingente poderia ser incrementado por terra e por mar. Durante a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), conflito entre Espanha e Países Baixos a que aqui se alude, a cidade foi sitiada duas vezes, em 1588 e 1622. A ver pela idade do protagonista, é possível que Mérimée se refira ao primeiro cerco, de 1588, comandado por Alessandro Farnese. A cidade jamais foi conquistada.

121. Referência a Rodrigo Díaz de Vivar, "El Cid" (ver nota 113), e sua amada, Ximena, cujo pai, d. Gomez de Gormaz, é morto em duelo por Rodrigo. O amor do casal foi tema das tragicomédias *Las Mocedades del Cid* (1618), de Guillén de Castro, e *Le Cid*, de Pierre Corneille (1637).

122. De função militar, a torre del Oro foi construída no séc.XIII pelo Califado Almóada (1124-1269).

A VÊNUS DE ILLE

‘Ιλεως ἦν δ’ ἐγώ, ἔστω ὁ ἄ δριὰς
καὶ ἦπιος, οὕτως ἀνδρεῖος ὄν^b.

Luciano de Samósata, *Filopseudes*¹²³

DESCIA EU a derradeira encosta do Canigou¹²⁴ e, embora já fosse sol posto, distinguia na planície as casas da cidadezinha de Ille para a qual me dirigia.

– Decerto você sabe – disse eu ao catalão que me vinha guiando desde a véspera – onde é que fica a casa do sr. de Peyrehorade...

– Ora, se sei! – exclamou ele. – Conheço-a como a minha própria casa; e, se já não estivesse tão escuro, eu lha mostraria daqui. É a casa mais bonita de Ille. Ele tem dinheiro, o sr. de Peyrehorade; e vai casar o filho com gente ainda mais rica.

– E esse casamento é para breve? – indaguei.

– Para breve?! É bem capaz que já tenham chamado os músicos. Esta noite talvez, amanhã, depois de amanhã, quem sabe! É em Puygarrig que vai ser a coisa; pois é com a srta. de Puygarrig que o filho se casa. E vai ser bonito!

Ia eu recomendado ao sr. de Peyrehorade por meu amigo o sr. de P... Assegurara-me este que se tratava de um antiquário muito instruído e de uma complacência a toda prova. Teria verdadeiro prazer em mostrar-me todas as ruínas a dez léguas em redor. Ora, eu contava com ele para visitar os arredores de Ille, que sabia ricos em monumentos antigos e da Idade Média. Esse casamento, de que me falavam, então pela primeira vez, vinha desarranjar todos os meus planos.

“Eu vou ser um desmancha-prazeres”, pensei. Mas era esperado; anunciado pelo sr. de P..., não podia deixar de apresentar-me.

– Vamos apostar – disse o meu guia, quando já estávamos na planície –, vamos apostar um charuto como adivinho o que vai fazer em casa do sr. de Peyrehorade.

– Mas isto – respondi, alcançando-lhe um charuto – não é difícil de adivinhar. A estas horas, depois de ter feito dez léguas pelo Canigou, não há nada mais importante do que uma boa ceia.

– Sim, mas e amanhã?... Olhe! Aposto que o senhor vem a Ille para ver o ídolo. Adivinhei isto quando o vi fazer retratos dos santos de Serrabona.

– O ídolo! Que ídolo?

Aquela palavra espicacera-me a curiosidade.

– Como! Então não lhe contaram, em Perpignan, como o sr. de Peyrehorade achou um ídolo em terra?

– Quer dizer uma estátua em terracota, em argila?

– Não, não. Era cobre, e cobre que dava para muitas moedas. Pesa tanto como um sino de igreja. Estava enterrada bem fundo, ao pé de uma oliveira, quando a encontramos.

– Você viu tudo, então?

– Sim, senhor. O sr. de Peyrehorade nos mandou, há quinze dias, a João Coll e a mim, que fôssemos arrancar uma velha oliveira que secou de frio no ano passado; foi um ano bem duro, como o senhor sabe. Nisto João Coll, que trabalhava de rijo, dá um golpe de picareta, e eu ouço *binn...* como se ele tivesse batido num sino. “Que é isto?”, pergunto. E continuamos cavando, cavando, até que aparece uma mão negra, que parecia a mão de um morto saindo da terra. Assusto-me. Corro ao patrão; digo-lhe: “Mortos! Há mortos debaixo da oliveira! É preciso chamar o cura.” “Que mortos?”, diz ele; corre, e, mal vê a mão, exclama: “Uma antiguidade! Uma antiguidade!” O senhor acreditaria que ele tinha achado um tesouro. E, com a picareta, com as mãos, ei-lo que se põe a trabalhar quase tanto como nós dois juntos.

– E que foi que acharam, afinal?

– Uma grande mulher negra, mais do que metade nua, com sua licença, senhor, toda de cobre, e o sr. de Peyrehorade nos disse que era um ídolo do tempo dos pagãos... do tempo de Carlos Magno,¹²⁵ ou lá o que seja.

– Compreendo... Alguma boa Virgem de bronze de um convento destruído.

– Uma boa Virgem! Ah! Isso não... Eu a teria reconhecido, se fosse uma boa Virgem. É um ídolo, lhe digo: bem se vê pelo seu ar. Ela nos fita com os seus grandes olhos brancos... Parece que nos está encarando. A gente é até obrigado a baixar os olhos.

– Olhos brancos? Com certeza são incrustados no bronze. Talvez seja alguma estátua romana.

– Romana, isto mesmo! O sr. de Peyrehorade diz que é uma romana. Ah! Bem vejo que o senhor é um sábio como ele.

– E está inteira, bem conservada?

– Oh! Senhor, não lhe falta nada... É ainda mais bonito e bem-feito que o busto de Luís Filipe,¹²⁶ que está na prefeitura, em gesso colorido. Mas, com tudo isso, não vou com a cara daquela mulher. Tem uma expressão de malvadeza... e ela é má, mesmo.

– Má! Que malvadeza lhe fez ela?

– Não a mim, precisamente; mas já vai ver. Nós nos puséramos a quatro para colocá-la de pé, e o sr. de Peyrehorade também puxava a corda, embora não tenha mais força que um frango, o bom do homem! Com muito trabalho a erguemos. Eu apanhava uma pedra para calçá-la quando, catrapus!, ela cai ao comprido. "Cuidado!", grito. Mas era tarde, pois João Coll não teve tempo de retirar a perna...

– E foi ferido?

– Coitado! A perna partiu-se como uma taquara! Quando vi aquilo, fiquei furioso. Queria arrebentar o ídolo a picareta, mas o sr. de Peyrehorade deteve-me. Deu dinheiro a João Coll, que já faz quinze dias que está de cama, pois foi quando a coisa aconteceu, e diz o médico que ele nunca mais marchará com aquela perna como com a outra. É pena, ele que era o nosso melhor corredor, depois do

filho do sr. de Peyrehorade, o melhor jogador de pela. Quem sentiu foi o sr. Afonso de Peyrehorade, o filho, que era seu parceiro. Era lindo ver como eles lançavam as bolas, paf! paf! Elas nunca tocavam o chão.

Assim conversando, entramos em Ille, e vi-me logo na presença do sr. de Peyrehorade. Era um velhote baixo, bem conservado e disposto, empoadado, de nariz vermelho, ar jovial e brincalhão. Antes de abrir a carta do sr. de P..., instalara-me ele ante uma mesa bem servida, e apresentara-me à esposa e ao filho como um arqueólogo ilustre, que devia tirar o Roussillon¹²⁷ do esquecimento em que o deixava a indiferença dos sábios.

Enquanto comia com bom apetite, pois nada predispõe melhor do que o ar vivo das montanhas, eu examinava os meus hospedeiros. Já disse algo do sr. de Peyrehorade; devo acrescentar que era a vivacidade em pessoa. Falava, comia, erguia-se, corria à biblioteca, trazia-me livros, mostrava-me estampas, enchia-me o copo; não estava dois minutos em sossego. Sua mulher, meio gorda demais, como a maioria das catalãs depois que passam dos quarenta, pareceu-me uma provinciana reforçada, unicamente atenta aos cuidados da casa. Embora a ceia fosse suficiente no mínimo para seis pessoas, ela correu à cozinha, mandou fritar pombos, preparar bolos de milho, abriu não sei quantos boiões de compota. Num instante a mesa ficou atulhada de pratos e garrafas, e eu teria morrido de indigestão se houvesse simplesmente provado de tudo o que me ofereciam. E, a cada prato que recusava, vinham novas desculpas. Temiam que eu passasse mal em Ille. Havia tão poucos recursos na província e os parisienses eram tão exigentes!

Em meio às idas e vindas de seus pais, Afonso de Peyrehorade não se movia mais que um poste. Era um rapagão de vinte e seis anos, de fisionomia bela e regular, mas sem expressão. Sua estatura e formas atléticas justificavam a fama de infatigável jogador de pela de que gozava na região. Estava, aquela noite, vestido com elegância, exatamente conforme a gravura do último número do *Journal des Modes*. Mas parecia pouco à vontade naquela indumentária. Mantinha-se direito como uma estaca, em sua gola de

veludo, e só se virava de corpo inteiro. As mãos grossas e tismadas e as unhas cortadas rente estavam em flagrante contraste com o vestuário. Eram mãos de lavrador saindo das mangas de um dândi. Aliás, embora me observasse curiosamente da cabeça aos pés, na minha qualidade de parisiense, durante toda a noite só me dirigiu a palavra uma vez, para perguntar onde havia eu comprado minha corrente de relógio.

– Escute aqui, meu caro hóspede – disse-me o sr. de Peyrehorade, quando a ceia chegava ao fim –, o senhor pertence-me, está em minha casa. Só o largarei depois que o senhor haja visto tudo o que temos de curioso em nossas montanhas. É preciso que aprenda a conhecer o nosso Roussillon, e lhe faça justiça. Não imagina o quanto temos para lhe mostrar. Monumentos fenícios, celtas, romanos, árabes, bizantinos, tudo o senhor verá, desde o cedro ao hissopo. Vou levá-lo a toda parte e não lhe pouparei um tijolo.

Um acesso de tosse obrigou-o a parar. Aproveitei para dizer que ficaria desolado de o perturbar em circunstâncias tão interessantes para a sua família. Se quisesse dar-me seus preciosos conselhos sobre as minhas futuras excursões, eu poderia, sem que ele se desse ao trabalho de acompanhar-me...

– Ah! Quer referir-se ao casamento desse rapaz? Uma bagatela. Será depois de amanhã. O senhor assistirá à cerimônia conosco, em família, pois a noiva está de luto por uma tia de quem é herdeira. De modo que não haverá festa nem baile... É uma pena... senão o senhor veria as nossas catalãs dançarem... São bonitas e talvez lhe viessem desejos de imitar o meu Afonso. Um casamento, dizem, arrasta outros... Sábado, depois da cerimônia, estarei livre, e nos poremos em marcha. Perdoe-me dar-lhe o aborrecimento de umas núpcias de província. Para um parisiense conhecedor de festas... e ainda por cima sem danças! No entanto, vai ver uma noiva... e que noiva!... Mas o senhor é um cavalheiro respeitável e não se preocupa mais com mulheres. Tenho algo melhor para lhe mostrar. O senhor vai ver uma coisa! Reservo-lhe uma bela surpresa para amanhã.

– Meu Deus! – disse eu –, é difícil ter um tesouro em casa sem que o povo o saiba. Julgo que já sei a surpresa que me reserva. Mas, se se refere à sua estátua, a descrição que dela fez o meu guia só serviu para excitar-me a curiosidade, e predispor-me à admiração.

– Ah! Ele lhe falou do ídolo, pois, é assim que chamam a minha bela Vênus tur... mas nada quero dizer. Amanhã de dia o senhor a verá, e vai dizer-me se não tenho razão em considerá-la uma obra-prima. Palavra! O amigo não poderia ter chegado mais a propósito! Há inscrições que eu, pobre ignorante, explico à minha maneira... mas um sábio de Paris!... Talvez vá zombar da minha interpretação... pois, aqui como me vê, escrevi uma memória... Eu, velho antiquário provinciano, abalancei-me a... A imprensa há de haver-se comigo... Se o senhor quisesse ler-me e corrigir-me, eu poderia ter esperanças... Por exemplo, estou com muita curiosidade de saber como o senhor traduzirá esta inscrição sobre o pedestal: CAVE... Mas não quero perguntar-lhe nada agora! Até amanhã, até amanhã! Nem uma palavra sobre a Vênus hoje.

– Você tem razão, Peyrehorade – disse sua mulher –, de deixar em paz o seu ídolo. Você deveria ver que está impedindo este senhor de comer. Ande, este cavalheiro viu em Paris estátuas muito mais bonitas do que a sua. Nas Tulherias existem às dúzias, e de bronze, também.

– Veja que ignorância, que santa ignorância provinciana! – interrompeu o sr. de Peyrehorade. – Comparar uma antiguidade admirável com as figuras vulgares de Coustou!¹²⁸ *Com que irreverência a minha patroa fala dos deuses!*¹²⁹ Sabe que minha mulher queria que eu fundisse a minha estátua a fim de fazer com ela um sino para a nossa igreja? É que ela teria sido a madrinha. Imagine o senhor, uma obra-prima de Myron!¹³⁰

– Obra-prima! Obra-prima! Fresca obra-prima que ela fez! Quebrar a perna de um homem!

– Ó mulher, você está vendo? – disse o sr. de Peyrehorade com um tom decidido, estendendo para ela a perna direita calçada com

umas meias de seda matizada. – Se a minha Vênus me tivesse quebrado esta perna aqui, não me lastimaria.

– Deus o livre! Peyrehorade, como é que você pode dizer uma coisa dessas! Felizmente que o homem vai passando melhor... E ainda não posso olhar para a estátua que causou uma desgraça daquelas. Pobre João Coll!

– Ferido por Vênus, senhor – disse Peyrehorade, numa gostosa gargalhada –, ferido por Vênus... e o maroto ainda se queixa! *Veneris nec praemia noris.*¹³¹ Quem não foi ferido por Vênus?

Afonso, que compreendia melhor francês que latim, piscou o olho com um ar inteligente, e olhou-me como quem pergunta: “Compreendeu, parisiense?”

Terminou a ceia. Já fazia uma hora que eu deixara de comer. Estava cansado, e não conseguia ocultar os frequentes bocejos que me escapavam. A sra. de Peyrehorade o notou primeiro e observou que já era tempo de ir para a cama. Começaram então novas desculpas quanto à má pousada que eu ia ter. Eu não estaria como em Paris. Há tão pouca comodidade na província! Era preciso ter indulgência para com eles. Por mais que eu protestasse que, após uma viagem pelas montanhas, um monte de palha me pareceria um leito delicioso, continuavam a pedir-me que perdoasse a uns pobres campônios, se não me tratavam tão bem como o desejariam. Subi enfim a meu quarto, acompanhado pelo sr. de Peyrehorade. A escada, cujos degraus superiores eram de madeira, terminava no meio de um corredor, a que iam dar vários quartos.

– À direita – disse o meu hospedeiro –, estão os aposentos que destinei à futura sra. Afonso. Quanto ao seu quarto, fica no fim do corredor oposto. Bem compreende – acrescentou num tom que queria tornar malicioso –, bem compreende que se devem isolar os recém-casados. O senhor está num extremo da casa, eles no outro.

Entramos num quarto bem mobiliado, onde o primeiro objeto que me deu na vista foi um leito de sete pés de comprimento por seis de largura e tão alto que era preciso um escabelo para subir a ele. Depois de indicar-me a posição da sineta, e certificar-se de que o açucareiro estava cheio, os frascos de água-de-colônia devidamente

colocados no aparador, e perguntar várias vezes se não me faltava coisa alguma, o meu hospedeiro desejou-me boa noite e me deixou sozinho.

As janelas estavam fechadas. Antes de despir-me, abri uma para respirar o ar fresco da noite, delicioso após uma longa ceia. À frente, erguia-se o Canigou, admirável de aspecto em qualquer tempo, mas que me pareceu naquela noite a mais bela montanha do mundo, iluminada como estava por uma lua resplandecente. Fiquei alguns minutos a contemplar seu maravilhoso perfil, e ia fechar a janela quando, baixando os olhos, avistei a estátua sobre um pedestal, a umas vinte toesas¹³² da casa. Estava colocada no ângulo de uma sebe que separava um pequeno jardim de um vasto campo perfeitamente plano que, soube-o depois, era onde se realizavam os jogos de pela da cidade. Esse terreno, de propriedade do sr. de Peyrehorade, fora por este cedido à comuna, ante as insistentes solicitações do filho.

Da distância em que me achava, era difícil distinguir a atitude da estátua; só podia avaliar-lhe a altura, que me pareceu de cerca de seis pés. Naquele momento, dois garotos da cidade passavam pelo campo de pela, bastante próximos da sebe, assoviando a linda canção do Roussillon: "Montagnes régaldes".¹³³ Pararam para olhar a estátua; um deles chegou a apostrofá-la em voz alta. Falava catalão; mas já fazia tempo que eu me achava no Roussillon para compreender mais ou menos o que ele dizia.

– Aí, sem-vergonha! (O termo catalão era muito mais enérgico.) Aí, hein! – dizia ele. – Então foste tu que quebraste a perna do João Coll? Se fosses minha, eu te quebraria o pescoço.

– Com quê? – retrucou o outro. – Ela é de cobre, e tão dura que Etienne quebrou a lima sem conseguir serrá-la. É cobre do tempo dos pagãos: mais duro do que não sei o quê.

– Se eu tivesse aqui o meu formão (pelo visto, era um aprendiz de serralheiro), havia de fazer saltar seus grandes olhos brancos, como se tirasse uma amêndoa da casca. [Renderia um bom dinheiro.]

Deram alguns passos, retirando-se.

– Tenho de dar boa noite ao ídolo – disse o maior dos aprendizes, parando de súbito.

Baixou-se, e provavelmente apanhou uma pedra. Vi-o estender o braço, arremessar qualquer coisa, e em seguida um golpe sonoro tiniu no bronze. No mesmo instante, o aprendiz levou a mão à cabeça, lançando um grito de dor.

– Ela me devolveu! – exclamou ele.

E os meus dois garotos fugiram a toda. Era evidente que a pedra ricocheteara sobre o metal, punindo assim o malandro pelo ultraje que fizera à deusa.

Fechei a janela, a rir gostosamente.

Mais um vândalo punido por Vênus. Quem dera que todos os destruidores de nossos velhos monumentos tivessem assim a cabeça quebrada!

Formulando esse caritativo desejo, adormeci.

Já era dia alto quando despertei. Junto a meu leito estava, de um lado, Peyrehorade, de chambre; e, do outro, um criado enviado por sua mulher, com uma taça de chocolate na mão.

– Vamos, de pé, parisiense! Eis o que são os preguiçosos da capital! – dizia o meu hospedeiro, enquanto eu me vestia às pressas: – Oito horas, e ainda na cama! Eu estou levantado desde as seis. É a terceira vez que subo; aproximei-me da sua porta na ponta dos pés: nenhum sinal de vida. Não lhe fará bem dormir demais na sua idade. E a minha Vênus, que o senhor ainda não viu! Ande, tome depressa esse chocolate de Barcelona... Um verdadeiro contrabando. Chocolate como não há em Paris. Adquira forças porque, quando estiver diante da minha Vênus, não mais poderá arrancar-se da sua presença.

Em cinco minutos estava pronto, isto é, barbeado pela metade, mal-abotoado, e queimado pelo chocolate que engoli fervendo. Desci ao jardim, e vi-me diante de uma admirável estátua.

Era mesmo uma Vênus, e de maravilhosa beleza. Tinha o alto do corpo nu, como de ordinário os antigos representavam as grandes divindades; a mão direita, erguida à altura do seio, estava recurvada

com a palma para dentro, o polegar e os dois primeiros dedos estendidos, os outros dois levemente dobrados. A outra mão, à altura dos quadris, sustentava a roupagem que lhe cobria a parte inferior do corpo. A atitude da estátua lembrava a do jogador de morra¹³⁴ que designam, não sei por quê, sob o nome de Germanicus. Talvez tenham querido representar a deusa jogando morra.

Como quer que fosse, era impossível contemplar coisa mais perfeita do que o corpo daquela Vênus; nada mais suave, mais voluptuoso que seus contornos; nada mais elegante e mais nobre que seus drapejamentos. Eu esperava alguma obra do Baixo Império, e via uma obra-prima da melhor época da estatuária.¹³⁵ O que sobretudo me impressionava era a verdade das formas, de modo que a gente as poderia crer modeladas da natureza, caso a natureza produzisse modelos tão perfeitos.

A cabeleira, erguida sobre a fronte, parecia ter sido outrora dourada. A cabeça, pequena como a de quase todas as estátuas gregas, estava ligeiramente inclinada para diante. Quanto à face, jamais conseguirei exprimir seu estranho caráter, que em nada se aproximava do de nenhuma estátua antiga que me lembre. Não era essa beleza calma e severa dos escultores gregos, que, por sistema, davam a todos os traços uma imobilidade majestosa. Aqui, pelo contrário, observava eu com surpresa a evidente intenção do artista de exprimir a malícia levada às raias da maldade. Todos os traços estavam levemente contraídos: os olhos um pouco oblíquos, a boca soerguida nos cantos, as narinas um tanto infladas. Desdém, ironia, crueldade, era o que se lia naquele rosto, de uma incrível beleza, no entretanto. Na verdade, quanto mais se contemplava aquela admirável estátua, mais se acentuava o penoso sentimento de que tão maravilhosa beleza se pudesse aliar à ausência de toda sensibilidade.

– Se o modelo algum dia existiu – disse eu ao sr. de Peyrehorade –, e duvido que Deus tenha produzido tal mulher, mas se um dia existiu, muito lamento os seus amantes! Deve ter-se divertido em

fazê-los morrer de desespero. Há na sua expressão qualquer coisa de feroz, e, no entanto, nunca vi nada mais belo.

– É Vênus inteiramente agarrada à sua presa!¹³⁶ – exclamou o sr. de Peyrehorade, satisfeito com o meu entusiasmo.

Aquela expressão de ironia infernal era talvez aumentada pelo contraste entre os seus olhos, incrustados de prata e muitos brilhantes, e a pátina de um verde denegrido que o tempo emprestara a toda a estátua. Aqueles olhos brilhantes davam certa ilusão que lembrava a realidade, a vida. Lembrei-me do que me dissera o meu guia: que ela fazia baixar os olhos a quem a contemplasse. Era quase verdade, e não pude reprimir um sentimento de cólera contra mim mesmo, ao sentir-me pouco à vontade diante daquela figura de bronze.

– Agora que o senhor já examinou tudo em detalhe, meu caro colega em antiguidades, inauguraremos – disse o meu hospedeiro – uma conferência científica. Que me diz dessa inscrição, na qual ainda não reparou?

Mostrava-me o soco da estátua, onde li as palavras seguintes:

CAVE AMANTEM.

– *Quid dicis, doctissime?*¹³⁷ – perguntou ele, esfregando as mãos.
– Vamos a ver se concordamos quanto ao sentido desse *cave amantem!*

– Mas há dois sentidos – respondi. – Pode-se traduzir: “Cuidado com quem te ama, desconfia dos amantes.” Mas, em tal sentido, não sei se *cave amantem* seria de boa latinidade. Dada a expressão diabólica da dama, quer-me antes parecer que o artista desejou pôr o espectador em guarda contra essa terrível beleza. Eu traduziria, pois: “Cuidado contigo, se *ela* te ama.”

– Hum! – resmungou o sr. de Peyrehorade. – Sim, é um sentido admissível. Mas, com a sua licença, prefiro a primeira tradução, que aliás desenvolverei. Conhece o amante de Vênus?

– Há vários.

– Sim; mas Vulcano¹³⁸ é o primeiro. Não teriam querido dizer: “Apesar de toda a tua beleza, do teu ar desdenhoso, terás um ferreiro, um miserável coxo por amante”? Profunda lição, senhor, para as coquetes!

Não pude deixar de sorrir, tão forçada me pareceu a explicação.

– Terrível idioma é o latim, com a sua concisão – observei, não querendo contradizer formalmente o meu antiquário. E recuei alguns passos, a fim de melhor contemplar a estátua.

– Um instante, colega! – disse Peyrehorade, detendo-me pelo braço. – O senhor ainda não viu tudo. Há ainda outra inscrição. Suba ao pedestal e olhe no braço direito.

Enquanto assim falava, ajudava-me a subir.

Segurei-me sem maior cerimônia ao pescoço de Vênus, com a qual principiava a familiarizar-me. Cheguei a olhá-la um instante *na cara*, e achei-a, assim de perto, mais cruel e mais bela ainda. Depois vi que estavam gravados no seu braço alguns caracteres de escrita cursiva antiga, ao que me pareceu. À força de lunetas, soletrei o que se segue, enquanto Peyrehorade repetia cada palavra à medida que eu a pronunciava, aprovando com o gesto e a voz. Li, pois:

VENERI TVRBVL...

EVTYCHES MYRO

IMPERIO FECIT.

Após a palavra TVRBVL da primeira linha, pareceu-me que havia algumas letras apagadas; mas TVRBVL estava perfeitamente legível.

– O que significa... – disse Peyrehorade, radiante, pois desconfiava que eu não resolveria facilmente aquele TVRBVL.

– Há uma palavra que ainda não consigo explicar – disse-lhe eu. – O resto é fácil. Eutyches Myron fez essa oferenda a Vênus, por ordem da mesma.

– Às maravilhas. Mas que faz o senhor de TVRBVL? Que quer dizer TVRBVL?

– TVRBVL me embaraça muito. Procuo em vão algum conhecido epíteto de Vênus que me possa ajudar. Vejamos, que diria de TVRBVLENTA? Vênus que perturba, que agita... Bem viu como me preocupou a sua expressão de maldade. TVRBVLENTA não é um epíteto muito mau para Vênus – acrescentei num tom modesto, pois eu próprio não estava muito satisfeito com a minha explicação.

– Vênus turbulenta! Vênus desordeira! Ah! Julga então que a minha Vênus seja uma Vênus de taberna? Absolutamente, senhor; é uma Vênus de boa sociedade. Mas vou explicar-lhe esse TVRBVL... Pelo menos prometa-me não divulgar minha descoberta antes da publicação da minha memória. É que, como está vendo, muito me orgulho desse achado... é preciso que os senhores nos deixem alguma coisa que respigar, a nós, pobres-diabos da província. Já são tão ricos, os srs. sábios de Paris!

Do alto do pedestal, onde continuava trepado, prometi-lhe solenemente que jamais cometeria a indignidade de roubar a sua descoberta.

– TVRBVL..., senhor – disse ele, aproximando-se e baixando a voz, com medo de que outra pessoa além de mim pudesse ouvi-lo –, leia TVRBVLNERA.

– Nem por isso compreendo melhor.

– Escute bem. A uma légua daqui, ao sopé da montanha, há uma aldeia que se chama Boulternère. É uma corrutela da palavra latina TVRBVLNERA. Nada mais comum do que essas inversões. Boulternère, senhor, foi uma cidade romana. Bem que eu desconfiava, mas nunca havia conseguido a prova. E a prova, ei-la aqui. Essa Vênus era a divindade local da cidade de Boulternère; e essa palavra Boulternère, que, como acabo de demonstrar, é de origem antiga, prova uma coisa muito mais curiosa: é que Boulternère, antes de ser uma cidade romana, foi uma cidade fenícia!

Parou um momento para respirar e gozar da minha surpresa. Consegui abafar uma forte vontade de rir.

– Com efeito – prosseguiu ele –, TVRBVLNERA é puro fenício, tvr, pronuncie-se TUR... TUR e SUR, a mesma palavra, não é? SUR é o

nome fenício de Tiro; não tenho necessidade de relembrar-lhe o sentido.¹³⁹ BVL é Baal, Bâl, Bel, Bul, ligeiras diferenças de pronúncia.¹⁴⁰ Quanto a NERA, isto me dá um pouco de trabalho. Sou tentado a crer, na falta de uma palavra fenícia, que vem do grego νηρός, úmido, pantanoso. Seria, pois, uma palavra híbrida. Para justificar νηρός, mostrar-lhe-ei em Boulternère os infectos pauis que ali formam os riachos da montanha. Por outro lado, a terminação NERA poderia ter sido acrescentada muito mais tarde, em honra de Nera Pivesuvia, esposa de Tetricus,¹⁴¹ a qual teria feito algum benefício à cidade de Turbul. Mas, por causa dos pântanos, prefiro a etimologia de νηρός.

Tomou uma pitada de rapé com um ar satisfeito.

– Mas deixemos os fenícios, e voltemos à inscrição. Traduzo, pois: A Vênus de Boulternère, Myron dedica, por ordem sua, esta estátua, que ele fez.

Abstive-me de criticar sua etimologia, mas quis, por minha vez, dar mostra de penetração, e disse-lhe:

– Alto lá, senhor. Myron consagrou alguma coisa, mas não vejo absolutamente por que motivo há de ser esta estátua.

– Como! – exclamou ele. – Não era Myron um famoso escultor grego? Esse talento ter-se-ia perpetuado na sua família: sem dúvida foi um de seus descendentes quem fez essa estátua. Nada mais certo.

– Mas – repliquei – noto no braço um pequeno orifício. Julgo que serviu para fixar alguma coisa, um bracelete, por exemplo, que esse Myron deu a Vênus, em oferenda expiatória. Myron era um amante infeliz. Vênus estava irritada com ele; e ele apaziguou-a consagrando-lhe um bracelete de ouro. Note que *fecit* é muitas vezes tomado por *consecravit*. São sinônimos. Eu lhe mostraria mais de um exemplo, se tivesse à mão o Gruter ou o Orelli.¹⁴² É natural que um enamorado veja Vênus em sonhos e imagine que ela lhe dá ordem de oferecer um bracelete de ouro à sua estátua. Myron consagrou-lhe um bracelete... Depois os bárbaros, ou algum ladrão sacrílego...

– Ah! Bem se vê que o senhor escreve romances! – exclamou meu hospedeiro, dando-me a mão para descer. – Não, senhor, é uma obra da escola de Myron. Repare ao menos no trabalho, e há de convencer-se.

Tendo por lei não teimar nunca com antiquários cabeçudos, baixei a cabeça com um ar convicto, dizendo:

– É uma admirável peça.

– Oh! Meu Deus! – exclamou Peyrehorade. – Mais um sinal de vandalismo! Jogaram uma pedrada à minha estátua!

Acabava de perceber uma marca branca um pouco acima do seio de Vênus. Notei um traço semelhante nos dedos da mão direita; provavelmente tinham sido tocados no trajeto da pedra, ou um fragmento da mesma se destacara com o choque, indo ricochetear sobre a mão. Contei a meu hospedeiro o ultraje de que fora testemunha e a imediata punição que se lhe seguira. Ele riu muito e, comparando o aprendiz a Diômedes, desejou ver, como o herói grego, todos os seus companheiros transformados em pássaros brancos.¹⁴³

A sineta do almoço interrompeu esta conversação clássica e, da mesma forma que na véspera, fui obrigado a comer como quatro. Depois chegaram granjeiros do sr. de Peyrehorade; e, enquanto este lhes dava audiência, seu filho levou-me a ver uma caleça que comprara em Toulouse para a noiva e que eu muito admirei, naturalmente. Em seguida entrei com ele na estrebaria, onde me reteve meia hora a louvar-me os seus cavalos, a fazer-me a sua genealogia, a contar-me os prêmios que haviam obtido nas corridas do departamento. Veio afinal a falar-me da sua futura, devido a uma égua cinzenta que a ela destinava.

– Nós a veremos hoje – disse ele. – Não sei se a achará bonita. São tão exigentes, em Paris! Mas aqui, em Perpignan, todos a acham encantadora. O bom é que ela é muito rica. Sua tia de Prades lhe deixou a fortuna. Ah! Eu vou ser muito feliz!

Chocou-me profundamente ver um jovem parecer mais impressionado com o dote do que com os lindos olhos da sua futura.

– O senhor que é entendido em joias – prosseguiu Afonso –, que acha disto aqui? É o anel que darei a ela amanhã.

Enquanto assim falava, retirava da primeira falange do dedo mínimo um espesso anel enriquecido de diamantes e formado de duas mãos entrelaçadas, alusão que me pareceu infinitamente poética.

O trabalho era antigo, mas pensei que o haviam retocado para engastar os diamantes. No interior do anel liam-se estas palavras em letras góticas: *Sempr' ab ti*, o que significa “sempre contigo”.

– É um lindo anel – disse-lhe –; mas esses diamantes acrescentados fizeram-no perder um pouco do seu caráter.

– Oh! Ficou mais bonito assim – respondeu ele sorrindo. – Há aí mil e duzentos francos de diamantes. Foi presente de minha mãe. Era um anel de família, muito antigo... do tempo da cavalaria; fora de minha avó, que o recebera da sua. Só Deus sabe quando isto foi feito.

– O costume em Paris – disse-lhe – é dar um anel bem simples, geralmente feito de dois metais diferentes, como o ouro e a platina. Olhe, esse outro anel, que está no seu dedo, serviria muito bem. Este, com seus diamantes e suas mãos em relevo, é tão grosso que não se poderia usar uma luva por cima.

– Oh! A dona dará um jeito. Creio que de qualquer maneira ficará bem contente de possuí-lo. Mil e duzentos francos no dedo, é agradável. Este anelzinho aqui – acrescentou olhando com um ar satisfeito o anel completamente liso que trazia no dedo –, este aqui, foi uma mulher, em Paris, que me deu numa terça-feira de carnaval. Ah! Como me diverti quando estive em Paris, há dois anos! Lá é que a gente se diverte!... – e suspirou de saudade.

Devíamos jantar naquele dia em Puygarrig, na casa dos pais da noiva; subimos na caleça e dirigimo-nos ao castelo, afastado de Ille cerca de légua e meia. Fui apresentado e acolhido como amigo da família. Nada direi do jantar nem da conversação que se lhe seguiu, e da qual pouco participei. Afonso, sentado ao lado de sua noiva, dizia-lhe, de quinze em quinze minutos, uma palavra ao ouvido.

Quanto a ela, quase não erguia os olhos, e cada vez que seu futuro marido lhe dirigia a palavra, corava modestamente, mas respondia-lhe com desembaraço.

A srta. de Puygarrig tinha dezoito anos; seu corpo flexível e delicado contrastava com as formas ossudas do seu robusto noivo. Não só era bela, como sedutora. Eu admirava a perfeita naturalidade das suas respostas; e o seu ar bondoso, que entretanto não estava isento de uma leve malícia, fez-me lembrar, involuntariamente, a Vênus do meu anfitrião. Nessa comparação que fazia interiormente, perguntava a mim mesmo se a superioridade de beleza que era forçado a reconhecer na estátua não provinha, em grande parte, da sua expressão de oncinha; pois a energia, mesmo exprimindo más paixões, desperta sempre em nós um assombro e uma sorte de admiração involuntária.

“Que pena”, disse comigo ao deixar Puygarrig, “que uma pessoa tão deliciosa seja rica, e que seu dote a faça requestada por um homem indigno dela!”

Ao voltar a Ille, não achando o que dizer à sra. de Peyrehorade, a quem me parecia conveniente dirigir a palavra de vez em quando, exclamei:

– No Roussillon as pessoas têm ideias bem emancipadas! Como é que vão fazer um casamento numa sexta-feira! Em Paris nós seríamos mais supersticiosos; ninguém ousaria casar-se num dia como esse.

– Meus Deus! Nem diga – respondeu –, se isso tivesse dependido só de mim, é certo que teria escolhido um outro dia. Mas Peyrehorade assim quis, e foi preciso ceder. Entretanto isso me aflige. E se acontecer qualquer desgraça? Contudo, é preciso que haja um motivo, pois, finalmente, por que é que toda gente tem medo da sexta-feira?

– Sexta-feira! – exclamou o marido. – É o dia de Vênus!¹⁴⁴ Um bom dia para casamentos! Veja, caro colega, só penso na minha Vênus. Palavra de honra! Foi por causa dela que escolhi a sexta-feira. Amanhã, se quiser, antes das bodas, poderemos oferecer-lhe

um pequeno sacrifício; sacrificaremos duas pombas e, se eu soubesse onde se pode obter incenso...

– Que horror, Peyrehorade! – interrompeu sua mulher escandalizada até a raiz dos cabelos... – Incensar um ídolo! Seria uma abominação! Que diriam de nós na terra?

– Pelo menos – disse o sr. de Peyrehorade –, você deixará que lhe ponha na cabeça uma coroa de rosas e de lírios:

*Manibus date lilia plenis.*¹⁴⁵

Como vê, meu caro senhor, a Carta¹⁴⁶ é palavra vã. Nem temos a liberdade de cultos!

Os preparativos do dia seguinte foram assim organizados: toda gente devia estar pronta e paramentada às dez horas em ponto. Depois de ter tomado o chocolate, nós nos dirigiríamos de carro a Puygarrig. O casamento civil seria realizado na prefeitura da aldeia, e a cerimônia religiosa na capela do castelo. Em seguida viria o almoço. Depois do almoço a gente passaria o tempo como pudesse até as sete horas. Às sete horas, todos voltariam a Ille, à casa do sr. de Peyrehorade, onde as duas famílias reunidas jantariam. O resto segue-se naturalmente. Como não podiam dançar, decidiram comer o mais possível.

Desde as oito horas, estava eu sentado ante a Vênus, com um creiom, recomeçando pela vigésima vez a cabeça da estátua, sem conseguir apreender-lhe a expressão. O sr. de Peyrehorade ia e vinha em torno de mim, dava-me conselhos, repetia-me as suas etimologias fenícias; depois dispunha rosas de Bengala sobre o pedestal da estátua, e, num tom tragicômico, dirigia-lhe votos em intenção do par que ia viver sob o seu teto. Pelas nove horas, retirou-se para tratar da sua *toilette*, e ao mesmo tempo apareceu Afonso, bem apertado num traje novo, de luvas brancas, sapatos de verniz, botões cinzelados e uma rosa na lapela.

– Não vão fazer o retrato de minha noiva? – disse ele, inclinándose sobre o meu desenho. – Ela também é bonita.

Naquele momento iniciava-se, no campo de pela, uma partida que logo atraiu a atenção de Afonso. E eu, cansado, e desistindo de expressar aquela diabólica fisionomia, deixei logo o meu desenho para ir olhar os jogadores. Havia entre estes alguns arrieiros espanhóis chegados na véspera. Eram de Aragão e Navarra, e quase todos de maravilhosa habilidade. De modo que os de Ille, embora animados pela presença e conselhos de Afonso, foram logo batidos por aqueles novos campeões. Os espectadores nacionais estavam consternados. Afonso consultou o relógio. Eram apenas nove e meia. Sua mãe ainda não fizera o penteado. Ele não mais hesitou: tirou o casaco, pediu uma blusa, e desafiou os espanhóis. Eu o olhava a sorrir, e um pouco surpreso.

– É preciso sustentar a honra do país – disse ele.

Achei-o então verdadeiramente belo. Estava apaixonado. Sua indumentária que tanto o preocupava ainda há pouco, não era mais nada para ele. Alguns minutos antes, teria medo de voltar a cabeça, para não desarranjar a gravata. Agora, não mais pensava nos seus cabelos frisados, nem nas suas rendas tão bem passadas. Mas e a noiva?... Palavra, se fosse preciso, creio que ele não teria dúvidas em adiar o casamento. Vi-o calçar às pressas um par de sandálias, arregaçar as mangas, e, com um ar seguro, pôr-se à frente da parte vencida, como César reunindo seus soldados em Dyrrachium.¹⁴⁷ Saltei a sebe e coloquei-me comodamente à sombra de um lóvão, de modo a avistar perfeitamente os dois campos.

Contra a expectativa geral, Afonso perdeu a primeira bola; é verdade que ela veio raspando o solo e lançada com surpreendente força por um aragonês que parecia ser o chefe dos espanhóis.

Era um homem de seus quarenta anos, seco e vigoroso, de uns seis pés de altura, e sua pele oliva tinha um tom quase tão carregado como o bronze da Vênus.

Afonso, furioso, lançou a raqueta ao chão.

– É este maldito anel – exclamou ele – que me aperta o dedo e me faz perder uma bola segura!

Tirou, não sem dificuldade, o anel de diamantes: eu aproximava-me para recebê-lo; mas ele antecipou-se, correu à Vênus, enfiou-lhe a aliança no dedo anular, e retomou seu posto à frente dos jogadores de Ille.

Estava pálido, mas calmo e resoluto. Desde então não cometeu um único erro, e os espanhóis foram completamente derrotados. Foi um belo espetáculo o entusiasmo dos espectadores: uns lançavam gritos de alegria, arremessando os gorros ao ar; outros lhe apertavam as mãos, chamando-o "a honra do país". Se ele houvesse repellido uma invasão, duvido que recebesse felicitações mais vivas e mais sinceras. O pesar dos vencidos ainda mais aumentava o brilho da vitória.

– Jogaremos outras partidas, meu bravo – disse ele ao aragonês, num tom de superioridade. – Mas eu darei a vocês alguns pontos de vantagem.

Desejaria que Afonso fosse mais modesto e senti-me penalizado com a humilhação de seu rival.

O gigante espanhol ressentiu-se profundamente do insulto. Vi-o empalidecer sob a pele trigueira. Olhava com um ar sombrio a sua raqueta, cerrando os dentes; depois, com uma voz abafada, disse baixinho: *Me lo pagarás*.¹⁴⁸

A voz do sr. de Peyrehorade veio perturbar o triunfo do filho: meu hospedeiro, muito espantado de não o encontrar atendendo aos aprestos da caleça nova, ainda mais se espantou ao vê-lo todo suado, de raqueta em punho. Afonso correu à casa, lavou o rosto e as mãos, pôs o casaco novo e os sapatos de verniz, e cinco minutos depois seguíamos a trote largo pela estrada de Puygarrig. Todos os jogadores da cidade e grande número de espectadores nos seguiram com gritos de alegria. Os vigorosos cavalos que nos puxavam mal podiam manter o avanço sobre aqueles intrépidos catalães.

Já estávamos em Puygarrig e ia o cortejo pôr-se em marcha para o Conselho quando Afonso, batendo na testa, me disse em voz baixa:

– Que tolice! Esqueci-me do anel! Ficou no dedo da Vênus, o diabo que a carregue! Não conte a minha mãe, pelo menos. Ela talvez não note coisa alguma.

– Podia mandar alguém buscá-lo – disse eu.

– Qual! O meu criado ficou em Ille; e nestes daqui eu não me fio. Mil e duzentos francos de diamantes! É de tentar a qualquer um. E depois, que não diriam da minha distração?! Todos zombariam de mim, iriam chamar-me “o marido da estátua”... Contanto que não me roubem o anel! Felizmente o ídolo mete medo àqueles malandros. Não ousam aproximar-se da estátua à distância de um braço. Mas não faz mal! Tenho aqui o outro anel.

As duas cerimônias, a civil e a religiosa, realizaram-se com a devida pompa; e srta. de Puygarrig recebeu o anel de uma modista de Paris, sem imaginar que o noivo lhe sacrificava um penhor de afeto. Seguiu-se depois o almoço; e bebeu-se, comeu-se, cantou-se até, tudo em grande escala. Eu sofria, pela noiva, com a alegria grosseira que a cercava: no entanto, ela mantinha melhor atitude do que eu esperava, e seu embaraço não era nem timidez nem afetação.

Talvez a coragem venha com as situações difíceis.

Terminado o almoço quando aprouve a Deus (já eram quatro horas), os homens foram passear pelo parque, que era magnífico, ou assistir à dança das camponesas, ao ar livre, paramentadas com os seus trajes de festa. Passamos assim algumas horas. Enquanto isto, as mulheres cercavam a recém-casada, que as fazia admirar os seus presentes de noivado. Depois trocou de *toilette*, e notei que ela cobria os seus lindos cabelos com uma touca e um chapéu de plumas, pois as mulheres se apressam, logo que podem, em ataviar-se das coisas que o costume lhes proíbe usar quando ainda solteiras.

Eram quase oito horas quando se dispuseram a partir para Ille. Mas houve antes uma cena patética. A tia da srta. de Puygarrig, que lhe fazia as vezes de mãe, mulher muito idosa e devota, não iria conosco à cidade. Na hora da partida, pregou à sobrinha um tocante sermão sobre os seus deveres de esposa, sermão do qual resultou uma torrente de lágrimas e beijos e abraços sem fim. O sr. de

Peyrehorade comparava aquela separação ao rapto das sabinas.¹⁴⁹ Afinal partimos, e, pelo caminho, cada qual se empenhou em distrair a nubente e fazê-la rir; mas foi em vão.

[Em Ille, o jantar nos esperava! Se a ostentosa alegria da manhã me deixara chocado, mais ainda fiquei com os chistes e piadas de que o noivo e a noiva foram objeto.] O noivo, que desaparecera um momento antes de sentar-se à mesa, estava pálido e de uma seriedade glacial. Bebia a cada instante do vinho velho de Collioure,¹⁵⁰ quase tão forte como aguardente. Eu estava a seu lado, e julguei-me na obrigação de avisar-lhe:

– Cuidado! Dizem que o vinho...

Não sei que asneira lhe disse, para me pôr em diapasão com os demais convivas.

Ele tocou-me com o joelho, dizendo baixinho:

– Quando nos levantarmos da mesa..., preciso falar com o senhor.

Surpreendeu-me o tom solene com que me falou. Olhei-o mais atentamente, e notei a estranha alteração dos seus traços.

– Sente-se indisposto? – perguntei-lhe.

– Não.

E continuou a beber.

Entretanto, entre gritos e palmas, um menino de doze anos que se metera por baixo da mesa mostrava agora aos assistentes uma linda fita branca e cor-de-rosa que acabava de destacar do tornozelo da noiva. Diziam que era a sua liga. Foi logo cortada em vários pedaços e distribuída aos rapazes, que a puseram à botoeira, conforme um antigo uso que ainda se conserva em algumas famílias patriarcais. Foi para a noiva um ensejo de corar até a raiz dos cabelos... Mas sua perturbação atingiu o auge quando o sr. de Peyrehorade, depois de reclamar silêncio, começou a cantar-lhe, de improviso, dizia ele, alguns versos em catalão. Eis aqui o sentido dos mesmos, se bem o apreendi:

“Como, meus amigos?... Será que o vinho que bebi me faz enxergar duplo? Há duas Vênus aqui...”

O noivo voltou bruscamente a cabeça, com um ar sobressaltado, que fez rir a todo o mundo.

“Sim”, prosseguiu o sr. de Peyrehorade, “tenho duas Vênus em casa. Uma, encontrei-a na terra, como uma trufa. A outra, descida dos céus, acaba de dividir conosco o seu róseo cinto.”

A sua liga, queria ele dizer.

“Meu filho, dentre a Vênus romana e a Vênus catalã, escolhe tu agora a que preferes. O maroto fica com a catalã, e o seu é o melhor bocado. A romana é negra, a catalã é branca. A romana é fria, a catalã incendeia tudo quanto se lhe aproxima.”

Esse remate provocou tais hurras, tão ruidosos aplausos e risos tão sonoros, que eu julguei que o teto ia desabar-nos sobre a cabeça. Em redor da mesa, só havia três rostos sérios, os dos recém-casados e o meu. Eu estava com uma terrível dor de cabeça; e depois, não sei por quê, um casamento sempre me entristece. Aquele, além disso, me desgostava um pouco.

Cantadas que foram as últimas coplas pelo secretário do juiz e que, diga-se de passagem, eram bastante apimentadas, dirigimo-nos para o vestíbulo, a fim de apreciar a saída da noiva, que em breve deveria ser conduzida aos seus aposentos, pois era quase meia-noite.

Afonso levou-me para o vão de uma janela e disse, desviando os olhos:

– O senhor vai zombar de mim... Mas não sei o que tenho... estou enfeitiçado!

O primeiro pensamento que me ocorreu foi que ele se julgava ameaçado de alguma desgraça do gênero daquelas de que falam Montaigne e madame de Sévigné: “Todo o império amoroso é cheio de histórias trágicas, etc.”¹⁵¹

Julgava que essa espécie de acidentes só acontecesse aos intelectuais, pensei comigo.

– O senhor bebeu muito vinho de Collioure, meu caro – disse-lhe eu. – Bem que o preveni.

– Sim, talvez. Mas trata-se de uma coisa muito mais terrível.

Tinha a voz entrecortada. Julguei-o inteiramente bêbado.

– O meu anel... o senhor sabe... – prosseguiu, após um silêncio.

– E daí? Roubaram-no?

– Não.

– Então está em seu poder?

– Não... eu... eu não pude tirá-lo do dedo daquele diabo de Vênus.

– Bem, com certeza não puxou com bastante força...

– Sim... Mas a Vênus... Ela dobrou o dedo...

Olhava-me fixamente, com um ar desvairado, apoiando-se ao trinco para não cair.

– Histórias! Com certeza o senhor enterrou-lhe demais o anel. Amanhã o tirará com uma torquês. Mas tenha o cuidado de não danificar a estátua.

– Não, é o que eu lhe digo. O dedo da Vênus afastou-se, dobrado; ela contrai a mão, compreende?... Pelo visto, é minha mulher, pois eu lhe dei a minha aliança... Ela não quer devolvê-la.

Senti um súbito arrepio percorrer-me a espinha. Depois, um grande suspiro que ele soltou enviou-me ao rosto um hálito avinhado, e toda emoção desapareceu.

O miserável, pensei, está completamente bêbado.

– O senhor, que é antiquário – acrescentou ele num tom lastimável –, deve conhecer bem essas estátuas... talvez haja alguma mola, alguma diabrura, que eu não conheço... Não quer ir examiná-la?

– De bom grado – disse eu. – Venha comigo.

– Não, prefiro que vá sozinho.

Retirei-me do salão.

O tempo mudara durante a ceia, e começava a chover copiosamente. Ia pedir um guarda-chuva quando uma reflexão me fez parar. Grande tolo seria eu, pensei com os meus botões, se fosse verificar o que me disse um bêbado! E quem sabe lá se ele não quis fazer-me alguma brincadeira, para depois divertir-se à minha custa

com esses honrados provincianos? E o mínimo que me pode acontecer é molhar-me até os ossos e apanhar um bom resfriado.

Da porta, lancei um olhar à estátua gotejante, e subi para o quarto sem voltar ao salão. Deitei-me; mas o sono custou a vir. Todas as cenas do dia se apresentavam de novo a meu espírito. Pensava naquela rapariga tão linda e tão pura abandonada a um bêbado brutal. “Que coisa odiosa”, pensava, “um casamento de conveniência! Um magistrado põe um fita tricolor, um cura uma estola, e eis a mais honrada moça do mundo entregue ao Minotauro!¹⁵² Duas criaturas que não se amam, que coisas poderão elas dizer-se em tal momento, que dois enamorados comprariam pelo preço da própria existência? Poderá uma mulher amar um dia a um homem que terá visto sob essa grosseria uma vez? As primeiras impressões não se apagam. E esse sr. Afonso, tenho certeza de que bem merece ser odiado...”

Durante o meu monólogo, que abrevio bastante, ouvira muitas idas e vindas pela casa, portas que se abriam e fechavam, carros que partiam; pareceu-me depois ouvir passos leves de inúmeras mulheres que se dirigiam para a extremidade do corredor oposto ao meu quarto. Era provavelmente o cortejo da noiva que a conduzia ao leito. Em seguida haviam descido a escada. Fechara-se a porta da sra. de Peyrehorade. “A pobre moça!”, pensei, “como não deve estar perturbada e pouco à vontade!” Virava-me no leito, de mau humor. Tolo papel desempenha um solteirão numa casa onde há casamento.

Fazia algum tempo que reinava silêncio quando foi rompido por pesados passos que subiam a escada.

– Que bruto! – exclamei. – Aposto que vai cair na escada.

Tudo voltou à tranquilidade. Tomei um livro para mudar o curso às minhas ideias. Era uma estatística do departamento enriquecida de uma memória do sr. de Peyrehorade sobre os monumentos druídicos da circunscrição de Prades. Adormeci na terceira página.

Dormi mal e despertei várias vezes. Deviam ser cinco horas da manhã e fazia uns vinte minutos que estava acordado, quando cantou um galo. Ia raiar o dia. Ouvi então nitidamente os mesmos passos pesados, o mesmo estalar de degraus que ouvira antes de

adormecer. A coisa me pareceu singular. Tentei, bocejando, adivinhar por que motivo Afonso se levantava tão cedo. Não achava nenhuma explicação plausível. Ia fechar os olhos quando minha atenção foi de novo despertada por estranhos ruídos a que logo se mesclaram o bater de sinetas e o rumor de portas que se abriam abruptamente; depois percebi gritos confusos.

“Esse bêbado prendeu fogo nalguma parte!”, pensava eu, saltando do leito.

Vesti-me às pressas e saí para o corredor. Do extremo oposto partiam gritos e lamentos, e uma voz lancinante dominava todas as outras: “Meu filho! Meu filho!” Era evidente que acontecera uma desgraça a Afonso. Corri ao quarto nupcial: estava cheio de gente. O primeiro espetáculo que me feriu a vista foi o jovem semivestido, e atravessado sobre o leito, cuja guarda se quebrara. Estava lívido, sem um movimento. A mãe chorava e clamava a seu lado. O sr. de Peyrehorade apressurava-se, esfregava-lhe as têmporas com água-de-colônia, ou punha-lhe sais debaixo do nariz. Mas, ai! Fazia muito que o seu filho estava morto. Sobre um canapé, no outro extremo do quarto, estava a noiva, tomada de terríveis convulsões. Soltava gritos inarticulados, e duas robustas criadas faziam os maiores esforços para contê-la.

– Meu Deus! – exclamei. – Que terá acontecido?

Aproximei-me do leito e soergui o corpo do desgraçado jovem; estava já duro e frio. Seus dentes apertados e seu rosto enegrecido exprimiam as mais atrozes angústias. Bem se via que a morte fora violenta e a agonia terrível. Não havia, entretanto, o mínimo sinal de sangue nas suas vestes. Abri-lhe a camisa e vi no peito uma lívida marca que se prolongava pelas costelas e o dorso. Dir-se-ia que fora apertado num círculo de ferro. Meu pé pisou em qualquer coisa dura que se encontrava no tapete: baixei-me e vi o anel de diamantes.

Arrastei o sr. de Peyrehorade e a mulher para o seu quarto; depois mandei levar a noiva para lá.

– Aqui têm uma filha – disse-lhes eu –, a quem devem cuidados. E deixei-os a sós.

Não tinha a menor dúvida de que Afonso fora vítima de um assassinato, cujos autores haviam encontrado meio de introduzir-se à noite no quarto da noiva. Contudo, aquelas contusões do peito, sua direção circular, muito me embaraçaram, pois não poderiam ter sido produzidas por um bastão ou uma barra de ferro. Lembrei-me de ter ouvido dizer que em Valência os bandidos se serviam de longos sacos de couro cheios de areia fina para abater as pessoas cuja morte lhes fora encomendada e paga. E logo me lembrei do arriero aragonês e da sua ameaça. Mal ousava pensar, todavia, que ele houvesse tomado tão terrível vingança de um leve gracejo.

Eu percorria a casa, procurando por toda parte sinais de violência, sem os encontrar em parte alguma. Desci ao jardim, para ver se os assassinos poderiam ter entrado por ali; mas não encontrei nenhum indício certo. A chuva da véspera, aliás, de tal maneira encharcara o solo, que não poderia ter ficado nenhum traço nítido de pés. Observei no entanto alguns passos profundamente impressos na terra; havia-os em duas direções opostas, mas sobre uma mesma linha, partindo do ângulo da sebe contígua ao campo do jogo de pela e findando na porta da casa. Podiam ser os passos de Afonso quando fora tirar o anel do dedo da estátua. Por outro lado, como a sebe era menos espessa naquele ponto, devia ser por ali que os assassinos a tinham franqueado. Passando e repassando pela estátua, parei um instante para observá-la. Confesso que dessa vez não pude contemplar sem terror a sua expressão de maldade irônica; e, com a cabeça cheia das cenas horríveis que acabava de presenciar, pareceu-me ver uma divindade infernal exultante com a desgraça que se abatia sobre aquela casa.

Voltei a meu quarto, onde permaneci até o meio-dia. Saí então e pedi notícia de meus hospedeiros. Estavam um pouco mais calmos. A srta. de Puygarrig (a viúva do sr. Afonso, deveria eu dizer) voltara a si. Falava até com o promotor de Perpignan, que então se achava em Ille, e esse magistrado recebeu o seu depoimento. Pediu ele também o meu. Disse-lhe o que sabia, e não lhe ocultei minhas suspeitas quanto ao arriero aragonês. Mandou que o detivessem imediatamente.

– Soube alguma coisa pela senhora? – perguntei ao procurador, depois que o meu depoimento foi escrito e assinado.

– Essa infeliz criatura está louca – disse ele, sorrindo tristemente.
– Louca! Inteiramente louca! Eis o que ela conta:

“Fazia alguns minutos que estava deitada, diz ela, com os cortinados descidos, quando a porta do quarto se abriu, e alguém entrou. Ela estava então na beirada do leito, com o rosto voltado para a parede. Não fez um movimento, persuadida de que era o marido. Ao cabo de um instante, o leito rangeu, como que carregado de um peso enorme. Ela sentiu muito medo, mas não ousou voltar a cabeça. Cinco minutos, dez minutos talvez... ela não pôde fazer ideia exata do tempo, assim se passaram. Depois fez um movimento involuntário, ou o fez a pessoa que estava no leito, e ela sentiu o contato de qualquer coisa ‘fria como o gelo’, foram as suas expressões. Ela se encolheu na beirada da cama, tremendo. Pouco depois, a porta abriu-se uma segunda vez, e entrou alguém dizendo: ‘Boa noite, minha mulherzinha’, e abriu os cortinados do leito. Ela ouviu um grito abafado. A pessoa que estava no leito ergueu o busto e pareceu estender os braços para a frente. Ela então voltou a cabeça... e viu, afirma, o marido de joelhos junto ao leito, com a cabeça à altura do travesseiro, entre os braços de uma espécie de gigante esverdeado, que o apertava com força. Disse, e repetiu-me vinte vezes, a pobre mulher... disse que reconheceu... adivinhe quem?... a Vênus de bronze, a estátua do sr. de Peyrehorade... O senhor sabe, desde que essa estátua foi trazida para cá, todo o mundo sonha com ela. Mas retorno à narrativa da pobre louca. Ante aquele espetáculo, perdeu os sentidos, e provavelmente fazia alguns instantes que perdera a razão. Não pode dizer quanto tempo permaneceu desfalecida. Voltando a si, reviu o fantasma, ou a estátua, como diz sempre, sentada no leito, com o busto e os braços inclinados para fora, e, entre os seus braços, Afonso, sem um movimento. Um galo cantou. Então a estátua ergueu-se do leito, deixou cair o cadáver, e retirou-se. Ela segurou-se então ao cordão da sineta, chamando. O resto o senhor sabe.”

Trouxeram o espanhol; estava calmo, e defendeu-se com bastante sangue-frio e presença de espírito. De resto, não negou a frase que eu lhe ouvira, mas afirmava que não quisera dizer outra coisa senão que, no dia seguinte, já repousado, ganharia uma partida de pela do seu vencedor.

Lembro-me que acrescentou:

– Um aragonês, quando é insultado, não espera pelo dia seguinte para se vingar. Se eu julgasse que o sr. Afonso queria insultar-me, imediatamente lhe enterraria a faca na barriga.

Compararam-lhe os sapatos com as pegadas no jardim; seus sapatos eram muito maiores.

Afinal, o hoteleiro que alojara o homem afirmou que este passara toda a noite a friccionar e a medicar um de seus animais que estava doente.

Esse aragonês, aliás, era um homem de boa reputação, muito conhecido em Perpignan, aonde vinha todos os anos, a negócios. Soltaram-no, pois, com escusas.

Esquecia-me do depoimento de um criado, que avistara por último o sr. Afonso em vida. Fora no momento em que este ia subir ao quarto da esposa. Chamara então o referido criado, perguntando-lhe com um ar inquieto se não sabia onde eu estava. Respondeu-lhe o criado que não me vira. Então Afonso suspirou e ficou mais de um minuto sem falar; depois disse: “Com certeza o diabo também o levou!”

Perguntei a esse homem se Afonso estava com o anel de diamantes quando lhe falou. O criado hesitou em responder; disse afinal que julgava que não e que, de resto, não prestara atenção a tal coisa.

– Se tivesse aquele anel no dedo – reconsiderou –, eu sem dúvida o teria notado, pois julgava que ele o dera à esposa.

Inquirindo esse homem, sentia eu um pouco do terror supersticioso que o depoimento da mulher de Afonso espalhara por toda a casa. O promotor olhou-me a sorrir, e eu absteve-me de mais perguntas.

Algumas horas após os funerais de Afonso, dispus-me a ir embora. O carro do sr. de Peyrehorade devia conduzir-me a Perpignan. Apesar do seu estado de fraqueza, o pobre velho fez questão de acompanhar-me até a porta do jardim. Atravessamo-lo em silêncio; ele arrastava-se a custo, apoiado a meu braço. No instante de nos separarmos, lancei um último olhar à Vênus. Previa que o meu hospedeiro, embora não partilhasse dos terrores e ódios que ela inspirava a alguns da sua família, desejaria desfazer-se de um objeto que a cada instante havia de recordar-lhe uma terrível desgraça. Tinha eu a intenção de fazer com que o mandasse para um museu. Hesitava em entrar no assunto quando Peyrehorade voltou maquinalmente a cabeça para o lado em cuja direção me via olhar fixamente. Avistou a estátua e logo rompeu em pranto. Abracei-o e, sem ousar dirigir-lhe uma só palavra, subi para o carro.

Depois da minha partida, não me consta que nenhum elemento novo tenha vindo esclarecer a misteriosa catástrofe.

O sr. de Peyrehorade morreu alguns meses depois do filho. Deixou-me em testamento os seus manuscritos, que eu talvez publique um dia. Entre eles, não encontrei a memória relativa às inscrições de Vênus.

P.S.: O meu amigo sr. de P... acaba de escrever-me de Perpignan que a estátua não mais existe. Após a morte do marido, o primeiro cuidado da sra. de Peyrehorade foi mandar fundir a estátua e transformá-la em sino; e, sob essa nova forma, serve ela agora à igreja de Ille. Mas, acrescenta o sr. de P..., parece que uma sorte má persegue aos que possuem esse bronze. Desde que o tal sino ressoa em Ille, já duas vezes gelaram as vinhas.

123. "Que essa estátua nos seja, pois, benéfica e propícia, visto que tanto se parece com um homem", em grego no original. Citação de *Filopseudes* ("O homem que ama as mentiras"), obra do séc.II escrita pelo pensador grego Luciano de Samósata.

124. Canigou (Canigó, em catalão) é uma montanha dos Pirineus. Até o séc.XVIII acreditava-se ser o pico mais elevado da cadeia. O Canigó é um importante

símbolo da cultura catalã, celebrado em sua música e poesia.

125. Em latim Carolus Magnus ou ainda Carlos I, o Grande (742-814), foi rei dos francos. Incorporando a seu reino a Saxônia e a Lombardia, nomeou-se imperador por decreto do papa Leão III em 800. O Império carolíngio coincide com um período de renascimento cultural e artístico no continente.

126. Luís Filipe I (1773-1850), da família de Orleans, foi coroado rei da França com a Revolução de 1830, que instaura a monarquia constitucional no país, permanecendo no poder até ser deposto, em 1848. Seu reinado ficou conhecido como Monarquia de Julho (em virtude do movimento que o levou ao poder) e foi dominado pela alta burguesia.

127. Incorporada à França desde o séc.XVII e, durante o período revolucionário, transformada em parte do departamento dos Pirineus Orientais, a região do Roussillon integra o território histórico da Catalunha.

128. Renomada família de escultores. Tanto Nicolas Coustou (1658-1733) como Guillaume, o Jovem (1716-1777), trabalharam sobre o tema de Vênus.

129. No original, "*Comme avec irrévérence/ Parle des dieux ma ménagère!*" Aqui se identifica uma discreta paródia do *Anfitrião* de Molière: "Com que irreverência esse camponês [*ce maraud*] fala dos deuses."

130. Míron de Elêutras foi um importante escultor grego do séc.V. a.C. A ele se atribui o *Discóbolo*.

131. "Não conheces os presentes de Vênus", em latim no original. Citação da *Eneida*, de Virgílio (Livro IV, v.33).

132. Antiga medida francesa. Uma toesa equivale a aproximadamente dois metros.

133. Em catalão "Muntanyes regalades" ("Montanhas onde corre a água"). Trata-se de uma canção tradicional que tem o Canigou por tema.

134. Tradicional jogo italiano de soma. Dois contendores apresentam um ao outro os dedos da mão indicando números de um a cinco. Marca pontos aquele que mais rapidamente canta o número correto da soma dos dedos apresentados por um e por outro.

135. Referência ao Baixo Império Romano (ou Antiguidade Tardia), comumente identificado ao período de crise e dissolução do Império, entre fins dos sécs.III e V, culminando com a queda de Roma, no ano 476. A qualidade da estatuária aqui mencionada remonta à divisão que se faz entre o Alto Império, durante o qual a cultura romana supostamente conhece seu auge, e o Baixo Império, em que essa mesma cultura conhece (a exemplo da estrutura política) sua decadência. Esse tipo de equiparação entre histórias política e cultural (entre ascensão política/apogeu cultural/verdade artística e queda política/decadência cultural/artificialismo artístico) implicado na avaliação da estátua esteve em voga principalmente

durante os sécs.XVIII e XIX. Atualmente, é questionado por diferentes linhas da historiografia e da estética.

136. No original, "*C'est Vénus toute entière à sa proie attachée!*" Citação da Fedra, de Racine (Ato I, Cena 3).

137. "Que dizes, doutíssimo?", em latim no original.

138. Vulcano (Hefesto na mitologia grega) é deus do fogo e da metalurgia e representado por um ferreiro. Não obstante ser coxo, era amante de Vênus, tendo sido substituído por Marte (Ares, para os gregos), deus da guerra.

139. Antiga cidade fenícia localizada na costa do mar Mediterrâneo (atual Líbano). Seu nome fenício, Sur, é usado até os dias de hoje e significa "rocha".

140. *Baal* é uma palavra de origem semítica cujo radical significa, mais diretamente, "senhor".

141. Nera Pivesuvia era mulher de Tétrico I, o último imperador das Gálias. Seu curto reinado (271 a 274) foi dividido com o filho, Tétrico II, e culminou com sua rendição ao imperador romano Aureliano.

142. Jan Gruter (1560-1627) foi um acadêmico, latinista e bibliotecário holandês. Johann Casper von Orelli (1787-1849) foi filólogo e tradutor suíço. Faz-se, porém, alusão a duas obras específicas desses autores, *Inscriptiones antiquae totius orbis Romani* (Inscrições antigas de todo o mundo romano, 1616), de Gruter, e *Inscriptionum latinarum selectarum amplissima collectio* (Enorme coletânea de inscrições latinas selecionadas, 1830), de Orelli, ambas clássicos da epigrafia.

143. Diômedes foi príncipe de Argos (título que recebe por sua bravura) e o segundo maior herói da Guerra de Troia, ficando atrás apenas de Aquiles. Reza a lenda que Diômedes ferira Afrodite (Vênus, para os romanos) enquanto a deusa auxiliava Eneias em sua fuga de Troia; em vingança, ela transforma os homens de Diômedes em pássaros brancos. O ferimento de Afrodite está presente na *Ilíada*, de Homero (na qual Diômedes figura como uma das principais lideranças dos gregos); a vingança da deusa, nas *Metamorfoses*, de Ovídio.

144. O latim para "sexta-feira" é *Veneris dies*, "dia de Vênus". Em português arcaico, "vernes" tem a mesma origem.

145. "Ofereci lírios a mancheias", em latim no original. Citação do Livro VI da *Eneida*, de Virgílio.

146. Referência à Constituição francesa outorgada por Luís XVII após a queda de Napoleão, em 1814.

147. Cidade da Ilíria, atual Durazzo. Em Dirráquio, Pompeu venceu César; este venceria seu oponente em definitivo na batalha de Farsália, em 48 a.C., abrindo caminho para a fundação do Império.

148. "Você vai me pagar", em espanhol no original.

149. Diz a lenda romana que, devido à escassez de mulheres na cidade de Roma recém-fundada, os romanos roubaram as filhas dos sabinos, a tribo vizinha.

150. Cidade da região do Roussillon.

151. Michel Eyquem de Montaigne (1533-92) foi político, filósofo e escritor francês, cuja obra máxima, os *Ensaíos* (1580), funda o gênero ensaístico. Neles Montaigne analisa instituições, opiniões e costumes sociais, denunciando convenções vazias e alçando a experiência e a razão como réguas de avaliação do mundo. A frase "*Tout l'empire amoureux est plein d'histoires tragiques*" foi empregada ironicamente em carta de madame de Sévigné (ver nota 74) a madame de Grignan (8 abr 1671), comentando possíveis dificuldades de seu filho na corte a uma dama; em sentido diverso, Montaigne ("Da amizade") contrapõe o amor carnal à relação espiritual, colocando esta em primeiro plano em detrimento da primeira.

152. Monstro mitológico, com cabeça de touro e corpo humano, que habitava o labirinto de Creta, construído por Dédalo com o único fim de abrigá-lo. A esta criatura o rei Minos alimentava periodicamente (algumas fontes mencionam intervalos de três anos, outras de nove anos) com sete jovens de cada sexo.

COLOMBA

*Pè far la to vandetta,
Sta sigur', vasta anche ella.*¹⁵³

I.

Nos primeiros dias do mês de outubro de 181..., o coronel sir Thomas Nevil, irlandês, oficial distinto do Exército inglês, hospedou-se com sua filha no hotel Beauvau, em Marselha, no regresso de uma viagem à Itália. A admiração contínua dos viajantes entusiastas produziu uma reação, e, para singularizar-se, muitos turistas tomam hoje por divisa o *nil admirari* de Horácio.¹⁵⁴ A essa espécie de viajantes descontentes é que pertencia miss Lydia, filha única do coronel. *A Transfiguração*¹⁵⁵ lhe parecera medíocre, o Vesúvio em erupção apenas superior às chaminés das usinas de Birmingham. Em suma, sua grande objeção contra a Itália era que esse país carecia de cor local, de caráter. Quem puder que explique o sentido de tais palavras, que eu compreendia muito bem há alguns anos, mas que hoje não entendo mais. Antes de tudo, miss Lydia sonhara encontrar além dos Alpes coisas que ninguém teria visto antes dela,¹⁵⁶ e a respeito das quais poderia falar com as "pessoas distintas", como diz o sr. Jourdain!¹⁵⁷ Mas, precedida em toda parte por seus patrícios e desesperando de encontrar algo desconhecido, lançou-se logo no partido da oposição. É bastante desagradável, com efeito, não poder falar nas maravilhas da Itália sem que alguém nos diga: "Com certeza conhece aquele Rafael do palácio... em...? É o que há de mais belo na Itália." E é justamente o que se deixou de ver. Como custa muito ver tudo, o mais simples é tudo condenar de antemão.

No hotel Beauvau, teve miss Lydia um amargo desapontamento. Trazia um lindo esboço da porta pelásgica ou ciclópea de Segni,¹⁵⁸ que supunha esquecida pelos desenhistas. Ora, lady Frances Fenwich, encontrando-a em Marselha, mostrou-lhe seu álbum, onde, entre um soneto e uma flor dessecada, figurava a porta em questão, colorida à força de terra de Siena. Miss Lydia deu a porta de Segni à sua criada de quarto, e perdeu toda a estima pelas construções pelásgicas.

Essas tristes disposições eram compartilhadas pelo coronel Nevil, que, desde a morte da mulher, não via as coisas senão pelos olhos de miss Lydia. Para ele, a Itália tinha o defeito imenso de haver aborrecido a sua filha, e por conseguinte era o mais aborrecido país do mundo. Verdade que nada tinha a dizer contra os quadros e estátuas; mas podia assegurar que a caça era uma miséria naquele país, e que era preciso fazer dez léguas ao Sol na campanha de Roma para matar algumas lastimáveis perdizes vermelhas.

No dia seguinte ao da chegada em Marselha, convidou para almoçar ao capitão Ellis, seu antigo ajudante, que acabava de passar seis semanas na Córsega. O capitão contou muito bem a miss Lydia uma história de bandidos que tinha o mérito de não se assemelhar absolutamente às histórias dos ladrões de Roma e Nápoles. À sobremesa, os dois homens, ficando a sós com garrafas de Bordéus, falaram sobre caça, e o coronel soube que não havia país onde a caça fosse mais bela do que na Córsega, nem mais variada, nem mais abundante do que lá.

– Há muitos javalis – dizia o capitão Ellis –, e é preciso aprender a distingui-los dos porcos domésticos, que se parecem com eles de um modo espantoso; pois, se a gente mata porcos, arranja uma séria complicação com os seus guardadores. Eles saem de um matagal a que chamam *maquis*,¹⁵⁹ armados até os dentes, cobram os seus porcos, e riem à custa da gente. Há ainda o cabrito-montês, animal muito estranho que não se encontra em nenhuma outra parte, caça afamada, mas difícil. Cervos, gamos, faisões, perdizes, jamais se poderiam nomear todas as espécies de caça que formigam na Córsega. Se gosta de caçar, vá à Córsega, coronel; lá, como dizia um

dos meus hospedeiros, o senhor pode atirar em todas as caças possíveis, desde o tordo até o homem.

Ao chá, o capitão encantou de novo miss Lydia com uma história de *vendetta transversa*¹⁶⁰ ainda mais esquisita que a primeira, e acabou de entusiasmá-la pela Córsega descrevendo-lhe o estranho, o selvagem aspecto da região, o caráter original dos habitantes, sua hospitalidade e seus costumes primitivos. Enfim, depôs-lhe aos pés um lindo e pequeno punhal, menos notável por sua forma e valor do que por sua origem. Um famoso bandido o cedera ao capitão Ellis, com a garantia de havê-lo mergulhado em quatro corpos humanos. Miss Lydia enfiou-o no cinto, colocou-o sobre a mesa de cabeceira, e tirou-o duas vezes da bainha antes de adormecer. Por seu lado, o coronel sonhou que matava um cabrito-montês, e que o proprietário o obrigava a indenizá-lo em dinheiro, no que ele consentia de bom grado, pois se tratava de um animal muito curioso, que se assemelhava a um javali, com chifres de cervo e cauda de faisão.

– Afirma Ellis que a caça é admirável na Córsega – disse o coronel, almoçando a sós com a filha. – Se não fosse tão longe, eu gostaria de passar lá uns quinze dias.

– E daí? – retrucou miss Lydia. – Por que não irmos à Córsega? Enquanto o senhor caçasse, eu desenharia. Ficaria encantada de ter no meu álbum a gruta de que falava o capitão Ellis, onde Bonaparte ia estudar quando menino.¹⁶¹

Era decerto a primeira vez que um desejo manifestado pelo coronel obtinha aprovação da filha. Encantado com essa imprevista coincidência, teve ele no entanto o bom senso de fazer algumas objeções para espicaçar o feliz capricho de miss Lydia. Embalde falou da selvageria da região e das dificuldades que se deparariam a uma mulher que por lá quisesse viajar: ela não temia nada; gostava, mais do que tudo, de viajar a cavalo, e para ela era uma festa dormir em barraca; chegou a ameaçar que iria à Ásia Menor. Em suma, tinha resposta para tudo, pois nunca uma inglesa estivera na Córsega; devia, portanto, ir até lá. E que felicidade quando mostrasse o seu álbum, de volta a Saint-James Place! “Por que, minha cara, estás repassando esse lindo desenho?” “Oh! Não é

nada. É um retrato que eu fiz de um corso que nos serviu de guia.”
“Como! Estiveste na Córsega?!...”

Como ainda não existissem linhas de vapores entre a França e a Córsega, informaram-se de algum navio de partida para a ilha que miss Lydia se propunha descobrir. No mesmo dia, o coronel escreveu para Paris, desistindo do apartamento que os esperava, e fechou negócio com o capitão de uma escuna corsa que devia velejar para Ajácio.¹⁶² Havia dois camarotes regulares. Embarcaram provisões; o capitão jurou que um de seus marujos era um marinheiro digno de nota e não tinha rival em matéria de peixadas; prometeu que a senhorita estaria bem acomodada, teria bom vento e mar calmo.

Por outro lado, segundo os desejos da filha, o coronel estipulou que o capitão não tomaria nenhum outro passageiro a bordo, e que faria com que a escuna costeasse o litoral da ilha, para que se pudesse gozar da vista das montanhas.

II.

No dia da partida, já pela manhã estava tudo enfardado e embarcado: a escuna devia partir com a brisa da tarde. Enquanto não chegava a hora, o coronel passeava com a filha pela Canebière,¹⁶³ quando o capitão lhe veio falar para pedir licença de trazer a bordo um de seus parentes, isto é, o primo do padrinho de seu filho mais velho, o qual, tendo de voltar à Córsega, sua terra natal, por motivo de negócios urgentes, não pudera encontrar outro navio que o conduzisse.

– É um excelente rapaz – acrescentou o capitão –, oficial dos caçadores de infantaria da guarda, e que já seria coronel se o Outro ainda fosse imperador.

– Já que é um militar... – disse o coronel, e ia acrescentar: “Consinto de bom grado que ele venha conosco...”, mas miss Lydia exclamou em inglês:

– Um oficial de infantaria!... (como o pai servira na cavalaria, tinha ela verdadeiro desprezo por quaisquer outras armas) Um

homem sem educação, talvez, que vai enjoar a bordo, e nos vai estragar todo o prazer da viagem!

O capitão não entendia uma palavra de inglês, mas pareceu compreender o que dizia miss Lydia pelo lindo beicinho que ela fazia, e começou um entusiástico elogio do seu parente, terminando por assegurar que era um homem muito correto, de uma família de caporais,¹⁶⁴ e que não incomodaria em nada ao sr. coronel, pois ele, capitão, se encarregava de alojá-lo em um canto, onde não se aperceberiam da sua presença.

O coronel e miss Nevil acharam singular que houvesse na Córsega famílias onde se fosse assim caporal de pai para filho. Mas como julgavam, compadecidamente, que se tratava de um caporal de infantaria, concluíram que era um pobre-diabo que o capitão queria conduzir por caridade. Se fosse um oficial, seriam obrigados a lhe falar, a conviver com ele. Mas, com um caporal, não há que incomodar-se, e é uma criatura sem importância, quando não traz consigo a sua esquadra, de baioneta calada, para levar a gente aonde não se tem vontade de ir.

– E esse seu parente não é sujeito a enjoos? – perguntou miss Nevil, num tom seco.

– Nunca, senhorita; é firme como um rochedo, tanto no mar como em terra.

– Pois bem! Pode trazê-lo – disse ela.

– Pode trazê-lo – repetiu o coronel, e continuaram o passeio.

Pelas cinco da tarde, veio o capitão buscá-los para embarcarem. No porto, junto à iole do capitão, encontraram um jovem com um redingote azul abotoado até o queixo, tez morena, olhos negros, vivos, bem rasgados, o ar franco e inteligente. Pela maneira como empertigava o busto, pelo bigodinho frisado, reconhecia-se facilmente um militar; pois naquela época os bigodes não corriam as ruas, e a Guarda Nacional¹⁶⁵ ainda não introduzira em todas as famílias o uniforme e os hábitos do corpo da guarda.

O jovem tirou o casquete ao ver o coronel e agradeceu-lhe sem embaraço e polidamente o favor que lhe prestava.

– Encantado de o servir, meu rapaz – disse-lhe o coronel, com um amistoso aceno de cabeça.

E embarcou na iole.

– É sem cerimônias, esse seu inglês – disse baixinho, em italiano, o jovem ao capitão.

Este levou o dedo indicador ao olho esquerdo e baixou os dois cantos da boca. Para quem compreende a linguagem dos sinais, queria aquilo dizer que o inglês compreendia o italiano e era um sujeito esquisito. O jovem sorriu levemente, tocou na testa em resposta ao sinal de Matei, como para lhe dizer que todos os ingleses tinham alguma coisa de atravessado na cabeça; depois se sentou perto do capitão, e considerou atentamente, mas sem impertinência, a sua linda companheira de viagem.

– São garbosos esses soldados franceses – disse o coronel à filha, em inglês. – Por isso é que chegam com facilidade a oficiais.

Depois, dirigindo-se em francês ao jovem:

– Diga-me, meu bravo, em que regimento serviu?

Este deu uma leve cotovelada no pai do afilhado de seu primo, e, retendo um sorriso, irônico, respondeu que estivera nos caçadores a pé da guarda e que presentemente saía do 7º ligeiro.

– Será que esteve em Waterloo? É muito jovem ainda.

– Perdão, meu coronel; é a minha única campanha.

– Essa conta dobrado – disse o coronel.

O jovem corso mordeu os lábios.

– Papai – disse miss Lydia em inglês –, pergunte-lhe se os corsos gostam muito de seu Bonaparte.

Antes que o coronel traduzisse a pergunta em francês, o jovem respondeu em excelente inglês, embora com um sotaque pronunciado:

– Bem sabe, senhorita, que ninguém é profeta em sua terra. Pode ser que nós, compatriotas de Napoleão, o estimemos menos que os franceses. Quanto a mim, embora a minha família tenha sido antigamente inimiga da sua, eu o estimo e admiro.

– O senhor fala inglês! – exclamou o coronel.

– Muito mal, como o senhor está vendo.

Embora um pouco chocado com o seu tom displicente, miss Lydia não pôde deixar de rir ante a ideia de uma inimizade pessoal entre um cabo e um imperador. Aquilo foi como um antegosto das singularidades da Córsega, e ela propôs-se anotá-lo em seu diário.

– Esteve prisioneiro na Inglaterra? – indagou o coronel.

– Não, meu coronel, aprendi inglês na França, ainda muito jovem, por intermédio de um prisioneiro de seu país.

Depois, dirigindo-se a miss Nevil:

– Matei me disse que a senhorita regressava da Itália. Fala sem dúvida o puro toscano, mas temo que há de ficar um pouco embaraçada para compreender o nosso dialeto.

– Minha filha compreende todos os dialetos italianos – respondeu o coronel –; tem o dom das línguas. Não é como eu.

– Compreenderá a senhorita, por exemplo, estes versos de uma das nossas canções corsas? É um pastor que diz a uma pastora:

*S'entrassi'ndru Paradisu santu, santu,
E num truvassi a tia, mi n'esciria.*¹⁶⁶

Miss Lydia compreendeu e, achando audaciosa a citação, e mais audacioso ainda o olhar que a acompanhava, respondeu, enrubescendo: “*Capisco.*”¹⁶⁷

– Está o senhor de licença em sua terra? – perguntou o coronel.

– Não, meu coronel. Deixaram-me a meio soldo, provavelmente porque estive em Waterloo e sou compatriota de Napoleão. Volto à minha terra, leve de esperança, leve de dinheiro, como diz a canção.

E suspirou, olhando o céu.

O coronel pôs a mão no bolso e, volteando entre os dedos uma moeda de ouro, procurava uma frase para a meter polidamente na mão de seu infeliz inimigo.

– E a mim também – disse ele, num tom de bom humor –, a mim também me puseram a meio soldo; mas... com esse seu meio soldo,

não tem com que comprar fumo. Tome, cabo.

E tentou fazer entrar a moeda de ouro na mão fechada que o jovem apoiava à borda da iole.

O jovem corso enrubesceu, empertigou-se, mordeu os lábios, e parecia disposto a responder arrebatadamente, quando de súbito, mudando de expressão, explodiu numa gargalhada. O coronel, com a moeda na mão, permanecia estupefato.

– Coronel – disse o jovem, retomando a seriedade –, permita-me que lhe dê dois conselhos: o primeiro é nunca oferecer dinheiro a um corso, pois há compatriotas meus bastante impolidos para lho lançar em rosto; o segundo é não dar às pessoas títulos que estas não reclamam. O senhor me chamou de cabo e eu sou tenente. A diferença não é lá muito grande, mas em todo caso...

– Tenente! – exclamou sir Thomas. – Tenente! Mas o capitão me disse que o senhor era cabo, bem como o seu pai e todos os homens da sua família.

A estas palavras, o jovem, atirando o busto para trás, pôs-se a rir tanto e com tamanho gosto, que o capitão e seus dois marinheiros explodiram em coro.

– Perdão, coronel – disse, afinal, o jovem. – Mas houve um extraordinário quiproquó, e só agora compreendi tudo. Com efeito, a minha família orgulha-se de contar cabos¹⁶⁸ entre os seus antepassados, mas os nossos cabos corsos nunca usaram divisas. Pelo ano da graça de 1100, algumas comunas, rebeladas contra a tirania dos senhores montanheses, escolheram chefes a que deram o nome de “cabos”. Em nossa ilha, temos a honra de descender dessa espécie de tribunos.

– Perdão, senhor! – exclamou o coronel. – Mil vezes perdão. Já que compreende a causa de meu engano, espero que queira desculpar-me.

E estendeu-lhe a mão.

– É a justa punição do meu pequeno orgulho, coronel – disse o jovem, ainda a rir, apertando cordialmente a mão do inglês. – Não lhe guardo o mínimo ressentimento por isso. Visto que meu amigo

Matei me apresentou tão mal, permita-me que eu mesmo me apresente: chamo-me Orso della Rebbia, tenente a meio soldo, e se, como o presumo por esses dois belos cães, o senhor vai a Córsega para caçar, sentir-me-ei muito lisonjeado em fazer-lhe as honras de nossos matos¹⁶⁹ e montanhas... se é que não os esqueci – acrescentou, suspirando.

Nesse instante, a iole atingia a escuna. O tenente estendeu a mão a miss Lydia, depois ajudou o coronel a guindar-se para o convés. Sir Thomas, ainda muito mortificado com o seu engano, e não sabendo como fazer esquecer a sua impertinência a um homem que datava do ano de 1100, sem esperar o assentimento da filha, convidou-o para jantar, renovando-lhe suas escusas e apertos de mão. É verdade que miss Lydia franzia um pouco as sobrancelhas, mas, em todo caso, não estava incomodada de saber o que era um caporal. Seu hóspede não lhe desagradava, e começava até a achar-lhe um não sei que de aristocrático; apenas, tinha ele um ar demasiado franco e demasiado alegre para herói de romance.

– Tenente Della Rebbia – disse o coronel, saudando-o à maneira inglesa, com um copo de vinho de Madeira na mão –, vi na Espanha muitos compatriotas seus: era a famosa infantaria de atiradores.

– Sim, muitos ficaram na Espanha – disse o jovem tenente com um ar grave.

– Jamais esquecerei a conduta de um batalhão corso na batalha de Vittoria¹⁷⁰ – prosseguiu o coronel. – Não posso deixar de lembrar-me – acrescentou, esfregando o peito. – Todo o dia tinham estado a atirar nos jardins, por trás das sebes, e nos haviam matado não sei quantos homens e cavalos. Decidida a retirada, reuniram-se e puseram-se em marcha batida. Na planície, esperávamos tirar revanche, mas aqueles marotos... perdão, meu tenente... aqueles bravos, digo eu, haviam formado em quadrado e não havia meios de rompê-lo. Em meio do quadrado, parece-me que ainda o vejo, havia um oficial montado num pequeno cavalo negro; mantinha-se ao lado da águia, fumando o seu charuto como se estivesse no café. Às vezes, como para nos desafiar, a banda deles tocava-nos fanfarras... Lanço sobre eles os meus dois primeiros esquadrões... Qual! Em vez

de mergulhar na frente da formação, eis que os meus dragões lhe passam pelos lados, depois dão meia-volta e regressam em desordem, com mais de um cavalo sem dono... e sempre o diabo da música! Quando se dissipou o fumo que envolvia o batalhão, tornei a ver o oficial ao lado da águia, fumando ainda o seu charuto. Enraivecido, pus-me à frente de uma última carga. Seus fuzis, à força de atirar, não disparavam mais, mas os soldados estavam formados em seis fileiras, com as baionetas no focinho dos cavalos; dir-se-ia um muro. Eu gritava, exortava os meus dragões; esporeava o meu cavalo, quando o oficial de que falei, tirando enfim o charuto da boca, mostrou-me com a mão a um de seus homens. Ouvi qualquer coisa como: *Al capello bianco!* Eu tinha um penacho branco. Não ouvi mais nada, pois uma bala me atravessou o peito. Era um belo batalhão, sr. Della Rebbia, o primeiro do 18º ligeiro, todos corsos, ao que me disseram depois.

– Sim – disse Orso, cujos olhos brilhavam durante a narrativa –, eles cobriram a retirada e trouxeram consigo a sua águia, mas dois terços daqueles bravos dormem hoje na planície de Vittoria.

– E por acaso não saberia o senhor o nome do oficial que os comandava?

– Era o meu pai. Servia então no 18º, e foi promovido a coronel por sua conduta naquela triste conjuntura.

– Seu pai! Palavra, era um bravo! Teria prazer em tornar a vê-lo, e o reconheceria, estou certo. Vive ainda?

– Não, coronel – disse o jovem, empalidecendo levemente.

– Estava ele em Waterloo?

– Sim, coronel, mas não teve a felicidade de morrer num campo de batalha... Morreu na Córsega... há dois anos... Meu Deus! Como é lindo este mar! Há dez anos que eu não via o Mediterrâneo. Não acha, senhorita, que o Mediterrâneo é muito mais belo do que o oceano?

– Acho-o demasiado azul... e as vagas carecem de grandeza.

– Gosta então da beleza selvagem, senhorita? Se é assim, creio que a Córsega lhe agradará.

– Minha filha – disse o coronel – gosta de tudo que é extraordinário; eis por que a Itália não lhe agradou.

– Da Itália – disse Orso – apenas conheço Pisa, onde passei algum tempo no colégio. Mas não posso pensar sem admiração no Campo-Santo, no Domo, na Torre Inclinada... mas principalmente no Campo-Santo. Lembra-se da *Morte*, de Orcagna?¹⁷¹ Creio que poderia desenhá-la, de tal modo me ficou gravada na memória.

Miss Lydia receou que o sr. tenente se embalasse numa tirada de entusiasmo.

– Muito bonito – disse ela, bocejando. – Perdão, meu pai, estou com um pouco de dor de cabeça, vou descer a meu camarote.

Beijou o pai na testa, fez um majestoso aceno de cabeça a Orso, e desapareceu. Os dois homens puseram-se então a conversar sobre caçadas e guerras.

Verificaram que em Waterloo tinham estado um em face do outro e deviam ter trocado muitas balas. Seu mútuo entendimento redobrou. Sucessivamente criticaram Napoleão, Wellington, Blücher,¹⁷² depois caçaram juntos o gamo, o javali e o cabrito-montês. Afinal, já noite avançada, e finda a última garrafa de Bordéus, o coronel apertou de novo a mão do tenente e deu-lhe boa noite, exprimindo a esperança de cultivar umas relações iniciadas de modo tão ridículo. Separaram-se, indo cada qual para o seu leito.

III.

A noite era bela, a lua brincava sobre as ondas, o navio vogava suavemente, à mercê de uma leve brisa. Miss Lydia não tinha vontade de dormir, e só a presença de um profano a impedira de gozar essas emoções que todo ser humano experimenta, sob um luar marinho, quando tem dois grãos de poesia no coração. Quando calculou que o jovem tenente, como um ser prosaico que era, estaria a dormir a sono solto, miss Lydia levantou-se, apanhou uma peliça, acordou a criada de quarto e subiu ao convés. Não havia mais ninguém a não ser um marinheiro ao leme e que cantava uma

espécie de nênia em dialeto corso, numa toada primitiva e monótona. Na calma da noite, aquela estranha música tinha o seu encanto. Infelizmente, miss Lydia não compreendia perfeitamente o que cantava o marinheiro. Em meio de muitos lugares-comuns, um verso expressivo lhe despertava vivamente a curiosidade, mas logo, no mais belo momento, ocorriam alguns termos dialetais cujo sentido lhe escapava. Compreendeu no entanto que se tratava de um assassinato. Imprecações contra os assassinos, ameaças de vingança, e o elogio do morto, tudo aparecia misturado e confundido. Ela reteve alguns versos; vou tentar traduzi-los:

... Nem os canhões, nem as baionetas/ fizeram empalidecer a sua fronte,/ serena sobre um campo de batalha/ como um céu de verão./ Ele era o falcão amigo da águia,/ mel das areias para os amigos,/ para os inimigos mar em cólera./ Mais alto que o sol,/ mais suave que a lua./ Ele que os inimigos da França não atingiram nunca,/ assassinos da sua terra,/ atacaram-no pelas costas,/ como Vittolo matou Sampiero Corso.¹⁷³/ Jamais teriam ousado olhá-lo de frente.../ Pendurai à parede, ante o meu leito,/ minha cruz de guerra tão bem lograda./ Vermelha é a sua fita./ Mais vermelha é a minha camisa./ Para o meu filho, em terras distantes,/ guardai minha cruz e minha camisa ensanguentada./ Na camisa o meu filho verá dois buracos./ Para cada buraco, um buraco em outra camisa./ Mas a vingança estará cumprida então?/ Seria preciso a mão que atirou,/ o olho que visou,/ o coração que premeditou...

O marinheiro parou de súbito.

– Por que não continua, meu amigo? – indagou miss Nevil.

O marinheiro, com um movimento de cabeça, mostrou-lhe um vulto que surgia da escotilha: era Orso que vinha apreciar o luar.

– Termine o seu canto – disse miss Lydia –, eu estava gostando muito.

O marinheiro inclinou-se para ela e disse-lhe baixinho:

– Eu não dou *rimbecco* a ninguém.

– Como? Não dá o quê...?

O marinheiro, sem responder, pôs-se a assobiar.

– Surpreendo-a a admirar o nosso Mediterrâneo, miss Nevil – disse Orso, encaminhando-se para ela. – Confesse que em parte

alguma há uma lua como esta.

– Eu não a estava olhando. Ocupava-me inteiramente em estudar corso. Esse marinheiro, que cantava uma história das mais trágicas, parou no mais belo trecho.

O marinheiro inclinou-se como para melhor consultar a bússola, e puxou rudemente da peliça de miss Nevil. Era evidente que a sua nênia não podia ser cantada diante do tenente Orso.

– Que estavas cantando, Paulo Francè? – perguntou Orso. – Era uma *ballata*? Ou um *vocero*?¹⁷⁴ A senhorita te compreende e desejaria ouvir o fim.

– Esqueci-o, Ors' Anton' – disse o marinheiro. E imediatamente pôs-se a entoar com toda a força um cântico à Virgem.

Miss Lydia ouviu o cântico distraidamente e não mais insistiu com o cantor, prometendo consigo mesma descobrir mais tarde a chave do enigma. Mas a criada que, sendo de Florença, não compreendia melhor que a patroa o dialeto corso, estava igualmente curiosa por saber; e, dirigindo-se a Orso, antes que miss Nevil pudesse avisá-la com uma cotovelada, indagou:

– Que quer dizer “dar *rimbecco*”, sr. capitão?

– *Rimbecco*?! – exclamou Orso. – É a mais grave injúria que se possa fazer a um corso: é censurá-lo por não se haver vingado. Quem lhe falou de *rimbecco*?¹⁷⁵

– Foi ontem em Marselha – apressou-se em responder miss Lydia – que o capitão da escuna se serviu dessa palavra.

– E de quem falava ele? – indagou Orso vivamente.

– Oh! Contava-nos uma velha história... do tempo de... sim, creio que era a propósito de Vannina d'Ornano...¹⁷⁶

– Suponho que a morte de Vannina, senhorita, não lhe inspirou grande estima por nosso herói, o bravo Sampiero, não é?

– Mas acha que o que ele fez tenha sido muito heroico?

– Seu crime tem como escusa os costumes selvagens da época; e depois, Sampiero fazia uma guerra de morte aos genoveses: que

confiança poderiam ter nele os seus compatriotas, se não houvesse punido aquela que procurava pactuar com Gênova?

– Vannina partiu sem permissão do marido – disse o marinheiro. – Sampiero fez muito bem em torcer-lhe o pescoço.

– Mas – observou miss Lydia – era para salvar o marido, era por amor ao marido, que ela ia pedir seu perdão aos genoveses.

– Pedir seu perdão era aviltá-lo! – exclamou Orso.

– E ainda ele próprio matá-la! – prosseguiu miss Nevil. – Que monstro não devia ser!

– Deve saber que ela lhe pediu como um favor morrer por suas mãos. E Otelo, acaso a senhorita também o considera um monstro?

177

– Que diferença! Ele era ciumento; Sampiero tinha apenas vaidade.

– E o ciúme, não é também vaidade? É a vaidade do amor, e talvez a senhorita o esteja a desculpar pelo motivo...

Miss Lydia lançou-lhe um olhar cheio de dignidade e, dirigindo-se ao marinheiro, perguntou-lhe quando a escuna chegaria ao porto.

– Depois de amanhã, se o vento continua.

– Eu desejaria ver Ajácio o quanto antes, pois este navio me aborrece.

Ergueu-se, tomou o braço da criada, e deu alguns passos pelo convés. Orso permaneceu imóvel junto ao leme, sem saber se devia passear com ela ou interromper uma conversação que parecia importuná-la.

– Bela rapariga, pelo sangue da Madona! – exclamou o marinheiro. – Se todas as pulgas da minha casa se parecessem com ela, eu não me importaria de ser mordido!

Miss Lydia decerto ouviu esse ingênuo elogio da sua beleza, e alarmou-se, pois desceu quase em seguida a seus aposentos. Pouco depois, Orso também se recolheu. Logo que ele deixou o tombadilho, a criada subiu, e, depois de sujeitar o marinheiro a um interrogatório, levou os seguintes informes para a sua patroa: a

ballata interrompida com a chegada de Orso fora composta por ocasião da morte do coronel Della Rebbia, pai do mesmo, assassinado dois anos antes. O marinheiro não tinha dúvidas de que Orso voltava à Córsega para “tirar vingança”, foi a sua expressão, e afirmava que dentro em pouco se veria “carne fresca” na aldeia de Pietranera. Traduzida essa expressão nacional, resultava que o sr. Orso se propunha matar duas ou três pessoas suspeitas de haverem assassinado o seu pai, as quais, na verdade, foram inquiridas pela justiça, mostrando-se, no entanto, imaculadas como a neve, visto que tinham no bolso a juízes, advogados, prefeito e gendarmes.

– Não há justiça na Córsega – acrescentava o marinheiro, e eu faço mais caso de um bom fuzil que de um conselheiro da Corte Real. Quando se tem um inimigo, é preciso escolher entre os três S.¹⁷⁸

Esses interessantes informes mudaram notavelmente as maneiras e disposições de miss Lydia para com o tenente Della Rebbia. Desde esse momento, tornara-se ele um verdadeiro personagem aos olhos da romanesca inglesa. Agora aquele ar displicente, aquele tom de franqueza e bom humor que a princípio a deixaram desfavoravelmente prevenida, tornavam-se para ela um mérito a mais, pois se tratava da profunda dissimulação de uma alma enérgica, que não deixa transparecer no exterior nenhum dos sentimentos que encerra. Orso afigurou-se-lhe uma espécie de Fieschi,¹⁷⁹ a ocultar vastos projetos sob uma aparência de leviandade. E, embora fosse menos belo matar alguns indivíduos que libertar a pátria, uma bela vingança, no entretanto, é uma bela coisa. E, de resto, as mulheres estimam bastante que um herói não seja político. Só então miss Nevil notou que o jovem tenente possuía olhos grandes, dentes alvos, um porte elegante, educação e algum tirocínio social. Falou-lhe várias vezes no dia seguinte, e sua conversação interessou-a. Foi longamente inquirido sobre a sua terra, e discorria muito bem a respeito dela. A Córsega, que deixara muito jovem, primeiro para ir ao colégio, depois à escola militar, ficara-lhe no espírito envolta em cores poéticas. Animava-se ao falar de suas montanhas, de suas florestas, dos costumes originais de

seus habitantes. Como era de esperar, a palavra “vingança” apresentou-se mais de uma vez em suas narrativas, pois é impossível falar dos corsos sem atacar ou justificar sua proverbial paixão. Orso surpreendeu um pouco a miss Nevil, condenando de modo geral os ódios intermináveis de seus compatriotas. Entre os campônios, todavia, procurava escusá-los, e dizia que a *vendetta* é o duelo dos pobres. “E tão verdade é isso”, observava, “que não matam senão depois de um desafio em regra. ‘Guarda-te, que me guardo’, tais são as palavras sacramentais que trocam os inimigos antes de armarem emboscadas um ao outro. Há mais assassinatos entre nós”, acrescentava, “que em qualquer outro lugar do mundo; mas jamais se encontrará um motivo ignóbil nesses crimes. Temos, é verdade, muitos assassinos, mas nenhum ladrão.”

Quando ele pronunciava as palavras de vingança e de morte, miss Lydia observava-o atentamente, mas sem lhe descobrir nos traços o mínimo sinal de emoção.

Como concluíra que Orso possuía a necessária fortaleza de alma para se tornar impenetrável a todos os olhos, exceto aos dela, naturalmente, miss Lydia continuou a acreditar que os manes do coronel Della Rebbia não esperariam muito tempo pela satisfação que reclamavam.

Já a escuna estava à vista da Córsega. O capitão nomeava os pontos principais da costa, e, embora fossem todos completamente desconhecidos a miss Lydia, achava ela algum prazer em lhes saber os nomes. Nada mais aborrecido que uma paisagem anônima. Por vezes o óculo de alcance do coronel fazia distinguir algum insular, vestido de pardo, armado de um longo fuzil, montado num pequeno cavalo e galopando por declives rápidos. Miss Lydia julgava ver em cada um deles um bandido, ou então um filho que ia vingar a morte do pai; mas Orso assegurava que era algum pacato habitante do burgo vizinho, viajando a negócios, que carregava um fuzil menos por necessidade que por *galanteria*, por moda, da mesma forma que um dândi só sai à rua com uma elegante bengala. Embora um fuzil seja uma arma menos nobre e menos poética que um punhal, miss Lydia achava que, para um homem, era mais elegante que uma

bengala, e lembrava que todos os heróis de lord Byron morrem de uma bala e não de um clássico punhal.

Após três dias de navegação, encontraram-se diante das Sanguinárias, e o magnífico panorama do golfo de Ajácio desenrolou-se aos olhos de nossos viajantes. É com razão que o comparam à baía de Nápoles, e, no momento em que a escuna entrava no porto, um mato em chamas, cobrindo de fumo a Punta di Girato, lembrava o Vesúvio, ainda mais aumentando a semelhança. Para que fosse mais completa, seria preciso que um exército de Átila¹⁸⁰ viesse assolar os arredores de Nápoles; pois tudo é morto e deserto em torno de Ajácio. Em vez dessas elegantes edificações que se descobrem por toda parte, desde Castellamare até o cabo de Misena, não se veem, em redor de Ajácio, senão matos sombrios e, além, montanhas desnudadas. Nem uma vila, nem uma habitação. Apenas, aqui e acolá, sobre as eminências que cercam a cidade, algumas construções brancas se destacam isoladas sobre um fundo de verdura; são capelas funerárias, túmulos de família. Tudo, naquela paisagem, é de uma beleza grave e triste.

O aspecto da cidade, principalmente naquela época, vinha acentuar a impressão causada pela solitude de seus arredores. Nenhum movimento nas ruas, onde só se encontra um pequeno número de vultos ociosos, e sempre os mesmos. De mulheres, nada, a não ser algumas camponesas que vêm vender os seus gêneros. Não se ouve falar alto, nem rir, nem cantar, como nas cidades italianas. Às vezes, à sombra de uma árvore de passeio, uma dúzia de camponeses armados jogam cartas ou olham o jogo. Não gritam, não discutem nunca; se o jogo se anima, ouvem-se então tiros de pistola, que sempre precedem a ameaça. O curso é naturalmente grave e silencioso. À noite, surgem alguns vultos para gozar a fresca, mas os que flinam pelo passeio são quase todos estrangeiros. Os insulares permanecem às suas portas; cada qual parece à espreita, como um falcão em seu ninho.

IV.

Depois de haver visitado a casa onde nasceu Napoleão, depois de haver conseguido por meios mais ou menos católicos um pouco de papel pintado, miss Lydia, dois dias após seu desembarque na Córsega, sentiu-se invadida de uma profunda tristeza, como deve acontecer a todo estrangeiro que se encontra numa terra cujos hábitos insociais parecem condená-lo a completo isolamento. Lamentou sua cabeçada; mas partir imediatamente seria comprometer sua reputação de viajante intrépida; miss Lydia resignou-se, pois, a encher-se de paciência e a matar o tempo do melhor modo possível. Tomada essa generosa resolução, preparou creions e tintas, esboçou vistas do golfo, e fez o retrato de um camponês trigueiro, que vendia melões, como um verdureiro do continente, mas que tinha uma barba branca e o ar do mais feroz bandido que se pudesse topa. Como nada disso bastasse para diverti-la, resolveu virar a cabeça do descendente dos caporais, e a coisa não era difícil, pois em vez de apressar-se para rever sua aldeia Orso parecia agradar-se muito de Ajácio, embora não mantivesse relações com nenhum de seus habitantes. De resto, miss Lydia propusera-se um nobre trabalho, o de civilizar aquele urso das montanhas, e fazê-lo renunciar aos sinistros desígnios que o traziam de volta à sua ilha. Depois que começara a estudá-lo, concluía que seria uma pena deixar aquele jovem incorrer na perdição, e que para ela seria glorioso converter um corso.

Os dias, para os nossos viajantes, assim transcorriam: pela manhã, o coronel e Orso saíam à caça; miss Lydia desenhava, ou escrevia para as amigas, a fim de poder datar as suas cartas de Ajácio. Pelas seis horas, os homens voltavam carregados de caça; jantavam, miss Lydia cantava, o coronel adormecia, e os jovens se demoravam até tarde a conversar.

Não sei que formalidade de passaporte obrigara o coronel a fazer uma visita ao prefeito; este, que se aborrecia muito, como a maioria de seus colegas, ficara radiante ao saber da chegada de um inglês, rico, educado e pai de uma bonita moça; de modo que o recebera às maravilhas, cumulando-o de oferecimentos; de resto, poucos dias depois lhe retribuía a visita. O coronel, que acabava de sair da mesa,

estava confortavelmente estendido no sofá, prestes a adormecer; a filha cantava ante um piano desconjuntado; Orso lhe virava as folhas do caderno de música, e contemplava as espáduas e os cabelos loiros da virtuose. Anunciaram o sr. prefeito; o piano emudeceu, o coronel ergueu-se, esfregou os olhos, e apresentou o prefeito à filha:

– Não lhe apresento o sr. Della Rebbia – disse ele –, porque com certeza já o conhece.

– O senhor é filho do coronel Della Rebbia, não? – perguntou o prefeito com um ar levemente embaraçado.

– Sim, senhor – respondeu Orso.

– Tive a honra de conhecer o sr. seu pai.

Em breve estavam esgotados os lugares-comuns da conversação. Mau grado seu, o coronel bocejava com frequência; Orso, na sua qualidade de liberal, não queria falar com um satélite do poder; apenas miss Lydia sustentava a conversação. Por seu lado, o prefeito não a deixava esmorecer, e era evidente que sentia um vivo prazer em falar de Paris e da sociedade com uma mulher que conhecia todas as notabilidades do alto mundo europeu. De tempos em tempos, e enquanto falava, observava a Orso com uma curiosidade singular.

– Foi no continente que conheceu o sr. Della Rebbia? – perguntou a miss Lydia.

Miss Lydia respondeu com algum embaraço que o conhecera no navio que os conduzia à Córsega.

– É um rapaz muito distinto – disse o prefeito a meia-voz. – E ele não lhe disse – continuou, ainda mais baixo – com que intenção voltou à Córsega?

Miss Lydia assumiu o seu ar majestoso.

– Não lhe perguntei – disse ela. – O senhor poderá interrogá-lo.

O prefeito guardou silêncio; mas, um momento depois, ouvindo Orso dirigir ao coronel algumas palavras em inglês, observou-lhe:

– O senhor tem viajado muito, ao que parece. E já esqueceu a Córsega... e os seus costumes, não?

- É verdade, eu era muito jovem quando saí daqui.
- E continua no Exército?
- Estou a meio soldo, senhor.
- Sem dúvida serviu muito tempo no Exército da França para que não se tenha tornado um verdadeiro francês, não é assim?

Pronunciou estas últimas palavras com acentuada ênfase.

Não é coisa que lisonjeie prodigiosamente os corsos, lembrar-lhes que pertencem à grande nação. Fazem questão de ser um povo à parte, e tal pretensão, bem a justificam, para que a gente, afinal, não concorde com eles. Orso, um tanto formalizado, replicou:

– Acha o senhor que um corso, para ser homem de honra, tenha necessidade de servir no Exército francês?

– Naturalmente que não – disse o prefeito –, nem é esse o meu modo de pensar: refiro-me apenas a certos *costumes* desta terra, alguns dos quais não são de molde a que um administrador os possa apreciar.

Acentuou a palavra “costumes” e assumiu a expressão mais grave que a sua fisionomia comportava. Em seguida ergueu-se e partiu, levando a promessa de que miss Lydia iria visitar sua esposa na prefeitura.

E depois que ele se foi:

– Era preciso que eu viesse à Córsega – disse miss Lydia – para saber o que é um prefeito. Este me parece bastante amável.

– Quanto a mim – disse Orso –, não posso afirmar o mesmo, e acho-o bastante esquisito, com seu ar enfático e misterioso.

O coronel estava mais que amodorrado; miss Lydia lançou-lhe um rápido olhar e disse, baixando a voz:

– A mim não me parece tão misterioso como o senhor o supõe, pois creio tê-lo compreendido.

– A senhorita é muito perspicaz; e se acha algum espírito no que ele acaba de dizer, foi sem dúvida a própria senhorita que lho emprestou...

– Essa agora, sr. Della Rebbia, é uma frase do marquês de Mascarille,¹⁸¹ creio eu. Mas... quer que eu lhe dê uma prova da minha penetração? Sou um pouco feiticeira, e sei o que pensam as pessoas a quem vi mais de uma vez.

– Meu Deus, isso me assusta. Se é que sabe ler os meus pensamentos, não sei se deva ficar contente ou aflito...

– Sr. Della Rebbia – continuou miss Lydia, enrubescendo –, nós nos conhecemos há poucos dias apenas; mas, no mar, e em terras bárbaras... espero que me perdoe... em terras bárbaras, a gente trava amizade mais depressa do que na sociedade... Não se espante, pois, se eu lhe falo, como amiga, de coisas um tanto íntimas, e nas quais uma estranha não deveria intrometer-se.

– Oh! Não diga essa palavra, miss Nevil, a primeira me agrada muito mais.

– Pois bem! Senhor, devo dizer-lhe que, sem ter procurado saber seus segredos, acontece que os descobri em parte, e o bastante para me afligir... Sei, senhor, da desgraça que se abateu sobre a sua família; falaram-me do caráter vingativo de seus compatriotas e da sua maneira de vingar-se... Não era a isso que o prefeito fazia alusão?

– Miss Lydia pensar numa coisa dessas!... – E Orso tornou-se de uma palidez mortal.

– Não, sr. Della Rebbia – disse ela, interrompendo-o –, sei que é um *gentleman* cheio de honra. O senhor próprio me disse que, na sua terra, só a gente do povo praticava a *vendetta*... que lhe apraz chamar uma forma de duelo...

– Julga-me então capaz de me tornar um assassino?

– Já que lhe falo a esse respeito, bem deve compreender que não duvido do senhor, e se lhe falei – prosseguiu ela, baixando os olhos –, é que pensei que, de volta à sua terra, cercado talvez de preconceitos bárbaros, lhe seria grato saber que há alguém que o estima por sua coragem em lhes resistir. Vamos – disse ela, erguendo-se –, não falemos mais dessas coisas; dão-me dor de

cabeça, e aliás já é muito tarde. Não vai querer-me mal por isso? Boa noite, à inglesa.

E estendeu-lhe a mão.

Orso apertou-a com um ar grave e compenetrado.

– Saiba, senhorita – disse ele –, que há momentos em que desperta em mim o instinto da terra. Às vezes, quando penso no meu pobre pai, ideias terríveis me obsedam. Graças à senhorita, estou livre delas para sempre. Obrigado, obrigado!

Ia prosseguir; mas miss Lydia deixou cair uma colherinha de chá, e o ruído despertou o coronel.

– Della Rebbia, olhe a caçada amanhã às cinco horas! Seja pontual.

– Pois não, meu coronel.

V.

No dia seguinte, um pouco antes do regresso dos caçadores, miss Nevil, voltando de um passeio à beira-mar, dirigia-se com a criada para a hospedaria, quando notou que entrava na cidade uma jovem vestida de negro, montada num cavalo pequeno, mas vigoroso. Vinha seguida de uma espécie de campônio, também a cavalo, com um casaco pardo roto nos cotovelos, um cantil a tiracolo, uma pistola à cinta; à mão, um fuzil, cuja coronha descansava numa bolsa de couro presa ao arção da sela; em suma, com a indumentária completa de bandido de melodrama ou de burguês corso em viagem. A notável beleza da mulher logo atraiu a atenção de miss Nevil. Aparentava uns vinte anos de idade. Era alta, clara, olhos de um azul-escuro, boca rosada, dentes como esmalte. Na sua expressão lia-se ao mesmo tempo orgulho, inquietude e tristeza. Trazia à cabeça esse véu de seda negra chamado *mezzaro*, que os genoveses introduziram na Córsega e que tão bem assenta às mulheres. Longas tranças castanhas formavam-lhe como que um turbante em redor da testa. Seu traje era correto, mas da maior simplicidade.

Miss Nevil teve bastante tempo para observá-la, pois a dama do *mezzaro* parara na rua a inquirir alguém com muito interesse, dada a expressão de seus olhos; depois, ante a resposta que lhe deram, fustigou o animal e partiu a trote largo, só parando à porta do hotel onde se hospedavam sir Thomas Nevil e Orso. Depois de trocar algumas palavras com o hoteleiro, a dama apeou rapidamente e sentou num banco de pedra junto à porta de entrada, enquanto o seu escudeiro levava os cavalos para a estrebaria. Miss Lydia passou pela desconhecida, com o seu vestido parisiense, sem que esta erguesse os olhos. Quinze minutos depois, abrindo a janela, ainda viu a dama do *mezzaro* sentada no mesmo lugar, e na mesma atitude. Em breve apareceram o coronel e Orso, de volta da caça. Então o hoteleiro disse algumas palavras à moça de luto e apontou-lhe com o dedo o jovem Della Rebbia. A moça corou, ergueu-se com vivacidade, avançou alguns passos, depois estacou, como que interdita. Orso, bem próximo dela, observava-a com curiosidade.

– É Orso Antônio della Rebbia? – perguntou ela, com voz embargada. – Eu sou Colomba.

– Colomba! – exclamou Orso.

E, tomando-a nos braços, beijou-a ternamente, o que espantou um pouco ao coronel e à filha, pois na Inglaterra as pessoas não costumam beijar-se em plena rua.

– Meu irmão – disse Colomba –, perdoa-me se eu vim sem ordem tua. Mas soube por nossos amigos que havias chegado, e era para mim um consolo tão grande poder ver-te...

Orso beijou-a de novo; depois, voltando-se para o coronel:

– É a minha irmã – disse ele –, a quem eu não teria reconhecido se ela não houvesse dito o seu nome. Colomba, o coronel Thomas Nevil. Coronel, queira desculpar-me, mas hoje não poderei ter a honra de jantar com o senhor... Minha irmã...

– Mas onde diabo irá você jantar, meu caro? – exclamou o coronel. – Bem sabe que só há uma sala de jantar neste maldito albergue, e é a nossa. A senhorita dará grande prazer à minha filha, se nos fizer companhia.

Colomba olhou para o irmão, que não se fez rogar, e todos entraram juntos na maior peça da hospedaria, que servia ao coronel de salão e de refeitório. Apresentada a miss Nevil, a srta. Della Rebbia fez-lhe uma profunda reverência, mas não disse uma palavra. Via-se que estava bastante perturbada e que era a primeira vez que se encontrava com estranhos educados. Mas nas suas maneiras nada havia que traísse a província. O que nela havia de estranho lhe salvava a possível esquerdice. Por isso mesmo, agradou a miss Nevil; e como, no hotel que sir Nevil e a sua gente invadiram, não houvesse então um quarto disponível, miss Nevil levou a condescendência ou a curiosidade a ponto de oferecer-se à srta. Della Rebbia para mandar preparar um leito no seu próprio quarto.

Colomba balbuciou algumas palavras de agradecimento, e apressou-se a seguir a criada de miss Nevil para dar à *toilette* os pequenos arranjos que demanda uma viagem a cavalo sob o sol e a poeira.

Voltando ao salão, parou diante dos fuzis do coronel, que os caçadores acabavam de depositar a um canto.

– Que belas armas! – disse ela. – São tuas, meu irmão?

– Não, são fuzis ingleses do coronel. E tão bons como bonitos.

– Gostaria – disse Colomba – que tivesses um semelhante.

– Sem dúvida que um desses três pertence por direito a Della Rebbia – exclamou o coronel. – Ele sabe manejá-lo muito bem. Catorze tiros hoje, e catorze peças abatidas!

Logo se estabeleceu um duelo de generosidade, no qual Orso foi vencido, com grande satisfação da irmã, como era fácil de ver-se pela expressão de infantil alegria que lhe brilhou de súbito no rosto, tão sério ainda há pouco.

– Escolha, meu caro – dizia o coronel.

Orso recusava-se.

– Pois bem! A srta. sua irmã escolherá por você.

Colomba não esperou segundo convite: apanhou o menos ornamentado dos fuzis, mas era um excelente Manton de grosso calibre.¹⁸²

– Este – disse ela – deve ter bom tiro.

Seu irmão embarçava-se em agradecimentos quando o jantar apareceu muito a propósito para o tirar de apuros. Miss Lydia ficou encantada ao ver que Colomba, que mostrara alguma relutância em sentar-se à mesa e só acedera a um olhar do irmão, fazia, como boa católica, o sinal da cruz antes de comer.

– Eis uma coisa bem primitiva – disse miss Lydia consigo.

E propôs-se colher mais de uma observação curiosa a propósito daquela jovem representante dos velhos costumes da Córsega. Quanto a Orso, era evidente que não se achava muito à vontade, decerto por temor de que a irmã dissesse ou fizesse algo que cheirasse muito à sua aldeia natal. Mas Colomba observava-o sem cessar e regulava todos os gestos pelos do irmão. Por vezes considerava-o fixamente com uma estranha expressão de tristeza; e então, se o olhar de Orso se encontrava com o seu, era este o primeiro a desviar os olhos, como se quisesse subtrair-se a uma pergunta que a irmã lhe dirigia mentalmente e que ele muito bem compreendia. Falava-se francês, pois o coronel se expressava muito mal em italiano. [Colomba entendia francês, chegando a pronunciar bastante bem as poucas palavras que era obrigada a trocar com seus anfitriões.]

Após o jantar, o coronel, que notara a espécie de constrangimento reinante entre os irmãos, perguntou a Orso, com a sua habitual franqueza, se não desejava conversar a sós com a srta. Colomba, prontificando-se, neste caso, a passar com a filha para a peça vizinha. Mas Orso apressou-se em agradecer-lhe, dizendo que teriam muito tempo para conversar em Pietranera. Era o nome da aldeia para onde ele devia ir.

O coronel tomou então seu costumeiro lugar no sofá, e miss Nevil, depois de haver tentado vários temas de conversação, e desesperando de fazer com que a bela Colomba se dispusesse a falar, pediu a Orso que lhe lesse um canto de Dante: era o seu poeta favorito. Orso escolheu o canto do Inferno onde se encontra o episódio de Francesca da Rimini, e pôs-se a ler, acentuando, como melhor podia, aqueles sublimes tercetos, que tão bem exprimem o

perigo de ler-se, a dois, um livro de amor.¹⁸³ À medida que lia, ia Colomba aproximando-se da mesa e erguia a cabeça, que até então conservara baixa; suas pupilas dilatadas brilhavam com extraordinário fulgor; corava, empalidecia, e agitava-se na cadeira. Admirável temperamento italiano que, para compreender a poesia, não tem necessidade de que um pedante lhe venha demonstrar as suas belezas!

E, finda a leitura:

– Como é belo! – exclamou. – Quem foi que fez isto, meu irmão?

Orso ficou um pouco desconcertado, e miss Lydia respondeu, sorrindo, que fora um poeta florentino, morto há vários séculos.

– Eu te farei ler o Dante – disse Orso – quando estivermos em Pietranera.

– Meu Deus, como é belo! – repetia Colomba; e disse três ou quatro tercetos que retivera de memória; primeiro em voz baixa, mas depois, animando-se, declamou-os alto, com mais expressão do que lhes dera Orso, ao lê-los.

– Parece gostar muito de poesia – disse miss Lydia atônita. – Como lhe invejo a felicidade que vai ter em ler o Dante como um livro novo!

– Bem vê, miss Nevil – dizia Orso –, o poder que têm os versos de Dante para comoverem assim uma pequena selvagem que só sabe o Padre-Nosso... Mas engano-me; lembro agora que Colomba é do ofício... Ainda menina, exercitava-se em fazer versos, e meu pai escrevia-me que ela era a maior *voceratrice*¹⁸⁴ de Pietranera e de duas léguas em redor.

Colomba lançou um olhar súplice ao irmão. Miss Nevil ouvira falar das improvisadoras corsas e morria de desejos por ouvir uma. Apressou-se, pois, em pedir a Colomba que lhe desse uma amostra do seu talento. Orso interpôs-se então, muito aborrecido por haver lembrado as aptidões poéticas da irmã. Por mais que jurasse que nada era mais enfadonho que uma *ballata* corsa e que recitar versos corsos depois dos de Dante seria trair a sua terra, não fez mais que

espicaçar o capricho de miss Nevil, e viu-se por fim obrigado a dizer à irmã.

– Pois bem! Improvisa qualquer coisa, mas que seja breve.

Colomba soltou um suspiro, olhou atentamente durante um minuto para a toalha da mesa, depois para os caibros do teto; afinal, pondo a mão sobre os olhos, como esses pássaros que se julgam seguros e pensam não ser vistos quando eles próprios não veem, cantou, ou antes declamou com voz incerta, a serenata que se vai ler:

A rapariga e o pombo

No vale, muito além das montanhas,/ o sol só chega ali uma hora por dia,/ no vale há uma casa sombria,/ e a erva cresce à sua porta./ Portas, janelas, sempre estão fechadas./ Nenhum fumo se eleva do telhado./ Mas ao meio-dia, quando chega o sol,/ uma janela então se abre,/ e a órfã senta-se à janela, fiando em sua roca:/ fia e canta, trabalhando,/ um canto de tristeza;/ mas nenhum outro canto responde ao seu./ Um dia, um dia de primavera,/ um pombo veio pousar na árvore vizinha,/ e ouviu o canto da donzela./ – Jovem, disse ele, tu não choras sozinha,/ um cruel gavião arrebatou a minha companheira./ – Pombo, mostra-me o gavião raptor;/ inda que esteja alto como as nuvens,/ eu logo o abaterei por terra./ Mas eu, pobre donzela, quem me restituirá o meu irmão, o meu irmão que está agora num país distante?/ – Donzela, dize-me onde está teu irmão,/ e minhas asas me levarão para junto dele.

– Eis um pombo bem adestrado! – exclamou Orso, beijando a irmã com uma emoção que contrastava com o seu tom galhofeiro.

– A sua canção é encantadora – disse miss Lydia. – Quero que a escreva em meu álbum. Vou traduzi-la para o inglês e mandarei musicá-la.

O bravo coronel, que não compreendera uma só palavra, juntou seus cumprimentos aos da filha. Depois acrescentou:

– O pombo de que a senhorita falava é essa ave que comemos hoje ensopada?

Miss Nevil trouxe o álbum, e não foi pequena a sua surpresa ao ver a improvisadora escrever a canção de singular maneira. Em vez

de estarem destacados, os versos seguiam-se na mesma linha, o quanto permitia a largura da página, de sorte que não mais se adaptavam à conhecida definição de composições poéticas: “Pequenas linhas, de comprimento desigual, com uma margem de cada lado.” Havia ainda algumas observações a fazer quanto à ortografia um tanto caprichosa da srta. Colomba, que, por mais de uma vez, fez sorrir a miss Nevil, enquanto a vaidade fraternal de Orso se achava em suplício.

Tendo chegado a hora de dormir, as duas moças recolheram-se ao quarto. E miss Lydia, enquanto se desfazia do colar, dos brincos e das pulseiras, viu que sua companheira retirava do vestido alguma coisa do comprimento de uma barbatana, mas de forma muito diversa. Com cuidado e quase furtivamente, Colomba pôs o referido objeto debaixo do seu *mezzaro* estendido sobre uma mesa: depois ajoelhou-se e fez devotamente as suas orações. Dois minutos após, estava no leito. Naturalmente curiosa, e lenta como uma inglesa em despir-se, miss Lydia aproximou-se da mesa e, fingindo procurar um alfinete, soergueu o *mezzaro* e viu um estilete bastante longo, curiosamente trabalhado em nácar e prata; o lavor era notável, e tratava-se de uma arma antiga e de inestimável preço para um amador.

– É costume aqui – observou miss Nevil, sorrindo – usarem as moças este pequeno instrumento no colete?

– É preciso – respondeu Colomba, suspirando. – Há tanta gente ruim!

– E você teria mesmo coragem de dar um golpe assim?

E miss Nevil, brandindo o estilete, fazia o gesto de apunhalar, como se apunhalava no teatro, de cima para baixo.

– Sim, se for necessário – disse Colomba, com a sua voz doce e musical –, para me defender, ou defender a meus amigos... Mas não é assim que se deve segurá-lo; você poderia ferir-se, se a pessoa a quem quer apunhalar se desviasse a tempo. – E, sentando-se na cama: – Olhe, é assim, de baixo para cima. Assim, dizem que o golpe é mortal. Felizes os que não têm necessidade de tais armas!

Suspirou, abandonou a cabeça sobre o travesseiro, e fechou os olhos. Não se poderia ver cabeça mais linda, mais nobre, mais virginal. Fídias, para esculpir a sua Minerva,¹⁸⁵ não desejaria outro modelo.

VI.

Foi para me conformar ao preceito de Horácio que me lancei a princípio *in medias res*.¹⁸⁶

Agora que tudo dorme, a bela Colomba, o coronel e a filha, aproveito o ensejo para informar meu leitor de certas particularidades que não deve ignorar, se quiser aprofundar-se mais nesta verídica história. Já sabe que o coronel Della Rebbia, pai de Orso, morreu assassinado. Ora, na Córsega, não se é assassinado, como em França, pelo primeiro fugitivo das galés que não encontra melhor meio de nos roubar a prata: lá se é liquidado pelos inimigos. Mas, quanto ao motivo pelo qual se têm inimigos, é muitas vezes difícil explicar. Muitas famílias odeiam-se por velho hábito, tendo-se perdido completamente a tradição da origem desse ódio.

A família a que pertencia o coronel della Rebbia odiava a várias outras famílias, mas principalmente a dos Barricini. Diziam alguns que, no século XVI, um Della Rebbia seduzira uma Barricini, e fora em seguida apunhalado por um parente da donzela ultrajada. Na verdade, outros contavam o caso de modo diverso, afirmando que uma Della Rebbia é que fora seduzida, e um Barricini apunhalado. O fato é que, para me servir de uma expressão consagrada, havia sangue entre as duas casas. Todavia, contrariamente ao costume, esse assassinio não ocasionara outros; é que os Della Rebbia e os Barricini tinham sido igualmente perseguidos pelo governo genovês e, tendo emigrado os jovens, ficaram as duas famílias privadas, durante várias gerações, de seus representantes enérgicos. No fim do século passado, aconteceu que um Della Rebbia, oficial a serviço de Nápoles, achando-se numa casa de jogo, teve uma querela com militares que, entre outras injúrias, o chamaram de cabreiro corso. O ofendido puxou da espada; mas, sozinho contra três, ter-se-ia saído

mal se um estrangeiro, que jogava no mesmo local, não houvesse exclamado: "Eu também sou corso!", tomando a defesa do seu patrício. Esse segundo corso era um Barricini, que aliás não conhecia o seu compatriota. Dadas as explicações, houve entre ambos grande troca de gentilezas e promessas de amizade eterna; pois, no continente, os corsos se ligam com muita facilidade; dá-se inteiramente o contrário na sua ilha, como bem se viu na presente circunstância. Della Rebbia e Barricini foram amigos íntimos enquanto permaneceram na Itália; mas, de volta à Córsega, não se viram senão raramente, embora morando ambos na mesma aldeia, e, ao morrerem, dizia-se que fazia uns cinco ou seis anos que não se falavam. Seus filhos viveram igualmente "em etiqueta", como se diz na ilha. Um deles, Ghilfuccio, o pai de Orso, foi militar; o outro, Giudice Barricini, foi advogado. Tornando-se, um e outro, pais de família, e separados por sua profissão, quase que não tiveram ocasião de avistar-se ou de ouvir falar um do outro.

No entretanto, um dia, por volta de 1809, lendo Giudice, em Bastia, num jornal, que o capitão Ghilfuccio acabava de ser condecorado, disse diante de testemunhas que tal coisa não o surpreendia, visto que o general... protegia a sua família. Essas palavras foram transmitidas a Ghilfuccio, em Viena, o qual disse a um compatriota que, ao voltar à Córsega, achara Giudice bastante rico, pois este conseguia mais dinheiro com as suas causas perdidas do que com aquelas que ganhava. Jamais se soube se ele queria insinuar, com isso, que o advogado traía a seus clientes, ou se apenas se limitava a emitir a verdade trivial de que uma causa má traz mais dinheiro a um homem de lei do que uma boa causa. Como quer que fosse, o advogado Barricini tomou conhecimento do epigrama e não o esqueceu. Em 1812, solicitava nomeação para *maire*¹⁸⁷ de sua comuna, e tinha todas as esperanças de o conseguir, quando o general... escreveu ao prefeito para lhe recomendar um parente da esposa de Ghilfuccio. O prefeito apressou-se em aceder aos desejos do general, e Barricini não teve dúvida de que devia o seu fracasso às intrigas de Ghilfuccio. Após a queda do imperador, em 1814, o protegido do general foi denunciado como bonapartista

e substituído por Barricini. Este, por sua vez, foi destituído durante os Cem Dias;¹⁸⁸ mas, após essa tempestade, retomou posse, em grande pompa, da delegacia e dos registros do cível.

Desde então, sua estrela tornou-se mais brilhante do que nunca. O coronel Della Rebbia, posto a meio soldo e retirado a Pietranera, teve de sustentar contra ele uma guerra surda de chicanas incessantemente renovadas: ora era intimado a indenizar os danos causados por seu cavalo na cerca do sr. *maire*; ora, este sob o pretexto de restaurar o pavimento da igreja, mandava tirar uma laje quebrada que trazia as armas dos Della Rebbia e que cobria o túmulo de um membro dessa família. Se as cabras devoravam as plantações do coronel, os proprietários desses animais encontravam proteção junto ao *maire*; sucessivamente, o merceeiro que dirigia a estação postal de Pietranera, e o guarda campestre, velho soldado mutilado, ambos clientes dos Della Rebbia, foram demitidos e substituídos por criaturas dos Barricini.

A esposa do coronel morreu exprimindo o desejo de ser enterrada num pequeno bosque onde gostava de passear; logo o *maire* declarou que ela seria inumada no cemitério da comuna, visto que não recebera autorização para permitir uma sepultura isolada. O coronel, furioso, declarou que, enquanto se esperava tal autorização, sua esposa seria enterrada no local que escolhera, e mandou abrir uma cova. Por seu lado, o *maire* mandou abrir outra no cemitério, e reuniu a gendarmeria, a fim, dizia ele, de emprestar força à lei. No dia do enterro, os dois partidos se encontraram frente a frente e perigou por um instante que se travasse batalha pela posse dos restos da sra. Della Rebbia. Uns quarenta campônios bem armados, reunidos pelos parentes da defunta, obrigaram o cura, na saída da igreja, a tomar o caminho do bosque; por outro lado, o *maire*, com seus dois filhos, seus clientes e os gendarmes, apresentou-se, para se opor aos inimigos. Quando ele apareceu e intimou o cortejo a retroceder, foi recebido com chufas e ameaças; a vantagem do número estava com os seus adversários, e estes pareciam decididos. À sua vista, vários fuzis foram engatilhados; dizem que um pastor chegou a fazer pontaria; mas o coronel levantou o cano da arma,

recomendando: “Que ninguém atire sem ordem minha!” O *maire* “temia os tiros, naturalmente”, como Panúrgio,¹⁸⁹ e, recusando combate, retirou-se com a sua escolta: então o préstito fúnebre se pôs em marcha, tendo o cuidado de tomar o caminho mais longo, a fim de passar pela frente do Conselho. Durante o desfile, um idiota, que se juntara ao cortejo, lembrou-se de gritar “Viva o imperador!”. Duas ou três vozes responderam, e os rebbianistas, animando-se cada vez mais, resolveram matar um boi do *maire*, que casualmente lhes barrava o caminho. Felizmente, o coronel impediu essa violência.

Está visto que foi lavrado um auto e que o *maire* apresentou um relatório ao prefeito, no seu estilo mais sublime, e no qual pintava as leis divinas e humanas calcadas aos pés – a majestade dele, *maire*, e a do cura, desconsideradas e insultadas –, e o coronel Della Rebbia à frente de uma conspiração bonapartista, para alterar a ordem e a sucessão ao trono, e concitar os cidadãos a armarem-se uns contra os outros, crimes previstos pelos artigos 86 e 91 do Código Penal.

O exagero da queixa prejudicou-lhe o efeito. O coronel escreveu ao prefeito e ao procurador do rei: um parente da sua mulher era aliado a um dos deputados da ilha, e outro era primo do presidente da Corte Real. Graças a essa proteção, a conspiração evaporou-se, a sra. Della Rebbia permaneceu no bosque, e apenas o idiota foi condenado a quinze dias de prisão.

O advogado Barricini, descontente com esse resultado, voltou as baterias noutra direção. Exumou um velho título, com o qual se propôs contestar ao coronel a propriedade de certo curso d’água que movia um moinho. O processo durou muito tempo. Ao cabo de um ano, ia a Corte baixar o seu veredicto, e, segundo parece, a favor do coronel, quando Barricini apresentou ao procurador do rei uma carta assinada por um certo Agostini, bandido famoso, que o ameaçava, a ele *maire*, de incêndio e de morte, se não desistisse das suas pretensões. Sabe-se que na Córsega é muito procurada a proteção dos bandidos, e que estes, para obsequiar a seus amigos, intervêm frequentemente nas questões particulares. O *maire* tirava o seu

partido dessa carta, quando sobreveio novo incidente que complicou a situação. O bandido Agostini escreveu ao procurador do rei para queixar-se de que lhe haviam falsificado a letra e lançado dúvidas quanto ao seu caráter, fazendo-o passar por um homem que traficava com a sua influência. “Se descobro o falsário”, escrevia ele, finalizando a carta, “hei de puni-lo exemplarmente.”

Era claro que Agostini não escrevera a carta ameaçadora ao *maire*; os Della Rebbia acusavam disso aos Barricini, e vice-versa. De uma parte e de outra explodiam as ameaças, e a justiça não sabia de que lado encontrar os culpados.

Estavam as coisas neste pé, quando o coronel Ghilfuccio foi assassinado. Eis os fatos, tais como ficaram estabelecidos em justiça: a 3 de agosto de 18..., ao entardecer, a mulher Madalena Pietri, que carregava cereais para Pietranera, ouviu dois tiros muito próximos, disparados, como lhe parecia, num caminho que levava à aldeia, a cerca de cento e cinquenta passos do local onde ela se encontrava. Quase em seguida viu um homem que corria, abaixado, num caminho das vinhas, em direção à aldeia. Esse homem parou um instante e voltou-se; mas a distância impediu a mulher Pietri de distinguir-lhe os traços, e aliás tinha ele na boca uma folha de parreira, que lhe ocultava quase todo o rosto. Fez com a mão um sinal a um camarada, que a testemunha não viu, e depois sumiu-se no vinhedo.

Abandonando o seu fardo, a mulher Pietri subiu o caminho a correr, e encontrou o coronel Della Rebbia banhado em sangue, com duas balas no corpo, mas ainda respirando. Perto, jazia o seu fuzil carregado e engatilhado, como se ele se houvesse colocado em defesa contra alguém que o atacava pela frente no momento em que outro o feria pelas costas. Arquejava e debatia-se contra a morte, mas não podia pronunciar uma só palavra, o que os médicos explicaram pela natureza dos ferimentos, que lhe tinham varado os pulmões. O sangue sufocava-o; corria lentamente e como uma espuma vermelha. Em vão a mulher Pietri o soergueu e dirigiu-lhe algumas perguntas. Bem via que ele desejava falar, mas não podia fazer-se compreender. Notando que tentava levar a mão ao bolso,

ela dali retirou uma pequena caderneta, que lhe apresentou aberta. O ferido agarrou o lápis da caderneta e tentou escrever. Com efeito, a testemunha o viu traçar dificultosamente vários caracteres; mas, como não sabia ler, não lhes pôde compreender o sentido. Exausto com aquele esforço, o coronel largou a caderneta na mão da mulher Pietri, e apertou-a com força, olhando-a de um modo singular, como se quisesse dizer, são as palavras da testemunha: "É importante, é o nome do meu assassino!"

Dirigia-se a mulher à aldeia quando encontrou o sr. *maire* Barricini, com o seu filho Vincentello. Era então quase noite. O *maire* tomou-lhe a caderneta e correu à aldeia para envergar a sua faixa e chamar o secretário e a gendarmaria. Ficando a sós com o jovem Vincentello, Madalena Pietri pediu-lhe que fosse socorrer o coronel, no caso em que ainda estivesse vivo; mas Vincentello retrucou que, se se aproximasse de um homem que fora inimigo encarniçado da sua família, não deixariam de acusá-lo de o haver matado. Pouco depois chegou o *maire*, achou o coronel morto, mandou transportar o cadáver, e lavrou o termo.

Apesar da sua perturbação, natural em tais circunstâncias, Barricini apressara-se em selar a caderneta do coronel, e fez todas as pesquisas que estavam em seu poder; mas não levaram a nenhuma descoberta importante. Quando chegou o juiz de instrução, abriu-se o envelope, e, em uma página da caderneta, manchada de sangue, viram-se algumas letras traçadas com mão débil, mas ainda bem legíveis. Ali estava escrito: *Agosti...* e o juiz não duvidou de que o coronel quisesse designar Agostini como o seu assassino. Entretanto, Colomba della Rebbia, chamada pelo juiz, pediu para examinar a caderneta. Depois de havê-la folheado por muito tempo, apontou para o *maire*, exclamando: "Eis o assassino!" Então, com uma precisão e clareza de surpreender no transporte de dor em que estava mergulhada, contou que o seu pai, tendo poucos dias antes recebido uma carta do filho, queimara-a, mas que, antes de o fazer, escrevera a lápis, naquela caderneta, o endereço de Orso, que acabava de mudar de guarnição. Ora, esse endereço não se achava na caderneta, e Colomba concluía que o *maire* arrancara a

folha onde estava escrito, a qual seria a mesma em que o pai traçara o nome do assassino; e a esse nome, o *maire*, no dizer de Colomba, havia substituído o de Agostini. O juiz viu, com efeito, que faltava uma folha no caderno de papel onde estava escrito o nome; mas logo observou que igualmente faltavam folhas em outros cadernos da mesma caderneta, e testemunhas declararam que o coronel tinha o hábito de arrancar páginas da caderneta quando queria acender um charuto; nada mais provável, pois, que houvesse queimado por descuido o endereço que copiara. Por outro lado, verificou-se que o *maire*, depois de haver recebido a caderneta das mãos da mulher Pietri, não poderia lê-la devido à obscuridade; ficou provado que não se detivera um instante antes de entrar na *mairie*, que o cabo da gendarmeria o acompanhara até lá, vira-o acender um lampião, guardar a caderneta num envelope e fechá-lo sob as suas vistas.

Quando o cabo terminou o seu depoimento, Colomba, fora de si, lançou-se de joelhos, e suplicou-lhe, por tudo o que ele tinha de mais sagrado, que declarasse se não deixara o *maire* sozinho por um instante. O brigadeiro, depois de hesitar um pouco, visivelmente comovido com a exaltação da moça, confessou que fora procurar na sala próxima uma folha de papel, mas que não se demorara um minuto, e que o *maire* continuara a falar-lhe enquanto ele procurava às apalpadelas o referido papel numa gaveta. De resto, atestava que, no seu regresso, a caderneta ensanguentada se achava no mesmo lugar, sobre a mesa onde o *maire* a lançara quando entrou.

Barricini depôs com a maior calma. Escusava, dizia ele, o arrebatamento da srta. Della Rebbia, e condescendia em justificar-se. Provou que ficara na aldeia; que o seu filho Vincentello estava com ele diante da *mairie*, no momento do crime; e enfim que o seu filho Orlanduccio, atacado de febre naquele dia, não saíra do leito. Mostrou todos os fuzis da sua casa, nenhum dos quais fizera fogo recentemente. Acrescentou que, quanto à caderneta, logo lhe havia compreendido a importância; que a selara e pusera em mãos de seu adjunto, prevendo que, em vista da sua inimizade com o coronel, bem poderia ser suspeitado. Lembrou enfim que Agostini ameaçara de morte àquele que escrevera uma carta em seu nome, e insinuou

que esse miserável, tendo provavelmente suspeitado do coronel, o assassinara. Nos costumes dos bandidos, tal vingança por análogo motivo não era sem exemplo.

Cinco dias após a morte do coronel Della Rebbia, Agostini, surpreendido por um destacamento de atiradores, foi morto, batendo-se desesperadamente. Encontrou-se em seu poder uma carta de Colomba, que o conjurava a declarar se ele era culpado, ou não, da morte que lhe imputavam. Não tendo o bandido dado resposta alguma, chegou-se à conclusão geral de que não tivera ele coragem de dizer a uma filha que havia assassinado o seu pai. Todavia, as pessoas que pretendiam conhecer bem o caráter de Agostini diziam baixinho que, se ele houvesse cometido o crime, seria o primeiro a gabar-se. Outro bandido, conhecido sob o nome de Brandolaccio, entregou a Colomba uma declaração na qual atestava, "sob palavra de honra", a inocência de seu camarada; mas a única prova que alegava era que Agostini jamais lhe dissera que suspeitava do coronel.

Conclusão, os Barricini não foram incomodados; o juiz de instrução cumulou o *maire* de elogios e este culminou sua bela atitude desistindo de todas as suas pretensões sobre o passo a respeito do qual estava em processo com o coronel Della Rebbia.

Conforme o costume da terra, Colomba improvisou uma *ballata* ante o cadáver do pai, em presença de seus amigos reunidos. Nela expandiu todo o seu ódio contra os Barricini e acusou-os formalmente do assassinato, ameaçando-os também com a vingança do irmão.

Era essa *ballata*, muito popularizada, que o marinheiro cantava diante de miss Lydia. Ao saber da morte do pai, Orso, então no norte da França, pediu uma licença, mas não conseguiu obtê-la. No princípio, por uma carta da irmã, julgara culpados os Barricini, mas logo recebeu cópia de todas as peças do inquérito, e uma carta particular do juiz quase lhe deu a convicção de que o bandido era o único culpado. De três em três meses, Colomba escrevia para lhe repetir suas suspeitas, a que chamava de provas. Malgrado seu, essas acusações lhe faziam ferver o sangue corso, e às vezes não

estava longe de partilhar das presunções da irmã. Contudo, sempre que lhe escrevia, repetia que as suas alegações não tinham nenhum fundamento sólido e não mereciam crédito algum. Proibia-lhe até, mas sempre em vão, que tornasse a falar naquilo. Dois anos assim se passaram, ao fim dos quais foi posto a meio soldo. Pensou então em rever a sua terra, não para se vingar de pessoas a quem julgava inocentes, mas para casar a irmã e vender as suas pequenas propriedades, se tivessem valor que lhe permitisse viver no continente.

VII.

Ou porque a chegada da irmã tivesse relembrado mais fortemente a Orso o lar paterno, ou porque se ressentisse um pouco, ante seus amigos civilizados, dos hábitos e maneiras selvagens de Colomba, anunciou ele no dia seguinte o projeto de deixar Ajácio e voltar a Pietranera. No entanto fez que o coronel promettesse pousar em sua humilde casa, quando fosse a Bastia, e comprometeu-se a proporcionar-lhe uma caçada de gamos, faisões, javalis e o resto.

Na véspera da partida, em vez de ir à caça, Orso propôs um pequeno passeio à margem do golfo. Dando o braço a miss Lydia, podia conversar com toda a liberdade, pois Colomba ficara na cidade para fazer compras, e o coronel deixava-os a cada instante para atirar em gaiotas e plangas, para grande surpresa dos passantes, que não compreendiam que se desperdiçasse pólvora com semelhante caça.

Seguiam o caminho que leva à capela dos gregos, de onde se tem a mais bela vista da baía; mas não lhe prestavam a mínima atenção.

– Miss Lydia... – disse Orso após um silêncio bastante longo para se tornar embaraçoso –, fale-me com franqueza: que pensa de minha irmã?

– Agrada-me bastante – respondeu miss Nevil. – Mais do que o senhor – acrescentou, sorrindo –, pois é verdadeiramente corsa, e o senhor é um selvagem muito civilizado.

– Muito civilizado!... Pois bem! Sinto, a contragosto, que estou ficando selvagem, desde que pus o pé nesta ilha. Mil terríveis pensamentos me agitam, me torturam... e eu tinha necessidade de conversar um pouco com a senhorita antes de mergulhar no meu deserto.

– É preciso ter coragem, meu senhor; veja a resignação de sua irmã: ela lhe dá um exemplo.

– Ah! Desengane-se. Não creia na sua resignação. Ela ainda não me disse uma palavra, mas em cada um dos seus olhares eu tenho lido o que espera de mim.

– Mas que quer ela do senhor, afinal?

– Oh! Nada... apenas que eu experimente se o fuzil do sr. seu pai é tão bom para um homem como para uma perdiz.

– Que ideia! E pode supor uma coisa dessas, quando acaba de confessar que ela ainda não lhe disse nada! É horrível da sua parte.

– Se não pensasse em vingança, ela, logo de início, me teria falado em nosso pai. Nada disso. Teria pronunciado o nome daqueles a quem considera... erradamente, creio eu, como seus assassinos. Pois bem! Nem uma palavra. É que, como está vendo, nós, corsos, somos uma raça manhosa. Minha irmã compreende que não me tem completamente em seu poder, e não quer espantar-me, enquanto ainda lhe posso escapar. Uma vez que me houver conduzido à beira do precipício, quando a cabeça me tontear, ela me dará um empurrão no abismo.

Então Orso deu a miss Nevil alguns pormenores sobre a morte do pai, e discriminou as principais provas que o induziam a considerar Agostini como culpado.

– Nada – acrescentou – pôde convencer Colomba. Vi-o por sua última carta. Ela jurou a morte dos Barricini... E... veja a confiança que eu tenho na senhorita... e talvez eles não fossem mais deste mundo se, por um desses preconceitos que a sua educação selvagem escusa, não estivesse ela persuadida de que a execução da vingança me pertence de direito, na minha qualidade de chefe da família, e que a minha honra está nisso empenhada.

- Na verdade, o senhor está é caluniando a sua irmã.
- Não, a senhorita mesma o disse... ela é corsa... e pensa o que pensam todos os corsos. Sabe por que estava eu tão triste ontem?
- Não, mas de há algum tempo que o vejo sujeito a esses acessos de melancolia... O senhor era mais amável nos primeiros dias de nossas relações.
- Ontem, pelo contrário, eu me achava mais alegre, mais feliz que comumente. Eu a vira tão boa, tão indulgente para com minha irmã!... O coronel e eu voltávamos de barco. Sabe o que me disse um dos barqueiros no seu infernal jargão: "O senhor matou muita caça, Ors' Anton', mas Orlanduccio Barricini é melhor caçador."
- Pois bem! Que há de terrível nessas palavras? Tem o senhor tamanhas pretensões a ser um bom caçador?
- Mas não vê que esse miserável dizia que eu não teria coragem de matar Orlanduccio?
- O senhor me assusta. Parece que o clima de sua ilha não dá apenas febre, mas enlouquece. Felizmente vamos deixá-la em breve.
- Não antes de passar por Pietranera. Foi a promessa que fizeram à minha irmã.
- E se faltássemos ao prometido, deveríamos esperar alguma vingança?
- Lembra-se do que nos contava o outro dia o sr. seu pai acerca desses hindus que ameaçam os governadores da Companhia de se deixarem morrer de fome se não forem atendidos nas suas pretensões?
- Quer dizer que o senhor se deixaria morrer de fome? Duvido. Ficaria um dia sem comer, e depois a srta. Colomba lhe traria um *bruccio*¹⁹⁰ tão apetitoso que o senhor renunciaria aos seus planos.
- É muito cruel nas suas zombarias, miss Nevil; deveria poupar-me. Olhe, acho-me sozinho aqui. Eu não tinha senão a senhorita para me impedir de ficar louco, como diz; a senhorita era o meu anjo da guarda, e agora...
- Agora – disse miss Lydia, num tom sério –, o senhor tem, para sustentar essa razão tão fácil de abalar-se, a sua honra de homem e

de militar e – prosseguiu ela, voltando-se para colher uma flor –, se isso lhe importa alguma coisa, a lembrança do seu anjo da guarda.

– Ah! Miss Nevil, se eu pudesse pensar que a senhorita tem realmente algum interesse...

– Escute, sr. Della Rebbia – disse miss Nevil um tanto comovida –, já que o senhor é uma criança, eu o tratarei como a uma criança. Quando eu era menina, minha mãe me deu um lindo colar que eu desejava ardentemente; mas disse-me: “Cada vez que puseres esse colar, lembra-te de que ainda não sabes francês.” O colar perdeu para mim um pouco do seu mérito. Tornara-se uma espécie de remorso, mas usei-o e aprendi francês. Está vendo este anel? Representa um escaravelho egípcio, encontrado numa pirâmide, dizem. E esta figura esquisita aqui gravada, que o senhor talvez tome por uma garrafa, significa a “vida humana”. Há na minha terra pessoas que achariam esse hieróglifo muito apropriado. O que vem depois é um escudo, com um braço segurando uma lança: quer dizer “combate”, “batalha”. A reunião dos dois caracteres forma, pois, esta divisa, que eu acho muito bela: “A vida é um combate”. Não vá julgar que eu traduzo correntemente os hieróglifos; foi um sábio em *us*¹⁹¹ que me explicou este. Olhe, eu vou dar-lhe o meu escaravelho. Quando tiver algum mau pensamento corso, olhe para o meu talismã e diga consigo que é preciso sair vencedor da batalha que nos oferecem as paixões perigosas. Como está vendo, não sou má pregadora...

– Eu pensarei na senhorita, miss Nevil, e direi...

– Diga que tem uma amiga que ficaria desolada... de... de saber que o senhor foi para a forca. Isso, aliás, causaria muita pena aos srs. caporais seus antepassados.

A estas palavras, soltou, a rir, o braço de Orso, e correndo para o seu pai:

– Papai, deixa em paz esses pobres pássaros e venha conosco fazer poesia na gruta de Napoleão.

VIII.

Há sempre alguma coisa de solene numa partida, mesmo quando nos separamos por pouco tempo. Orso devia partir de madrugada com a irmã e na véspera à noite se despedira de miss Lydia, pois não esperava que ela fosse abrir, em seu favor, uma exceção aos seus hábitos de preguiça. Os adeuses foram frios e graves. Desde sua conversação à beira-mar, miss Lydia temia haver demonstrado um interesse demasiado vivo em relação a Orso, e este, por sua vez, não podia esquecer suas zombarias e sobretudo o seu tom de leviandade. Por um momento supusera descobrir na atitude da inglesa uma afeição nascente; agora, desconcertado com os seus gracejos, considerava que não passava, para ela, de um simples conhecido, que em breve seria olvidado. Grande foi pois a sua surpresa quando, de manhã cedo, estando a tomar café com o coronel, viu entrar miss Lydia em companhia de Colomba.

Levantara-se às cinco horas, e, para uma inglesa, principalmente para miss Nevil, o esforço era assaz grande para que ele se sentisse um tanto vaidoso.

– Sinto que se haja incomodado tão cedo – disse Orso. – Foi decerto minha irmã que a despertou, apesar das minhas recomendações, e a senhorita deve amaldiçoar-nos. Talvez já deseje ver-me enforcado...

– Não – disse miss Lydia muito baixo e em italiano, evidentemente para que o pai não a compreendesse –, mas o senhor irritou-se ontem comigo, por causa de meus inocentes gracejos, e eu não queria que levasse uma recordação penosa da sua amiga. Que gente terrível, esses corsos! Adeus, então; até breve, espero.

E estendeu-lhe a mão.

Orso não achou mais que um suspiro como resposta. Colomba aproximou-se dele, levou-o para o vão de uma janela e, mostrando-lhe um objeto que trazia sob o *mezzaro*, falou-lhe um momento em voz baixa.

– Minha irmã – disse Orso a miss Nevil – quer fazer-lhe um singular presente, senhorita. Mas nós, os corsos, não temos grande coisa a dar..., exceto a nossa afeição..., que o tempo não apaga.

Minha irmã me disse que a senhorita demonstrou curiosidade por este punhal. É uma antiguidade da família. Provavelmente pendia outrora à cinta de um desses caporais a quem devo a honra de seu conhecimento. Colomba julga-o tão precioso que me pediu permissão para lho oferecer, e eu não sei se o deva consentir, pois temo que a senhorita zombe de nós.

– Esse punhal é um encanto – disse miss Lydia –, mas é uma arma de família; não posso aceitá-la.

– Não é o punhal de meu pai – exclamou vivamente Colomba. – Foi dado a um dos avós de minha mãe pelo rei Teodoro.¹⁹² Se o aceitar, a senhorita nos dará um grande prazer.

– Olhe, miss Lydia – disse Orso –, não desdenhe o punhal de um rei.

Para um amador, as relíquias do rei Teodoro são infinitamente mais preciosas que as do mais poderoso monarca. A tentação era forte, e miss Lydia antevia o efeito que provocaria aquela arma colocada sobre uma mesa de laca, no seu apartamento de Saint-James Place.

– Mas – disse ela, tomando o punhal com a hesitação de quem quer aceitar, e dirigindo o mais amável de seus sorrisos a Colomba –, mas minha querida Colomba..., eu não posso..., eu não me atreveria a deixá-la partir assim, desarmada.

– Meu irmão vai comigo – disse Colomba num tom altivo –, e nós temos o excelente fuzil que o seu pai nos deu. Tu já o carregaste a bala, Orso?

Miss Nevil guardou o punhal, e Colomba, para conjurar o perigo que se corre em dar armas cortantes aos amigos, exigiu um soldo em pagamento.

Foi preciso partir enfim. Orso apertou mais uma vez a mão de miss Nevil; Colomba beijou-a, depois veio oferecer seus lábios de rosa ao coronel, maravilhado com a polidez corsa. Da janela da sala, miss Lydia viu os irmãos montarem a cavalo. Os olhos de Colomba brilhavam com uma alegria maligna que ela ainda não lhes havia notado. Aquela grande e forte mulher, fanática de suas ideias de

honra bárbara, com o orgulho na fronte, os lábios encurvados num sorriso sardônico, conduzindo aquele jovem armado como para uma expedição sinistra, lembrou-lhe os temores de Orso, e ela julgou ver o seu gênio mau que o arrastava à perdição. Orso, já a cavalo, ergueu a cabeça e avistou-a. Ou porque lhe houvesse adivinhado o pensamento, ou para lhe dar o último adeus, tomou ele o anel egípcio, que suspendera a uma corrente, e levou-o aos lábios. Miss Nevil deixou a janela, enrubescendo; depois, debruçando-se quase em seguida, viu os dois corsos afastarem-se ao galope de seus pequenos pôneis, na direção das montanhas. Meia hora depois, o coronel, por meio do seu óculo, os mostrou, a marginar o fundo do golfo, e ela viu que Orso voltava frequentemente a cabeça para a cidade. Desapareceu enfim atrás dos pântanos substituídos hoje por um belo viveiro.

Miss Lydia, olhando-se ao espelho, achou-se pálida.

– Que pensará de mim esse rapaz? – considerou ela. – E eu, que penso dele? E por que penso nele?... Um conhecimento de viagem!... Que vim eu fazer na Córsega?... Oh! Eu não o amo... Não, não; aliás é impossível... E Colomba... Eu, cunhada de uma *voceratrice*! Que usa um grande punhal! – E apercebeu-se de que tinha na mão o do rei Teodoro. Lançou-o sobre o toucador: – Colomba em Londres, dançando no Almack's!¹⁹³ Que *leão*¹⁹⁴ para mostrar, meu Deus! Ela talvez fizesse furor... Ele me ama, tenho certeza... É um herói de romance cuja carreira aventureira eu interrompi... Mas teria ele, realmente, vontade de vingar o pai à moda corsa?... Era qualquer coisa entre um Conrado¹⁹⁵ e um dândi... Fiz dele um puro dândi, e um dândi que tem um alfaiate corso...

Lançou-se sobre o leito e procurou dormir, mas foi impossível; e eu não prossegurei o seu monólogo, no qual disse consigo, mais de mil vezes, que o sr. Della Rebbia não tinha sido, não era e nunca seria nada para ela.

IX.

Entrementes, Orso prosseguia viagem com sua irmã. A rápida andadura dos cavalos impediu a princípio que os dois se falassem; mas, quando os aclives muito rudes os obrigavam a seguir a passo, trocavam algumas palavras sobre os amigos que acabavam de deixar. Colomba falava com entusiasmo da beleza de miss Nevil, de seus cabelos loiros, de suas graciosas maneiras. Depois perguntava se o coronel seria tão rico como parecia, se a srta. Lydia era filha única.

– Deve ser um bom partido – dizia ela. – O seu pai te estima muito, ao que parece...

E, como Orso nada respondesse, ela continuava:

– Nossa família foi rica antigamente, e é das mais consideradas da ilha. Esses *signori*¹⁹⁶ são todos uns bastardos. Só há nobreza nas famílias caporais, e bem sabes, Orso, que descendes dos primeiros caporais da ilha. Sabes que a nossa família é originária de além dos montes,¹⁹⁷ e foram as guerras civis que nos obrigaram a passar para este lado. Se eu estivesse em teu lugar, Orso, não hesitaria, e pediria a mão de miss Nevil a seu pai... (Orso dava de ombros.) Com o seu dote, eu compraria as matas da Falsetta e as vinhas que ficam abaixo das nossas propriedades; mandava construir uma bela casa de cantaria, e erguia de um andar a velha torre onde Sambucuccio matou tantos mouros no tempo do conde Henrique, o *bel Missere*.¹⁹⁸

– Colomba, tu és uma louca – respondia Orso, galopando.

– Tu és homem, Ors' Anton', e sem dúvida sabes melhor do que uma mulher o que tens a fazer. Mas eu bem desejava saber o que esse inglês poderá objetar contra a nossa aliança. Há caporais na Inglaterra?...

Após uma longa marcha, e palestrando dessa maneira, chegaram os irmãos a uma pequena aldeia, não longe de Bocognano, onde pararam para jantar e passar a noite em casa de um amigo de sua família. Foram ali recebidos com essa hospitalidade corsa que não pode avaliar quem ainda não a experimentou. No dia seguinte, o seu hospedeiro, que fora compadre da sra. Della Rebbia, acompanhou-os até uma légua de casa.

– Está vendo esses bosques e esses *maquis*? – disse ele a Orso no momento de se separarem. – Um homem que tivesse feito uma desgraça poderia ali viver dez anos em paz, sem que gendarmes ou atiradores viessem incomodá-lo. Esses bosques lindam com a floresta de Vizzavona; e, quando se tem amigos em Bocognano ou nos arredores, não se passa necessidade. Vocês têm aí um belo fuzil, deve alcançar longe. Sangue da Madona! Que calibre! Com isto pode-se matar muito mais que javalis.

Orso respondeu friamente que o seu fuzil era inglês e atirava o chumbo muito longe. Abraçaram-se, e cada qual seguiu seu caminho.

Não estavam os nossos viajantes mais que a uma pequena distância de Pietranera quando, à entrada de uma garganta que tinham de atravessar, descobriram sete ou oito homens armados de fuzis, uns sentados em pedras, outros deitados na relva, e alguns de pé, e que pareciam fazer de sentinela. Seus cavalos pastavam a pouca distância. Colomba examinou-os um instante com um óculo de alcance, que tirou de uma das grandes bolsas de couro que todos os corsos carregam em viagem.

– É gente nossa! – exclamou com ar alegre. – Pieruccio desempenhou muito bem a sua missão.

– Que gente? – indagou Orso.

– Os nossos pastores – respondeu ela. – Anteontem à noite mandei que Pieruccio partisse a fim de reunir esses bravos para te acompanharem à tua casa. Não convém que entres em Pietranera sem escolta, e aliás debes saber que os Barricini são capazes de tudo.

– Colomba – disse Orso num tom severo –, muitas vezes já te pedi que não me falasses dos Barricini, nem das tuas suspeitas sem fundamento. Não me sujeitarei ao ridículo de entrar em casa com esse bando de vagabundos, e estou muito descontente de que os tenhas reunido sem prevenir-me.

– Meu irmão, esqueceste a tua terra. É a mim que compete guardar-te quando a tua imprudência te deixa exposto. Tive de fazer

o que fiz.

Naquele momento, os pastores, tendo-os avistado, correram a seus cavalos e desceram a galope ao encontro de ambos.

– Evviva Ors’ Anton’! – gritou um velho robusto, de barba branca, e que vestia, apesar do calor, um capote com capuz, de tecido corso, mais espesso que a lã das suas cabras. – É o verdadeiro retrato do pai, apenas maior e mais forte. Que belo fuzil! Ainda se há de falar dessa arma, Ors’ Anton’.

– Evviva Ors’ Anton’! – repetiram em coro todos os pastores. – Bem sabíamos que ele afinal voltaria!

– Ah! Ors’ Anton’ – dizia um latagão de tez cor de tijolo –, que alegria não teria o seu pai se estivesse aqui para recebê-lo! O bom do homem! O senhor o veria agora, se ele me tivesse dado ouvidos, se deixasse a meu cargo o caso de Giudice... O pobre homem! Não me acreditou; sabe agora que eu tinha razão.

– Bem! – tornou o velho. – Giudice não perderá nada por esperar.

– Evviva Ors’ Anton’!

E uma dúzia de tiros acompanhou essas exclamações.

Orso, de muito mau humor no centro daquele grupo de homens a cavalo, todos a falarem ao mesmo tempo e comprimindo-se para lhe apertar a mão, ficou algum tempo sem poder fazer-se ouvir. Afinal, assumindo o ar que tinha à frente de seu pelotão quando lhe distribuía as reprimendas e os dias de calabouço:

– Meus amigos – disse ele –, sou-lhes grato pela afeição que me demonstram e pela que dedicavam a meu pai; mas insisto em que ninguém me dê conselhos. Eu sei o que tenho a fazer.

– Ele tem razão, ele tem razão! – exclamaram os pastores. – Bem sabe que pode contar conosco.

– Sim, eu conto com vocês; mas agora não tenho necessidade de ninguém, e nenhum perigo ameaça a minha casa. Comecem por dar meia-volta, e vão para as suas cabras. Eu sei o caminho de Pietranera, e não preciso de guias.

– Não tenha medo de nada, Ors’ Anton’ – disse o velho. – Eles não se atreveriam a mostrar-se hoje. O rato entra na toca quando

volta o gato.

– E tu, velho gato, como te chamas?

– Como! Não me conhece, Ors' Anton', eu que tantas vezes o carreguei à garupa, na minha mula que mordia? Não conhece o Polo Griffio? Um homem de corpo e alma pelos Della Rebbia. Diga uma palavra, e quando o seu fuzil falar, este velho mosquetão, velho como o seu dono, não ficará calado. Conte com ele, Ors' Anton'.

– Bem, bem; mas, com todos os diabos! Retirem-se e deixem-nos continuar nosso caminho.

Os pastores afinal se afastaram, dirigindo-se a trote largo para a aldeia; mas, de tempos em tempos, paravam em todos os pontos elevados do caminho, como para verificar se não havia alguma emboscada oculta, e sempre se mantinham suficientemente perto de Orso e de sua irmã para estar em condições de lhes prestar auxílio nalguma emergência. E o velho Polo Griffio assim dizia a seus companheiros:

– Compreendo-o! Compreendo-o! Ele não diz o que quer fazer, mas faz. É o retrato do pai. Podes tu dizer que não queres mal a ninguém! Fizeste uma promessa à santa Nega.¹⁹⁹ Bravo! Eu não daria uma figa pelo couro do prefeito. Em menos de um mês não se poderá fazer um odre com ele.

Precedido assim por aquele grupo de batedores, o descendente dos Della Rebbia entrou na sua aldeia e alcançou a velha habitação dos caporais seus avós. Os rebbianistas, de há muito privados de chefe, se haviam dirigido em massa ao seu encontro, e os habitantes da aldeia que observavam neutralidade estavam nos portais para vê-lo passar. Os barricinistas, estes se mantinham dentro de casa e espiavam pela fresta dos postigos.

O burgo de Pietranera é edificado muito irregularmente, como todas as aldeias da Córsega; pois, para ver uma rua, é preciso ir a Cargese, construída pelo sr. de Marboeuf. As casas, dispersas ao acaso e sem o menor alinhamento, ocupam o cimo de um pequeno planalto, ou antes, de um patamar da montanha. Ao centro do burgo eleva-se um bebedouro de granito, a que uma calha de

madeira transporta a água de uma fonte vizinha. Esse monumento de utilidade pública foi construído em comum pelos Della Rebbia e os Barricini; mas muito se enganaria quem visse nesta circunstância um índice da antiga concórdia das duas famílias. É, pelo contrário, obra de sua rivalidade. Outrora, tendo o coronel Della Rebbia enviado ao conselho municipal de sua comuna uma pequena soma, com o fim de contribuir para a ereção de uma fonte, apressou-se o advogado Barricini em oferecer uma doação semelhante, e é a esse combate de generosidade que Pietranera deve a sua água. Em torno do carvalho e da fonte há um espaço vazio a que chamam praça e onde os ociosos se reúnem à tarde. Ali às vezes jogam cartas, e dançam uma vez por ano, pelo carnaval. Nas duas extremidades da praça, elevam-se edificações mais altas que largas, construídas de granito e xisto. São as torres inimigas dos Della Rebbia e dos Barricini. Sua arquitetura é uniforme, sua altura é a mesma, e vê-se que a rivalidade das duas famílias sempre se manteve parelha, sem que a fortuna se decidisse entre ambas.

Talvez seja oportuno explicar o que se deve entender pela palavra torre. É uma construção quadrada de cerca de quarenta pés de altura, que em qualquer outra terra se chamaria simplesmente um pombal. A porta, estreita, abre-se a oito pés do solo, e ali se chega por uma escada muito íngreme. Acima da porta há uma janela com uma espécie de sacada, aberta embaixo como um balcão de fortaleza, que permite abater sem risco um visitante indiscreto. Entre a janela e a porta, veem-se dois escudos grosseiramente esculpidos. Um ostentava outrora a cruz de Gênova; mas, toda martelada hoje, só é perceptível aos antiquários. No outro escudo estão esculpidas as armas da família que possui a torre. Acrescentai, para completar a decoração, alguns vestígios de balas nos escudos e nas janelas, e podereis formar ideia de um solar medieval na Córsega. Esquecia-me de dizer que as casas de moradia são unidas à torre, e muitas vezes se comunicam internamente com esta.

A torre e a casa dos Della Rebbia ocupam o lado norte da praça de Pietranera; a torre e a casa dos Barricini, o lado sul. Da torre do norte até a fonte, fica o passeio dos Della Rebbia, o dos Barricini fica

do lado oposto. Desde o enterro da mulher do coronel, jamais se vira um membro de uma dessas duas famílias aparecer em outro lado da praça a não ser o que lhe estava reservado por uma espécie de convenção tácita. Para evitar um desvio, ia Orso passar por diante da casa do prefeito, quando a irmã o advertiu, induzindo-o a tomar uma ruela que os conduziria até em casa, sem terem de atravessar a praça.

– Para que isso? – disse Orso. – A praça não é de todo o mundo?
– E fustigou o cavalo.

– Bravo coração! – murmurou baixinho Colomba. – Meu pai, tu serás vingado!

Ao chegarem à praça, Colomba colocou-se entre a casa dos Barricini e o irmão e sem desviar os olhos um só momento das janelas de seus inimigos. Notou que estavam barricadas havia pouco, e que tinham feito umas *archere*. Chamam-se *archere* estreitas aberturas em forma de seteiras, entre grossas achas de lenha com que se cobre a parte inferior de uma janela. Quando temem algum ataque, é assim que se fortificam, podendo atirar sobre os assaltantes ao abrigo das achas.

– Covardes! – disse Colomba. – Vê, irmão, já começam a cuidar-se: armam barricadas! Mas um dia terão de sair!

A presença de Orso no lado sul da praça causou grande sensação em Pietranera, e foi considerada como uma prova de audácia que chegava às raias da temeridade. Para os neutros reunidos à tarde em torno do carvalho foi um pretexto de comentários sem fim.

É bom, diziam, que os rapazes Barricini ainda não tenham chegado, pois são menos pacientes que o advogado, e talvez não tivessem deixado passar o inimigo sobre o seu terreno sem lhe fazer pagar a bravata.

– Lembre-se do que lhe vou dizer, vizinho – acrescentou um velho que era o oráculo do burgo. – Observai a cara de Colomba hoje; ela tem alguma coisa naquela cabeça. Sinto cheiro de pólvora no ar. Dentro em breve haverá carne barata em Pietranera.

X.

Separado muito jovem de seu pai, Orso quase não tivera tempo de o conhecer. Deixara Pietranera aos quinze anos para estudar em Pisa, e de lá fora para a Escola Militar, enquanto Ghilfuccio passeava na Europa as águias imperiais. No continente, Orso avistara-o em raros intervalos, e só em 1815 se encontrara no mesmo regimento que o seu pai comandava. Mas o coronel, inflexível quanto à disciplina, tratava o filho como a todos os outros jovens tenentes, isto é, com muita severidade. As lembranças que Orso conservara dele eram de duas espécies. Evocava-o em Pietranera, confiando-lhe o seu sabre, deixando-o descarregar o seu fuzil quando voltava da caça, ou fazendo-o sentar pela primeira vez, a ele, um bambino, à mesa de família. Depois lembrava o coronel Della Rebbia a dar-lhe ordens de prisão por qualquer leviandade, e só a tratá-lo por tenente Della Rebbia:

– Tenente Della Rebbia, o senhor não está no seu lugar de batalha: três dias de prisão.

– Os seus atiradores estão cinco metros afastados da reserva: cinco dias de prisão.

– O senhor está de barrete ao meio-dia e cinco minutos: oito dias de prisão. Só uma vez, em Quatre-Bras, lhe dissera:

– Muito bem, Orso; mas muita cautela.

De resto, não eram essas últimas recordações que lhe trazia Pietranera. A vista dos locais familiares à sua infância, os móveis de que se servia sua mãe, a quem ternamente amara, lhe despertavam na alma uma multidão de emoções suaves e pungentes; depois, o futuro sombrio que se lhe antolhava, a vaga inquietação que lhe inspirava a irmã, e, acima de tudo, a ideia de que miss Nevil viria à sua casa, que lhe parecia agora tão pequena, tão pobre, tão pouco conveniente para uma pessoa habituada ao luxo, o desprezo com que ela talvez a considerasse, todos esses pensamentos formavam um caos em sua cabeça, e lhe inspiravam um profundo desânimo.

Sentou-se, para jantar, numa grande cadeira de carvalho enegrecido, de onde seu pai presidia as refeições de família, e sorriu ao ver Colomba hesitar em sentar-se à mesa com ele. Estava-lhe grato, aliás, pelo silêncio que ela observou durante o jantar e pela pronta retirada que efetuou em seguida, pois se sentia demasiado comovido para resistir aos ataques que sem dúvida lhe preparava; mas Colomba poupava-o e queria deixar-lhe tempo para se refazer. Com a cabeça apoiada na mão, permaneceu por longo tempo imóvel, repassando no espírito as cenas dos quinze últimos dias que vivera. Via com horror aquela expectativa em que cada qual parecia estar, do seu procedimento a respeito dos Barricini. Já se apercebia de que a opinião de Pietranera começava a ser para ele a opinião do mundo. Devia vingar-se, sob pena de passar por um covarde. Mas de quem vingar-se?

Não podia acreditar os Barricini culpados de morte. Eram eles, na verdade, os inimigos da sua família, mas só os preconceitos grosseiros de seus compatriotas lhes poderiam imputar um assassinato. Algumas vezes olhava o talismã de miss Nevil e repetia baixinho a divisa: "A vida é um combate!" Afinal disse consigo, em tom resolutivo: "Desse combate eu sairei vencedor!" A este bom pensamento, ergueu-se e, tomando o lampião, ia subir para o quarto quando bateram à porta da rua. A hora era insólita para uma visita. Colomba apareceu em seguida, acompanhada da mulher que os servia.

– Não é nada – disse ela, correndo à porta.

No entanto, antes de abrir, perguntou quem batia. Uma voz suave respondeu:

– Sou eu.

Logo foi retirada a tranca da porta e Colomba reapareceu na sala de jantar com uma menina de cerca de dez anos, pés descalços, esfarrapada, um miserável lenço à cabeça, debaixo do qual se escapavam longas mechas de cabelos, negros como asa de corvo. A criança era magra, pálida, de pele curtida pelo sol; mas nos seus olhos brilhava o fulgor da inteligência. Ao avistar Orso, parou timidamente e fez-lhe uma reverência à moda campônia. Depois

falou baixo a Colomba e lhe pôs entre as mãos um faisão recém-morto.

– Obrigada, Chili – disse Colomba. – Agradece a teu tio. Ele vai passando bem?

– Muito bem, senhorita, para servi-la. Não pude vir mais cedo, porque ele demorou muito. Fiquei três horas no mato a esperá-lo.

– E não jantaste?

– Não, senhorita. Não tive tempo.

– Bem, vais jantar aqui. E teu tio ainda tem pão?

– Pouco, senhorita; mas é principalmente pólvora que lhe falta.

– Vou dar-te um pão e pólvora para ele. Dize-lhe que a poupe, pois está cara.

– Colomba – perguntou Orso, em francês –, a quem estás fazendo caridade?

– A um pobre bandido desta aldeia – respondeu Colomba na mesma língua. – Essa pequena é sobrinha dele.

– Parece-me que poderias aplicar melhor os teus benefícios. Por que mandar pólvora a um malandro que se servirá dela para cometer crimes? Se não fosse essa deplorável fraqueza que todo o mundo parece ter aqui para com os bandidos, há muito tempo que eles teriam desaparecido da Córsega.

– Os piores da nossa terra não são os que estão na campanha.²⁰⁰

– Dá-lhe pão, se quiseres; não se deve recusá-lo a ninguém; mas não compreendo que se lhe forneça munição.

– Meu irmão – disse Colomba num tom grave –, tu aqui és o senhor e tudo nesta casa te pertence; mas digo-te que prefiro dar o meu *mezzaro* a essa menina, para que o venda, a recusar pólvora a um bandido. Recusar-lhe pólvora! Mas é o mesmo que entregá-lo aos gendarmes. Que proteção tem o pobre contra eles, a não ser os seus cartuchos?

Enquanto isto, a menina devorava avidamente um pedaço de pão e olhava atentamente ora para Colomba, ora para Orso, procurando adivinhar em seus olhos o sentido do que diziam.

– E que fez afinal o teu bandido? Por que crime se meteu ele no mato?

– Brandulaccio não cometeu crime – exclamou Colomba. – Matou Giovan’ Opizzo, que assassinou o seu pai enquanto ele servia no Exército.

Orso virou o rosto, pegou o lampião, e, sem responder, subiu para o quarto. Então Colomba deu pólvora e provisões à menina e a conduziu até à porta, repetindo-lhe:

– E principalmente que o teu tio cuide bem de Orso!

XI.

Orso levou muito tempo para adormecer e, por conseguinte, despertou muito tarde, pelo menos para um corso. Mal se levantou, a primeira coisa em que deu com os olhos foi a casa de seus inimigos e as *archere* que eles acabavam de armar. Desceu e mandou chamar a irmã.

– Ela está na cozinha, fundindo balas – respondeu-lhe a criada Saveria.

Assim, não podia ele dar um passo sem ser perseguido pela imagem da guerra.

Achou Colomba sentada num mocho, cercada de balas recém-fundidas, e cortando os fios de chumbo.

– Que diabo estás fazendo? – perguntou-lhe o irmão.

– Não tinhas balas para o fuzil do coronel – respondeu ela com sua voz suave. – Achei um molde de calibre, de modo que terás hoje vinte e quatro cartuchos.

– Não tenho necessidade deles, graças a Deus.

– Não convém estar desprevenido, Ors’ Anton’. Esqueces a tua terra e a gente que te cerca.

– Ainda que os esquecesse, não deixarias de mos lembrar. Não chegou uma grande mala há alguns dias?

– Sim, irmão. Queres que eu a carregue para o teu quarto?

– Tu, carregá-la! Mas não terias forças para erguê-la. Não há aqui algum homem para isso?

– Eu não sou tão fraca como pensas – disse Colomba, arregaçando as mangas e descobrindo um braço branco e roliço, perfeito de forma, mas que anunciava uma força pouco comum. – Vamos, Saveria – disse ela à criada –, ajuda-me.

Já erguia sozinha o pesado fardo, quando Orso se apressou em ajudá-la.

– Há nesta mala, minha querida Colomba, alguma coisa para ti. Tu me desculparás se te faço tão pobres presentes, mas a bolsa de um tenente a meio soldo não é muito bem guarnecida.

Assim falando, abria a mala e retirava alguns vestidos, um xale e outros objetos próprios para uma moça.

– Que lindas coisas! – exclamou Colomba. – Vou logo guardá-las para que não se estraguem. E as reservarei para o meu casamento – acrescentou, com um sorriso triste –, pois agora estou de luto.

E beijou a mão de Orso.

– Não deixa de ser uma afetação, minha irmã, conservar luto por tanto tempo.

– Jurei-o – disse Colomba, num tom firme. – Não tirarei o luto... E fitava, pela janela, a casa dos Barricini:

– Senão no dia em que te casares? – disse Orso, procurando evitar o fim da frase.

– Não me casarei – disse Colomba – senão com um homem que tenha feito três coisas...

E continuava a fitar com um ar sinistro a casa inimiga.

– Bonita como és, Colomba, espanta-me que ainda não estejas casada. Bem, vais dizer-me quem é que te faz a corte. De resto, ouvirei ainda muitas serenatas. É preciso que sejam muito lindas para agradarem a uma grande *voceratrice* como tu.

– Quem vai querer uma pobre órfã? E, depois, o homem que me fizer tirar o luto fará as mulheres dali botarem luto...

“Isto já é loucura”, pensou Orso.

Mas nada respondeu, para evitar discussões.

– Meu irmão – disse Colomba num tom de meiguice –, tenho também alguma coisa para oferecer-te. As roupas que tens são muito finas para esta terra. O teu lindo redingote estaria em farrapos ao cabo de dois dias, se o usasses no mato. Deves guardá-lo para quando chegar miss Nevil.

Depois retirou de um armário um traje completo de caçador.

– Fiz-te um casaco de veludo, e eis aqui um gorro como o usam os nossos elegantes; bordei-o para ti há muito tempo. Queres experimentá-lo?

E fazia-o envergar um longo casaco de veludo verde, com um enorme bolso. Punha-lhe na cabeça um gorro pontiagudo de veludo negro, bordado a azeviche e seda da mesma cor e terminado por uma espécie de borla.

– Eis aqui a cartucheira de nosso pai – disse ela. – O seu punhal está no bolso do casaco. Vou buscar a pistola.

– Tenho o aspecto de um verdadeiro bandido do Ambigu-Comique²⁰¹ – dizia Orso consigo, olhando-se em um pequeno espelho que lhe apresentava Saveria.

– Como lhe assenta bem, Ors' Anton' – dizia a velha criada –, e o mais belo *pontudo*²⁰² de Bocognano ou de Bastelica não é mais galante.

Orso almoçou com o seu novo vestuário e, durante a refeição, disse à irmã que trazia na mala certo número de livros; que tencionava mandar buscar mais livros da França e da Itália e fazê-la estudar bastante.

– Pois é vergonhoso, Colomba – acrescentou ele –, que uma moça como tu ainda não saiba coisas que, no continente, as crianças aprendem logo que largam o peito.

– Tens razão – dizia Colomba –, bem sei o que me falta, e não quero coisa melhor senão estudar, principalmente se quiseres dar-me lições.

Passaram-se alguns dias sem que Colomba pronunciasse o nome dos Barricini. Andava sempre atendendo ao irmão e falava-lhe

seguidamente de miss Nevil. Orso fazia-a ler obras francesas e italianas, e ficava espantado, ora da justeza e bom senso de suas observações, ora de sua profunda ignorância das coisas mais vulgares.

Certa manhã, depois de almoçar, Colomba saiu por um instante e, em vez de voltar com um livro e papel, apareceu com o seu *mezzaro* na cabeça. O seu ar era ainda mais sério que de costume.

– Meu irmão – disse ela –, vou pedir-te que saias comigo.

– Aonde queres que te acompanhe? – perguntou Orso, oferecendo-lhe o braço.

– Não tenho necessidade de teu braço, meu irmão, mas toma o teu fuzil e os teus cartuchos. Um homem nunca deve sair sem armas.

– Bem, bem! É preciso conformar-se com a moda. Aonde vamos?

Colomba, sem responder, cerrou o *mezzaro* em torno da cabeça, chamou o cão de guarda e saiu, acompanhada do irmão. Afastando-se a largos passos da aldeia, tomou um caminho que serpenteava entre as vinhas, depois de ter enviado o cão à sua frente, ao qual fez um sinal que ele parecia conhecer muito bem, pois logo se pôs a correr em zigue-zague, sempre a uns cinquenta passos da sua dona, e parando algumas vezes no meio do caminho, para olhá-la, movendo a cauda. Parecia desincumbir-se perfeitamente das suas funções de batedor.

– Se Muschetto ladrar, meu irmão, arma o teu fuzil e fica imóvel.

A meia milha da aldeia, depois de muitas voltas, Colomba parou de súbito num lugar onde o caminho fazia cotovelo. Ali se erguia uma pequena pirâmide de ramos, uns verdes, outros secos, amontoados a uma altura de cerca de três pés. No cimo, emergia a extremidade de uma cruz de madeira, pintada de preto. Em vários cantões da Córsega, principalmente nas montanhas, um uso antiquíssimo, e que talvez se ligue às superstições do paganismo, obriga os passantes a lançarem uma pedra ou um ramo sobre o local onde um homem pereceu de morte violenta. Durante longos anos, enquanto a lembrança de seu fim trágico permanece na memória

dos homens, vai-se acumulando de dia para dia essa singular oferenda. Chama-se a isso o *monte*, o *mucchio* de fulano.

Colomba parou diante daquele monte de folhagens e, arrancando um ramo de medronho, acrescentou-o à pirâmide.

– Orso – disse ela –, aqui é que nosso pai foi morto. Rezemos por sua alma, meu irmão!

E ajoelhou-se. Orso imitou-a em seguida. Naquele instante, o sino da aldeia tocou lentamente, pois morrera um homem na noite passada. Orso rompeu em pranto.

Passados alguns minutos, Colomba ergueu-se, de olhos secos, mas com a fisionomia animada. Fez às pressas, com o polegar, o sinal da cruz familiar a seus compatriotas e que geralmente acompanha os seus juramentos solenes; depois, arrastando o irmão, retomou o caminho da aldeia. Entraram em casa sem dizer palavra. Orso subiu para o quarto. Um instante depois, Colomba foi ter com ele, levando uma caixa que colocou sobre a mesa. Abriu-a e retirou dela uma camisa coberta de grandes manchas de sangue.

– É a camisa de teu pai, Orso.

E lançou-a sobre os seus joelhos.

– Aqui estão as balas que o mataram.

E pousou sobre a camisa duas balas oxidadas.

– Orso, meu irmão! – gritou ela, precipitando-se em seus braços e apertando-o com força. – Orso! Tu o vingarás.

Abraçou-o com uma espécie de furor, beijou as balas e a camisa, e saiu do quarto, deixando o irmão como que petrificado em sua cadeira.

Orso permaneceu imóvel algum tempo, sem se atrever a afastar de si aquelas terríveis relíquias. Afinal, fazendo um esforço, guardou-as na caixa e correu à outra extremidade do quarto, lançando-se sobre o leito, com a cabeça voltada para a parede e mergulhada nos travesseiros, como se quisesse furtar-se à vista de um espectro. As últimas palavras da irmã ecoavam sem cessar em seus ouvidos, e parecia-lhe ouvir um oráculo fatal, inevitável, que lhe pedia sangue, e sangue inocente.

Não tentarei descrever as sensações do desgraçado jovem, tão confusas como as que agitam a cabeça de um louco. Enfim se ergueu, fechou a caixa e saiu precipitadamente de casa, percorrendo o campo e marchando para a frente sem saber aonde ia.

Pouco a pouco, o ar fresco o aliviou; ficou mais calmo e examinou com algum sangue-frio a sua situação e os meios de sair dela. Como se sabe, não suspeitava os Barricini de morte; mas acusava-os de haverem forjado a carta do bandido Agostini; e essa carta, pelo menos assim o supunha, havia causado a morte de seu pai. Perseguiu-os como falsários, sentia que era impossível. Por vezes, se os preconceitos ou os instintos de sua terra voltavam a assaltá-lo, apresentando-lhe uma vingança fácil na volta de um caminho, afastava-os com horror, pensando em seus camaradas de regimento, nos salões de Paris, e sobretudo em miss Nevil. Depois, pensava nas censuras da irmã, e o que restava de curso em seu caráter justificava essas censuras e tornava-as mais pungentes. Uma só esperança lhe restava nesse combate entre a sua consciência e os seus preconceitos: era travar disputa, sob qualquer pretexto, com um dos filhos do advogado, e bater-se com ele em duelo. Matá-lo com uma bala ou uma estocada conciliava suas ideias corsas e suas ideias francesas. Aceito o expediente, e meditando os meios de execução, já se sentia aliviado de um grande peso, quando outros pensamentos mais suaves vieram contribuir para acalmar a sua agitação febril. Cícero, desesperado com a morte de sua filha Túlia, esqueceu a própria dor repassando na mente todas as belas coisas que poderia dizer a respeito. Discorrendo da mesma forma sobre a vida e a morte, o sr. Shandy²⁰³ consolou-se da perda do filho. Orso refrescou o sangue pensando que poderia esboçar, para miss Nevil, um quadro de seu estado d'alma, quadro que não deixaria de interessar fortemente aquela formosa criatura.

Aproximava-se da aldeia, da qual se afastara muito sem o notar, quando ouviu a voz de uma menina que cantava, sem dúvida julgando-se sozinha, em um caminho à beira do mato. Era essa toada lenta e monótona consagrada às lamentações fúnebres, e a

criança cantava: “Para o meu filho, em terra distante,/guardai minha cruz, minha camisa ensanguentada...”

– Que estás cantando? – disse Orso num tom colérico, surgindo de súbito.

– É o sr. Ors’ Anton’! – exclamou a criança, um pouco assustada.
– É uma canção da srta. Colomba.

– Proíbo-te que a cantes! – disse Orso, com voz terrível.

A criança, voltando a cabeça para a direita e a esquerda, parecia procurar para que lado poderia fugir, e sem dúvida o teria feito se não a detivesse o cuidado de guardar um grande pacote que se via na relva, a seus pés.

Orso teve vergonha da sua violência.

– Que tens aí, minha pequena? – perguntou-lhe ele o mais suavemente que pôde.

E como Chilina hesitasse em responder, Orso abriu a trouxa e viu que continha um pão e outras provisões.

– A quemavas esse pão, garota?

– O senhor bem sabe: é para o meu tio.

– E o teu tio não é bandido?

– Para servi-lo, sr. Ors’ Anton’.

– Se os gendarmes te encontrassem haviam de perguntar-te aonde ias...

– Eu lhes diria – respondeu a menina sem hesitar – que levo de comer aos luquenses²⁰⁴ que estão cortando lenha.

– E se encontrasses algum caçador esfaimado que quisesse jantar à tua custa e tomar as tuas provisões?...

– Ninguém se atreveria. Eu diria que era para o meu tio.

– Com efeito, ele não é homem que deixe lhe tirarem o jantar... E o teu tio te quer muito?

– Oh! Sim, Ors’ Anton’. Desde que papai morreu, é ele quem cuida da família: de minha mãe, de mim, e de minha irmã menor. Antes de mamãe adoecer, ele a recomendava aos ricos, para que lhe dessem trabalho. O *maire* me dá um vestido todos os anos; e o cura

me ensina catecismo, e a ler, depois que meu tio lhe falou. Mas é principalmente a sua irmã Colomba que é muito boa para nós.

Naquele momento, apareceu um cão no caminho. A pequena, levando dois dedos à boca, fez ouvir um assobio agudo: imediatamente o cão veio a seu encontro, fazendo-lhe festas, depois mergulhou bruscamente no mato. E logo dois homens malvestidos, mas bem armados, ergueram-se atrás de umas macegas, a alguns passos de Orso. Dir-se-ia que tinham rastejado como cobras, em meio do emaranhado de cistos e mirtos que cobria o terreno.

– Oh! Ors' Anton', seja bem-vindo – disse o mais velho dos homens. – Como! Não me reconhece?

– Não – disse Orso, olhando-o fixamente.

– É engraçado como uma barba e um gorro mudam um homem! Vamos, meu tenente, olhe bem. Esqueceu então os veteranos de Waterloo? Não se lembra mais de Brando Savelli, que mordeu mais de um cartucho a seu lado, naquele dia de desgraça?

– Como! És tu? – exclamou Orso. – E desertaste em 1816!

– É como diz, meu tenente. Que diabo! O serviço aborrece, e depois, eu tinha uma conta a ajustar nesta terra. Ah! Ah! Chili, és uma boa menina. Servenos depressa, pois estamos com fome. O senhor não imagina, meu tenente, como se tem fome no mato. Quem é que nos envia isto, a srta. Colomba ou o *maire*?

– Não, meu tio; foi a moleira quem me entregou isto para o senhor e uma coberta para mamãe.

– Que quer ela de mim?

– Diz ela que os luquenses com quem contratou o serviço no mato pedem agora trinta e cinco *sous*²⁰⁵ e as castanhas, por causa da febre que há nos baixos de Pietranera.

– Os malandros!... Vou dar um jeito. Nada de cerimônias, meu tenente; não quer jantar conosco? Já fizemos juntos refeições muito piores, no tempo do nosso pobre patrício, que reformaram.

– Agradecido. A mim também me reformaram.

– Sim, ouvi dizer; mas aposto que o senhor não se incomodou muito. Questão de ajustar as suas contas, também. Para a mesa, sr.

cura! – disse o bandido a seu camarada. – Sr. Orso, apresento-lhe o sr. cura, isto é, não sei bem se ele é cura mesmo, mas que tem toda a ciência de um frade, isso eu garanto.

– Um pobre estudante de teologia, meu senhor – disse o segundo bandido –, a quem impediram de seguir a sua vocação. Quem sabe se eu não teria chegado a papa, Brandolaccio!

– Que causa privou então a Igreja das suas luzes? – perguntou Orso.

– Um nada, uma continha a ajustar, como diz o meu amigo Brandolaccio, uma de minhas irmãs que andou fazendo loucuras enquanto eu devorava calhamaços na Universidade de Pisa. Tive de voltar à nossa terra para casá-la. Mas o futuro, muito apressado, morre de febre três dias antes da minha chegada. Dirijo-me então, como faria o senhor em meu lugar, ao irmão do defunto. Dizem-me que ele era casado. Que fazer?

– A situação era embaraçosa, com efeito. Que fez o senhor?

– É em casos desses que é preciso fazer sair lasca.²⁰⁶

– Quer dizer que...

– Meti-lhe uma bala na cabeça – disse friamente o bandido.

Orso fez um gesto de horror. Mas a curiosidade e talvez também o desejo de retardar o momento em que deveria voltar para casa fizeram com que permanecesse onde estava, continuando a conversação com aqueles dois homens, cada um dos quais tinha pelo menos um assassinato na consciência.

Enquanto o camarada falava, Brandolaccio punha na sua frente pão e carne; serviu-se, depois deu uma ração a seu cachorro, que apresentou a Orso sob o nome de Brusco, e como dotado do maravilhoso instinto de reconhecer um atirador sob qualquer disfarce. Cortou enfim um pedaço de pão e uma fatia de presunto cru, que deu à sobrinha.

– Que bela a vida de bandido! – exclamou o estudante de teologia, depois de comer alguns bocados. – Talvez o senhor ainda a experimente um dia, e verá como é bom não conhecer outro amo senão o próprio capricho.

Até então, o bandido expressara-se em italiano; prosseguiu em francês:

– A Córsega não é terra muito divertida para um jovem; mas para um bandido, que diferença! As mulheres são loucas por nós. Aqui como me vê, tenho três amantes em três cantões diferentes. Em toda parte estou em casa. E há uma que é mulher de um gendarme.

– Vejo que sabe muitas línguas – disse Orso num tom grave.

– Se estou falando em francês, é que, como bem compreende o senhor, *maxima debetur pueris reverentia*.²⁰⁷ Pretendemos, Brandolaccio e eu, que a pequena tenha juízo e se encaminhe na vida.

– Quando ela chegar aos quinze anos – disse o tio de Chilina –, hei de casá-la bem. Já tenho um partido em vista.

– És tu que farás o pedido? – perguntou Orso.

– Por certo. Se eu digo a um rico cá da terra: “Eu, Brando Savelli, teria muito gosto no casamento de seu filho com Miguelina Savelli”, acredita o senhor que ele se fará de surdo?

– Eu não o aconselharia – disse o outro bandido. – O camarada tem a mão um pouco pesada.

– Se eu fosse um velhaco – prosseguiu Brandolaccio –, um canalha, um explorador, não teria mais que abrir a minha bolsa, para nela chover moeda grossa.

– Tem a tua bolsa alguma coisa que atraia o dinheiro?

– Nada; mas se eu escrevesse a um rico, como há gente que o faz: “Tenho necessidade de cem francos”, ele se apressaria em mos enviar. Mas eu sou um homem honrado, meu tenente.

– Não sabe, sr. Della Rebbia – disse o bandido a quem seu camarada chamava de cura –, não sabe que nesta terra de costumes simples há no entanto alguns miseráveis que se aproveitam da estima que inspiramos por meio de nossos passaportes (e mostrava o fuzil) para sacar letras de câmbio, falsificando a nossa assinatura?

– Sei – disse Orso num tom brusco. – Mas que letras de câmbio?

– Há seis meses – continuou o bandido –, passeava eu pelas bandas de Orezza, quando veio a mim um maroto que de longe me tira o chapéu e diz: “Ah! Sr. cura (todos me chamam assim), queira desculpar-me, conceda-me um prazo; só consegui cinquenta e cinco francos; palavra que foi tudo o que consegui reunir.” E eu, surpreso: “Que me dizes, patife? Cinquenta e cinco francos?” “Quero dizer sessenta e cinco”, respondeu ele, “mas, quanto aos cem que o senhor me pede, é impossível.” “Como, seu pulha! Eu te peço cem francos! Nem te conheço!” Então ele me entrega uma carta, ou antes, um farrapo imundo, em que o convidavam a depositar cem francos num local indicado, sob pena de ver sua casa queimada e suas vacas mortas por Giocanto Castriconi, que é o meu nome. E tinham cometido a infâmia de falsificar minha assinatura! O que mais me picou é que a carta estava escrita em jargão e cheia de erros de ortografia... Eu, cometer erros de ortografia! Eu que tinha todos os prêmios da universidade! Começo por dar ao imbecil uma bofetada que o faz dar duas voltas sobre si mesmo. “Então, peste, então tu me tomas por um ladrão?”, e dou-lhe um bom pontapé no lugar que o senhor sabe. Um pouco aliviado, pergunto-lhe: “Quando deves levar esse dinheiro ao lugar designado?” “Hoje mesmo.” “Bem! Vai levá-lo.” Era ao pé de um pinheiro, e o lugar estava perfeitamente indicado. Ele leva o dinheiro, enterra-o ao pé da árvore, e vem a meu encontro. Eu me emboscara nas cercanias. Ali fiquei com o meu homem durante seis longas horas. Sr. Della Rebbia, eu teria ficado três dias, se fosse preciso. Ao cabo de seis horas, aparece um *bastiaccio*,²⁰⁸ um infame usurário. Ele abaixa-se para apanhar o dinheiro, eu faço fogo, e tinha feito tão boa mira que a sua cabeça tombou sobre os escudos que ele desenterrava. “Agora, seu patife!”, disse eu ao campônio, “toma o teu dinheiro, e nunca mais te lembres de suspeitar Giocanto Castriconi de uma baixeza.” O pobre-diabo, todo trêmulo, agarrou os seus sessenta e cinco francos, sem se dar ao trabalho de os enxugar do sangue. Agradeceu-me, dou-lhe então um bom pontapé de despedida, e ele ainda corre.

– Ah! Meu cura – disse Brandolaccio –, como te invejo esse golpe! Como não deves ter rido, hein?

– Eu tinha atingido o *bastiaccio* na têmpera – continuou o bandido –, o que me fez lembrar estes versos de Virgílio: “... *Liquefacto tempora plumbo/Diffidit, ac multa porrectum extendit arena.*”²⁰⁹ *Liquefacto!* Acredita, sr. Orso, que uma bala de chumbo possa fundir-se devido à rapidez de sua trajetória? O senhor, que estudou balística, poderia dizer-me se se trata de um erro ou de uma verdade...

Orso preferia discutir essa questão de física a argumentar com o licenciado sobre a moralidade de sua ação. Brandolaccio, a quem aquela dissertação científica não divertia nada, interrompeu-o para observar que já ia anoitecer.

– Já que não quis jantar conosco, Ors’ Anton’ – disse-lhe ele –, aconselho-o a que não faça a srta. Colomba esperar muito. E ademais, não é bom andar pelas estradas depois que anoitece. Por que sai sem fuzil? Há gente má nestas redondezas; tome cuidado. Hoje nada tem a temer; os Barricini hospedam hoje o prefeito; foram encontrá-lo no caminho, e ele se demora um dia em Pietranera antes de ir colocar em Corte uma pedra fundamental, como se diz..., uma tolice! Pousa esta noite em casa dos Barricini, mas amanhã eles estarão livres. Há Vincentello, que é um mau sujeito, e Orlanduccio, que não vale mais que o outro... Trate de os encontrar em separado, hoje um, amanhã o outro; mas muito cuidado, é só o que lhe digo.

– Obrigado pelo conselho – disse Orso –, mas não tenho nada a discutir com eles; até que venham procurar-me, nada tenho que lhes dizer.

O bandido estalou a língua com ar irônico, mas não respondeu nada. Orso erguia-se para partir:

– A propósito – disse Brandolaccio –, ainda não lhe agradei a sua pólvora; veio muito a propósito. Agora nada me falta..., isto é, ainda me faltam sapatos..., mas qualquer dia destes fabricarei uns com o couro de um cabrito-montês.

Orso deslizou duas moedas de cinco francos para a mão do bandido.

– Foi Colomba quem te mandou a pólvora; aqui tens para os sapatos.

– Nada de bobagens, meu tenente! – exclamou Brandolaccio, devolvendo-lhe as moedas. – Será que me toma por um mendigo? Aceito o pão e a pólvora, mas não quero nada mais.

– Entre velhos soldados, eu pensava que a gente poderia ajudar-se... Adeus, então!

Mas, antes de partir, pusera o dinheiro na bolsa do bandido, sem que este o notasse.

– Adeus, Ors' Anton'! – disse o teólogo. – Talvez nos encontremos qualquer dia destes no mato, e então continuaremos os nossos estudos sobre Virgílio.

Fazia um quarto de hora que Orso deixara os seus honestos companheiros, quando ouviu um homem que corria a toda, em seu encalço. Era Brandolaccio.

– Não! Esta é um pouco forte, meu tenente – exclamou ele, esbaforido –, é um pouco forte demais! Aqui estão os seus dez francos. Se se tratasse de um outro, eu não deixaria passar a brincadeira. Muitos recados meus à srta. Colomba. O senhor me deixou sem fôlego! Boa noite.

XII.

Orso encontrou Colomba um pouco alarmada com a sua longa ausência; mas, ao vê-lo, retomou aquele ar de triste serenidade que era sua expressão habitual. Durante o jantar, só falaram de coisas indiferentes, e Orso, encorajado pelo ar calmo da irmã, contou o seu encontro com os bandidos, e chegou a arriscar alguns gracejos sobre a educação moral e religiosa que recebia a pequena Chilina com os cuidados do tio e do seu digno colega, o sr. Castriconi.

– Brandolaccio é um homem honrado – asseverou Colomba –, mas, quanto a Castriconi, ouvi dizer que era um homem sem

princípios.

– Creio – disse Orso – que vale tanto quanto Brandolaccio, e Brandolaccio tanto quanto ele. Um e outro estão em guerra aberta contra a sociedade. Um crime arrasta cada dia a novos crimes, e no entanto não são talvez tão culpados como muita gente que não está no mato.

Um clarão de alegria iluminou a face da irmã.

– Sim – prosseguiu Orso –, esses miseráveis têm honra à sua maneira. Foi um preconceito cruel, e não uma baixa cupidez, que os lançou na vida que levam.

Houve um momento de silêncio.

– Meu irmão – disse Colomba, servindo-lhe o café –, não sabes que Carlos Batista Pietri morreu na noite passada? Sim, morreu de febre palustre.

– Quem é esse Pietri?

– É um homem deste burgo, marido de Madalena, a que recebeu a caderneta de nosso pai moribundo. Sua viúva veio pedir-me para comparecer ao velório e cantar alguma coisa. Convém que também vás. São nossos vizinhos, e é uma polidez que não podemos dispensar em um lugar pequeno como o nosso.

– Para o diabo o teu velório, Colomba! Não gosto de ver a minha irmã oferecer-se assim em espetáculo ao público.

– Orso – respondeu Colomba –, cada qual honra seus mortos à sua maneira. A *ballata* nos vem de nossos avós, e devemos respeitá-la como um costume antigo. Madalena não tem o dom, e a velha Fiordispina, que é a melhor *voceratrice* da região, está doente. É preciso alguém para a *ballata*.

– Achas que Carlos Batista não encontrará seu caminho no outro mundo se não cantarem maus versos diante de seu cadáver? Vai ao velório, se quiseres, Colomba; irei contigo, se julgas que eu deva ir, mas não improvises; isso é inconveniente para a tua idade, e... é um pedido que eu te faço, minha irmã.

– Eu prometi, irmão. Bem sabes que é o costume aqui e, repito-te, não há outra pessoa senão eu para improvisar.

– Tolo costume!

– Até sofro muito quando canto. Faz-me lembrar todas as minhas desgraças. Amanhã sei que estarei doente; mas é preciso. Permite, irmão. Lembra-te de que em Ajácio me mandaste improvisar para divertir aquela moça inglesa que não leva a sério os nossos velhos costumes. Não poderei então improvisar hoje para uma pobre gente que me ficará grata por isso, e quando o meu canto lhes ajudará a suportar a dor?

– Bem! Faze o que quiseres. Aposto que já compuseste a tua *ballata* e não queres perdê-la.

– Não, eu não poderia compô-la previamente, meu irmão. Coloque-me diante do morto, e penso nos que ficam. As lágrimas me sobem aos olhos e então eu canto o que me vem à mente.

E tudo isso foi dito com tal simplicidade que era impossível atribuir o mínimo amor-próprio literário à *signora* Colomba. Orso afinal cedeu e dirigiu-se com a irmã à casa de Pietri. O morto jazia sobre uma mesa, com o rosto descoberto, na maior peça da casa. Portas e janelas estavam abertas, e vários círios ardiam em torno da mesa. À cabeceira do morto, mantinha-se a viúva; atrás dela, inúmeras mulheres ocupavam todo um lado da sala; do outro, estavam os homens, de pé, cabeça descoberta, olhos fixos no cadáver, observando profundo silêncio. Cada recém-chegado aproximava-se da mesa, beijava o morto,²¹⁰ fazia um aceno de cabeça para a viúva e o filho, e depois tomava lugar no círculo, sem proferir palavra. De tempos em tempos, contudo, um dos assistentes rompia o silêncio solene para dirigir algumas palavras ao defunto. “Por que deixaste a tua boa mulher”, dizia uma comadre. “Não cuidava bem de ti? Que te faltava? Por que não esperar mais um mês? A tua nora te daria um neto...”

Um rapagão, o filho de Pietri, apertando a mão fria do pai, exclamou: “Oh! Por que não morreste da *malemort*?²¹¹ Nós te vingariamos!”

Foram as primeiras palavras que Orso ouviu ao entrar. À sua vista, o círculo abriu-se, e um surdo murmúrio de curiosidade anunciou a expectativa da assembleia excitada com a presença da *voceratrice*.

Colomba beijou a viúva, tomou uma de suas mãos e permaneceu alguns minutos recolhida e de olhos baixos. Depois jogou o *mezzaro* para trás, olhou fixamente o morto, e, inclinando-se sobre aquele cadáver, quase tão pálida como ele, assim começou:

Carlos Batista! O Cristo receba tua alma!/ Viver é sofrer./ Tu vais para um lugar/ onde não há sol nem frio./ Não tens mais necessidade da tua foice e da tua enxada./ Não há mais trabalho para ti./ Agora todos os teus dias são domingos./ Carlos Batista, que o Cristo guarde a tua alma!/ Teu filho governa a casa./ Eu vi tombar o carvalho/ ressequido pelo *libeccio*.²¹²/ Julguei que estivesse morto./ Tornei a passar, e suas raízes/ tinham lançado um rebento./ O rebento tornou-se um carvalho/ de vasta sombra./ Sob os seus fortes galhos, descansa, Maddelé,/ e pensa no carvalho que não mais existe.

Nesse ponto, Madalena começou a soluçar alto, e dois ou três homens, que, na primeira ocasião, teriam atirado sobre cristãos com tanto sangue-frio como se alvejassem perdizes, puseram-se a enxugar grossas lágrimas em suas faces bronzeadas.

Colomba assim continuou durante algum tempo, dirigindo-se ora ao defunto, ora à sua família, ou então, por uma prosopopeia frequente nas *ballate*, fazendo falar o próprio morto, para consolar a seus amigos ou lhes dar conselhos. À medida que improvisava, o seu rosto tomava uma expressão sublime, sua tez se coloria de um róseo translúcido que lhe ressaltava o brilho dos dentes e o fulgor das pupilas dilatadas. Era a pitonisa na sua trípode. Salvo alguns suspiros, alguns soluços abafados, não se ouvia o mais leve murmúrio na multidão que se premia em torno dela. Embora menos acessível que qualquer outro àquela poesia selvagem, Orso logo se sentiu atingido pela emoção geral. Retirado para um canto da sala, chorou como chorava o filho de Pietri.

De súbito, fez-se um ligeiro movimento na assistência: o círculo abriu-se, e entraram vários estranhos. Pelo respeito que lhes demonstravam, pela solicitude em lhes dar lugar, era evidente que se tratava de gente de importância, cuja visita honrava singularmente a casa. No entanto, por respeito à *ballata*, ninguém lhes dirigiu a palavra. O que entrara primeiro parecia ter cerca de

quarenta anos. Sua casaca, a roseta da Legião de Honra, seu ar de autoridade e segurança, faziam logo adivinhar o prefeito. Atrás dele vinha um velho curvado, de tez biliosa, que mal ocultava sob as lunetas verdes um ar tímido e inquieto. Tinha uma casaca muito larga para o seu corpo e que, embora ainda nova, denotava ter sido feita vários anos antes. Sempre ao lado do prefeito, dir-se-ia que procurava ocultar-se à sua sombra. Enfim, depois dele, entraram dois jovens de elevada estatura, a pele queimada do sol, as faces recobertas de bastas suíças, o olhar altivo, arrogante, demonstrando uma impertinente curiosidade. Orso tivera tempo de sobra para esquecer a fisionomia dos habitantes de sua aldeia; mas à vista do velho de lunetas verdes logo lhe despertou antigas recordações. Sua presença na companhia do prefeito bastava para fazê-lo reconhecer. Era o advogado Barricini, *maire* de Pietranera, que vinha, com seus dois filhos, oferecer ao prefeito o espetáculo de uma *ballata*. Seria difícil exprimir o que se passou, em tal instante, na alma de Orso, mas a presença do inimigo de seu pai causou-lhe uma espécie de horror, e ele sentiu-se, mais do que nunca, acessível às suspeitas que por tanto tempo combatera.

Quanto a Colomba, à vista do homem a quem tinha votado um ódio de morte, sua fisionomia móvel assumiu logo uma expressão sinistra. Empalideceu; sua voz tornou-se rouca, o verso começado lhe expirou nos lábios... Mas logo, recomeçando a *ballata*, prosseguiu com redobrada veemência:

Quando o gavião se lamenta/ ante o seu ninho vazio,/ os estorninhos voejam em torno,/ insultando a sua dor.

Ouviu-se, aqui, um riso abafado; eram os dois jovens recém-chegados, que achavam sem dúvida muito ousada a metáfora.

O gavião despertará, distenderá as asas,/ mergulhará o bico no sangue!/ E tu, Carlos Batista, que teus amigos/ te dirijam o último adeus./ Suas lágrimas já correram bastante./ E a pobre órfã não te chorará./ Por que te havia de chorar?/ Tu adormeceste, repleto de dias,/ no meio da tua família,/ preparado para comparecer/ perante o Todo-Poderoso./ A órfã chora a seu pai,/ surpreendido por assassinos covardes,/ golpeado pelas costas;/ a seu pai cujo

sangue é vermelho/ sob o monte de folhas verdes./ Mas a órfã recolheu o sangue,/ aquele sangue nobre e inocente;/ ela o esparziu sobre Pietranera,/ para que se tornasse um veneno mortal./ E Pietranera ficará manchada,/ até que um sangue culpado/ haja apagado os vestígios do sangue inocente.

Depois destas palavras, Colomba deixou-se cair sobre uma cadeira, puxou o *mezzaro* para a cabeça, e ouviram-na soluçar. As mulheres em pranto cercaram a improvisadora; vários homens lançavam olhares ferozes para o *maire* e seus filhos; alguns velhos murmuravam contra o escândalo que haviam eles ocasionado com a sua presença. O filho do defunto fendeu a multidão, e dispunha-se a pedir ao *maire* que se retirasse; mas este não esperara pelo convite. Alcançava a porta, e já seus dois filhos se achavam na rua. O prefeito dirigiu algumas condolências ao jovem Pietri e os seguiu quase em seguida. Quanto a Orso, aproximou-se da irmã, tomou-lhe o braço e levou-a para fora da sala.

– Acompanhem-nos – disse o jovem Pietri a alguns amigos seus.
– Tenham cuidado em que nada lhes aconteça.

Dois ou três rapazes puseram precipitadamente o punhal na manga esquerda do casaco e escoltaram Orso e a irmã até a porta de sua casa.

XIII.

Colomba, arquejante, exausta, não se achava em estado de pronunciar uma só palavra. Sua cabeça estava apoiada ao ombro do irmão, e tinha uma das mãos entre as dele. Embora intimamente reprovasse o final do improviso, Orso sentia-se muito alarmado para lhe dirigir a mínima censura. Esperava, em silêncio, pelo fim da crise nervosa que parecia tê-la acometido, quando bateram à porta e Saveria entrou, assustada, anunciando: “O sr. prefeito!” A este nome, Colomba ergueu-se, como que envergonhada da sua fraqueza, e manteve-se de pé, apoiada a uma cadeira que tremia visivelmente sob a sua mão.

O prefeito principiou com algumas desculpas banais pela hora indébita da visita, lamentou a srta. Colomba, falou do perigo das emoções fortes, censurou o costume das lamentações fúnebres que o próprio talento da *voceratrice* tornava ainda mais penosas para os assistentes; insinuou habilmente um leve reproche à tendência da última parte da *ballata*; e, por fim, mudando de tom:

– Sr. Della Rebbia, estou encarregado de muitos cumprimentos da parte dos seus amigos ingleses: miss Nevil envia lembranças à srta. sua irmã. Tenho uma carta dela para entregar ao senhor.

– Uma carta de miss Nevil? – exclamou Orso.

– Infelizmente não a trouxe comigo, mas o senhor a terá daqui a cinco minutos. O pai dela esteve doente. Receamos por um momento que ele houvesse apanhado as nossas terríveis febres. Felizmente, ei-lo fora de perigo, e o senhor o julgará por si mesmo, pois suponho que há de vê-lo em breve.

– Miss Nevil deve ter ficado muito aflita, não?

– Felizmente só soube do perigo depois que passou. Miss Nevil me falou muito no senhor e na srta. sua irmã.

Orso inclinou-se.

– Ela tem muita amizade a ambos. Sob um exterior cheio de graça, sob uma aparência de leviandade, miss Nevil oculta uma razão perfeita.

– É uma criatura encantadora – disse Orso.

– É quase que a pedido de miss Nevil que eu venho aqui, senhor. Ninguém conhece mais do que eu uma fatal história que não queria ser obrigado a recordar-lhe. Visto que o sr. Barricini é ainda *maire* de Pietranera, e eu, prefeito deste departamento, é escusado dizer-lhe que não dou crédito a certas suspeitas, que, se estou bem informado, lhe comunicaram alguns imprudentes, e que o senhor repeliu, bem sei, com a indignação que seria de esperar da sua posição e do seu caráter.

– Colomba – disse Orso, agitando-se na cadeira –, estás muito fatigada. Devias ir deitar-te.

Colomba fez um sinal negativo. Retomara a calma habitual e fixava os olhos ardentes no prefeito.

– O sr. Barricini – continuou o prefeito – desejaria ardentemente ver finda essa espécie de inimizade..., isto é, esse estado de incerteza em que se encontra cada um para com o outro... Da minha parte, ficaria encantado de vê-lo estabelecer com ele as relações que devem existir entre pessoas feitas para se estimarem.

– Senhor – interrompeu Orso com a voz alterada –, eu jamais acusei o advogado Barricini de haver assassinado a meu pai, mas esse homem cometeu uma ação que me impedirá sempre de manter quaisquer relações com ele. Inventou a história de uma carta ameaçadora, em nome de certo bandido... Pelo menos a atribuiu surdamente a meu pai... E essa carta, senhor, foi provavelmente a causa indireta da sua morte.

O prefeito refletiu um instante.

– Que o sr. seu pai o tenha crido, arrebatado pela vivacidade de seu caráter, quando pleiteava contra o sr. Barricini, é coisa escusável; mas, da parte do senhor, não é permissível tal cegueira... Queira considerar que Barricini não tinha interesse em forjicar essa carta... Já não lhe falo de seu caráter..., o senhor não o conhece, e está prevenido contra ele..., mas acredita então que um homem que conheça as leis...

– Mas considere, senhor – disse Orso, erguendo-se –, que dizer-me que essa carta não é obra do sr. Barricini é o mesmo que atribuí-la a meu pai. E sua honra, senhor, é a minha.

– Ninguém mais do que eu, senhor – prosseguiu o prefeito –, está convencido da honra do coronel Della Rebbia... mas... o autor dessa carta é conhecido agora.

– Quem? – exclamou Colomba, avançando para o prefeito.

– Um miserável, culpado de diversos crimes... desses crimes que os corsos não perdoam, um ladrão, um tal Tomaso Bianchi, agora detido nas prisões de Bastia, confessou que era ele o autor dessa carta fatal.

– Não conheço esse homem – disse Orso. – Com que fim teria feito tal coisa?

– É um homem desta região – disse Colomba –, irmão de um antigo moleiro nosso. É um pulha e um mentiroso, indigno de crédito.

– Já vai ver – continuou o prefeito – que interesse tinha ele no assunto. O moleiro de que fala a srta. sua irmã – chamava-se, creio eu, Teodoro – arrendava do coronel um moinho sobre o curso d'água cuja posse era contestada pelo sr. Barricini ao sr. seu pai. O coronel, generoso como de costume, não tirava quase nenhum proveito do seu moinho. Ora, Tomaso julgou que, se o velho Barricini obtivesse o curso d'água, teria de lhe pagar um considerável arrendamento, pois se sabe como o sr. Barricini é amigo do dinheiro. Em suma, para servir ao irmão, Tomaso falsificou a carta do bandido, e eis aí toda a história. Bem sabe que os laços de família são tão poderosos na Córsega que às vezes arrastam ao crime... Queira tomar conhecimento desta carta que me escreve o procurador-geral, e que confirmará o que lhe acabo de dizer.

Orso percorreu a carta, que relatava minuciosamente as confissões de Tomaso, enquanto Colomba a lia por cima do ombro do irmão.

Ao terminar a leitura, ela exclamou:

– Orlanduccio Barricini foi a Bastia, há um mês, quando soube que meu irmão ia voltar. Com certeza se avistou com Tomaso e comprou-lhe essa mentira.

– A senhorita – disse o prefeito, impaciente – explica tudo com suposições odiosas; é esse o meio de descobrir a verdade? O sr. tenente, que age de sangue-frio, diga-me o que pensa agora. Julga como a senhorita, que um homem que só tem a recear uma pena bastante leve possa arcar de bom grado com um crime de falsificação, para servir a uma pessoa a quem não conhece?

Orso releu a carta do procurador-geral, pesando cada palavra com extraordinária atenção; porque, depois que vira o advogado Barricini, se sentia mais difícil de convencer do que alguns dias

antes. Afinal se viu constrangido a confessar que a explicação lhe parecia satisfatória. Mas Colomba exclamou com veemência:

– Tomaso Bianchi é um velhaco. Ou não será condenado, ou escapará da prisão, estou certa disso.

O prefeito deu de ombros.

– Comuniquei-lhe, senhor, as informações que recebi. Retiro-me, e deixo-o com as suas reflexões. Espero que seja esclarecido pela sua razão e que esta seja mais poderosa do que as... suposições de sua irmã.

Orso, depois de algumas palavras para desculpar Colomba, repetiu que julgava agora que Tomaso era o único culpado.

O prefeito erguera-se para sair.

– Se não fosse tão tarde – disse ele –, eu lhe proporia que viesse comigo buscar a carta de miss Nevil... Na mesma ocasião, poderia o senhor dizer ao advogado Barricini o que acaba de me afirmar, e tudo estaria findo.

– Nunca Orso della Rebbia entrará em casa de um Barricini! – exclamou Colomba com impetuosidade.

– Ao que parece – disse o prefeito com ar zombeteiro –, a senhorita é o *tintinajo*²¹³ da família.

– O senhor está sendo enganado – disse Colomba com voz firme.
– O senhor não conhece o advogado Barricini. É o mais manhoso, o mais esperto dos homens. Conjuro-o, não obrigue Orso a uma ação que o cobriria de vergonha.

– Colomba! – exclamou Orso. – A paixão te faz delirar.

– Orso! Orso! Pela arca que te entreguei, eu te suplico, escuta-me. Entre os Barricini e ti, existe sangue; não irás à casa deles!

– Irmã!

– Não, meu irmão, não irás, ou eu deixarei esta casa, e nunca mais hás de ver-me... Orso, tem piedade de mim.

E tombou de joelhos.

– Estou desolado – disse o prefeito – de ver a srta. Della Rebbia tão pouco razoável. O senhor a convencerá, tenho certeza.

Entreabriu a porta e parou, parecendo esperar que Orso o acompanhasse.

– Não posso deixá-la agora... – disse Orso. – Amanhã, se...

– Eu parto muito cedo – observou o prefeito.

– Pelo menos, meu irmão – exclamou Colomba, de mãos juntas –, espera até amanhã de manhã. Deixa-me examinar os papéis de meu pai... Isso não me podes negar.

– Pois bem! Tu os verás esta noite, mas ao menos não te atormentarás depois com esse ódio extravagante... Mil perdões, sr. prefeito... Eu próprio me sinto tão pouco à vontade... É melhor que seja amanhã.

– A noite é boa conselheira – disse o prefeito, retirando-se –, espero que até amanhã hajam cessado todas as suas irresoluções.

– Saveria – ordenou Colomba –, toma a lanterna e acompanha o sr. prefeito. Ele te entregará uma carta para meu irmão.

E acrescentou algumas palavras que apenas Saveria pôde ouvir.

– Colomba – disse Orso, quando o prefeito partiu –, tu me afligiste muito. – Será que sempre te furtarás à evidência?

– Tu me deste um prazo até amanhã – respondeu ela. – É pouco, mas ainda tenho esperanças.

Apanhou depois um molho de chaves e correu a um quarto do andar superior. Ali, ouviram-na abrir gavetas, precipitadamente, e remexer numa secretária onde o coronel Della Rebbia encerrava outrora os seus papéis importantes.

XIV.

Saveria esteve muito tempo ausente, e a impaciência de Orso chegava ao auge quando ela afinal reapareceu, com uma carta, e acompanhada da pequena Chilina, que esfregava os olhos, pois fora despertada de seu primeiro sono.

– Que vem fazer aqui a estas horas, pequena? – indagou Orso.

– A senhorita me mandou chamar – respondeu Chilina.

– Que diabo quererá com ela? – pensou Orso; mas apressou-se em abrir a carta de miss Lydia, e, enquanto a lia, Chilina ia ter com a sua irmã.

Meu pai esteve um pouco doente, senhor, (dizia miss Nevil) e é aliás tão preguiçoso para escrever que sou obrigada a lhe servir de secretária. No outro dia, bem sabe que ele molhou os pés à beira-mar, em vez de admirar a paisagem conosco, e não é preciso mais para a gente apanhar febre em sua encantadora ilha. Vejo aqui a cara que o senhor está fazendo; procura sem dúvida o seu punhal, mas espero que não o tenha mais consigo. Meu pai teve, pois, um pouco de febre, e eu um susto muito grande; o prefeito, que persisto em achar muito amável, nos deu um médico muito amável também, que, em dois dias, nos tirou de cuidados: o acesso não reapareceu, e meu pai quer voltar à caça; mas eu ainda o proíbo. Como achou o seu castelo das montanhas? A sua torre do norte ainda está no mesmo lugar? Há mesmo fantasmas por lá? Pergunto-lhe tudo isso porque o meu pai ainda se lembra de que o senhor lhe prometeu gamos, javalis, cabritos-monteses... Não é assim o nome daquele animal estranho? Em caminho para Bastia, pretendemos pedir-lhe hospitalidade, e espero que o castelo Della Rebbia, que o senhor diz tão velho e arruinado, não desabe sobre as nossas cabeças. Embora o prefeito seja tão amável que com ele nunca falta assunto de conversação, *by the bye*,²¹⁴ lisonjeio-me de lhe ter virado a cabeça. Falamos a respeito de vossa senhoria. Os homens de lei de Bastia lhe enviaram certas revelações de um malandro que eles apanharam e que são de natureza a destruir as últimas suspeitas de meu amigo. E essa inimizade, que às vezes me afligia, deve então cessar. Não imagina o prazer que isso me causa. Quando partiu com a bela *voceratrice*, de fuzil em punho, o olhar sombrio, o senhor me pareceu mais corso que de costume... demasiado corso até. Basta! Se lhe escrevo tanto, é porque me aborreço. O prefeito vai partir, ah! Nós lhe enviaremos uma mensagem quando nos pusermos a caminho para as suas montanhas, e tomarei a liberdade de escrever à srta. Colomba para lhe pedir um *bruccio, ma solenne*.²¹⁵ Enquanto isto, dê-lhe mil carinhos. Utilizo muito o punhal dela, com o qual corto as páginas de um romance que eu trouxe; mas esse terrível ferro fica indignado com tal uso e me rasga o livro de um modo horrível. Adeus, senhor; meu pai lhe envia *his best love*.²¹⁶ Escute ao prefeito, é um homem de bom conselho e se desvia de seu caminho, creio eu, unicamente por causa sua; vai lançar uma primeira pedra em Corte; imagino que deve ser uma cerimônia muito imponente, e lamento não poder assistir a ela. Um senhor de casaco bordado, meias de seda, faixa branca, segurando uma pá!... e um discurso; a cerimônia terminará com os gritos mil vezes repetidos de "Viva o rei!". O senhor vai ficar muito vaidoso de me haver feito encher as quatro páginas; mas é que me aborreço, repito, e por esse motivo lhe permito que me escreva longamente. A

propósito, acho extraordinário que ainda não me tenha contado a sua feliz chegada a Pietranera-Castle.

LYDIA

P.S.: Peço-lhe que dê ouvido ao prefeito e faça o que ele lhe disser. Resolvemos os dois que o senhor deveria agir assim, e isso me dará prazer.

Orso leu três ou quatro vezes esta carta, acompanhando mentalmente cada leitura de comentários sem fim; depois escreveu uma longa resposta, que mandou Saveria entregar a um homem da aldeia que partia na mesma noite para Ajácio. Já não pensava em discutir com a irmã os verdadeiros ou falsos agravos dos Barricini; a carta de miss Lydia fazia-lhe ver tudo cor-de-rosa: não mais suspeitas nem ódios. Depois de esperar algum tempo que a irmã descesse, e como não a visse reaparecer, foi deitar-se, com o coração tão leve como de há muito o não sentia. Tendo despedido Chilina com instruções secretas, Colomba passou a maior parte da noite a examinar velhos papéis. Pouco antes do amanhecer, foram atiradas algumas pedrinhas contra a sua janela. A este sinal, ela desceu ao jardim, abriu uma porta de serviço, e introduziu na casa a dois homens de má catadura; seu primeiro cuidado foi levá-los à cozinha e dar-lhes de comer. Quem eram e a que vinham esses homens, adiante se saberá.

XV.

Pela manhã, cerca das seis horas, um criado do prefeito batia à casa de Orso. Recebido por Colomba, disse-lhe que o prefeito ia partir e que estava à espera do seu irmão. Colomba respondeu sem hesitar que Orso acabava de levar uma queda na escada, tendo torcido um pé; que, não podendo dar um passo, rogava ao sr. prefeito que o desculpasse e que ficaria muito reconhecido se este se dignasse ter o incômodo de passar por sua casa. Pouco depois desse recado, Orso desceu e perguntou à irmã se o prefeito não o tinha mandado chamar:

– Ele te pede que o esperes aqui – disse ela com a maior segurança.

Transcorreu meia hora sem que se percebesse o mínimo movimento para os lados da casa dos Barricini; entretantes, Orso perguntou a Colomba se fizera alguma descoberta; ela respondeu que se explicaria diante do prefeito. Afetava grande calma, mas sua tez e seus olhos denunciavam uma agitação febril.

Enfim, viu-se abrir a porta da casa Barricini; o prefeito, em traje de viagem, saiu primeiro, seguido do *maire* e de seus dois filhos. Qual não foi a estupefação dos habitantes de Pietranera, à espreita desde o sair do sol, para assistir à partida do primeiro magistrado do departamento, quando o viram, acompanhado dos três Barricini, atravessar a praça em linha reta e entrar na casa Della Rebbia. “Eles fazem as pazes!”, exclamaram os políticos da aldeia.

– Eu bem o dizia – acrescentou um velho. – Orso Antônio já viveu muito no continente para que possa fazer as coisas como um homem de brio.

– Mas observe que são os Barricini que vão procurá-lo – retrucou um rebbianista. – Pedem misericórdia.

– Foi o prefeito que os embaiu a todos – replicou o velho. – Hoje não existe mais coragem, e os moços se preocupam tanto com o sangue do seu pai como se fossem todos uns bastardos.

Não pouco surpreendido ficou o prefeito ao encontrar Orso de pé e caminhando sem dificuldade. Em duas palavras, Colomba confessou sua mentira e pediu-lhe perdão.

– Se o senhor estivesse parando noutra parte – disse ela –, ontem mesmo o meu irmão teria ido apresentar-lhe os seus respeitos.

Orso confundia-se em desculpas, protestando que não tinha parte alguma naquele estratagema ridículo, e que se sentia profundamente mortificado. O prefeito e o velho Barricini pareciam acreditar na sua sinceridade, em vista da sua confusão e das censuras que dirigia à irmã; mas os filhos do *maire* não pareceram satisfeitos:

– Estão zombando de nós – disse Orlanduccio –, bastante alto para ser ouvido.

– Se minha irmã me pregasse uma dessas – disse Vincentello –, eu logo lhe tiraria a vontade de recomeçar.

Tais palavras e o tom com que foram pronunciadas desagradaram a Orso e fizeram-no perder um pouco da sua boa vontade. Trocou com os jovens Barricini olhares em que não se pintava nenhuma benevolência.

No entanto, havendo todos sentado, com exceção de Colomba, que se mantinha de pé junto à porta da cozinha, o prefeito tomou a palavra e, após alguns lugares-comuns sobre os preconceitos da terra, lembrou que a maioria das mais inveteradas inimizades tinham por causa meros mal-entendidos. Depois, dirigindo-se ao *maire*, disse-lhe que o sr. Della Rebbia jamais acreditara que a família Barricini houvesse tomado uma parte direta ou indireta no deplorável acontecimento que o privara de seu pai; que em verdade conservara algumas dúvidas relativas a uma particularidade do processo que houvera entre as duas famílias; que essa dúvida era explicável devido à longa ausência do sr. Orso e à natureza das informações que recebera; que, esclarecido agora por novas revelações, dava-se por inteiramente satisfeito, e desejava estabelecer, com o sr. Barricini e seus filhos, relações de amizade e boa vizinhança.

Orso inclinou-se com ar constrangido; o sr. Barricini balbuciou algumas palavras que ninguém entendeu; seus filhos olharam para as tábuas do teto. O prefeito, continuando a sua arenga, ia dirigir a Orso a contraparte do que acabava de dizer ao sr. Barricini quando Colomba, tirando do seio alguns papéis, avançou gravemente entre as partes contratantes:

– Seria com o mais vivo prazer – disse ela –, que eu veria finda a guerra entre as nossas duas famílias; mas, para que a reconciliação seja sincera, cumpre explicarmo-nos e nada deixar em dúvida. Sr. prefeito, a declaração de Tomaso Bianchi me era suspeita, a justo título, visto que provinha de um homem tão mal-afamado. E afirmei

que os seus filhos, sr. Barricini, talvez se houvessem avistado com esse homem na prisão de Bastia...

– É falso – interrompeu Orlanduccio –, eu não o vi.

Colomba lançou-lhe um olhar de desprezo e prosseguiu, com muita calma, aparentemente, dirigindo-se ao prefeito:

– Explicou o senhor o interesse que podia ter Tomaso em ameaçar ao sr. Barricini, em nome de um bandido temível, em vista do desejo que tinha de conservar para o seu irmão Teodoro o moinho que meu pai lhe arrendava a baixo preço...

– Isso é evidente – disse o prefeito.

– Da parte de um miserável como parece ser esse Bianchi, tudo se explica – disse Orso, enganado com o ar de moderação da irmã.

– A carta falsificada – continuou Colomba, cujos olhos começavam a brilhar com maior fulgor – é datada de 11 de julho. Tomaso estava então com o irmão, no moinho.

– Sim – disse o *maire*, um pouco inquieto.

– Que interesse tinha então Tomaso Bianchi? – exclamou Colomba, com um ar de triunfo. – O arrendamento de seu irmão havia expirado; meu pai o notificara disso a 1º de julho. Eis aqui o registro de meu pai, a minuta da notificação, e a carta de um homem de negócios de Ajácio, que nos propunha um novo moleiro.

Assim falando, entregou ao prefeito os papéis que tinha na mão.

Houve um momento de pasmo geral. O *maire* empalideceu visivelmente; Orso, franzindo o sobrolho, avançou para tomar conhecimento dos papéis que o prefeito lia com a maior atenção.

– Estão zombando de nós! – exclamou novamente Orlanduccio, erguendo-se encolerizado. – Vamo-nos embora, meu pai, nunca devíamos ter vindo aqui.

Bastou um instante ao sr. Barricini para recuperar o sangue-frio. Pediu para examinar os papéis; o prefeito lhos entregou sem dizer uma palavra. Então, erguendo as lunetas verdes para a testa, percorreu-os com um ar assaz indiferente, enquanto Colomba o observava com os olhos de uma tigresa que vê um gamo aproximar-se da toca de suas crias.

– Mas – disse o sr. Barricini, baixando as lunetas e devolvendo os papéis ao prefeito –, conhecendo a bondade do falecido coronel... Tomaso pensou... deve ter pensado... que o sr. coronel reconsideraria a sua resolução de o despedir... De fato, continuou de posse do moinho. Portanto...

– Fui eu – disse Colomba num tom desdenhoso – que o conservei no moinho. Meu pai estava morto, e eu, na minha situação, devia poupar os clientes de minha família.

– No entanto – disse o prefeito –, esse Tomaso reconhece que escreveu a carta..., isto é claro.

– O que é claro para mim – interrompeu Orso –, é que há grandes infâmias ocultas em tudo isto.

– Tenho ainda de contradizer uma asserção desses senhores – disse Colomba.

Abriu a porta da cozinha, e logo entraram na sala Brandolaccio, o licenciado em teologia e o cão Brusco. Os dois bandidos estavam sem armas, pelo menos aparentes; traziam a cartucheira, mas não a pistola à cinta, que lhe é o complemento obrigatório. Ao penetrar na sala, tiraram respeitosamente os gorros.

Bem se pode conceber o efeito que causou a sua súbita aparição. O *maire* esteve a ponto de cair por terra; os filhos lançaram-se bravamente à frente do velho, com a mão no bolso, buscando os punhais. O prefeito fez um movimento para a porta, enquanto Orso, pegando Brandolaccio pelo colete, gritou-lhe:

– Que vens fazer aqui, miserável?

– É uma cilada? – exclamou o *maire*, tentando abrir a porta; mas Saveria fechara-a por fora, com duas voltas, conforme ordem dos bandidos, como se soube depois.

– Boa gente! – disse Brandolaccio. – Não tenham medo de mim, eu não sou tão mau como pareço. Não temos má intenção, absolutamente. Sr. prefeito, um seu criado. Calma, meu tenente, assim me estrangula. Nós comparecemos aqui como testemunhas. Vamos, cura, fala tu, que tens a língua bem desprendida.

– Sr. prefeito – disse o licenciado –, não tenho a honra de ser conhecido por vossa senhoria. Chamo-me Giocanto Castriconi, mais conhecido pelo nome de cura... Ah! O senhor se lembra! Aqui a senhorita, que eu tampouco tinha a vantagem de conhecer, mandou-me pedir para lhe prestar informações, sobre um tal Tomaso Bianchi, com o qual eu estivera detido, há três semanas, nas prisões de Bastia. Eis o que tenho para lhe dizer...

– Não se dê a esse trabalho – interrompeu o prefeito. – Nada tenho a ouvir de um homem como o senhor. Sr. Della Rebbia, quero crer que o senhor não tenha responsabilidade alguma nesta odiosa conspiração. Mas não é senhor na sua casa? Mande abrir essa porta. A sua irmã terá talvez de prestar contas das estranhas relações que mantém com bandidos.

– Sr. prefeito – exclamou Colomba –, queira ouvir o que vai dizer esse homem. O senhor está aqui para distribuir justiça a todos, e seu dever é investigar a verdade. Fale, Giocanto Castriconi.

– Não o escute! – exclamaram em coro os três Barricini.

– Se todos falam ao mesmo tempo – observou o bandido, sorrindo –, é impossível a gente entender-se. Na prisão, pois, tinha eu por companheiro, não por amigo, a esse Tomaso em questão. Recebia ele frequentes visitas do sr. Orlanduccio...

– É mentira! – exclamaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

– Duas negações valem uma afirmação – observou friamente Castriconi. – Tomaso tinha dinheiro; comia e bebia do melhor. Sempre gostei do bom passadio (é esse o meu menor defeito) e, apesar de minha repugnância em conviver com aquele patife, várias vezes cheguei a jantar com ele. Por gratidão, propus-lhe que se evadisse comigo... Uma pequena... a quem eu dispensara atenções, me fornecera os meios para isso... Não quero comprometer ninguém. Tomaso recusou, disse-me que estava seguro da sua situação, que o advogado Barricini o recomendara a todos os juizes e ele sairia dali imaculado como a neve e com dinheiro no bolso. Quanto a mim, achei que devia ir tomar a fresca. *Dixi.*²¹⁷

– Tudo quanto diz esse homem é um amontoado de mentiras – repetiu resolutamente Orlanduccio. – Se estivéssemos em campo aberto, cada qual com o seu fuzil, ele não falaria dessa maneira...

– Que tolice! – exclamou Brandolaccio. – Não se indisponha com o cura, Orlanduccio.

– Vai enfim deixar-me sair, sr. Della Rebbia? – disse o prefeito, batendo o pé com impaciência.

– Saveria! Saveria! – gritava Orso – Abre a porta, com todos os diabos!

– Um instante – disse Brandolaccio. – Primeiro temos nós de sair, por nosso lado. Quando a gente se encontra entre amigos comuns, é costume, sr. prefeito, estabelecer meia hora de tréguas, ao separar-se.

O prefeito lançou-lhe um olhar de desprezo.

– Um criado, ao dispor de todos – disse Brandolaccio. Depois, estendendo horizontalmente o braço, disse ao cão: – Salta aqui, Brusco! Para o sr. prefeito ver.

O cão saltou, os bandidos apanharam às pressas as suas armas na cozinha, fugiram pelo jardim, e, a um agudo assovio, a porta da sala abriu-se como por encanto.

– Sr. Barricini – disse Orso, com um furor concentrado –, eu o tenho por um falsário. Hoje mesmo enviarei minha queixa contra o senhor ao procurador do rei, por falsificação e por cumplicidade com Bianchi. Talvez tenha ainda uma queixa mais terrível a apresentar contra o senhor.

– E eu, sr. Della Rebbia, apresentarei queixa contra o senhor, por emboscada e por cumplicidade com bandidos. Enquanto isto, o sr. prefeito o recomendará à gendarmaria.

– O prefeito cumprirá o seu dever – disse este, num tom severo. – Ele velará por que não seja perturbada a ordem em Pietranera, e terá cuidado de que se cumpra a justiça, senhores. Eu falo a todos os presentes.

O *mair*e e Vincentello estavam já fora da sala e Orlanduccio os seguia às arrecuas quando Orso lhe disse em voz baixa:

– O teu pai é um velho que eu esmagaria com uma bofetada: é a ti que eu a destino, a ti e a teu irmão.

Como resposta, Orlanduccio sacou do punhal e lançou-se sobre Orso, como um furioso; mas, antes que pudesse fazer uso da arma, Colomba pegou-lhe do braço, a que torceu com força, enquanto Orso, esbofeteando-o, fê-lo recuar alguns passos e chocar-se violentamente contra a porta. O punhal escapou da mão de Orlanduccio, mas Vincentello tinha o seu, e entrava de novo na sala quando Colomba, saltando para um fuzil, provou-lhe que a partida não era igual. Ao mesmo tempo o prefeito lançou-se entre os combatentes.

– Até breve, Ors' Anton'! – gritou Orlanduccio e, batendo violentamente a porta, fechou-a a chave, para se dar tempo de uma retirada.

Orso e o prefeito permaneceram um quarto de hora sem falar, cada qual numa extremidade da sala. Colomba, com o orgulho do triunfo estampado na face, considerava-os alternadamente, apoiada ao fuzil que decidira da vitória.

– Que terra! Que terra! – exclamou afinal o prefeito, erguendo-se impetuosamente. – O senhor fez mal, tenente Della Rebbia. Peço-lhe a sua palavra de honra de que se absterá de qualquer violência, esperando que a justiça dê a sua decisão final neste maldito assunto.

– Sim, sr. prefeito, fiz mal em bater naquele miserável; mas enfim, bati-lhe, e não posso recusar a satisfação que ele me pediu.

– Oh! Ele não quer bater-se!... Mas se o assassinar... O senhor fez tudo o que era preciso para isso...

– Nós nos cuidaremos – disse Colomba.

– Orlanduccio – disse Orso –, me parece um rapaz de coragem, e eu faço melhor ideia a seu respeito. Foi rápido em puxar do punhal, mas, no seu lugar, eu teria talvez feito o mesmo; e sinto-me satisfeito de que a minha irmã não tenha um pulso de mulherzinha.

– Os senhores não se baterão! – exclamou o prefeito – Eu lhes proíbo!

– Permita-me dizer-lhe, senhor, que em matéria de honra, não conheço outra autoridade senão a minha consciência.

– Digo-lhe que não se baterão!

– Pode mandar prender-me, senhor..., isto é, se eu me deixar prender. Mas, se isso acontecesse, não faria mais que adiar uma coisa agora inevitável. O senhor é homem de honra e bem sabe que não pode ser de outro modo.

– Se o senhor mandasse prender a meu irmão – acrescentou Colomba –, metade da vila tomaria o partido de Orso, e veríamos um belo tiroteio.

– Previno-lhe, senhor – disse Orso –, e rogo-lhe não julgar que estou fazendo uma bravata, previno-lhe que, se o sr. Barricini abusar da sua autoridade de *maire* para mandar prender-me, eu me defenderei.

– Desde hoje – disse o prefeito –, está o sr. Barricini suspenso das suas funções... Ele se justificará, espero-o... Olhe, eu tenho o maior interesse pelo senhor. É bem pouco o que lhe peço: fique em casa tranquilo até a minha volta de Corte. Só estarei ausente três dias. Voltarei com o procurador do rei e esclareceremos completamente este triste caso. Promete abster-se, até então, de qualquer hostilidade?

– Não posso prometé-lo, senhor, se, como penso, Orlanduccio me pedir uma reparação.

– Como! Sr. Della Rebbia, o senhor, como militar francês, quer bater-se em duelo com um homem a quem suspeita de uma falsificação?

– Eu esbofetei-o, senhor.

– Mas se esbofeteasse a um forçado e ele lhe pedisse reparação, iria o senhor bater-se com ele? Vamos, sr. Orso! Pois bem, peço-lhe ainda menos: não vá procurar Orlanduccio... Permito-lhe que se bata, se ele pedir um encontro.

– Ele pedirá, não o duvido, mas prometo que não lhe darei outras bofetadas para o induzir a bater-se.

– Que terra! – repetia o prefeito, dando grandes passadas. – Quando voltarei para a França?

– Sr. prefeito – disse Colomba com a sua voz mais suave –, já é tarde: não nos daria a honra de almoçar conosco?

O prefeito não pôde deixar de rir.

– Já me demorei muito tempo aqui... isto se assemelha a parcialidade... E essa maldita pedra!... Tenho de partir... Srta. Della Rebbia, quem sabe quantos males não preparou hoje!

– Pelo menos, sr. prefeito, fará à minha irmã a justiça de crer que as suas convicções são profundas; e, disto estou certo agora, o senhor mesmo as julga bem fundamentadas.

– Adeus, senhor – disse o prefeito, acenando-lhe com a mão –, aviso-lhe que vou dar ordem ao sargento da gendarmaria para que o vigie em todas as suas atividades.

Logo que o prefeito saiu, disse Colomba:

– Orso, tu aqui não estás no continente, Orlanduccio nada compreende dos teus duelos, e aliás não é da morte de um bravo que esse miserável deve morrer.

– Colomba, minha querida, tu és a mulher forte. Devo-te muito por me haveres salvo de uma boa punhalada. Dá-me a tua mãozinha, para que eu a beije. Mas deixa-me agir. Há certas coisas que tu não compreendes. Vai tratar do almoço; e, logo que o prefeito se puser a caminho, manda chamar a pequena Chilina, que parece desincumbir-se às maravilhas das missões que lhe confiam. Terei necessidade dela para levar-me uma carta.

Enquanto Colomba vigiava os preparativos do almoço, Orso subiu ao quarto e escreveu o bilhete seguinte:

Deve o senhor estar ansioso por um encontro entre nós; eu não o estou menos. Amanhã de manhã poderemos encontrar-nos às seis horas no vale de Acquaviva. Sou muito hábil na pistola, e não lhe proponho essa arma. Dizem que o senhor atira bem de fuzil: tomemos cada qual um fuzil de dois tiros. Irei acompanhado de um homem desta vila. Se seu irmão quiser acompanhá-lo, tome uma segunda testemunha e avise-me. Só neste caso comparecerei com duas testemunhas.

O prefeito, depois de se haver demorado uma hora com o adjunto do *maire* e entrado por alguns minutos em casa dos Barricini, partiu para Corte, escoltado de um só gendarme. Um quarto de hora depois, Chilina tomou a carta que acabam de ler e entregou-a pessoalmente a Orlanduccio.

A resposta fez-se esperar e só chegou à noite. Vinha assinada pelo sr. Barricini pai, o qual anunciava a Orso que depunha em mãos do procurador do rei a carta de ameaças dirigida a seu filho. “De consciência tranquila,” terminava ele, “espero que a justiça se pronuncie sobre as suas calúnias.”

Nesse ínterim, chegavam uns cinco ou seis pastores que Colomba mandara chamar para guarnecer a torre dos Della Rebbia. Apesar dos protestos de Orso, fizeram *archere* nas janelas que davam para a praça, e, todo o resto do dia, recebeu ele ofertas de serviço de diferentes pessoas do burgo.

Chegou até uma carta do teólogo bandido, que, em seu nome e no de Brandolaccio, prometia intervir, caso o *maire* chamasse a gendarmeria em seu auxílio. Terminava com este *postscriptum*: “Não seria demais perguntar-lhe o que pensa o sr. prefeito da excelente educação que meu amigo dá a Brusco? Depois de Chilina, não sei de aluno mais dócil e que demonstre mais felizes disposições.”

XVI.

O dia seguinte transcorreu sem hostilidades. De um lado e de outro, mantinham-se na defensiva. Orso não saiu de casa, e a porta dos Barricini permaneceu constantemente fechada. Viam-se os cinco gendarmes deixados de guarnição em Pietranera passear pela praça ou pelos arredores da aldeia, assistidos do guarda campestre, único representante da milícia urbana. O adjunto não tirava a sua faixa; mas salvo os *archere* nas janelas das duas casas inimigas, nada indicava a guerra. Só um corso teria notado que, na praça, em torno do carvalho, não se viam senão mulheres.

À hora do jantar, Colomba mostrou alegremente ao irmão a carta seguinte, que acabava de receber de miss Nevil:

Minha querida Colomba, soube com muito prazer, por uma carta de seu irmão, que vossas inimizades estão findas. Receba os meus cumprimentos. Meu pai não pode suportar Ajácio depois que seu irmão não está mais aqui para lhe falar de guerra e caçar com ele. Partimos hoje, e pousaremos em casa de sua parenta, para a qual temos uma carta. Depois de amanhã, pelas onze horas, irei pedir-lhe para provar desse *bruccio* das montanhas, tão superior, pelo que diz você, ao da cidade.

Adeus, querida Colomba.

Sua amiga,
LYDIA NEVIL

– Quer dizer então que ela não recebeu minha segunda carta? – exclamou Orso.

– Vê-se, pela data, que Lydia já devia estar a caminho quando a tua carta chegou em Ajácio. Tu lhe dizias que não viesse?

– Dizia-lhe que nos achávamos em estado de sítio. Não é, parece-me, uma situação conveniente para receber convidados.

– Qual! Esses ingleses são uma gente singular. Ela me dizia, na última noite que passei em seu quarto, que sentiria muito deixar a Córsega sem ter presenciado uma bela *vendetta*. Se tu quisesses,

poderíamos oferecer-lhe o espetáculo de um assalto à casa de nossos inimigos.

– Sabes, Colomba, que a natureza errou ao fazer de ti uma mulher? Darias um excelente militar.

– Talvez. Em todo caso, vou preparar o meu *bruccio*.

– Inútil. É preciso mandar alguém para os prevenir e detê-los antes que se ponham a caminho.

– Como? Queres mandar um mensageiro com o tempo que está fazendo, para que uma torrente o carregue com a tua carta? Lamento os pobres bandidos, com essa tempestade! Felizmente, têm bons *piloni*.²¹⁸ Sabes o que é preciso fazer, Orso? Se a tempestade cessar, parte amanhã bem cedo, e chegarás à casa de nossa parenta antes que os teus amigos se tenham posto em viagem. Isto não te será difícil, pois miss Lydia costuma levantar-se tarde. Tu lhes contarás o que se passou aqui; e, se insistirem em vir, teremos grande prazer em recebê-los.

Orso apressou-se em dar seu assentimento a esse projeto. E Colomba, após alguns instantes de silêncio, continuou:

– Acaso pensas que eu estava brincando, quando te falava de um assalto à casa Barricini? Sabes que estamos em superioridade, de dois contra um, no mínimo? Depois que o prefeito suspendeu o *maire*, todos os homens daqui estão conosco. Poderíamos arrasá-los. Seria fácil começar a coisa. Se quisesses, eu iria até a fonte, zombaria das suas mulheres; e eles sairiam... Ou talvez... pois são tão covardes! Talvez atirassem em mim pelos seus *archere*; não acertariam. E tudo está arranjado: são eles que atacam. Tanto pior para os vencidos: num tumulto, como descobrir aqueles que deram um belo golpe? Acredita em tua irmã, Orso: os “casacas” que vão chegar não farão mais que sujar papel e dizer palavras inúteis. Nada resultará. A velha raposa achará meios de lhes fazer ver estrelas ao meio-dia. Ah! Se o prefeito não se pusesse diante de Vincentello, haveria um de menos.

E tudo isso era dito com o mesmo sangue-frio com que se referia, momentos antes, aos preparativos do *bruccio*.

Orso, estupefato, olhava para a irmã com uma admiração mesclada de temor.

– Minha boa Colomba – disse ele, erguendo-se da mesa –, tu és, bem o receio, o diabo em pessoa; mas podes ficar tranquila. Se não consigo fazer enforcar os Barricini, acharei meios de acabar com eles de outra maneira qualquer. Bala quente ou ferro frio!²¹⁹ Bem vês que não esqueci o corso.

– Quanto mais cedo, melhor – disse Colomba, suspirando. – Que cavalo montarás amanhã, Ors’ Anton’?

– O negro. Por que perguntas?

– Para lhe dar cevada.

Subindo Orso para o seu quarto, Colomba mandou Saveria e os pastores se deitarem, e ficou a sós na cozinha onde se preparava o *bruccio*. De tempos em tempos, punha-se à escuta e parecia esperar impacientemente que o irmão se deitasse. Quando enfim o julgou adormecido, tomou uma faca, certificou-se de que estava bem afiada, meteu os pequenos pés em grandes sapatos, e, sem fazer o mínimo rumor, entrou no jardim.

O jardim, todo murado, lindava com um terreno bastante vasto, cercado de sebes, onde punham os cavalos, pois os cavalos corsos não conhecem estrebaria. Em geral, soltam-nos em um campo, fiando-se na sua inteligência para encontrarem alimento e abrigo contra o frio e a chuva.

Colomba abriu a porta do jardim com a mesma precaução, entrou no cercado e, assobiando de mansinho, atraiu para junto de si os cavalos, aos quais levava seguidamente pão e sal. Logo que o cavalo negro esteve a seu alcance, agarrou-o fortemente pelas crinas e fendeu-lhe a orelha com a faca. O cavalo deu um salto terrível e fugiu, fazendo ouvir esse grito agudo que uma viva dor arranca às vezes aos animais da sua espécie. Satisfeita então, entrava Colomba no jardim quando Orso abriu a janela e gritou: “Quem está aí?” Ao mesmo tempo Colomba ouviu que ele armava o seu fuzil. Felizmente para ela, a porta do jardim estava mergulhada em completa escuridão e uma grande figueira a cobria em parte. Em breve, pelos

clarões intermitentes que via brilhar no quarto de Orso, concluiu que ele procurava acender o lampião. Colomba apressou-se então em fechar a porta do jardim e, deslizando ao longo dos muros, de modo que o seu vestido negro se confundisse com a folhagem sombria dos renques de árvores, conseguiu entrar na cozinha alguns momentos antes que Orso ali aparecesse.

– Que há? – perguntou ela.

– Pareceu-me – disse Orso – que abriam a porta do jardim.

– Impossível. O cachorro teria latido. De resto, nós vamos verificar.

Orso deu volta ao jardim e, depois de certificar-se de que a porta exterior estava bem fechada, um pouco envergonhado daquele falso alarma, resolveu voltar para o quarto.

– Estimo ver que te tornas prudente – disse Colomba –, como convém a quem está na tua situação.

– Tu me educas – respondeu Orso. – Boa noite.

Antes do raiar do dia, Orso erguera-se, pronto para partir. Sua indumentária apresentava, ao mesmo tempo, a pretensão à elegância de um homem que vai apresentar-se diante de uma mulher a quem quer agradar e a prudência de um corso em *vendetta*. Por cima de um redingote azul bem ajustado ao corpo, trazia a tiracolo um pequeno estojo de folha de flandres, suspenso a um cordão de seda verde; o punhal estava num bolso lateral, e ele segurava na mão o belo fuzil de Manton, carregado de balas. Enquanto tomava às pressas uma taça de café servida por Colomba, saíra um pastor para encilhar o seu cavalo. Orso e sua irmã penetraram pouco depois no cercado. O pastor se havia apoderado do cavalo, mas deixara tombar o freio e a sela, e parecia tomado de horror, enquanto o cavalo, que se lembrava do ferimento da véspera e temia pela sua outra orelha, empinava-se, escoiceava, relinchava, fazia o diabo a quatro.

– Vamos, despacha-te! – gritou-lhe Orso.

– Oh! Ors' Anton'! Oh! Ors' Anton'! Sangue da Madona! – exclamava o pastor etc.

Pois eram imprecações sem número e sem fim, cuja maioria não se poderia traduzir.

– Que aconteceu? – indagou.

Todos se aproximaram do cavalo e, vendo-o ensanguentado e com a orelha fendida, foi uma exclamação geral de surpresa e indignação.

Cumprir saber que mutilar o cavalo do inimigo é, para os corsos, ao mesmo tempo uma vingança, um desafio e uma ameaça de morte. “Só um tiro vinga esse ultraje.” Embora Orso, que vivera por muito tempo no continente, sentisse menos que os outros a enormidade da afronta, se naquele instante topasse com qualquer barricinista, é provável que o teria feito expiar imediatamente um insulto que atribuía a seus inimigos.

– Covardes! – exclamou ele. – Vingarem-se num pobre animal, quando não se atrevem a me encontrar de frente!

– Que esperamos? – bradou Colomba impetuosamente. – Eles vêm provocar-nos, mutilar os nossos cavalos, e nós não lhes responderíamos! Vocês são homens?

– Vingança! – responderam os pastores. – Vamos passear o cavalo pela aldeia e depois assaltar a casa deles.

– Há um celeiro coberto de palha pegado à torre – disse o velho Polo Griffó. – Em um momento eu o incendiarei.

Outro propunha ir buscar as escadas do campanário da igreja; um terceiro, arrombarem as portas da casa Barricini por meio de uma viga depositada na praça e destinada a alguma construção. Em meio de todas aquelas vozes furiosas, ouvia-se a de Colomba, anunciando a seus satélites que, antes de pôr mãos à obra, devia cada um ir receber dela um grande copo de anisete.

Infelizmente, ou antes, felizmente, o efeito que ela esperava da sua crueldade para com o pobre cavalo ficara em grande parte perdido para Orso. Não duvidava ele de que aquela selvagem mutilação fosse obra de algum dos seus inimigos, e era de Orlanduccio que suspeitava particularmente; mas não acreditava que esse jovem, provocado e esbofeteado por ele, houvesse apagado a

sua vergonha fendendo a orelha a um cavalo. Pelo contrário, essa baixa e ridícula vingança lhe aumentava o desprezo por seus adversários, e pensava agora, como o prefeito, que tal gente não merecia medir-se com ele. Logo que pôde fazer-se ouvir, declarou a seus partidários confundidos que teriam de renunciar a suas intenções belicosas, e que a justiça, que estava para chegar, vingaria muito bem a orelha de seu cavalo.

– Eu sou o senhor aqui – acrescentou em tom severo –, e quero que me obedçam. O primeiro que ainda se lembre de falar em matar e queimar, eu poderei muito bem liquidá-lo por sua vez. Vamos! Que selem o meu cavalo tordilho.

– Como, Orso! – disse-lhe Colomba, chamando-o à parte. – Suportas então que nos insultem? Quando o nosso pai era vivo, jamais um Barricini se atreveria a mutilar um animal nosso.

– Prometo-te que eles terão ocasião de arrepender-se; mas é aos gendarmes e carcereiros que compete punir a miseráveis que só têm coragem contra animais. Já te disse que a justiça me vingará deles... ou, se assim não for... não terás necessidade de lembrar-me de quem sou filho...

– Paciência! – disse Colomba, suspirando.

– Lembra-te bem, irmã! – prosseguiu Orso. – Se tiverem feito, durante a minha ausência, qualquer demonstração contra os Barricini, eu jamais te perdooarei. – E depois, num tom mais brando: – É bem possível, é quase certo até, que eu volte aqui com o coronel e a sua filha; faze de maneira que os seus quartos estejam em ordem, que a comida seja boa, enfim, que os nossos hóspedes fiquem acomodados o menos mal possível. Está muito bem ter coragem, Colomba, mas é preciso ainda que uma mulher saiba dirigir uma casa. Vamos, beija-me, sê boazinha; olha, já está selado o tordilho.

– Orso – disse Colomba –, tu não partirás sozinho.

– Não tenho necessidade de ninguém, e garanto-te que não deixarei que me cortem a orelha.

– Oh! Nunca te deixarei partir sozinho em tempo de guerra. Polo Griffò! Gian' Francè! Memmo! Agarrem seus fuzis; vocês vão acompanhar a meu irmão.

Depois de uma discussão bastante acalorada, Orso teve de resignar-se a partir com uma escolta. Tomou, entre os seus mais exaltados homens, aqueles que mais alto haviam aconselhado o rompimento das hostilidades; e, após haver renovado suas recomendações à irmã e aos homens que ficavam, pôs-se a caminho, tomando desta vez um desvio, para evitar a casa Barricini.

Já estavam longe de Pietranera, e marchavam rápido, quando, na passagem de um pequeno arroio que se perdia em um pântano, o velho Polo Griffò avistou vários porcos confortavelmente deitados na lama, gozando ao mesmo tempo do sol e da frescura da água. Em seguida, visou o maior e meteu-lhe uma bala na cabeça, matando-o instantaneamente. Os camaradas do morto ergueram-se e fugiram com surpreendente rapidez; e, embora o outro pastor também fizesse fogo por sua vez, alcançaram sãos e salvos um matagal, onde desapareceram.

– Idiotas! – exclamou Orso. – Vocês tomam porcos por javalis.

– Qual nada, Ors' Anton'! – respondeu Polo Griffò. – Esses animais pertencem ao advogado, e é para ensinar-lhe a mutilar nossos cavalos.

– Como, patifes! – exclamou Orso, enfurecido. – A copiareis as infâmias de nossos inimigos! Deixem-me, miseráveis. Não tenho necessidade de vocês. Só prestam para bater-se contra porcos. Juro por Deus que, se se atreverem a seguir-me, arrebento-lhes a cabeça!

Os dois pastores entreolharam-se, interditos. Orso deu de esporas e desapareceu a galope.

– É boa, hein? – disse Polo Griffò. – Vá a gente estimar as pessoas, para que nos tratem dessa maneira! O coronel, seu pai, zangou-se contigo porque uma vez fizeste pontaria contra o advogado... Que asneira, não atirar!... E o filho... viste o que fiz por

ele... e fala de me arrebentar a cabeça, como a um velho odre que já não retém o vinho. Eis o que se aprende no continente, Memmo!

– Sim, e se sabem que mataste esse porco, arranjam-te um processo, e Ors' Anton' não vai querer falar com os juízes nem pagar advogado. Felizmente, ninguém te viu, e aí está a santa Nega para te tirar de apuros.

Depois de breve discussão, concluíram os dois que o mais prudente era lançar o porco num atoleiro, projeto que puseram em execução, não sem primeiro retirar alguma carne para assados à inocente vítima do ódio dos Della Rebbia e dos Barricini.

XVII.

Desembaraçado de sua indisciplinada escolta, continuava Orso o seu caminho, mais preocupado com o prazer de rever miss Nevil do que com o receio de encontrar seus inimigos. “O processo que vou ter com esses miseráveis Barricini – pensava ele – me obrigará a ir a Bastia. Por que não acompanhar miss Nevil? Por que, de Bastia, não irmos juntos às águas de Orezza?” De súbito, recordações da infância lhe evocaram nitidamente aquele sítio pitoresco. Julgou-se transportado para uma verde grama, ao pé de castanheiros seculares. Naquela relva lustrosa, semeada de flores azuis como olhos que lhe sorrissem, ele via miss Nevil sentada a seu lado. Ela tirara o chapéu, e seus cabelos loiros, mais finos e suaves do que a seda, brilhavam como ouro, ao Sol que penetrava através da folhagem. Seus olhos, de um azul tão puro, lhe pareciam mais azuis que o firmamento. Com a face apoiada à mão, ela escutava pensativa as palavras de amor que ele lhe dirigia a tremer. Estava com aquele vestido de musselina que trazia no dia em que a vira em Ajácio. De sob as folhas daquela saia, escapava-se um pezinho num sapato de cetim negro. Orso dizia consigo que seria muito feliz em beijar aquele pé; mas uma das mãos de miss Lydia não estava enluvada, e ela segurava um malmequer. Orso lhe tomava aquele malmequer, e a mão de Lydia apertava a sua; e ele beijava o malmequer, e depois a mão, e ninguém se incomodava... E todos os

seus pensamentos o impediam de prestar atenção ao caminho que seguia, e no entretanto continuava a trotar. Ia pela segunda vez beijar imaginariamente a branca mão de miss Nevil, quando pensou beijar em realidade a cabeça do cavalo, que estacou de súbito. É que a pequena Chilina lhe barrava o caminho, pegando-lhe as rédeas.

– Aonde vai assim, Ors' Anton'? – dizia ela. – Não sabe que o seu inimigo está perto daqui?

– Meu inimigo! – exclamou Orso, furioso de se ver interrompido num momento tão interessante. – Onde está ele?

– Orlanduccio se acha próximo daqui. Está à sua espera. Volte, volte.

– Ah! Ele espera-me! Tu o viste?

– Sim, Ors' Anton', eu estava deitada nas moitas quando ele passou. Olhava para todos os lados com o seu óculo de alcance.

– Para que lado ia ele?

– Descia por aí, por onde o senhor vai.

– Obrigado.

– Ors' Anton', não seria bom que esperasse pelo meu tio? Não deve tardar, e com ele o senhor estaria em segurança.

– Não tenhas medo, Chili, eu não tenho necessidade do teu tio.

– Se o senhor quisesse, eu iria à sua frente.

– Obrigado, obrigado.

E Orso, estugando o cavalo, dirigiu-se rapidamente para as bandas que a menina lhe indicara.

Seu primeiro impulso fora um cego transporte de furor, e dissera consigo que a sorte lhe deparava uma excelente ocasião de castigar aquele covarde que mutilava um cavalo para vingar-se de uma bofetada. Depois, enquanto avançava, a espécie de promessa que fizera ao prefeito, e sobretudo o temor de perder a entrevista de miss Nevil, transformaram-lhe a disposição de ânimo e quase que o faziam desejar não encontrar-se com Orlanduccio. Mas logo a lembrança do pai, a mutilação do cavalo, as ameaças dos Barricini

lhes reacendiam a cólera, instigando-o a procurar o inimigo, para o provocar e obrigá-lo a bater-se. Agitado assim de resoluções contrárias, continuava a marchar para a frente, mas agora examinando com precaução as moitas e sebes, e parando até algumas vezes, para escutar os rumores indistintos que se ouvem no campo. Dez minutos depois de haver deixado a pequena Chilina (eram então cerca de nove horas da manhã) viu-se à beira de um declive extremamente íngreme. O caminho, ou antes, o mal pronunciado trilho que ele seguia, atravessava um mato recém-queimado. Naquele lugar, o solo se achava recoberto de cinzas esbranquiçadas, e, aqui e ali, arbustos e algumas árvores enegrecidos todos pelo fogo e despojados das folhas mantinham-se de pé, embora houvessem deixado de viver. Ante aquela queima, julgava-se a gente em um local do norte, em pleno inverno, e o contraste entre a aridez dos lugares que a chama percorreu e a vegetação luxuriante dos arredores ainda os faz parecer mais tristes e desolados. Mas, naquela paisagem, em tal momento, não via Orso senão uma coisa, verdadeiramente importante no seu caso: estando a terra nua, não podia ocultar nenhuma emboscada, e aquele que teme a cada instante ver surgir de uma moita um cano de fuzil dirigido contra o seu peito olha como uma espécie de oásis um terreno liso, onde nada detém a vista. Ao mato queimado, sucediam-se vários campos de cultivo, cercados, como se usa na região, de muros de pedra, à altura do cotovelo. O caminho passava por entre aqueles campos, onde enormes castanheiros, plantados confusamente, apresentavam de longe a aparência de um denso bosque.

Obrigado, pelo íngreme da baixada, a apagar do cavalo, Orso, que deixara a rédea sobre o pescoço do animal, descia agora rapidamente, escorregando sobre a cinza. E não estava senão a vinte e cinco passos de um daqueles cercados de pedra, à direita do caminho, quando avistou, à sua frente, primeiro um cano de fuzil, depois uma cabeça, que ultrapassava o alto da cerca. O fuzil baixou-se, e ele reconheceu Orlanduccio, prestes a fazer fogo. Orso foi rápido em pôr-se na defensiva, e ambos, apontando-se mutuamente

as armas, olharam-se por alguns segundos, com essa pungente emoção que experimenta o mais bravo, no momento de dar ou receber a morte.

– Miserável covarde! – exclamou Orso.

Falava ainda quando viu a flama do fuzil de Orlanduccio, e quase ao mesmo tempo outro tiro partiu à sua esquerda, do outro lado da estrada, desferido por um homem que ele a princípio não percebera, e que o visava por detrás de outra cerca. As duas balas atingiram-no: uma, de Orlanduccio, atravessou-lhe o braço esquerdo, que ele lhe apresentava, ao fazer-lhe pontaria; a outra bateu-lhe no peito, rasgou-lhe o casaco, mas achatou-se felizmente contra a lâmina de seu punhal, não lhe causando mais do que uma leve contusão. O braço esquerdo de Orso tombou-lhe imóvel ao longo da coxa, e o cano de seu fuzil baixou por um instante; mas ele o ergueu em seguida e, manejando a arma apenas com o braço direito, fez fogo sobre Orlanduccio. A cabeça de seu inimigo, que ele só via até os olhos, desapareceu atrás do muro. Orso, voltando-se para a esquerda, desfechou o segundo tiro num homem cercado de fumaça, a quem mal percebia. Por sua vez, aquele vulto desapareceu. Os quatro tiros se haviam sucedido com rapidez incrível, e nunca soldados veteranos puseram menos intervalo num *feu de file*.²²⁰ Após o último tiro de Orso, tudo recaiu em silêncio. O fumo saído de sua arma subia lentamente para o céu; nenhum movimento atrás do muro, nem o mais leve ruído. Não fosse a dor que sentia no braço, e poderia crer que aqueles homens sobre os quais acabava de atirar eram fantasmas da sua imaginação.

Esperando segunda descarga, Orso deu alguns passos para se colocar atrás de uma das árvores queimadas que haviam ficado de pé no mato. Atrás daquele abrigo, colocou o fuzil entre os joelhos, e tornou a carregá-lo às pressas. No entanto, o braço esquerdo fazia-o sofrer cruelmente, e parecia-lhe que carregava um peso enorme. Que era feito de seus adversários? Não podia compreendê-lo. Se haviam fugido, se estavam feridos, ele decerto teria ouvido algum rumor, algum movimento na folhagem. Estavam mortos, então? Ou talvez esperassem, ao abrigo de seus muros, uma ocasião para lhe

atirar de novo? Naquela incerteza, e sentindo as forças diminuírem, pôs em terra o joelho direito, apoiou sobre o outro o braço ferido e serviu-se de um galho que partia do tronco da árvore, para sustentar seu fuzil. Com o dedo no gatilho, o olhar fixo no muro, o ouvido atento ao menor rumor, permaneceu imóvel durante alguns minutos, que lhe pareceram um século. Enfim, muito longe atrás dele, fez-se ouvir um grito afastado, e logo um cachorro, descendo a encosta com a rapidez de uma flecha, parou perto dele, agitando o rabo. Era Brusco, o discípulo e companheiro dos bandidos, anunciando sem dúvida a chegada do dono; e nunca um homem honesto foi mais impacientemente esperado. O cão, com o focinho no ar, voltado para a cerca mais próxima farejava inquietamente. De repente, com um rosnido surdo, franqueou a cerca de um salto e quase em seguida subiu sobre a mesma, de onde olhou fixamente para Orso, exprimindo a surpresa em seus olhos tão claramente como o pode fazer um cachorro; depois ergueu de novo o focinho ao vento, desta vez na direção do outro terreno, cujo cercado também saltou. Um segundo depois, reaparecia no alto, com o mesmo ar de espanto e de inquietação; depois saltou para o mato, com o rabo entre as pernas, sempre fitando Orso, e afastou-se deste a passos lentos, numa marcha ladeada, até que se viu a alguma distância. Então, retomando a corrida, subiu a encosta quase tão depressa como havia descido, ao encontro de um homem que avançava rapidamente, apesar do forte declive.

– Aqui, Brando! – gritou Orso, logo que o julgou ao alcance da voz.

– Ors' Anton'! Está ferido? – indagou Brandolaccio, acorrendo quase sem fôlego. – No corpo ou nos membros?...

– No braço.

– No braço! Não é nada. E o outro?

– Creio que o atingi.

Brandolaccio, seguindo o cão, correu ao cercado mais próximo e olhou por sobre o muro. Tirou então o gorro e disse:

– Saudações ao sr. Orlanduccio.

Depois, voltando-se para Orso, saudou-o por sua vez, num tom mais grave:

– Eis – disse ele – o que eu chamo um homem bem acomodado.

– Vive ainda? – perguntou Orso, respirando a custo.

– Oh! Não lhe conviria; já está muito bem servido com a bala que o senhor lhe meteu no olho. Sangue da Madona, que buraco! Bom fuzil, palavra! Que calibre! Como espatifa os miolos! Pois olhe, Ors' Anton', logo que eu ouvi pif! pif! disse comigo: Pronto! Liquidaram o meu tenente. Depois ouço pum! pum! Ah!, digo eu, o fuzil inglês está falando: ele responde... Mas Brusco, que queres mais?

O cão levou-o para o outro cercado.

– Upa! – exclamou Brandolaccio, estupefato. – Golpe dobrado! Com todos os diabos! Bem se vê que a pólvora está cara, pois o tenente a economiza...

– Que há, em nome de Deus!?! – indagou Orso.

– Ora! Não se faça de sonso, meu tenente! O senhor abate a caça, e ainda quer que lha tragam... Sei de um que vai ter uma esquisita sobremesa hoje! É o advogado Barricini. Querias carne fresca? Aí a tens! E agora, quem diabo herdará?

– Como! Vincentello também está morto?

– E bem morto. Boa saúde para nós!²²¹ O que o tenente tem de bom é que não os faz sofrer. Venha ver Vincentello: está ainda de joelhos, com a cabeça apoiada contra a cerca. Parece que está dormindo. É o caso de dizer-se: sono de chumbo. Pobre-diabo!

Orso virou o rosto com horror.

– Tens certeza de que ele está morto?

– O senhor é como Sampiero Corso, que não gastava mais que um tiro. Está vendo ali, no peito, à esquerda? Exatamente como Vincileone em Waterloo. Aposto que a bala não está longe do coração. Tiro duplo! Oh! Não me meto mais a atirar. Dois em dois tiros!... A bala!... Os dois irmãos! Se houvesse um terceiro tiro, teria matado o papai... Que pontaria, Ors' Anton'!... E dizer-se que jamais acontecerá a um bom rapaz como eu fazer a mesma coisa em gendarmes.

Assim falando, o bandido examinava o braço de Orso e rasgava-lhe a punhal a manga do casaco.

– Não é nada – disse ele. – Aqui está um redingote que dará trabalho à srta. Colomba... Hein! Que vejo? E isto aqui no peito?... Nada entrou por aqui? Não, o senhor não estaria tão bem-disposto. Vejamos, procure mover os dedos... Sente os meus dentes quando eu lhe mordo o dedo mindinho?... Não muito?... Não faz mal, não há de ser nada... Deixe-me tirar seu lenço e sua gravata... É, está perdido o redingote... Mas por que andar tão catita? Ia a alguma festa?... Vamos, beba um gole... Por que não trouxe cantil? Onde já se viu um corso sair sem cantil?

Depois, em meio do penso, interrompia-se para exclamar:

– Tiro duplo! Os dois mortos no mesmo instante!... Como o cura não vai rir!... Tiro duplo! Ah! Afinal chega a tartaruginha da Chilina.

Orso não respondia, estava pálido como um morto, e tremiam-lhe todos os membros.

– Chili – gritou Brandolaccio –, vai olhar atrás daquele muro. Hein?

A menina, com auxílio dos pés e das mãos, subiu ao muro, e, logo que avistou o cadáver de Orlanduccio, fez um sinal da cruz.

– Isso não é nada – continuou o bandido –, vai olhar lá embaixo, também. A menina fez novo sinal da cruz.

– Foi o senhor, meu tio? – indagou timidamente.

– Eu! Pois já não sou um velho imprestável? Chili, isto é obra aqui do senhor. Apresenta-lhe os teus cumprimentos.

– A senhorita ficará muito contente – disse Chilina –, e sentirá muito que o senhor esteja ferido, Ors' Anton'.

– Vamos, Ors' Anton' – disse o bandido, logo que terminou o penso –, Chilina já pegou o seu cavalo. Monte e venha comigo para o mato²²² da Stazzona. É preciso serem muito espertos para o apanharem lá. Nós o trataremos o melhor possível. Na encruzilhada de Santa Cristina será preciso apear. Dará seu cavalo a Chilina, que irá prevenir a senhorita, e encarregue-a do que quiser. Pode dizer tudo à pequena, Ors' Anton': ela antes se deixaria matar que trair a

seus amigos. – E num tom de ternura: – Anda, vagabunda, excomungada, peste!

Brandolaccio, supersticioso, como muitos bandidos, temia fascinar as crianças dirigindo-lhes bênçãos e elogios, pois é sabido que as potências misteriosas que presidem à *annocchiatura*²²³ têm o mau hábito de executar o contrário de nossos desejos.

– Para onde queres que eu vá, Brando? – indagou Orso com voz apagada.

– À sua escolha: para a prisão ou para o mato. Mas um Della Rebbia não conhece o caminho da prisão. Para o mato, Ors' Anton'!

– Adeus, minhas esperanças! – exclamou dolorosamente o ferido.

– Suas esperanças? Que diabo? Esperaria fazer melhor com um fuzil de dois tiros?... Ah! Como diabo o feriram? Eles deviam ter sete vidas como os gatos.

– Atiraram primeiro – disse Orso.

– É verdade, esquecia-me... Pif! pif! pum! pum! Tiro duplo com uma mão.²²⁴ Quando fizerem melhor, enforco-me! Bem, agora já está montado... Antes de partir, olhe um pouco a sua obra. Não é polido deixar assim a companhia sem lhe dizer adeus.

Orso deu de esporas; por nada no mundo desejaria ver os infelizes a quem acabava de matar.

– Olhe, Ors' Anton' – disse o bandido, apoderando-se da rédea do cavalo –, quer que eu lhe fale francamente? Pois bem! Sem ofendê-lo... esses pobres rapazes me dão pena... Queira desculpar-me... Tão bonitos... tão fortes, tão moços!... Orlanduccio, com quem cacei tantas vezes... Ele me deu, há quatro dias, um maço de charutos... Vincentello, que estava de tão bom humor!... É verdade que o senhor fez o que devia... E aliás o tiro é muito belo para que a gente o possa lamentar... Mas eu, que não estava na sua vingança... Sei que tem razão; quando se tem um inimigo, é acabar com ele! Mas os Barricini eram uma antiga família... Mais uma que desaparece!... E por um tiro duplo! É forte.

Fazendo assim a oração fúnebre dos Barricini, Brandolaccio conduzia às pressas Orso, Chilina e o cão Brusco para o mato da

Stazzona.

XVIII.

No entanto Colomba, logo após a partida de Orso, soubera por seus espões que os Barricini estavam no campo e, desde então, fora tomada de viva inquietude. Viam-na percorrer a casa em todos os sentidos, da cozinha aos quartos preparados para os seus hóspedes, nada fazendo e sempre ocupada, parando a todo momento para ver se não havia na aldeia algum movimento inusitado. Pelas onze horas, uma cavalgada assaz numerosa entrou em Pietranera; era o coronel, com a filha, os criados e o guia. Ao recebê-los, a primeira frase de Colomba foi: "Não viram meu irmão?" Depois perguntou ao guia que caminho tinham tomado, a que horas tinham partido, e, dadas as suas respostas, não podia compreender como não se haviam encontrado.

– Talvez seu irmão tenha ido pelo alto – disse o guia –, nós viemos pela parte baixa.

Mas Colomba sacudiu a cabeça e renovou as perguntas. Apesar da sua habitual firmeza, acrescida pelo orgulho de ocultar qualquer fraqueza a estrangeiros, era-lhe impossível dissimular as inquietações, e em breve as transmitiu ao coronel e sobretudo a miss Lydia, quando os informou da tentativa de reconciliação que tivera tão infeliz desfecho. Miss Nevil agitava-se, queria que enviassem mensageiros em todas as direções, e seu pai oferecia-se para montar a cavalo e sair com o guia em procura de Orso. Os temores dos hóspedes lembraram a Colomba os seus deveres de dona de casa. Esforçou-se por sorrir, instou com o coronel para que sentasse à mesa, e achou, para desculpar o atraso do irmão, vinte motivos plausíveis que ela própria destruía dali a um instante. Crendo que era seu dever de homem procurar tranquilizar as mulheres, o coronel também propôs a sua explicação:

– Aposto que Della Rebbia terá encontrado caça; não pôde resistir à tentação, e vamos vê-lo voltar com a bolsa cheia. Pois olhe! Até ouvimos, no caminho, quatro tiros de fuzil. Havia dois mais fortes

que os outros; eu disse à minha filha: “Aposto que é Della Rebbia que esta caçando. Não pode ser senão o meu fuzil, para fazer tanto barulho.”

Colomba empalideceu, e Lydia, que a observava com atenção, adivinhou sem dificuldade que suspeitas lhe acabava de sugerir a conjectura do coronel. Após um silêncio de alguns minutos, Colomba perguntou vivamente se as duas detonações fortes haviam precedido ou seguido às outras. Mas nem o coronel, nem sua filha, nem o guia, tinham prestado grande atenção a esse ponto capital.

Cerca de uma hora da tarde, não tendo regressado nenhum dos mensageiros enviados por Colomba, ela reuniu toda a sua coragem e forçou os hóspedes a sentarem-se à mesa; mas, salvo o coronel, ninguém pôde comer. Ao menor ruído na praça, Colomba corria à janela, depois voltava a sentar-se tristemente e, mais tristemente ainda, esforçava-se por continuar com os amigos uma conversação insignificante a que ninguém prestava a mínima atenção e que interrompiam longos intervalos de silêncio.

De súbito ouviu-se o galope de um cavalo.

– Ah! Desta vez é meu irmão – disse Colomba, erguendo-se.

Mas, à vista de Chilina esganchada no cavalo de Orso:

– Meu irmão esta morto! – bradou ela com voz lancinante.

O coronel deixou cair o copo, miss Nevil soltou um grito, todos correram à porta da casa. Antes que Chilina pudesse apear, era arrebatada como uma pena por Colomba que a apertava até sufocá-la. A criança compreendeu seu terrível olhar, e sua primeira frase foi a do coro do *Otelo*:²²⁵ “Ele está vivo!” Colomba deixou de apertá-la, e Chilina tombou em terra como uma gata.

– E os outros? – perguntou com voz rouca.

Chilina fez o sinal da cruz com o índice e o dedo médio. Logo um vivo rubor se seguiu, no rosto de Colomba, à sua palidez mortal. Lançou um olhar ardente para a casa dos Barricini e disse, sorrindo, a seus hóspedes:

– Entremos para tomar café.

A Iris²²⁶ dos bandidos tinha muito que contar. Seu dialeto, traduzido literalmente em italiano por Colomba, e depois em inglês por miss Nevil, arrancou mais de uma exclamação ao coronel, mais de um suspiro a miss Nevil; mas Colomba escutava com o rosto impassível; apenas torcia o seu guardanapo até quase despedaçá-lo. Interrompeu a menina cinco ou seis vezes para fazer-lhe repetir que o ferimento, no dizer de Brandolaccio, não era perigoso, e que ele já vira muitos iguais. Ao terminar Chilina referiu que Orso pedia, com insistência, papel para escrever, e que encarregava Colomba de pedir a uma dama (que talvez se encontrasse em sua casa) o favor de não partir antes de receber uma carta sua. Era o que mais o atormentava – acrescentou a menina –, e eu já estava a caminho quando ele me chamou para me recomendar esse recado. Era pela terceira vez que o repetia.

A estas palavras, Colomba sorriu levemente e apertou com força a mão da inglesa, que rompeu em pranto e não julgou a propósito traduzir para o pai essa parte da narrativa.

– Sim, ficarás comigo, minha cara amiga – exclamou Colomba, beijando miss Nevil –, e me ajudarás.

Depois, retirando velhos linhos de um armário, pôs-se a cortá-los para fazer ataduras. Ao ver seus olhos brilhantes, sua tez colorida, aquelas alternativas de preocupação e de sangue-frio, era difícil saber se ela estava mais alarmada com o ferimento do irmão do que encantada com a morte de seus inimigos. Ora servia café ao coronel e gabava sua arte em prepará-lo; ora, distribuindo serviço a miss Nevil e a Chilina, exortava-as a costurar as faixas e enrolá-las; e indagava pela vigésima vez se o ferimento de Orso não o fazia sofrer muito.

Continuamente interrompia o trabalho para dizer ao coronel:

– Dois homens tão perigosos! Tão afoitos!... E ele, sozinho, ferido, só dispondo de um braço... abateu os dois. Que coragem, coronel! Não é um herói? Ah! Miss Nevil, que felicidade viver num país tranquilo como a Inglaterra!... Estou certa de que ainda não conhecia a meu irmão!... Eu o tinha dito: o gavião distenderá as

asas!... Você se enganava com o seu ar tão dócil... é que perto de você... Ah! Se Orso a visse trabalhar para ele... Pobre Orso!

Miss Lydia não trabalhava e não achava uma palavra que dizer. Seu pai perguntava por que não se apressavam em apresentar queixa perante um magistrado. Falava do inquérito do *coroner*²²⁷ e de muitas outras coisas igualmente desconhecidas na Córsega. Queria enfim saber se a casa de campo daquele bom sr. Brandolaccio, que prestara socorro ao ferido, ficava muito longe de Pietranera, e se ele não poderia ir visitar pessoalmente a seu amigo.

E Colomba respondia, com a sua calma costumeira, que Orso estava no mato; que tinha um bandido para lhe prestar assistência; que correria grande risco se se mostrasse antes de estarem seguros das disposições do prefeito e dos juízes, enfim, que ela faria de modo que um cirurgião hábil pudesse ir atendê-lo secretamente.

– E principalmente, sr. coronel – dizia ela –, lembre-se bem de que ouviu os quatro tiros de fuzil, e que me disse que Orso atirara em segundo lugar.

O coronel não compreendia nada do assunto, e sua filha não fazia mais que suspirar e enxugar os olhos.

Já ia avançado o dia quando uma triste procissão entrou na aldeia. Traziam ao advogado Barricini os cadáveres de seus filhos, cada qual atravessado sobre o lombo de uma mula, puxada a cabresto por um campônio. Uma multidão de clientes e ociosos seguia o lúgubre cortejo. Viam-se com eles os gendarmes, que chegam sempre demasiado tarde, e o adjunto, que erguia os braços ao céu, repetindo sem cessar: “Que dirá o sr. prefeito!” Algumas mulheres, entre as quais uma ama de Orlanduccio, arrancavam os cabelos e soltavam gritos selvagens. Mas a sua dor ruidosa causava menos impressão que o desespero mudo de um personagem que atraía todos os olhares. Era o infeliz pai, que, indo de um cadáver a outro, erguia as suas cabeças sujas de terra, beijava-lhes os lábios violáceos, sustentava os seus membros já inteiriçados, como para lhes evitar os solavancos do caminho. Viam-no às vezes abrir a boca para falar, mas não lhe saía nem um grito, nem uma palavra. Sempre com os olhos fixos nos cadáveres, chocava-se contra as

pedras, contra as árvores, contra todos os obstáculos que encontrava.

As lamentações das mulheres, as imprecações dos homens redobravam ao passarem pela casa de Orso. Como alguns pastores rebbianistas se houvessem atrevido a fazer ouvir aclamações de triunfo, não mais pôde conter-se a indignação de seus adversários: “Vingança! vingança!”, bradaram algumas vozes. Lançaram pedras, e duas balas de fuzil, dirigidas às janelas da sala onde se encontravam Colomba e seus hóspedes, atravessaram os postigos e fizeram voar lascas de madeira até sobre a mesa a que estavam sentadas as duas mulheres. Miss Lydia gritava, o coronel apanhou um fuzil, e Colomba, antes que a pudessem deter, lançou-se para a porta da casa, abrindo-a num ímpeto. E ali, de pé sobre o portal elevado, com as mãos estendidas para amaldiçoar seus inimigos, bradou-lhes:

– Covardes! Atirando em mulheres! Em estrangeiros! São corsos? São homens? Miseráveis que só sabem assassinar pelas costas! Avancem! Eu os desafio. Estou sozinha; meu irmão está longe. Matem-me, matem a meus hóspedes, isso é digno de vocês... Não se atrevem, covardes! Sabem que nós nos vingamos. Andem, andem, vão chorar como mulheres, e agradeçam-nos por não lhes pedirmos mais sangue!

Havia na voz e na atitude de Colomba qualquer coisa de imponente e de terrível; à sua vista a multidão recuou atemorizada, como ante a aparição dessas fadas malignas, a cujo respeito se contam na Córsega tantas e tão terríveis histórias, durante os serões de inverno. O adjunto, os gendarmes e certo número de mulheres aproveitaram a situação para se postarem entre os dois partidos; pois os rebbianistas já preparavam as armas e, por um momento, foi de temer que se travasse uma luta geral na praça. Mas as duas facções estavam privadas dos respectivos chefes, e os corsos, disciplinados em seus furores, raramente chegam a vias de fato na ausência dos principais autores de suas guerras intestinas. De resto, Colomba, agora prudente com o sucesso, conteve a sua pequena guarnição.

– Deixem essa pobre gente chorar – dizia ela –, deixem esse velho carregar a sua carne. Para que matar essa velha raposa que não tem mais dentes para morder? Giudice Barricini! Lembra-te do 2 de agosto! Lembra-te da caderneta ensanguentada onde escreveste com a tua mão de falsário! Ali meu pai tomou nota da tua dívida; teus filhos a pagaram. Eu te dou quitação, velho Barricini.

Colomba, de braços cruzados, o sorriso do desprezo nos lábios, viu carregarem os cadáveres para a casa de seus inimigos, e depois a multidão dispersar-se lentamente. Fechou a porta e, entrando na sala de jantar, disse ao coronel:

– Peço-lhe perdão por meus compatriotas, senhor. Eu jamais julgaria que corsos atirassem numa casa onde há estrangeiros, e sinto-me envergonhada pela minha terra.

À noite, quando miss Lydia se retirou para o quarto, o coronel acompanhou-a, e perguntou-lhe se não fariam bem em deixar, logo na manhã seguinte, uma cidade onde se estava exposto, a todo instante, a receber uma bala na cabeça, e, o mais cedo possível, uma terra onde não se viam senão assassinatos e traições.

Miss Nevil demorou algum tempo em responder, e era evidente que a proposta do pai não lhe causava pequeno embaraço. Afinal disse:

– Como poderíamos abandonar essa infeliz moça num momento em que tem tanta necessidade de consolo? Não acha, meu pai, que seria uma crueldade da nossa parte?

– É por ti que eu falo, minha filha. E, se estivesses em segurança no hotel de Ajácio, asseguro-te que sentiria muito deixar essa maldita ilha sem haver apertado a mão desse bravo Della Rebbia.

– Pois bem, meu pai, esperemos. E vejamos bem, antes de partir, se não lhes podemos prestar nenhum serviço.

– Tens um bom coração! – disse o coronel, beijando a filha, na frente. – Estimo ver-te assim, sacrificando-te para suavizar a dor alheia. Fiquemos; a gente nunca se arrepende de ter feito uma boa ação.

Miss Lydia agitava-se no leito sem poder dormir. Ora os vagos rumores que ouvia lhe pareciam os preparativos de um ataque contra a casa; ora, tranquilizada quanto a si mesma, pensava no pobre ferido, deitado provavelmente àquela hora sobre a terra fria, sem outros socorros além dos que podia esperar da caridade de um bandido. Imaginava-o coberto de sangue, debatendo-se em sofrimentos horríveis; e o singular era que, todas as vezes em que a imagem de Orso se lhe apresentava ao espírito, sempre lhe aparecia tal como o vira no momento da partida, apertando contra os lábios o talismã que ela lhe dera... Depois pensava na bravura de Orso. Considerava que o terrível perigo a que acabava de escapar, era por causa dela, para vê-la um pouco mais cedo, que Orso o afrontara. Pouco faltava para se persuadir de que fora para a defender que Orso havia sido baleado. Incriminava-se do seu ferimento, mas tanto mais o admirava; e se o famoso tiro duplo não tinha, a seu ver, tanto mérito como para Brandolaccio e Colomba, pensava todavia que poucos heróis de romance poderiam ter mostrado tamanha intrepidez e sangue-frio em tão grande perigo.

O quarto que ocupava era o de Colomba. Acima de uma espécie de genuflexório de carvalho, e ao lado de uma palma benta, estava pendurado à parede um retrato em miniatura de Orso, fardado de tenente. Miss Nevil despreendeu aquele retrato, considerou-o longamente e colocou-o afinal junto de seu leito, em vez de o repor no devido lugar. Só adormeceu ao romper do dia, e já ia alto o sol quando ela despertou. Em frente a seu leito viu Colomba, que aguardava, imóvel, o momento em que ela abrisse os olhos.

– E então? – disse Colomba. – Não está muito mal em nossa pobre casa? Receio que não tenha dormido nada.

– Tem notícias dele, minha cara amiga? – perguntou miss Nevil, sentando-se na cama.

Viu o retrato de Orso e apressou-se em lançar-lhe um lenço em cima, para ocultá-lo.

– Sim, tenho notícias suas – disse Colomba, sorrindo.

E, pegando o retrato:

– Acha-o parecido? Orso é mais bonito.

– Meu Deus! – exclamou miss Nevil, confusa. – Eu tirei... por distração... esse retrato... Tenho o defeito de mexer em tudo... e não deixar nada no lugar... Como vai seu irmão?

– Muito bem. Giocanto veio aqui esta madrugada, antes das quatro horas. Trazia uma carta... para você; a mim, ele não escreveu. É verdade que vinha no envelope o meu nome, mas, mais abaixo: para miss Nevil... As irmãs não são ciumentas. Giocanto diz que ele passou muito trabalho para escrever. Giocanto, que tem uma letra soberba, ofereceu-se para escrever sob seu ditado. Ele não quis. Escrevia com um lápis e deitado de costas. Brandolaccio segurava-lhe o papel. A cada instante meu irmão queria erguer-se, e então, ao menor movimento, eram dores atrozes no braço. Dava pena, dizia Giocanto. Aqui está a sua carta.

Miss Nevil leu a carta, que fora escrita em inglês, sem dúvida por excesso de precaução:

Senhorita,

Uma infeliz fatalidade me levou a isto; ignoro o que dirão meus inimigos, que calúnias inventarão. Pouco me importa, a mim, se a senhorita não lhes der crédito. Depois que a vi, deixei-me embalar por sonhos insensatos. Foi preciso essa catástrofe para me demonstrar minha loucura; estou razoável, agora. Sei o futuro que me espera, e esse futuro me encontrará resignado. O anel que me deu, e que eu supunha um talismã de felicidade, já não ouse guardá-lo. Receio que a senhorita se arrependa de haver tão mal empregado os seus presentes, ou antes, receio que esse anel me recorde o tempo em que eu era louco. Colomba lho entregará... Adeus, senhorita, vai deixar a Córsega, e eu nunca mais a verei: mas diga a minha irmã que ainda tenho a sua estima, e esta, asseguro-lhe que continuo a merecê-la.

O.D.R.

Miss Lydia voltara-se para ler a carta, e Colomba, que a observava atentamente, entregou-lhe o anel egípcio, perguntando-lhe com o olhar o que significava aquilo. Mas miss Lydia não ousava erguer a cabeça, e considerava tristemente o anel, que ela punha no dedo e retirava sucessivamente.

– Querida miss Nevil – interrogou Colomba –, não posso saber o que lhe diz meu irmão? Fala de seu estado?

– Não... – disse miss Lydia, enrubescendo. – Não fala... A carta é em inglês... Ele encarrega-me de dizer a meu pai... Espera que o prefeito poderá arranjar...

Colomba, sorrindo com malícia, sentou-se no leito, tomou ambas as mãos de miss Nevil e, fitando-a com seus olhos penetrantes:

– Vai ser boa, sim? – disse ela. – Vai mesmo responder a meu irmão? Isso faria tanto bem a ele! Por um momento me veio a ideia de despertá-la quando chegou a carta, mas não me animei.

– Fez mal – disse miss Nevil. – Se uma palavra minha pudesse dar-lhe...

– Agora não lhe posso enviar cartas. O prefeito chegou, e Pietranera está cheia dos seus homens. Mais tarde veremos. Ah! Se conhecesse a meu irmão, miss Nevil, haveria de estimá-lo como eu o estimo. É tão bom! Tão bravo! Pense no que ele fez! Sozinho contra dois, e ferido!

O prefeito estava de volta. Informado por um emissário do adjunto, chegara acompanhado dos gendarmes e atiradores, mais o procurador do rei, o escriturário e o resto, para abrir inquérito sobre a nova e terrível catástrofe que complicava, ou, se quiserem, que terminava as inimizades das famílias de Pietranera. Pouco depois de sua chegada, avistou-se com o coronel Nevil e sua filha, e não lhes ocultou recear que o caso tomasse mau rumo.

– Como sabem – disse ele –, o combate não teve testemunhas; e tão sólida era a fama de perícia e coragem desses dois pobres rapazes, que todos se recusam a crer que o sr. Della Rebbia tenha podido matá-los sem auxílio dos bandidos junto aos quais o dizem refugiado.

– Impossível! – exclamou o coronel. – Orso della Rebbia é um homem de honra. Eu respondo por ele.

– Assim o creio – disse o prefeito –, mas o procurador do rei (esses senhores suspeitam sempre) não me parece favoravelmente inclinado. Tem em mãos um documento desfavorável para o vosso

amigo. É uma carta ameaçadora dirigida a Orlanduccio, em que ele lhe marca um encontro... e esse encontro afigura-se-lhe uma emboscada.

– Esse Orlanduccio – disse o coronel – se recusou a bater-se com um homem de honra.

– Não é o costume aqui. Emboscar-se, matar pelas costas, é assim que se faz... Há em verdade um depoimento favorável: é o de uma menina que afirma ter ouvido quatro detonações, sendo as duas últimas mais fortes que as outras e provenientes de uma arma de grosso calibre como o fuzil do sr. Della Rebbia. Infelizmente, essa menina é sobrinha de um dos bandidos a quem suspeitam de cumplicidade, e provavelmente traz a lição de cor.

– Senhor – interrompeu miss Lydia, enrubescendo até a raiz dos cabelos –, estávamos na estrada quando foram trocados os tiros, e ouvimos a mesma coisa.

– Sim? Isto é importante. E o senhor, coronel, fez sem dúvida a mesma observação?

– Sim – tornou vivamente miss Nevil –, foi meu pai, que tem o hábito de dar armas, quem disse: “É o sr. Della Rebbia que está atirando com o meu fuzil.”

– E esses tiros que reconheceram, eram mesmo os últimos?

– Os dois últimos, não, meu pai?

O coronel não tinha boa memória; mas nunca contradizia a filha.

– É preciso dizê-lo imediatamente ao procurador do rei, sr. coronel. De resto, esperamos esta noite um cirurgião que examinará os cadáveres e verificará se os ferimentos foram feitos com a referida arma.

– Fui eu que a dei a Orso – disse o coronel –, e desejava que ela estivesse no fundo do mar... quero dizer... o ótimo rapaz!... Estimo que ele a tivesse nas mãos... Pois, sem a minha Manton, não sei como poderia sair-se da empreitada.

XIX.

O cirurgião chegou um pouco tarde. Tivera a sua aventura no caminho. Encontrado por Giocanto Castriconi, fora intimado, com a maior polidez, a prestar seus cuidados a um ferido. Fora conduzido para junto de Orso, e pusera o primeiro aparelho em seu braço. Em seguida o bandido o acompanhara a regular distância, espantando-o muito ao lhe falar dos mais famosos professores de Pisa, que, dizia ele, eram seus íntimos amigos.

– Doutor – disse o teólogo ao deixá-lo –, o senhor me inspirou muita estima para que eu julgue necessário lembrar-lhe que um médico deve ser tão discreto como um confessor. – E acionava os fechos do fuzil. – O senhor esqueceu o lugar em que tivemos a honra de nos vermos. Adeus, encantado de o ter conhecido.

Colomba pediu ao coronel que assistisse à autópsia.

– O senhor conhece melhor do que ninguém o fuzil de meu irmão – disse ela –, e a sua presença será muito útil. E depois, há tanta gente ruim aqui, que correríamos grande risco se não tivéssemos ninguém para defender nossos interesses.

Ficando a sós com miss Lydia, queixou-se Colomba de uma grande dor de cabeça e propôs-lhe um passeio pelos arredores da vila.

– O ar fresco me fará bem – dizia ela. – Há tanto tempo que não o respiro!

Enquanto caminhavam, falava-lhe de seu irmão; e miss Lydia, a quem esse assunto vivamente interessava, não se apercebia de que se afastavam muito de Pietranera. Já o sol se punha, quando ela o observou, convidando Colomba a regressarem. Colomba conhecia um atalho, que, segundo dizia, abreviava em muito o regresso; e, deixando o caminho que seguia, tomou por outro aparentemente muito menos frequentado. Em breve pôs-se a galgar uma encosta de tal maneira íngreme que era continuamente obrigada a segurar-se, com uma das mãos, a ramos de árvores, enquanto puxava com a outra a sua companheira. Depois de um longo quarto de hora de penosa ascensão, encontraram-se num pequeno planalto coberto de mirtos e medronhos, em meio de grandes massas de granito, que

emergiam do solo de todos os lados. Miss Lydia estava muito fatigada, a aldeia não aparecia, e era quase noite.

– Sabe, minha cara Colomba, que eu temo que estejamos perdidas?

– Não tenha medo. Vamos em frente, siga-me.

– Mas garanto que você está enganada; a aldeia não pode ficar para este lado. Sou capaz de apostar que estamos de costas para ela. Olhe aquelas luzes que avistamos tão longe, decerto é lá que é Pietranera.

– Minha querida amiga – disse Colomba, com um ar agitado –, tem razão; mas a duzentos passos daqui... naquele mato...

– Que há?

– Lá está meu irmão; se você quisesse, eu poderia ir vê-lo e abraçá-lo.

Miss Nevil fez um gesto de surpresa.

– Eu saí de Pietranera sem ser notada – prosseguiu Colomba –, porque estava com você... De outro modo, eu seria seguida... Estar tão perto dele e não vê-lo!... Por que não vem comigo, ver o meu pobre irmão? Você lhe daria tanto prazer!

– Mas Colomba... não seria conveniente da minha parte.

– Compreendo. Vocês, mulheres das cidades, vivem a inquietar-se com o que é conveniente; nós, mulheres de aldeia, só pensamos no que é direito.

– Mas já é tão tarde!... E seu irmão, que pensará de mim?

– Pensará que não está abandonado pelos amigos, e isto lhe dará ânimo para sofrer.

– E meu pai, vai ficar tão inquieto...

– Ele sabe que você está comigo... Vamos! Decida-se... Ainda esta manhã... você olhava para o retrato de Orso – acrescentou ela, com um sorriso de malícia.

– Na verdade, eu não me animo, Colomba... com esses bandidos.

– Que importa? Eles não a conhecem... E, além disso, você desejava ver bandidos!

– Meu Deus!

– Vamos, tome um partido. É impossível deixá-la aqui; não se sabe o que poderia acontecer. Vamos ver Orso, ou então voltemos juntas para a aldeia... Eu verei meu irmão... sabe Deus quando... talvez nunca...

– Que está dizendo, Colomba? Pois bem! Vamos! Mas por um minuto apenas, e voltaremos em seguida.

Colomba apertou-lhe a mão e, sem responder, pôs-se a caminhar com tal rapidez que miss Lydia tinha dificuldade em segui-la. Felizmente Colomba parou em breve, dizendo à companheira:

– Não avancemos mais, antes de haver prevenido; poderíamos apanhar um tiro.

Pôs-se então a assobiar entre os dedos; logo se ouviu ladrar um cão, e não tardou a aparecer a sentinela avançada dos bandidos. Era o nosso velho conhecido, o cão Brusco, que logo reconheceu Colomba, e encarregou-se de lhe servir de guia. Depois de muitas voltas pelos trilhos estreitos do mato, apresentaram-se-lhes dois homens armados até os dentes.

– É você, Brandolaccio? – perguntou Colomba. – Onde está meu irmão?

– Ali! – respondeu o bandido. – Mas avancem devagarinho: ele está dormindo; é a primeira vez que isso lhe acontece depois do acidente. Valha-nos Deus! Bem se vê que por onde passa o diabo uma mulher também passa.

As duas mulheres aproximaram-se com precaução e, junto a um fogo que haviam ocultado prudentemente por trás de um improvisado muro de pedras, avistaram Orso deitado em cima de um monte de folhas e coberto por um *pilone*. Estava muito pálido, e ouvia-se a sua respiração opressa. Colomba sentou-se perto dele, e contemplava-o em silêncio, de mãos juntas, como se rezasse mentalmente. Miss Lydia, cobrindo o rosto com o lenço, apertava-se contra ela; mas de tempos em tempos erguia a cabeça, para ver o ferido por cima do ombro de Colomba. Passou-se um quarto de hora, sem que ninguém abrisse a boca. A um sinal do teólogo,

Brandolaccio mergulhara com ele no mato, com grande contentamento de miss Lydia que, pela primeira vez, achava que as grandes barbas e o equipamento dos bandidos tinham demasiada cor local.

Afinal Orso fez um movimento. Colomba imediatamente se inclinou para ele e beijou-o várias vezes, cumulando-o de perguntas sobre o seu ferimento, as suas dores, as suas necessidades. Depois de responder que estava tão bem quanto possível Orso lhe perguntou por sua vez se miss Nevil ainda se achava em Pietranera e se lhe havia escrito. Colomba, curvada sobre o irmão, ocultava-lhe completamente a companheira, à qual a obscuridade, aliás, dificilmente lhe permitiria reconhecer. Ela segurava uma das mãos de miss Nevil, e, com a outra, erguia levemente a cabeça do ferido.

– Não, ela não me deu carta para ti... Mas continuas a pensar em miss Nevil? Tu a amas, então?

– Se a amo, Colomba!... Mas agora... agora ela talvez me despreze!

Nesse momento miss Nevil fez um esforço para retirar a mão; mas não era fácil fazer com que Colomba a soltasse; e, embora pequena e bem modelada, sua mão possuía uma força de que já viram algumas provas.

– Desprezar-te! – exclamou Colomba. – Depois do que fizeste... Pelo contrário, ela diz muito bem de ti... Ah! Orso, eu teria muitas coisas a contar-te a seu respeito.

A mão queria escapar, mas Colomba chegava-a cada vez mais perto de Orso.

– Mas afinal – disse o ferido –, por que não responder-me?... Uma linha só, e eu ficaria contente.

À força de puxar a mão de miss Nevil, Colomba acabou por metê-la na do irmão. Então, afastando-se de súbito, rompeu numa gargalhada e exclamou:

– Orso, toma cuidado em não dizeres mal de miss Lydia, pois ela compreende muito bem o corso.

Miss Lydia retirou em seguida a mão e balbuciou algumas palavras ininteligíveis. Orso julgava estar sonhando.

– A senhora aqui, miss Nevil! Meu Deus! Como se atreveu? Ah! Que feliz me torna!

E, erguendo-se a custo, tentou aproximar-se dela.

– Acompanhei sua irmã... – disse miss Lydia – ...para que não pudessem suspeitar aonde ela ia... e depois eu queria também... certificar-me... Oh! Como o senhor está mal aqui!

Colomba sentara-se atrás de Orso. Ergueu-o com precaução de maneira a sustentar-lhe a cabeça sobre os joelhos. Passou-lhe o braço em redor do pescoço, e fez sinal a miss Lydia para que se aproximasse.

– Mais perto! Mais perto! – dizia ela. – Um doente não deve elevar muito a voz.

E como miss Lydia hesitasse, tomou-lhe a mão e forçou-a a sentar-se tão perto que seu vestido tocava em Orso, e sua mão, que ela continuava a segurar, repousava sobre o ombro do ferido.

– Ele está muito bem assim – disse Colomba –, com ar alegre. – Não é verdade, Orso, que se está muito bem no mato, em bivaque, por uma bela noite como esta?

– Oh! Sim! Bela noite! – disse Orso. – Nunca mais a esquecerei.

– Como deve sofrer! – disse miss Nevil.

– Eu não sofro mais, e desejaria morrer aqui.

E sua mão direita aproximava-se da de miss Lydia, que Colomba continuava a manter prisioneira.

– É absolutamente preciso que o transportem para algum lugar onde lhe possam prestar cuidados, sr. Della Rebbia. Não poderei mais dormir, agora que o vi tão mal acomodado... ao relento...

– Se eu não temesse encontrá-la, miss Nevil, teria tentado voltar a Pietranera, e me constituiria prisioneiro.

– E por que temias encontrá-la, Orso? – perguntou Colomba.

– Eu lhe havia desobedecido, miss Nevil... e não me atreveria a vê-la naquele momento.

– Sabe que meu irmão faz tudo o que você quer? – disse Colomba, a rir. – De agora em diante, vou proibir que o veja.

– Espero – disse miss Lydia – que esse triste caso se esclareça e que o senhor em breve nada mais tenha a temer... Ficarei muito contente se, antes de partirmos, souber que lhe fizeram justiça e que reconheceram tanto a sua lealdade como a sua bravura.

– Vai partir, miss Nevil! Não diga ainda esta palavra.

– Que quer?... Meu pai não pode caçar toda a vida... ele deseja partir. Orso deixou cair a mão que tocava a de miss Lydia, e houve um momento de silêncio.

– Qual! – exclamou Colomba. – Nós não a deixaremos partir tão depressa. Ainda temos muito que lhe mostrar em Pietranera... Aliás, você prometeu fazer o meu retrato, e ainda não começou... E depois, eu prometi fazer-lhe uma serenata em setenta e cinco coplas... E depois... Mas por que será que Brusco está rosnando?... Brandolaccio vai ao seu encontro... Vejamos o que é.

Em seguida ergueu-se e, colocando sem cerimônia a cabeça de Orso sobre os joelhos de miss Nevil, correu para junto dos bandidos.

Um pouco espantada de se encontrar assim, amparando um belo moço, e a sós com ele no meio de um mato, miss Nevil não sabia propriamente que fazer, pois, se se afastasse bruscamente, receava fazer mal ao ferido. Mas Orso deixou por si mesmo o suave apoio que a irmã lhe acabava de dar e, soerguendo-se sobre o braço direito:

– Quer então dizer que parte em breve, miss Lydia? Eu nunca tinha pensado que fosse prolongar sua estadia nesta infeliz terra... e no entanto... agora que veio aqui, sofro mil vezes mais ao pensar que é preciso dizer-lhe adeus... Eu sou um pobre tenente... sem futuro... proscrito agora... Que momento, miss Lydia, para lhe dizer que a amo... mas é sem dúvida a única vez em que lhe poderei dizer isso, e parece-me que sou menos infeliz, agora que aliviei meu coração.

Miss Lydia desviou o rosto, como se a obscuridade não bastasse para lhe ocultar o rubor:

– Sr. Della Rebbia – disse ela com voz trêmula –, teria eu vindo a este lugar se...?

E, enquanto falava, punha na mão de Orso o talismã egípcio. E depois, fazendo um esforço violento para retomar o tom de gracejo que lhe era habitual:

– Faz muito mal, sr. Orso, em falar dessa maneira... No meio do mato, cercado dos seus bandidos, bem sabe que eu não me atreveria a zangar-me com o senhor.

Orso fez um movimento para beijar a mão que lhe devolvia o talismã; e, como miss Lydia a retirasse um pouco depressa, perdeu o equilíbrio, e tombou sobre o braço ferido. Não pôde reter um gemido doloroso.

– Magoou-se, meu amigo? – exclamou miss Lydia, erguendo-o. – A culpa foi minha! Perdoe-me...

Falaram-se ainda algum tempo em voz baixa e muito próximos um do outro. Colomba, que acorria às pressas, encontrou-os justamente na posição em que os tinha deixado.

– Os atiradores! – exclamou. – Orso, vê se podes erguer-te e caminhar, eu te ajudarei.

– Deixa-me – respondeu Orso. – Dize aos bandidos que fujam... Prendam-me, pouco importa. Mas leva miss Lydia; em nome de Deus, que não a vejam aqui!

– Eu não o deixarei – disse Brandolaccio, que seguia a Colomba. – O sargento dos atiradores é um afilhado do advogado Barricini; em vez de o prender, ele o matará, e dirá depois que não o fez de propósito.

Orso ergueu-se, chegou a dar alguns passos; mas parou em seguida, dizendo:

– Não posso andar – disse ele. – Fugam vocês. Adeus, miss Lydia; dê-me a sua mão, adeus!

– Nós não o deixaremos! – exclamaram as duas mulheres.

– Se não pode andar – disse Brandolaccio –, será preciso que eu o carregue. Vamos, meu tenente, um pouco de coragem; teremos

tempo de escapar pela ravina, ali atrás. O sr. cura dará serviço a eles.

– Não, deixa-me – disse Orso, deitando-se por terra. – Por amor de Deus, Colomba, leva miss Nevil!

– A srta. Colomba, que é forte – disse Brandolaccio –, pegue-o pelos ombros; eu seguro os pés. Bem! Ordinário, marche!

Começaram a carregá-lo rapidamente, apesar dos seus protestos. Miss Lydia seguia-os, horrivelmente assustada, quando se fez ouvir um tiro de fuzil, ao qual cinco ou seis outros responderam em seguida. Miss Lydia soltou um grito, Brandolaccio uma imprecação, mas redobrou de velocidade, e Colomba, a exemplo seu, corria através do mato, sem dar atenção aos ramos que lhe fustigavam o rosto ou lhe rasgavam o vestido.

– Abaixei-se, minha cara – dizia ela à sua companheira –, que pode apanhar uma bala.

Andaram, ou antes, correram dessa maneira, cerca de quinhentos passos, quando Brandolaccio declarou que não podia mais, e deixou-se cair por terra, apesar das exortações e censuras de Colomba.

– Onde está miss Nevil? – perguntava Orso.

Miss Nevil, assustada com os tiros, detida a cada instante pela espessura do mato, perdera logo o rastro dos fugitivos, e ficara a sós, acometida das mais vivas angústias.

– Ficou para trás – disse Brandolaccio –, mas não está perdida, as mulheres sempre se orientam. Escute, Ors' Anton', o barulho que está fazendo o cura com o fuzil do senhor, infelizmente não se enxerga coisa alguma, e um tiroteio de morte não faz grande estrago.

– Pst! – interrompeu Colomba –, ouço um cavalo aqui perto, estamos salvos.

Com efeito, um cavalo que pastava no mato, assustado com o ruído da fuzilaria, aproximava-se dos fugitivos.

– Estamos salvos! – repetiu Brandolaccio.

Correr ao cavalo, pegá-lo pelas crinas, passar-lhe na boca um laço de corda, à guisa de freio, foi para o bandido, auxiliado por

Colomba, obra de um momento.

– Vamos agora avisar ao cura – disse ele.

Assobiou duas vezes; um assobio afastado respondeu a esse sinal, e o fuzil de Manton cessou de fazer ouvir sua grossa voz. Então Brandolaccio saltou para o lombo do cavalo. Colomba colocou o irmão na frente do bandido que, com uma das mãos, o apertou fortemente, enquanto com a outra governava a sua montaria. Apesar da dupla carga, o cavalo, excitado com dois bons pontapés no ventre, partiu levemente e desceu a galope uma encosta escarpada, onde qualquer outro, que não um cavalo corso, se teria despedaçado cem vezes.

Colomba volveu então sobre seus passos, chamando miss Nevil com toda a força, mas nenhuma voz respondia à sua... Depois de haver andado algum tempo ao acaso, procurando achar o caminho que percorrera, encontrou dois atiradores que lhe gritaram: “Quem vem lá?!”

– E então, senhores? – disse Colomba, num tom zombeteiro. – Que barulho é esse? Quantos mortos?

– Você estava com os bandidos – disse um dos soldados –, agora vai vir conosco.

– Perfeitamente – respondeu ela. – Mas tenho uma amiga aqui, e é preciso que a encontremos primeiro.

– Sua amiga já foi apanhada, e você irá com ela dormir na prisão.

– Na prisão? É o que veremos; mas, enquanto isto, levem-me para junto dela.

Os atiradores conduziram-na então ao acampamento dos bandidos, onde reuniam os troféus da sua expedição, isto é, o *pilone* que cobria Orso, uma velha marmita e uma moringa cheia d’água. No mesmo local achava-se miss Nevil, que encontrada pelos soldados meio morta de medo, respondia com lágrimas a todas as suas perguntas sobre o número dos bandidos e a direção que haviam tomado.

Colomba lançou-se aos seus braços e disse-lhe ao ouvido: “Estão salvos.”

Depois, dirigindo-se ao sargento dos atiradores:

– Senhor, bem vê que a senhorita nada sabe do que lhe perguntam. Deixe-nos voltar à vila, onde somos esperadas com impaciência.

– Para lá irão, e mais cedo do que o desejam, minha bela – disse o sargento –, e terão de explicar o que faziam a estas horas, no mato, com os bandidos que acabam de fugir. Não sei que sortilégio empregam esses velhacos, mas a verdade é que fascinam as raparigas, pois em toda a parte onde haja bandidos a gente as encontra na certa, e bem bonitas.

– O senhor é muito galante, sargento – disse Colomba –, mas não faria mal em cuidar das suas palavras. Essa senhorita é parenta do prefeito, e não convém brincar com ela.

– Parenta do prefeito! – murmurou um atirador para seu chefe –, de fato, ela usa chapéu.

– O chapéu não quer dizer nada – retrucou o sargento. – Estavam as duas com o cura, que é o maior sedutor da região, e meu dever é levá-las presas. Assim, pois, nada temos que fazer aqui. Se não fosse aquele desgraçado do cabo Taupin... O bêbado do francês mostrou-se antes que eu houvesse cercado o mato... Se não fosse ele, nós os apanharíamos como numa rede.

– Vocês são sete? – perguntou Colomba. – Pois saibam, senhores, que se por acaso os três irmãos Gambini, Sarocchi e Teodoro Poli se encontrassem na encruzilhada de Santa Cristina com Brandolaccio e o cura, poderiam dar-lhes bastante trabalho. Se tivessem de ter uma conversa com o comandante da campanha,²²⁸ eu não faria questão de me encontrar no meio. As balas não conhecem ninguém de noite.

A possibilidade de um encontro com os temíveis bandidos que Colomba acabava de nomear pareceu impressionar os atiradores. Sempre praguejando contra o cabo Taupin, aquele cachorro de francês, o sargento deu ordem de retirada, e sua pequena tropa tomou o caminho de Pietranera, carregando o *pilone* e a marmita. Quanto à moringa, um pontapé lhe fez justiça. Um atirador quis pegar miss Lydia pelo braço; mas Colomba o repeliu, imediatamente:

– Que ninguém lhe toque! – disse ela. – Acha que temos vontade de fugir? Vamos, querida Lydia, apoie-se em mim, e não fique a chorar como uma criança. Que aventura, hein? Mas não acabará mal; daqui a meia hora estaremos à mesa jantando. Por minha parte, estou louca de fome.

– Que pensarão de mim? – dizia baixinho miss Nevil.

– Pensarão apenas que você se perdeu no mato...

– Que dirá o prefeito?... Que dirá meu pai, principalmente?

– O prefeito?... Você lhe responderá que se meta com a sua prefeitura. O seu pai?... Pela maneira como você conversava com Orso, pensava eu que teria alguma coisa que dizer a seu pai.

Miss Lydia apertou-lhe o braço sem responder.

– Não é verdade – murmurou-lhe Colomba ao ouvido –, que meu irmão merece que o amem? Não o ama um pouquinho?

– Ah! Colomba – respondeu miss Nevil, sorrindo apesar da sua confusão –, você me traiu... e eu que tinha tanta confiança em você!

Colomba enlaçou-lhe a cintura, beijou-a na fronte e disse em voz baixa:

– Não me perdoas, irmãzinha?

– Pois que remédio! Minha terrível irmã – respondeu Lydia, devolvendo-lhe o beijo.

O prefeito e o procurador do rei estavam alojados em casa do adjunto de Pietranera, e o coronel, muito inquieto por causa da filha, vinha pela vigésima vez pedir-lhe notícias dela, quando um atirador destacado como estafeta pelo sargento lhes fez a narrativa do terrível combate travado com os bandidos, combate no qual não houvera, em verdade, nem mortos nem feridos, mas em que haviam tomado uma marmita, um *pilone* e duas raparigas que eram, dizia ele, amantes ou espias dos bandidos. Assim anunciadas, compareceram as duas companheiras, em meio da sua escolta armada. Adivinha-se a atitude radiante de Colomba, a vergonha de sua companheira, a surpresa do prefeito, a alegria e espanto do coronel. O procurador do rei entregou-se ao malicioso prazer de

sujeitar a pobre Lydia a uma espécie de interrogatório que só terminou quando a fez perder toda compostura.

– Parece-me – disse o prefeito – que poderemos pôr a todo o mundo em liberdade. Essas senhoritas foram passear, nada mais natural por um belo tempo; encontraram por acaso um amável jovem ferido, nada mais natural também.

Depois, tomando Colomba à parte:

– Senhorita – disse ele –, pode mandar dizer a seu irmão que o seu caso vai melhor do que eu esperava. O exame dos cadáveres, o depoimento do coronel, provam que ele não fez mais que responder aos agressores, e que se achava sozinho no momento do combate. Tudo se arranjará, mas é preciso que ele deixe o quanto antes o seu esconderijo e venha constituir-se prisioneiro.

Eram cerca de onze horas quando o coronel, sua filha e Colomba se sentaram à mesa, ante um jantar frio. Colomba comia com bom apetite, troçando do prefeito, do procurador do rei e dos atiradores. O coronel comia, mas não dizia palavra, e sempre a olhar para a filha, que não erguia os olhos do prato. Afinal, com uma voz branda, mas grave, disse-lhe em inglês:

– Lydia, estás então comprometida com Della Rebbia?

– Sim, meu pai, desde hoje – respondeu ela, corando, mas com voz firme.

Depois ergueu os olhos, e, não vendo na fisionomia do pai nenhum sinal de zanga, lançou-se em seus braços e beijou-o, como o fazem as moças bem-educadas em semelhante ocasião.

– Ainda bem – disse o coronel –, é um belo rapaz; mas, por amor de Deus! Não fiquemos na sua maldita terra! Ou nego o meu consentimento.

– Eu não sei inglês – disse Colomba, que os olhava com extrema curiosidade –, mas aposto que adivinhei o que estão dizendo.

– Dizemos – respondeu o coronel – que vamos levar você para uma viagem à Irlanda.

– Oh! Com muito gosto, e eu serei a *surella Colomba*.²²⁹ Feito, coronel? Apertamos as mãos?

– Nestes casos a gente se beija – disse o coronel.

XX.

Alguns meses depois do tiro duplo que mergulhou a comuna de Pietranera na consternação (como disseram os jornais), um jovem com um braço em tipoia saiu a cavalo de Bastia, à tarde, e dirigiu-se para a aldeia de Cardo, famosa por sua fonte, que, no verão, fornece às pessoas enfermas da cidade uma água deliciosa. Acompanhava-o uma moça de talhe elevado e notável beleza, montada num pequeno cavalo negro, cuja força e elegância admirariam a um conhecedor, mas que infelizmente mostrava uma orelha rasgada por algum acidente estranho.

Na aldeia, a jovem saltou rapidamente em terra e, depois de haver ajudado o companheiro a apear, desprendeu pesadas sacolas que trazia presas ao arção da sela. Os cavalos foram entregues à guarda de um campônio, e o homem e sua companheira encaminharam-se para a montanha, tomando um caminho muito íngreme, que não parecia conduzir a nenhuma habitação, ela com as sacolas debaixo do *mezzaro* e ele com um fuzil de dois canos. Chegados que foram a um dos tabuleiros do monte Quercio, pararam, sentando-se ambos na relva. Pareciam esperar alguém, pois voltavam sem cessar os olhos para a montanha, e a moça consultava frequentemente um lindo relógio de ouro, talvez não só para contemplar uma joia que parecia possuir de há pouco, como também para saber se não era chegada a hora de algum encontro. A espera não foi longa. Um cão saiu do mato e, ao nome de Brusco, pronunciado pela moça, apressou-se em vir fazer festas aos visitantes. Pouco depois apareceram dois homens barbudos, o fuzil sob o braço, de cartucheira e pistola à cinta. Suas vestes rasgadas e cobertas de remendos contrastavam com as suas armas brilhantes e de uma fábrica famosa do continente. Apesar da aparente desigualdade de sua posição, os quatro personagens desta cena abordaram-se familiarmente e como velhos amigos.

– Com que então, Ors’ Anton’ – disse ao jovem o mais velho dos bandidos –, eis o seu assunto terminado. Impronúncia. Meus cumprimentos. Sinto que o advogado não mais esteja na ilha, para vê-lo raivar. E o seu braço?

– Dentro de quinze dias – respondeu o jovem –, dizem que poderei deixar a tipoia. Brando, meu bravo, vou partir amanhã para a Itália e quis dizer-te adeus, bem como ao sr. cura. Foi por isso que lhes pedi que viessem.

– Anda com muita pressa – disse Brandolaccio. – Impronunciado ontem, e já parte amanhã?

– São negócios – respondeu alegremente a moça. – Senhores, trouxe-lhes jantar: comam, e não se esqueçam do meu amigo Brusco.

– A senhorita estraga Brusco. Mas ele sabe mostrar-se reconhecido. Vai ver. Vamos, Brusco – disse ele, estendendo o fuzil horizontalmente –, salta para os Barricini.

O cão permaneceu imóvel, lambendo o focinho e olhando para o seu dono.

– Salta para os Della Rebbia!

E ele saltou dois pés mais alto do que era necessário.

– Escutem, meus amigos – disse Orso –, vocês têm um desgraçado ofício; e, se não lhes acontecer terminarem a carreira naquele lugar que avistamos daqui,²³⁰ o melhor que lhes pode suceder é tombarem na mata, sob as balas de um gendarme.

– Pois bem! – disse Castriconi. – É uma morte como qualquer outra, e que vale mais que a febre que nos mata na cama, em meio das lágrimas mais ou menos sinceras de nossos herdeiros. Quando se tem, como nós, o hábito do ar livre, não há nada como morrer dentro dos sapatos, como dizem os da nossa aldeia.

– Eu gostaria – prosseguiu Orso – de os ver deixar esta terra... e levar uma vida mais tranquila. Por exemplo, por que não irem estabelecer-se na Sardenha, como fizeram vários de seus camaradas? Eu poderia facilitar-lhes os meios.

– Na Sardenha! – exclamou Brandolaccio. – *Istos Sardos!* Que o diabo os carregue com o seu dialeto. É muito má companhia para nós.

– Na Sardenha não há solução – acrescentou o teólogo. – Quanto a mim, desprezo os sardos. Para dar caça aos bandidos, têm eles uma milícia a cavalo; isto define ao mesmo tempo os bandidos e a terra.²³¹ Abaixo a Sardenha! O que me espanta, sr. Della Rebbia, é que o senhor, que é um homem de gosto e de saber, não tenha adotado a nossa vida do mato, depois de a experimentar, como fez.

– Mas – respondeu Orso, sorrindo –, quando eu tinha a vantagem de ser comensal dos senhores, não estava muito em estado de apreciar os encantos da sua situação, e ainda me doem as costelas quando recordo a correria que fiz uma bela noite, atravessado como um fardo no lombo de um cavalo sem sela, que o meu amigo Brandolaccio conduzia.

– E o prazer de escapar à perseguição – replicou Castriconi –, não o leva o senhor em conta? Como pode ser insensível ao encanto de uma liberdade absoluta, num belo clima como o nosso? Com este traz-respeito (e mostrava o seu fuzil) a gente é rei em toda parte, até onde possa alcançar a bala. A gente se impõe, repara injustiças... Um divertimento muito moral, senhor, e muito agradável, que não nos recusamos. Haverá vida mais bela que a de cavaleiro andante, para quem possui melhores armas e mais juízo do que d. Quixote? Olhe, o outro dia, eu soube que o tio da pequena Lilla Luigi, o velho sovina, não lhe queria dar um dote; escrevi-lhe, sem ameaças, que não é este o meu sistema; pois bem! O homem se convenceu no mesmo instante; ele logo casou a menina. E assim fiz eu a felicidade de duas pessoas. Acredite, sr. Orso, não há nada comparável à vida de bandido. Qual! O senhor se tornaria um dos nossos se não fosse certa inglesinha, a quem aliás apenas entrevi, mas de quem todos falam com admiração em Bastia.

– Minha futura cunhada não gosta do mato – disse Colomba, a rir –, a pobre levou um grande susto.

– Enfim – disse Orso –, querem ficar aqui? Digam-me se posso fazer alguma coisa por vocês.

– Nada – respondeu Brandolaccio –, só desejamos que conserve uma pequena lembrança nossa. O senhor nos encheu as medidas. Aí está Chilina com um dote e que, para casar bem, só precisará agora que o meu amigo cura escreva uma das suas cartas sem ameaças. Sabemos que o seu granjeiro nos fornecerá o pão e a pólvora de que precisarmos. Adeus, pois. Espero revê-lo na Córsega um dia destes.

– Em caso de aperto – disse Orso –, algumas moedas de ouro não fazem mal. Agora que somos velhos conhecidos, não hão de recusar este cartucho, que pode servir para conseguirem outros.

– Nada de dinheiro entre nós, meu tenente – disse Brandolaccio num tom resolutivo.

– O dinheiro faz tudo na sociedade – disse Castriconi –, mas aqui no mato só importa um coração bravo e um fuzil que não falhe.

– Eu não desejaria que nos separássemos – tornou Orso – sem lhes deixar alguma lembrança. Vejamos, Brando, que posso deixar-te?

O bandido coçou a cabeça e, lançando para o fuzil de Orso um olhar oblíquo:

– Palavra, meu tenente... se eu me animasse... mas não, o senhor deve querer-lhe muito...

– Que é que tu queres?

– Nada... a coisa só não basta... é preciso ainda a maneira de servir-se dela... Não me sai da cabeça aquele diabo do tiro duplo e com uma só mão... Oh! Não é coisa que se faça duas vezes.

– É este fuzil que queres?... Eu o trazia para ti; mas serve-te dele o menos possível.

– Oh! Não lhe prometo utilizá-lo como o senhor; mas fique descansado; quando outro o tiver, poderá o senhor dizer que Brando Savelli passou a arma para a esquerda.²³²

– E a você, Castriconi, que lhe darei?

– Já que quer absolutamente deixar-me uma lembrança material sua, pedir-lhe-ei sem cerimônia que me envie um Horácio do menor formato possível. Servirá para distrair-me e me impedirá de esquecer

o meu latim. Há uma pequena que vende charutos no porto de Bastia; entregue-lhe o livro, que ela o fará chegar às minhas mãos.

– Terá um Elzevir,²³³ sr. sábio; há um precisamente entre os livros que eu ia levar. Pois bem! Meus amigos, temos de nos separar. Um aperto de mão. Se pensarem um dia na Sardenha, escrevam-me; o advogado N... lhes dará o meu endereço no continente.

– Meu tenente – disse Brando –, amanhã, quando estiver fora do porto, olhe para este lugar, na montanha; aqui estaremos, acenando-lhe com os nossos lenços.

Separaram-se então: Orso e sua irmã tomaram o caminho de Cardo, e os bandidos o da montanha.

XXI.

Por uma bela manhã de abril, o coronel sir Thomas Nevil, sua filha, casada há poucos dias, Orso e Colomba saíram de Pisa numa caleça, para visitar um hipogeu etrusco, recentemente descoberto, que todos os estrangeiros iam ver. Descendo ao interior do monumento, Orso e a esposa, tirando os lápis, empenharam-se em copiar-lhes as pinturas; mas o coronel e Colomba, indiferentes ambos à arqueologia, os deixaram a sós e foram passear pelos arredores.

– Minha cara Colomba – disse o coronel –, não chegaremos a tempo em Pisa para o nosso *luncheon*.²³⁴ Não estás com fome? Lá estão Orso e a sua mulher nas antiguidades; quando se põem a desenhar juntos, não terminam nunca.

– Sim – disse Colomba –, e no entanto não trazem um só desenho.

– Meu conselho – continuou o coronel – é que fossemos até aquela pequena granja, além. Lá encontraremos pão, e talvez *aleatico*,²³⁵ e até – quem sabe? – creme e cerejas, e esperaremos pacientemente pelos nossos desenhistas.

– Tem razão, coronel. O senhor e eu, que somos as pessoas sensatas da casa, andaríamos mal em nos fazermos mártires desses amorosos, que só vivem de poesia. Dê-me o braço. Não é verdade

que me estou educando? Tomo o braço, uso chapéu, visto-me na moda; tenho joias, aprendo uma infinidade de belas coisas; não sou mais uma selvagem. Repare na graça com que visto este xale... Aquele loirinho, oficial de seu regimento, que estava no casório... meu Deus! Não consigo guardar-lhe o nome, um crespinho, que eu derrubaria com um soco...

– Chatworth? – disse o coronel.

– Isto! Mas nunca poderei pronunciá-lo. Pois olhe, ele está loucamente apaixonado por mim.

– Ah! Colomba! Como estás ficando coquete! Teremos casamento em breve.

– Eu! Casar-me? E quem educará meu sobrinho... quando Orso me der um? Quem lhe ensinará a falar corso?... Sim, ele falará corso, e eu lhe farei um gorro pontudo, para o senhor irritar-se.

– Esperemos que venha primeiro o sobrinho; e depois, se quiseres, lhe ensinarás como se maneja um punhal.

– Adeus punhais – disse alegremente Colomba –, agora tenho um leque, para lhe bater com ele nos dedos, quando falar mal de minha terra.

Assim conversando, entraram numa granja, onde encontraram vinho, cerejas e creme. Colomba ajudou a granjeira a colher cerejas, enquanto o coronel bebia *aleatico*. Na volta de uma aleia, Colomba avistou um velho, sentado ao sol, numa cadeira de palha, enfermo, ao que parecia, pois tinha as faces cavas, os olhos fundos; era de uma magreza extrema, e sua imobilidade, sua palidez, seu olhar fixo, faziam-no parecer mais um cadáver que um ser vivo. Durante alguns minutos, Colomba contemplou-o com tanta curiosidade que chamou a atenção da granjeira.

– Esse pobre velho – disse ela – é seu compatriota, pois vejo, pelo seu falar, que a senhorita é da Córsega. Ele sofreu uma desgraça na sua terra; seus filhos morreram de um modo terrível. Dizem, a senhorita me perdoe, que os seus patrícios não são nada ternos em suas inimizades. E então esse pobre senhor, ao ficar sozinho, mudou-se para Pisa, vindo morar com uma parenta

afastada, que é a proprietária desta granja. O homem está um pouco desequilibrado; pela desgraça, o sofrimento... É incômodo para a senhora, que recebe muita gente; ela então o mandou para cá. Ele é muito dócil, não incomoda; não diz três palavras durante o dia. O médico vem todas as semanas, e diz que ele não durará muito.

– Ah! Está desenganado? – disse Colomba. – Nas suas condições, é uma felicidade acabar com tudo.

– A senhorita deveria falar-lhe um pouco de corso; talvez o alegrasse ouvir a língua da sua terra.

– Experimentemos – disse Colomba, com um sorriso irônico.

E aproximou-se do velho até a sua sombra lhe tirar sol. Então o pobre idiota ergueu a cabeça e olhou fixamente para Colomba, que o olhava do mesmo modo, sempre a sorrir. Ao cabo de um instante, o velho passou a mão pela fronte e fechou os olhos, como para fugir ao olhar de Colomba. Depois tornou a abri-los, mas desmesuradamente; os lábios lhe tremiam; queria estender as mãos; mas, fascinado por Colomba, parecia pregado à cadeira, sem que pudesse falar ou mover-se. Afinal, grossas lágrimas lhe correram dos olhos, e alguns soluços lhe escaparam do peito.

– É a primeira vez que o vejo assim – murmurou a granjeira. – Esta senhorita – disse ela ao velho – é uma moça da sua terra; veio aqui para vê-lo.

– Misericórdia! – exclamou o velho com voz rouca. – Misericórdia! Não estás satisfeita? Aquela folha... que eu tinha queimado... como fizeste para a ler?... Mas por que os dois?... Orlanduccio, contra ele nada pudeste ler. Era preciso deixar-me um... um só... Orlanduccio... tu não leste o seu nome...

– Eu precisava era dos dois – disse Colomba em voz baixa e no dialeto corso. – Os ramos estão cortados; e, se o tronco não estivesse apodrecido, eu o teria arrancado. Não te queixes; já não tens muito tempo para sofrer. Mas eu, eu sofri dois anos!

O velho lançou um grito, e sua cabeça tombou sobre o peito. Colomba virou-lhe as costas, e voltou a passos lentos para a casa,

cantando algumas palavras incompreensíveis de uma *ballata*: “Quero a mão que atirou, o olho que visou, o coração que urdiu...”

Enquanto a horteloa se empenhava em socorrer ao velho, Colomba, com a tez colorida, o olhar ardente, sentava-se à mesa, diante do coronel.

– Que há contigo? – indagou ele. – Acho-te com o mesmo ar que tinhas em Pietranera, naquele dia em que nos fizemos fogo durante o jantar.

– São lembranças da Córsega que me voltaram. Mas agora acabou-se. Serei madrinha, não? Oh! Que belos nomes lhe darei: Ghilfuccio-Tomaso-Orso-Leone!

Naquele momento entrava a granjeira.

– E então! – perguntou Colomba, com o maior sangue-frio. – Ele morreu, ou apenas desmaiou?

– Não era nada, senhorita; mas é estranho o efeito que a sua vista lhe causou.

– E o médico disse que não é por muito tempo?

– Nem por dois meses, talvez.

– Não será uma grande perda – observou Colomba.

– De quem diabo estão falando? – perguntou o coronel.

– De um idiota da minha terra – disse Colomba com um ar de indiferença –, que está em pensão aqui. Mandarei saber de tempos em tempos notícias suas. Mas, coronel Nevil, deixe algumas cerejas para o meu irmão e para Lydia.

Quando Colomba se retirou para embarcar na caleça, a granjeira a seguiu com os olhos por algum tempo.

– Estás vendo aquela moça tão bonita? – disse para a filha. – Pois bem! Estou certa de que ela tem mau-olhado.²³⁶

153. “Para vingar-te, fica certo, ela bastará”, em língua corsa no original. Trecho de “Vocero du Niolo”, canção popular corsa.

154. “Surpreender-se com nada”, em latim no original. Máxima estoica, referida por Cícero (*Tusculanas*), Horácio (Epístola 6 do Livro I) e Sêneca (*Epístolas morais*,

Livro 8, Epístola 6).

155. Considerada por muitos uma das grandes obras de Rafael Sanzio, *A transfiguração* (c.1516-20) foi inspirada pela transfiguração de Jesus tal como descrita por Mateus (17:1-13) e é uma referência da transição estilística do classicismo renascentista ao barroco.

156. O comentário do narrador nos reporta ao interesse pitoresco e aventureiro que certo romantismo inglês nutriu pelos Alpes, do qual "Manfred: um poema dramático", de Lord Byron, e principalmente *Frankenstein*, de Mary Shelley, são dois exemplos. Ambas as obras são ambientadas, total ou parcialmente, na região.

157. Protagonista de *O burguês fidalgo*, de Molière.

158. Comuna da região do Lácio, localizada ao sul de Roma. A "porta pelásgica ou ciclópica" se refere à passagem em uma muralha de enormes blocos de pedra construída pelos antigos gregos que habitaram a região.

159. Ver nota 2.

160. A vingança que se faz recair sobre um parente mais ou menos afastado do autor da ofensa.

161. A gruta está localizada em Ajácio, onde Napoleão viveu sua infância antes de ir à Escola Militar, em Brienne, para iniciar os estudos.

162. Cidade natal de Napoleão Bonaparte, Ajácio é a mais importante cidade da Córsega, posto que conquistou ainda no séc.XVIII, quando superou Bastia (ver nota 9).

163. La Canebière é o nome da principal avenida da cidade de Marselha, no sul da França. Desde o séc.XIX, a via é uma das mais elegantes da cidade.

164. Ver nota 4.

165. La Garde Nationale era o nome dado às milícias de civis que se formaram nas cidades francesas durante o período revolucionário (1789-99) com o intuito de defender (a exemplo da Primeira Guarda, fundada em Paris) a causa contra agentes contrarrevolucionários, bem como de promover e manter a ordem.

166. "Se entrasse no paraíso santo, santo, e lá não te encontrasse, eu me retiraria." Da *Serenata de Zicavo*. (N. do A.) [Zicavo é uma comuna ao sul da ilha da Córsega. "La serenata di un pastore di Zicavo" (ou "Canzone montanara corsa d'un pastore di Zicavo") é um poema anônimo cuja primeira transcrição data de 1823, levada a cabo pelo escritor inglês Robert Benson. Trata-se do primeiro texto publicado em língua corsa. Mérimée publica o texto também em suas *Notes d'un voyage en Corse*, de 1840.]

167. "Entendo", em italiano no original.

168. Ver nota 4, em que Mérimée trata do sentido da palavra "caporal" ("cabo") entre os corsos.

169. Leia-se *maquis* (ver nota 2).

170. A batalha de Vittoria foi travada em território espanhol no contexto das guerras napoleônicas e do que se convencionou chamar Guerra Peninsular (1808-14). O triunfo em batalha das tropas formadas por portugueses e espanhóis e comandadas por Arthur Wellesley – posteriormente duque de Wellington – em 21 de junho de 1813 contribuiu para a queda do exército imperial napoleônico.

171. *O triunfo da Morte*, afresco produzido na basílica de Santa Cruz, em Florença, pelo pintor florentino Andrea di Cione di Arcangelo, também conhecido como Andrea Orcagna (1308-68).

172. Arthur Wellesley, duque de Wellington (1769-1852), e Gebhard Leberecht von Blücher, príncipe de Wahlstatt (1742-1819), eram comandantes dos exércitos britânico e prussiano, respectivamente, e venceram Napoleão na batalha de Waterloo, em 1815.

173. V. Filippini, Livro XI. O nome de Vittolo ainda se conserva em execração entre os corsos. É hoje sinônimo de traidor. (N. do A.) [Sampiero Corso (1527-63), líder rebelde bem relacionado com a coroa francesa e representante de seus interesses na Córsega.]

174. Quando um homem morre, e particularmente quando morre assassinado, colocam o cadáver sobre uma mesa, e as mulheres da sua família, ou as amigas na falta destas, ou mesmo mulheres estranhas de reconhecido talento poético, perante um numeroso auditório, improvisam nêias no dialeto da região. A essas mulheres, chamam *voceratrici*, ou, segundo a pronúncia corsa, *buceratrici*, e à nêia chama-se *vocero*, *buceru*, *buceratu*, na costa oriental, e *ballata*, na costa ocidental. A palavra “*vocero*”, como as suas derivadas “*vocera*”, “*voceratrice*”, vem do latim *vociferare*. Às vezes, várias mulheres improvisam alternadamente, e não raro é a esposa ou a filha do morto quem entoia o canto fúnebre. (N. do A.)

175. *Rimbaccare*, em italiano, significa devolver, ripostar, rejeitar. No dialeto corso, quer dizer: dirigir a alguém uma censura ofensiva em público. Dá-se *rimbecco* ao filho de um homem assassinado, dizendo-lhe que seu pai não está vingado. O *rimbecco* é uma espécie de intimação para o homem que ainda não lavou a sangue uma injúria. A lei genovesa punia severamente o autor de um *rimbecco*. (N. do A.)

176. Mulher de Sampiero Corso (ver nota 173), morta por ele após ter se aliado aos genoveses, interessados em manter a hegemonia italiana na ilha – inimigos, portanto, para Sampiero.

177. Referência à tragédia de Shakespeare *Otelo, o mouro de Veneza* (c.1603). Otelo, general do exército de Veneza, apaixona-se e casa-se com uma nobre da cidade, Desdêmona. Deixando-se levar pelas intrigas de Iago, seu alferes, que lhe sugere que Desdêmona tem um caso com um de seus homens de confiança, Cássio, Otelo enlouquece de ciúme e acaba por assassinar a mulher, suicidando-se logo em seguida.

178. Expressão nacional, isto é, *schioppetto, stiletto, strada, "escopeta, estilete, estrada"*. (N. do A.)

179. Nobre genovês, oriundo de uma importante família de mercadores contando em sua linhagem pelo menos dois papas e um rei, Giovanni Luigi Fieschi (1523-47) participou de uma conspiração para destituir a família Doria do poder da cidade de Gênova, morrendo, porém, afogado durante a ação. Sua conspiração serviu de assunto a uma tragédia de Schiller (*Fiesco*), que o retrata como um jovem dividido entre o ócio de sua condição e as mais altas pretensões políticas, também condizentes com ela.

180. Átila (406-53) foi rei dos hunos (povo de origens incertas, protomongóis ou prototurquicas) e esteve à frente do maior império de seu tempo, dominando um território que se estendia das estepes da Ásia Central às margens do Danúbio, descendo aos Bálcãs. O horror que seus exércitos causaram nas populações europeias fez com que se atribuísse a Átila o epíteto "Flagelo de Deus".

181. Mérimée inverte a menção à personagem de *As preciosas ridículas*, de Molière. Na realidade, não é o marquês, mas sua interlocutora – a jovem Cathos – quem diz: "Se o senhor encontra algum mérito em nós, foi você mesmo que nos concedeu" (Cena IX). A inversão também se aplica ao contexto de Mérimée, em que é Della Rebbia quem faz as vezes de rapaz do interior (como Cathos e suas amigas), e miss Lydia, as de jovem cosmopolita.

182. As armas fabricadas pelo britânico Joseph Manton (1766-1835) eram afamadas por sua precisão e sofisticação e estavam entre as prediletas do período.

183. Referência ao Canto V do "Inferno" da *Divina comédia*, de Dante. Francesca da Rimini, filha de Guido da Polenta, foi casada por conveniência com Gianciotto Malatesta, de família inimiga, como parte de um acordo de paz. Sendo o rapaz coxo e de presença pouco aprazível, decidiu-se que em seu lugar compareceria ao casamento Paolo, irmão mais novo. Celebrado o casamento, revelou-se a Francesca o engodo; a dama, porém, apaixonou-se por Paolo. O caso de Francesca e Paolo – alimentado pela leitura a dois da história de Lancelote e Guinevere – acaba descoberto por Gianciotto, que os assassina.

184. A palavra, em francês, significa especificamente "cantora de cantos fúnebres invocativos de vingança".

185. Fídias (480-30 a.C.), o mais importante escultor grego da Antiguidade, tem entre suas obras a monumental estátua de doze metros de Atena (Minerva, na mitologia latina), a qual, até sua destruição no séc.I a.C., permaneceu instalada no Partenon de Atenas. Exceção feita aos frisos do Partenon e algumas estátuas ali restantes, a obra de Fídias se conhece por suas réplicas romanas.

186. O preceito de Horácio, citado no original latino (literalmente: "no meio dos acontecimentos", *Arte poética*, v.1487), diz respeito à organização do enredo épico. Segundo Horácio, o autor versado no gênero jamais deve iniciar sua narrativa seguindo a primazia da causa ou da origem em relação à consequência

(ou “*ab ovo*”, “desde o ovo”, segundo suas palavras), mas o contrário, extraindo dos próprios acontecimentos a que se quer dar destaque a razão que os enceta.

187. O presidente do conselho municipal. No período citado, o *maire* era nomeado ou por decreto real ou pelo *préfet* (responsável pelo departamento ou região em que se localiza a municipalidade ou comuna), o que era determinado pelo número de habitantes da localidade. O *maire* guardava funções de líder executivo e deliberativo, organizando a atividade dos conselhos e colocando em prática suas decisões.

188. Os Cem Dias se referem ao retorno de Napoleão a Paris e sua retomada do poder entre o período de 20 de março e 22 de junho de 1815, quando abdica pela segunda vez.

189. Personagem da série de cinco novelas *Gargântua e Pantagruel*, de François Rabelais, conhecida por sua libertinagem, ardis, covardia e cinismo.

190. Espécie de queijo de creme cozido. É um prato nacional da Córsega. (N. do A.)

191. “Hábitos”, em francês.

192. Rei Teodoro, ou Barão de Neuhoff (1694-1756), foi um aventureiro alemão que, ao longo de uma carreira de intrigante em cortes e exércitos de toda a Europa, chegou à Córsega, onde convenceu alguns insatisfeitos com o domínio genovês de articularem uma conjuração. Bem-sucedido o golpe, Neuhoff tornou-se rei da ilha, sob a alcunha de Teodoro. Incapaz de manter o poder conquistado, teve de fugir após dois anos de poder, em 1738, tentando, sem sucesso, reavê-lo por duas ocasiões (1738 e 1743). Morreu na miséria em Londres.

193. Os bailes no Almack’s Assembly Rooms reuniram por mais de cem anos a nata da sociedade inglesa.

194. Era o nome que se dava, em tal época, na Inglaterra, às pessoas da moda que se faziam notar por qualquer coisa de extraordinário. (N. do A.)

195. Conrado é o protagonista de *Conrado Wallenrod* (1828), épico do poeta polonês Adam Mickiewicz (ver nota 418). No poema, o protagonista surge como protótipo do herói nacional no contexto do poder da Ordem Teutônica na região e das lutas que lituanos e poloneses lhe impunham.

196. São assim chamados os descendentes dos senhores feudais da Córsega. Há rivalidade, quanto à nobreza, entre as famílias dos *signori* e as dos *caporali*. (N. do A.)

197. *Isto é, da costa oriental. Esta expressão, muito usada, di là dei monti, muda de sentido conforme a posição daquele que a emprega. A Córsega é dividida de norte a sul por uma cadeia de montanhas.* (N. do A.)

198. V. Filippini, Livro II. O conde Arrigo bel Missere morreu pelo ano 1000; diz-se que, por ocasião de sua morte, se ouviu uma voz no ar, que cantava estas palavras proféticas: “*E morto il conte Arrigo bel Missere, / E Corsica sarà di male in*

peggio”, “Morreu o conde Henrique bel Missere, e a Córsega há de piorar cada vez mais.” (N. do A.)

199. Esta santa não consta do calendário. “Fazer promessa a santa Nega” é negar tudo sistematicamente. (N. do A.)

200. Estar *alla campagna* significa ser bandido. “Bandido” não é um termo pejorativo: emprega-se no sentido de “banido”; corresponde ao *outlaw* das baladas inglesas. (N. do A.)

201. O Théâtre du Ambigu-Comique era um espaço teatral bastante popular localizado no bulevar St. Martin, Paris. Nele representavam-se melodramas cujos enredos se baseavam em crimes.

202. São assim chamados os que usam um gorro pontiagudo, *barreta pinsuta*. (N. do A.) [No original, *pinsuto*. Bocognano e Bastelica são localidades ao sul da ilha da Córsega; Bastelica é a cidade natal de Sampiero Corso.]

203. Sr. Shandy é o protagonista de *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne (ver nota 88). A passagem sobre Cícero e a morte de sua filha Túlia pertence a uma das digressões de Shandy (Volume 5, Capítulo 3).

204. Referente aos naturais de Lucca, na península Itálica. Na verdade, o termo é bastante carregado de sentido. Trata-se dos trabalhadores à base da pirâmide social da ilha, os *lucchesi*, de início imigrantes sazonais empregados principalmente no trabalho agrícola e em obras maiores (abertura de estradas, por exemplo) como mão de obra barata, assumindo tarefas subalternas inaceitáveis aos corsos.

205. O *sou* era a moeda de cinco centavos de franco.

206. “*La scaglia*”, expressão muito usada. (N. do A.)

207. “Deve-se às crianças o maior respeito”, em latim no original. Máxima baseada em Juvenal (*Sátira XIV*, v.47).

208. Os corsos montanheses detestam os habitantes de Bastia, a quem não consideram como seus compatriotas. Nunca dizem *bastiense*, mas sim *bastiaccio*: a terminação *accio* é tomada geralmente em sentido pejorativo. (N. do A.)

209. “Com chumbo fundido rasga-lhe as têmperas e estende-o numa nuvem de pó”, em latim no original. Citação de Virgílio, *Eneida*, Livro IX, v.588-589.

210. Tal costume ainda subsiste em Bocognano (1840). (N. do A.)

211. “*La mala morte*”, morte violenta. (N. do A.)

212. Vento sudoeste, dominante na costa norte da Córsega, responsável por tempestades e agitação dos mares a oeste.

213. É assim chamado o carneiro portador de uma sineta e que conduz o rebanho e, por metáfora, o membro de uma família que a dirige em todos os assuntos importantes. (N. do A.)

214. “A propósito”, em inglês no original.

215. "Um queijo (ver nota 190), mas notável", em italiano no original.
216. "Seu carinho", em inglês no original.
217. "Tenho dito", em latim no original.
218. Capa de tecido muito espesso, guarnecida de um capuz. (N. do A.)
219. "*Palla calda u ferru freddu*", locução muito usada. (N. do A.)
220. Disparos de artilharia promovidos por sucessivas fileiras de soldados, uma após a outra e de maneira ininterrupta.
221. "*Salute a noi!*", exclamação que em geral acompanha a palavra "morte" e que lhe serve como de atenuante. (N. do A.)
222. Leia-se *maquis* (ver nota 2).
223. Fascinação involuntária que se exerce pelos olhos ou pela palavra. (N. do A.)
224. Se algum caçador incrédulo me contesta o tiro duplo do sr. Della Rebbia, convido-o para ir a Sartena e ouvir como um dos habitantes mais distintos e amáveis daquela cidade, sozinho e com o braço esquerdo, soube descartar-se de uma situação tão perigosa quanto esta. (N. do A.)
225. Referência à ópera de Rossini, cuja estreia data de 1816, baseada na tragédia homônima de Shakespeare (ver nota 177).
226. Segundo a mitologia grega, Íris simbolizava o arco-íris e as relações entre os deuses e os homens. Deriva daí a ideia de arco-íris, ligando o céu e a terra.
227. Médico-legista, em inglês no original.
228. Era o título que usava Teodoro Poli. (N. do A.)
229. Corruptela do italiano padrão "*sorella*", irmã.
230. A praça onde se fazem as execuções em Bastia. (N. do A.)
231. Devo esta observação crítica sobre a Sardenha a um ex-bandido amigo meu, a quem pertence toda a responsabilidade da asserção. Quis ele dizer que bandidos que se deixam prender por cavalarianos são imbecis, e que uma milícia que persegue a cavalo os bandidos não tem possibilidade de os encontrar. (N. do A.)
232. Tradução literal do francês "*passer l'arme à gauche*", eufemismo para "morrer".
233. Sobrenome de uma importante família de tipógrafos holandeses dos sécs.XVII e XVIII.
234. Almoço, atualmente com conotação formal; em inglês no original.
235. Espécie de uva, cujo vinho dela derivado é doce e vermelho.
236. Parece-nos interessante citar dois trechos em que Sainte-Beuve, pouco depois da publicação de *Colomba*, respondia a duas críticas feitas então por alguns leitores.

“Está certo que Colomba, para excitar o irmão, vá cortar de noite a orelha do cavalo em que este devia montar no dia seguinte, fazendo-lhe crer que é golpe dos Barricini? Lembro-me de uma verdadeira discussão que, em boa sociedade, houve a esse respeito. Alguém disse que aquilo era inútil, que o efeito sobre Orso tinha falhado; outros protestaram. Como, inútil! Mas é o traço de caráter, a singularidade mais ingênua, a mais marcada de verdadeira cor. Em sua superstição de vingança, Colomba nada imagina mais odioso, mais mortificador do que aquela orelha fendida ao coitado do bicho. E depois, para cumprir o seu estratagema, como ela é linda e selvagem, esgueirando-se sem ruído na sombra ao longo da sebe!”

“O último capítulo, em que Colomba encontra em Pisa o velho Barricini morrendo e lhe derrama no ouvido uma última palavra de vingança, pareceu a alguns exagerado e cair no romance. Mas era necessário acabar; o fim estava atingido, a Córsega estava desenhada; o autor não teve medo de trair-se no último traço e deixar ver o seu jogo. É como no teatro, na cena final; todos os atores fazem a ronda e o autor não se esconde mais.” (N. do T.)

ARSÊNIA GUILLOT

Σε Πάρις καὶ Φοῖβος Ἐπόλλων,
Ἐσθλὸν ἔόντ', ὀλέσωσιν ἐνὶ Σκαιοῖσι πύλησιν
HOMERO, *Ilíada*²³⁷

I.

Terminava a última missa em São Roque,²³⁸ e o sacristão fazia a sua ronda para fechar os oratórios desertos. Ia puxar a grade de um desses santuários aristocráticos, onde algumas devotas pagam permissão para rezar a Deus separadas do resto dos fiéis, quando notou que uma mulher ainda ali se achava, absorta em meditação, como parecia, com a cabeça inclinada sobre o encosto do genuflexório. “É a sra. de Piennes”, disse ele consigo, parando à entrada da capela. O sacristão conhecia muito bem a sra. de Piennes. Naquela época, uma senhora da sociedade, jovem, rica, bonita, que fornecia o pão bento, que doava toalhas de altar, que distribuía consideráveis esmolas por intermédio de seu cura, demonstrava algum mérito em ser devota, quando não tinha por marido um funcionário do governo, quando não era ligada à Delfina,²³⁹ e nada tinha a ganhar, senão a sua salvação, em frequentar as igrejas. Tal era a sra. de Piennes.

Vontade tinha o sacristão de ir almoçar, pois os da sua condição almoçam à uma hora, mas não se atreveu a perturbar o piedoso recolhimento de uma pessoa tão considerada na paróquia de São Roque. Afastou-se, pois, fazendo ressoar nas lajes os sapatos acalcanhados, não sem a esperança de que, feita a volta da igreja, encontraria deserta a capela particular.

Estava já do outro lado do coro quando uma mulher moça entrou na igreja, passeando por uma das naves e olhando com curiosidade em redor. Retábulos, estações, pias, todos esses objetos lhe pareciam tão estranhos como o poderiam ser para vós, senhora, o santo nicho ou as inscrições de uma mesquita do Cairo. Tinha cerca de vinte e cinco anos, mas era preciso considerá-la com muita atenção para não lhe atribuir mais idade. Embora muito brilhantes, seus olhos negros eram fundos e com olheiras; a tez de um branco mate, os lábios descoloridos indicavam sofrimento e, no entretanto, certo ar de audácia e de alegria no olhar contrastava com aquela aparência doentia. Na *toilette*, notar-lhe-íeis uma estranha mescla de negligência e de apuro. Sua touca rósea, ornada de flores artificiais, quadraria melhor num *négligé*.²⁴⁰ Sob um longo xale de cachemira, que o olhar experiente de uma mundana descobriria não ser de primeira mão, ocultava-se um vestido de chita de vinte soldos a vara, e um pouco usado. Enfim, só um homem poderia admirar-lhe os pés, calçados como estavam de meias comuns, e de sapatos de cetineta que pareciam sofrer de há muito as injúrias do chão. Deveis levar em conta, senhora, que o asfalto ainda não fora inventado.

Essa mulher, cuja posição social poderíeis adivinhar, aproximava-se da capela onde ainda se achava a sra. de Piennes; e, depois de a ter observado um momento com um ar de inquietação e embaraço, abordou-a quando a viu de pé e prestes a retirar-se.

– Poderia indicar-me, senhora – perguntou ela com uma voz suave e um sorriso tímido –, poderia indicar-me a quem me devo dirigir para oferecer um círio?

Essa linguagem era muito estranha aos ouvidos da sra. de Piennes para que a pudesse compreender logo de início. Fez repetir a pergunta.

– Sim, eu desejaria oferecer um círio a são Roque; mas não sei a quem entregar o dinheiro.

A sra. de Piennes tinha uma devoção muito esclarecida para incidir nessas superstições populares. Respeitava-as, todavia, pois existe algo de tocante em qualquer forma de adoração, por mais grosseira que se apresente. Persuadida de que se tratava de uma

promessa ou coisa semelhante, e muito caridosa para tirar do vestuário da dama de chapéu róseo as conclusões que decerto não temestes formular, ela mostrou-lhe o sacristão que se aproximava. A desconhecida agradeceu-lhe e foi ao encontro daquele homem, que pareceu compreendê-la em meia palavra. Enquanto apanhava o livro de orações e arranjava o véu, a sra. de Piennes viu a dama do círio abrir uma bolsinha e escolher, em meio a muito troco miúdo, uma moeda solitária de cinco francos, que entregou ao sacristão, fazendo-lhe, baixinho, longas recomendações, que ele escutava sorrindo.

Saíram ambas da igreja ao mesmo tempo; mas a dama do círio andava muito depressa e a sra. de Piennes logo a perdeu de vista, embora seguisse na mesma direção. À esquina da rua em que morava, encontrou-a de novo. Sob o seu xale de emergência, procurava a desconhecida ocultar um pão de quatro libras comprado numa venda próxima. Ao ver a sra. de Piennes, baixou a cabeça, não pôde deixar de sorrir e estugou o passo. "Que quer?", dizia o seu sorriso. "Eu sou pobre. Ande, zombe de mim. Bem sei que não se vai comprar pão com um chapéu cor-de-rosa e um xale de cachemira!" Aquela mescla de falsa vergonha, resignação e bom humor não escapou à sra. de Piennes. Pensou, não sem tristeza, na provável posição daquela moça. "Sua devoção, pensou ela, é mais meritória do que a minha. Sem dúvida, a sua oferenda de um escudo é um sacrifício muito maior que o do supérfluo que eu dou aos pobres, sem me impor a mínima privação." Lembrou depois os dois óbulos da viúva, mais agradáveis a Deus que as suntuosas esmolas dos ricos. "Não faço bastante bem, pensou ela. Não faço tudo que poderia fazer." Dirigindo a si mesma essas censuras que estava longe de merecer, entrou em casa. O círio, o pão de quatro libras, e sobretudo a oferenda da única moeda de cinco francos, haviam gravado na memória da sra. de Piennes a imagem da moça, a quem considerava como um modelo de piedade.

Encontrou-a muitas vezes na rua, perto da igreja, mas nunca nas cerimônias religiosas. Todas as vezes em que passava pela sra. de Piennes, a desconhecida baixava a cabeça e sorria suavemente.

Aquele humilde sorriso agradava à sra. de Piennes. Desejaria encontrar ensejo de auxiliar a pobre moça, que primeiro lhe inspirara interesse e agora lhe despertava compaixão; pois havia notado que o chapéu cor-de-rosa se fanava e o xale desaparecera. Sem dúvida voltara à revendedora. Era evidente que são Roque não pagara ao cêntuplo a oferenda que recebera.

Um dia, viu a sra. de Piennes entrar em são Roque um ataúde, acompanhado de um homem muito malvestido, que não trazia crepe no chapéu. Era uma espécie de porteiro. Fazia um mês que não encontrava a moça do círio e ocorreu-lhe a ideia de que assistia à sua encomendação. Nada de mais provável, pois estava tão pálida e magra da última vez em que a vira! O sacristão, inquirido, interrogou o homem que acompanhava o caixão. Respondeu que era porteiro de uma casa da rua Louis-le-Grand; que morrera um de seus locatários, uma sra. Guillot, sem parentes, nem amigos, apenas uma rapariga, e que, por pura bondade, ele, porteiro, ia ao enterro de uma pessoa que nada lhe significava. A sra. de Piennes logo imaginou que a sua desconhecida morrera na miséria, deixando uma filhinha sem recursos, e decidiu encarregar das averiguações a um eclesiástico que comumente empregava nas suas obras de caridade.

Dali a dois dias, uma carroça atravessada na rua fez parar seu carro por alguns instantes, quando ela saía de casa. Olhando distraidamente pela portinhola, avistou, junto a um frade de pedra, a moça a quem supunha morta. Reconheceu-a sem dificuldade, embora estivesse mais pálida e magra do que nunca; vestia de luto, mas pobrememente, sem luvas nem chapéu. Sua expressão era estranha. Em vez do sorriso habitual, tinha todos os traços contraídos; seus grandes olhos negros estavam desvairados; voltava-se para a sra. de Piennes, mas sem reconhecê-la, pois não via nada. Em toda a sua atitude, lia-se, não sofrimento, mas uma furiosa decisão. A carroça fora afastada e os cavalos da sra. de Piennes afastavam-se a trote largo; mas a imagem da moça e sua expressão desesperada seguiram a sra. de Piennes durante várias horas.

Ao regressar, viu grande ajuntamento na sua rua. Todas as porteiras estavam às suas portas e faziam às vizinhas uma narrativa

que estas pareciam escutar com vivo interesse. Os grupos comprimiam-se principalmente ante uma casa próxima à residência da sra. de Piennes. Todos os olhos estavam voltados para uma janela aberta no terceiro andar, e em cada pequeno círculo um ou dois braços se erguiam para mostrá-la à atenção pública; depois os braços baixaram para o chão, e todos os olhos lhes seguiam o movimento. Algo de extraordinário acabava de acontecer.

Ao atravessar o vestíbulo, a sra. de Piennes encontrou seus serviçais agitados, cada qual apressando-se diante dela, para ter a vantagem de ser o primeiro a lhe dizer a grande novidade do quarteirão. Mas antes que pudesse fazer uma pergunta, a criada de quarto exclamara:

– Ah! Madame!... Se a senhora soubesse!...

E, abrindo as portas com indizível presteza, chegara com a patroa ao *sanctum sanctorum*,²⁴¹ quero dizer, o gabinete de *toilette*, inacessível ao resto da casa.

– Ah! Madame – disse Josefina, enquanto desprendia o xale da sra. de Piennes –, como fiquei com os nervos! Nunca vi coisa mais terrível, quer dizer, eu não vi, embora tenha chegado logo em seguida... Mas no entanto...

– Mas que aconteceu, afinal? Fale depressa.

– Pois bem, madame, é que a três portas daqui uma pobre moça se atirou pela janela, não faz três minutos. Se madame tivesse chegado um minuto antes, teria ouvido o baque.

– Ah! Meu Deus! E a infeliz morreu?...

– Foi um horror, madame. Batista, que esteve na guerra, disse que nunca viu nada igual. De um terceiro andar, madame!

– E morreu em seguida?

– Oh! Madame, mexia-se ainda; até falava. “Quero que acabem comigo!” – dizia ela. Mas os seus ossos estavam em papa. Madame bem pode calcular que choque ela não sofreu!

– Mas essa infeliz... socorreram-na ao menos?... Mandaram chamar um médico, um padre?...

– Quanto a um padre... isso madame sabe melhor do que eu... Mas, se eu fosse padre... Uma infeliz tão abandonada a ponto de se matar!... Aliás, não tinha juízo... Está se vendo... Esteve na Ópera, pelo que me disseram... Toda essa gente acaba mal... Chegou à janela; atou as saias com uma fita cor-de-rosa e... plan!

– É aquela pobre moça de luto! – exclamou a sra. de Piennes, falando consigo mesma.

– Sim, madame; a mãe morreu há três ou quatro dias. Ela perdeu a cabeça... Além disso, talvez o seu *galant*²⁴² a tenha abandonado... E depois, o aluguel... E de dinheiro, nada! Essa gente não sabe trabalhar... Umas cabeças de vento! E logo se matam...

Josefina continuou por algum tempo no mesmo tom, sem que a sra. de Piennes lhe respondesse. Parecia meditar tristemente sobre o que acabava de ouvir. De súbito, perguntou a Josefina:

– Não sabem se essa pobre moça tem o que precisa, no seu estado?... roupa branca? Roupa de cama?... É preciso sabê-lo imediatamente.

– Se quiser, poderei ir indagar da parte de madame – exclamou a criada de quarto, encantada por ver de perto uma mulher que quisera matar-se.

E depois, refletindo:

– Mas não sei se terei coragem de ver aquilo, uma mulher que caiu de um terceiro andar!... Quando sangraram Batista, senti-me mal. Foi mais forte do que eu.

– Pois bem! Manda Batista – exclamou a sra. de Piennes. – Mas que me digam logo como vai essa infeliz.

Felizmente, seu médico, o dr. K..., vinha chegando quando ela dava tal ordem. Vinha jantar em casa da sra. de Piennes, como costumava fazer todas as terças-feiras, dia de Ópera.

– Corra depressa! – disse ela, sem lhe dar tempo de pousar a bengala e tirar a capa. – Batista o levará a dois passos daqui. Uma pobre moça acaba de atirar-se pela janela e não recebeu socorros médicos.

– Pela janela? – disse o médico. – Se a janela era alta, provavelmente nada terei a fazer.

O doutor tinha mais vontade de jantar que de fazer uma operação. Mas a sra. de Piennes insistiu e, sob a promessa de que o jantar ficaria para mais tarde, ele consentiu em acompanhar Batista.

Este último voltou sozinho alguns minutos depois, em busca de lençóis, travesseiros etc. Ao mesmo tempo, trazia o oráculo do doutor.

– Não é nada. Ela escapará, se não morrer de... Não me lembro o que é que ele dizia, mas terminava em *no*.

– Tétano! – exclamou a sra. de Piennes.

– Justamente, madame; mas sempre foi muito bom que o sr. doutor tivesse vindo, pois já estava lá um médico sem clientes, o mesmo que tratou a pequena Berthelot de sarampo, e ela morreu na terceira visita.

Dali a uma hora voltou o médico um pouco desempoadado e com os seus belos bofes de cambraia em desordem.

– Esse pessoal que se mata – disse ele – tem mesmo muita sorte. No outro dia, trazem-me ao hospital uma mulher que dera um tiro na boca. Pois qual!... Quebrou três dentes e abriu um orifício na face esquerda... Ficaré um pouco mais feia, apenas. Esta agora se joga de um terceiro andar. Um pobre-diabo que caísse de um primeiro, sem ser de propósito, rebentaria o crânio. E essa rapariga quebra uma perna... Duas costelas afundadas, contusões, e eis tudo. Um telheiro se encontrava exatamente ali, para amortecer a queda. É o terceiro caso semelhante que vejo depois de meu regresso a Paris... As pernas tocaram primeiro o solo. A tíbia e o perônio, isto se ressolda... O pior de tudo é que o molho desse rodovalho está completamente seco... Receio muito quanto ao assado, e perderemos o primeiro ato do *Otelo*.²⁴³

– E essa infeliz não lhe disse o que a tinha levado a...

– Oh! Eu nunca escuto essas histórias, minha senhora. Pergunto-lhes: Comeu antes?, etc. etc. Pois isso é importante para o tratamento... Que diabo! Quando se matam, por algum motivo tem

de ser. Um amante que as abandona, um proprietário que as despeja; saltam então pela janela, para lhes pregar uma peça... Nem bem estão no ar, já se arrependem.

– E ela está arrependida, espero, a pobre menina...

– Sem dúvida, sem dúvida. Ela chorava que me aturdia... Saiba que Batista é um excelente auxiliar de cirurgião, minha senhora; deu conta do recado melhor que um novato que ali se achava, e que coçava a cabeça, sem saber por onde começar... O que há de mais picante no caso dela é que, se se houvesse matado, ganharia com isso não morrer do peito; pois está tuberculosa, já fiz o meu diagnóstico. Não a auscultei, mas a *facies*²⁴⁴ nunca me engana. Apressar-se tanto, quando era só deixar a coisa correr!

– O senhor vai vê-la amanhã, não é, doutor?

– Naturalmente, já que assim o quer. Já lhe prometi que a senhora faria alguma coisa por ela. O mais simples seria mandá-la para o hospital. Ser-lhe-á fornecido grátis um aparelho para encanar a perna... Mas, à palavra "hospital", ela grita para que terminem com tudo; todas as comadres fazem coro. No entanto, quando não se tem vintém...

– Farei as pequenas despesas necessárias, doutor... Olhe, essa palavra hospital também me assusta, malgrado meu, como às comadres de que me fala. Aliás, levá-la para um hospital, agora que ela está nesse terrível estado, seria matá-la.

– Preconceito! Puro preconceito da gente da sociedade. Em nenhuma parte se está tão bem como no hospital. Quando eu afinal adoecer é para o hospital que me levarão. É de lá que quero embarcar na barca de Caronte,²⁴⁵ e farei presente de meu corpo aos alunos... daqui a trinta ou quarenta anos, está visto. Seriamente, minha senhora, reflita: não sei bem se sua protegida é merecedora do seu interesse. Para mim, tem todo o jeito de alguma rapariga de Ópera...²⁴⁶ É preciso pernas de Ópera para dar com tamanha felicidade um salto daqueles...

– Mas eu a vi na igreja... e, olhe, doutor... conhece o meu fraco: construo toda uma história sobre uma cara, um olhar... Pode rir, mas

raramente me engano. Essa pobre rapariga fez ultimamente uma promessa por sua mãe enferma. A mãe morreu. Então ela perdeu a cabeça... O desespero, a miséria, levaram-na a esse horrível gesto.

– Ah! Com efeito, ela tem no alto do crânio uma protuberância que indica exaltação.²⁴⁷ É bem provável o que me diz. Faz-me lembrar que havia um ramo de buxo acima do seu leito de campanha. O que bem prova a sua devoção...

– Um leito de campanha?! Ah! Meu Deus, a pobre rapariga!... Mas já está o senhor com esse sorriso que eu tão bem conheço. Não falo na devoção que ela possa ter ou não ter. O que principalmente me obriga a interessar-me por ela é que eu tenho uma censura a fazer-me por sua causa.

– Uma censura?... Já sei. Sem dúvida a senhora deveria ter mandado pôr um colchão na rua para apará-la.

– Uma censura, sim. Eu notara a sua situação; deveria ter-lhe enviado auxílio; mas o pobre do padre Dubignon estava de cama e...

– A senhora deve ter muitos remorsos se acha que não basta dar, como costuma, a todos os pedintes. A seu ver, é ainda preciso adivinhar os pobres envergonhados. Mas, senhora, não falemos mais de pernas partidas, ou antes, duas palavras ainda. Se quer conceder sua alta proteção à minha nova cliente, arranje-lhe um leito melhor, e uma enfermeira amanhã – por hoje bastam as comadres. Caldos, chazinhos etc. E, o que não seria mau, mande-lhe um de seus padres que seja hábil, para que a sermoneie e lhe endireite o moral como eu lhe endireitei a perna. A criaturinha é nervosa; podiam sobrevir complicações... A senhora... palavra!... seria a melhor predadora; mas deve gastar melhor os seus sermões. Tenho dito. São oito e meia; por amor de Deus! Vá preparar-se para a Ópera. Batista me trará o café e o *Journal des débats*. Tanto corri o dia todo que ainda estou por saber como vai o mundo.

Passaram-se alguns dias, e a enferma estava um pouco melhor. O doutor apenas se queixava de que não diminuía a superexcitação moral.

– Não tenho muita confiança nesses seus padres – dizia ele à sra. de Piennes. Se a senhora não tem muita repugnância ao espetáculo da miséria humana, e coragem é o que não lhe falta, poderia acalmar o cérebro daquela pobre menina muito melhor do que um padre de São Roque ou, mais ainda, do que uma dose de tridácio.

A sra. de Piennes não queria outra coisa e propôs acompanhá-lo imediatamente. Foram ambos visitar a doente.

Em um quarto mobiliado de três cadeiras de palha e uma mesinha, achava-se ela estendida sobre um bom leito enviado pela sra. de Piennes. Lençóis finos, colchão espesso, uma pilha de largos travesseiros, indicavam caridosas atenções, cujo autor não tereis dificuldade em descobrir. A jovem, terrivelmente pálida, os olhos ardentes, conservava um braço fora do leito, e a porção desse braço que emergia da camisola mostrava-se lívida, contundida, e fazia adivinhar em que estado não estaria o resto do corpo. Quando avistou a sra. de Piennes, soergueu a cabeça e disse, com um sorriso suave e triste:

– Eu bem sabia que foi a senhora quem teve piedade de mim. Disseram-me o seu nome, e estava certa de que se tratava da dama que eu encontrava perto de São Roque.

Parece-me que já vos disse que a sra. de Piennes tinha algumas pretensões de adivinhar o caráter pela fisionomia. Ficou encantada de descobrir na sua protegida um talento semelhante, o que mais a inclinou em seu favor.

– Você está muito mal aqui, minha pobre filha! – disse ela, passeando o olhar pela triste mobília do quarto. – Por que não lhe mandaram cortinados? É preciso pedir a Batista os pequenos objetos de que precisar.

– A senhora é muito bondosa. Que me falta? Nada... Está acabado... Um pouco melhor, um pouco pior, que importa?

E, desviando o rosto, começou a chorar.

– Você sofre muito, minha pobre filha? – perguntou a sra. de Piennes, sentando-se junto ao leito.

– Não, não muito... Apenas tenho sempre nos ouvidos o vento de quando eu caía, e depois o ruído – plaque! – quando caí no chão.

– Você estava louca então, minha pobre amiga; mas agora está arrependida, não é?

– Sim, mas quando se é infeliz, não se tem a cabeça no lugar...

– Lamento não ter sabido mais cedo da sua situação. Mas em nenhuma circunstância da vida, minha filha, nos devemos abandonar ao desespero.

– A senhora fala muito descansada... – disse o doutor, que escrevia uma receita na mesinha. – Mas é que não sabe o que é perder um belo rapagão de bigodes. Mas que diabo! Para correr atrás dele, não é preciso saltar pela janela.

– Qual! Doutor – disse a sra. de Piennes –, a pobre pequena tinha sem dúvida outros motivos para...

– Ah! Eu não sei o que tinha! – exclamou a enferma. – Tanta coisa... Primeiro, quando mamãe morreu, foi um grande golpe. Depois, senti-me abandonada... ninguém que se interessasse por mim!... Afinal, alguém em que eu pensava mais que em tudo... Minha senhora, esquecer até o meu nome! Sim, eu me chamo Arsênia Guillot, G, U, I, dois LL, e ele me escreve com um Y!

– Bem que eu dizia, um ingrato! – exclamou o doutor. – É só o que se vê. Ora, minha bela, esqueça esse. Um homem sem memória não merece que se pense nele. – Consultou o relógio. – Quatro horas? – disse, erguendo-se. – Estou atrasado para o consultório. Senhora, peço-lhe mil perdões, mas sou obrigado a deixá-la; não tenho nem tempo para a acompanhar até em casa. Adeus, minha filha, tranquilize-se, não há de ser nada. Ainda dançará tão bem com essa perna como com a outra. E a senhora, enfermeira, vá à farmácia com esta receita, e faça como ontem.

O médico e a enfermeira tinham saído; a sra. de Piennes estava agora a sós com a enferma, um pouco alarmada de encontrar amor numa história que a princípio arranjara de modo muito diverso na sua imaginação.

– Quer dizer que então a enganaram, pobre menina! – tornou ela, após um silêncio.

– A mim? Não! Como enganar uma mísera mulher como eu?... Apenas ele não quis mais saber de mim... Ele tem razão; não sou o que lhe convém. Foi sempre bom e generoso. Escrevi-lhe para lhe dizer a situação em que estava e ver se queria que eu me juntasse a ele... Então ele me escreveu... coisas que me afligiram muito... No outro dia, ao entrar em casa, deixei cair um espelho que ele me dera, um espelho de Veneza, como ele dizia. O espelho quebrou-se... “Eis o último golpe!”, disse eu comigo. É sinal de que tudo está acabado... Eu não tinha mais nada dele. Já empenhara as minhas joias... E depois pensei que, se me matasse, isso lhe causaria pesar, e eu me vingaria... A janela estava aberta, atirei-me.

– Mas, pobre infeliz, o motivo era tão frívolo como criminoso o ato.

– Mas que quer? Quando a gente sofre, não reflete. Para os felizes, é muito fácil dizerem: “Tenha juízo.”

– Eu o sei; a desgraça é má conselheira. No entanto, mesmo no meio das mais dolorosas provações, há coisas que não se devem esquecer. Ainda há pouco tempo, eu a vi cumprir em São Roque um ato de devoção. Você tem a felicidade de *crer*. A religião, minha cara, devia tê-la retido no momento em que ia entregar-se ao desespero. A sua vida, você a tem de Deus. Ela não lhe pertence... Mas faça mal em repreendê-la agora, pobre pequena. Está arrependida, e sofre. Deus terá piedade de você.

Arsênia baixou a cabeça, e algumas lágrimas lhe umedeceram as pálpebras.

– Ah! A senhora me julga melhor do que eu sou – disse ela, com um profundo suspiro. – Julga-me devota... não sou muito... não me instruíram... e se me viu oferecer um círio na igreja... é que eu não sabia mais o que fazer.

– Pois bem, minha cara, foi um bom pensamento. Na desgraça, é sempre a Deus que nos devemos dirigir.

– Tinham-me dito que... se eu oferecesse um círio a são Roque... mas não, eu não posso contar-lhe isto. Uma dama como a senhora não sabe o que se pode fazer quando se está sem vintém.

– É principalmente coragem que se deve pedir a Deus.

– Enfim, senhora, não quero fazer-me melhor do que sou, e seria roubar-lhe aproveitar-me das caridades que me faz sem me conhecer... Eu sou uma infeliz rapariga... mas neste mundo a gente vive como pode... Para dizer tudo de uma vez, senhora, eu ofereci um círio porque minha mãe dizia que, quando se oferece um círio a são Roque, a gente nunca deixa de encontrar um homem com quem acomodar-se, no prazo de uma semana... Mas eu fiquei feia, pareço uma múmia... Ninguém se importaria comigo... Agora só resta morrer. Já está metade feito!

Tudo isto fora dito rapidamente, numa voz entrecortada pelos soluços, e num tom frenético que inspirava à sra. de Piennes ainda mais medo que horror. Involuntariamente afastou a cadeira do leito da enferma. E teria até deixado o quarto se a humanidade, mais forte do que a sua repugnância junto àquela mulher perdida, não a censurasse de a deixar sozinha num momento em que ela estava entregue ao mais violento desespero. Houve um instante de silêncio; depois a sra. de Piennes, com os olhos baixos, murmurou flebilmente:

– Sua mãe! Infeliz! Que ousa dizer?

– Oh! Minha mãe era como todas as mães... todas as mães de mulheres como eu... Ela sustentara a sua... e eu a sustentei também... Felizmente não tenho filha. Bem vejo, senhora, que lhe causo medo... mas que quer?... A senhora foi criada com todo o conforto, nunca passou trabalho. Quando se é rica, é fácil ser honesta. Eu teria sido honesta, se dispusesse de meios para isso. Tive amantes... mas só amei a um homem na vida. E ele abandonou-me. Se eu fosse rica, nós nos teríamos casado e constituiríamos uma família direita. Olhe, eu lhe estou falando assim, com toda a franqueza, embora compreenda o que pensa de mim, e tem razão... Mas a senhora é a única mulher honesta a quem falei na minha vida, e tem um ar tão bom, tão bom... que eu disse

comigo: “Mesmo quando ela me conhecer, há de ter piedade de mim.” Eu vou morrer; só lhe peço uma coisa... É que, quando eu estiver morta, mande rezar uma missa por mim, na igreja onde a vi pela primeira vez. Uma única prece, uma só, e eu lhe agradeço do fundo do coração.

– Não, não vai morrer! – exclamou a sra. de Piennes, muito comovida. – Deus terá piedade de você, pobre pecadora. Você se arrependerá de seus desmandos, e Ele a perdoará. Se minhas preces puderem alguma coisa por sua salvação, não são elas que lhe irão faltar. Aqueles que a criaram são mais culpados que você. Tenha coragem, apenas, e espere. Trate principalmente de ficar mais calma, pobre menina. É preciso curar o corpo; a alma também está doente, mas eu respondo pela sua cura.

Erguera-se enquanto falava, e rolava entre os dedos um papel que continha alguns luíses.²⁴⁸

– Olhe – disse ela –, se tiver alguma fantasia...

E punha-lhe debaixo do travesseiro o seu pequeno presente.

– Não, senhora! – exclamou impetuosamente Arsênia, repelindo o papel. – Não quero da senhora senão o que me prometeu. Adeus. Não mais nos tornaremos a ver. Mande-me levar para um hospital para que eu acabe sem incomodar ninguém. Nunca poderia fazer de mim nada que prestasse. Uma grande dama como a senhora terá rezado por mim; estou contente. Adeus.

E, voltando-se o quanto lhe permitia o aparelho que a fixava no leito, ocultou a cabeça num travesseiro, para não ver mais nada.

– Escute, Arsênia – disse a sra. de Piennes, num tom grave. – Eu tenho planos a seu respeito. Quero fazer de você uma mulher honesta. O seu arrependimento me encheu de confiança. Tornarei a vê-la muitas vezes e me ocuparei de você. Um dia, você me deverá a sua estima própria.

E tomou-lhe a mão, apertando-a levemente.

– A senhora me tocou! – exclamou a pobre rapariga. – A senhora me apertou a mão.

E, antes que a sra. de Piennes pudesse retirar a mão, Arsênia apoderou-se dela, cobrindo-a de beijos e de lágrimas.

– Acalme-se, acalme-se, minha cara – dizia a sra. de Piennes –, não me fale de mais nada. Agora eu sei tudo, e conheço-a melhor do que você própria se conhece. Sou eu que sou o médico de sua cabeça... de sua má cabeça. Você me obedecerá, exijo-o, como obedece ao outro médico. Vou mandar-lhe um padre meu amigo, a quem você escutará. Eu escolherei bons livros, que você lerá. Conversaremos algumas vezes. Quando você estiver restabelecida, aí, nos ocuparemos do seu futuro.

A enfermeira voltou com um frasco que trouxera da farmácia. Arsênia continuava a chorar. A sra. de Piennes apertou-lhe mais uma vez a mão, colocou o rolo de luíses sobre a mesinha e retirou-se, talvez inclinada mais favoravelmente por sua penitente do que antes de ter-lhe ouvido a estranha confissão.

Por que é que a gente, minha senhora, sempre ama aos que não prestam? Desde o filho pródigo até o vosso cão Diamante, que morde a todo o mundo e que é o pior bicho que eu conheço, tanto mais interesse inspiram as criaturas quanto menos o merecem. Vaidade! Pura vaidade esse sentimento, minha senhora! Prazer da dificuldade vencida! O pai do filho pródigo venceu o diabo e arrebatou-lhe a sua presa; vós triunfastes do mau gênio de Diamante à força de rosquinhas. A sra. de Piennes estava orgulhosa de haver vencido a perversidade de uma cortesã, de haver destruído, com a sua eloquência, as barreiras que vinte anos de sedução tinham erguido em torno de uma pobre alma abandonada. E ainda mais, será preciso dizê-lo?, ao orgulho dessa vitória, ao prazer de ter feito uma boa ação, juntava-se esse sentimento de curiosidade que tanta mulher virtuosa experimenta ao conhecer uma mulher de outra espécie. Quando uma cantora entra num salão, tenho notado estranhos olhares voltados para ela. Não são os homens que mais a observam. Vós mesma, senhora, a outra noite, no teatro, não vos pusestes a olhar com todo o vosso binóculo aquela atriz das Variedades que vos mostraram em um camarote?

*Como se pode ser persa?*²⁴⁹ Quantas vezes não se fazem perguntas semelhantes!

Assim pois, minha senhora, a sra. de Piennes pensava muito em Arsênia Guillot, e dizia consigo: eu a salvarei.

Mandou-lhe um padre, que a exortou ao arrependimento. O arrependimento não era difícil para a pobre Arsênia, que, salvo algumas horas de grosseira alegria, só conhecera da vida as suas misérias. Dizei a um desgraçado: “A culpa é toda tua”, e ele será o primeiro a acreditá-lo; e se ao mesmo tempo suavizais a censura dando-lhe algum consolo, ele vos abençoará e prometerá tudo para o futuro. Diz um grego em qualquer parte, ou antes, é Amyot²⁵⁰ quem o faz dizer:

Um homem livre, quando posto a ferros,
Perde metade da virtude antiga.

O que, em vil prosa, vem a dar nesse aforismo de que a desgraça nos torna mansos e dóceis como ovelhas. Dizia o sacerdote à sra. de Piennes que a srta. Guillot era assaz ignorante, mas que o fundo não era mau, e ele depositava boas esperanças na sua salvação. Na verdade, Arsênia escutava-o com atenção e respeito. Lia, ou fazia com que lhe lessem os livros recomendados, tão pontual em obedecer à sra. de Piennes quanto em seguir as prescrições do doutor. Mas o que acabou de conquistar o coração do bom padre, e que pareceu à sua protetora um decisivo sintoma de cura moral, foi o emprego que fez Arsênia Guillot de uma parte da pequena soma que lhe haviam dado. Pedira que fosse rezada em São Roque uma missa solene por alma de Pamela Guillot, sua falecida mãe. Por certo nunca uma alma teve maior necessidade das preces da Igreja.

II.

Certa manhã, enquanto a sra. de Piennes fazia a *toilette*, um criado veio bater discretamente à porta do santuário, e entregou a Josefina

um cartão que um jovem acabava de apresentar.

– Max em Paris! – exclamou a sra. de Piennes, com os olhos arregalados sobre o cartão. – Vamos logo, Josefina, diga ao sr. de Saligny que me espere na sala.

Um momento depois, ouviram-se na sala risos e gritinhos abafados, e Josefina voltou muito enrubescida e com a touca enviesada sobre uma orelha.

– Que é que há? – indagou a sra. de Piennes.

– Não é nada, madame; é apenas o sr. de Saligny que dizia que eu tinha engordado.

Com efeito, a opulência de Josefina podia espantar ao sr. de Saligny, que andara viajando naqueles últimos dois anos. Fora antes um dos favoritos de Josefina e um dos admiradores da sua patroa. Sobrinho de uma amiga íntima da sra. de Piennes, viam-no outrora continuamente em sua casa, acompanhando a tia. Aliás, era quase que a única casa séria em que ele aparecia. Max de Saligny tinha fama de mau sujeito, jogador, brigão, gozador da vida; *de resto, o melhor rapaz do mundo*. Constituía o desespero de sua tia, a sra. de Aubrée, que no entretanto o adorava. Muitas vezes tentara tirá-lo da vida que levava, mas sempre os maus hábitos haviam triunfado de seus sábios conselhos. Max tinha uns dois anos mais que a sra. de Piennes; haviam-se conhecido quando crianças, e, antes do casamento dela, Max parecia considerá-la muito amavelmente. “Minha pequena”, dizia-lhe a sra. de Aubrée, “estou certa de que, se quisesses, domarias o seu caráter.” A sra. de Piennes (chamava-se então Elisa de Guiscard) talvez encontrasse coragem para tentar a empresa, pois Max era tão bem-disposto, tão divertido num castelo, tão infatigável num baile, que certamente deveria dar um bom marido; mas os pais de Elisa enxergavam mais longe. A própria sra. de Aubrée não se responsabilizava muito por seu sobrinho; foi verificado que ele tinha dívidas e uma amante; sobreveio um duelo escandaloso, de que uma artista do Gymnase²⁵¹ foi a causa pouco inocente. O casamento, que a sra. de Aubrée nunca levava muito a sério, foi declarado inviável. Apresentou-se então o sr. de Piennes, gentil homem grave e moral, rico aliás, e de boa família. Pouco

tenho que lhes dizer a seu respeito, senão que gozava da reputação de excelente homem, e a merecia. Falava pouco, mas, quando abria a boca, era para dizer alguma grande verdade incontestável. Nas questões duvidosas, “imitava de Conrart o prudente silêncio”.²⁵² Se não acrescentava grande brilho às reuniões a que comparecia, não se via desambientado em parte alguma. Estimavam-no bastante em toda parte, por causa da mulher, mas quando se achava ausente – nas suas terras, como acontecia nove meses por ano, e notadamente no momento em que começa a minha história –, ninguém o notava. Nem a esposa, tampouco.

Terminando a *toilette* em cinco minutos, a sra. de Piennes saiu do quarto um tanto comovida, pois a chegada de Max de Saligny lhe lembrava a morte recente da pessoa a quem mais estimava; era, creio eu, a única lembrança que se lhe apresentou à memória, e essa lembrança era bastante viva para fazer parar todas as ridículas conjeturas que uma pessoa menos razoável poderia formar a respeito da touca enviesada de Josefina. Aproximando-se da sala, sentiu-se um pouco chocada ao ouvir uma bela voz de baixo que cantava alegremente, acompanhando-se ao piano, esta barcarola napolitana:

*Addio, Teresa,
Teresa, addio!
Al mio ritorno
Ti sposerò!*²⁵³

Abriu a porta e interrompeu o cantor, estendendo-lhe a mão:

– Quanto prazer em vê-lo, meu pobre sr. Max!

Max ergueu-se precipitadamente e apertou-lhe a mão, olhando-a com um ar embaraçado, sem poder encontrar uma palavra.

– Senti muito – disse a sra. de Piennes – não ter podido ir a Roma quando sua tia adoeceu. Sei dos cuidados com que a tratou e muito lhe agradeço a última lembrança dela que me remeteu.

A fisionomia de Max, naturalmente alegre, para não dizer risonha, tomou uma súbita expressão de tristeza:

– Ela me falou muito da senhora – disse ele –, e até nos últimos momentos. Vejo que recebeu o seu anel, e o livro que ela lia na própria manhã...

– Sim, Max, e eu lhe agradeço... Você me anunciava, ao enviar-me esse triste presente, que ia deixar Roma, mas não me comunicava o seu endereço; não sabia para onde escrever-lhe. A pobre amiga! Morrer tão longe da sua terra! Felizmente você logo ocorreu... Você é melhor do que quer parecer, Max... eu bem o conheço.

– Minha tia dizia-me durante a sua doença: “Quando eu não for mais deste mundo, só ficará a sra. de Piennes para ralhar contigo... (E ele não pôde deixar de sorrir.) Faze com que ela não te ralhe muito frequentemente.” Bem vê a senhora como se desincumbe mal das suas funções.

– Espero que terei agora uma sinecura. Dizem que você está regenerado, comedido, inteiramente sensato.

– E não se engana, senhora; prometi à minha pobre tia tornar-me um bom sujeito, e...

– Cumprirá a sua palavra, estou certa!

– Farei todo o possível. Em viagem, no entanto, é mais fácil do que em Paris... Olhe, estou aqui apenas há duas horas, e já resisti a tentações. Em caminho de sua casa, encontrei um de meus velhos amigos, que me convidou para jantar com um grupo de malandros – e recusei.

– Fez muito bem.

– Mas... devo dizer-lhe?... É que eu esperava que me convidasse.

– Que pena! Hoje janto fora.

– Neste caso, não mais respondo por mim. Cabe à senhora a responsabilidade de minha ceia hoje à noite.

– Escute, Max: o importante é começar bem. Não vá a essa ceia de rapazes. Janto hoje em casa da sra. Darsenay; apareça por lá, e conversaremos.

– Sim, mas a sra. Darsenay é um pouco aborrecida; vai fazer-me mil perguntas. Eu não poderei falar com a senhora; direi inconveniências e depois, ela tem uma filha ossuda, que talvez ainda não esteja casada...

– É uma criatura encantadora... e, a propósito de inconveniências, é o que você está fazendo agora, ao falar dela nesses termos...

– Fiz mal, é verdade; mas... não seria mostrar muita pressa ir lá, logo de chegada?

– Pois bem, faça o que quiser; mas olhe, Max, como amiga de sua tia, tenho o direito de lhe falar francamente, evite as suas antigas relações. O tempo deve ter rompido naturalmente muitas ligações que não lhe significavam coisa alguma, não as reate agora: tenho confiança em você, desde que não se deixe arrastar. Na sua idade, na *nossa* idade, é preciso ter juízo. Mas deixemos de lado os conselhos e sermões, e fale-me do que fez desde que nos separamos. Sei que foi à Alemanha, depois à Itália, e é só. Escreveu-me duas vezes, apenas, deve estar lembrado. E bem vê que duas cartas em dois anos não poderão ter-me informado muito a seu respeito...

– Meu Deus! Minha senhora, sinto-me bastante culpado... mas sou tão... devo confessá-lo... tão preguiçoso!... Comecei vinte cartas para a senhora; mas que poderia eu dizer que lhe interessasse?... Não sei escrever cartas... Se lhe tivesse escrito todas as vezes em que pensava na senhora, nem todo o papel da Itália bastaria.

– Pois bem, e que fez você? Em que se ocupou todo esse tempo? Já sei que não foi em escrever.

– Como me ocupei?! Bem sabe que não me ocupo, infelizmente. Vi coisas, viajei. Tinha planos de pintura, mas a vista de tantos belos quadros curou-me radicalmente da minha infeliz paixão. Ah!... E depois o velho Nibby quase que fez de mim um antiquário. Sim, mandei fazer uma escavação, animado por ele... Foi encontrado um cachimbo partido, e não sei quantas garrafas velhas... E depois, em Nápoles, andei tomando lições de canto... Mas já não dou para isso... Eu...

– Não me agrada muito a sua música, embora tenha uma bela voz e cante muito bem. É que isso o põe em contato com gente que você já tem muito pendor para frequentar.

– Compreendo, compreendo... Mas, quando me achava em Nápoles, não havia perigo algum. A prima-dona pesava cento e cinquenta quilos, e a segunda figura tinha uma boca de forno e um nariz como a torre do Líbano.²⁵⁴ Enfim, passaram-se dois anos sem que eu pudesse dizer como. Nada fiz, nada aprendi, mas vivi dois anos sem o perceber.

– Eu desejaria vê-lo ocupado com um vivo gosto por qualquer coisa de útil. Temo a ociosidade para você.

– Falando com franqueza, as viagens tiveram de bom que eu, embora sem fazer nada, não estava absolutamente ocioso. Quando a gente vê belas coisas, não se aborrece; e eu, quando me aborreço, estou muito perto de fazer tolices. Na verdade, tornei-me bastante moderado e até esqueci certo número de maneiras sumárias que tinha de gastar dinheiro. Minha pobre tia pagou minhas dívidas, e eu não mais as fiz, nem pretendo fazê-las. Tenho com que viver solteiro; e, como não alimento a pretensão de parecer mais rico do que sou, deixarei de extravagâncias. Está sorrindo? Será que não acredita na minha conversão? Quer provas? Escute isto. Ainda hoje, Famin, o amigo que me convidou para cear, pretendeu vender-me o seu cavalo. Cinco mil francos... Um animal soberbo! O meu primeiro impulso foi adquirir o cavalo; depois disse comigo que não era bastante rico para empregar cinco mil francos numa fantasia, de modo que ficarei a pé.

– Esplêndido, Max; mas sabe o que é preciso para continuar sem empecilhos nesse bom caminho? É casar-se.

– Ah! Casar-me!... Por que não?... Mas quem quererá saber de mim? Eu, que não tenho o direito de mostrar-me difícil, desejaria uma mulher!... Oh! Não há mais nenhuma que me convenha...

A sra. de Piennes enrubesceu um pouco, e ele continuou, sem o perceber:

– Uma mulher que me quisesse... Mas sabe, minha senhora, que isso seria quase uma razão para que eu não quisesse saber dela?

– Como assim? Que loucura!

– Não diz Otelo nalguma parte (é, creio eu, para justificar perante si mesmo as suspeitas que tem contra Desdêmona): “Essa mulher deve ter uma cabeça estranha e gostos depravados, para me haver escolhido a mim, que sou negro!”²⁵⁵ E não posso eu dizer, por minha vez: “Uma mulher que gostasse de mim só poderia ter uma cabeça desarranjada”?

– Você já foi bastante ruim, Max, para que ainda queira fazer-se pior do que é. Não fale assim de si mesmo, pois há pessoas que poderiam acreditá-lo sob palavra. Quanto a mim, estou certa de que, se um dia... sim, se você gostasse de uma mulher que tivesse toda a sua estima... então você lhe pareceria...

A sra. de Piennes experimentava alguma dificuldade em terminar a frase, e Max, que a olhava fixamente, com extrema curiosidade, não a ajudava absolutamente a encontrar um fim para a sua frase tão mal começada.

– Quer dizer – tornou ele enfim –, que, se eu estivesse realmente enamorado, haveriam de amar-me, porque então eu valeria a pena?

– Sim, então você seria digno de ser também amado.

– Se apenas bastasse amar para ser amado... Não é muito certo o que me está dizendo... Ora! Arranje-me uma mulher corajosa, que eu me caso. Se ela não é muito feia, também eu não sou muito velho para que não possa inflamar-me de novo... A senhora me responde pelo resto.

– De onde chegou agora? – interrompeu a sra. de Piennes, com um ar sério.

Max falou de suas viagens muito laconicamente, mas de maneira a provar que não fizera como esses turistas de que dizem os gregos: “Malinha partiu, malinha voltou.” Suas breves observações denotavam um espírito justo, que não apanhava as opiniões já feitas, embora fosse realmente mais cultivado do que desejava parecê-lo. Em breve se retirou, notando que a sra. de Piennes

voltava a cabeça para o relógio, e prometeu, não sem algum embaraço, que iria de noite à casa da sra. Darsenay.

Entretanto, não compareceu, o que provocou algum despeito na sra. de Piennes. Em compensação, no dia seguinte de manhã, recebeu ela a sua visita. Max desculpava-se de não ter saído de casa devido às fadigas da viagem. Mas baixava os olhos e falava numa voz tão pouco segura que não era preciso ter a habilidade da sra. de Piennes em adivinhar fisionomias para ver que ele procurava uma escapatória. Quando terminou penosamente, ela ameaçou-o com o dedo, sem responder.

– Não me acredita? – disse ele.

– Não. Felizmente você ainda não sabe mentir. Não foi para descansar da viagem que você deixou de comparecer ontem à reunião da sra. Darsenay. Você não ficou em casa.

– Pois bem – respondeu Max, esforçando-se por sorrir –, tem razão. Jantei no Rocher de Cancale²⁵⁶ com aqueles malandros, depois fui tomar chá com Famin; não quiseram largar-me, e depois joguei.

– E perdeu, naturalmente?

– Não, ganhei.

– Tanto pior. Estimaria que tivesse perdido, especialmente se isso pudesse desgostá-lo para sempre de um hábito tão tolo como detestável.

Inclinou-se sobre o seu trabalho e pôs-se a manejar as agulhas com uma aplicação um tanto afetada.

– Havia muita gente em casa da sra. Darsenay? – perguntou Max timidamente.

– Não, pouca gente.

– Moças casadouras?

– Não.

– Em todo caso, conto com a senhora. Sabe o que me prometeu?

– Temos tempo para pensar nisso.

Havia no tom da sra. de Piennes algo de seco e constrangido que não lhe era habitual.

Após um silêncio, tornou Max, com ar bastante humilde:

– Está descontente comigo, senhora? Por que não me ralha energicamente, como fazia a minha tia, para em seguida perdoar-me? Quer que eu lhe dê a minha palavra de que não mais jogarei?

– Quando se faz uma promessa, é preciso sentir forças para cumpri-la.

– Uma promessa feita à senhora, eu saberei cumpri-la; terei forças e coragem para tanto.

– Pois bem, Max, aceito-a – disse ela, estendendo-lhe a mão.

– Ganhei mil e cem francos – prosseguiu Max. – Não os quer para os seus pobres? Nunca dinheiro tão mal adquirido terá encontrado tão bom emprego.

A sra. de Piennes hesitou um momento.

– E por que não? – disse ela consigo, em voz alta. – Bem, Max, você se lembrará da lição. Inscrevo-o como meu devedor de mil e cem francos.

– Minha tia dizia que a melhor maneira de não ter dívidas é pagá-las à vista.

Assim falando, tomava da carteira, para retirar as notas. Na carteira, entretanto, a sra. de Piennes julgou ver um retrato de mulher. Max notou que ela olhava, enrubesceu e apressou-se em fechar a carteira e apresentar as notas.

– Bem que eu desejaria ver essa carteira... se fosse possível – acrescentou ela, sorrindo com malícia.

Max estava completamente desconcertado: balbuciou algumas palavras ininteligíveis e esforçou-se por desviar a atenção da sra. de Piennes.

O primeiro pensamento desta fora de que a carteira continha o retrato de alguma bela italiana; mas a evidente perturbação de Max e a cor geral da miniatura, a única coisa que pudera discernir, logo lhe despertaram uma nova suspeita. Tinha oferecido outrora um

retrato seu à sra. de Aubrée; e imaginou que Max, na sua qualidade de herdeiro direto, se julgara no direito de ficar com ele. Isso lhe pareceu uma enorme inconveniência. Não disse nada imediatamente e só quando Saligny já ia retirar-se foi que ela assim falou:

– A propósito, a sua tia tinha um retrato meu, que eu desejava reaver...

– Não sei... que retrato?... Como era? – perguntou Max com voz insegura.

Desta vez a sra. de Piennes estava disposta a não se aperceber de que ele mentia.

– Procure-o então – disse-lhe com a maior naturalidade possível –, que me dará um grande prazer.

A não ser pelo retrato, estava ela muito satisfeita com a docilidade de Max, e propunha-se ainda salvar uma ovelha desgarrada.

No dia seguinte, Max, que havia encontrado o retrato, entregou-lho com um ar bastante indiferente. Observou-lhe que a semelhança não era muito grande, e que o pintor lhe dera uma rigidez de atitude e uma severidade de expressão que nada tinham de natural. Desde esse momento, suas visitas à sra. de Piennes se tornaram menos longas, e ele conservava na sua presença um ar amuado que ela jamais lhe conhecera. A sra. de Piennes atribuiu tal humor aos primeiros esforços que ele tinha de fazer para cumprir suas promessas e resistir às suas más inclinações.

Uns quinze dias após a chegada de Saligny, a sra. de Piennes fora visitar a sua protegida Arsênia Guillot, a quem aliás não esquecera, nem vós tampouco, minha senhora, espero-o. Depois de fazer algumas perguntas sobre a sua saúde e as instruções que recebia, notando que a enferma estava ainda mais oprimida que anteriormente, a sra. de Piennes lhe propôs fazer-lhe uma leitura para que ela não se fatigasse em falar. A pobre rapariga preferiria decerto conversar a ouvir uma leitura como a que lhe propunham, pois bem deveis imaginar que se tratava de um livro muito sério, e Arsênia nunca lera senão romances de cozinheiras. Era um livro

religioso o que tinha a sra. de Piennes; e não lhe citarei o título, primeiro para não prejudicar o autor e depois porque me acusareis talvez de querer tirar uma conclusão desfavorável contra essa espécie de obras em geral. Basta dizer que o livro em questão era da autoria de um jovem de dezenove anos, e especialmente apropriado à regeneração das pecadoras empedernidas; que Arsênia estava muito abatida e não pudera dormir durante toda a noite precedente. À terceira página, aconteceu o que teria acontecido com qualquer outra obra, séria ou não; aconteceu o que era inevitável: quero dizer que Arsênia Guillot fechou os olhos e adormeceu. A sra. de Piennes o percebeu, e felicitou-se pelo efeito calmante que acabava de produzir. Baixou primeiro a voz, para não despertar a enferma, se parasse de súbito; depois pousou o livro e ergueu-se suavemente para sair na ponta dos pés; mas a enfermeira tinha o costume de ir conversar com a porteira quando a sra. de Piennes chegava, pois suas visitas se assemelhavam um pouco às de um confessor. A sra. de Piennes resolveu esperar o regresso da enfermeira; e, como era a pessoa mais inimiga da ociosidade neste mundo, procurou em que empregar os minutos que teria de passar junto da adormecida. Numa pequena sala atrás da alcova havia uma mesa com tinta e papel; ela sentou-se e pôs-se a escrever um bilhete. Enquanto procurava obreias numa gaveta da mesa, alguém entrou bruscamente no quarto, despertando a enferma.

– Meu Deus! Que vejo? – exclamou Arsênia com uma voz tão alterada que a sra. de Piennes estremeceu.

– Ora só o que acabo de saber! Que quer dizer isso? Atirar-se pela janela como uma idiota! Já se viu rapariga mais desmiolada?!

Não sei se transcrevo exatamente os termos; é pelo menos o sentido do que dizia a pessoa que acabava de entrar e que, pela voz, a sra. de Piennes reconheceu logo como Max de Salligny. Seguiram-se algumas explanações, alguns gritos abafados de Arsênia, depois um beijo bastante sonoro. Afinal Max falou:

– Pobre Arsênia, em que estado te encontro! Sabes que eu nunca te haveria desentocado, se Júlia não me desse o teu último endereço? Mas já se viu tamanha loucura?!

– Ah! Saligny! Saligny! Estou tão contente! Mas como me arrependo do que fiz! Já não me acharás bonita. Ainda te importarás comigo?

– Tolinha! – dizia Max. – Por que não me escreveste que precisavas de dinheiro? Por que não pediste ao comandante? Que é feito de teu russo? O teu cossaco foi-se embora?

Ao reconhecer a voz de Max, a sra. de Piennes ficara a princípio quase tão espantada quanto Arsênia. A surpresa impedira-a de mostrar-se em seguida; depois, pusera-se a refletir se devia, ou não, mostrar-se, e, quando a gente reflete escutando, não se decide depressa. Resultou de tudo isso que ela ouviu o edificante diálogo que acabo de transcrever; mas então compreendeu que, se permanecesse na salinha, estava exposta a ouvir muito mais. Tomou seu partido, e entrou no quarto com essa atitude calma e soberba que as pessoas virtuosas só perdem raramente e que tão bem sabem assumir.

– Max – disse ela –, você faz mal a essa pobre moça; retire-se. Venha falar-me daqui a uma hora.

Max tornara-se pálido como um cadáver ao ver surgir a sra. de Piennes num lugar onde jamais esperaria encontrá-la; seu primeiro impulso foi obedecer, e ele deu um passo para a porta.

– Vais embora?!... Não te vás! – exclamou Arsênia, soerguendo-se no leito com um esforço desesperado.

– Minha filha – disse-lhe a sra. de Piennes, tomando-lhe a mão –, seja razoável. Escute-me. Lembre-se do que me prometeu.

Depois lançou um olhar calmo, mas imperioso, a Max, que saiu em seguida. Arsênia retombou no leito, ao vê-lo sair; ela desmaiara.

A sra. de Piennes e a enfermeira, que entrou pouco depois, socorreram-na com o jeito que têm as mulheres para essa espécie de acidentes. Gradativamente, Arsênia recuperou os sentidos. Primeiro passeou o olhar por todo o quarto, como para procurar aquele a quem se lembrava de ali ter visto ainda há pouco; depois volveu os grandes olhos negros para a sra. de Piennes e, olhando-a fixamente, perguntou-lhe:

– É o seu marido?

– Não – respondeu a sra. de Piennes, corando um pouco, mas sem que se lhe alterasse a doçura da voz. – O sr. de Saligny é meu parente.

Julgou que poderia permitir-se essa pequena mentira, para explicar o domínio que exercia sobre ele.

– Então – disse Arsênia –, é à senhora que ele ama!

E continuava a fixar nela os seus olhos ardentes como duas chamas.

Ele!... Um fulgor brilhou no rosto da sra. de Piennes. Por um instante suas faces se coloriram vivamente, e a voz expirou-lhe nos lábios; mas logo recobrou a serenidade.

– Engana-se, minha pobre menina – disse ela, num tom grave –, o sr. de Saligny compreendeu que fazia mal em vir lembrar-lhe coisas que felizmente estão longe da sua memória. Você já esqueceu...

– Já esqueci! – exclamou Arsênia com um sorriso de condenada que era penoso ver.

– Sim, Arsênia, renunciaste a todas as loucas ideias de uma época que não mais voltará. Pensa, minha pobre menina, que é a essa culposa ligação que deves todas as tuas desgraças. Pensa...

– E ainda diz que ele não a ama! – interrompeu Arsênia, sem ouvi-la. – Não a ama... e compreende um só olhar! Eu bem vi os seus olhos e os dele. A senhora é bonita, moça, brilhante... eu, estropiada, desfigurada... às vésperas da morte...

Não pôde terminar: soluços embargaram-lhe a voz, tão fortes, tão dolorosos, que a enfermeira exclamou que ia buscar o médico; pois, dizia ela, o que mais temia o doutor eram aquelas convulsões, e, se aquilo durasse, a pobre pequena se iria...

Pouco a pouco, a espécie de energia que Arsênia haurira na própria vivacidade da sua dor cedeu lugar a um abatimento estúpido, que a sra. de Piennes julgou que fosse enfim a calma. Continuou as suas exortações; mas Arsênia, imóvel, não escutava nenhuma das belas e boas razões que lhe davam para preferir o

amor divino ao amor terreno; seus olhos estavam secos, seus dentes cerrados convulsivamente. Enquanto a sua protetora lhe falava do céu e do futuro, ela pensava no presente. A chegada súbita de Max lhe despertara num instante as mais loucas ilusões, mas o olhar da sra. de Piennes as dissipara ainda mais depressa. Depois de um sonho feliz de um minuto, Arsênia não encontrava mais que a triste realidade, que se tornara mil vezes mais horrível por ter sido um momento esquecida.

O vosso médico, minha senhora, vos informará que os náufragos, surpreendidos pelo sono em meio às angústias da fome, sonham que estão à mesa e que comem à farta. Despertam ainda mais esfaimados, e desejariam não ter dormido. Arsênia sofria uma tortura comparável à desses náufragos. Outrora amara Max, como podia ela amar. Com ele é que desejaria ir sempre aos espetáculos, com ele é que se divertia num piquenique, era dele que falava sem cessar às suas amigas. Quando Max se foi, ela chorara muito; aceitara, entretentes, as atenções de um russo, que Max estava encantado de ter por sucessor, pois o considerava um cavalheiro, isto é, um homem generoso. Enquanto pôde levar a irrequieta vida das mulheres da sua espécie, o seu amor por Max não foi mais que uma lembrança agradável que a fazia suspirar às vezes. Pensava ainda naquele amor como quem pensa nos folguedos da infância, que ninguém no entanto desejaria recomeçar. Mas quando não teve mais amantes, quando se viu abandonada, quando sentiu todo o peso da miséria e da vergonha, então o seu amor por Max como que se depurou, porque era a única lembrança que não lhe despertava nem pesares nem remorsos. Esse amor até a exalçava perante si mesma, e, quanto mais se sentia envilecida, mais elevava a Max na sua imaginação. Fui sua amante, ele amou-me, dizia ela consigo numa espécie de orgulho, quando era tomada de desgosto ao pensar na sua vida de cortesã. Mário, nos pântanos de Minturno, fortalecia a sua coragem, dizendo: "Eu venci os cimbro!"²⁵⁷ A rapariga sustentada – ai! não mais o era – não tinha, para resistir à vergonha e ao desespero, senão esta lembrança: "Max amou-me... ele ainda me ama!" Por um momento o pudera pensar, mas agora

lhe vinham arrancar até as suas recordações, o único bem que lhe restava no mundo.

Enquanto Arsênia se abandonava às suas tristes reflexões, a sra. de Piennes lhe demonstrava com ardor a necessidade de renunciar para sempre ao que ela chamava os seus criminosos desregramentos. Uma forte convicção torna a gente quase insensível; e, como o cirurgião aplica o ferro e o fogo numa ferida sem escutar os gritos do paciente, a sra. de Piennes prosseguia na sua tarefa com impiedosa firmeza. Dizia que aquela época de felicidade em que a pobre Arsênia se refugiava como para escapar a si mesma era um tempo de crime e de vergonha, que justamente estava hoje pagando. Essas ilusões, cumpria de testá-las e bani-las do coração; o homem que ela considerava como seu protetor e quase um gênio tutelar não devia ser mais, a seus olhos, que um cúmplice pernicioso, um sedutor de quem devia fugir para sempre.

Essa palavra “sedutor”, cujo ridículo a sra. de Piennes não podia sentir, fez quase sorrir a Arsênia no meio de suas lágrimas; mas a sua digna protetora não o percebeu e continuou imperturbavelmente a sua exortação. Terminou-a com uma peroração que redobrou os soluços da pobre rapariga, e que era: você não mais o verá!

A chegada do médico e a prostração completa da enferma lembraram à sra. de Piennes que ela já fizera o bastante. Apertou a mão de Arsênia, e disse-lhe, ao sair:

– Coragem, minha filha, e Deus não a abandonará.

Acabava de cumprir um dever; restava-lhe um segundo, ainda mais difícil. Esperava-a outro culpado, e cuja alma ela deveria abrir para o arrependimento; e, apesar da confiança que depositava em seu piedoso zelo, apesar do domínio que exercia sobre Max, e de que já tivera provas, apesar da boa opinião que intimamente conservava daquele libertino, sentia uma estranha ansiedade ao pensar no combate que ia travar. Antes de começar aquela terrível luta, resolveu tomar forças e, entrando numa igreja, pediu a Deus novas inspirações para defender a sua causa.

Quando entrou em casa, disseram-lhe que o sr. de Saligny estava na sala, esperando-a, havia já bastante tempo. Encontrou-o pálido,

agitado, cheio de inquietação. Sentaram-se. Max não ousava abrir a boca; e a própria sra. de Piennes, perturbada sem saber positivamente a causa, permaneceu algum tempo sem falar, e só o olhava a furto. Afinal começou:

– Max, eu não lhe farei censuras.

Max ergueu a cabeça com altivez. Seus olhares se cruzaram, e ele em seguida baixou os olhos.

– O seu bom coração – prosseguiu ela – lhe diz mais, neste momento, do que eu o poderia fazer. Foi uma lição que a Providência lhe quis dar; e eu tenho a esperança, a certeza, de que não será perdida.

– Senhora – interrompeu Max –, mal sei o que se passou. Essa infeliz rapariga lançou-se pela janela, foi o que me disseram; mas não tenho a vaidade... quero dizer, a dor... de acreditar que as relações que outrora tivemos... pudessem haver determinado esse ato de loucura.

– Diga antes, Max, que, quando cometia o mal, não lhe previra as consequências. Quando lançou essa rapariga no desregramento, não pensava que um dia ela atentaria contra a vida.

– Senhora – exclamou Max com alguma veemência –, permita-me que lhe diga que absolutamente não seduzi Arsênia Guillot. Quando a conheci, estava por completo seduzida. Foi minha amante, não nego. Confesso até que a amava... como se pode amar a uma criatura da sua classe... Creio que ela tenha tido por mim um pouco mais de pendor do que por qualquer outro... Mas faz muito que todas e quaisquer relações haviam cessado entre nós, e sem que ela haja demonstrado muito pesar por causa disso. A última vez em que tive notícias suas, mandei-lhe dinheiro; mas a pobre não tem ordem... Ficou com vergonha de mandar pedir mais, pois tem lá o seu orgulho... A miséria levou-a a essa terrível resolução... Estou consternado... Mas repito-lhe, minha senhora, não tenho, em tudo isso, a mínima censura a fazer-me.

A sra. de Piennes amarrotou qualquer trabalho sobre a mesa; depois continuou:

– Sem dúvida, conforme as ideias do *mundo*, você não é culpado, não incorreu em responsabilidade alguma, mas há outra moral que não a do mundo, e é por suas regras que eu gostaria de vê-lo guiar-se. Agora talvez não esteja em estado de me ouvir. Fiquemos por aqui. Hoje, o que eu tenho a lhe pedir é uma promessa que não me recusará, estou certa. Essa infeliz rapariga está tocada de arrependimento. Escutou com respeito os conselhos de um venerável eclesiástico que consentiu em visitá-la. Temos razões para depositar esperanças nela. Quanto a você, não deve mais vê-la, pois o coração de Arsênia hesita ainda entre o bem e o mal, e infelizmente você não tem nem a vontade, nem talvez o poder de lhe ser útil. Tornando a vê-la, poderia ainda fazer-lhe muito mal... Eis por que lhe peço a sua palavra de não mais ir à casa dela.

Max fez um gesto de surpresa.

– Você não me desatenderá, Max. Se a sua tia vivesse, havia de fazer-lhe esse pedido. Imagine que é ela quem lhe está falando.

– Meu Deus! Que me pede, senhora? Que mal acha que eu possa fazer a essa pobre rapariga? Não é, pelo contrário, uma obrigação para mim que... a vi na época de suas loucuras, não abandoná-la agora que ela está enferma, e perigosamente enferma, pelo que dizem?

– Eis sem dúvida a moral do mundo, mas não é a minha. Quanto mais grave for essa doença, mais importa que você não veja Arsênia.

– Mas, senhora, considere que, no estado em que ela está, seria impossível, mesmo para o mais alarmado puritanismo... Olhe, senhora, se eu tivesse um cão doente e soubesse que, ao ver-me, ele experimentaria algum prazer, julgaria cometer uma má ação se o deixasse arrebentar sozinho. É impossível que a senhora, que é tão boa e caridosa, sinta de outro modo. Pense bem, minha senhora; por mim, acho que seria uma verdadeira crueldade.

– Ainda há pouco eu lhe pedia que me fizesse essa promessa, em nome de sua boa tia... em nome da amizade que me tem... Agora, é em nome dessa pobre rapariga que eu lhe peço. Se verdadeiramente a ama...

– Oh! Por favor, não aproxime, assim, coisas que não se podem comparar. Acredite-me, senhora, sofro imensamente em lhe resistir no que quer que seja; mas, na verdade, é um ponto de honra que me obriga... Desagrada-lhe a expressão? Esqueça-a. Somente, senhora, por minha vez, deixe-me conjurá-la, por piedade a essa infeliz... e também por um pouco de piedade minha... Se fiz mal... se contribuí para a reter no desregramento... devo agora cuidar dela. Seria horrível abandoná-la. Não o perdoaria a mim mesmo. Não, não posso abandoná-la. Não há de querer exigir-me isso, minha senhora.

– Não lhe faltarão outros cuidados. Mas responda-me, Max: você a ama?

– Se a amo... se a amo... Não... não a amo. É uma palavra que não pode convir no caso... Amá-la? Não! Procurei junto dela uma distração a um sentimento mais sério que era preciso combater... Parece-lhe isto ridículo, incompreensível?... A pureza de sua alma não pode admitir que se procure semelhante remédio... Pois bem! Não é a pior ação de minha vida. Se nós, homens, não tivéssemos algumas vezes o recurso de desviar nossas paixões, talvez agora... talvez fosse eu que me lançasse pela janela... Mas não sei o que digo, e a senhora não pode compreender-me... eu mal me compreendo a mim mesmo...

– Perguntava-lhe eu se a amava – tornou a sra. de Piennes, de olhos baixos e com alguma hesitação –, porque, se tivesse... amizade por ela, teria sem dúvida a coragem de lhe fazer um pouco de mal para lhe fazer em seguida um grande bem. Certamente, o pesar de não vê-lo será para ela muito penoso de suportar; mas muito mais grave seria desviá-la agora do caminho no qual entrou quase milagrosamente: importa à *salvação* de Arsênia, Max, que ela esqueça por completo um tempo que a sua presença lhe lembraria com demasiada vivacidade.

Max sacudiu a cabeça sem responder. Não era crente, e a palavra “salvação”, que tinha tanto poder sobre a sra. de Piennes, não falava tão fortemente à sua alma. Mas, sobre esse ponto, não havia que discutir com a sra. de Piennes. Ele sempre evitava com cuidado

externar-lhe as suas dúvidas; e ainda desta vez guardou silêncio; no entanto, era fácil de ver que não estava convencido.

– Eu lhe falarei a linguagem do mundo – continuou a sra. de Piennes –, se infelizmente é a única que você pode compreender: discutimos, com efeito, um cálculo aritmético. Ela nada tem a ganhar em vê-lo, e muito a perder; agora escolha.

– A senhora já não duvida, espero – disse Max com voz emocionada –, que possa haver outro sentimento, da minha parte, com respeito a Arsênia, senão um interesse... muito natural. Que perigo haveria? Nenhum. Dúvida de mim? Pensaria a senhora que quero prejudicar os bons conselhos que lhe deu? Oh! Meu Deus! Eu que detesto os espetáculos tristes, que lhes fujo com uma espécie de horror, acredita que eu vá procurar a vista de uma moribunda com intenções culposas? Repito-lhe, é para mim um sentimento de dever, é uma expiação, um castigo se quiser, que venho procurar junto dela.

A essas palavras, a sra. de Piennes ergueu a cabeça e olhou-o fixamente com um olhar exaltado que dava a todos os seus traços uma expressão sublime.

– Uma expiação, um castigo?... Pois bem! Sim! Mau grado seu, Max, você obedece talvez a um *aviso do alto*, e tem razão em resistir-me... Sim, consinto. Pode ir vê-la, e que essa moça se torne o instrumento da sua salvação, como você esteve a ponto de ser o da sua perdição.

Provavelmente Max não compreendeu tão bem quanto vós, minha senhora, o que é um “aviso do alto”. Espantava-o tão súbita mudança de resolução, e não sabia a que atribuí-la, não sabia se devia agradecer à sra. de Piennes o haver cedido afinal; mas o que mais o preocupava, naquele momento, era adivinhar se a sua obstinação apenas cansara, ou convencera mesmo, à pessoa a quem tanto temia desagradar.

– Apenas, Max – prosseguiu a sra. de Piennes –, tenho a lhe pedir, ou antes, exijo de você...

Parou um instante, e Max fez um sinal de cabeça indicando que se submetia a tudo.

– Exijo – tornou ela – que só a visite em minha companhia.

Ele fez um gesto de espanto, mas apressou-se em acrescentar que obedeceria.

– Não me fio absolutamente em você – continuou ela, sorrindo. – Ainda temo que venha a estragar minha obra, e eu quero ser bem-sucedida. Vigiado por mim, você se tornará, pelo contrário, um auxiliar útil, e sua submissão tenho esperança de que será recompensada.

Estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe tais palavras. Ficou combinado que Max iria no dia seguinte visitar Arsênia Guillot, e que a sra. de Piennes o precederia, a fim de a preparar para essa visita.

Bem compreendeis o seu projeto. Primeiro julgara encontrar Max cheio de arrependimento, e que tiraria facilmente do exemplo de Arsênia um eloquente sermão contra as suas más paixões; mas, contra a sua expectativa, Max rejeitava toda e qualquer responsabilidade. Era preciso mudar de exórdio, e trocar num momento decisivo uma arenga estudada é uma empresa quase tão perigosa como formar uma nova ordem de batalha em meio de um ataque imprevisto. A sra. de Piennes não pudera improvisar uma manobra. Em vez de repreender Max, discutira com ele uma questão de decoro. Súbito, uma nova ideia se lhe apresentara ao espírito. Os remorsos da cúmplice o impressionarão, pensava ela. O fim cristão de uma mulher a quem amou (e infelizmente ela não podia duvidar que não estivesse próximo) sem dúvida lhe dará um golpe decisivo. Com essa esperança foi que ela se decidira subitamente a permitir que Max revisse Arsênia. E ainda ganhava em adiar a exortação que projetara; pois, creio já tê-lo dito, apesar do seu desejo de salvar um homem cujos desregramentos deplorava, a ideia de travar com ele uma discussão tão séria assustava-a involuntariamente.

Contara muito com a excelência de sua causa; duvidava ainda do sucesso, e fracassar redundaria em desesperar da salvação de Max, seria condenar-se a mudar de sentimento a seu respeito. O diabo, talvez, para evitar que ela pudesse pôr-se em guarda contra a viva

afeição que dedicava a um amigo de infância, o diabo tivera o cuidado de justificar essa afeição com uma esperança cristã. Todas as armas servem para o tentador, e tais manobras lhe são familiares; eis por que tão elegantemente dizem os portugueses: de boas intenções está o inferno cheio.²⁵⁸ Dizeis em francês que ele está calçado de línguas de mulheres, o que vem a dar no mesmo, pois as mulheres, a meu ver, querem sempre o bem.

Chamais minha atenção para a narrativa. No dia seguinte, pois, foi a sra. de Piennes visitar a sua protegida, a quem encontrou muito fraca e abatida, mas no entanto mais calma e resignada do que ela esperava. Tornou a falar do sr. de Saligny, mas poupando-a mais do que na véspera. Arsênia, na verdade, devia renunciar absolutamente a ele, e só pensar no caso para deplorar sua comum cegueira. Devia ainda, e era uma parte da sua penitência, mostrar seu arrependimento ao próprio Max, dar-lhe um exemplo, mudando de vida, e assegurar-lhe para o futuro a paz de consciência de que ela já desfrutava. A essas exortações de todo em todo cristãs, a sra. de Piennes não negligenciou de acrescentar alguns argumentos mundanos. Este, por exemplo: que Arsênia, se amava verdadeiramente ao sr. de Saligny, devia desejar antes de tudo o seu bem, e que, mudando de procedimento, mereceria ela a estima de um homem que ainda não lha pudera realmente conceder.

Tudo quanto havia de severo e de triste nessas palavras apagou-se de súbito quando a sra. de Piennes, terminando, lhe anunciou que ela tornaria a ver Max e que este não tardaria a chegar. Ante o vivo rubor que instantaneamente lhe animou as faces, há tanto desmaiadas pelo sofrimento, ante o extraordinário fulgor com que lhe brilharam os olhos, a sra. de Piennes quase chegou a arrepender-se de haver consentido tal entrevista; mas já não era tempo de mudar de resolução. Empregou os poucos minutos que lhe restavam antes da chegada de Max em exortações piedosas e enérgicas, mas que eram ouvidas com uma distração notável, pois Arsênia só parecia preocupada em arranjar os cabelos e endireitar a fita amarfanhada da touca.

Afinal o sr. de Saligny apareceu, forçando os traços, para lhes imprimir um ar de alegria e segurança. Perguntou-lhe como ia, num tom que se esforçou por fazer natural, mas que nenhum resfriado lhe poderia emprestar. Arsênia, por seu lado, também não se achava muito à vontade; balbuciava, não podia encontrar uma frase, mas tomou a mão da sra. de Piennes e levou-a aos lábios como para lhe agradecer. O que se disse durante um quarto de hora foi o que se diz em toda parte, entre pessoas embaraçadas. Só a sra. de Piennes conservava a calma habitual, ou antes, mais bem preparada, dominava-se melhor. Muitas vezes respondia por Arsênia, e esta achava que a sua intérprete lhe traduzia muito mal os pensamentos. A conversa esmorecia, a sra. de Piennes notou que a enferma tossia muito e lembrou-lhe que o médico a proibira de falar. Dirigindo-se a Max, disse-lhe que seria melhor que ele fizesse uma pequena leitura do que estar fatigando Arsênia com as suas perguntas. Max apressou-se em pegar um livro, aproximando-se da janela, pois a peça estava um pouco escura. Leu sem compreender grande coisa. Arsênia, sem dúvida, não compreendia mais, mas parecia escutar com vivo interesse. A sra. de Piennes tricotava um trabalho que trouxera, a enfermeira beliscava-se para não adormecer. Os olhos da sra. de Piennes iam sem cessar do leito para a janela; nunca Argos fez tão boa guarda com os cem olhos que tinha. Ao cabo de alguns minutos, inclinou-se ao ouvido de Arsênia:

– Como ele lê bem! – disse-lhe ela baixinho.

Arsênia lançou-lhe um olhar que contrastava estranhamente com o sorriso de sua boca:

– Oh! Sim... – respondeu ela.

Depois baixou os olhos e, de minuto em minuto, uma grossa lágrima lhe aparecia à borda dos cílios e deslizava-lhe pelas faces, sem que ela o percebesse. Max não voltou a cabeça uma única vez. Após algumas páginas, a sra. de Piennes disse a Arsênia:

– Vamos deixá-la repousar, minha filha. Receio que a tenhamos fatigado um pouco. Em breve voltaremos.

Ergueu-se, e Max ergueu-se como sua sombra. Arsênia disse-lhe adeus sem quase olhar para ele.

– Estou contente com você, Max – disse a sra. de Piennes, a quem ele conduziu até a porta da sua casa –, e com ela muito mais. Essa pobre rapariga é cheia de resignação. Ela lhe dá um exemplo.

– Sofrer e calar, minha senhora, é assim tão difícil de aprender?

– O que é preciso aprender, é fechar o coração aos maus pensamentos.

Max saudou-a e afastou-se rapidamente.

Quando a sra. de Piennes foi ver Arsênia na manhã seguinte, encontrou-a contemplando um ramalhete de flores, colocado numa mesinha junto ao leito.

– Foi o sr. de Saligny quem me mandou estas flores – disse ela. – Vieram da sua parte perguntar como eu ia. Ele não subiu.

– São muito bonitas essas flores – disse a sra. de Piennes, um tanto secamente.

– Eu gostava muito de flores, noutros tempos – disse a enferma, suspirando –, e ele estragava-me... O sr. de Saligny estragava-me, dando-me as flores mais lindas que podia encontrar... Mas isso agora não me serve para nada... Cheira muito forte... A senhora deveria ficar com esse ramalhete; ele não se incomodará se eu lho der.

– Não, querida, terá prazer em olhar essas flores – tornou a sra. de Piennes num tom mais brando, pois ficara bastante comovida com o tom profundamente triste da pobre Arsênia. – Levarei as que têm cheiro, fique com as camélias.

– Não. Eu detesto as camélias... Lembra-me a única briga que tivemos... quando eu estava com ele.

– Não pense mais nessas loucuras, minha querida filha.

– Um dia – prosseguiu Arsênia, olhando fixamente a sra. de Piennes –, um dia encontrei no seu quarto uma linda camélia cor-de-rosa dentro dum copo d'água. Quis ficar com ela. Ele não consentiu. Impediu-me até que lhe tocasse. Insisti, disse-lhe tolices. Ele tomou-a, fechou-a num armário e guardou a chave no bolso. Eu fiz o diabo, quebrei até um vaso de porcelana que ele estimava muito. Nada adiantou. Vi que ele a recebera de uma mulher distinta. Eu nunca soube de onde lhe veio aquela camélia.

Assim falando, Arsênia pousava um olhar fixo e quase mau na sra. de Piennes, que involuntariamente baixou os olhos. Houve um longo silêncio, só perturbado pela respiração opressa da enferma. A sra. de Piennes acabava de recordar confusamente certa história de camélia. Um dia em que ela jantava em casa da sra. de Aubrée, Max lhe dissera que a tia lhe acabava de dar as boas-festas, e pediu-lhe que também lhas desse, por sua vez. Ela desprendera, a rir, uma camélia dos cabelos, e a dera a Max. Mas como é que um fato tão insignificante lhe permanecera assim na memória? A sra. de Piennes não podia explicá-lo. Sentia-se quase assustada com aquilo. Mal se dissipara a espécie de confusão que experimentava ante si mesma quando Max entrou e ela sentiu-se enrubescer.

– Obrigada pelas suas flores – disse Arsênia. – Mas me fazem mal... Não ficarão perdidas: dei-as à senhora. Não me faça falar, estou proibida. Quer ler-me alguma coisa?

Max sentou-se e leu. Desta vez ninguém escutou, creio eu: cada qual, inclusive o leitor, seguia o fio de seus próprios pensamentos.

Ao levantar-se para sair, a sra. de Piennes ia deixando o ramalhete em cima da mesa, mas Arsênia avisou-a de seu esquecimento. Levou, pois, as flores, descontente de haver mostrado talvez alguma afetação em não aceitar logo tal bagatela. “Que mal podia haver nisso?”, pensava. Mas já havia mal em fazer esta simples pergunta.

Sem que ela o tivesse pedido, Max entrou em casa da sra. de Piennes. Sentaram-se e, desviando um e outro os olhos, permaneceram em silêncio bastante tempo para ficarem embaraçados.

– Essa pobre rapariga – disse afinal a sra. de Piennes – aflige-me profundamente. Não há mais esperanças, ao que parece.

– Falou com o médico? Que disse ele?

A sra. de Piennes abanou a cabeça:

– Ela tem poucos dias a passar neste mundo. Esta manhã, deram-lhe a extrema-unção.

– A sua fisionomia fazia mal de ver-se – disse Max, avançando para o vão de uma janela, provavelmente para ocultar a sua emoção.

– Sem dúvida é cruel morrer na sua idade – tornou gravemente a sra. de Piennes. – Mas, se vivesse mais, quem sabe se não seria um mal para ela?... Salvando-a de uma morte desesperada, a Providência quis dar-lhe tempo para se arrepender... É uma grande graça, de que ela própria sente agora todo o valor. O padre Dubignon está muito contente com ela. Arsênia não é assim tão digna de lástima, meu caro Max!

– Não sei se devem lastimar aqueles que morrem jovens – disse ele um pouco bruscamente. – Quanto a mim, gostaria de morrer jovem. Mas o que mais me aflige é vê-la sofrer desse modo.

– O sofrimento do corpo é muitas vezes útil à alma.

Max, sem responder, foi colocar-se na extremidade do apartamento, em um ângulo escuro meio oculto por espessas cortinas. A sra. de Piennes trabalhava ou fingia trabalhar, com os olhos fixos numa tapeçaria; mas parecia-lhe sentir o olhar de Max, como algo que pesava sobre ela. Esse olhar que ela evitava, julgava sentir sobre suas mãos, suas espáduas, sua fronte. Pareceu-lhe que pousava ultimamente em seu pé, e ela apressou-se em ocultá-lo sob o vestido. Há talvez alguma coisa de verdade no que se diz do fluido magnético, minha senhora.

– A senhora conhece o almirante de Rigny? – perguntou Max de súbito.

– Sim, um pouco.

– Talvez tenha um serviço a lhe pedir junto dele... uma carta de recomendação...

– Mas para quê?

– Há alguns dias que venho fazendo projetos, minha senhora – continuou ele, com uma alegria afetada. – Procuro converter-me, e desejaria praticar algum ato de bom cristão; mas como haver-me no meu embaraço?...

A sra. de Piennes lançou-lhe um olhar um pouco severo.

– Eis o que decidi – prosseguiu ele. – Sinto muito não ter seguido o curso de cavalaria. Mas isto pode aprender-se... e, como eu tinha a honra de lhe dizer, sinto-me com uma disposição extraordinária de ir à Grécia e ali matar algum turco,²⁵⁹ para maior glória da Cruz.

– À Grécia! – exclamou a sra. de Piennes, deixando cair o novelo.

– À Grécia, sim. Aqui não faço nada; aborreço-me; não sirvo para coisa alguma, nada posso fazer de útil; não há ninguém no mundo a quem eu sirva para algo. Por que não iria eu colher louros ou rebentar a cabeça por alguma boa causa? Aliás, para mim, não descubro outro meio de ir à glória ou ao Templo da Memória, coisa de que faço imensa questão. Imagine, senhora, que honra para mim quando lerem no jornal: “Escrevem-nos de Tripolitza²⁶⁰ que o sr. Max de Salligny, jovem helenófilo da mais alta esperança”, bem se pode dizer isso num jornal, “da mais alta esperança, acaba de perecer, vítima do seu entusiasmo pela santa causa da religião e da liberdade. O feroz Kourschid-Pachá²⁶¹ levou o esquecimento das conveniências até o ponto de lhe mandar cortar a cabeça...” É justamente o que eu tenho de pior, pelo que dizem todos, não é, minha senhora?

E riu com um riso forçado.

– Está falando sério, Max? Você iria mesmo para a Grécia?

– Com toda a seriedade, minha senhora; apenas tratarei de que o meu necrológio apareça o mais tarde possível.

– Que iria você fazer na Grécia? Não são soldados o que falta aos gregos... Você daria um excelente soldado, estou certa, mas...

– Um soldado granadeiro de cinco pés e seis polegadas! – exclamou ele, empertigando-se. – Os gregos ficariam muito desgostosos se perdessem um recruta como este. Falando sério – acrescentou, deixando-se cair numa cadeira –, é o que de melhor tenho a fazer. Não posso ficar em Paris (pronunciou estas palavras com certa violência); sinto-me infeliz aqui, faria mil tolices... Não tenho forças para resistir... Mas ainda falaremos nisso; não parto em seguida... mas partirei... Oh! Sim, é preciso; fiz um juramento

solene. Sabe que faz dois dias que estou aprendendo grego? Ζωή μου σὰς ἀγαπῶ. É uma bela língua, não acha?

A sra. de Piennes lera lord Byron e lembrou-se dessa frase grega, refrão de uma das suas composições ligeiras.²⁶² A tradução, como sabeis, acha-se em nota; e diz: “Eu te amo, vida minha.” *São expressões amáveis daquelas terras.* A sra. de Piennes amaldiçoava a sua memória demasiado boa: absteve-se de perguntar o que significava aquele grego, e apenas temia que a sua expressão demonstrasse que havia compreendido. Max aproximara-se do piano; e seus dedos, tombando sobre o teclado como por acaso, formaram alguns acordes melancólicos. De súbito, pegou o chapéu e, voltando-se para a sra. de Piennes, perguntou-lhe se ela tencionava ir naquela noite à casa da sra. Darsenay.

– Penso que sim – respondeu ela, hesitando um pouco.

Ele apertou-lhe a mão e saiu em seguida, deixando-a presa de uma agitação que jamais experimentara.

Todas as suas ideias eram confusas e sucediam-se com tamanha rapidez que não tinha tempo de parar em uma só. Era como essa sequência de imagens que aparecem e desaparecem à portinhola de um carro de estrada de ferro. Mas, da mesma forma que em meio à mais impetuosa carreira, o olhar, que não percebe todos os detalhes, consegue no entanto apanhar o aspecto geral dos sítios percorridos, assim, em meio do caos de pensamentos que a assaltavam, a sra. de Piennes experimentava uma impressão de medo e sentia-se como que arrastada num declive rápido, entre horríveis precipícios. Que Max a amasse, não podia duvidar disto. Aquele amor (aquele afeto, dizia ela) datava de longe; mas até então não se havia alarmado com isso. Entre uma devota como ela e um libertino como Max, erguia-se uma intransponível barreira que a tranquilizava outrora. Embora não fosse insensível ao prazer ou à vaidade de inspirar um sentimento sério a um homem tão leviano como era Max na sua opinião, jamais suspeitara de que aquela afeição pudesse um dia se tornar perigosa para o seu repouso. Agora que ele se emendara, começava ela a temê-lo. Sua conversão, que ela se atribuía, ia pois tornar-se, para um e outro, uma causa de

incômodos e aflições. De momento, tentava persuadir-se de que os perigos que vagamente entrevia não tinham nenhum fundamento real. Aquela viagem bruscamente resolvida, a mudança que notara nas maneiras do sr. de Saligny, podiam, em rigor, explicar-se pelo amor que ele ainda dedicava a Arsênia Guillot. Mas – coisa estranha! – esse pensamento lhe era mais insuportável que os outros, e era quase um alívio para ela demonstrar a si mesma a sua inverossimilhança.

A sra. de Piennes passou todo o serão a criar, assim, fantasmas, a destruí-los, a desfazê-los. Não quis ir à casa da sra. Darsenay, e, para ficar mais segura de si mesma, permitiu ao cocheiro que saísse e resolveu deitar-se cedo. Mas logo que tomou essa magnânima resolução, e quando já não havia meios de voltar atrás, considerou que era uma fraqueza indigna dela, e arrependeu-se. Temia principalmente que Max suspeitasse a causa da sua ausência; e, como a seus próprios olhos não podia ocultar o verdadeiro motivo, chegou a considerar-se culpada, pois só essa preocupação por causa do sr. de Saligny já se lhe afigurava um crime. Rezou por muito tempo, mas não se sentiu aliviada. Não sei a que horas conseguiu dormir; o que há de certo é que, ao despertar, suas ideias estavam tão confusas como na véspera, e achava-se tão longe como dantes de qualquer resolução definitiva.

Enquanto fazia a refeição matinal – pois sempre se come de manhã, minha senhora, principalmente quando se jantou mal na véspera –, leu no jornal que não sei que paxá acabava de saquear uma cidade da Rumélia.²⁶³ Mulheres e crianças tinham sido massacradas; alguns helenófilos pereceram de armas na mão, ou foram lentamente imolados em horríveis torturas. Essa notícia era pouco adequada para fazer com que a sra. de Piennes se agradasse da excursão à Grécia que Max tencionava efetuar. Meditava tristemente sobre a sua leitura quando lhe trouxeram um bilhete de Max. Na noite precedente aborrecera-se muito em casa da sra. Darsenay; e, inquieto por não encontrar ali a sra. de Piennes, escrevia-lhe para saber notícias suas e perguntar a que horas iria ela visitar Arsênia Guillot. A sra. de Piennes não teve coragem de

escrever, e mandou dizer que iria na hora de costume. Depois lhe veio a ideia de ir imediatamente, a fim de não se encontrar com Max, mas refletiu que seria uma mentira pueril e vergonhosa, pior que a sua fraqueza da véspera. Armou-se pois de coragem, rezou com fervor, e, chegada a hora, saiu e dirigiu-se a passo firme até o quarto de Arsênia.

III.

Encontrou a pobre rapariga num estado de causar piedade. Era evidente que a sua última hora estava próxima, e desde a véspera o mal fizera horríveis progressos. Sua respiração não era mais que um doloroso estertor, e disseram à sra. de Piennes que ela havia delirado várias vezes durante a manhã, e que o médico não pensava pudesse alcançar o dia seguinte.

Arsênia, entretanto, reconheceu sua protetora e agradeceu-lhe por ter ido vê-la.

– A senhora não se cansará mais em subir a minha escada – disse-lhe ela com uma voz extinta.

Cada palavra parecia custar-lhe um penoso esforço e gastar o que lhe restava de forças. Era preciso a pessoa inclinar-se sobre o leito para ouvi-la. A sra. de Piennes tomara a sua mão, que já estava fria e como que desanimada.

Max chegou logo em seguida e aproximou-se silenciosamente do leito da moribunda. Ela fez um leve sinal de cabeça e, observando que ele trazia na mão um livro em um estojo:

– Hoje não será preciso ler – murmurou flebilmente.

A sra. de Piennes lançou um olhar àquele pretensso livro: era um mapa da Grécia encadernado, que ele comprara no caminho.

O padre Dubignon, que desde a manhã estava junto de Arsênia, notando com que rapidez se esgotavam as forças da enferma, quis aproveitar, em prol de sua salvação, os poucos momentos que ainda lhe restavam. Afastou Max e a sra. de Piennes e, curvado sobre aquele leito de dor, dirigiu à pobre rapariga as graves e consoladoras

palavras que a religião reserva para tais momentos. A um canto do quarto, a sra. de Piennes rezava de joelhos, e Max, de pé, junto à janela, parecia transformado em estátua.

– Perdoas aos que te ofenderam, minha filha? – disse o padre, com voz comovida.

– Sim!... Que eles sejam felizes! – respondeu a moribunda, fazendo um esforço para ser ouvida.

– Confia então na misericórdia de Deus, minha filha! – tornou o padre. – O arrependimento abre as portas do Céu.

Durante alguns minutos ainda continuou o padre as suas exortações; depois parou de falar, na incerteza de não ter mais que um cadáver à sua frente. A sra. de Piennes ergueu-se devagarinho, e cada qual permaneceu algum tempo imóvel, fitando com ansiedade o rosto lívido de Arsênia. Seus olhos estavam fechados. Todos retinham a respiração, como para não perturbar o terrível sono que talvez houvesse começado para ela, e ouvia-se distintamente o flébil tique-taque de um relógio colocado sobre a mesa de cabeceira.

– Finou-se, a pobre moça! – disse enfim a enfermeira, depois de haver aproximado o seu estojo dos lábios de Arsênia. – Estão vendo? O espelho não se embaciou. Ela está morta!

– Pobre criatura! – exclamou Max, saindo do estupor em que parecia mergulhado. – Que felicidade teve ela neste mundo?

De súbito, e como que reanimada pela sua voz, Arsênia abriu os olhos.

– Eu amei! – murmurou ela, numa voz surda.

Movia os dedos e parecia querer estender as mãos. Max e a sra. de Piennes se haviam aproximado, e cada um tomou uma das suas mãos.

– Eu amei – repetiu ela com um triste sorriso.

Foram as suas últimas palavras. Max e a sra. de Piennes seguraram por longo tempo as suas mãos geladas, sem ousar erguer os olhos...

IV.

Pois bem, senhora! Dizeis que a minha história está finda, e não quereis ouvir mais nada. Supunha que estivésseis curiosa por saber se o sr. de Saligny fez ou não a expedição à Grécia, e se... mas é tarde, e já estais farta. Ainda bem! Ao menos guardai-vos de juízos temerários; nada disse eu que vos pudesse autorizar a isso.

Sobretudo, não duvideis de que a minha história não seja verdadeira. Como duvidaríeis? Ide ao Père-Lachaise: vinte passos à esquerda do túmulo do general Foy²⁶⁴ encontrareis uma lápide muito simples, cercada de flores sempre bem cuidadas. Ali podereis ver o nome da minha heroína, gravado em grandes caracteres: ARSÊNIA GUILLOT, e, inclinando-vos sobre aquele túmulo, notareis, se é que a chuva já não pôs tudo em ordem, uma linha traçada a lápis, com uma letra bastante firme:

Pobre Arsênia! Está rezando por nós.

237. “És valente, mas Páris e Febo Apolo te perderão diante das portas de Sceia.” (*Ilíada*, XXII, v.360). A valentia de Aquiles e seu fim – ferido mortalmente com uma flecha no calcanhar, por obra de Páris e Apolo para ajudar Heitor – podem ser associados ao percurso de Arsênia Guillot.

238. Referência à tradicional igreja de São Roque (Saint-Roch, em francês), localizada em região nobre de Paris, de projeto datado do séc.XVI e ornamentação barroca.

239. Delfim/Delfina era o título que se dava ao primogênito da família real francesa. No conto, faz-se referência a Maria Teresa (1778-1851), a “*Madame Royale*”, filha de Luís XVI e casada com o duque de Angoulême.

240. Segundo o Houaiss, “robe feminino de tecido fino e transparente, geralmente adornado de rendas ou folhos”.

241. “O mais santo dentre os santos”, em latim no original. Nos textos latinos cristãos, a expressão designa o espaço mais sagrado do Tabernáculo da Antiga Israel e dos templos de Jerusalém. Por extensão, designa o sacrário das igrejas em geral.

242. Cortejador, namorado; em francês no original.

243. Ver nota 177.

244. Aspecto geral do rosto; em latim no original.

245. Segundo a mitologia grega, Caronte é o barqueiro responsável pelo transporte das almas dos mortos de uma margem à outra do rio Styx, mitológico afluente do rio Aqueronte, no Hades, o submundo das almas.

246. Faz-se referência ao fato de Arsênia Guillot poder ser uma dançarina da companhia de teatro instalada no Opéra de Paris, dada sua agilidade.

247. O médico faz aqui uma análise frenológica do crânio de Arsênia. A frenologia investigava a relação entre as proporções do crânio e o caráter e as emoções do indivíduo. Sem jamais ganhar estatuto científico, esteve bastante em voga no séc.XIX.

248. Nome que se deu às moedas de ouro em circulação na França entre 1640 e 1792 (quando foi substituída pelo franco) e, depois, no período da Restauração (1815-30), de maneira limitada, sob a dinastia Bourbon. O nome se deve à efígie dos reis Luís (XIII, XIV, XV, XVI e XVIII) gravadas numa das faces das moedas.

249. Pergunta que encerra a trigésima das *Cartas persas* (1721), de Montesquieu. Popularizada, costuma ser citada para indicar alguém incapaz de compreender a situação de outra pessoa.

250. Jacques Amyot (1513-93) foi clérigo, humanista e preceptor real. Dentre suas contribuições literárias, destacam-se suas traduções de Plutarco (*Obras morais*) e Longo (*Os amores pastorais de Dáfnis e Cloé*), nas quais se evidencia a força de seu estilo.

251. O Théâtre du Gymnase foi inaugurado em 1820. Serviu durante uma década de teatro para estudantes do Conservatório Nacional Superior de Arte Dramática. Passada a revolução de julho de 1830, teve seu nome mudado para Gymnase Dramatique e passou a abrigar peças sentimentais e populares.

252. Citação de Boileau (*Epístola I*, v.40). Figura literária menor, Valentin Conrart foi um dos fundadores da Academia Francesa de Letras, em 1635.

253. "Adeus, Teresa,/ Teresa, adeus!/ Quando eu voltar/ Casarei com você!", em italiano no original.

254. "Um nariz como a torre do Líbano" remonta a uma comparação presente no Cântico dos Cânticos (7:4-5), no Velho Testamento. A passagem é motivo de discussão entre filólogos por causa de seu contexto: soa esdrúxula em meio a uma série de elogios de Salomão a Sulamita. Alguns entendem se tratar de uma interpolação. Mérimée explora a imagem em sentido irônico.

255. Mérimée altera a passagem de *Otelo* (Ato III, Cena 3), de Shakespeare: "Se a provo indomada,/ Mesmo peada às fibras do meu peito,/ Eu a empurro, batida pelo vento/ Pro seu fado. Quiçá por eu ser negro,/ E faltar-me a arte da conversa/ dos cortesãos, ou por estar descendo/ Para o vale dos anos – mas nem tanto –/ ela foi-se, ofendeu-me, e o meu alívio/ tem de ser odiá-la" (v.265-273, trad. de Barbara Heliadora).

256. Famoso restaurante da rua Montorgueil, fundado em 1804. Sua fama literária é atestada por Honoré de Balzac, cujas personagens da *Comédia humana* estavam entre seus frequentadores, assim como o próprio autor.

257. Mário foi general romano, tribuno da plebe e uma das mais importantes figuras da República Romana. Em 88 a.C., tendo tomado de Sila o comando da guerra contra Mitrídates, Mário foi atacado pelo general derrotado e fugiu de Roma, seguindo para os pântanos de Minturnas e, em seguida, exilando-se em Cartago. Os cimbrós foram uma tribo germânica que, depois de sucessivos ataques à República, quedaram derrotados por Mário em 101 a.C.

258. Em português no original.

259. Possível referência à Guerra de Independência da Grécia, travada contra o Império otomano e vencida após quase uma década de lutas (1821-29) e a intervenção de franceses, russos e ingleses. Devido à história intelectual da Grécia antiga, a causa grega recebeu entusiasmado apoio de literatos e artistas de toda a Europa. Muitos aristocratas ligados às artes e humanidades (lord Byron, acometido de doença fatal durante a guerra, em 1824, tornou-se herói nacional grego) pegaram em armas em nome da libertação do país. Sr. Max de Saligny afeta, aqui, almejar algum tipo de aventura nobre e arriscada, ao gosto romântico.

260. Trípoli é a principal localidade da Arcádia, no centro da península do Peloponeso, ao pé do monte Apano-Khrépa, em meio a uma planície fértil.

261. Signatário turco que governou a província grega de Moreia à época da guerra de independência grega (1821-29).

262. Menção à "Virgem de Atenas", de Byron.

263. Antiga designação dos Bálcãs sob o controle do Império otomano.

264. Maximilien-Sébastien Foy (1775-1825) foi general de Napoleão, destacou-se nas campanhas de Portugal e de Espanha e, sob a Restauração, elegeu-se deputado e fez-se uma das mais conhecidas lideranças do partido liberal. Segundo consta, como jovem liberal, Mérimée esteve no funeral de Foy, carregando-lhe o caixão, donde a passagem ter por fundo a homenagem ao general.

CARMEN

Πᾶσα γυνὴ χόλος ἔστιν' ἐχεί δ' ἀγαθὰς δύο ὥρας
Τὴν μίαν ἐν θαλάμῳ, τὴν μίαν ἐν θανάτῳ.
Palladas, *Antologia grega* ²⁶⁵

I.

Eu sempre suspeitara os geógrafos²⁶⁶ de não saberem o que dizem quando localizam o campo de batalha de Munda²⁶⁷ na terra dos bastuli-poeni,²⁶⁸ perto da moderna Monda, e cerca de duas léguas ao norte de Marbella. Segundo minhas conjeturas sobre o texto do autor anônimo do *Bellum Hispaniense*²⁶⁹ e alguns informes colhidos na excelente biblioteca do duque de Osuna, pensava eu que cumpria procurar nos arredores de Montilla o local memorável onde, pela última vez, Júlio César jogou cara ou coroa contra os campeões da república. Encontrando-me na Andaluzia, no começo de 1830, fiz uma excursão bastante longa para esclarecer dúvidas que ainda tinha. Uma memória (que em breve publicarei) espero que dissipará toda e qualquer incerteza no espírito dos arqueólogos de boa-fé.

Enquanto aguardo que minha dissertação solucione afinal o problema geográfico, que mantém suspensa a toda a Europa sábia, desejo contar-vos uma pequena história; ela nada prejudica quanto a esse interessante assunto da localização de Monda.

Em Córdoba, contratei um guia, com dois cavalos, e pus-me em campo, levando, por toda bagagem, os *Comentários de César*²⁷⁰ e algumas camisas. Errando certo dia pela parte alta do vale de Cachena, exausto de fadiga, morrendo de sede, queimado por um sol de chumbo, mandava sinceramente para o diabo Júlio César e os

filhos de Pompeu,²⁷¹ quando avistei, muito além da estrada que seguia, um campo verde semeado de juncos e caniços. Aquilo me anunciava a proximidade de uma fonte. Com efeito, ao aproximarme, vi que a pretensa campina era um pântano aonde vinha morrer um riacho que saía de uma estreita garganta entre dois altos contrafortes da sierra de Cabra. Concluí que, remontando, encontraria água mais fresca, menos sanguessugas e rãs, e talvez um pouco de sombra em meio dos rochedos. À entrada da garganta, meu cavalo relinchou, e outro cavalo que eu não via lhe respondeu em seguida. Mal havia marchado uma centena de passos quando a garganta, alargando-se, me deparou uma espécie de circo natural, perfeitamente sombreado pelas altas escarpas que o cercavam. Impossível encontrar um lugar que oferecesse ao viajante um alto mais agradável. Ao pé de rochedos a pique, a fonte lançava-se borbulhando e tombava em uma pequena bacia tapizada de uma areia branca como neve. Uns cinco ou seis belos carvalhos, sempre abrigados do vento e refrescados pela fonte, erguiam-se às suas margens, cobrindo-a de sua sombra espessa; enfim, em torno da bacia, uma relva fina, lustrosa, oferecia um leito melhor do que qualquer outro que se pudesse encontrar nos albergues de dez léguas em redor.

Não me pertencia a honra de haver descoberto tão linda paisagem. Um homem já repousava ali, e sem dúvida estava a dormir, quando cheguei. Despertado pelos relinchos, levantara-se e aproximara-se do seu cavalo, que tinha aproveitado a sesta de seu dono para pastar. Era um rapagão de estatura mediana, mas de aparência robusta, de olhar sombrio e altivo. Sua pele, que poderia ter sido bela, tornara-se, pela ação do sol, mais escura que os cabelos. Segurava numa das mãos o cabresto da sua montaria e na outra um bacamarte de cobre.

Confessarei que a princípio o bacamarte e o ar selvagem do portador me surpreenderam um pouco; mas não acreditava mais em ladrões, à força de tanto ouvir falar neles, sem nunca os encontrar. Aliás, já vira tantos honrados granjeiros armarem-se até os dentes para ir ao mercado, que a vista de uma arma de fogo não me

autorizava a pôr em dúvida a moralidade do desconhecido. E depois, pensava, que iria ele fazer com as minhas camisas e com os meus *Comentários Elzevir*?²⁷² Saudei, pois, ao homem do bacamarte com um familiar aceno de cabeça, e perguntei, sorrindo, se não lhe havia perturbado o sono. Sem responder, ele mediu-me da cabeça aos pés; e depois, como que satisfeito de seu exame, considerou com a mesma atenção o meu guia, que se aproximava. Vi o meu homem empalidecer e parar, demonstrando evidente terror. “Mau encontro!” – disse comigo. Mas a prudência logo me aconselhou a não deixar transparecer a mínima inquietação. Apeei-me, disse ao guia que desencilhasse os animais, e, ajoelhando à beira da fonte, mergulhei na água a cabeça e as mãos; depois, bebi uma boa golada, deitado de barriga, como os maus soldados de Gedeão.²⁷³

Observava, no entanto, o meu guia e o desconhecido. O primeiro aproximava-se a contragosto; o outro não parecia ter maus desígnios contra nós, pois dera liberdade ao cavalo, e seu bacamarte, que a princípio segurava horizontalmente, estava agora dirigido para o solo.

Crendo que não devia formalizar-me com o pouco-caso que faziam de minha pessoa, estendi-me na relva, e, com um ar despreocupado, perguntei ao homem do bacamarte se ele não tinha um isqueiro. Ao mesmo tempo, puxava a minha charuteira. O homem, sempre sem falar, remexeu no bolso, tirou o isqueiro e apressou-se em acendê-lo para mim. Evidentemente se humanizava, pois se sentou à minha frente, sem todavia abandonar a arma. Aceso o meu charuto, escolhi o melhor dos que me restavam e perguntei-lhe se não fumava.

– Sim senhor – respondeu-me.

Eram as primeiras palavras que lhe ouvia, e notei que não pronunciava o *s* à maneira andaluza,²⁷⁴ pelo que concluí que era um viajante como eu, com a diferença apenas de não ser arqueólogo.

– Achará este muito bom – disse-lhe eu, apresentando-lhe um verdadeiro *regalia* de Havana.

Ele fez-me uma leve inclinação de cabeça, acendeu o charuto no meu, agradeceu-me com outro aceno, depois começou a fumar, com

toda a aparência de um grande prazer.

– Ah! – exclamou, deixando escapar lentamente a primeira baforada pela boca e as narinas. – Há quanto tempo eu não fumava!

Na Espanha, um charuto ofertado estabelece relações de hospitalidade, como no Oriente a partilha do pão e do sal. O meu homem mostrou-se mais conversador do que eu esperava. Aliás, embora se dissesse habitante do partido²⁷⁵ de Montilla, parecia conhecer muito mal a região. Não sabia o nome do encantador vale em que nos achávamos; não podia nomear nenhuma aldeia das cercanias; interrogado, afinal, se não vira, pelos arredores, muros destruídos, largas telhas recurvas, pedras esculpidas, confessou que jamais dera atenção a tais coisas. Em compensação, mostrou-se perito em cavalos. Criticou o meu, o que não era difícil; fez-me depois a genealogia do seu, que provinha do famoso haras de Córdoba: nobre animal, com efeito, tão resistente à fadiga, ao que dizia o seu dono, que fizera uma vez trinta léguas num dia, a galope ou a trote largo. No meio da sua tirada, o desconhecido parou bruscamente, como que surpreso e descontente de haver falado demais. “É que eu tinha grande urgência de ir a Córdoba”, tornou, com algum embaraço. “Tinha de falar com os juízes a respeito de uma demanda...” E, enquanto falava, olhava para o meu guia Antônio, que baixava os olhos.

Tão encantado estava eu com aquela sombra e aquela fonte, que me lembrei de algumas fatias de excelente presunto que meus amigos de Montilla haviam posto no alforje de meu guia. Mandei-as trazer e convidei o estranho a tomar parte na improvisada refeição. Se há muito que ele não fumava, pareceu-me verossímil que não comia há quarenta e oito horas, pelo menos. Concluí que o meu encontro fora providencial para o pobre-diabo.

Meu guia, no entanto, comia pouco, bebia menos e não falava absolutamente, embora desde o começo de nossa viagem se houvesse revelado um tagarela de marca. A presença de nosso convidado parecia incomodá-lo, e certa desconfiança os afastava um do outro, sem que eu positivamente lhe adivinhasse a causa.

Já haviam desaparecido as últimas migalhas do pão e do presunto; tínhamos fumado cada um o segundo charuto; mandei o guia selar os cavalos, e ia despedir-me de meu novo amigo, quando este me perguntou onde tencionava eu passar a noite.

Antes que eu houvesse atentado num sinal de meu guia, já respondera que iria à *venta del Cuervo*.

– Mau lugar, para uma pessoa como o senhor... Eu também vou para lá e, se me permite acompanhá-lo, faremos a viagem juntos.

– De bom grado – disse eu, montando a cavalo.

O guia, que me segurava o estribo, fez-me novo sinal com os olhos. Respondi erguendo os ombros, como para lhe assegurar que estava perfeitamente tranquilo, e pusemo-nos a caminho.

Os sinais misteriosos de Antônio, sua inquietação, algumas palavras escapadas ao desconhecido, sobretudo a sua corrida de trinta léguas e a explicação pouco plausível que lhe dera, já tinham formado minha opinião a respeito de meu companheiro de viagem. Não duvidei de que estivesse com um contrabandista, talvez com um ladrão; que me importava? Conhecia bastante o caráter espanhol para estar certo de que nada tinha a temer de um homem que comera e fumara comigo. Sua presença era até uma proteção segura contra qualquer mau encontro. Aliás, agradava-me saber o que era um bandido. Não é coisa que se veja todos os dias, e há certo encanto em encontrarmo-nos perto de uma criatura perigosa, principalmente quando a sentimos tratável e mansa.

Esperava induzir gradualmente o desconhecido a fazer-me confidências, e, apesar dos sinais de meu guia, rumei a conversa para os ladrões de estrada. Havia então na Andaluzia um famoso bandido chamado José Maria, cujas façanhas se achavam em todas as bocas. “Se eu estivesse ao lado de José Maria?”, dizia eu comigo... Conteí histórias que sabia desse herói, todas em seu louvor, aliás, e exprimi alto e bom som a minha admiração por sua bravura e generosidade.

– José Maria não passa de um patife – disse friamente o desconhecido.

“Faz-se ele justiça, ou será excesso de modéstia?”, indaguei mentalmente; pois, à força de considerar meu companheiro, chegara a aplicar-lhe os sinais de José Maria, que vira afixados às portas de muita cidade andaluza. “Sim, é bem ele... Cabelos loiros, olhos azuis, boca grande, belos dentes, mãos pequenas; camisa fina, casaco de veludo com botões de prata, perneiras de couro branco, um cavalo baio... Não há mais dúvida! Mas respeitemos o seu incógnito!”

Chegamos à *venta*. Era tal como ele ma descrevera, isto é, uma das mais miseráveis que já havia encontrado. Uma grande peça servia de cozinha, de sala de jantar e de quarto de dormir. Fazia-se o fogo no meio da sala, sobre uma laje, e o fumo saía por um buraco aberto no telhado, ou antes, parava, formando uma nuvem a alguns pés acima do solo. Ao longo das paredes, viam-se estendidos por terra uns cinco ou seis velhos enxergões de arreios; eram os leitos dos viajantes. A vinte passos da casa, ou melhor, da única peça que acabo de descrever, elevava-se uma espécie de galpão, onde se localizava a estrebaria. Naquela encantadora paragem, além de uma velha e uma menina de dez ou doze anos, ambas cor de fuligem e vestidas de horríveis trapos, não havia outros seres humanos, pelo menos no momento: “Eis tudo o que resta”, disse eu comigo, “da população da antiga Munda Baetica! Ó César! Ó Sexto Pompeu!²⁷⁶ Como não ficaríeis surpresos se voltásseis agora ao mundo!”

Ao avistar meu companheiro, a velha deixou escapar uma exclamação de surpresa:

– Ah! Sr. d. José!

D. José franziu as sobrancelhas e ergueu a mão num gesto autoritário, que fez a velha parar em seguida. Voltei-me para o guia e, com um sinal quase imperceptível, fiz-lhe compreender que ele nada tinha a me ensinar a respeito do homem com quem eu ia passar a noite. O jantar foi melhor do que eu esperava. Serviram-nos, numa pequena mesa de um pé de altura, um velho galo ensopado com arroz e muita pimenta, depois pimentas no azeite, e enfim *gaspacho*, espécie de salada de pimentas. Três pratos tão picantes nos forçaram a recorrer muitas vezes a um odre de vinho de Montilla, que estava delicioso. Finda a refeição, avistando eu um

bandolim pendurado à parede – na Espanha há bandolins por toda parte –, perguntei à menina que nos servia se não sabia tocá-lo.

– Eu não – disse ela. – Mas d. José toca muito bem!

– Quer ter a bondade – disse-lhe eu – de me cantar alguma coisa? Tenho paixão por sua música nacional.

– Nada posso recusar a um senhor tão distinto que me oferece tão bons charutos! – exclamou d. José com bom humor.

E, pedindo o bandolim, pôs-se a tocá-lo, cantando. Sua voz era rude, mas agradável, a canção melancólica e estranha; quanto à letra, não lhe entendi palavra.

– Se não me engano – disse eu –, não é uma canção espanhola a que o senhor acaba de cantar. Assemelha-se aos *zorzicos*²⁷⁷ que eu ouvi nas Províncias,²⁷⁸ e as palavras devem ser em língua vasca.

– Sim – respondeu d. José com um ar sombrio.

Pousou o bandolim em terra e, de braços cruzados, pôs-se a contemplar o fogo que se extinguia, com uma singular expressão de tristeza. Alumada por um lampião que se achava sobre a mesinha, a sua face, ao mesmo tempo nobre e selvagem, me lembrava o Satã de Milton.²⁷⁹ Como ele talvez, pensava meu companheiro na mansão que havia deixado, no exílio em que incorrera por uma falta. Tentei reanimar a conversação, mas ele não respondeu, absorto como estava em seus tristes pensamentos. Já a velha se deitara a um canto da sala, por trás de uma velha coberta esburacada estendida sobre uma corda. A menina a seguiu àquele retiro reservado ao belo sexo. O meu guia, então, erguendo-se, convidou-me para acompanhá-lo até a estrebaria; mas, a estas palavras, d. José, como que despertado em sobressalto, perguntou-lhe num tom brusco aonde ia.

– À estrebaria.

– Para quê? Os cavalos têm o que comer. Deita aqui, o senhor o permitirá.

– Receio que o cavalo do senhor esteja doente; e eu desejaria que ele o visse: talvez descubra o que é preciso fazer.

Era evidente que Antônio queria falar-me em particular; mas eu não desejava despertar suspeitas em d. José, e, no ponto a que chegáramos, parecia-me que o melhor partido era mostrar-lhe a maior confiança. Respondi pois a Antônio que não entendia nada de cavalos e que tinha vontade de dormir. D. José o seguiu à estrebaria, de onde logo voltou sozinho. Disse que o cavalo não tinha nada, mas que o guia o achava um animal tão precioso que o esfregava com o seu casaco para fazê-lo transpirar, e pretendia passar a noite nessa suave ocupação. Eu me havia estendido sobre os enxergões, cuidadosamente envolto em minha capa, para não tocar neles. Depois de me pedir perdão pela liberdade que tomava em acomodar-se perto de mim, d. José deitou-se diante da porta, não sem haver renovado a escorva do bacamarte, que teve o cuidado de colocar sob a sacola que lhe servia de travesseiro. Cinco minutos depois de havermos trocado um boa-noite, estávamos ambos profundamente adormecidos.

Julgava-me com suficiente fadiga para poder dormir naquela espelunca, mas, ao cabo de uma hora, desagradáveis comichões arrancaram-me a meu primeiro sono. Logo que lhes compreendi a natureza, levantei-me, persuadido de que seria melhor passar o resto da noite ao ar livre do que sob aquele teto inóspito. Caminhando na ponta dos pés, alcancei a porta, passando por cima de d. José, que dormia o sono dos justos, e tão bem o fiz que saí da casa sem que ele despertasse. Junto à entrada, havia um largo banco de madeira; nele me estendi, acomodando-me o melhor possível para terminar o resto da noite. Já ia fechando os olhos pela segunda vez quando me pareceu passarem diante de mim a sombra de um homem e a sombra de um cavalo, marchando ambos sem fazer o mínimo rumor. Sentei-me, e julguei reconhecer Antônio. Surpreso de o ver fora da estrebaria àquela hora, ergui-me e fui a seu encontro. Ele havia parado, pois me avistara primeiro.

– Onde está ele? – perguntou-me Antônio em voz baixa.

– Na *venta*; está dormindo; não tem medo dos percevejos. Por que levas esse cavalo?

Notei então que, para não fazer ruído ao sair da estrebaria, Antônio envolvera cuidadosamente as patas do animal com os restos de um velho enxergão.

– Pelo amor de Deus, fale mais baixo – disse-me Antônio. – O senhor não sabe quem é aquele homem. É José Navarro, o mais famoso bandido da Andaluzia. Todo o dia lhe fiz sinais, que o senhor não quis compreender.

– Bandido ou não, que me importa? Ele não nos roubou, e aposto que não o pretende fazer.

– Ainda bem; mas há duzentos ducados para quem o entregar. Sei de um posto de lanceiros a légua e meia daqui e, antes do raiar do dia, trarei alguns rapagões destorcidos. Poderia tirar-lhe o cavalo, mas o bicho é tão selvagem que só o Navarro pode aproximar-se dele.

– Que o diabo te carregue! – disse-lhe eu. – Que mal te fez esse homem para o denunciastes? Aliás, estás certo de que ele seja o bandido que dizes?

– Certíssimo; ainda há pouco, ele me seguiu à estrebaria e disse-me: “Tu pareces conhecer-me; se dizes a esse bom senhor quem sou eu, faço-te saltar os miolos.” Fique, senhor, fique perto dele. Enquanto ele o souber a seu lado, não desconfiará de coisa alguma.

Enquanto assim falávamos, já estávamos bastante afastados da *venta* para que pudessem ouvir o ruído das ferraduras do animal. Antônio desembaraçara-o num ápice dos trapos com que lhe envolvera os cascos; já se aprestava a montar. Tentei súplicas e ameaças para o deter.

– Eu sou um pobre-diabo, senhor – dizia-me ele. – Duzentos ducados não é coisa que se despreze, principalmente quando se trata de livrar o país daquela peste. Mas tome cuidado; se o Navarro desperta, saltará para a sua espingarda e aí do senhor! Eu já avancei demais para recuar; arranje-se como puder.

O patife já estava na sela; deu de esporas e em breve o perdi de vista na escuridão.

Eu estava muito irritado com o meu guia, e passavelmente inquieto. Após um instante de reflexão, decidi-me e penetrei na *venta*. D. José dormia ainda, reparando sem dúvida naquele momento as fadigas e vigílias de vários dias aventureiros. Fui obrigado a sacudi-lo rudemente para o despertar. Jamais esquecerei seu olhar selvagem e o movimento que ele fez para apoderar-se do bacamarte que, como medida de precaução, eu colocara a alguma distância do seu leito.

– Senhor – disse-lhe eu –, peço-lhe perdão de o despertar; mas tenho de lhe fazer uma tola pergunta: estaria o senhor a gosto se visse chegar aqui meia dúzia de lanceiros?

Ergueu-se de um salto, perguntando numa voz terrível:

– Quem lhe disse isso?

– Pouco importa de onde vem o aviso, contanto que seja bom.

– O seu guia me traiu, mas há de pagar-me. Onde está ele?

– Não sei... Na estrebaria, penso eu... mas alguém me disse....

– Quem lhe disse?... Não foi talvez a velha...

– Alguém que eu não conheço... Sem mais palavras, tem o senhor sim ou não motivos para não esperar os soldados? Se os tem, não perca tempo; se não, boa noite, e peço-lhe perdão de haver interrompido o seu sono.

– Ah! O seu guia! O seu guia! Eu bem que desconfiara a princípio... mas... as suas contas estão tiradas... Adeus, senhor. Deus lhe devolva o serviço que lhe devo. Não sou tão mau como me julga... sim, ainda há em mim qualquer coisa que merece a piedade de um excelente homem... Adeus... senhor... Só sinto não poder retribuir-lhe.

– Como paga do serviço que lhe prestei, prometa-me, d. José, não suspeitar de ninguém, não pensar em vingança. Olhe, aqui tem uns charutos para o caminho: boa viagem!

E estendi-lhe a mão.

Apertou-a sem responder, apanhou o bacamarte e o alforje, e, após haver dito à velha algumas palavras num jargão que eu não

pude compreender, correu à estrebaria. Instantes após, ouvia-o galopar no campo.

Quanto a mim, tornei a deitar-me no meu banco, mas não dormi. Indagava comigo se fizera bem em salvar da justiça a um ladrão, e talvez um assassino, e isso somente porque comera presunto com ele, e arroz à valenciana. Não traíra eu a meu guia, que sustentava a causa das leis? Não o tinha exposto à vingança de um celerado? Mas e os deveres da hospitalidade?... Preconceito de selvagem, dizia comigo; terei de responder por todos os crimes que o bandido vai cometer... Mas será mesmo um preconceito esse instinto de consciência que resiste a todos os raciocínios? Pelo menos, na delicada situação em que me encontrava, não poderia desprezá-lo sem remorsos. Flutuava ainda na maior incerteza quanto à moralidade de minha ação, quando vi aparecer uma meia dúzia de cavaleiros com Antônio, que se mantinha prudentemente à retaguarda. Fui a seu encontro, informando-o de que o bandido se pusera em fuga há mais de duas horas. A velha, interrogada pelo brigadeiro, respondeu que conhecia o Navarro, mas que, como vivia sozinha, jamais se atreveria a arriscar a sua vida, denunciando-o. Afirmou que seu hábito, quando vinha à sua casa, era partir sempre no meio da noite. Quanto a mim, tive de ir mostrar meu passaporte, a algumas léguas dali, e assinar uma declaração perante o alcaide, feito o que, permitiram-me que continuasse em minhas pesquisas arqueológicas. Antônio me guardava rancor, suspeitando que fora eu quem o impedira de ganhar os seus duzentos ducados. Mas separamo-nos como bons amigos, em Córdoba; dei-lhe ali uma gratificação tão alta quanto o permitia o estado de minhas finanças.

II.

Passei alguns dias em Córdoba. Haviam-me indicado certo manuscrito da biblioteca dos Dominicanos, onde eu devia encontrar interessantes informes sobre a antiga Munda. Muito bem acolhido pelos bons padres, passava os dias no convento, e à tardinha ia passear pela cidade. Em Córdoba, ao pôr do sol, há uma porção de

ociosos no cais que borda a margem direita do Guadalquivir. Respiram-se ali as emanções de um curtume, que conserva o antigo renome da região no preparo de couros; mas, em compensação, goza-se de um espetáculo que tem o seu mérito. Alguns minutos antes do *angelus*,²⁸⁰ grande número de mulheres se reúnem à margem do rio, abaixo do cais, que é bastante elevado. Nenhum homem ousaria mesclar-se àquele bando. À última batida do sino, todas aquelas mulheres se despem e entram na água. São então gritos, risos, um alarido infernal. Do alto do cais, os homens contemplam as banhistas, arregalam os olhos, e não distinguem grande coisa. No entanto, aquelas formas incertas que se desenhavam sobre o sombrio azul das águas fazem trabalhar os espíritos poéticos e, com um pouco de fantasia, não é difícil imaginar Diana e suas ninfas no banho, sem que se tenha a recear a sorte de Acteon.²⁸¹ Disseram-me que alguns malandros se cotizaram certo dia para subornar o sineiro da catedral e fazê-lo tocar o *angelus* vinte minutos antes da hora legal. Embora fosse ainda dia claro, as ninfas do Guadalquivir não hesitaram e, fiando-se mais no *angelus* do que no sol, fizeram com toda a tranquilidade de consciência a sua *toilette* de banho, que é sempre das mais simples. Eu lá não me encontrava. No meu tempo, o sineiro era incorruptível, o crepúsculo pouco claro, e só um gato poderia diferenciar a mais velha vendedora de laranjas da mais bonita costureirinha de Córdoba.

Uma tarde, na hora em que não se vê mais nada, fumava eu apoiado ao parapeito do cais, quando uma mulher, subindo a escadaria que conduz ao rio, veio sentar-se perto de mim. Trazia nos cabelos um grande ramo de jasmim, cujas pétalas exalam à noite um aroma embriagador. Estava simplesmente, talvez pobremente vestida, toda de preto, como a maioria das *grisettes*²⁸² à noite. As mulheres da alta sociedade só usam o preto pela manhã; à noite, vestem-se *à la francesa*. Chegando perto de mim, minha banhista deixou escorregar pelas espáduas a mantilha que lhe cobria a cabeça, e, *à obscura claridade que tomba das estrelas*,²⁸³ vi que ela era pequena, jovem, bem-feita de corpo, e que tinha uns olhos muito grandes. Imediatamente joguei fora o meu charuto. Ela

compreendeu essa atenção de uma polidez toda francesa, e apressou-se em dizer-me que gostava muito do cheiro do fumo, e até fumava, quando encontrava *papelitos*²⁸⁴ bem suaves. Por felicidade, eu tinha dos tais em minha carteira, e apressei-me em oferecê-los. Ela dignou-se aceitar um, e acendeu-o a um pedaço de mecha acesa que um garoto nos trouxe mediante uma gorjeta. Misturando as nossas baforadas, conversamos por tanto tempo, a bela banhista e eu, que ficamos quase a sós no cais. Não julguei ser indiscreto, convidando-a para tomar gelados na *neveria*.²⁸⁵ Após uma modesta hesitação, aceitou; mas, antes de decidir-se, desejou saber que horas eram. Fiz soar o meu relógio, o que pareceu espantá-la muito.

– Que mais não inventam os estrangeiros! De que terra é o senhor? Inglês, sem dúvida...²⁸⁶

– Francês, e um seu criado. E a senhorita, ou senhora, é provavelmente de Córdova, não?

– Não.

– É pelo menos andaluza. Parece-me reconhecê-lo pelo seu modo tão suave de falar.

– Se observa tão bem o falar das pessoas, pode adivinhar de onde é que eu sou.

– Creio que é da terra de Jesus, a dois passos do paraíso.

(Aprendera eu esta metáfora, que designa a Andaluzia, com o meu amigo Francisco Sevilla, conhecido picador.)

– Ora! O paraíso... a gente daqui diz que ele não foi feito para nós.

– Então, deve ser moura, ou... – e parei, não ousando dizer: judia.

– Vamos, vamos! Bem vê que eu sou cigana. Quer que lhe diga *la baji*?²⁸⁷ Já ouviu falar da Carmencita? Sou eu.

Naquela época, há coisa de quinze anos, era um incréu, de modo que não recuei de horror ao ver-me ao lado de uma feiticeira. “Bem!”, disse comigo. “Na outra semana jantei com um ladrão de estrada, vamos hoje tomar gelados com uma serva do diabo. Em

viagem, deve-se ver tudo.” Tinha ainda outro motivo para cultivar suas relações. Ao sair do colégio, confesso-o para vergonha minha, tinha eu perdido algum tempo no estudo das ciências ocultas, e até várias vezes tentara conjurar o espírito das trevas. Curado há muito da paixão de semelhantes pesquisas, delas conservara todavia uma atração de curiosidade para todas as superstições, e exultava de me informar até onde se elevava a arte da magia entre os ciganos.

Enquanto conversávamos, tínhamos entrado na *neveria* e sentáramos a uma pequena mesa alumiada por uma vela encerrada num globo de vidro. Tive então todo o lazer para examinar a minha *gitana*, enquanto algumas pessoas sérias pasmavam, ao tomar seus gelados, de me verem em tão boa companhia.

Duvido muito que a srta. Carmen fosse de raça pura; pelo menos, era infinitamente mais bonita que todas as mulheres da sua nação que eu jamais encontrara. Para que uma mulher seja bela, dizem os espanhóis, é preciso que reúna trinta *se*, ou, se quiserem, que a possam definir por meio de dez adjetivos aplicáveis cada um a três partes da sua pessoa. Por exemplo, deve ter três coisas negras: os olhos, as pestanas e as sobrancelhas; três finas, [os dedos,] os lábios, os cabelos etc. Quanto ao resto, reportai-vos a Brantôme.²⁸⁸ A minha cigana não podia aspirar a tantas perfeições. Sua pele, aliás perfeitamente lisa, muito se aproximava do tom de cobre. Seus olhos eram oblíquos, mas admiravelmente fendidos; seus lábios um pouco fortes, mas bem desenhados e entremostrando dentes mais brancos que amêndoas descascadas. Os cabelos, talvez um pouco espessos, eram negros, com reflexos azuis como a asa de um corvo, longos, luzidios. Para não vos fatigar com uma descrição muito prolixa dir-vos-ei em suma que, a cada defeito, unia ela uma qualidade que sobressaía talvez mais fortemente pelo contraste. Era uma beleza estranha e selvagem, uma figura que espantava a princípio, mas que se não podia esquecer. Os olhos, sobretudo, tinham uma expressão ao mesmo tempo voluptuosa e bravia que não encontrei depois em nenhum olhar humano. Olho de cigano, olho de lobo, é um ditado espanhol que denota boa observação. Se

não tendes tempo de ir ao Jardin des Plantes²⁸⁹ para estudar o olhar de um lobo, considerai o vosso gato quando espreita um pardal.

Compreende-se que seria ridículo mandar tirar a sorte num café. Assim, pedi à linda feiticeira que me permitisse acompanhá-la até seu domicílio; ela acedeu sem dificuldade, mas quis de novo saber da marcha do tempo e pediu-me que fizesse soar o relógio outra vez.

– É mesmo de ouro? – indagou, considerando-o com excessiva atenção.

Quando nos pusemos em marcha, era noite fechada; a maioria das lojas estavam cerradas e as ruas quase desertas. Atravessamos a ponte do Guadalquivir e, na extremidade do bairro, paramos diante de uma casa que absolutamente não tinha aparência de um palácio. Um menino veio abrir-nos a porta. A cigana disse-lhe algumas palavras numa língua para mim desconhecida, que eu soube depois que era a *rommani* ou *chipe calli*, o idioma do gitanos. O menino desapareceu em seguida, deixando-nos numa sala bastante vasta onde havia uma pequena mesa, dois tamboretas e um cofre. Não devo esquecer uma jarra de água, um monte de laranjas, e uma réstia de cebolas.

Logo que ficamos a sós, a cigana tirou do cofre umas cartas que pareciam já ter servido muito, um ímã, um camaleão seco e alguns outros objetos necessários à sua arte. Depois me disse que traçasse uma cruz em minha mão esquerda, com uma moeda, e as cerimônias mágicas começaram. É inútil relatar-vos suas predições e, pela sua maneira de operar, via-se bem que não era feiticeira pela metade.

Infelizmente fomos logo interrompidos. A porta abriu-se de súbito com violência, e um homem, envolto até os olhos numa capa escura, entrou na sala apostrofando a cigana de modo pouco gracioso. Eu não compreendia o que dizia ele, mas o tom de sua voz indicava que estava de muito mau humor. Ao vê-lo, a gitana não mostrou nem surpresa nem cólera, mas correu a seu encontro e, com uma volubilidade extraordinária, dirigiu-lhe algumas frases na língua misteriosa de que já se servira diante de mim. A palavra "*payllo*",

muitas vezes repetida, era a única que eu compreendia. Sabia que os ciganos assim designavam a todo homem estranho à sua raça. Julgando que se tratasse de mim, eu esperava uma explicação melindrosa; já tinha a mão sobre o pé de um dos tamboretos e silogizava comigo para adivinhar o momento preciso em que conviria lançá-lo à cabeça do intruso. Este empurrou rudemente a cigana e avançou para mim; depois, recuando um pouco:

– Ah! É o senhor!

Olhei-o por minha vez, e reconheci o meu amigo d. José. Naquele momento, eu lamentava um pouco haver impedido que o enforcassem.

– Olá! É você, meu bravo?! – exclamei rindo o menos amarelo que pude. – Olhe que interrompeu a senhorita no momento em que ela anunciava coisas bem interessantes.

– Sempre a mesma! Isto acabará – disse ele entre dentes, dirigindo-lhe um olhar feroz.

Entretanto, a cigana continuava a lhe falar em sua língua. Ela se animava gradativamente. Os olhos injetavam-se-lhe de sangue, tornando-se terríveis, seus traços se contraíam, ela batia com o pé. Pareceu-me que instava vivamente para que d. José fizesse qualquer coisa, à qual ele se mostrava relutante. O que era, eu de sobra o compreendia, ao vê-la passar e repassar rapidamente a pequena mão por debaixo do queixo. Sentia-me inclinado a crer que se tratava de um pescoço a cortar, e tinha algumas suspeitas de que esse pescoço fosse o meu.

A toda aquela torrente de eloquência, d. José só respondia por duas ou três palavras pronunciadas num tom breve. Então a cigana lançou-lhe um olhar de profundo desprezo; depois, sentando-se à turca a um canto do quarto, escolheu uma laranja, descascou-a e pôs-se a comer.

D. José tomou-me o braço, abriu a porta e conduziu-me pela rua. Demos juntos uns duzentos passos no mais profundo silêncio. Depois, estendendo-me a mão:

– Siga direito em frente – disse ele –, e encontrará a ponte.

Em seguida voltou-me as costas e afastou-se rapidamente. Voltei a meu albergue um pouco mortificado e de muito mau humor. O pior foi que, ao despir-me, notei que me faltava o relógio.

Diversas considerações impediram-me de ir reclamá-lo no dia seguinte, ou de solicitar ao sr. corregedor que houvesse por bem mandar procurá-lo. Terminei meu trabalho com o manuscrito dos dominicanos e parti para Sevilha. Após vários meses de andanças pela Andaluzia, resolvi voltar a Madri, e tive de passar novamente por Córdoba. Não tencionava demorar-me muito ali, pois tomara antipatia a essa bela cidade e às banhistas do Guadalquivir. No entanto, alguns amigos a rever, certas incumbências a cumprir, deviam reter-me pelo menos três ou quatro dias na antiga capital dos príncipes muçulmanos.

Logo que reapareci no convento dos dominicanos, um dos padres que sempre demonstrara um vivo interesse por minhas pesquisas quanto à localização de Monda acolheu-me de braços abertos, exclamando:

– Louvado seja Deus! Bem-vindo seja, meu caro amigo. Nós todos o julgávamos morto, e eu, que lhe falo, recitei muitos Padre-Nossos e Ave-Marias, que não lamento, pela salvação de sua alma. De modo que não foi assassinado... pois roubado, sabíamos que o fora!

– Como assim? – perguntei-lhe, um tanto surpreso.

– Sim, bem que o sabe... aquele belo relógio de repetição, que o senhor fazia soar na biblioteca, quando lhe dizíamos que eram horas de ir ao coro. Pois bem! Foi encontrado, e vai ser-lhe devolvido.

– Quer dizer – interrompi, um pouco desconcertado – que eu o tinha perdido...

– O patife está preso e, como sabíamos que era homem capaz de atirar num cristão para lhe tomar uma moeda, morríamos de medo de que ele o tivesse assassinado. Irei acompanhá-lo ao corregedor e faremos com que lhe devolvam seu belo relógio. E depois, não vá dizer lá por fora que a justiça não cumpre o seu dever na Espanha!

– Confesso-lhe que preferia perder meu relógio a depor em juízo para fazer enforcar um pobre-diabo, principalmente porque...

porque...

– Oh! Não se inquiete por isso! Ele já está muito bem recomendado, e não se pode enforcá-lo duas vezes. Quando digo enforçar, engano-me. É um fidalgo, o seu ladrão. Será, pois, garroteado amanhã, sem remissão.²⁹⁰ Bem vê que um roubo a mais ou a menos em nada modificará a sua situação. Prouvesse a Deus que ele apenas tivesse roubado! Mas cometeu várias mortes, cada qual mais horrível que as outras.

– Como se chama ele?

– Conhecem-no aqui sob o nome de José Navarro, mas tem ainda um outro nome vasco, que nem o senhor nem eu jamais pronunciaremos. Olhe, é um homem digno de se ver, e o senhor, que gosta de conhecer as singularidades do país, não deveria perder essa oportunidade de ficar sabendo como os criminosos saem deste mundo, na Espanha. Ele agora está em capela,²⁹¹ e o padre Martinez o conduzirá à sua presença.

De tal modo insistiu meu dominicano para que eu visse os preparativos do “enforcamentozinho bem bonitinho”,²⁹² que eu não pude evitá-lo. Fui visitar o prisioneiro, munido de um pacote de charutos que, como esperava, fariam com que ele desculpasse a minha indiscrição.

Quando entrei, d. José fazia a sua refeição. Recebeu-me com um aceno de cabeça bastante frio e agradeceu-me com polidez o presente que eu lhe levava. Depois de contar os charutos do pacote que eu lhe pusera entre as mãos, escolheu certo número e devolveu-me o resto, observando que não tinha necessidade de mais.

Perguntei-lhe se, com um pouco de dinheiro, ou por influência de meus amigos, não poderia eu fazer algo que lhe abrandasse a sorte. Primeiro deu de ombros, sorrindo com tristeza; mas logo, reconsiderando, pediu-me que mandasse rezar uma missa pela salvação da sua alma.

– Não desejaria – acrescentou timidamente –, não desejaria mandar rezar outra por uma pessoa que o ofendeu?

– Certamente, meu caro; mas ninguém, que eu saiba, me ofendeu neste país.

Tomou-me a mão e apertou-a com ar grave. Após um momento de silêncio, continuou:

– Poderei ainda pedir-lhe um serviço?... Quando voltar à sua terra, talvez passe por Navarra, ou pelo menos passará por Vitória, que não fica muito longe.

– Sim, passarei certamente por Vitória; mas não é impossível que me desvie para ir a Pamplona, e, por sua causa, creio que faria de bom grado esse desvio.

– Pois bem! Se for a Pamplona, vai ver muita coisa que lhe interessará... É uma bela cidade... Vou dar-lhe esta medalha... (E mostrava-me uma pequena medalha de prata que trazia ao pescoço.) O senhor a enrolará num papel... (Parou um instante para dominar a emoção.) E entregará, ou mandará entregá-la a uma boa mulher de quem lhe darei o endereço. O senhor dirá que eu morri, mas não de que maneira.

Prometi executar o seu desejo. Passei com ele uma parte do dia seguinte. Foi da sua boca que eu soube as tristes aventuras que se vão ler.

III.

– Nasci – disse ele – em Elizondo, no vale de Baztan. Chamo-me d. José Lizzarrabengoa, e o senhor conhece bastante a Espanha para que tal nome logo lhe revele que sou vasco, e velho cristão. Se uso o “don”, é que a ele tenho direito, e, se estivesse em Elizondo, poderia mostrar-lhe a minha genealogia num pergaminho. Queriam que eu pertencesse à Igreja, e fizeram-me estudar, mas eu não aproveitava nada. Gostava demasiado de jogar pela,²⁹³ e foi o que me perdeu. Quando nós, navarros, jogamos pela, esquecemos tudo. Um dia em que eu ganhara, um rapaz de Alava provocou-me; tomamos as nossas *maquilas*,²⁹⁴ e também desta vez levei a melhor; mas vi-me obrigado a deixar minha terra. Encontrei uns dragões, e

engajei-me num regimento de Almanza, cavalaria. A gente das nossas montanhas aprende depressa o ofício militar. Logo cheguei a cabo, e prometiam fazer-me quartel-mestre quando, por desgraça minha, me puseram de guarda na manufatura de tabacos, em Sevilha. Se o senhor já foi a Sevilha, deve ter notado aquele grande edifício fora das muralhas, perto do Guadalquivir. Parece-me ainda que estou vendo a porta, e o corpo da guarda junto. Quando estão de serviço, os espanhóis jogam cartas, ou dormem; eu, como um verdadeiro navarro, procurava sempre ocupar-me em alguma coisa. Eu fabricava uma corrente de arame para prender a minha agulha. De repente os camaradas dizem: “O sino está batendo, elas vão entrar para o serviço.” Saiba o senhor que há umas quatrocentas ou quinhentas mulheres ocupadas na manufatura. São elas que enrolam os charutos numa grande sala, onde os homens não entram sem permissão do Vinte e Quatro,²⁹⁵ pois se põem à vontade, as moças principalmente, quando faz calor. À hora em que as operárias voltam, depois do almoço, muitos jovens vão vê-las passar e dizem-lhes coisas. Dessas senhoritas, poucas são as que recusam uma mantilha de tafetá, e, nessa pesca, os pretendentes não têm mais que abaixar-se para apanhar o peixe. Enquanto os outros olhavam, eu permanecia no meu banco, perto da porta. Era jovem, então; pensava sempre na minha terra, e não acreditava que houvesse lindas moças sem saia azul e tranças pendentes sobre as espáduas.²⁹⁶ Aliás, as andaluzas me davam medo; não estava acostumado às suas maneiras: sempre a zombarem, nunca uma palavra sensata. Estava, pois, com o nariz sobre a minha corrente, quando ouvi que diziam: “Aí vem a *gitanilla!*” Ergui os olhos, e avistei-a. Era uma sexta-feira, e jamais o esquecerei. Vi aquela Carmen que o senhor conhece, e em cuja casa o encontrei há alguns meses.

“Tinha uma saia vermelha muito curta, que deixava ver meias de seda branca, com mais de um furo, e pequenos sapatos de marroquim vermelho, atados com fitas cor de fogo. Afastava a mantilha a fim de mostrar as espáduas e um grande buquê de cássias que lhe saía da camisa. Trazia ainda uma flor de cássia ao

canto da boca, e avançava balouçando as ancas como uma potranca do haras de Córdoba. Na minha terra, uma mulher assim vestida obrigaria a gente a fazer o pelo-sinal. Em Sevilha, cada qual lhe dirigia um galanteio apimentado a respeito dos seus encantos; ela respondia a todos, com uns olhares compridos e a mão à cintura, descarada como uma verdadeira cigana que era. A princípio não me agradou, e retomei meu trabalho; mas Carmen, seguindo o costume das mulheres e dos gatos, que não vêm quando os chamam e que vêm quando não os chamam, parou diante de mim e dirigiu-me a palavra.

“Compadre’, disse-me ela à maneira andaluza, ‘não queres dar-me a tua corrente, para guardar as chaves de meu cofre-forte?’

“É para prender a minha agulha’, respondi.

“Tua agulha!’, exclamou a rir. ‘Com que então o cavalheiro faz renda? Pois precisa de agulhas...’

“Todos os que ali se achavam se puseram a rir, e eu sentia-me corar, e não podia encontrar coisa alguma para lhe responder.

“Vamos, querido’, tornou ela, ‘faze-me sete varas de renda negra para uma mantilha, agulheiro de minh’alma!’

“E, pegando a flor de cássia que trazia à boca, jogou-a a mim, com um movimento do polegar, justamente entre os meus dois olhos. Senhor, aquilo me fez o efeito de uma bala... Não sabia onde meter-me, permanecia imóvel como uma estátua. Quando ela entrou na manufatura, vi a flor de cássia que me tombara entre os pés; não sei o que me deu, mas apanhei-a sem que meus camaradas o percebessem e guardei-a preciosamente no casaco. Primeira tolice!

“Duas ou três horas depois, ainda pensava naquilo tudo, quando chega ao corpo da guarda um porteiro todo arquejante, com a fisionomia transtornada. Disse-nos que na sala dos charutos havia uma mulher assassinada, e que era preciso enviar a guarda. O quartel-mestre me disse que tomasse dois homens e fosse ver o que havia. Tomo os meus homens e subo. Imagine o senhor que, entrando na sala, encontro trezentas mulheres em camisa, todas gritando, bradando, gesticulando, num alarido de não se ouvir Deus

trovejar. Para um lado, estava uma mulher caída, com as quatro patas para o ar, coberta de sangue, com um X na cara, recém-feito a facadas. Em frente dela, que era socorrida pelas melhores do bando, vejo Carmen, segura por cinco ou seis comadres. A ferida gritava: 'Um padre! Um padre! Estou morta!' Carmen não dizia nada; cerrava os dentes, e revirava os olhos como um camaleão. 'Que foi que houve?', perguntei. Tive grande trabalho em saber o que se passava, pois todas as operárias me falavam ao mesmo tempo. Parece que a mulher ferida se gabara de ter bastante dinheiro para comprar um burro no mercado de Triana. 'Ora!', disse Carmen, que tinha uma língua daquelas, 'então não te basta uma vassoura?' A outra, ofendida com essas palavras, talvez porque se sentisse culpada no artigo, respondeu que não entendia de vassouras, pois não tinha a honra de ser cigana, nem afilhada do diabo, mas que Carmencita em breve travaria conhecimento com o seu asno, quando o sr. corregedor a levasse a passeio, com dois lacaios atrás, para espantar-lhe as moscas. 'Pois eu', disse Carmen, 'farei as moscas beberem na tua cara, e vou pintar-lhe um xadrez.'²⁹⁷ Dito isto, zás, começa, com a faca com que aparava os charutos, a traçar-lhe cruzes de santo André no rosto.

"O caso era claro; peguei Carmen pelo braço: 'Maninha', disse-lhe polidamente, 'tens de acompanhar-me.' Ela lançou-me um olhar como se me reconhecesse, mas disse com um ar resignado: 'Marchemos. Onde está a minha mantilha?' Colocou-a na cabeça, de modo a só mostrar um de seus grandes olhos, e seguiu meus dois homens, dócil como uma ovelha. Chegados ao corpo da guarda, disse o quartel-mestre que o caso era grave, e que era preciso levá-la para a prisão. Era ainda eu quem devia conduzi-la. Coloquei-a entre dois dragões, e eu marchava atrás, como deve fazer um cabo em tais circunstâncias. Pusemo-nos a caminho da cidade. No princípio a cigana não disse nada; mas na rua da Serpente – o senhor a conhece, bem merece o nome pelas voltas que faz –, na rua da Serpente, ela começa por deixar tombar a mantilha sobre os ombros, a fim de me mostrar sua carinha provocante, e, voltando-se para mim o mais que podia, indagou:

“Meu oficial, diga-me para onde me leva...”

“Para a prisão, minha pobre menina”, respondi-lhe o mais suavemente que pude, como um bom soldado deve falar a um prisioneiro, principalmente a uma mulher.

“Ai! Que será de mim? Tenha piedade, sr. oficial. O senhor é tão jovem, tão gentil...” E depois, num tom mais baixo: ‘Deixe-me escapar, eu lhe darei um pedaço da *bar lachi*, que fará com que todas as mulheres o amem.’

“A *bar lachi*, senhor, é a pedra de ímã, com a qual, afirmam os ciganos, a gente faz uma porção de sortilégios, quando sabe servir-se dela. Faz-se beber a uma mulher um pouco de raspa de *bar lachi* num copo de vinho branco e ela não resiste mais. Eu respondi-lhe o mais seriamente possível que pude:

“Não estamos aqui para conversa fiada; é preciso ir para a prisão, é a ordem, não há outro remédio.”

“Nós outros, os da terra vasca, temos um sotaque que nos faz distinguir facilmente dos espanhóis; em compensação, não há um deles que possa ao menos aprender a dizer ‘*baĩ jaona*’.²⁹⁸ Carmen não teve, pois, dificuldade em adivinhar que eu vinha das províncias. Deve o senhor saber que os ciganos, não sendo de terra alguma, e estando sempre a viajar, falam todas as línguas, e estão como na sua casa em Portugal, na França, nas províncias, na Catalunha, por toda parte; mesmo com os mouros e os ingleses, eles se entendem. Carmen sabia muito bem o vasco.

“*Laguna ene bihotsarena*, camarada de meu coração”, disse ela de súbito, ‘Você é lá da terra?’

“A nossa língua, senhor, é tão linda, que quando a ouvimos falar em terra estranha, isso nos faz estremecer.

“Eu desejaria ter um confessor das províncias”, acrescentou mais baixo o bandido.

Continuou, após um silêncio:

– Sou de Elizondo –, respondi-lhe em vasco, muito comovido de ouvir falar a minha língua.

“Pois eu sou de Etchalar’, disse ela. (É uma terra que fica a quatro horas da nossa.) ‘Fui trazida por ciganos para Sevilha. Eu trabalhava na manufatura, para ganhar com que voltar a Navarra, para junto de minha pobre mãe, que só tem a mim por sustento, e um pequeno *barratcea*²⁹⁹ com vinte cidreiras. Ah! Se eu estivesse na minha terra, diante da montanha branca! Insultaram-me porque não sou desta terra de gatunos, vendedores de laranjas podres; e aquelas rampeiras se puseram todas contra mim porque eu lhes disse que todos os seus *jacques*³⁰⁰ de Sevilha, com as suas facas, não metiam medo a um rapaz dos nossos, com a sua boina azul e a sua *maquila*. Meu camarada, meu amigo, você não faria nada por uma patrícia?’

“Ela mentia, senhor, ela sempre mentiu. Não sei se aquela rapariga já disse algum dia na vida uma só palavra que fosse verdade; mas quando ela falava, eu acreditava em tudo, era mais forte do que eu. Ela estropiava o vasco, e eu a julguei navarrense; só os seus olhos, a sua boca e a sua pele indicavam que era cigana. Eu estava louco, não prestava atenção a mais nada. Pensava que, se os espanhóis se lembrassem de falar mal da nossa terra, eu lhes retalharia a cara, como ela acabara de fazer à sua camarada. Estava, em suma, como um homem embriagado: começava a dizer asneiras, estava prestes a fazê-las.

“Se eu o empurrasse e você caísse, meu patrício’, tornou ela em vasco, ‘não seriam esses dois recrutas castelhanos que haviam de me deter...’

“Palavra, esqueci as ordens e tudo e disse-lhe:

“Está bem, minha amiga, minha patrícia, tente, e que Nossa Senhora da Montanha lhe ajude.’

“Naquele momento passávamos por uma dessas ruelas estreitas, como há tantas em Sevilha. De súbito, Carmen volta-se e dá-me um soco no peito. Propositadamente, deixei-me cair de costas. Ela salta por cima de mim e põe-se a correr, mostrando-nos um par de pernas... e que pernas!...

“Falam em pernas de vasco: as suas não ficavam atrás... e tão rápidas como bem torneadas. Levanto-me em seguida, mas

atravesso no chão a minha lança,³⁰¹ de maneira a barrar a rua, de sorte que os camaradas foram detidos logo que quiseram persegui-la. Ponho-me também a correr, e eles atrás de mim. Mas alcançá-la? Qual! Em menos tempo do que eu levo para contar, a prisioneira havia desaparecido.

“Aliás todas as comadres do quartirão lhe favoreciam a fuga, zombavam de nós, e indicavam-nos pistas falsas. Depois de várias marchas e contramarchas, tivemos de voltar ao corpo da guarda sem recibo do governador da prisão.

“Meus homens, para não serem punidos, disseram que Carmen me falara em vasco; e, a falar verdade, não parecia muito natural que um soco daquela rapariguinha tivesse derrubado tão facilmente um homenzarrão da minha força. Acharam tudo isso obscuro, ou antes, demasiado claro. Ao deixar a guarda, fui degradado e recebi um mês de prisão. Era o meu primeiro castigo desde que entrara para o serviço militar. Adeus, galões de quartel-mestre, que eu já supunha ostentar!

“Os primeiros dias de prisão, passei-os muito tristemente. Ao fazer-me soldado, imaginava que chegaria a oficial. Longa, Mina, meus patrícios, são capitães-generais; Chapalangarra, que é um negro como Mina, e refugiado, como ele, na sua pátria, Chapalangarra era coronel, e muitas vezes joguei pela com o irmão dele, que era um pobre-diabo como eu. Agora eu me dizia: ‘Todo o tempo que serviste sem punição é tempo perdido. Eis-te desacreditado: para te reabilitares com os chefes, é preciso trabalhar dez vezes mais do que quando vieste como recruta. E por que fui punido? Por causa da velhaca de uma cigana que zombou de mim e que, neste momento, anda a roubar nalgum canto da cidade.’ No entanto, eu não podia deixar de pensar nela. Acredita, senhor? As suas meias de seda furadas, que ela me mostrara até os canos, ao fugir, eu as tinha sempre diante dos olhos. Olhava pelas grades da prisão para a rua, e, entre todas as mulheres que passavam, eu não via uma só que valesse o diabo daquela rapariga.

“E depois, sem querer, eu cheirava a flor de cássia que ela me lançara e que, seca, ainda conservava o seu bom perfume... Se há

feiticeiras, aquela rapariga é uma delas!

“Um dia, entra o carcereiro e entrega-me um pão de Alcalá.³⁰²

“‘Está aqui o que a sua prima lhe mandou’, disse-me ele.

“Tomo o pão, muito espantado, pois não tinha nenhuma prima em Sevilha.

Talvez seja um engano, pensei, olhando para o pão; mas estava tão apetitoso, cheirava tão bem, que, sem me preocupar com a sua procedência, resolvi comê-lo. Quando o cortava, minha faca esbarrou contra qualquer coisa de dura. Olho, e encontro uma pequena lima inglesa, que haviam posto na massa, antes de cozida.

“Havia ainda no pão uma moeda de ouro de duas piastras.³⁰³ Sem dúvida nenhuma era um presente de Carmen. Para a gente da sua raça, a liberdade é tudo, e são capazes de atear fogo a uma cidade para evitar um dia de prisão. A comadre era ladina e aquele pão metia os guardas no embrulho. Em uma hora, a mais grossa barra estaria cortada pela pequena lima; e, com a moeda de duas piastras, trocaria, no primeiro adelo, o meu capote de uniforme por um traje burguês. Considere que um homem que tantas vezes andou desaninhando filhotes de águia nos nossos rochedos não se embaraçaria em descer para a rua, de uma janela a trinta pés de altura, no mínimo; mas eu não queria escapar. Tinha ainda a minha honra de soldado, e desertar parecia-me um grande crime. Apenas, fiquei comovido com aquela demonstração de que era lembrado. Na prisão, faz bem pensar que se tem lá fora um amigo que se interessa pela gente. A moeda de ouro me deixava um pouco melindrado; bem que eu desejaria devolvê-la, mas onde encontrar minha credora? A coisa não me parecia fácil.

“Após a cerimônia da degradação, julgava que não tinha de sofrer mais nada; mas ainda me restava uma humilhação para devorar. Foi à saída da prisão, quando fui mandado para o serviço e posto de sentinela como um simples soldado. O senhor não pode imaginar o que um homem de brio experimenta em tal circunstância. Creio que preferiria ser fuzilado. Ao menos a gente marcha sozinho, à frente do pelotão; sentimo-nos alguma coisa na vida; o público nos contempla.

“Fui posto de sentinela à porta do coronel. Era um jovem rico, bonachão, que gostava de divertir-se. Todos os jovens oficiais estavam em casa dele, e muitos burgueses, mulheres também, atrizes ao que diziam. Quanto a mim, parecia-me que toda a cidade tinha marcado encontro à sua porta para me olhar. Eis que chega o carro do coronel, com o seu laçao à boleia. Quem é que eu vejo descer?... a *gitanilla*. Estava, desta vez, paramentada como um oratório, cheia de enfeites e arrebiques, toda ouro e toda fitas. Um vestido de lentejoulas, sapatos azuis, também de lentejoulas, flores e galões por toda parte. Tinha um pandeiro na mão. Estavam com ela duas outras ciganas, uma jovem e uma velha. Há sempre uma velha para as acompanhar; depois um velho com uma guitarra, cigano também, para tocar e fazê-las dançar. Bem sabe o senhor que seguidamente convidam as ciganas para as festas, para que elas dancem a *romalis*, que é a sua dança, e, às vezes, coisa muito diferente.

“Carmen reconheceu-me, e trocamos um olhar. Não sei, mas naquele momento eu desejaria estar a cem pés abaixo da terra.

“*‘Agur laguna’*,³⁰⁴ disse ela. ‘Com que então, meu oficial, estás aí de sentinela como um recruta?!’

“E, antes que eu encontrasse o que responder, já estava ela na casa.

“Toda a sociedade se encontrava no pátio, e, apesar da multidão, eu via mais ou menos, através das grades, tudo quanto se passava lá dentro.³⁰⁵ Ouvia as castanholas, o pandeiro, os risos e os bravos; às vezes avistava a sua cabeça, quando ela saltava com o pandeiro. E depois ainda ouvia os oficiais que lhe diziam coisas que me faziam subir o sangue ao rosto. O que ela lhes retrucava, eu não o sabia. Creio que foi naquele dia que comecei a amá-la verdadeiramente, pois três ou quatro vezes me veio a ideia de entrar no pátio e enfiar meu sabre na barriga de todos aqueles bonifrates que a perseguiam. Meu suplício durou uma boa hora; depois as ciganas saíram; o carro esperava-as. Carmen, de passagem, olhou-me mais uma vez com os olhos que o senhor sabe, e disse-me baixinho:

“Patrício, quem gosta de boas fritadas, vai comê-las em Triana, no Lillas Pastia.’

“Rápida como um cabrito, saltou para o carro, o cocheiro fustigou as mulas, e todo o alegre bando se foi não sei para onde.

“Bem compreende o senhor que, ao deixar a guarda, me fui a Triana; mas primeiro barbeei-me e escovei-me como para um dia de parada. Ela estava no Lillas Pastia, um velho estalajadeiro cigano, negro como um mouro, a cuja casa muitos burgueses vinham comer peixe frito, principalmente, creio eu, depois que Carmen ali se estabelecera.

“Lillas’, disse ela logo que me viu, ‘hoje não faço mais nada. Amanhã é outro dia.³⁰⁶ Anda, patrício, vamos passear.’

“Pôs a mantilha diante do nariz do patrão, e eis-nos os dois na rua, sem saber eu aonde ia.

“Senhorita’, disse eu, ‘creio que tenho a agradecer-lhe um presente que me mandou quando eu estava em prisão. O pão, eu o comi; a lima me servirá para afiar minha lança, e guardo-a como lembrança sua; mas o dinheiro, aqui está.’

“Olha só! Ele guardou o dinheiro!’, exclamou Carmen, rebentando numa gargalhada. ‘Tanto melhor, pois não estou bem de fundos; mas que importa? Cachorro que anda não morre de fome.³⁰⁷ Bem, vamos comer tudo. Tu me convidas.’

“Tínhamos retomado o caminho de Sevilha. À entrada da rua da Serpente, ela comprou uma dúzia de laranjas, que me fez meter no meu lenço. Um pouco adiante, comprou um pão, salsichas, uma garrafa de *manzanilla*; depois entrou numa confeitaria. Lançou sobre o balcão a moeda de ouro que eu lhe restituíra, mais outra que tinha no bolso, com algumas pratas. Eu não tinha mais que uma moedinha e alguns *cuartos*, que lhe entreguei, muito envergonhado de não ter mais. Pensei que ela queria carregar a casa. Ficou com tudo quanto havia de mais bonito e mais caro, *yemas*,³⁰⁸ *turon*,³⁰⁹ passas, enquanto durou o dinheiro. Tudo isso, tive eu ainda de carregá-lo em sacos de papel. O senhor decerto conhece a rua do Candilejo, onde há uma cabeça do rei d. Pedro, o Justiceiro.³¹⁰ Ela

deveria ter-me feito refletir. Paramos naquela rua, diante de uma velha casa. Carmen entrou na alameda e bateu no rés do chão. Uma cigana, verdadeira serva do diabo, veio abrir-nos a porta. Carmen disse-lhe algumas palavras em *rommani*.³¹¹ A velha, a princípio, resmungou. Para apaziguá-la deu-lhe Carmen duas laranjas e um punhado de bombons e permitiu-lhe que provasse do vinho. Depois lhe pôs a sua manta às costas e a levou até a porta, que fechou com uma tranca de madeira. Logo que ficamos a sós, ela pôs-se a dançar e a rir como uma louca, cantando:

“Tu és o meu *rom*, e eu sou a tua *romi*.”³¹²

“Eu estava no meio da sala, carregado de todas as suas compras, sem saber onde as pusesse. Ela lançou tudo ao chão, e saltou-me ao pescoço, dizendo-me:

“Eu pago as minhas dívidas, eu pago as minhas dívidas! Esta é a lei dos *calés*.”³¹³

“Ah! Senhor, que dia aquele! Que dia!... Quando o recorde, esqueço-me de amanhã.”

O bandido calou-se um instante; depois, reacendendo o charuto, continuou:

– Passamos juntos todo o dia, comendo, bebendo, e o resto. Depois de comer bombons como uma criança de seis anos, meteu-os aos punhados na jarra de água da velha. “É para lhe preparar refresco”, disse ela. Esmagava *yemas*, arremessando-as contra a parede. “É para que as moscas nos deixem em paz”, dizia ela... Não havia brincadeira ou tolice que ela não fizesse. Disse-lhe que desejava vê-la dançar, mas onde encontrar castanholas? Em seguida ela pega o único prato da velha, quebra-o em pedaços, e ei-la que dança a *romalis*, batendo os cacos da louça, tal qual se tivesse castanholas de ébano ou marfim. A gente não se aborrecia junto daquela rapariga, eu lhe garanto. Veio a noite, e ouvi os tambores que tocavam a recolher.

“Tenho de voltar ao quartel, para a chamada.”

“Ao quartel?”, respondeu ela, com um ar de desprezo. “És então um negro, para deixar que te levem a chicote? És um verdadeiro

canário, no uniforme e no caráter.³¹⁴ Vai-te, tens um coração de frango.'

"Fiquei, já resignado com a prisão. Pela manhã, foi ela quem falou primeiro em nos separarmos.

"'Escuta, Joseíto', disse ela, 'não te paguei? Segundo a nossa lei, eu não te devia nada, pois que tu és um *payllo*.³¹⁵ Mas és um belo rapaz, e me agradaste. Estamos quites. Adeus.'

"Perguntei-lhe quando tornaria a vê-la.

"'Quando fores menos tolo', respondeu ela a rir. Depois, num tom mais sério: 'Sabes, meu filho, que eu julgo que te amo um pouco? Mas isto não pode durar. Cão e lobo não se dão bem por muito tempo. Se tomasses a lei do Egito, eu gostaria talvez de ser a tua *romi*. Mas são tolices; não pode ser. E acredita, meu rapaz, ainda foste muito feliz em ficares quite assim tão facilmente. Tu encontraste o diabo, sim, o diabo; ele não é sempre negro, e não te torceu o pescoço. Estou vestida de lã, mas não sou carneiro.³¹⁶ Vai acender uma vela à tua *majari*;³¹⁷ ela bem que a mereceu. Adeus, outra vez. Não penses mais na Carmencita, ou ela te fará desposar uma viúva de perna de pau.'³¹⁸

"Assim falando, retirava a tranca da porta, e, uma vez na rua, envolveu-se na mantilha e voltou-me as costas.

"Dizia a verdade. Bem faria eu em não mais pensar nela; mas, desde aquele dia na rua do Candilejo, eu não podia pensar em outra coisa. Passeava todo o dia, esperando encontrá-la. Pedia notícias suas à velha e ao vendedor de frituras. Um e outro respondiam que partira para Laloro,³¹⁹ que é assim que eles chamam Portugal. Provavelmente era por instruções de Carmen que assim falavam, mas não tardei a saber que mentiam. Algumas semanas após minha visita à rua do Candilejo, estive de sentinela a uma das portas da cidade. A pouca distância dessa porta, fora feita uma brecha no muro; trabalhavam ali durante o dia, e de noite ficava uma sentinela para impedir os contrabandistas. Durante o dia, vi Lillas Pastia passar e repassar pelo corpo da guarda, e conversar com alguns camaradas; todos o conheciam, e a seus peixes e filhós ainda mais.

Aproximou-se de mim e perguntou-me se eu não tinha notícias de Carmen.

“‘Não’, disse eu.

“‘Pois há de tê-las, compadre.’

“‘Não se enganava. À noite, fui posto de sentinela na brecha. Logo que o cabo se retirou, vi que uma mulher se aproximava. O coração me dizia que era Carmen. No entanto gritei:

“‘Alto lá! Não se pode passar!’

“‘Não te faças de mau’, disse-me ela, dando-se a conhecer.

“‘Como? Tu, Carmen!’

“‘Sim, meu patrício. Falemos pouco, mas bem. Queres ganhar um duro? Vai vir gente com pacotes, deixa-os passar.’

“‘Não’, respondi. ‘Devo impedi-los de passar. É a ordem.’

“‘A ordem! A ordem! Tu não pensavas em ordens, na rua do Candilejo.’

“‘Ah!’, respondi, abalado só de o recordar. ‘Aquilo bem valia a pena de esquecer a ordem. Mas não quero dinheiro de contrabandistas.’

“‘Bem, se não queres dinheiro, queres que vamos jantar outra vez na velha Doroteia?’

“‘Não’, disse, meio estrangulado pelo esforço que fazia. ‘Eu não posso.’

“‘Muito bem. Se és tão difícil, sei a quem dirigir-me. Convidarei teu oficial para irmos à casa de Doroteia. Tem cara de bom menino, e porá de sentinela a um homem que só verá o que for preciso. Adeus, canário. Vou rir-me muito no dia em que a ordem for de te enforcarem.’

“‘Tive a fraqueza de chamá-la e prometi que deixaria passar toda a ciganagem, se preciso fosse, contanto que obtivesse a única recompensa que desejava. Ela imediatamente me jurou que cumpriria a palavra logo no dia seguinte, e correu a prevenir seus amigos, que estavam a dois passos dali. Eram cinco, entre os quais Pastia, todos bem carregados de mercadorias inglesas. Carmen estava de espia. Devia avisar com as suas castanholas logo que

avistasse a ronda. Mas não foi preciso. Os contrabandistas despacharam-se num instante.

“No dia seguinte, fui à rua do Candilejo. Carmen fez-se esperar, e apareceu de muito mau humor.

“‘Não gosto das pessoas que se fazem rogar’, disse ela. ‘Tu me prestaste maior serviço da primeira vez, sem saber se ganharias alguma coisa. Ontem, regateaste comigo. Não sei por que vim, pois não te amo mais. Toma, vai-te, aqui está um duro pelo teu trabalho.’

“Pouco faltou para que eu lhe lançasse a moeda à cara, e fui obrigado a fazer um violento esforço sobre mim mesmo para não bater-lhe. Após havermos discutido durante uma hora, saí furioso. Errei algum tempo pela cidade, andando de um lado para outro, como um doido; entrei afinal numa igreja e, sentando-me no canto mais escuro, chorei copiosamente. De súbito, ouço uma voz:

“‘Lágrimas de dragão! Quero fazer um filtro com elas.’

“Ergo os olhos; Carmen estava à minha espera.

“‘Então, patrício’, disse ela, ‘ainda me queres mal? Devo amar-te mesmo, apesar de tudo, pois, desde que me deixaste, não sei o que é que tenho. Vejamos, agora sou eu que te pergunto se queres ir à rua do Candilejo.’

“Fizemos, pois, as pazes; mas Carmen tinha um gênio como é o tempo entre nós. Nunca a tempestade está mais perto, nas nossas montanhas, do que quando o céu é mais brilhante. Ela me prometera encontrar-me outra vez em casa de Doroteia, e não apareceu. E Doroteia me disse, sem mais aquela, que ela fora a Laloro, a negócios do Egito.

“Sabendo já, por experiência, o que pensar a respeito de tal informação, eu procurava Carmen por toda parte onde julgava que pudesse estar, e passava vinte vezes por dia pela rua do Candilejo. Uma noite, estava eu em casa de Doroteia, a quem quase domesticara, pagando-lhe de vez em quando um copo de anisete, quando Carmen entrou, acompanhada de um tenente do nosso regimento.

“‘Vai-te embora depressa’, disse-me ela em vasco.

“Eu fiquei estupefato, com a raiva no coração.

“Que fazes aqui?’, disse-me o tenente. ‘Anda, dá o fora!’

“Eu não podia dar um passo; estava como que paralisado. O oficial, encolerizado, vendo que eu não me retirava e que nem mesmo tirava o gorro, segurou-me pela gola e sacudiu-me rudemente. Não sei o que lhe disse. Ele puxou da espada, eu desembainhei a minha. A velha pegou-me pelo braço, e o tenente deu-me um golpe na frente, de que ainda guardo a marca. Recuei e, com uma cotovelada, lancei Doroteia ao chão; depois, como o tenente me perseguisse, dei-lhe uma cutilada, e ele mergulhou o corpo na lâmina. Carmen então apagou a luz e disse a Doroteia, na sua língua, que fugisse. Eu ganhei a rua, e pus-me a correr sem saber para onde. Parecia-me que alguém me seguia. Quando voltei a mim, vi que Carmen não me deixara.

“‘Seu canário idiota!’, disse-me ela. ‘Só sabes fazer asneiras. Bem te disse eu que te traria desgraça. Vamos, há remédio para tudo, quando se tem como boa amiga uma flamenga de Roma.³²⁰ Começa a colocar este lenço na cabeça e lança-me esse cinturão. Espera-me nesta aleia. Volto dentro de dois minutos.’

“Ela desapareceu e trouxe-me logo uma manta listrada que fora buscar não sei onde. Fez-me tirar o uniforme e colocar a manta por cima da camisa. Assim arranjado, com o lenço com que ela me atara o ferimento da cabeça, eu me assemelhava bastante a um camponês valenciano, como os há em Sevilha, a vender a sua orchata de *chufas*.³²¹ Depois me levou para uma casa assaz semelhante à de Doroteia, ao fundo de uma ruela. Ela e uma outra cigana me lavaram, pensaram-me melhor do que o poderia fazer um cirurgião-mor, fizeram-me beber não sei o quê; puseram-me afinal sobre um colchão, e eu adormeci.

“Provavelmente aquelas mulheres tinham misturado à minha bebida algumas drogas entorpecentes, cujo segredo possuem, pois me acordei muito tarde no dia seguinte. Tinha uma grande dor de cabeça e um pouco de febre. Foi preciso algum tempo para que me voltasse a lembrança da terrível cena em que tomara parte na véspera. Depois de haver pensado o meu ferimento, Carmen e sua

amiga, acocoradas sobre os calcanhares junto a meu colchão, trocaram algumas frases em *chipe calli*, que pareciam ser uma conferência médica. Depois, asseguraram-me ambas que dentro em pouco eu estaria curado, mas que era preciso deixar Sevilha o mais cedo possível, porque, se me apanhassem, seria fuzilado sem remissão.

“‘Meu rapaz’, disse Carmen, ‘tens de fazer alguma coisa; agora que o rei não te dá mais arroz nem bacalhau,³²² é preciso que penses em ganhar a vida. És muito tolo para roubar a *pastesas*,³²³ mas és forte e ágil: se tens coragem, vai para a costa e faze-te contrabandista. Não te prometi fazer-te fuzilar? Isso vale mais que ser fuzilado. Aliás, se souberes como haver-te, viverás como um príncipe, enquanto os *miñons*³²⁴ e os guarda-costas não te pegarem.’

“Foi dessa maneira insinuante que aquele diabo de rapariga me mostrou a nova carreira que me destinava, a única que me restava, a falar verdade, agora que eu havia incorrido em pena de morte. Devo dizer-lho, senhor? Ela me decidiu sem muito trabalho. Parecia-me que me unia a ela mais intimamente, com aquela vida de emergência e de rebelião. Dali por diante, julguei-me seguro do seu amor. Sempre ouvira falar de alguns contrabandistas que percorriam a Andaluzia, montados num bom cavalo, de bacamarte em punho e a amante na garupa. Já me via trotando por montes e vales, com a gentil cigana atrás de mim. Quando lhe falava nisso, ela ria de segurar as cadeiras, e dizia-me que não há nada tão belo como uma noite no acampamento, quando cada *rom* se retira com a sua *romi* para a sua pequena barraca formada de três aduelas, com uma coberta por cima.

“‘Se eu te apanho um dia na montanha’, dizia-lhe eu, ‘estarei seguro de ti. Lá não há tenente para te dividir comigo.’

“‘Ah! Como és ciumento!’, respondia ela. ‘Tanto pior para ti. Como podes ser tão tolo assim? Não vês que te amo, visto que nunca te pedi dinheiro?’

“Quando ela falava assim, eu tinha vontade de estrangulá-la.

“Para encurtar a história, senhor, Carmen conseguiu-me uma roupa burguesa, com a qual saí de Sevilha sem ser reconhecido. Fui

a Xerez, com uma carta de Pastia para um comerciante de anisete, em cuja casa se reuniam contrabandistas. Apresentaram-me àquela gente, cujo chefe, apelidado o Dancaire,³²⁵ me recebeu em seu bando. Partimos para Gaucin, onde encontrei Carmen, que ali me havia marcado encontro. Nas expedições, ela nos servia de espia, e o melhor que jamais houve. Voltava de Gibraltar, e já tinha arranjado com um patrão de navio o embarque de mercadorias inglesas que devíamos receber na costa. Fomos esperá-las perto de Estepona, depois ocultamos uma parte na montanha; carregando o resto, dirigimo-nos para Ronda. Carmen ali nos precedera.

“Foi ela ainda quem nos indicou o momento em que deveríamos entrar na cidade. Essa primeira viagem e algumas outras posteriores foram felizes. A vida de contrabandista me agradava mais que a de soldado; eu fazia presentes a Carmen. Tinha dinheiro e uma amante. Não sentia absolutamente remorsos, pois, como dizem os ciganos: sarna com gosto não comicha.³²⁶ Por toda parte éramos bem recebidos, os companheiros me tratavam bem, e até me testemunhavam consideração. [A razão disso era que eu matara um homem e, entre eles, havia quem não carregasse tamanho feito na consciência.] Mas o que mais me agradava em minha nova vida era que eu via seguidamente a Carmen. Ela me dedicava mais amizade que nunca; no entanto, diante dos camaradas, não demonstrava que era minha amante; e até me fizera jurar, de todos os modos, que nada lhes diria a respeito dela. Eu era tão fraco diante daquela criatura, que obedecia a todos os seus caprichos. Aliás, era a primeira vez que Carmen se mostrava a mim com a reserva de uma mulher honesta, e eu era bastante simples para acreditar que ela se corrigira verdadeiramente dos seus antigos modos.

“Nosso bando, que se compunha de oito ou dez homens, não se reunia senão nos momentos decisivos, e de ordinário nos dispersávamos dois a dois, três a três, pelas cidades e aldeias. Cada um de nós aparentava ter um ofício: este era caldeireiro, aquele vendedor de cavalos; eu era vendedor de mercearia, mas não aparecia nos lugares grandes, devido ao meu caso de Sevilha. Um

dia, ou antes, uma noite, o nosso encontro era abaixo de Véger. O Dancaire e eu chegamos antes dos outros. Ele parecia muito alegre.

“‘Vamos ter mais um camarada’, disse ele. ‘Carmen deu um dos seus melhores golpes. Acaba de fazer escapar o seu *rom*, que estava no presídio de Tarifa.’

“Eu começava já a compreender a língua dos ciganos, que quase todos os meus camaradas falavam, e essa palavra *rom* me deu um abalo.

“‘Como! Seu marido? Ela é então casada?’, perguntei ao capitão.

“‘Sim, com Garcia, o Caolho, um cigano tão finório quanto ela. O pobre rapaz estava nas galés. Carmen engambelou tão bem o cirurgião do presídio, que obteve a liberdade do seu *rom*. Ah! Aquela rapariga vale o seu peso em ouro. Há dois anos que procura fazê-lo evadir-se. Nada deu ponto, até que se lembraram de mudar o major. Com este, parece que ela achou logo um meio de entender-se.’

“Imagine que prazer não me causou tal notícia. Logo vi Garcia, o Caolho; era o pior monstro que os ciganos já produziram: negro de pele, e mais negro de alma, era o maior celerado que já encontrei na vida. Carmen veio com ele; e, quando o chamava de seu *rom* diante de mim, era de ver os olhos que ela me deitava, e as suas caretas quando Garcia virava o rosto. Eu estava indignado, e não lhe falava toda a noite. Pela manhã, tínhamos feito os nossos fardos, e já estávamos a caminho quando percebemos que vinha em nosso encalço uma dúzia de cavalarianos. Os fanfarrões dos andaluzes, que não falavam senão em matar, logo murcharam a cara. Foi um salve-se quem puder. O Dancaire, Garcia, um belo rapaz de Ecija, que se chamava o Remendado, e Carmen não perderam a cabeça. O resto abandonara as mulas, e lançara-se barranco abaixo, aonde os cavalos não podiam segui-los. Não podíamos conservar nossos animais, e apressamo-nos em desamarrar o melhor do nosso contrabando e carregá-lo aos ombros; depois tentamos escapar através dos rochedos, pelas ladeiras mais íngremes. Lançávamos os fardos à nossa frente e seguíamos atrás o melhor possível, escorregando sobre os calcanhares. Durante esse tempo, o inimigo nos alvejava; era a primeira vez que eu ouvia silvarem as balas, e

aquilo não me causou grande impressão. Quando se está à vista de uma mulher, não há mérito em zombar da morte. Escapamo-nos, exceto o pobre Remendado, que recebeu um tiro nos rins. Lancei fora o meu fardo e procurei carregá-lo.

“Imbecil!”, gritou-me Garcia. ‘Que temos a fazer com uma carcaça? Acaba com ele e não percas as meias de algodão.’

“Larga-o! Larga-o!”, gritava-me Carmen.

“A fadiga obrigou-me a depô-lo um momento ao abrigo de um rochedo. Garcia avançou e descarregou-lhe o bacamarte na cabeça.

“Quem poderia reconhecê-lo agora?”, disse ele, olhando a sua cara, que doze balas haviam despedaçado.

“Aí está, senhor, a bela vida que eu levei. À noite, achamo-nos num matagal, exaustos de fadiga, sem nada para comer, e arruinados com a perda de nossos animais. Que fez aquele infernal Garcia? Tirou um baralho de cartas do bolso e pôs-se a jogar com o Dancaire, à luz de uma fogueira que haviam acendido. Eu, durante esse tempo, estava deitado, olhando as estrelas, pensando no Remendado e dizendo comigo que gostaria de estar no seu lugar. Carmen estava sentada perto de mim e, de tempos em tempos, fazia soar as castanholas, cantarolando. Depois, aproximando-se como para me falar ao ouvido, beijou-me duas ou três vezes, malgrado meu.

“Tu és o diabo”, dizia-lhe eu.

“Sim”, respondia-me ela.

“Após algumas horas de repouso, ela foi para Gaucin, e na manhã seguinte um pequeno cabreiro nos trouxe pão. Ali ficamos todo o dia, e à noite nos aproximamos de Gaucin. Esperávamos notícias de Carmen. Nada vinha. De dia, avistamos um arrieiro que conduzia uma mulher bem-vestida, com um guarda-sol, e uma menina que parecia sua criada. Garcia nos disse:

“Eis aí duas mulas e duas mulheres que são Nicolau nos envia; preferiria quatro mulas; não importa, sei arranjar-me!”

“Tomou o bacamarte e desceu pelo atalho, ocultando-se entre as moitas. Nós o seguíamos, o Dancaire e eu, a pouca distância. No

momento devido, aparecemos, e gritamos ao arrieiro que parasse. A mulher, ao ver-nos, em vez de assustar-se, e o nosso vestuário bastaria para isso, soltou uma grande gargalhada.

“Ah! Os *lillipendi* que me tomam por uma *erañi*!”³²⁷

“Era Carmen, mas tão bem disfarçada, que eu não a teria reconhecido se ela falasse uma outra língua. Apeou da mula, conversou algum tempo em voz baixa com o Dancaire e Garcia, depois me disse:

“Canário, nós nos tornaremos a ver antes que sejas enforcado. Vou a Gibraltar, a negócios do Egipto. Em breve ouvirão falar de mim.”

“Separamo-nos depois que ela indicou um lugar onde poderíamos encontrar abrigo por alguns dias. Aquela rapariga era a providência do nosso bando. Recebemos logo algum dinheiro que ela nos mandou e um aviso que valia para nós; era que, em determinado dia, partiriam por determinado caminho dois milordes ingleses, que iam de Gibraltar para Granada. A bom entendedor... Tinham belos e bons guinéus. Garcia queria matá-los, mas o Dancaire e eu nos opusemos. Só lhes tomamos o dinheiro e os relógios, além das camisas, de que tínhamos grande precisão.

“Senhor, a gente se perde sem pensar. Uma linda rapariga nos vira a cabeça, batemo-nos por ela, acontece uma desgraça, tem-se de viver na montanha, e de contrabandista passa-se a ladrão, sem tempo de refletir. Julgamos que o tempo não estava bom para nós nos arredores de Gibraltar, depois do caso dos milordes, e internamo-nos na sierra de Ronda. O senhor me falou de José Maria; olhe, foi lá que travei conhecimento com ele. Levava a amante nas suas expedições. Era uma bonita rapariga, ajuizada, modesta, de boas maneiras; nunca um palavrão, e de um devotamento!... Em compensação, ele a fazia bastante infeliz. Andava sempre a correr atrás de todas as raparigas, maltratava-a, e às vezes dava para bancar o ciumento. De uma feita, deu-lhe uma facada. Pois bem, isto só fez com que ela o amasse ainda mais. As mulheres são assim, principalmente as andaluzas. Aquela estava orgulhosa da cicatriz que tinha no braço, e mostrava-a como a mais bela coisa do mundo. E depois, José Maria, ainda por cima, era o pior dos

camaradas!... Em uma excursão que fizemos, arranjou-se de tal modo que todo o proveito ficou para ele, e para nós os golpes e as consequências. Mas retomo a minha história. Não ouvíamos falar de Carmen. O Dancaire disse:

“É preciso que um de nós vá a Gibraltar para saber notícias. Ela deve ter preparado algum negócio. Por mim, eu iria, mas sou muito conhecido em Gibraltar.”

“O Caolho disse:

“A mim também me conhecem por lá, tantas partidas preguei às lagostas!³²⁸ E, como só tenho um olho, é muito difícil disfarçar-me.”

“Então eu é que devo ir?”, disse eu, por minha vez, encantado com a simples ideia de rever Carmen. “Vejam, que devo fazer?”

“Os outros me disseram:

“Embarca ou vai por São Roque, como quiseres, e, quando estiveres em Gibraltar, pergunta no posto onde é que mora uma vendedora de chocolate que se chama Rollona; quando a encontrares, saberás por ela o que se passa.”

“Ficou combinado que partiríamos os três para a sierra de Gaucin,³²⁹ que ali deixaria meus dois companheiros e partiria para Gibraltar como vendedor de frutas. Em Ronda, um homem que era dos nossos conseguira-me um passaporte; em Gaucin, deram-me um burro: carreguei-o de laranjas e melões, e pus-me a caminho. Chegado que fui a Gibraltar, vi que a Rollona era ali bastante conhecida, mas ou estava morta, ou fora a *finibus terrae*,³³⁰ e seu desaparecimento explicava a meu ver, como havíamos perdido o nosso meio de correspondência com Carmen. Pus o meu burro numa estrebaria e, tomando as minhas laranjas, andava pela cidade como para as vender, mas na verdade para ver se encontrava algum conhecido. Há ali muita canalha de todas as partes do mundo, e é uma verdadeira torre de Babel, pois não se podem dar dez passos numa rua sem ouvir falar outras tantas línguas. Via a muitos do Egito, mas não ousava fiar-me neles; sondava-os, e eles me sondavam. Bem adivinhávamos que éramos uns velhacos; o importante era saber se pertencíamos ao mesmo bando. Após dois

dias passados em inúteis marchas, nada soubera a respeito de Rollona nem de Carmen, e pensava voltar para junto de meus camaradas, depois de me desincumbir de algumas comissões, quando, passando por uma rua, ao anoitecer, ouço uma voz de mulher que me grita de uma janela: 'Alô, fruteiro!' Ergo a cabeça, e vejo Carmen debruçada a um balcão, com um oficial de vermelho, dragonas de ouro, cabelos frisados, com todo o aspecto de um grande milorde. Quanto a Carmen, estava soberbamente vestida: um xale aos ombros, um pente de ouro, toda de seda; e a boa bisca – sempre a mesma! – ria a rebentar. O inglês, estropiando o espanhol, gritou-me que subisse, que a senhora queria laranjas; e Carmen disse-me em vasco:

“Sobe, e não te espantes de nada.”

“Nada, com efeito, devia espantar-me da sua parte. Não sei se tive maior alegria que desgosto ao encontrá-la. Havia à porta um corpulento criado inglês, de cabeleira empoada, que me conduziu a um salão magnífico. Carmen logo me foi dizendo em vasco:

“Tu não sabes uma palavra de espanhol, tu não me conheces.”

“Depois, voltando-se para o inglês:

“Bem que eu dizia, logo vi que ele era um vasco; você vai ver que língua mais engraçada! Que ar idiota ele tem, não acha? Parece um gato apanhado num guarda-comida.”

“E tu”, disse-lhe eu na minha língua, “tu tens o ar de uma sem-vergonha, e eu tenho vontade de retalhar-te a cara diante do teu galã.”

“O meu galã!”, disse ela. “Ora vejam! Descobriste isso sozinho? E estás com ciúmes desse imbecil? És ainda mais tolo que antes das nossas noites na rua do Candilejo. Não vês, idiota que és, que eu estou tratando dos negócios do Egito, e da maneira mais brilhante? Esta casa é minha, os guinéus do «lagosta» serão meus; eu o levo pelo focinho; e o levarei até onde ele não possa voltar.”

“E eu”, disse-lhe, “se continuas a tratar dessa maneira dos negócios do Egito, farei de modo que não possas recomeçar.”

“Ai, ai, ai! És acaso meu *rom*, para mandares em mim? O Caolho acha que está muito bem; que tens tu com isso? Não devias até estar muito contente de ser o único que possa dizer-se o meu *minchorrô*?”³³¹

“Que é que ele está dizendo?”, perguntou o inglês.

“Diz que está com sede e que tomaria um trago”, respondeu Carmen.

“E atirou-se num canapé, a rir da sua tradução.

“Senhor, quando aquela rapariga ria, era impossível ficar sério. Todo o mundo ria com ela. O grandalhão do inglês pôs-se a rir também, como um imbecil que era, e mandou que me servissem algo.

“E enquanto eu bebia:

“Vês esse anel que ele tem no dedo?”, disse ela. ‘Se quiseres, eu to darei.’

“Respondi:

“Eu daria um dedo para apanhar o teu milorde na montanha, cada qual com um *maquila* em punho.’

“*Maquila*, que quer dizer isso?”, perguntou o inglês.

“*Maquila*’, disse Carmen, sempre a rir, ‘é uma laranja. Não é mesmo uma palavra engraçada para uma laranja? Diz ele que desejaria fazer com que você comesse *maquila*.’

“Sim?’, disse o inglês. ‘Pois bem, que traga amanhã mais *maquila*.’

“Enquanto falávamos, o criado entrou e disse que o jantar estava pronto. Então o inglês levantou-se, deu-me uma piastra, e ofereceu o braço a Carmen, como se ela não pudesse andar sozinha. Carmen, sempre rindo, disse-me:

“Meu rapaz, não posso convidar-te para jantar; mas amanhã, logo que ouvires o tambor para a parada, vem aqui com laranjas. Encontrarás um quarto, mais bem mobiliado que o da rua do Candilejo, e verás se não sou sempre a tua Carmencita. E depois falaremos dos negócios do Egito.’

“Nada respondi, e já estava eu na rua e o inglês a gritar-me:

“Traga *maquila* amanhã!”, e Carmen a dar gargalhadas.

“Saí sem saber o que fizera, não dormi nada, e pela manhã estava com tamanha raiva daquela traidora que resolvera partir de Gibraltar sem tornar a vê-la; mas, ao primeiro rufar dos tambores, toda a minha coragem me abandonou: tomei meu cesto de laranjas e corri à casa de Carmen. Sua veneziana estava entreaberta, e vi seus grandes olhos negros que me espiavam. O criado de cabeleira empoadada fez-me entrar imediatamente; Carmen mandou-o fazer qualquer coisa na rua e, logo que ficamos a sós, explodiu numa das suas gargalhadas de crocodilo e lançou-se a meu pescoço. Nunca a vira tão linda. Vestida como uma madona, perfumada... móveis forrados de seda, cortinas bordadas... ah!... e eu ali, como um ladrão que era.

“*Minchorrô!*”, dizia Carmen. ‘Tenho vontade de quebrar tudo aqui, de prender fogo à casa e fugir para a *sierra!*’

“E eram uns carinhos!... e depois uns risos!... e dançava, e rasgava seus falbalás: nunca um macaco fez mais trejeitos, caretas, diabruras. E quando voltou ao sério:

“Escuta’, disse ela, ‘trata-se do Egito. Quero que ele me leve a Ronda, onde tenho uma irmã freira... (Aqui novas gargalhadas.) Passamos por um lugar que te mandarei dizer! Vocês cairão sobre ele: pilhagem em regra! O melhor seria liquidá-lo, mas’, acrescentou com um sorriso diabólico que tinha em certos momentos, e esse sorriso, ninguém tinha então desejo de imitá-lo, ‘sabes o que era preciso fazer? Que o Caolho apareça em primeiro lugar. Fiquem vocês um pouco para trás; o «lagosta» é valente e hábil: tem boas pistolas... Compreendes?’

“E interrompeu-se com uma nova gargalhada que me fez estremecer.

“Não’, disse-lhe eu, ‘odeio Garcia, mas é meu camarada. Um dia, talvez, eu te livre dele, mas ajustaremos as nossas contas à maneira de minha terra. Sou egípcio só por acaso; e em certas coisas, serei sempre puro navarro, como diz o provérbio.’³³²

“Ela retrucou:

“‘Tu és um idiota, um tolo, um verdadeiro *payllo*. És como um anão que se julga grande quando pode cuspir longe.³³³ Tu não me amas, vai-te embora.’

“Quando ela me dizia: ‘Vai-te embora’, eu não podia ir-me. Prometi partir, voltar para junto de meus camaradas e esperar o inglês; da sua parte, ela prometeu-me estar doente até o momento de partir de Gibraltar para Ronda. Fiquei ainda dois dias em Gibraltar. Ela teve a audácia de ir visitar-me disfarçada, em meu albergue. Parti; também tinha os meus projetos. Voltei para o nosso esconderijo, sabedor do lugar e hora em que o inglês e Carmen deviam passar. Encontrei o Dancaire e Garcia que me esperavam. Passamos a noite num mato, junto de um fogo de pinhas que ardia às maravilhas. Propus a Garcia uma partida de cartas. Aceitou. Na partida, disse-lhe que ele trapaceava; Garcia pôs-se a rir. Lancei-lhe as cartas ao rosto. Ele quis agarrar seu bacamarte; pus-lhe o pé em cima e disse-lhe: ‘Dizem que sabes brigar de faca como o melhor campônio de Málaga. Queres experimentar comigo?’ O Dancaire tentou separar-nos. Eu havia dado dois ou três socos em Garcia. A cólera tornara-o valente; ele puxara a sua faca, eu a minha. Dissemos ambos ao Dancaire que nos deixasse pista livre e jogo franco. Ele compreendia que não havia meio de nos deter, e afastou-se. Garcia estava já dobrado em dois, como um gato prestes a lançar-se contra um camundongo. Segurava o chapéu na mão esquerda, para aparar, e mantinha a faca para diante. É a guarda andaluza. Eu coloquei-me à navarresa, bem à sua frente, o braço esquerdo erguido, a perna esquerda para diante, a faca ao longo da coxa direita. Sentia-me mais forte que um gigante. Garcia arremessou-se sobre mim como um raio; girei sobre o pé esquerdo e ele não encontrou mais nada diante de si; mas atingi-o na garganta, e a faca entrou tão fundo que minha mão ficou sob o seu queixo. Revirei a lâmina com tanta força que ela se quebrou. Estava acabado. A lâmina saltou da ferida, lançada por um borbotão de sangue, grosso como um braço. Ele tombou de nariz, rijo como uma estaca.

“Que fizeste?”, me disse o Dancaire.

“Escuta’, disse-lhe eu, ‘nós não podíamos viver juntos. Amo Carmen, e quero estar sozinho. Aliás, Garcia era um patife, e eu me lembro do que ele fez com o pobre Remendado. Não somos mais que dois, mas somos bons sujeitos. Vejamos, queres ser meu amigo, para a vida e para a morte?’

“O Dancaire estendeu-me a mão. Era um homem de cinquenta anos.

“Para o diabo os amores!’, exclamou ele. ‘Se lhe tivesses pedido Carmen, ele ta venderia por uma piastra. Não somos mais que dois; como faremos amanhã?’

“Deixa-me agir sozinho’, respondi. ‘Agora eu zombo do mundo inteiro.’

“Enterramos Garcia, e fomos fazer o nosso acampamento duzentos passos adiante. No dia seguinte, Carmen e seu inglês passaram com dois arrieiros e um criado. Eu disse ao Dancaire:

“Encarrego-me do inglês. Trata de assustar os outros; eles não estão armados.’

“O inglês tinha coragem. Se Carmen não lhe desviasse o braço, ele me mataria. Em suma, conquistei Carmen naquele dia, e a minha primeira palavra foi para lhe dizer que ela estava viúva. Quando ela soube como a coisa se passara, exclamou:

“Sempre hás de ser um *lillipendi*! Garcia devia matar-te. A tua guarda navarresa não passa de uma tolice, e ele já liquidou muita gente mais hábil do que tu. É que a sua hora era chegada. A tua virá.’

“E a tua também’, respondi-lhe, ‘se não fores para mim uma verdadeira *romi*.’

“Ainda bem’, retrucou-me, ‘li mais de uma vez na borra de café que deveríamos morrer juntos. Ora! Venha o que der!’

“E vibrou as castanholas, o que sempre fazia quando queria afastar algum pensamento importuno.

“A gente se esquece quando fala de si. Esses detalhes todos devem estar a aborrecê-lo, mas em breve acabarei. A vida que

levávamos durou bastante tempo. O Dancaire e eu aceitamos alguns camaradas mais seguros que os primeiros e nos ocupávamos de contrabando e também às vezes, cumpre confessá-lo, atacávamos gente na estrada, mas isto em último caso e quando não podíamos fazer de outra maneira. Aliás, não maltratávamos os viajantes, limitando-nos a lhes tomar o dinheiro. Durante alguns meses estive contente com Carmen; ela continuava a ser-nos útil em nossas operações, avisando-nos dos bons golpes que poderíamos dar. Ora estava em Málaga, ora em Córdoba, ora em Granada; mas, a uma palavra minha, deixava tudo, e vinha encontrar-me num albergue isolado, ou mesmo no acampamento. Só uma vez, foi isto em Málaga, me causou ela alguma inquietação. Soube que lançara as suas redes sobre um negociante muito rico, com o qual queria provavelmente recomeçar a brincadeira de Gibraltar. Apesar de tudo o que o Dancaire pudesse dizer-me para me conter, parti e entrei em Málaga em pleno dia, procurei Carmen e trouxe-a em seguida. Tivemos uma violenta discussão.

“‘Sabes’, disse-me ela, ‘que, desde que és o meu *rom*, eu te amo menos do que quando eras o meu *minchorrô*? O que eu quero é ser livre e fazer o que me aprouver. Cuida-te de não me fazeres perder a paciência. Se me aborrecer, saberei encontrar alguém que te faça o que fizeste ao Caolho.’

“O Dancaire nos reconciliou; mas nós nos disséramos coisas que nos ficaram cravadas no coração e não éramos mais como dantes. Pouco depois, sucedeu-nos uma desgraça. A tropa surpreendeu-nos. O Dancaire foi morto, bem como dois de meus camaradas; dois outros foram presos. Quanto a mim, fui ferido gravemente e, se não fosse o meu bom cavalo, teria caído em mãos dos soldados. Exausto de fadiga, com uma bala no corpo, fui esconder-me no mato com o único companheiro que me restava. Desmaiei ao apejar do cavalo e julguei que fosse arrebentar nas macegas como uma lebre baleada. Meu camarada transportou-me para uma gruta que conhecíamos, depois foi procurar Carmen. Ela estava em Granada e logo acorreu. Durante quinze dias não me deixou um só instante. Não fechou olho; tratou-me com um cuidado e desvelo como nunca mulher

alguma os teve pelo homem mais amado. Logo que pude aguentar-me nas pernas, levou-me para Granada no maior segredo. As ciganas descobrem por toda parte asilos seguros e passei mais de seis semanas em uma casa a duas portas do corregedor que me procurava. Mais de uma vez, olhando por detrás de uma veneziana, eu o vi passar. Afinal, restabeleci-me; mas muito refletira no meu leito de dor e projetava mudar de vida. Falei a Carmen de deixarmos os dois a Espanha e procurarmos viver honestamente no Novo Mundo. Ela zombou de mim:

“‘Não nascemos para plantar couves’, disse ela, ‘o nosso destino é viver à custa dos *payllos*. Olha, arranjei um negócio com Nathanben-Joseph, de Gibraltar. Ele tem tecidos que só esperam por ti para passar. Bem sabe que estás vivo. E conta contigo. Que diriam os nossos correspondentes de Gibraltar, se lhes faltasses com a palavra?’

“Deixei-me arrastar, e retomei o meu maldito negócio.

“Enquanto estava oculto em Granada, houve corridas de touros a que Carmen compareceu. Ao voltar, falou muito de um picador muito hábil chamado Lucas. Sabia o nome de seu cavalo, e quanto lhe custara a sua veste bordada. Não lhe prestei atenção. Juanito, o camarada que me restara, disse-me alguns dias depois que vira Carmen com Lucas numa loja do Zacatin. Aquilo começou a alarmar-me. Perguntei a Carmen como e por que travara conhecimento com o picador.

“‘É um rapaz com quem se pode fazer um negócio’, disse ela. ‘Arroio que faz barulho tem água ou tem pedra.’³³⁴ Ele ganhou mil e duzentos *reales* nas corridas. Das duas uma: ou temos de conseguir esse dinheiro, ou, como se trata de um bom cavaleiro e de um homem corajoso, fazer com que entre para o nosso bando. Fulano e Fulano foram mortos, tens necessidade de substituí-los. Toma-o contigo.’

“‘Não quero saber nem de seu dinheiro nem da sua pessoa’, retruquei, ‘e próibo-te que fales com ele.’

“‘Toma cuidado’, disse-me ela. ‘Quando me desafiam a que faça alguma coisa, não me demoro em fazê-la!’

“Felizmente o picador partiu para Málaga, e eu pus empenho em fazer entrar os tecidos do judeu. Tive muito trabalho nessa expedição, Carmen também, e esqueci-me de Lucas; talvez também ela o esquecesse, ao menos de momento. Foi por esse tempo, senhor, que eu o encontrei, primeiro perto de Montilla, depois em Córdoba. Não lhe falarei de nossa última entrevista. O senhor talvez saiba mais do que eu a respeito. Carmen roubou-lhe o relógio; queria também o seu dinheiro, e principalmente esse anel que lhe vejo no dedo e que, disse ela, era um anel mágico que lhe importava muito possuir. Tivemos uma forte discussão, e eu bati-lhe. Ela empalideceu e chorou. Era a primeira vez que a via chorar, e isso me causou um efeito terrível. Pedi-lhe perdão, mas ficou amuada durante o dia inteiro e, quando voltei para Montilla, não quis beijar-me. Eu tinha o coração pesado, quando, três dias depois, veio ela procurar-me com ar risonho, e alegre como um passarinho. Tudo estava esquecido, e nós parecíamos amorosos de dois dias. No instante de nos separarmos, ela me disse:

“‘Há uma festa em Córdoba; eu vou lá para ver os que voltam com dinheiro e avisar-te depois.’

“Deixei-a partir. Ficando sozinho, pus-me a pensar naquela festa e na mudança de humor de Carmen. Com certeza ela já se vingou, disse eu comigo, visto que voltou em primeiro lugar. Um camponês me disse que havia touradas em Córdoba. Meu sangue referve e, como um louco, eu parto e vou para a praça de touros. Mostraram-me Lucas e, no banco contra a barreira, reconheci Carmen. Bastou-me vê-la um minuto para ter certeza de tudo. Lucas, ante o primeiro touro, tratou de fazer bonito, como eu previra. Arrancou a insígnia³³⁵ do touro e entregou-a a Carmen, que imediatamente a pôs nos cabelos. O touro encarregou-se de vingar-me. Lucas foi derrubado, com o cavalo sobre o peito, e o touro por cima de ambos. Olhei para Carmen, ela não estava mais no seu lugar. Era-me impossível sair de onde estava, e fui obrigado a esperar pelo fim das corridas. Fui então para a casa que o senhor conhece, e mantive-me quieto toda a tarde e parte da noite. Pelas duas da madrugada, Carmen voltou, e ficou um pouco surpresa ao ver-me:

“Vem comigo’, disse-lhe eu.

“Está bem! Partamos!’

“Fui agarrar meu cavalo, pu-la à garupa, e marchamos todo o resto da noite sem dizer uma única palavra. Paramos ao clarear do dia num albergue isolado, não longe de uma pequena capela. Então, disse eu a Carmen:

“Escuta, quero esquecer tudo. Não te falarei de nada; mas jura-me uma coisa: é que vais acompanhar-me à América, e que lá ficarás sossegada.’

“Não’, disse ela, zangada, ‘não quero ir para a América. Sinto-me bem aqui.’

“É porque estás perto de Lucas: mas pensa bem, se ele escapar, não será para morrer de velho. De resto, para que meter-me com ele? Estou cansado de matar a todos os teus amantes; é a ti que matarei.’

“Ela fixou em mim o seu olhar selvagem e disse-me:

“Eu sempre acreditei que haverias de matar-me. Da primeira vez em que te vi, acabava de encontrar um padre à porta de minha casa. E esta noite ao sairmos de Córdoba, não viste nada? Uma lebre atravessou o caminho, entre as patas de teu cavalo. Está escrito.’

“Carmencita’, perguntei-lhe, ‘será que não me queres mais?’

“Ela não respondeu nada. Estava sentada de pernas cruzadas sobre uma esteira, e riscava a terra com o dedo.

“Mudemos de vida, Carmen’, disse-lhe num tom suplicante. ‘Vamos viver em qualquer parte onde jamais nos separemos. Sabes que temos, não longe daqui, debaixo de um carvalho, cento e vinte onças enterradas... Depois, ainda temos fundos com o judeu Ben-Joseph.’

“Ela sorriu e disse:

“Eu primeiro, depois tu. Sei que é assim que deve acontecer.’

“Reflete’, insisti, ‘estou no fim da minha paciência e da minha coragem; toma o teu partido ou tomarei o meu.’

“Deixei-a e fui passear para os lados da ermida. Encontrei o ermitão, que orava. Esperei que terminasse a oração. Bem que eu desejava rezar, mas não podia. Quando o homem se ergueu, dirigi-me a ele:

“Padre, quer rezar por alguém que se acha em grande perigo?”

“Eu rezo por todos os aflitos”, respondeu-me.

“Pode rezar uma missa por uma alma que vai talvez comparecer perante o seu Criador?”

“Sim”, respondeu ele, olhando-me fixamente.

“E, como havia no meu aspecto qualquer coisa de estranho, quis fazer-me falar:

“Parece-me que já o vi”, disse ele.

“Pus uma piastra sobre o seu banco.

“Quando vai dizer a missa?”, perguntei-lhe.

“Daqui a meia hora. O filho do estalajadeiro vai vir para ajudar-me. Diga, meu rapaz, não tem você na consciência alguma coisa que o atormente? Quer ouvir os conselhos de um cristão?”

“Sentia-me prestes a chorar. Disse-lhe que voltaria, e escapei-me. Fui deitar-me na relva até ouvir o sino. Então aproximei-me, mas fiquei do lado de fora da capela. Terminada a missa, voltei ao albergue. Esperava que Carmen se houvesse sumido; poderia tomar o meu cavalo e fugir... mas encontrei-a. Ela não queria que pudessem dizer que eu lhe metera medo. Durante a minha ausência, descosera a bainha da saia para retirar-lhe o chumbo. Agora estava diante de uma mesa, olhando, numa terrina cheia de água, o chumbo que fizera derreter e que ali acabava de lançar. Tão ocupada estava com a sua magia, que no princípio não se apercebeu do meu regresso. Ora apanhava um pedaço de chumbo e volteava-o em todos os sentidos com ar triste, ora cantava uma dessas canções mágicas em que elas invocam a Maria Padilla, a amante de d. Pedro, e que foi, dizem, *Bari Crallisa*, ou a grande rainha dos ciganos.³³⁶

“Carmen”, disse-lhe eu, ‘queres seguir comigo?’

“Ela ergueu-se, deixou a terrina e pôs a mantilha na cabeça, como que pronta a partir. Trouxeram meu cavalo. Carmen montou à

garupa, e afastamo-nos.

“Então, minha Carmen’, disse-lhe eu, a certa altura do caminho, ‘queres mesmo seguir-me, não é?’

“Eu te sigo até à morte, sim, mas não viverei mais contigo.’

“Estávamos num desfiladeiro solitário; parei meu cavalo.

“É aqui?’, disse ela.

“E apeou de um salto. Tirou a mantilha, lançou-a a seus pés, e manteve-se imóvel, com um punho no quadril, olhando-me fixamente.

“Queres matar-me, bem o vejo. Está escrito. Mas não me farás ceder.’

“Peço-te, sê razoável. Escuta-me! Todo o passado, eu já o esqueci. No entanto, bem sabes, foste tu que me perdeste; foi por ti que me tornei ladrão e assassino. Carmen! Minha Carmen! Deixa-me salvar-te e salvar-me contigo.’

“José, tu me pedes o impossível. Eu não te amo mais; tu ainda me amas, e é por isso que queres matar-me. Bem que eu poderia ainda dizer-te uma mentira, mas não quero dar-me a esse trabalho. Tudo está acabado entre nós. Como meu *rom*, tens o direito de matar a tua *romi*; mas Carmen será sempre livre. *Calli* ela nasceu, *calli* há de morrer.’

“Amas então a Lucas?’

“Sim, amei-o como a ti, por um instante, menos talvez que a ti. Agora, nada mais amo, e odeio-me por te haver amado.’

“Lancei-me a seus pés, tomei-lhe as mãos, reguei-as com as minhas lágrimas. Lembrei-lhe todos os momentos de felicidade que passáramos juntos. Prometi continuar bandido, para lhe agradar. Tudo, senhor, tudo! Prometi-lhe tudo, contanto que ela quisesse continuar a amar-me!

“Ela me disse:

“Continuar a amar-te, é impossível. Viver contigo, eu não o quero.’

“O furor dominou-me. Puxei da faca. Desejaria que ela tivesse medo e me pedisse misericórdia, mas aquela mulher era um demônio.

“‘Pela última vez’, gritei, ‘queres ficar comigo?!’

“‘Não! Não! Não!’, disse ela, batendo com o pé.

“E tirou do dedo um anel que eu lhe dera e arremessou-o nas moitas.

“Feri-a duas vezes. Era a faca do Caolho, com que eu ficara, pois a minha se havia quebrado. Ela tombou ao segundo golpe, sem um grito. Creio ainda ver seus grandes olhos negros fixos em mim; depois se anuviaram e fecharam-se. Fiquei aniquilado uma hora inteira diante daquele cadáver. Lembrei-me, depois, de que Carmen muitas vezes me dissera que desejava ser enterrada num bosque. Cavei-lhe uma sepultura com a minha faca, e ali depus seu corpo. Procurei por muito tempo o anel e encontrei-o afinal. Coloquei-o junto dela, na fossa, com uma pequena cruz. Em seguida montei a cavalo, galopei até Córdoba, e dei-me a conhecer no primeiro posto policial. Disse que matara Carmen; mas não quis indicar onde se achava o corpo. O ermitão era um santo homem. Rezou por ela! Disse uma missa por sua alma!... Pobre menina! A culpa é dos *calés*, que a criaram daquele jeito.”

IV.³³⁷

A Espanha é dos países onde ainda hoje se encontram em maior número esses nômades dispersos por toda a Europa e aqui conhecidos sob o nome de *bohémians*, *gitanos*, *gypsies*, *Zigeuner* etc. A maior parte reside, ou antes, erra pelas províncias do sul e do leste, a Andaluzia, a Estremadura, o reino de Múrcia; há muitos em Catalunha. Estes últimos passam frequentemente para a França. Encontramo-los em todas as nossas feiras do sul. De ordinário, os homens exercem as profissões de negociantes de cavalos, veterinários e tosquiadores, acrescentam a isso a indústria de consertar panelas e instrumentos de cobre, sem falar do

contrabando e outras atividades ilícitas. As mulheres dizem a *buena dicha*,³³⁸ mendigam e vendem toda sorte de drogas, inocentes ou não.

Os caracteres físicos dos ciganos são mais fáceis de distinguir que de descrever e, depois que se viu um só, reconhece-se entre mil um indivíduo dessa raça. A fisionomia, a expressão, eis sobretudo o que os separa dos povos que habitam o mesmo país. Sua pele é bastante bronzeada, sempre mais escura que a das populações entre as quais vivem. Daí o nome de *calés*, os negros, pelo qual muita vez se designam.³³⁹ Seus olhos, sensivelmente oblíquos, bem rasgados, muito negros, são sombreados por cílios longos e espessos. Seu olhar não pode ser comparado senão ao de um animal bravo. Nele se pintam ao mesmo tempo a audácia e a timidez, e neste ponto os seus olhos bem revelam o caráter da nação, ladina, ousada, mas temendo "*naturalmente os golpes*", como Panúrgio.³⁴⁰ Os homens, na maioria, são bem-feitos de corpo, esbeltos, ágeis; não creio ter visto um só que fosse obeso. Na Alemanha, as ciganas muitas vezes são bonitas; a beleza é muito rara entre as gitanas da Espanha. Quando muito jovens, podem passar por feias agradáveis; mas, logo que se fazem moças, tornam-se repulsivas. É incrível a sujeira dos dois sexos, e quem não viu os cabelos de uma matrona cigana, dificilmente fará uma ideia deles, mesmo imaginando as gaforinhas mais rudes, mais sebosas, mais poeirentas. Em algumas grandes cidades da Andaluzia, certas raparigas um pouco mais agradáveis do que as outras tomam mais cuidado com a sua pessoa. São essas as que vão dançar, por dinheiro, danças que muito se assemelham àquelas que proíbem em nossos bailes públicos do Carnaval. O sr. Borrow, missionário inglês, autor de duas obras muito interessantes sobre os ciganos da Espanha,³⁴¹ aos quais resolvera converter, à custa da Sociedade Bíblica, assegura que não há exemplo de que uma gitana tenha tido jamais uma fraqueza por um homem estranho à sua raça. Parece-me que há muito exagero nos elogios que se fazem à sua castidade. Antes de tudo, o maior número está no caso da feia de Ovídio: "*Casta quam nemo rogavit.*"³⁴² Quanto às bonitas, são, como todas

as espanholas, difíceis na escolha de seus amantes. É preciso agradar-lhes, é preciso merecê-las. Como prova das virtudes delas, cita o sr. Borrow um gesto que faz honra à sua própria virtude, principalmente à sua ingenuidade. Um homem imoral seu conhecido, diz ele, ofereceu inutilmente várias onças a uma linda *gitana*. Um andaluz, a quem contei tal caso, opinou que esse homem imoral obteria mais sucesso se mostrasse duas ou três piastras, e que oferecer onças de ouro a uma cigana era um meio tão mau de persuadir como oferecer um milhão ou dois a uma criada de estalagem. Como quer que seja, é certo que as *gitanas* demonstram um devotamento extraordinário a seus maridos. Não há perigo nem misérias que não afrontem para socorrê-los em suas necessidades. Um dos nomes que se dão os ciganos, *romé*, ou *esposos*, parece-me atestar o respeito da raça pelo estado matrimonial. Em geral, pode-se dizer que sua principal virtude é o patriotismo, se assim se pode chamar a fidelidade que observam nas relações com indivíduos da mesma origem que eles, sua solicitude em auxiliar-se mutuamente, o segredo inviolável que guardam nos assuntos comprometedores. Aliás, em todas as sociedades misteriosas e fora da lei, observa-se algo de semelhante.

Visitei, há alguns meses, uma horda de ciganos estabelecidos nos Vosges.³⁴³ Na barraca de uma velha, a decana da tribo, havia um cigano estranho à sua família, atacado de uma enfermidade mortal. Aquele homem deixara um hospital onde era bem atendido, para ir morrer no meio de seus compatriotas. Fazia treze semanas que estava acamado em casa de seus hospedeiros, e muito mais bem tratado que os filhos e genros que viviam sob o mesmo teto. Tinha um leito macio com lençóis bastante limpos, ao passo que o resto da família, em número de onze pessoas, dormia sobre pranchas de três pés de comprimento. Eis o que era a sua hospitalidade. A mesma mulher, tão humana para com seu hóspede, dizia-me diante do enfermo: "*Singo, singo, homte hi mulo*", "Dentro em pouco, dentro em pouco ele terá de morrer". Afinal, tão miserável é a vida daquela gente, que o anúncio da morte nada tem de assustador para eles.

Um traço notável do caráter dos ciganos é a sua indiferença em matéria de religião; não que sejam espíritos fortes ou cépticos. Jamais fizeram profissão de ateísmo. Longe disso, a religião do país que habitam é a sua; mas trocam-na ao trocar de pátria. As superstições que, entre os povos grosseiros, substituem os sentimentos religiosos, lhes são igualmente estranhas.

No entanto notei, entre os ciganos espanhóis, um singular horror ao contato de cadáveres. Poucos há que consintam, por dinheiro, em carregar um morto para o cemitério.

Afirmei que a maioria das ciganas se dedicava a dizer a *buena dicha*. E fazem-no muito bem. Mas o que para elas constitui uma fonte de grandes proveitos é a venda de feitiços e filtros de amor. Não só têm patas de sapo para prender corações volúveis, ou pedra de ímã em pó para apaixonar insensíveis; mas fazem, quando preciso, poderosas conjurações que obrigam o diabo a lhes prestar auxílio. No ano passado, contava-me uma espanhola a seguinte história: passava ela um dia, muito triste e preocupada, pela rua de Alcalá; uma cigana, acorada na calçada, gritou-lhe: “Minha bela dama, o seu amante a traiu.” Era a pura verdade. “Quer que eu o faça voltar?” Imagine-se com que alegria não foi aceita a proposta e qual não devia ser a confiança inspirada por uma pessoa que adivinhava assim, a um simples olhar, os segredos mais íntimos do coração! Como fosse impossível realizar operações mágicas na rua mais frequentada de Madri, combinaram um encontro no dia seguinte. “Nada mais fácil do que trazer o infiel para seus pés”, disse a gitana. “Não tem aí um lenço, um véu, uma mantilha que ele lhe tenha dado?” Foi-lhe entregue um lenço de seda. “Agora costure uma piastra, com linha carmesim, numa ponta do lenço. Noutra ponta costure meia piastra; aqui, uma moedinha; ali, uma moeda de dois reales. Depois, é preciso coser no centro uma moeda de ouro. O melhor seria um dobrão. Cose-se o dobrão e o resto. Agora, dê-me o lenço; vou levá-lo ao cemitério, à meia-noite. Acompanhe-me até lá, se quiser ver uma bela mágica. Prometo-lhe que já amanhã há de ver aquele a quem ama.” A cigana partiu sozinha para o cemitério, pois a outra tinha muito medo de diabos, para

acompanhá-la. Deixo a vosso cargo imaginar se a pobre amante abandonada tornou a ver seu lenço e seu ingrato.

Apesar da sua miséria e da espécie de aversão que inspiram, gozam no entanto os ciganos de certa consideração entre gente pouco esclarecida, e disto se envaidecem. Sentem-se uma raça superior pela inteligência e desprezam cordialmente o povo que lhes dá hospitalidade. “Os gentios são tão tolos”, dizia-me uma cigana dos Vosges, “que não há nenhum mérito em enganá-los. Outro dia, uma camponesa chama-me na rua, entro em sua casa. Seu fogão deitava fumo, e ela pede-me uma sorte para o endireitar. Começo por pedir um pedaço de tocinho. Depois me ponho a murmurar algumas palavras em romani: ‘Tu és uma idiota, dizia eu, nasceste idiota, morrerás idiota...’ Quando me vi perto da porta, disse-lhe em bom alemão: ‘O meio infalível de impedir que ele fumegue é não acendê-lo.’ E pernas para que vos quero!”

A história dos ciganos é ainda um problema. Sabe-se em verdade que seus primeiros bandos, pouco numerosos, apareceram na parte oriental da Europa, pelos começos do século XV; mas não se pode dizer nem de onde vêm, nem por que vieram e, o que é mais extraordinário, ignora-se como se multiplicaram em pouco tempo de maneira tão prodigiosa em várias regiões muito afastadas umas das outras. Os próprios ciganos não conservaram tradição alguma sobre a sua origem, e, se a maioria dentre eles fala do Egito como da sua pátria primitiva, é que adotaram uma fábula muito remotamente espalhada a seu respeito.

A maioria dos orientistas que estudaram a língua dos ciganos acreditam que estes são originários da Índia. Com efeito, parece que grande número de raízes e muitas formas gramaticais do romani se encontram em idiomas derivados do sânscrito. Compreende-se que, em suas longas peregrinações, tenham os ciganos adotado muitas palavras estrangeiras. Em todos os dialetos do romani, encontra-se apreciável quantidade de palavras gregas. Por exemplo: *cocal*, osso, de *χόχχαλον*; *petalli*, ferradura, de *πέταλον*; *cafî*, prego, de *χαρφί* etc. Hoje em dia, os ciganos têm quase tantos dialetos diferentes quantas as hordas da sua raça separadas umas das outras. Em toda

parte, falam mais facilmente a língua do país que habitam do que o seu próprio idioma, que só utilizam para poderem falar livremente diante de estrangeiros. Comparando o dialeto dos ciganos alemães com o dos ciganos espanhóis, há vários séculos sem comunicação entre si, descobre-se grande acervo de palavras comuns; mas, em toda parte, a língua original notavelmente se alterou, embora em diferentes graus, ao contato das línguas mais cultivadas, de que esses nômades foram obrigados a fazer uso. O alemão, de um lado, o espanhol, do outro, modificaram de tal forma o fundo do romani, que seria impossível a um cigano da Floresta Negra conversar com um de seus irmãos andaluzes, embora baste trocarem algumas frases para reconhecer que fala cada qual um dialeto derivado do mesmo idioma. Algumas palavras de uso muito frequente são comuns, creio eu, a todos os dialetos; assim, em todos os vocabulários que pude consultar: *pani* quer dizer água; *manro*, pão; *mâs*, carne; *lon*, sal.

Os nomes numerais são em toda parte mais ou menos os mesmos. O dialeto alemão parece-me muito mais puro que o espanhol, pois conservou inúmeras formas gramaticais primitivas, ao passo que os gitanos adotaram as do castelhano. No entanto, algumas palavras abrem exceção para atestar a antiga comunidade de linguagem. Os pretéritos do dialeto alemão formam-se acrescentando *ium* ao imperativo, que é sempre a raiz do verbo. Os verbos, no romani espanhol, conjugam-se todos segundo o modelo de verbos castelhanos da primeira conjugação. Do infinito *jamar*, comer, devia-se regularmente formar *jamé*, comi; de *lillar*, tomar, *lillé*, tomei. No entanto, alguns velhos ciganos dizem, por exceção *jayon*, *lillon*. Não conheço outros verbos que tenham conservado essa forma antiga.

Enquanto assim faço ostentação de meus magros conhecimentos em língua romani, devo notar algumas palavras do calão francês que os nossos ladrões tomaram de empréstimo aos ciganos. Os *Mistérios de Paris*³⁴⁴ ensinaram à boa sociedade que *chourin* queria dizer faca. Puro romani; *tchouri* é uma dessas palavras comuns a todos os dialetos. O sr. Vidocq³⁴⁵ chama, a um cavalo, *grès*; é ainda um

vocábulo cigano: *gras, gre, graste, gris*. Acrescente-se ainda a palavra *romanichel*, que, no calão parisiense, designa os ciganos. É a corrutela de *romané tchave*, jovens ciganos. Mas uma etimologia de que me orgulho é a de *frimousse*, cara, rosto, palavra que todos os colegiais empregam, ou empregavam no meu tempo. Notai primeiro que Oudin, no seu curioso dicionário, escrevia, em 1640,³⁴⁶ *firlimouse*. Ora, *firla, fila*, em romani, quer dizer rosto; *mui* tem a mesma significação: é exatamente o *os* dos latinos. A combinação *firlamui* foi imediatamente compreendida por um cigano purista, e julgo-a conforme ao gênio de sua língua.

Já é o bastante para dar aos leitores de *Carmen* uma ideia vantajosa dos meus estudos sobre o romani. Terminarei com este provérbio que vem a propósito: "*En retudi panda nasti abela marcha*", "Em boca fechada não entra mosca."³⁴⁷

265. "Toda mulher é como o fel; mas tem duas horas boas: uma no leito, outra por ocasião da sua morte." Da *Antologia grega* de Palladas, poeta grego do séc.V a.C.

266. Mérimée tinha sabido interesse pela arqueologia e a história. O autor deu-lhes pleno desenvolvimento, ocupando o cargo de inspetor-geral dos monumentos históricos da França entre 1835 e 1852.

267. Na cidade de Munda, na Hispânia Bética (este o nome dado pelos romanos à região de Córdoba, no sul da Espanha, entre a Lusitânia e a Hispânia Tarraconense), travou-se a batalha da Guerra Civil em que César, vitorioso contra as tropas de Pompeu, tomou definitivamente o poder de Roma, em 45 a.C.

268. Grupo de origem púnica que ocupava parte da Hispânia Bética, região em que se localiza Monda.

269. Texto anônimo, provavelmente produzido por algum oficial das hostes de César, trata das batalhas travadas na península hispânica durante a Guerra Civil Romana.

270. Menção às obras de César *De bello civile* e *De bello galico* (*Sobre a Guerra Civil* e *Sobre a Guerra Gálica*, respectivamente), em que o general descreve e comenta os acontecimentos relativos à Guerra Civil Romana (49-45 a.C.) e à guerra travada contra os gauleses (58-52 a.C.).

271. Pompeu, o Grande (106-48 a.C.), foi, juntamente com Crasso e Júlio César, um dos líderes que formaram o primeiro (59-53 a.C.) dos dois Triunviratos Romanos que marcam o fim da República e o começo do Império romano.

Bastante popular por suas vitórias militares, Pompeu fez as vezes de general da ordem romana durante a Segunda Guerra Civil (49-45 a.C.) travada contra as hostes de César e por este vencida. Foi morto no Egito, traído por correligionários sob as ordens de Ptolomeu XIII. Seu filho, Sexto Pompeu (67-35 a.C.), prosseguiu em guerra contra César, sendo derrotado em Munda (ver nota 267), episódio que encerra o conflito.

272. A família de tipógrafos holandeses (ver nota 233), responsável pela impressão em questão dos *Comentários*.

273. Segundo o Livro dos Juizes (7:5-6), Gedeão, em conflito contra os madianitas, levou apenas parte dos soldados para a batalha: os que não se agacharam para beber a água do rio Jordão, mas apenas curvaram-se e apanharam a água com a palma da mão.

274. Os andaluzes aspiram o *s* e confundem-no, na pronúncia, com o *c* brando e o *z*, que os espanhóis pronunciam como o *th* inglês. Pela simples palavra *señor* pode-se reconhecer um andaluz. (N. do A.)

275. Termo usado aqui no sentido de unidade territorial.

276. Ver nota 271.

277. O *zorzico* é um ritmo basco (ou vasco) de dança tradicional.

278. As *províncias* privilegiadas, que gozam de *fueros* particulares, isto é, a Alava, a Biscaia, a Guipuzcoa e uma parte da Navarra. O vasco é a língua da região. (N. do A.)

279. A representação de Satã no *Paraíso perdido* (1667), do poeta inglês John Milton, está entre as mais fortes criações da literatura mundial. Em Milton, Satã é o mais belo dos anjos do Paraíso. Poderoso, arrogante, carismático e persuasivo, é apresentado como uma figura trágica, incapaz de aceitar o jugo e a autoridade de seu Criador, entendido por ele como um tirano ao mesmo tempo em que incita os anjos do Céu a governarem a si mesmos como deuses. É a semelhança de Satã com o Prometeu dos gregos que o torna referência para alguns dos românticos ingleses.

280. Oração de saudação à Virgem Maria, rezada ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer.

281. Segundo a mitologia, enquanto caçava Ácteon viu a casta Ártemis (Diana, para os romanos), a deusa caçadora, cercada das ninfas enquanto se banhava num lago. Irritada, Ártemis espargiu água em Ácteon, transformando-o num cervo. O caçador acabou devorado pelos cães da caçadora.

282. O termo se refere inicialmente às mulheres trabalhadoras francesas de fins do séc.XVII. Em 1835, o *Dicionário da Academia Francesa* dava, por sentido de *grisette*, "uma jovem trabalhadora de postura provocativa e namorada".

283. No original, "*cette obscure clarté qui tombe des étoiles*", citação de *Le Cid* (Ato IV, Cena 3, v.1273), de Pierre Corneille (ver nota 121).

284. No contexto, pequenos charutos.

285. Café munido de uma geladeira, ou antes, de um depósito de neve. Na Espanha não há aldeia que não tenha a sua *neveria*. (N. do A.)

286. Na Espanha, todo viajante que não traga consigo amostras de algodão ou seda passa por inglês, *inglesito*. O mesmo acontece no Oriente. Em Chalcis, tive a honra de ser anunciado como um Μιλóρδος Φραντζέσος. (N. do A.)

287. A sorte, *la buena dicha*. (N. do A.)

288. Pierre de Bourdeille (1540-1614), abade de Brantôme (título que recebera por comenda), foi cronista e escritor dedicado à vida de cortesãos e soldados. Mérimée refere-se aqui às suas duas coleções de textos sobre mulheres, *Vie des dames illustres* e *Vie des dames galantes*. Brantôme é conhecido pelos retratos apaixonados que escrevia das mulheres.

289. Aberto ao público em 1640, é o principal jardim botânico e zoológico de Paris.

290. Em 1830, a nobreza ainda gozava de tal privilégio. Hoje, sob o regime constitucional, os vilões conquistaram o direito de garrote. (N. do A.) [O garrote é uma máquina de execução inventada pelos espanhóis. Consiste de uma cadeira à qual se acopla, na altura do pescoço do condenado, um torniquete; este estrangula e quebra o pescoço da vítima. Por algum tempo, o garrote tornou-se modo de execução de nobres e fidalgos, opondo-se ao enforcamento, destinado à plebe.]

291. Três dias antes da execução, os condenados eram "postos em capela", isto é, confiados a monges, que lhes cuidavam da salvação espiritual.

292. No original, "*petit pendement bien chol'*", da peça *Sr. de Pourceaugnac*, de Molière (Ato III, Cena 3).

293. Sobre a pela, ver *A Vênus de Ille*.

294. Bastões ferrados dos vascos. (N. do A.)

295. Magistrado encarregado da polícia e da administração municipal. (N. do A.)

296. Indumentária comum das camponesas da Navarra e das províncias bascas. (N. do A.)

297. "*Pintar um javeque*", "pintar um xaveco": os xavecos [pequenas embarcações] espanhóis, na maior parte, têm o casco pintado de quadrados vermelhos e brancos. (N. do A.)

298. Sim, senhor. (N. do A.)

299. Quintal. (N. do A.)

300. Valentões. (N. do A.)

301. Toda a cavalaria espanhola é armada de lança. (N. do A.)

302. Alcalá de los Panaderos, burgo a duas léguas de Sevilha, onde fazem pãezinhos deliciosos. Atribui-se sua qualidade à água de Alcalá, a qual é

transportada diariamente em grande quantidade para Sevilha. (N. do A.)

303. Em alguns países que adotam a libra, piastra é a unidade monetária fracionária.

304. "Bom dia, camarada." (N. do A.)

305. A maioria das casas de Sevilha tem um pátio interior, cercado de pórticos. É onde se reúnem no verão. Esse pátio é coberto de um toldo, que é umedecido durante o dia e retirado à noite. A porta da rua se acha quase sempre aberta, e a passagem que conduz ao pátio, *zaguan*, é cerrada por uma grade de ferro elegantemente trabalhada. (N. do A.)

306. "*Mañana será otro día*", provérbio espanhol. (N. do A.)

307. "*Chuquel sos pirela, cocal terela*", "Cachorro que anda, encontra osso", provérbio cigano. (N. do A.)

308. Gemas açucaradas. (N. do A.)

309. Espécie de nugá. (N. do A.)

310. O rei d. Pedro, a quem chamamos o Cruel, e a quem a rainha Isabel, a Católica, só chamava o Justiceiro, gostava de passear à noite pelas ruas de Sevilha, em busca de aventuras, como o califa Harun-al-Rachid. Certa noite, teve uma disputa, numa rua afastada, com um homem que dava uma serenata. Bateram-se, e o rei matou o cavaleiro enamorado. Ao tilintar das espadas, uma velha pôs a cabeça à janela, e alumiu a cena com a pequena lâmpada, *candilejo*, que tinha na mão. Cumpre saber que o rei d. Pedro, aliás vigoroso e lesto, tinha um singular defeito de conformação. Quando andava, as suas rótulas estalavam fortemente. A velha, ante aquele estalido, não mais teve dificuldade em reconhecê-lo. No dia seguinte, o Vinte e Quatro [ou cavaleiro vinte e quatro, membro da fidalguia nomeado dentro da municipalidade para o cargo executivo e de manutenção da boa ordem] foi fazer seu relatório ao rei. "Sire, bateram-se em duelo, esta noite, na rua tal. Um dos combatentes morreu." "Descobriu o assassino?" "Sim, senhor." "Por que ainda não o puniram?" "Sire, aguardo as vossas ordens." "Execute a lei." Ora o rei acabava de publicar um decreto segundo o qual todo duelista seria decapitado e sua cabeça exposta no local do combate. O Vinte e Quatro saiu-se da enrascada como homem de espírito. Mandou cerrar a cabeça a uma estátua do rei, e expô-la em um nicho no meio da rua, teatro da morte. O rei e todos os sevilhanos apreciaram muito a coisa. A rua tomou o nome da lâmpada da velha, única testemunha da aventura. – Eis a tradição popular. Zuniga conta a história um pouco diferentemente. (*Anales de Sevilla*, t.II, p.136.) Como quer que seja, existe ainda em Sevilha uma rua do Candilejo, e nesta rua um busto de pedra, que dizem ser o retrato de d. Pedro. Infelizmente, esse busto é moderno. O antigo estava muito desgastado no séc. XVII, e a municipalidade de então fê-lo substituir pelo que se vê hoje. (N. do A.)

311. Romani é a língua dos povos *rom* e *sinto*, que atendem pela designação geral de ciganos.
312. *Rom*, marido. *Romi*, mulher. (N. do A.)
313. *Calo*, feminino, *calli*, plural, *calés*, literalmente “negro”, nome que os ciganos se dão na sua língua. (N. do A.)
314. Os dragões espanhóis usam farda amarela. (N. do A.)
315. “Estrangeiro”, em língua romani.
316. “*Me dicas vriardâ de jorpoj, bus ne sino braco*”, provérbio cigano. (N. do A.)
317. A santa, a Santa Virgem. (N. do A.)
318. A forca, que é viúva do último executado. (N. do A.)
319. A (terra) vermelha. (N. do A.)
320. Termo de gíria que designa as ciganas. *Roma* não quer dizer aqui a Cidade Eterna, mas a nação dos *romi* ou dos *casados*, nome que se dão os ciganos. Os primeiros que se viram na Espanha vinham provavelmente dos Países Baixos, donde o seu nome de “flamengos”. (N. do A.)
321. Raiz bulbosa de que se faz uma bebida muito agradável. (N. do A.)
322. Alimento ordinário do soldado espanhol. (N. do A.)
323. “*Ustilar a pastesas*”, roubar com habilidade, sem violência. (N. do A.)
324. Espécie de tropa livre. (N. do A.)
325. Segundo o *Dicionário da Academia Espanhola*, “*dancaire*” significa “aquele que joga com o dinheiro alheio”. (N. do T.)
326. “*Sarapia sat pesquital ne punzava*.” (N. do A.)
327. “Os imbecis que me tomam por uma senhora!” (N. do A.)
328. Nome que o povo espanhol dá aos ingleses, devido à cor do seu uniforme. (N. do A.)
329. Região da Andaluzia próxima ao estreito de Gibraltar.
330. “Às galés” ou “a todos os diabos”. (N. do A.) [Em latim no original; em sentido literal, a expressão significa “ao fim do mundo”.]
331. “Meu amante”, ou antes, “meu capricho”. (N. do A.)
332. *Navarro fino*. (N. do A.)
333. “*Or esorjlé de or narsichislé, sin chismar lachinguel*”, provérbio cigano: “A promessa de um anão é cuspir longe”. (N. do A.)
334. “*Les sons sonsi abela, pani o reblendani terela*”, provérbio cigano. (N. do A.)
335. “*La divisa*”, laço de fitas cuja cor indica as pastagens de onde vêm os touros. Esse laço é fixado ao pelo do touro por meio de um gancho, e constitui o cúmulo da galanteria arrancá-lo ao animal vivo, para oferecê-lo a uma mulher. (N. do A.)

336. Acusaram Maria Padilla de haver enfeitado o rei d. Pedro. Reza a tradição popular que ela presenteara a rainha Branca de Bourbon com um cinto de ouro, que se afigurou, aos olhos fascinados do rei, uma serpente viva. Daí a repugnância que ele sempre experimentou para com a infeliz princesa. (N. do A.)

337. Este capítulo não figurava na primeira versão do conto, publicada na *Revue des Deux Mondes* em 1^o de outubro de 1845, tendo sido incluído na primeira edição em livro, de 1847.

338. Isto é, fazem a previsão do futuro.

339. Quer-me parecer que os ciganos alemães, embora compreendam perfeitamente a palavra "calés", não gostam de ser assim chamados. Denominam-se entre si *romané tchavé*. (N. do A.)

340. Ver nota 120.

341. O inglês George Henry Borrow (1803-81) foi autor de romances e literatura de viagem baseada em suas experiências pela Europa. Foi por essas viagens que travou especial contato com os ciganos. Segundo nota de Quintana, as duas obras de Borrow às quais Mérimée se refere e das quais ele se serviu bastante são *Os zingali, ou Relação dos ciganos na Espanha* (1841) e *A Bíblia na Espanha* (1845).

342. "Casta é aquela que homem nenhum solicitou", citação de Ovídio (*Amores*, Livro I, poema 8, v.43).

343. Cadeia de montanhas na Europa centro-ocidental, ocupando a região da Alsácia, entre as fronteiras francesa, alemã e suíça.

344. Publicado com grande sucesso entre os anos de 1842 e 1843, o romance *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, traz a lume uma nova ideia de cidade, baseada não mais na vida de negócios e recato da burguesia, mas em seu submundo de trabalhadores pobres, criminosos e gentes proscritas cuja vida se fazia à margem da oficialidade ou em aviltante combinação com a mesma.

345. De criminoso a criminalista, Eugène François Vidocq tornou-se o pai da criminologia moderna e inspirou escritores como Honoré de Balzac e Victor Hugo na composição de célebres personagens, como o Vautrin, da *Comédia humana*, e Jean Valjean e o inspetor Javert, de *Os miseráveis*.

346. Antoine Oudin (morto em 1653) foi um lexicógrafo, linguista e intérprete francês ligado à corte de Luís XIII. A obra a que Mérimée se refere é, provavelmente, *Curiosités françoises, pour servir de complément aux dictionnaires, ou recueil de plusieurs belles propriétés, avec une infinité de proverbes et de quolibets pour l'explication de toutes sortes de livres* (Curiosidades francesas, para servir de complemento aos dicionários, ou compilação de vários e belos significados, com uma infinidade de provérbios e miudezas para a explicação de todo tipo de livro), de 1640.

347. Esse último capítulo, posteriormente acrescido, tão inesperado e tão diferente dos precedentes, constitui ainda hoje um enigma para os historiadores da

literatura. Mérimée, homem de gosto requintado, devia saber muito melhor do que qualquer outro os efeitos desagradáveis de uma erudição ostentada em má hora; por outro lado, era um mistificador terrível e que não desdenhava a ocasião de pregar uma peça à crítica e aos confrades. A explicação de Auguste Dupouy, que consagrou um livro inteiro a *Carmen* (*Carmen de Mérimée*, coleção Les Grands Événements Littéraires, Paris, Société Française d'Éditions Littéraires et Techniques, 1930, p.118), é bastante plausível. Mérimée fora eleito membro da Academia Francesa em véspera da publicação de *Arsênia Guillot*, que fez arrependem-se alguns que votaram nele. Mérimée previu efeito igual ou pior para *Carmen*. Quis evitar um escândalo e consequências mais graves (como seriam, alguns anos mais tarde, os processos de *Madame Bovary* e das *Flores do Mal*). "As reflexões do começo" [sobre a localização da batalha de Munda] são uma espécie de passaporte. A dissertação final acrescenta todos os vistos exigidos. É como se Mérimée dissesse a seus leitores: "Não penseis que os amores e as aventuras de meus heróis me apaixonam por si. Não esqueço que sou um historiador grave. A prova disto é que não observo uma das leis elementares da narrativa: não ponho o ponto final onde convém. Ponho-o onde importa que esteja, conforme a meus desígnios científicos. Limitei-me a relatar um caso para documentar um estudo." Quanto à possível origem de *Carmen*, segundo uma carta de Mérimée, o assunto foi-lhe sugerido pela sra. de Montijo, mãe da futura imperatriz Eugênia. Houve também influências literárias: da *Gitanilla* de Cervantes, das *Cenas andaluzas* de Estébanez Calderon, da *Zemphyra* de Puchkin. Mas houve também experiência pessoal: não há dúvida de que numa de suas viagens pela Espanha, Mérimée, que, com toda a sua correção de *gentleman* inglês, tinha um prazer particular em frequentar as más companhias, conheceu uma criatura que lhe serviu de modelo para a figura de Carmen. (Cf. Pierre Richard, nas notas de Mérimée, *Carmen* etc. Coleção Classiques Larousse, Paris, Larousse, s.d.) (N. do T.)

O PADRE AUBAIN

Inútil dizer como as cartas seguintes chegaram a nossas mãos. Pareceram-nos curiosas, morais e instrutivas. Publicamo-las sem outra mudança que a supressão de alguns trechos que não se relacionam com a aventura do padre Aubain.

PRIMEIRA CARTA

Da sra. de P... à sra. de G...

Noirmoutiers... novembro de 1844

Prometi escrever-te, minha querida Sofia, e cumpro a minha palavra; de resto, não tenho nada de melhor a fazer nestas longas noites. Minha última carta dizia-te como me apercebi ao mesmo tempo de que tinha trinta anos e estava arruinada. Para o primeiro caso, ai de mim!, não há remédio. Quanto ao segundo, nós nos resignamos bastante mal, mas sempre nos resignamos. A fim de remediar nossa situação, temos de passar dois anos, no mínimo, no sombrio solar de onde te escrevo. Fui sublime. Logo que soube do estado de nossas finanças, propus a Henrique irmos fazer economias no campo, e oito dias depois estávamos em Noirmoutiers. Da viagem nada te direi. Fazia anos que não me encontrava por tanto tempo a sós com meu marido. Naturalmente estávamos os dois de muito mau humor; mas como eu estava perfeitamente resolvida a mostrar coragem, tudo se passou bem. Tu bem conheces as minhas grandes *resoluções*, e bem sabes se as cumpro. Eis-nos instalados. Afinal, Noirmoutiers, quanto ao pitoresco, nada deixa a desejar. Bosques, alcantis, o mar a um quarto de légua. Temos quatro grandes torres

cujas paredes medem nada menos de quinze pés de espessura. Fiz um gabinete de trabalho no vão de uma janela. Meu salão, de sessenta pés de comprimento, é decorado de uma tapeçaria que representa *animais*; fica realmente magnífico quando alumado a oito velas: é a iluminação dos domingos. Morro de medo todas as vezes em que passo por ali depois que anoitece. Tudo se acha muito mal mobiliado, como bem deves imaginar. As portas não se ajustam, as madeiras estalam, o vento assobia e o mar murmura da maneira mais lúgubre do mundo. No entanto começo a habituar-me. Arrumo, conserto, planto; antes que chegue o frio, terei preparado um acampamento tolerável. Podes ficar certa de que a tua torre estará pronta para a primavera. Quem me dera ter-te aqui desde já! O bom de Noirmoutiers é que não temos vizinhos. Solidão completa. Não tenho outros visitantes, graças a Deus, a não ser o meu cura, o padre Aubain. É um jovem bastante dócil, embora tenha as sobrancelhas arqueadas e espessas e uns grandes olhos negros, como um traidor de melodrama. No domingo passado fez um sermão que não saiu muito mal para um sermão de província e parecia vir a talho de foice: "Que a desgraça era um benefício da Providência para purificar as nossas almas." Vá lá! Neste caso, devemos agradecimentos àquele honrado corretor que houve por bem purificar-nos, carregando a nossa fortuna. Adeus, minha querida amiga. O meu piano acaba de chegar, com uma porção de caixas. Vou ver se arranjo tudo isso.

P.S.: Reabro a carta para te agradecer o que me enviaste. Tudo muito bonito. Bonito demais para Noirmoutiers. A capa cinzenta me agrada bastante. Reconheci o teu gosto. Vou usá-la domingo na missa; talvez passe um caixeiro-viajante para admirá-la. Mas por quem me tomas tu com os teus romances? Eu quero ser, eu *sou* uma pessoa séria. Não tenho boas razões? Quero instruir-me. Quando voltar a Paris, daqui a três anos (terei trinta e três anos, Meu Deus!), quero ser uma Philaminte.³⁴⁸ Na verdade, não sei o que te pedir em matéria de livros. Que me aconselhas aprender? Alemão ou latim? Seria bastante agradável ler *Wilhelm Meister*,³⁴⁹ no

original, ou os contos de Hoffmann.³⁵⁰ Noirmoutiers é o verdadeiro local para os contos fantásticos. Mas como aprender alemão em

Noirmoutiers? O latim me agradaria bastante, pois acho injusto que os homens o saibam só para si. Tenho vontade de tomar lições com o meu cura...

SEGUNDA CARTA

Da mesma para a mesma

Noirmoutiers... dezembro de 1844

Por mais que te espantes, o tempo passa aqui mais depressa do que julgas, mais depressa do que eu própria o julgaria. O que principalmente me sustenta o ânimo é a fraqueza de meu senhor e amo. Na verdade, os homens são muito inferiores a nós. Ele se acha num abatimento, num *avvilimento* que ultrapassa o permitido. Levanta-se o mais tarde que pode, monta a cavalo ou vai caçar, ou então fazer visitas às pessoas mais aborrecidas do mundo, notários ou procuradores reais que moram na cidade, isto é, a seis léguas daqui. Quando chove é que é preciso vê-lo! Faz oito dias que começou os *Mauprat*,³⁵¹ e ainda está no primeiro volume. "Antes elogiar a si mesmo que falar mal dos outros." É um dos teus provérbios. Aplico-o pois, para falar em mim. O ar do campo me faz um bem infinito. Vou passando às mil maravilhas, e quando me olho no espelho (que espelho!), não me daria trinta anos; e, depois, passeio muito. Ontem, tanto fiz, que Henrique foi passear comigo à beira-mar. Enquanto ele atirava nas gaivotas, li o "Conto dos Piratas" no *Giaour*.³⁵² Na praia, ante um mar encapelado, esses belos versos ainda parecem mais belos. O nosso mar não vale o da Grécia, mas tem sua poesia como todos os mares. Sabes o que me toca em lord Byron?³⁵³ É que ele vê e compreende a natureza. Não fala do mar por haver comido rodovalhos e ostras. Navegou; assistiu a tempestades. Todas as suas descrições são daguerreótipos. Quanto

aos nossos poetas, a rima primeiro, depois o bom senso, se houver lugar nos versos. Enquanto eu passeava, a ler, ou olhando e admirando, o padre Aubain – não sei se já te falei no meu padre, é o cura de minha aldeia – veio ter comigo. É um jovem sacerdote que me agrada bastante. Tem instrução e sabe “falar das coisas com as pessoas de bem”.³⁵⁴ Aliás, pelos seus grandes olhos negros e o seu rosto pálido e melancólico, bem vejo que ele tem uma história interessante, e pretendo fazer com que ma conte um dia. Conversamos sobre o mar, sobre poesia, e, o que te surpreenderá num cura de Noirmoutiers, ele fala bem a respeito dessas coisas. Depois me levou às ruínas de uma velha abadia, edificada numa encosta, e mostrou-me um enorme portão todo esculpido de monstros adoráveis. Ah! Se eu tivesse dinheiro, como mandaria reparar tudo aquilo! Depois, apesar das alegações de Henrique, que pretendia ir almoçar, insisti em passar pelo presbitério, para ver um curioso relicário que o cura obteve de um camponês. É muito bonito, com efeito: uma caixa de esmalte de Limoges, que daria um delicioso cofre para joias. Mas que casa aquela, meu Deus! E nós, que nos julgamos pobres! Imagina uma saleta ao rés do chão, mal-pavimentada, pintada a cal, mobiliada de uma mesa e quatro cadeiras, mais uma poltrona de palha. Sobre a mesa, havia três ou quatro grandes *in-folio*³⁵⁵ gregos ou latinos. São os Santos Padres da Igreja, e, embaixo, como escondido, descobri o “Jocelyn”.³⁵⁶ Ele corou. Aliás, fazia muito bem as honras do seu miserável tugúrio; nem orgulho, nem falsa vergonha. Suspeitava que ele tivesse a sua história romanesca. Agora possuo a prova disso. No cofre bizantino que ele nos mostrou, havia um ramalhete murcho, de cinco a seis anos no mínimo.

– É uma relíquia? – indaguei.

– Não – respondeu-me, um pouco confuso. – Não sei como isso veio parar aí.

Depois apanhou o ramalhete e fechou-o preciosamente na gaveta da mesa. Não está bem claro?... Regressei ao castelo com tristeza e coragem: tristeza por ter visto uma pobreza como aquela; coragem para suportar a minha, que para ele seria uma opulência asiática. Se

tivesses visto a sua surpresa quando Henrique lhe entregou vinte francos para uma mulher que ele nos recomendava! Tenho de dar-lhe um presente. Aquela cadeira de palha em que me sentei é demasiado dura. Quero dar-lhe uma dessas cadeiras de ferro que se dobram, como a que levei durante minha viagem à Itália. Escolhe-me uma, sim? E trata de remetê-la o mais breve possível...

TERCEIRA CARTA

Da mesma para a mesma

Noirmoutiers... fevereiro de 1845

Decididamente, não me aborreço em Noirmoutiers. Aliás, encontrei uma ocupação interessante, e é ao mesmo padre que a devo. Meu padre sabe tudo, na certa, e, ainda por cima, botânica. Lembrei-me das Cartas de Rousseau³⁵⁷ ao ouvi-lo nomear em latim uma miserável planta que, em falta de coisa melhor, eu colocara sobre a lareira.

– Então sabe botânica?

– Muito mal – respondeu ele. – O bastante, contudo, para indicar aos habitantes desta região os medicamentos que lhes podem ser úteis; o bastante principalmente, devo confessá-lo, para dar algum interesse a meus passeios solitários. Compreendi logo que seria muito divertido colher belas flores em minhas caminhadas, fazê-las secar e arranjar-las devidamente em “meu velho Plutarco em lugar do peitinho de formatura”.³⁵⁸

– Ensine-me botânica – disse-lhe eu.

Ele queria esperar pela primavera, pois não há flores nesta maldita estação.

– Mas o senhor tem flores secas – retruquei. – Eu as vi em sua casa.

Creio que já te falei num velho ramalhete preciosamente conservado. Se tivesses visto a cara dele!... Pobre infeliz! Logo me arrependi da minha indiscreta alusão.

Para fazer com que a esquecesse, apressei-me em dizer-lhe que ele devia ter uma coleção de plantas secas. Chama-se a isto um herbário. Ele concordou; e, logo no dia seguinte, trazia-me, numa pasta de papel cinzento, uma porção de lindas plantas, cada qual com a sua etiqueta. Começou o curso de botânica; fiz logo espantosos progressos. Mas o que eu não sabia era a imoralidade dessa botânica, e a dificuldade das primeiras explicações, principalmente para um padre.

Pois fica sabendo, minha querida, que as plantas se casam, tal como a gente, mas a maioria tem muitos maridos. Chamam-se umas *fanerógamas*, se bem retive esse nome bárbaro. É grego, e quer dizer casadas publicamente, na municipalidade. Vêm depois os *criptógamos*, casamentos secretos. Os cogumelos que tu comes casam-se secretamente.

Tudo isso é muito escandaloso, mas ele não se sai muito mal, em todo caso melhor do que eu, que tive a tolice de rir às gargalhadas, uma vez ou duas, nas passagens mais difíceis. Mas agora, tornei-me prudente, e não faço mais perguntas.

QUARTA CARTA

Da mesma para a mesma
Noirmoutiers... fevereiro de 1845

Fazes questão de saber a história daquele ramalhete tão preciosamente conservado; mas, na verdade, não me animo a perguntar-lha. Primeiramente, é mais que provável que não haja nenhuma história nisso tudo; depois, se houvesse uma, seria talvez uma história que ele não gostasse de contar. Quanto a mim, estou bem convencida...

Vamos! Nada de mentiras. Bem sabes que não posso ter segredos contigo. Eu a sei, essa história, e vou contá-la em duas palavras; nada mais simples.

– Como se explica – disse-lhe eu um dia – que o senhor, com a inteligência que tem, e com tanta instrução, se haja resignado a se tornar cura de uma pequena aldeia?

E ele, com um sorriso triste:

– É mais fácil ser pastor de pobres camponeses que pastor de citadinos. Cada qual deve medir o seu trabalho pelas suas forças.

– Por isso mesmo – retruquei – é que o senhor deveria ter uma colocação melhor.

– Disseram-me há tempos – continuou ele – que o sr. seu tio, o bispo de N..., se dignara lançar as vistas sobre mim para me dar o curato de Santa Maria. Como a minha velha tia, que é a única parenta que me resta, reside em N..., diziam que era uma situação muito desejável para mim. Mas estou bem aqui, e soube com prazer que monsenhor fizera outra escolha. Que preciso eu? Pois não me sinto bem em Noirmoutiers? Se aqui faço um pouco de bem, é aqui o meu lugar; não devo deixá-lo. E depois a cidade me lembra...

Calou-se, com o olhar apagado e distraído; depois, retomando de súbito a palavra:

– Mas não se trabalha hoje – disse ele –, e a nossa botânica?...

Eu não pensava absolutamente nas velhas plantas espalhadas sobre a mesa e prossegui nas minhas perguntas.

– E quando foi que o senhor tomou hábito?

– Há nove anos.

– Nove anos... Mas parece-me que devia estar na idade em que já se tem uma profissão... Não sei, mas sempre me pareceu que não foi uma vocação da mocidade o que o levou a fazer-se padre.

– Oh! Não – disse ele com um ar envergonhado –, mas se a minha vocação foi bastante tardia, se foi determinada por causas... por uma causa...

Embaraçava-se e não podia terminar. Eu lancei mão de toda a minha coragem.

– Apostemos – disse eu – como certo ramalhete que eu vi tinha alguma coisa com essa decisão.

Mal me saíra a impertinente insinuação e eu já mordida a língua por havê-la soltado; mas agora era tarde.

– Pois bem! Minha senhora, é verdade. Eu lhe contarei tudo, mas não agora... Para outro dia. Já vai bater o *angelus*.³⁵⁹

E partiu antes da primeira badalada.

Eu esperava qualquer história terrível. Voltou no dia seguinte e foi ele próprio quem reatou a nossa conversação da véspera. Confessou-me que amara a uma jovem de N...; mas a moça tinha alguma fortuna, e ele, estudante, não possuía outros recursos além da sua inteligência... Disse-lhe pois:

– Sigo para Paris, onde espero obter uma colocação; mas tu, enquanto eu estiver trabalhando dia e noite para me tornar digno de ti, será que não vais esquecer-me?

A criaturinha tinha dezesseis ou dezessete anos e era muito “romanesca”. Ela deu-lhe o seu ramallete em sinal de fidelidade. Um ano depois, exatamente quando ia obter uma cadeira num colégio, soube ele do casamento da sua amada com o notário de N... O golpe aniquilou-o; ele renunciou a prosseguir o concurso. Disse-me que durante anos não pôde pensar em outra coisa; e, evocando essa aventura tão simples, parecia tão comovido como se acabasse de vivê-la. E, tirando o ramallete do bolso:

– Era uma infantilidade guardá-lo – disse ele –, e talvez não ficasse bem...

E lançou-o às chamas. Depois que as pobres flores cessaram de estalar e arder, continuou com mais calma:

– Agradeço-lhe por ter pedido essa narrativa. Devo à senhora o haver-me separado de uma lembrança que não me convinha absolutamente conservar.

Mas tinha o coração pesado, e via-se sem dificuldade o quanto lhe custara o sacrifício. Que vida, meu Deus, a desses pobres padres! Devem proibir a si mesmos os pensamentos mais inocentes. São obrigados a banir do coração todos esses sentimentos que constituem a felicidade dos outros homens... até as recordações que os ligam à vida. Os padres se assemelham a nós, pobres mulheres:

todo sentimento vivo é um crime. Permissão, só para sofrer; e assim mesmo sob a condição de que nada transpareça. Adeus, censuro-me por minha curiosidade como uma má ação, mas a culpada és tu.

(Omitimos várias cartas onde não mais se fala no padre Aubain.)

QUINTA CARTA

*Da mesma para a mesma
Noirmoutiers... maio de 1845*

Há muito que eu queria escrever-te, minha querida Sofia, e não sei que falso pudor sempre me impediu. É tão estranho o que tenho a dizer-te, tão ridículo e tão triste ao mesmo tempo, que não sei se vais comover-te ou rir. Eu própria ainda não compreendo coisa alguma. Sem mais preâmbulos, vou aos fatos. Falei-te várias vezes, em minhas cartas, do padre Aubain, o cura de nossa aldeia de Noirmoutiers. Até te contei certa aventura que foi causa de sua entrada para a Igreja. Na solidão em que vivo, e com os pensamentos tão tristes que sabes que eu tenho, a companhia de um homem de inteligência, instruído, amável, me era extremamente preciosa. Provavelmente, dei-lhe a entender que me interessava e, ao fim de muito pouco tempo, ele era como um velho amigo da casa. Era, confesso-te, um prazer completamente novo para mim conversar com um homem superior cuja ignorância da sociedade mais lhe realçava a distinção de espírito. Talvez ainda, pois é preciso dizer tudo, e não é a ti que poderei ocultar qualquer defeito de meu caráter, talvez ainda a *ingenuidade* de minha coqueteria (é tua a frase), que tantas vezes me censuraste, se manifestou malgrado meu. Gosto de agradar aos que me agradam, e quero ser amada pelos que eu amo... A este exórdio, vejo-te arregalar os olhos, e parece-me ouvir-te dizer: "Júlia!..." Tranquiliza-te, não é na minha idade que começam a fazer-se loucuras. Mas continuo. Estabeleceu-se entre nós uma espécie de intimidade, sem que jamais, apresso-

me em dizê-lo, tenha ele feito ou dito nada que não conviesse ao caráter sagrado de que está revestido. Aprazia-lhe estar em minha casa. Conversávamos frequentemente sobre a sua juventude, e mais de uma vez cometi o mal de trazer à baila aquela romanesca paixão que lhe valeu um ramalhete (agora em cinzas na minha lareira) e as tristes vestes que ele usa. Não tardei em me aperceber de que ele não mais pensava na sua ingrata. Um dia a encontrara na cidade, e até lhe falara. Contou-me tudo isso ao regressar, e disse-me sem emoção que ela era feliz e tinha filhos encantadores. O acaso tornou-o testemunha de algumas das impaciências de Henrique. Daí as confidências, um tanto forçadas da minha parte e, da sua, um redobramento de interesse. Conhece a meu esposo como se tivesse convivido dez anos com ele. Aliás, o cura era tão bom conselheiro como tu, e mais imparcial, pois julgas sempre que as culpas são mútuas. Ele sempre me dava razão, mas recomendando-me prudência e política. Numa palavra, mostrava-se um amigo devotado. Há nele qualquer coisa de feminino que me encanta. É um espírito que me lembra o teu. Um caráter exaltado e firme, sensível e concentrado, fanático do dever... Vou emendando frases umas às outras para retardar a explicação. Não posso falar às claras; este papel me intimida. Como quisera ter-te ao pé da lareira, com um pequeno trabalho entre nós, bordando na mesma cortina! Afinal de contas, minha Sofia, é preciso mesmo dizer tudo. O pobre infeliz estava apaixonado por mim. Ris, ou estás escandalizada? Desejaria ver-te neste momento. Ele nada me disse, está visto, mas nós não nos enganamos nunca, e aqueles grandes olhos negros!... Bem! Creio que te ris. Quantos leões não desejariam possuir aqueles olhos que falam sem querer!... Vi tantos desses senhores que desejavam fazer falar os seus, e só diziam tolices... Quando reconheci o estado do enfermo, confesso-te que a malignidade da minha natureza quase se alegrou a princípio. Uma conquista na minha idade, uma conquista inocente como aquela!... É sempre alguma coisa despertar tal paixão, um amor impossível!... Bem! Mas logo me passou esse mau sentimento. Eis um excelente homem, disse eu comigo, a quem a minha irreflexão tornaria bem desgraçado. Uma coisa horrível! É preciso absolutamente que isso acabe. Procurava no meu íntimo

como poderia afastá-lo. Passeávamos um dia pela praia, com maré baixa. Ele não ousava dizer uma palavra, e eu também me sentia embaraçada. Havia mortais silêncios de cinco minutos, durante os quais, para fazer alguma coisa, eu apanhava conchinhas. Afinal lhe disse:

– Meu caro reverendo, é absolutamente preciso que lhe deem um curato melhor do que este. Escreverei ao bispo meu tio; irei falar com ele, se for preciso.

– Deixar Noirmoutiers! – exclamou ele, juntando as mãos. – Mas eu sou feliz aqui! Que mais posso desejar depois que a senhora chegou? Com a senhora, o meu pequeno presbitério tornou-se um palácio.

– Não – tornei –, o meu tio está muito velho; se eu tivesse a infelicidade de perdê-lo, não saberia a quem me dirigir para obter-lhe um lugar conveniente.

– Oh! Minha senhora, eu teria tanto pesar em deixar esta aldeia! O cura de Santa Maria morreu... mas o que me tranquiliza é que será substituído pelo padre Raton. É um sacerdote muito digno, e folgo muito com a sua nomeação; pois se monsenhor já pensou no meu nome...

– O cura de Santa Maria morreu! – exclamei. – Vou hoje mesmo a N..., falar com meu tio.

– Ah! Senhora, não faça nada. O padre Raton é muito mais digno do que eu; e depois, deixar Noirmoutiers!...

– Reverendo – disse eu num tom firme –, *é preciso!*

A estas palavras, ele baixou a cabeça e não mais ousou resistir. Seguia-me a dois passos, o pobre homem, tão perturbado que não se atrevia a abrir a boca. Estava aniquilado! Eu não perdi um minuto. Às oito horas, estava com meu tio. Achei-o muito inclinado para o seu Raton; mas ele estima-me, e eu conheço o meu poder. Afinal, depois de longos debates, obtive o que queria. O Raton foi preterido, e o padre Aubain é o cura de Santa Maria. Já faz dois dias que ele está na cidade. O pobre homem compreendeu o meu “*é preciso*”. Agradeceu-me gravemente, e só falou de sua gratidão. Fui-

Ihe grata por deixar Noirmoutiers o quanto antes, chegando a dizer-me que tinha pressa em ir apresentar seus agradecimentos a monsenhor. Ao partir, mandou-me o seu lindo cofre bizantino, e pediu permissão para me escrever de quando em quando. E então, querida? *Estás satisfeito, Coucy?*²³⁶⁰ Foi uma lição. Não a esquecerei quando voltar para a sociedade. Mas então contarei trinta e três anos, e não poderei rezear que me amem... e com um amor como aquele!... Naturalmente que é impossível. Não importa, de toda essa loucura resta-me um lindo cofre e um verdadeiro amigo. Quando eu tiver quarenta anos, quando for avó, intrigarei para que o padre Aubain obtenha um curato em Paris. Verás, minha querida, e será ele quem há de preparar tua filha para a primeira comunhão.

SEXTA CARTA

Do padre Aubain para o padre Bruneau, professor de teologia em Saint-A...

N..., maio de 1845

Meu caro mestre, é o cura de Santa Maria quem lhe escreve, não mais o humilde pároco de Noirmoutiers. Deixei meus pântanos e eis-me cidadão, instalado num belo curato, na rua principal de N..., cura de uma grande igreja, bem construída, bem cuidada, magnífica de arquitetura, desenhada em todos os álbuns de França. A primeira vez em que disse missa diante de um altar de mármore, todo resplandecente de dourados, perguntei-me se seria eu mesmo. Nada mais verdadeiro. Uma das minhas alegrias é pensar que nas próximas férias virá o amigo visitar-me; que terei um bom quarto para lhe oferecer, um bom leito, sem falar em certo Bordéus, que eu chamo o meu Bordéus de Noirmoutiers, e que, ousou dizê-lo, é digno do senhor. Mas, vai perguntar-me, que salto foi esse de Noirmoutiers a Santa Maria? Deixou-me à entrada da nave, encontra-me no campanário.

*O Meliboe, deus nobis haec otia fecit.*³⁶¹

Meu caro mestre, a Providência conduziu a Noirmoutiers uma grande dama de Paris, que contratempos, desses que nunca nos acontecerão, reduziram momentaneamente a viver com dez escudos por ano. É uma amável e boa criatura, infelizmente um pouco estragada por leituras frívolas e a companhia dos bonifrates da capital. Aborrecendo-se até a morte com um marido de quem mediocrementemente se pode orgulhar, deu-me ela a honra de me tomar em afeição. Eram presentes sem fim, convites contínuos, e cada dia algum novo projeto em que eu me fazia necessário. "Reverendo, quero aprender latim... Reverendo, quero aprender botânica." *Horresco referens*,³⁶² não quis até que eu lhe ensinasse teologia? Onde é que estava o meu caro mestre? Em suma, para aquela sede de instrução, só recorrendo a todos os nossos professores de Saint-A... Felizmente as suas fantasias não duravam nada, e raramente o curso se prolongava até a terceira lição. Quando eu lhe dizia que, em latim, *rosae* quer dizer *da rosa*: "Mas, padre", exclamava ela, "o senhor é um poço de ciência! Como se deixou enterrar em Noirmoutiers?" Se lhe devo dizer tudo, meu caro mestre, a boa dama, à força de ler desses maus livros que hoje se fabricam, metera na cabeça umas ideias bem estranhas. Um dia emprestou-me uma obra que acabava de receber de Paris e que a entusiasmara, *Abelardo*, pelo sr. de Rémusat.³⁶³ Sem dúvida o amigo já a leu e terá admirado as eruditas pesquisas do autor, infelizmente orientadas num mau sentido. Eu começara pelo segundo volume, que tratava da filosofia de Abelardo, e só depois de o ter lido com o mais vivo interesse foi que comecei o primeiro, referente à vida do grande heresiarca. Era, está visto, só o que a minha dama se dignara ler. Isto, meu caro mestre, me abriu os olhos. Compreendi que havia perigo na companhia das belas damas tão enamoradas da ciência. Esta ganhava de Heloísa em matéria de exaltação. Bastante me embaraçava aquela situação tão nova para mim, quando súbito ela me diz: "Reverendo, agrada-me que o senhor seja cura de Santa Maria; o titular morreu. *É preciso!*" Em seguida sobe no carro e vai

falar com monsenhor; e alguns dias depois eu era cura de Santa Maria, um pouco envergonhado de haver obtido esse título por favor, mas encantado, afinal de contas, por me ver longe das garras de uma *leoa* da capital. Leoa, meu caro mestre, é, na gíria parisiense, uma mulher da moda.

Ἦ Ζεῦ, γυναιχῶν οἶον ὄπασας γένος³⁶⁴

Deveria eu repelir a sorte para desafiar o perigo? Tolice! Pois são Tomás da Cantuária não aceitou os castelos de Henrique II?³⁶⁵ Adeus, meu caro mestre, espero filosofar na sua companhia daqui a alguns meses, cada qual na sua boa poltrona, diante de um gordo frango e de uma garrafa de Bordéus, *more philosophorum*. *Vale et me ama*.³⁶⁶

348. Philaminte é uma das protagonistas de *As sabichonas*, de Molière (1672), comédia de costumes em cinco atos escrita em versos que satiriza o falso verniz da sociedade, em especial a *préciosité* dos salões comandados pelas senhoras de família parisienses. Philaminte é uma das responsáveis por um salão literário. Seu desejo de fazer a filha, Henriette, casar-se com um falso erudito a transforma em empecilho para a consagração do amor verdadeiro de Henriette pelo jovem Clitandre.

349. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (1795-96) é um dos mais célebres romances de Johann Wolfgang von Goethe. O percurso de desenvolvimento individual e espiritual do protagonista acabou por fundar um gênero de prosa realista, o romance de formação.

350. E.T.A. Hoffmann (1776-1822) foi autor de contos fantásticos e um dos principais autores do romantismo alemão.

351. Romance de George Sand, publicado em 1837 e de enredo bastante influenciado pelas lutas sociais e uma ideia mais justa de sociedade.

352. Sobre o *Giaour*, ver nota 96. "O Canto dos Piratas", porém, é de *O corsário*, outro poema do autor.

353. Sobre a relação entre Byron e a Grécia, ver nota 259.

354. "Parler des choses avec les honnêtes gens", citação de *O burguês fidalgo*, de Molière, Ato III, Cena 3. Ver nota 67.

355. Referente à medida dos livros segundo a folha a ser impressa. Livros in-fólio têm a folha de impressão dobrada ao meio, resultando cadernos de quatro páginas com tamanhos aproximados de 20cm de largura por 30cm de altura.

356. "Jocelyn", poema do poeta francês Alphonse de Lamartine, trata da paixão e do sacrifício de um pobre e jovem cura de aldeia por uma jovem.

357. Provável referência às *Cartas elementares sobre a botânica*, escritas à sra. Étienne de Lessert entre os anos de 1771 e 1773.

358. No original, "*Mon vieux Plutarque à mettre des rabats*", de *As sabichonas*, Ato II, Cena 7. (N. do T.)

359. Ver nota 280.

360. Trecho da tragédia de Voltaire *Adélaïde du Guesclin*, de 1734.

361. "Ó Melibeu, foi um deus que nos proporcionou esta calma", das *Éclogas*, de Virgílio, poema I, v.6).

362. "Estremeço ao mencioná-lo", citação da *Eneida*, de Virgílio (Livro II, v.204).

363. Charles de Rémusat (1797-1875), filósofo e político francês, amigo de Mérimée, publicou em 1845 os dois volumes de sua monografia sobre o pensador Pedro Abelardo. Abelardo (1079-1142) foi um dos grandes pensadores e teólogos de fins da Idade Média, responsável por profundas mudanças nos modelos pedagógicos, acompanhando o movimento de revisão do ensino responsável pela fundação das primeiras universidades na Europa. Tão conhecido quanto sua obra é seu envolvimento com Heloísa de Argenteuil. Já reputada por seu saber, Heloísa passou a ter aulas com Abelardo, à época o mais conhecido professor de filosofia de Paris. O amor entre ambos suscitou resistências em um tio de Heloísa, Fulbert, cônego em Paris. Não contente em forçar o par a um casamento que o filósofo, temendo represálias a sua atividade pedagógica, mantém em segredo com o consentimento da mulher, Fulbert espalha as novas, com o intuito de manchar a honra de Abelardo; este, então, decide mandar Heloísa a um convento; entendendo o gesto como um abandono da sobrinha, Fulbert ataca Abelardo, que acaba castrado. O pensador decide, então, recolher-se a um mosteiro e consagrar a vida à salvação de sua alma. Sabe-se que, a partir dessa época (não obstante tenham vivido na mesma comunidade religiosa), Abelardo e Heloísa passam a trocar cartas; destas, sete sobreviveram, versando sobre temas de filosofia, fé e amor. A doutrina de Pedro Abelardo foi condenada pelos concílios de Soissons (1121) e de Sens (1141) por ser herética.

364. Verso tirado, penso eu, dos *Sete chefes diante de Tebas*, de Ésquilo: "Oh! Júpiter, as mulheres!... Que raça nos deste!" O padre Aubain e seu mestre, o padre Bruneau, são bons humanistas. (N. do A.)

365. São Tomás Becket ou Tomás da Cantuária (1118-70) foi arcebispo da cidade e envolveu-se numa intrincada disputa pelo poder com Henrique II, rei da Inglaterra à época. Nomeado arcebispo pelo rei, por sua comprovada fidelidade

aos desígnios do trono, que buscava minar o poder da Igreja no reino, Tomás passa a defender os direitos da Igreja, assumindo uma postura contrária a Henrique II. Tal decisão acarretaria sua morte, assassinado a mando do rei.

366. "... à maneira dos filósofos. Adeus, e queira-me bem." Em latim no original.

IL VICCOLO DI MADAMA LUCREZIA³⁶⁷

TINHA EU vinte e três anos quando parti para Roma. Meu pai me deu uma dúzia de cartas de recomendação, dentre as quais só uma, que não tinha menos de quatro páginas, fora lacrada. Este o endereço: “À marquesa Aldobrandi.”

– Manda-me dizer – disse meu pai – se a marquesa ainda está bonita.

Ora, desde a infância que eu via no seu gabinete, acima da lareira, o retrato, em miniatura, de uma mulher muito bonita, de cabeleira empoada e coroada de pâmpanos, com uma pele de tigre aos ombros. No fundo, lia-se: “Roma 18...” Como o vestuário me parecesse singular, muitas vezes perguntara quem era aquela dama.

– É uma bacante – respondiam-me.

Mas tal resposta não me satisfazia; suspeitava até algum segredo; pois, a essa pergunta tão simples, minha mãe apertava os lábios e meu pai tomava um ar sério.

Desta vez, entregando-me a carta lacrada, ele olhou furtivamente para o retrato; eu fiz o mesmo sem querer, e veio-me a ideia de que aquela bacante bem poderia ser a marquesa de Aldobrandi. Como já começava a compreender as coisas deste mundo, tirei toda sorte de conclusões do jeito de minha mãe e do olhar de meu pai.

Chegando a Roma, a primeira carta que entreguei foi a da marquesa. Morava num belo palácio perto da praça de São Marcos.

Entreguei a carta e o meu cartão a um criado de libré amarela, que me introduziu num vasto salão, vazio e triste, parcamente mobiliado. Mas em todos os palácios de Roma há quadros de mestres. Aquele salão continha-os em grande número, muitos dos quais bastante notáveis.

Distingui a princípio um retrato de mulher que me pareceu um Leonardo da Vinci. Pela riqueza da moldura, pelo cavalete de palissandro onde estava montado, não se podia duvidar de que fosse a peça capital da coleção. Como a marquesa se demorasse, tive todo o lazer para examinar o quadro. Levei-o até para junto de uma janela, a fim de o ver com melhor luz. Era evidentemente um retrato, não uma cabeça de fantasia, pois não se inventa uma face daquelas. Uma bela mulher de lábios um pouco grossos, sobrancelhas quase juntas, o olhar altivo e caricioso ao mesmo tempo. No fundo da tela, via-se o seu escudo, encimado por uma coroa ducal. Mas o que mais me impressionou, é que a indumentária, com exceção da cabeleira empoada, era a mesma que a da bacante de meu pai.

Eu tinha ainda o retrato na mão quando a marquesa entrou.

– Tal e qual o pai! – exclamou, vindo a meu encontro. – Ah! Os franceses! Os franceses! Mal chegou, e já se apodera da “sra. Lucrecia”.

Apressei-me em apresentar desculpas por minha indiscrição, e lancei-me em elogios sem fim à obra-prima de Leonardo, que eu tivera a temeridade de remover.

– É com efeito um Leonardo – disse a marquesa –, e é um retrato da formosíssima Lucrecia Bórgia.³⁶⁸ De todos os meus quadros, era esse o que seu pai mais admirava. Mas que parecença, meu Deus! Parece-me ainda estar vendo seu pai, como era há vinte e cinco anos. Como vai ele? Que faz? Não virá um dia destes visitar-nos em Roma?

Embora a marquesa não usasse nem pele de tigre nem pó, logo à primeira vista, pela força de minha perspicácia, reconheci nela a bacante de meu pai. Cerca de vinte e cinco anos não tinham podido apagar inteiramente os traços de uma grande beleza. Apenas a expressão mudara, como a sua indumentária. Estava toda de preto, e sua papada, seu sorriso, seu ar solene e radiante, indicavam que se tornara devota.

Não podia ter-me recebido mais afetuosamente, aliás. Em três palavras, ofereceu-me a casa, a bolsa, os amigos, entre os quais me

nomeou vários cardeais.

– Considere-me – disse ela – como sua mãe...

Baixou modestamente os olhos.

– O seu pai me encarrega de velar pelo senhor e dar-lhe conselhos.

E, para me provar que não considerava a sua missão como uma sinecura, começou imediatamente por me prevenir contra os perigos que Roma podia oferecer a um jovem da minha idade, e exortou-me calorosamente a evitá-los. Devia eu afastar-me das más companhias, dos artistas principalmente, e não ligar-me senão com as pessoas que ela me indicasse. Em suma, ganhei um sermão em regra. Respondi respeitosamente e com a devida hipocrisia.

E quando me levantava para despedir-me:

– Lamento – disse ela – que o marquês meu filho esteja neste momento em nossas terras da Romagna,³⁶⁹ mas quero apresentar-lhe o meu segundo filho, d. Otávio, que será em breve monsenhor. Espero que lhe agradará e que se tornarão amigos como devem...

Acrescentou precipitadamente:

– Pois são mais ou menos da mesma idade, e é um rapaz dócil e comedido como o senhor.

Em seguida mandou chamar d. Otávio. Vi um jovem alto e pálido, sempre de olhos baixos, de ar melancólico, em quem se adivinhava o hipócrita.

Sem lhe dar tempo para falar, fez a marquesa, em nome dele, os mais amáveis oferecimentos. D. Otávio confirmava, com grandes reverências, todas as frases de sua mãe, e ficou combinado que, no dia seguinte, iria buscar-me para passear pela cidade, e que me levaria para jantar em família no palácio Aldobrandi.

Mal tinha eu dado uns vinte passos na rua quando alguém gritou atrás de mim, num tom imperioso:

– Aonde vai assim sozinho a estas horas, d. Otávio?

Voltei-me, e vi um corpulento padre que me considerava dos pés à cabeça, arregalando os olhos.

– Eu não sou d. Otávio – disse-lhe.

O padre, saudando-me até o chão, desmanchou-se em desculpas e, momentos depois, vi-o entrar no palácio Aldobrandi. Prossegui meu caminho, mediocrementemente lisonjeado de me haverem confundido com um monsenhor em projeto.

Apesar das advertências da marquesa, ou talvez por isso mesmo, apressei-me em descobrir a residência de um pintor meu conhecido, e passei uma hora com ele em seu *atelier* a conversar sobre os divertimentos, lícitos ou não, que Roma me poderia oferecer. Falei-lhe nos Aldobrandi:

A marquesa, disse-me ele, depois de ter sido muito leviana, lançara-se na alta devoção, quando reconheceu que já lhe havia passado a idade das conquistas. Seu filho mais velho era um bruto que passava o tempo a caçar e a entesourar o dinheiro que lhe proporcionavam os rendeiros de seus vastos domínios. Estava-se em vias de embrutecer o segundo filho, d. Otávio, que pretendiam oportunamente fazer cardeal. Enquanto isto, estava entregue aos jesuítas. Era-lhe proibido olhar para uma mulher, ou dar um passo sem ter nos calcanhares um padre que o educara para o serviço de Deus, e que, depois de ter sido o último amigo da marquesa, governava agora a sua casa com uma autoridade quase despótica. [Era essa a gente de família à qual eu fora tão especialmente recomendado.]

No dia seguinte, d. Otávio, em companhia do padre Negroni, o mesmo que me tomara na véspera por seu pupilo, veio procurar-me de carro e oferecer-me os seus serviços como cicerone.

O primeiro monumento em que nos detivemos era uma igreja. A exemplo do seu padre, d. Otávio ajoelhou-se, bateu no peito, e fez inumeráveis sinais da cruz. Depois de erguer-se, mostrou-me os afrescos e as estátuas, discorrendo a respeito dessas obras como um homem de bom senso e bom gosto. Isso me surpreendia agradavelmente. Começávamos a conversar, e sua conversação agradou-me. Durante algum tempo faláramos em italiano. De repente disse-me ele em francês:

– O meu preceptor não compreende uma palavra da sua língua. Vamos falar francês, que teremos mais liberdade.

Dir-se-ia que a mudança de idioma transformara aquele jovem. Nada em suas palavras cheirava a sacristia. Supunha ouvir um dos nossos liberais da província. Notei que ele dizia tudo no mesmo tom monótono, o que às vezes estranhamente contrastava com a vivacidade das suas expressões. Era um hábito adquirido, aparentemente para despistar Negroni, que, de tempos em tempos, pedia explicações do que dizíamos. Está visto que as nossas traduções eram das mais livres.

Vimos passar um jovem de meias roxas.

– Eis – disse d. Otávio – os nossos patrícios de hoje. Infame libré! E será a minha daqui a alguns meses! Que felicidade – acrescentou, após um instante de silêncio –, que felicidade viver num país como o seu! Se eu fosse francês, talvez um dia me tornasse deputado!

Essa nobre ambição deu-me vontade de rir. O nosso padre o percebeu, e eu vi-me obrigado a lhe explicar que falávamos do erro de um arqueólogo que tomara por antiga uma estátua de Bernini.

Voltamos para jantar no palácio Aldobrandi. Quase em seguida ao café, a marquesa pediu-me desculpas por seu filho, obrigado, por piedosos deveres, a retirar-se para o seu apartamento. Fiquei a sós com ela e com o padre Negroni, que, refestelado numa grande poltrona, dormia o sono dos justos.

Enquanto isto, a marquesa me interrogava detalhadamente a respeito de meu pai, de Paris, de minha vida passada, de meus projetos para o futuro. Pareceu-me amável e de bom coração, mas um pouco curiosa demais, e sobretudo exageradamente preocupada com a minha salvação. Aliás, falava admiravelmente o italiano, e tomei com ela uma boa aula de pronúncia, que prometi a mim mesmo repetir.

Voltei frequentemente a visitá-la. Quase todas as manhãs ia olhar as antiguidades com seu filho e o eterno Negroni, e, à noite, jantava com eles no palácio Aldobrandi. A marquesa recebia poucas pessoas, e quase exclusivamente eclesiásticos.

Uma vez, no entanto, apresentou-me a uma dama alemã, recentemente convertida e sua amiga íntima. Era uma tal sra. de Strahlenheim, criatura belíssima, já de longa data residente em Roma. Enquanto aquelas damas conversavam entre si a respeito de um famoso pregador, eu examinava, à luz de uma lâmpada, o retrato de Lucrecia, quando achei que devia dizer alguma coisa.

– Que olhos! – exclamei. – Parece que essas pálpebras vão mover-se!

Ao ouvir essa hipérbole um tanto pretensiosa que eu arriscava para me firmar na qualidade de conhecedor perante a sra. Strahlenheim, ela estremeceu e ocultou o rosto no lenço.

– Que tem, minha querida? – indagou a marquesa.

– Oh! Nada, mas o que esse senhor acaba de dizer!...

Crivaram-na de perguntas, e, depois que ela nos disse que a minha frase lhe evocava uma terrível história, foi obrigada a contá-la.

Ei-la em duas palavras:

A sra. de Strahlenheim tinha uma cunhada por nome Wilhelmine, noiva de um jovem da Vestfália, Julius de Katzenellenbogen, voluntário da divisão do general Kleist. Sinto muito ter de repetir tantos nomes bárbaros, mas as histórias maravilhosas só acontecem às pessoas cujos nomes são difíceis de pronunciar.

Julius era um encantador rapaz cheio de patriotismo e de metafísica. Ao partir para o Exército, dera seu retrato a Wilhelmine, e Wilhelmine lhe dera o seu, que ele trazia sempre sobre o coração. Isto se usa muito na Alemanha.

A 13 de setembro de 1813, achava-se Wilhelmine em Cassel, pelas cinco horas da tarde, num salão, ocupada em fazer crochê, com a sua mãe e a sua cunhada. Enquanto trabalhava, contemplava o retrato do noivo, colocado sobre uma mesinha, à sua frente. De súbito, solta um grito horrível, leva a mão ao peito, e desfalece. Tiveram o maior trabalho em fazê-la recuperar os sentidos. Logo que ela pôde falar, exclamou:

– Julius morreu! Mataram-no!

Afirmou, e o horror estampado em todos os seus traços bem provava a sua convicção, que vira o retrato fechar os olhos, e que no mesmo instante sentira uma dor atroz, como se um ferro em brasa lhe atravessasse o coração.

Cada qual se esforçou inutilmente por lhe demonstrar que a visão nada tinha de real e que não lhe devia ligar importância. A pobre menina estava inconsolável; passou a noite em pranto e, no dia seguinte, queria botar luto, como já certa da desgraça que lhe fora revelada.

Dois dias depois, recebiam notícia da sangrenta batalha de Leipzig. Julius escrevia à noiva um bilhete datado do dia 13, às três horas da tarde. Não fora ferido, distinguira-se e acabava de entrar em Leipzig, onde contava passar a noite no quartel-general, afastado portanto de qualquer perigo. Essa carta tão tranquilizadora não pôde acalmar Wilhelmine, que, notando estar ela datada das três horas, persistia em crer que seu amado fora morto às cinco.

A infeliz não se enganava. Logo se soube que Julius, encarregado de levar uma ordem, saíra de Leipzig às quatro e meia, e que, a três quartos de légua da cidade, além do Elster, um retardatário do exército inimigo, emboscado num fosso, o matara com um tiro. A bala, atingindo-lhe o coração, atravessara o retrato de Wilhelmine.

– E que foi feito dessa pobre moça? – perguntei à sra. de Strahlenheim.

– Oh! Esteve muito doente. Está agora casada com o conselheiro de justiça de Werner, e, se o senhor for a Dessau, ela lhe mostrará o retrato de Julius.

– Tudo isso é obra do diabo – disse o padre, que dormira só com um olho durante a história da sra. de Strahlenheim. – Aquele que fazia falar os oráculos dos pagãos bem pode fazer com que se movam os olhos de um retrato, quando bem lhe parecer. Não faz vinte anos que um inglês foi estrangulado por uma estátua, em Tivoli.

– Por uma estátua! – exclamei. – E como assim?

– Era um milorde que tinha feito escavações em Tivoli. Encontrou uma estátua da imperatriz Agripina, Messalina...³⁷⁰ pouco importa. O fato é que mandou levá-la para a sua casa e, de tanto a olhar e admirar, ficou louco por ela. Todos esses senhores protestantes já são loucos pela metade. Chamava-a sua mulher, sua *milady*, e dava-lhe beijos, embora fosse ela de mármore, está visto. Dizia que a estátua se animava todas as noites, em proveito seu. Até que certa manhã encontraram o meu milorde morto no leito. Pois bem, acreditam? E apareceu um outro inglês para comprar a estátua. Eu, por mim, fabricaria cal com ela.

Uma vez que a gente se mete no capítulo das aventuras sobrenaturais, não é fácil parar. Cada qual tinha a sua história. Também colaborei naquela série de casos horripilantes; de sorte que, no momento de nos separarmos, estávamos todos passavelmente impressionados e cheios de respeito pelo poder do diabo.

Voltei a pé para casa e, a fim de ir dar na rua do Corso,³⁷¹ tomei por uma viela tortuosa, que ainda não conhecia. Estava deserta. Só se viam longos muros de jardim, ou algumas insignificantes casas, nenhuma das quais se achava iluminada. Acabava de bater meia-noite; o tempo estava sombrio. Estava eu na metade da rua, andando bastante depressa, quando ouvi acima de minha cabeça um pequeno ruído, um *st!* E, no mesmo instante, uma rosa tombou a meus pés. Ergui os olhos e, apesar da obscuridade, avistei uma mulher de branco, a uma janela, com o braço estendido para mim. Nós, franceses, gozamos de muitas vantagens em terra estrangeira, e nossos pais, vencedores da Europa,³⁷² nos embalaram com tradições lisonjeiras para o orgulho nacional. Eu acreditava piamente na inflamabilidade das damas alemãs, espanholas e italianas à simples vista de um francês. Em suma, naquela época, eu era ainda bem de meu país, e, de resto, a rosa não falava bastante claro?

– Senhora – disse eu em voz baixa, erguendo a rosa –, deixou-a cair de seu buquê...

Mas já a mulher havia desaparecido e a janela se fechava silenciosamente. Fiz o que qualquer outro teria feito no meu lugar.

Procurei a porta mais próxima; estava a dois passos da janela; achei-a, e esperei que ela vissem abrir. Cinco minutos se passaram num profundo silêncio. Então tossei, depois arranhei suavemente; mas a porta não se abriu. Examinei-a com mais atenção, esperando encontrar uma chave ou um trinco; com grande surpresa, encontrei um cadeado.

– O ciumento ainda não voltou – disse eu comigo.

Apanhei uma pedrinha e lancei-a contra a janela. Ela bateu num postigo e retombou a meus pés.

– Diabo! – pensei. – Pensarão as damas romanas que a gente traz escadas no bolso? Não me haviam falado nesse costume.

Esperei ainda vários minutos, igualmente em vão. Apenas, pareceu-me uma ou duas vezes ver o postigo tremer levemente, como se de dentro procurassem entreabri-lo, a fim de espiar para a rua. Ao fim de um quarto de hora, esgotou-se-me a paciência, acendi um charuto e prossegui meu caminho, não esquecendo de localizar devidamente a casa do cadeado.

No dia seguinte, refletindo naquela aventura, cheguei a estas conclusões: uma jovem dama romana, provavelmente de grande beleza, avistara-me em meus passeios pela cidade e se enamorara de meus modestos encantos. Se só me declarara o seu ardor por intermédio de uma flor misteriosa, é que a retivera um honesto pudor, ou então fora obstada pela presença de algum vigia, talvez um maldito tutor como o Bartolo de Rosina.³⁷³ Resolvi estabelecer um cerco em regra diante da casa habitada por aquela infanta.

Nessas belas intenções, saí de casa, após haver dado a meus cabelos uma escovadela sedutora. Pusera meu redingote novo e luvas amarelas. Nesse vestuário, com o chapéu sobre a orelha, a rosa murcha à botoeira, dirigi-me para a rua cujo nome ignorava, mas que não tive trabalho em descobrir. Uma tabuleta acima de uma madona indicou-me que a chamavam "*il viccolo di madama Lucrezia*".

Esse nome espantou-me. Lembrei-me em seguida do retrato de Leonardo da Vinci e das histórias de pressentimentos e feitiçarias

que haviam contado na véspera em casa da marquesa.

Depois pensei que havia amores predestinados no céu. Por que meu objeto não se chamaria Lucrecia? Por que não se assemelharia à Lucrecia da galeria Aldobrandi?

Era de dia, eu estava a dois passos de uma encantadora criatura e nenhum pensamento sinistro se imiscuía na minha emoção.

Eu estava diante da casa. Tinha o número 13. Mau agouro... Qual! Não correspondia à ideia que eu formara a seu respeito, por tê-la visto de noite. Não era nenhum palácio. Via um recinto de muros enegrecidos pelo tempo e cobertos de musgo, atrás dos quais apontavam algumas árvores frutíferas malcuidadas. Num ângulo dos muros, erguia-se um pavilhão de um só andar, com duas janelas para a rua, ambas fechadas por velhos guarda-ventos guarnecidos no exterior de numerosas barras de ferro. A porta era baixa e encimada por um escudo apagado e estava, como na véspera, fechada por um grande cadeado, preso a uma corrente. Naquela porta lia-se, escrito a giz: "Vende-se ou aluga-se."

No entanto eu não me enganara. Naquele lado da rua as casas eram muito raras para que pudesse haver qualquer confusão. Aquele era mesmo o meu cadeado e, mais ainda, duas pétalas de rosa junto à porta, na calçada, indicavam o lugar preciso onde eu recebera a declaração mínima de minha bem-amada, e provavam que não varriam a frente de sua casa.

Dirigi-me a algumas pessoas humildes da vizinhança para saber onde encontrar o guarda daquela misteriosa moradia.

– Não é aqui – respondiam-me bruscamente.

Parecia que minha pergunta desagradava àqueles a quem me dirigia, o que mais espicaçava minha curiosidade. Indo de porta em porta, acabei por entrar numa espécie de adega escura, onde se achava uma velha que se poderia tomar por feiticeira, pois tinha um gato preto e cozinhava não sei o quê num caldeirão.

– Quer ver a casa da sra. Lucrecia? – disse ela. – Sou eu que tenho a chave.

– Pois bem, mostre-me então a casa.

– O senhor quer mesmo alugá-la? – perguntou ela, sorrindo com um ar de dúvida.

– Sim, ela me convém.

– Não, não lhe convirá. Mas vejamos, o senhor me dá um paulo,³⁷⁴ se eu lhe mostrar a casa?

– Pois não.

Com essa pergunta, ela ergueu-se com presteza de seu banquinho, desenganchou da parede uma chave enferrujada e conduziu-me até o número 13.

– Por que chamam, a essa casa, a casa de Lucrecia? – indaguei.

E a velha, com um risinho.

– Por que chamam ao senhor de estrangeiro? – retrucou. – Não é porque o senhor é estrangeiro?

– Bem, mas quem era essa sra. Lucrecia? Era uma dama de Roma?

– Como! O senhor veio a Roma e não ouviu falar da sra. Lucrecia?! Depois que entrarmos, eu lhe contarei sua história. Mais outro feitiço, agora! Não sei o que tem esta chave, que não dá volta. Experimente o senhor mesmo.

Com efeito, o cadeado e a chave não se viam há muito tempo. Todavia, com três pragas e outros tantos ranger de dentes, consegui fazer a chave girar; mas rasguei minhas luvas amarelas e desloquei a palma da mão. Entramos num corredor escuro, que dava acesso a várias salas térreas.

Os tetos, curiosamente guarnecidos, estavam cobertos de teias de aranha, sob as quais mal se distinguiam alguns dourados. Pelo cheiro de mofo que se exalava de todas as peças, era evidente que estavam de há muito desabitadas. Não se via um único móvel. Alguns pedaços de couro velho pendiam ao longo das paredes salitradas. Pela escultura de alguns consolos e a forma das lareiras, concluí que a casa datava do século XV, e é provável que outrora tivesse sido decorada com alguma elegância. As janelas, de pequenas vidraças, na maioria partidas, davam para o jardim, onde

avistei uma roseira em flor, com algumas árvores frutíferas e grande quantidade de brócolos.

Depois de percorrer todas as peças do andar térreo, subi ao andar superior, onde avistara a minha desconhecida. A velha tentou deter-me, dizendo que não havia nada para ver e a escada se achava em péssimo estado. Vendo-me disposto a não ceder, ela acompanhou-me, mas com visível repugnância. Os aposentos daquele andar muito se assemelhavam aos outros; apenas, eram menos úmidos; o soalho e as janelas estavam também em melhor estado. Na última peça em que entrei, havia uma larga poltrona de couro negro e que, coisa estranha, não estava coberta de poeira. Nela me sentei e, achando-a cômoda para ouvir uma história, pedi à velha que me contasse a da sra. Lucrecia; mas antes, para lhe refrescar a memória, dei-lhe alguns paulos de presente. Ela tossiu, assoou-se e começou da seguinte maneira:

– No tempo dos pagãos, sendo Alexandre imperador, ele tinha uma filha linda como o dia, a quem chamavam a sra. Lucrecia.³⁷⁵ Olhe, ali está ela!...

Voltei-me vivamente. A velha me mostrava um consolo esculpido, que sustentava a viga mestra da sala. Era uma sereia muito grosseiramente executada.

– Puxa! – tornou a velha. – Ela gostava de divertir-se. E como o pai podia não estar de acordo, ela mandou construir esta casa onde estamos.

“Todas as noites, ela descia do Quirinal e vinha aqui para se divertir. Punha-se à janela e, quando passava pela rua um belo cavalheiro como o senhor, ela chamava-o; se ele era bem recebido, o senhor que o imagine. Mas os homens são tagarelas, pelo menos alguns, e poderiam prejudicá-la dando com a língua nos dentes. De modo que ela tomava as suas providências. Depois que dizia adeus ao galã, seus guardas se colocavam na escada por onde subimos. Liquidavam-no em dois tempos, e o enterravam nos canteiros de brócolos. Muitos ossos já se têm achado neste quintal.

“Esse manejo durou algum tempo. Mas eis que uma noite o seu irmão, que se chamava Sisto Tarquínio, passa por sua janela. Ela não

o reconhece. Chama-o. Ele sobe. De noite todos os gatos são pardos. Aconteceu-lhe o mesmo que aos outros. Mas ele esquecerá o lenço, onde estava o seu nome escrito.

“Logo que descobre a ruindade que haviam feito, ela fica desesperada. Desata às pressas a liga e enforca-se ali naquele barrote. Eis um exemplo para a mocidade!”

Enquanto a velha confundia assim todas as épocas, misturando os Tarquínios aos Bórgias,³⁷⁶ eu tinha os olhos fixos no soalho. Acabava de descobrir ali algumas pétalas de rosa ainda frescas que me davam muito que pensar.

– Quem é que cultiva esse jardim? – perguntei à velha.

– É meu filho, o jardineiro do dr. Vanozzi, a quem pertence o jardim ao lado. O sr. Vanozzi está sempre na Marema,³⁷⁷ quase não vem a Roma. Eis por que o jardim não está muito bem cuidado. Meu filho anda com ele. E receio que não voltem tão cedo – acrescentou, suspirando.

– Está então muito ocupado com o sr. Vanozzi?

– Ah! É um homem esquisito, que o ocupa em muitas coisas... Receio que aconteça alguma... Oh! O meu pobre filho!

Deu um passo para a porta, como para terminar a conversa.

– Ninguém mora aqui, então? – perguntei, detendo-a.

– Ninguém.

– E por quê?

Ela deu de ombros.

– Escute – disse-lhe eu, apresentando-lhe uma piastra –, diga-me a verdade. Há uma mulher que vem aqui.

– Uma mulher, santo Deus!

– Sim, eu a vi ontem de noite. Até lhe falei.

– Santa Madona! – exclamou a velha, precipitando-se para a escada. – Era então a sra. Lucrecia? Vamos embora daqui, meu bom senhor! Bem me haviam dito que ela voltava à noite, mas eu não lhe quis dizer, para não prejudicar o proprietário, pois pensava que o senhor tinha vontade de alugar a casa.

Não me foi possível detê-la. Tinha pressa em deixar a casa, para ir acender uma vela, dizia, na igreja mais próxima.

Eu também saí e deixei-a ir, desesperançado de saber mais alguma coisa por seu intermédio.

Bem se compreende que não contei minha história no palácio Aldobrandi: a marquesa era demasiado puritana, e d. Otávio andava muito exclusivamente ocupado de política para ser de bom aviso em questões de amores. Mas fui procurar o meu pintor, que conhecia tudo em Roma, desde o cedro até o hissopo,³⁷⁸ e perguntei-lhe o que pensava do caso.

– Penso – disse ele – que viste o espectro de Lucrecia Borgia. Que perigo correste! Tão perigosa em vida, imagina só o que ela não deve ser, agora que está morta! Até dá arrepios.

– Deixando de gracejos, que quer isso dizer?

– Quer dizer que o cavalheiro é ateu e filósofo, e não acredita nas coisas mais respeitáveis. Muito bem; que diz então desta outra hipótese? Suponhamos que a velha empreste a sua casa a mulheres capazes de chamar aos que passam na rua. Já se têm visto velhas bastante ordinárias para se dedicarem a tal ofício.

– Perfeitamente – disse eu. – Mas tenho acaso o ar de um santo, para que a velha não me haja oferecido os seus serviços? Isto me ofende. E depois, meu caro, lembra-te do mobiliário da casa. Seria preciso ter o diabo no corpo para contentar-se com ele.

– Então, não há dúvida de que se trata de um fantasma. Espera! Ainda uma última hipótese. Talvez te houvesse enganado de casa. Ora! Perto de um jardim! Pequena porta baixa... Pois é a minha velha amiga Rosina. Não faz dezoito meses que ela constituía o ornamento daquela rua. É verdade que ficou zarolha, mas é um detalhe... Ainda tem um belo perfil.

Nenhuma dessas explicações me satisfazia. Na mesma noite, passei lentamente pela casa de Lucrecia. Nada vi. Tornei a passar. Nada. Três ou quatro noites seguidas, postei-me sob suas janelas, ao voltar do palácio Aldobrandi, e sempre sem sucesso. Já começava a esquecer a misteriosa habitante da casa número 13, quando,

passando cerca da meia-noite pelo *viccolo*, ouvi distintamente um risinho de mulher, por trás do postigo onde me aparecera a atiradora de flores. Duas vezes ouvi aquele riso e não pude evitar certo sentimento de terror quando, ao mesmo tempo, vi desembocar no outro extremo da rua um grupo formado de penitentes encapuzados, de velas na mão, que iam enterrar um morto. Depois que passaram, postei-me de sentinela sob o postigo, mas não ouvi mais nada. Tentei lançar pedrinhas, até chamei mais ou menos distintamente; ninguém apareceu, e uma chuva que sobreveio obrigou-me a bater em retirada.

Envergonha-me dizer quantas vezes parei diante daquela maldita casa sem que conseguisse decifrar o enigma que me atormentava. Uma única vez passei pelo *viccolo di madama Lucrezia* com d. Otávio e seu inevitável padre.

– Eis – disse eu – a casa de Lucrecia.

Vi-o mudar de cor.

– Sim – respondeu-me ele –, uma tradição popular, muito incerta, pretende que Lucrecia Borgia tenha tido aqui a sua *petite maison*.³⁷⁹ Se essas paredes pudessem falar, que de horrores não revelariam. No entanto, meu amigo, quando comparo aqueles tempos com o nosso, ponho-me a lamentá-lo. Sob Alexandre VI ainda havia romanos. Já não os há. César Borgia era um monstro, mas um grande homem.³⁸⁰ Queria expulsar os bárbaros da Itália, e, não fora a morte do pai, talvez houvesse conseguido esse grande intento. Ah! Que Deus nos dê um tirano como Borgia e nos livre desses déspotas humanos que nos embrutecem!

Quando d. Otávio se lançava às regiões políticas, era impossível detê-lo. Já estávamos na praça do Povo, e ainda não chegara ao fim o seu panegírico do despotismo esclarecido. Mas estávamos a cem léguas da minha Lucrecia.

Certa noite em que eu fora muito tarde visitar a marquesa, disse ela que o filho se achava indisposto e pediu-me que subisse ao seu quarto. Encontrei-o vestido no leito, lendo um jornal francês, que eu lhe enviara de manhã, cuidadosamente oculto num volume dos Santos Padres da Igreja. Desde algum tempo, a coleção dos Santos

Padres nos servia para essas comunicações que era preciso ocultar ao nosso padre e à marquesa. Nos dias de correio da França, traziam-me um *in-folio*. Eu devolvia o outro, no qual metia um jornal que me emprestava o secretário da embaixada. Isso dava uma alta ideia da minha devoção, à marquesa e ao seu diretor espiritual, que por vezes procurava fazer-me falar sobre teologia.

Depois de conversar algum tempo com d. Otávio, notando que ele estava muito agitado e que nem a política lhe prendia a atenção, recomendei-lhe que se despisse, e despedi-me. Fazia frio, e eu estava sem capa. D. Otávio apressou-se em emprestar-me a sua; aceitei, e fiz com que ele me desse uma lição na arte difícil de traçar o manto como um verdadeiro romano.

Saí do palácio Aldobrandi embuçado até o nariz. Apenas dera alguns passos pela calçada da praça de São Marcos, quando um homem do povo, que eu vira sentado num banco à porta do palácio, se aproximou de mim, estendendo-me um papel amarfanhado.

– Por amor de Deus – disse ele –, leia isto.

Em seguida desapareceu a correr.

Eu tomara o papel e procurava luz para o ler. À claridade de uma lâmpada acesa ante uma madona, vi que era um bilhete escrito a lápis, como parecia, com mão trêmula. Decifrei com muito trabalho as palavras seguintes:

Não venhas esta noite, ou estaremos perdidos! Sabem tudo, exceto o teu nome. Nada poderá separar-nos.

TUA LUCRÉCIA

– Lucrécia! – exclamei –, ainda Lucrécia! Que diabo de mistificação haverá no fundo disso tudo? “Não venhas.” Mas, minha bela, que caminho se toma para ir ter contigo?

Enquanto ruminava a respeito desse bilhete, ia eu tomando maquinalmente o caminho do *viccolo di madama Lucrezia*, e em breve me encontrei em frente da casa número 13.

A rua estava tão deserta como de costume, e só o ruído de meus passos perturbava o silêncio profundo que reinava na vizinhança. Parei e ergui os olhos para uma janela bem conhecida. Desta vez, não me enganava. Os postigos se abriam.

Eis a janela escancarada.

Julguei ver uma forma humana que se destacava sobre o fundo negro do quadro.

– És tu, Lucrecia? – perguntei em voz baixa.

Não me responderam, mas ouvi um estalido, cuja causa a princípio não compreendi.

– És tu, Lucrecia? – repeti, um pouco mais alto.

No mesmo instante recebi um choque terrível no peito, ouvi uma detonação, e encontrei-me estendido na calçada.

Uma voz rouca gritou-me:

– Da parte da sra. Lucrecia!

E a janela fechou-se sem rumor.

Logo me ergui cambaleando, e primeiramente me apalpei, julgando encontrar um grande buraco no meio do estômago. A capa estava furada, meu casaco também, mas a bala fora amortecida pelas pregas do pano, e de tudo só me resultara uma forte contusão.

Veio-me a ideia de que não tardaria um segundo tiro, e arrastei-me ao longo daquela casa inóspita, renteando os muros, de modo que não me pudessem visar.

Afastava-me o mais depressa que podia, quando um homem que eu não notara atrás de mim, tomou-me pelo braço e perguntou com interesse se eu não estava ferido.

Pela voz, reconheci d. Otávio. Não era momento de lhe fazer perguntas, por mais surpreso que estivesse de o ver sozinho naquela rua, a tal hora da noite. Em duas palavras, contei-lhe que acabavam de me dar um tiro de determinada janela e que só saíra com uma contusão.

– Foi um engano! – exclamou. – Mas aí vem gente. Pode andar? Eu estarei perdido se nos encontrarem juntos. Mas não o abandonarei.

Tomou-me pelo braço e arrastou-me rapidamente. Andamos, ou antes, corremos o quanto pude; mas logo me vi obrigado a sentar-me num marco para recuperar fôlego.

Felizmente nos achávamos então a pouca distância de uma grande casa onde se realizava um baile e a cuja frente havia muitos carros. D. Otávio foi buscar um, fez-me embarcar e levou-me até em casa. Depois de beber um grande copo d'água, senti-me refeito e contei-lhe pormenorizadamente tudo o que me acontecera diante daquela casa fatal, desde o presente de uma rosa até o de uma bala de chumbo.

Ouvia-me com a cabeça baixa, meio oculta na mão. Quando lhe contei o bilhete que acabava de receber, agarrou-o, leu-o sofregamente e tornou a exclamar:

– Foi um engano! Um terrível engano!

– Há de convir, meu caro – disse-lhe eu –, que é um engano tão desagradável para mim como para você. Quase me matam e fazem dez ou doze buracos na sua bela capa. Benza-nos Deus! Que ciumentos são os seus patrícios!

D. Otávio apertava-me a mão com ar desolado e relia o bilhete sem me responder.

– Trate de me dar qualquer explicação de toda essa história – disse-lhe eu. – O diabo me carregue se compreendo alguma coisa!

Ele deu de ombros.

– Pelo menos – disse-lhe –, que devo fazer? A quem devo dirigir-me, na sua santa cidade, para ajustar contas com esse cavalheiro que atira nos passantes sem ao menos lhes perguntar como se chamam. Confesso que ficaria encantado de o mandar para a forca.

– Não faça isso! – exclamou ele. – Você não conhece este país. Não conte nada a ninguém do que lhe aconteceu. Você assim se arriscaria muito.

– Como! Eu me arriscaria? Mas que diabo! Quero tirar a minha vingança. Se eu tivesse ofendido ao maroto, não digo nada; mas, por haver apanhado uma rosa..., confesso, em sã consciência, que não mereço uma bala.

– Deixe-me agir – disse d. Otávio –, talvez eu consiga esclarecer esse mistério. Mas peço-lhe como um favor, como uma prova da amizade que me dedica, que não fale disso a ninguém no mundo. [Promete?]

Tinha um ar tão triste ao suplicar-me, que não tive coragem de lhe resistir e prometi-lhe tudo o que quis. Agradeceu-me efusivamente e, depois de me haver aplicado no peito uma compressa de água-de-colônia, apertou-me a mão e despediu-se.

– A propósito – perguntei-lhe quando ele abria a porta para sair –, como é que você se encontrava ali, justamente a ponto para me socorrer?

– Ouvi o tiro – respondeu, não sem algum embaraço –, e saí em seguida, temendo que lhe acontecesse alguma coisa.

Deixou-me precipitadamente, depois de me haver de novo recomendado segredo.

De manhã um cirurgião, sem dúvida enviado por d. Otávio, veio visitar-me. Prescreveu-me uma cataplasma, mas não me fez nenhuma pergunta sobre a causa que mesclara violetas aos lírios da minha pele. Em Roma se é discreto e eu quis acomodar-me aos costumes do país.

Passaram-se alguns dias sem que pudesse conversar livremente com d. Otávio. Ele andava preocupado, ainda mais sombrio que de costume; aliás, parecia evitar minhas perguntas. Durante os raros momentos que passei com ele, não me disse uma só palavra sobre os estranhos hóspedes do *viccolo di madama Lucrezia*. Aproximava-se a época marcada para a cerimônia de sua ordenação, e atribuí-lhe a melancolia à sua repugnância pela profissão que o obrigavam a abraçar.

Quanto a mim, preparava-me para deixar Roma por Florença. Quando anunciei minha partida à marquesa Aldobrandi, d. Otávio

pediu-me, sob um pretexto qualquer, que subisse até seu quarto.

E ali, tomando-me as duas mãos:

– Meu caro amigo, se não me conceder o favor que lhe vou pedir, certamente meterei uma bala na cabeça, pois não tenho outro meio de sair desta situação. Estou absolutamente decidido a jamais vestir o maldito hábito que querem fazer-me usar. Quero fugir deste país. O que lhe peço é que você me leve consigo. Faça-me passar por seu criado. Basta acrescentar uma palavra a seu passaporte para facilitar minha fuga.

Tentei a princípio dissuadi-lo desse intento, falando-lhe do desgosto que ia causar a sua mãe; mas, vendo-o inabalável na sua resolução, acabei por lhe prometer levá-lo comigo e fazer, para isso, os necessários arranjos em meu passaporte.

– Não é só isso – disse ele. – Minha partida depende ainda do sucesso de uma empreitada em que estou empenhado. Você pretende partir depois de amanhã. Depois de amanhã talvez eu tenha resolvido tudo, e então estarei inteiramente a seu dispor.

– Seria você tão louco – perguntei-lhe, não sem inquietude – para se meter nalguma conspiração?

– Não – respondeu ele –, trata-se de interesses menos graves que a sorte de minha pátria, bastante graves, no entanto, para que do sucesso de minha empresa dependa a minha vida e a minha felicidade. Não lhe posso dizer mais, por enquanto. Daqui a dois dias, você saberá tudo.

Começava a habituar-me ao mistério; resignei-me. Ficou combinado que partiríamos às três da madrugada, só nos detendo depois de alcançar o território toscano.

Persuadido de que era inútil deitar-me, tendo de partir tão cedo, empreguei a última noite que devia passar em Roma visitando todas as casas onde fora recebido. Fui despedir-me da marquesa e, oficialmente e *pro forma*, apertar a mão a seu filho. Senti que sua mão tremia. Ele disse-me baixinho:

– Neste instante, a minha vida está sendo jogada a cara ou coroa. Ao chegar a seu hotel, encontrará uma carta minha. Se às três horas

em ponto eu não estiver a seu lado, não me espere mais.

Impressionou-me a alteração de seus traços; mas atribuí tal coisa a uma emoção muito natural da sua parte, no momento em que, talvez para sempre, ia separar-se da família.

Mais ou menos à uma hora, voltei para o hotel. Quis passar mais uma vez pelo *viccolo di madama Lucrezia*. Qualquer coisa de branco pendia da janela onde eu vira duas aparições tão diferentes. Aproximei-me com precaução. Era uma corda de nós. Seria um convite para ir despedir-me da *signora*? Bem o parecia, e a tentação era forte. No entretanto, não lhe cedi, lembrando-me da promessa feita a d. Otávio, e também, cumpre dizê-lo, da recepção desagradável que uma temeridade muito menor me acarretara alguns dias antes.

Proseguí meu caminho, mas lentamente, desolado por perder a última ocasião de penetrar nos mistérios da casa número 13. A cada passo, voltava a cabeça, sempre esperando ver alguma forma humana subir ou descer pela corda. Nada aparecia. Atingi enfim a extremidade do *viccolo*; ia entrar no Corso.

– Adeus, sra. Lucrécia – disse eu, tirando o chapéu para a casa que ainda avistava –, queira procurar um outro, que não eu, para vingar-se do ciumento que a mantém prisioneira.

Batia duas horas quando entrei no meu hotel. O carro estava no pátio, com as bagagens. Um dos empregados do hotel entregou-me uma carta. Era a de d. Otávio e, como me parecia longa, achei melhor lê-la no quarto, e pedi ao empregado que me alumiasse o caminho.

– O criado que o senhor nos anunciou – disse ele –, aquele que devia viajar em sua companhia...

– E então, já veio?

– Não, senhor...

– Está na porta; virá com os cavalos.

– Senhor, chegou há pouco uma dama que pediu para falar com o seu criado. Fez questão de subir aos seus aposentos e encarregou-

me de dizer ao criado, logo que chegasse, que a sra. Lucrecia se achava em seu quarto.

– Em meu quarto? – exclamei, apertando com força o corrimão da escada.

– Sim, senhor. E parece que ela também vai partir, pois me entregou um pacote; coloquei-o na mala.

O coração batia-me fortemente. Não sei que mescla de terror supersticioso e de curiosidade se apoderara de mim. Subi a escada degrau por degrau. Chegado ao primeiro andar (eu morava no segundo), o criado que me precedia tropeçou e a vela que trazia na mão caiu e apagou-se. Desfez-se em desculpas e desceu para tornar a acendê-la. Enquanto isto, eu continuava a subir.

Já tinha a mão no trinco de minha porta. Hesitava. Que nova visão iria oferecer-se a mim? Mais de uma vez, no escuro, me viera à lembrança a história da monja ensanguentada. Estaria eu possuído de um demônio, como d. Alonso? Pareceu-me que o empregado tardava horrivelmente.³⁸¹

Abri a porta. Graças a Deus! Havia luz em meu quarto de dormir. Atravessei rapidamente a saleta que o precedia. Um simples olhar bastou para ver que não havia ninguém em meu quarto. Mas em seguida ouvi, às minhas costas, passos leves e o roçar de um vestido. Creio que meus cabelos se eriçavam na cabeça. Voltei-me bruscamente.

Uma mulher vestida de branco, com a cabeça coberta de uma mantilha negra, avançava com os braços estendidos.

– Eis-te enfim, meu bem-amado! – exclamou, tomando-me a mão.

A sua era fria como o gelo, e suas faces tinham a palidez da morte. Recuei até a parede.

– Santa Madona, não é ele!... Ah! O senhor é o amigo de d. Otávio?

A estas palavras, tudo ficou explicado. A jovem, apesar da palidez, não tinha absolutamente um ar de espectro. Baixava os olhos, o que os fantasmas nunca fazem, e tinha as mãos cruzadas à

altura da cintura, atitude modesta, que me fez crer que meu amigo d. Otávio não era tão grande político como eu o imaginava. Em suma, já era tempo de raptar Lucrecia e, por desgracia, o lugar de confidente era o único que me estava destinado naquela aventura.

Um momento depois, chegava d. Otávio, disfarçado. Vieram os cavalos, e nós partimos. Lucrecia não tinha passaporte, mas uma mulher, e uma linda mulher, não desperta suspeitas. Um gendarme, no entanto, se fez de difícil. Disse-lhe que ele era um bravo e que certamente servira nas forças do grande Napoleão. O homem assentiu. Presenteei-o com um retrato, de ouro, daquele grande homem, e disse-lhe que era hábito meu viajar com uma *amica*, para me fazer companhia e que, em vista de as trocar seguidamente, julgava inútil inscrevê-las em meu passaporte.

– Esta aqui – acrescentei –, me leva até a próxima cidade. Disseram-me que eu lá encontraria outras.

– Esta, o senhor faria mal em trocá-la – disse-me o gendarme, fechando respeitosamente a portinhola.

Se devo contar-lhe tudo, minha senhora, aquele traidor de d. Otávio travara relações com essa amável criatura, que era irmã de certo Vanozzi, rico cultivador, malvisto, como um pouco liberal e muito dado a contrabando. D. Otávio bem sabia que, mesmo que a família não o destinasse à Igreja, jamais consentiria em deixá-lo desposar uma moça de condição tão inferior à sua.

O amor é inventivo. O discípulo do padre Negroni conseguiu estabelecer uma correspondência secreta com a sua bem-amada. Todas as noites, escapava-se do palácio Aldobrandi e, como lhe seria pouco seguro escalar a casa de Vanozzi, os dois amantes se encontravam na da sra. Lucrecia, cuja má reputação os protegia. Uma pequena porta oculta por uma figueira punha em comunicação os dois jardins. Jovens e apaixonados, Lucrecia e Otávio não se queixavam da insuficiência de seu mobiliário, que se reduzia, creio já tê-lo dito, a uma velha poltrona de couro.

Uma noite em que esperava d. Otávio, Lucrecia me tomou por ele e atirou-me a rosa. É verdade que havia alguma semelhança de talhe e porte entre mim e d. Otávio, e alguns maldizentes, que

tinham conhecido meu pai em Roma, afirmavam que havia razões para tal. Aconteceu que o maldito irmão descobriu a intriga; mas suas ameaças não conseguiram obrigar Lucrecia a revelar o nome de seu sedutor. Sabe-se qual foi a sua vingança, e como pensei pagar por todos. Inútil contar-vos como os dois amantes, cada um por seu lado, escapuliram de casa.

Conclusão. Chegamos os três a Florença. D. Otávio desposou Lucrecia e partiu em seguida com ela para Paris. Meu pai lhe fez a mesma acolhida que eu recebera da marquesa. Encarregou-se de negociar a reconciliação, o que conseguiu com não pequena dificuldade. O marquês Aldobrandi pegou, muito a propósito, a febre da Marema,³⁸² de que morreu. Otávio herdou-lhe o título e a fortuna, e eu sou padrinho de seu primeiro filho.

367. "A viela da sra. Lucrecia", em italiano no original. Note-se que em italiano a palavra "*vicolo*" só tem um c. (N. do T.)

368. Lucrecia Borgia (1480-1519), irmã do déspota italiano César Borgia, conhecida por sua beleza e crueldade. Exceto por seus três casamentos com homens de poder – todos relacionados a alianças políticas dos Borgia encabeçadas por seu pai, o papa Alexandre VI, resultando, no que toca aos dois primeiros, fatais aos cônjuges –, pouco se sabe de sua participação direta e ativa nos meandros da alta política italiana. Quanto à obra em questão, o único retrato conhecido de Lucrecia Borgia produzido por Leonardo da Vinci (em 1498) não segue as características descritas por Mérimée. É possível que se trate de alguma atribuição.

369. Região da Itália ao norte da capital, Roma, e correspondente ao sudeste do atual território de Emilia-Romagna. Historicamente, suas fronteiras são os Apeninos a sudoeste, o Adriático a leste, e os rios Reno e Sillaro a norte e oeste.

370. Imperatriz Agripina, ou Agripina Menor (15/16-59 d.C.), foi a quarta mulher do imperador Cláudio (seu tio), irmã de Calígula e mãe de Nero. Consta que tenha sido dominadora e violenta; conspirou de todas as formas para que Nero se sobrepusesse aos demais herdeiros do trono romano. Agripina sucedeu Messalina (17-48 d.C.), terceira mulher de Cláudio, que fora executada após tramar com outros conspiradores a morte do imperador; contudo, entrou para a posteridade por sua reconhecida promiscuidade.

371. A via del Corso é uma das mais importantes ruas do centro de Roma, ligando em linha reta a piazza Venezia à piazza del Popolo.

372. Referência às vitórias francesas durante o período napoleônico.

373. Bartolo e Rosina são personagens da comédia *O barbeiro de Sevilha* (1775), de Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais, posteriormente transformada em ópera por Gioacchino Rossini. Bartolo é tutor da jovem Rosina e deseja desposá-la.

374. O paulo era a moeda do Estado Pontifical. (N. do T.)

375. Alexandre III da Macedônia, mais conhecido como Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), herdou de seu pai Filipe o reino da Macedônia e, por meio de conquistas militares, estendeu-o ao Egito e à Ásia Menor, chegando à atual região da Índia. Não consta que tenha sido pai de uma Lucrecia; seu único filho, Alexandre IV, de seu casamento com Roxane, nasceu depois da morte do pai.

376. A personagem faz confusão entre duas Lucrecias: a Bórgia (que morreu em decorrência de complicações de parto. Ver nota 368) e a dama da aristocracia romana, filha de Senador e casada com um patrício, que se matou depois de violada por Sexto Tarquínio, um dos filhos do tirano Tarquínio, o Soberbo, em VI a.C.; sua morte provocou a queda de seu pai e o início da República em Roma.

377. Marema é uma região da Toscana (ver nota 382).

378. Ver nota 71.

379. Tipo de residência construído em modelo palaciano pela aristocracia e a alta burguesia entre os sécs.XVI e XIX para fins recreativos e de veraneio.

380. Nascido Roderico Borgia, Alexandre VI (1431-1503) foi um dos papas mais controversos da história da igreja. Não demorou a impor os interesses de sua família ao papado, nomeando seus próprios filhos (frutos de um longo relacionamento com Vannozza dei Cattanei, sua principal amante) a altos postos da Igreja. Cesare Borgia (1475-1507), um deles, chegou a ser nomeado cardeal; abandonando, porém, a vida eclesiástica após o assassinato do irmão Giovanni, em 1498, herdou o poder militar deste no interior do Estado papal, no que dependeu igualmente da disposição do pai; com a morte de Alexandre, teve seus poderes bastante reduzidos. Sem o apoio papal, acabou perseguido por seu inimigo político, Ferdinando II de Aragão, o que resultou em seu aprisionamento e execução.

381. Referência ao conto "A monja ensanguentada", do autor francês Charles Nodier. No conto de Nodier, o fantasma de uma monja assassinada ocupa um dos cômodos de um castelo e conhece a paz somente quando trava contato com seu novo senhor. Mérimée recorre a uma casa cercada dos mistérios de um antigo crime para montar sua história; o gótico do conto de Nodier, porém, aparece em Mérimée apenas para a elaboração pontual da cena.

382. Nome pelo qual ficou conhecida a malária na região citada, na Toscana. Historicamente, Maremma ("l'Amara", ou "Amarga", era seu epíteto) sofreu com sucessivas epidemias de malária. A doença foi definitivamente erradicada na década de 1950.

O QUARTO AZUL

*À sra. de la Rhune*³⁸³

UM JOVEM PASSEAVA com ar agitado pelo vestíbulo de uma estação ferroviária. Tinha lunetas azuis, e embora não estivesse endefluxado, levava incessantemente o lenço ao nariz. Na mão esquerda segurava uma bolsa preta que continha, como vim a saber mais tarde, um chambre de seda e umas calças turcas.

De tempos em tempos, ia à porta de entrada, olhava para fora depois puxava o relógio e consultava o mostrador da gare. O trem só partia dali a uma hora; mas há pessoas que sempre receiam estar em atraso. O trem não era desses para gente atrasada: poucos carros de primeira. Nem a hora era das que permitem aos corretores partirem, depois de findos os negócios, para ir jantar em sua casa de campo. Quando começaram a aparecer os viajantes, um parisiense logo reconheceria, pelo seu aspecto, que se tratava de rendeiros ou pequenos comerciantes suburbanos. No entanto, todas as vezes em que uma mulher entrava na gare, todas as vezes em que um carro parava à porta, o coração do jovem de lunetas azuis inflava como um balão, os joelhos tremiam-lhe, a bolsa quase lhe escapava das mãos, e as lunetas do nariz, onde, diga-se de passagem, estavam colocadas de viés.

Muito pior foi quando, após uma longa espera, surgiu por uma porta lateral, precisamente do único ponto que não era objeto de observação contínua, uma mulher vestida de preto, com um espesso véu sobre o rosto, e que trazia na mão uma bolsa de marroquim pardo, a qual continha, como descobri mais tarde, um maravilhoso chambre e chinelas de cetim azul. A mulher e o jovem avançaram um para o outro, olhando à direita e à esquerda, nunca para a

frente. Juntaram-se, uniram as mãos e permaneceram alguns minutos sem dizer palavra, palpitantes, trêmulos, tomados de uma dessas pungentes emoções pelas quais eu daria cem anos da vida de um filósofo.

Quando encontraram forças para falar:

– Léo – disse a mulher (que eu me esqueci de informar que era moça e bonita) –, que felicidade, Léo! Eu nunca te reconheceria com essas lunetas azuis.

– Que felicidade – disse Léo. – Eu nunca te reconheceria com esse véu preto.

– Que felicidade! – tornou ela. – Tomemos depressa os nossos lugares; se o trem partisse sem nós!... (E ela apertou-lhe fortemente o braço.) Não desconfiam de nada. Estou neste momento com Clara e o marido, a caminho da sua casa de campo, onde devo apresentar-lhes minhas despedidas, amanhã. E – acrescentou, rindo e baixando a cabeça – faz uma hora que ela partiu, e amanhã... depois de ter passado a última noite com ela... (De novo lhe apertou o braço) amanhã de manhã, ela me deixará na estação, onde encontrará Úrsula, que mandei adiante, para casa de minha tia... Oh! Eu previ tudo! Tomemos as nossas passagens... É impossível que nos descubram! Oh! Se nos perguntarem nossos nomes no hotel? Já esqueci...

– Sr. e sra. Duru.

– Não. Não quero Duru. Havia na pensão um sapateiro com esse nome.

– Dumont, então?

– Daumont.

– Está bem, mas nada nos perguntarão.

Bateu o sino, abriu-se a porta da sala de espera, e a jovem sempre cuidadosamente lançou-se numa diligência³⁸⁴ com o seu companheiro. O sino bateu segunda vez; fecharam a portinhola de seu compartimento.

– Estamos sozinhos! – exclamaram com alegria.

Mas, quase no mesmo instante, um homem dos seus cinquenta anos, todo de preto, o ar grave e aborrecido, entrou no carro e acomodou-se a um canto. A locomotiva apitou e o trem pôs-se em marcha. Os dois jovens, afastados o mais possível de seu incômodo vizinho, começaram a falar-se em voz baixa e em inglês, para maior precaução.

– Senhor – disse o outro viajante na mesma língua, e com um acento britânico muito mais puro –, se têm segredos a contar, fariam bem em não os dizer em inglês diante de mim. Eu sou inglês. Lamento incomodá-los, mas no outro compartimento havia um homem sozinho, e eu tenho por princípio nunca viajar a sós com um homem... Aquele tinha uma cara de Judas. E isto poderia tentá-lo.

E mostrou sua bolsa de viagem, que lançara adiante de si, numa almofada.

– De resto, se eu não dormir, tratarei de ler. – Abriu a bolsa e retirou um cômodo barrete, que pôs à cabeça, e manteve os olhos fechados durante alguns minutos; depois abriu-os com um gesto de impaciência, tirou umas lunetas da bolsa, depois um livro grego; por fim, pôs-se a ler com muita atenção. Para tirar o livro, fora preciso remover vários objetos empilhados ao acaso. Entre outros, retirou das profundezas da bolsa um volumoso maço de notas do Banco da Inglaterra, colocou-o na banquetta à sua frente e, antes de o colocar na bolsa, mostrou-o ao jovem, perguntando-lhe se poderia trocar notas de banco em N...

– Provavelmente. Está no caminho da Inglaterra.

N... era o lugar para onde se dirigiam os dois jovens. Há em N... um pequeno hotel bastante regular, onde só se para nos sábados à noite. Diz-se que os quartos são bons. O proprietário e o pessoal não ficam bastante afastados de Paris para terem esse vício provincial. O jovem, a quem já chamei de Léo, fora fazer um reconhecimento nesse hotel, algum tempo antes, sem lunetas azuis, e pelo relatório que fizera, a sua amiga pareceu experimentar desejo de o visitar.

Ela se achava, aliás, naquele dia, em tal disposição de espírito, que as paredes de uma prisão lhe pareceriam cheias de encanto, se

ali estivesse encerrada com Léo.

Entrementes, continuava o trem a correr; o inglês lia o seu grego sem virar a cabeça para os companheiros, que conversavam tão baixo que só estando apaixonados poderiam compreender-se. Talvez não surpreenda a meus leitores dizendo que eram apaixonados em toda a força do termo e o que havia de deplorável é que não eram casados, e havia razões que se opunham a que o fossem.

Chegaram a N... O inglês desceu primeiro. Enquanto Léo ajudava a amiga a sair da diligência sem mostrar as pernas, um homem saltou para a plataforma, do compartimento vizinho. Era pálido, amarelo até, tinha os olhos fundos e injetados de sangue, e barba malfeita, sinal pelo qual muitas vezes se reconhecem os grandes criminosos. Sua roupa era limpa, mas gasta até o forro. O redingote, outrora preto, agora cinzento nas costas e nos cotovelos, estava abotoado até o queixo, provavelmente para ocultar um colete ainda em pior estado. Avançou para o inglês e, num tom humilde:

– *Uncle!* – disse ele.

– *Leave me alone, you wretch!* – exclamou o inglês, cujos olhos cinzentos se alumiam num raio de cólera.

E deu um passo para sair da estação.

– *Don't drive me to despair* – tornou o outro, num tom ao mesmo tempo lamentável e quase ameaçador.³⁸⁵

– Tenha a bondade de guardar minha bolsa por um instante – disse o velho inglês, lançando sua bolsa de viagem aos pés de Léo.

Pegou logo o braço do homem que o abordava, levou-o, ou antes, empurrou-o para um canto, onde esperava não ser ouvido, e ali lhe falou um momento num tom bastante rude ao que parecia. Depois tirou do bolso alguns papéis, amassou-os e os pôs na mão do homem que o chamara de tio. Este tomou os papéis sem agradecer e quase em seguida afastou-se, desaparecendo.

Só havia um hotel em N... Assim, não é de espantar que, passados alguns minutos, ali se tornassem a encontrar todos os personagens desta verídica história. Na França, todo viajante que tem a ventura de trazer pelo braço uma mulher bem-vestida está

certo de obter o melhor quarto em todos os hotéis; deste modo ficou estabelecido que somos a nação mais polida da Europa.

Se o quarto que deram a Léo era o melhor, seria temerário concluir que fosse excelente. Havia um grande leito de nogueira, com cortinas de chita, onde se via impressa em violeta a história mágica de Píramo e Tisbe. As paredes eram recobertas de um papel pintado, que representava uma vista de Nápoles, com muitos personagens; infelizmente, viajantes ociosos e indiscretos tinham acrescentado bigodes e cachimbos a todas as figuras masculinas e femininas; e muitas tolices em prosa e em verso, escritas a lápis, se liam sobre o céu e sobre o mar. De tal fundo pendiam várias gravuras: *Luís Filipe prestando juramento à Carta de 1830*; a *Primeira entrevista de Julie e de Saint-Preux*; a *Espera da felicidade e as Lamentações*, de Dubufe.³⁸⁶ Aquele quarto chamava-se quarto azul, porque as suas poltronas, à direita e à esquerda da lareira, eram de veludo de Utrecht dessa cor; mas fazia anos que estavam ocultas sob capas de percalina cinzenta de galões de amaranço.

Enquanto as criadas do hotel cercavam a recém-casada, oferecendo-lhe seus préstimos, Léo, que não era desprovido de bom senso, embora estivesse apaixonado, ia à cozinha encomendar o jantar. Foi-lhe preciso empregar toda a sua retórica e alguns meios de corrupção para obter a promessa de uma refeição à parte; mas grande foi o seu horror quando soube que, no refeitório principal, isto é, ao lado do seu quarto, os srs. oficiais do 3º de húsares,³⁸⁷ que iam render os senhores oficiais do 3º de caçadores em N..., deviam reunir-se com estes últimos, naquela mesma noite, para uma ceia de despedida, onde reinaria grande cordialidade. O hoteleiro jurou que, à parte a alegria natural a todos os militares franceses, os srs. húsares e os srs. caçadores eram conhecidos em toda a cidade por sua calma e bom comportamento, e que a sua vizinhança não traria o menor constrangimento para a senhora, visto que os srs. oficiais costumavam levantar-se da mesa antes da meia-noite.

Quando Léo, com essa garantia que não o preocupava mediocrementemente, se dirigia para o quarto azul, viu que o inglês ocupava o quarto ao lado do seu. A porta achava-se aberta. O

inglês, sentado a uma mesa sobre a qual estavam um copo e uma garrafa, olhava para o teto com profunda atenção, como se contasse as moscas que por ali passeavam.

– Que importa a vizinhança? – disse consigo Léo. – O inglês em breve estará bêbado, e os húsares partirão antes da meia-noite.

Ao entrar no quarto azul, seu primeiro cuidado foi verificar se as portas de comunicação estavam bem fechadas e se tinham ferrolhos. Do lado do inglês, havia porta dupla, as paredes eram espessas. Do lado dos húsares as paredes eram mais finas, mas a porta tinha fechadura e ferrolho. Afinal, constituía, contra a curiosidade, uma barreira muito mais eficaz do que as cortinas de um carro, e quanta gente não se julga isolada do mundo em um fiacre!

Certamente, a mais rica fantasia não pode imaginar felicidade mais completa que a de dois jovens apaixonados que, após uma longa espera, se acham enfim a sós, longe dos ciumentos e dos curiosos, em condições de se contarem com todo o lazer os sofrimentos passados e de saborear as delícias de uma perfeita união. Mas o diabo sempre encontra meio de lançar a sua gota de absinto na taça da felicidade.

Johnson escreveu, não em primeiro lugar, pois o tomara a um grego, que nenhum homem pode dizer: “Hoje serei feliz.”³⁸⁸ Essa verdade, reconhecida em época bastante remota pelos maiores filósofos, é ainda ignorada por certo número de mortais e singularmente pela maioria dos amorosos.

Enquanto mediocrementemente jantavam, no quarto azul, alguns pratos subtraídos ao banquete dos caçadores e húsares, Léo e sua amiga muito tiveram de sofrer com a conversa a que se entregavam tais senhores na sala próxima. Tratavam de coisas estranhas à estratégia e à tática, e que me guardarei de transcrever.

Era uma série de histórias extravagantes, quase todas muito apimentadas, e acompanhadas de risos estrepitosos, nas quais dificilmente os nossos amantes não tomavam parte. A amiga de Léo não era uma puritana; mas há coisas desagradáveis de ouvir, mesmo em companhia do homem a quem se ama. A situação tornava-se

cada vez mais embaraçosa e, quando iam trazer a sobremesa dos srs. oficiais, Léo julgou que deveria descer à cozinha e pedir ao hoteleiro que informasse aqueles senhores de que havia uma mulher doente no quarto ao lado, e que era de esperar do seu cavalheirismo que fizessem um pouco menos de barulho.

O hoteleiro, como acontece em jantares de tropas, estava atrapalhadíssimo e não sabia a quem responder. No momento em que Léo lhe dava seu recado para os oficiais, um garçom lhe pedira champanha para os húsares, e uma criada vinho do Porto para o inglês.

– Disse-lhe que não havia – acrescentou ela.

– Idiota. Aqui temos todos os vinhos. Vou conseguir-lhe o Porto! Traze-me uma garrafa de ratafia, outra de vinho de quinze soldos, e um garrafão de aguardente.

Depois de fabricarem vinho do Porto num passe de mágica, o hoteleiro entrou no salão de honra e transmitiu o recado que Léo acabava de mandar-lhes, o que provocou a princípio uma furiosa tempestade.

Depois, uma voz de baixo que dominava todas as outras perguntou que espécie de mulher era a sua vizinha. [Fez-se uma espécie de silêncio. O hoteleiro respondeu:]

– Palavra! Senhores, não sei bem o que lhes diga. É muito agradável e tímida. Maria Joana diz que ela usa aliança. Talvez seja uma recém-casada, que vem aqui para noivar, como às vezes acontece.

– Uma recém-casada! – exclamaram quarenta vozes. – É preciso que ela venha brindar conosco! Nós vamos beber à sua saúde, e ensinar ao marido os seus deveres conjugais!

A estas palavras, ouviu-se um grande rumor de esporas, e nossos amantes estremeceram, pensando que seu quarto ia ser tomado de assalto. Mas de súbito ergue-se uma voz que faz parar o movimento. Era evidentemente um superior que falava. Censurou aos oficiais a sua impolidez e intimou-os a sentar-se e falar decentemente e sem gritar. Depois acrescentou algumas palavras em voz muito baixa que

não puderam ser ouvidas no quarto azul. Foram escutadas com deferência, não sem despertar, todavia, certa hilaridade contida. Desde então, houve na sala dos oficiais um relativo silêncio, e nossos amantes, bendizendo o império salutar da disciplina, começaram a falar com mais abandono... Mas, depois de tanto barulho, era preciso tempo para voltar às ternas emoções, que a inquietude, os incômodos da viagem, e sobretudo a bulhenta alegria de seus vizinhos haviam fortemente perturbado. Na sua idade, entretanto, a coisa não é muito difícil, e em seguida esqueceram todos os dissabores da aventureira expedição para só pensarem no mais importante de seus resultados...

Julgavam-se de paz firmada com os húsares; mas, ai! Não era mais que uma trégua. No momento em que menos o esperavam, quando estavam a mil léguas deste mundo sublunar eis que vinte e quatro cornetas, sustentadas por alguns trombones, tocam a conhecida marcha dos soldados franceses: "A vitória é nossa!" Como resistir a tal tempestade? Eram de lastimar, os pobres amantes.

DE LASTIMAR, mas não muito, pois afinal os oficiais deixaram o salão, desfilando diante da porta do quarto azul, com um grande tilintar de espadas e de esporas, gritando um após outro:

– Boa noite, sra. noiva!

Depois, cessou todo ruído. Engano-me, o inglês saiu para o corredor e gritou:

– Garçom! Traga-me outra garrafa do mesmo Porto.

A calma estava restabelecida no hotel de N... Era uma noite fresca, de plenilúnio. Desde tempos imemoriais que os amantes se comprazem em contemplar nosso satélite. Léo e sua amiga abriram a janela, que dava para um pequeno jardim, e aspiraram com prazer o ar fresco e perfumado pelas clematites.

Mas não permaneceram ali por muito tempo. Um homem passeava pelo jardim, de cabeça baixa, braços cruzados, um charuto à boca. Léo julgou reconhecer o sobrinho do inglês que gostava do bom vinho do Porto.

ODEIO OS DETALHES INÚTEIS e, de resto, não me creio obrigado a dizer ao leitor tudo o que ele pode facilmente imaginar, nem a contar, hora por hora, tudo quanto se passou no hotel de N... Direi pois que a vela que ardia sobre a lareira apagada do quarto azul já se consumira além da metade, quando, no apartamento do inglês, antes silencioso, se ouviu um ruído estranho, como o que produziria um corpo pesado ao cair. A esse ruído, mesclou-se uma espécie de estalo não menos estranho, seguido de um grito abafado e algumas palavras indistintas, semelhantes a uma imprecação. Os dois jovens habitantes do quarto azul estremeceram. Talvez tivessem sido acordados em sobressalto. Tanto a um como a outro, aquele ruído, que não conseguiam explicar, causara uma impressão quase sinistra.

– É o nosso inglês que está sonhando – disse Léo, esforçando-se por sorrir.

Mas queria tranquilizar a companheira, e estremeceu involuntariamente. Dois ou três minutos depois, abriu-se uma porta do corredor, com precaução, como parecia; depois se fechou suavemente. Ouviu-se um passo lento e inseguro que, segundo parecia, procurava dissimular-se.

– Maldito albergue! – exclamou Léo.

– Ah! É o paraíso!... – respondeu a jovem, deixando tombar a cabeça sobre o ombro de Léo. – Eu morro de sono...

Suspirou e readormeceu quase em seguida.

Disse um moralista ilustre que os homens nunca são tagarelas quando nada mais têm a pedir. Não nos espantemos, pois, se Léo não fez nenhuma outra tentativa para reatar a conversação, ou dissertar sobre os ruídos do hotel de N... Mau grado seu, estava preocupado com aqueles ruídos, e sua imaginação lhes ligava inúmeras circunstâncias a que não teria dado a mínima atenção, se outro fora o seu estado de espírito. Voltava-lhe à memória a figura sinistra do sobrinho do inglês. Havia ódio no olhar que ele lançara ao tio, embora lhe falasse com humildade, sem dúvida porque lhe pedia dinheiro.

Haveria coisa mais fácil para um homem ainda jovem e vigoroso, e ainda por cima desesperado, que saltar do jardim para a janela do quarto vizinho? Aliás, estava ele parando no hotel, visto que passeava à noite pelo jardim. Talvez... provavelmente até... indubitavelmente, sabia que a bolsa preta do tio continha um grande maço de notas de banco... E aquele golpe surdo, como um golpe de maça sobre um crânio calvo!... Aquele grito abafado!... Aquela praga terrível! E aqueles passos depois! O tal sobrinho tinha cara de assassino... Mas não se mata ninguém num hotel cheio de oficiais. Decerto o inglês aferrolhara prudentemente a porta, ainda mais sabendo da proximidade do sobrinho... Que desconfiava deste, não havia dúvida, pois não quisera abordá-lo com a bolsa na mão... Por que entregar-se a pensamentos horríveis quando se é tão feliz?

Eis o que Léo dizia mentalmente. Em meio de seus pensamentos, que não procurarei analisar com mais detença e que se lhe apresentavam tão confusos como as visões de um sonho, tinha ele os olhos maquinalmente fixos na porta de comunicação entre o quarto azul e o do inglês.

Na França, as portas fecham mal. Entre aquela e o soalho, havia um intervalo de dois centímetros no mínimo. De súbito, naquele intervalo, apenas alumado pelo reflexo do soalho, apareceu alguma coisa escura e plana, semelhante a uma lâmina de faca, pois a borda, batida pela luz da vela, apresentava uma tênue linha, muito brilhante. Aquilo se movia devagar na direção de uma pequena chinela de cetim azul, indiscretamente lançada a pouca distância da porta. Seria algum inseto como uma centopeia?... Não, não é um inseto. Aquilo não tem forma determinada... Duas ou três raias escuras, cada qual com a sua linha e luz nas bordas, penetravam no quarto. Seu movimento acelera-se, graças à inclinação do soalho... Avançou rapidamente, veio roçar na pequena chinela. Não há mais dúvidas! É um líquido, e esse líquido (agora distinguia-se-lhe perfeitamente a cor, à luz da vela) esse líquido era sangue! E, enquanto Léo, imóvel, olhava com horror aqueles assustadores filetes, a jovem continuava a dormir um sono tranquilo, e sua respiração regular aquecia o pescoço e o ombro do amante.

O CUIDADO QUE tivera Léo de encomendar o jantar logo de chegada ao hotel prova suficientemente que ele tinha boa cabeça, inteligência elevada e que sabia prever. Não desmentiu nessa ocasião o caráter que já se lhe pudera atribuir. Não fez um movimento, e toda a força de seu espírito se concentrou para tomar uma resolução em presença da terrível catástrofe que o ameaçava.

Imagino que a maioria de meus leitores, e principalmente de minhas leitoras, imbuídos de sentimentos heroicos, censurará nesta circunstância a conduta e a imobilidade de Léo. Deveria ele, dirão, correr ao quarto do inglês e deter o assassino, ou pelo menos puxar a sineta, chamando o pessoal do hotel. A isto responderei primeiro que, nos hotéis da França, não há sinetas senão para ornamento dos quartos e que seus cordões não correspondem a nenhum aparelho metálico. Acrescentarei respeitosamente, mas com firmeza, que, se fica mal deixar morrer um inglês a nosso lado, não é louvável sacrificar-lhe uma mulher que dorme com a cabeça em nosso ombro. Que teria acontecido se Léo provocasse um escândalo, despertando o hotel? Os gendarmes, o procurador imperial e seu escrivão chegariam em seguida. Antes de lhe perguntar o que vira ou ouvira, esses senhores são tão curiosos, por profissão, que lhe teriam dito, antes de mais nada:

– Como se chama o senhor? E seus papéis? E a senhora aqui presente? Que faziam juntos no quarto azul? Terão de comparecer ao tribunal para declarar que a tantos de tal mês, a tal hora da noite, foram testemunhas de tal fato.

Ora, foi precisamente essa ideia de procurador e pessoal da justiça que primeiro se apresentou ao espírito de Léo. Há às vezes, na vida, casos de consciência difíceis de resolver; valerá mais deixar que matem um viajante desconhecido, ou desonrar e deitar a perder a mulher a quem se ama?

– É desagradável enfrentar semelhante problema. Dou grau dez por uma solução perfeita.

Léo fez o que provavelmente muitos teriam feito em seu lugar: não se mexeu.

Com os olhos fixos na chinela azul e no riozinho vermelho que a tocava, permaneceu longo tempo como que fascinado, enquanto um suor frio lhe molhava as têmporas, e o coração lhe batia no peito como se o fosse rebentar.

Uma multidão de pensamentos e de imagens estranhas e horríveis obsedavam-no, e uma voz interior lhe bradava a cada instante: "Daqui a uma hora, saberão tudo, e a culpa foi tua." No entanto, à força de dizermos: "Que vinha eu fazer nesta galera?",³⁸⁹ acabamos por vislumbrar alguns raios de esperança. Ele afinal disse consigo:

– Se deixássemos este maldito hotel antes da descoberta do que se passou no quarto ao lado, talvez pudéssemos apagar nosso rasto. Ninguém nos conhece aqui, só me viram de lunetas azuis, e a ela só viram de véu. Estamos a dois passos de uma estação, e dentro de uma hora já estaríamos bem longe de N...

Depois, como estudara longamente o *Indicador*³⁹⁰ para organizar sua expedição, lembrou-se de que passava um trem às oito horas, rumo a Paris. Pouco depois, estariam perdidos na imensidão dessa cidade onde se ocultam tantos culpados. Quem poderia descobrir ali dois inocentes? Mas não entrariam no quarto do inglês antes das oito horas? Todo o problema se resumia nisso.

Convencido enfim de que não havia outro partido a tomar, fez um desesperado esforço para sacudir o torpor que dele se apoderava há muito, mas ao primeiro movimento que fez, sua companheira acordou-se e beijou-o estouvadamente. Ao contato de sua face gelada, ela deixou escapar um pequeno grito:

– Que tens? – perguntou-lhe inquieta. – A tua testa está fria como um mármore.

– Não é nada – respondeu ele com voz insegura. – Ouvi um ruído no quarto ao lado...

Desembaraçou-se de seus braços, afastou a chinela azul e colocou uma poltrona diante da porta de comunicação, de modo a ocultar à sua amiga o horrível líquido que, tendo deixado de espalhar-se, formava agora uma mancha bastante larga no assoalho.

Depois abriu a porta que dava para o corredor e escutou com atenção: até se atreveu a aproximar-se da porta do inglês. Já clareava o dia. Os criados tratavam dos cavalos no pátio, e, do segundo andar, um oficial descia a escada, fazendo ressoar as esporas. Ia presidir a esse interessante trabalho, mais agradável para os cavalos que para os humanos, e que em termos técnicos se denomina a aplicação da "jarreteira".

Léo voltou ao quarto azul e, com todas as precauções que pode o amor inventar, com grande reforço de circunlóquios e eufemismos, expôs à amiga a situação em que se encontrava.

Perigo em ficar; perigo em partir muito precipitadamente; perigo ainda maior em esperar no hotel que fosse descoberto o crime do quarto vizinho.

Inútil descrever o terror causado por essa comunicação, as lágrimas que se lhe seguiram, as propostas insensatas que foram lembradas; quantas vezes os dois infelizes não se lançaram aos braços um do outro, dizendo: "Perdoa-me! perdoa-me!" Cada qual se supunha o mais culpado. Prometeram morrer juntos, pois a moça não duvidava de que a justiça os considerasse culpados da morte do inglês, e, como não estavam certos de que lhes permitissem beijar-se ainda sobre o cadafalso, beijaram-se até sufocar, regando-se à vontade com suas lágrimas. Afinal, depois de terem dito muitos absurdos e muitas frases ternas e pungentes, reconheceram, em meio de mil beijos, que o plano de Léo, isto é, a partida pelo trem das oito, era na verdade o melhor e o único praticável. Mas restava-lhes ainda passar duas horas mortais. A cada passo no corredor, estremeciam de todo o corpo. Cada rangido de botas lhes anunciava a entrada do procurador imperial.

Sua pequena bagagem ficou pronta num abrir e fechar de olhos. A jovem queria queimar na lareira a chinela azul; mas Léo apanhou-a e, depois de a ter limpado no tapete, beijou-a e guardou-a em seguida no bolso. Ficou surpreso ao sentir que ela cheirava a baunilha; sua amiga usava o perfume da imperatriz Eugênia.³⁹¹

Já todo o mundo estava acordado no hotel. Ouviam-se empregados que riam, criadas que cantavam, soldados que

escovavam o uniforme dos oficiais. Acabavam de bater sete horas. Léo quis obrigar a amiga a tomar uma taça de café com leite. Ela declarou, porém, que tinha a garganta tão apertada que morreria se tentasse beber alguma coisa.

Léo, munido de suas lunetas azuis, desceu para pagar a conta. O hoteleiro pediu-lhe desculpas pelo ruído que haviam feito, e que ele não podia compreender, pois os srs. oficiais eram sempre tão quietos! Léo assegurou-lhe que nada ouvira e que havia dormido perfeitamente.

– O seu vizinho do outro lado – continuou o hoteleiro –, esse com certeza não o incomodou. Ele não faz lá muito barulho. Aposto que ainda está dormindo a sono solto.

Léo agarrou-se fortemente ao balcão para não cair, e a jovem, que quisera acompanhá-lo, agarrou-se a seu braço, cerrando o véu diante dos olhos.

– É um milorde – prosseguiu impiedosamente o hoteleiro. – Quer sempre do melhor. Ah! É um homem muito correto! Mas nem todos os ingleses são como ele. Ainda há pouco tínhamos um aqui que é um sovina. Acha tudo muito caro, o apartamento, a comida. Quis descontar-me uma nota por cento e vinte e cinco francos, uma nota do Banco da Inglaterra, de cinco libras esterlinas... Contanto que ainda seja boa!... Olhe, o senhor deve ser entendido nisso, pois o ouvi falar inglês com a senhora... E então, é boa a nota?

Assim falando, apresentava-lhe uma nota de cinco libras. Num dos ângulos havia uma pequena mancha vermelha que Léo logo adivinhou o que fosse.

– É excelente – disse ele com uma voz estrangulada.

– Oh! O senhor tem tempo de sobra – tornou o hoteleiro –, o trem só passa às oito horas, e está sempre atrasado. Queira sentar-se, minha senhora; parece fatigada...

Naquele momento, entrou uma gorda camareira, dizendo:

– Água quente, depressa, para o chá de milorde! Tragam também uma esponja. Ele quebrou a garrafa e todo o quarto ficou inundado.

A estas palavras, Léo deixou-se cair numa cadeira; sua companheira fez o mesmo. Deu-lhes forte vontade de rir, e tiveram algum trabalho para conter-se. A jovem apertou-lhe alegremente a mão.

– Decididamente – disse Léo ao hoteleiro –, só partiremos pelo trem das duas horas. Mande preparar-nos um bom almoço para o meio-dia.

383. La Rhune não é o nome de família de uma senhora, mas o de uma montanha dos Pireneus, localizada no País Basco, onde a família imperial de Napoleão III passava anualmente sua temporada de férias. Mérimée teve uma boa e longa amizade com a condessa de Montijo (ver nota 347), mantendo vivo interesse, inclusive, na educação de suas filhas em Paris. Uma delas, Eugênia, casar-se-ia com o futuro imperador francês Napoleão III, tornando-se imperatriz Eugênia. É a ela que se dedica o conto.

384. Nome que se dava nas primeiras estradas de ferro ao carro de 1ª classe.

385. Em inglês no original: “Tio”, “Deixa-me só, vagabundo!” e “Não me leve ao desespero.”

386. As gravuras remontam a três cenas, factuais e fictícias. A primeira, *Luís Filipe prestando juramento à Carta de 1830*, mostra o monarca francês ratificando a Constituição outorgada após a Revolução de 1830, que causa a queda definitiva dos Bourbon e o início de uma monarquia constitucional que perduraria até 1848. A segunda, a *Primeira entrevista de Julie e Saint-Preux*, se refere a personagens do romance *A nova Heloísa*, de Rousseau – no caso, os protagonistas Julie d’Étanger, uma jovem nobre, e seu preceptor, Saint-Preux. A terceira, por fim, se refere à simples representação de abstrações; seu autor, porém, Edouard Louis Dubufe, foi pintor e retratista oficial do imperador Napoleão III, a cujo círculo Mérimée, como amigo da família da imperatriz Eugênia, pertencia. Neste conto tão cheio de referências à imperatriz, não seria inverossímil a menção a Dubufe em tom de homenagem.

387. Hussardo, soldado da cavalaria ligeira na França e na Alemanha.

388. Samuel Johnson (1709-84) foi um dos mais importantes intelectuais e escritores do séc. XVIII inglês. Dentre seus trabalhos, constam traduções de poemas gregos e latinos para o inglês.

389. Alusão à farsa de Molière *As trapaças de Scapin*. Na peça, Geronte, o velho avarento, ao saber que deve pagar quinhentos escudos para resgatar o filho preso numa galera de piratas, exclama desesperado pela despesa: “Que ia ele fazer nessa galera?”

390. O *L'Indicateur des Flandres* é um jornal fundado em 1832 no norte da França e ainda em circulação.

391. Mais uma homenagem à família imperial. Sobre as relações entre Mérimée e a imperatriz Eugênia, ver nota 383.

LOKIS

MANUSCRITO DO PROF. WITTEMBACH

I.

– TEODORO – DISSE O sr. prof. Wittembach –, queira dar-me aquele caderno encadernado em pergaminho, na segunda prateleira, em cima da secretária; não, esse não, mas o pequeno *in-oitavo*.³⁹² Foi aqui que reuni todas as notas de meu diário de 1866, pelo menos as que se referem ao conde Szémioth.

O professor pôs os óculos, e, em meio do mais profundo silêncio, leu o que se segue: “LOKIS”, com esse provérbio lituano por epígrafe:

*Miszka su Lokiu,
Abu du tokiu.*³⁹³

Quando apareceu em Londres a primeira tradução das Santas Escrituras em língua lituana, publiquei, na *Gazeta Científica e Literária* de Koenigsberg, um artigo no qual, fazendo inteira justiça aos esforços do douto intérprete e às pias intenções da Sociedade Bíblica, julguei dever assinalar alguns pequenos erros, observando, ainda, que tal versão só poderia ser útil a uma parte das populações lituanas. Com efeito, o dialeto de que se fez uso é dificilmente inteligível aos habitantes dos distritos onde se fala a língua jomaítica, vulgarmente chamada jmude, isto é, no palatinado de Samogícia,³⁹⁴ língua que se aproxima do sânscrito ainda mais talvez do que do alto lituano. Essa observação, apesar das críticas furibundas que me atraiu da parte de certo conhecido professor da

Universidade de Dorpat, esclareceu os dignos membros do conselho administrativo da Sociedade Bíblica, que não tardou em fazer-me a lisonjeira proposta de dirigir e supervisionar a redação do Evangelho de São Mateus em samogítico. Estava então muito ocupado com os meus estudos sobre as línguas transuralianas³⁹⁵ para empreender um trabalho mais extenso que compreendesse os quatro Evangelhos. Adiado, pois, meu casamento com a srta. Gertrude Weber, dirigi-me a Kowno (Kaunas),³⁹⁶ na intenção de recolher todos os monumentos linguísticos impressos ou manuscritos em língua jmude que pudesse encontrar, sem negligenciar, está visto, as poesias populares, *dainos*, as narrativas ou lendas, *pasakos*, que me forneceria documentos para um vocabulário jomaítico, trabalho que devia necessariamente preceder o da tradução.

Tinham-me dado uma carta para o jovem conde Miguel Szémioth, cujo pai, ao que me asseguravam, possuía o famoso *Catechismus samogiticus*,³⁹⁷ pelo padre Lwicky, tão raro, que sua própria existência foi contestada, notadamente pelo professor de Dorpat a que acabo de fazer alusão. Na sua biblioteca se encontrava, segundo os informes que me deram, uma velha coleção de *dainos*,³⁹⁸ bem como de poesias na antiga língua prussiana. Tendo escrito ao conde Szémioth para lhe expor o fim de minha visita, recebi dele o mais amável convite para passar no seu castelo de Medintiltas todo o tempo que exigissem as minhas pesquisas. Terminava a carta dizendo-me da maneira mais graciosa que se ufanava de falar o jmude quase tão bem como os seus campônios, e que seria feliz em juntar seus esforços aos meus para uma empresa que qualificava de grande e interessante. Bem como alguns dos mais ricos proprietários da Lituânia, professava ele a religião evangélica, de que tenho a honra de ser ministro. Tinham-me prevenido de que o conde não era isento de certa bizarrice de caráter, muito hospitaleiro aliás, amigo das ciências e das letras, e particularmente benévolo para os que as cultivavam. Parti, pois, para Medintiltas.

Na escadaria do castelo, fui recebido pelo intendente do conde, que me conduziu em seguida ao apartamento a mim destinado.

– O sr. conde – disse ele – sente-se desolado por não poder jantar hoje com o sr. professor. Está com enxaqueca, mal a que infelizmente é um pouco sujeito. Se o sr. professor não deseja ser servido no quarto, jantará com o sr. dr. Froeber, médico da sra. condessa. O jantar é daqui a uma hora, traje comum. Se o sr. professor tem ordens a dar, eis aqui a sineta.

Retirou-se, fazendo-me uma profunda reverência.

O apartamento era vasto, bem mobiliado, com espelhos e dourados. De um lado tinha vista para o jardim, ou antes, para o parque do castelo, do outro para o grande pátio de honra. Apesar do aviso: “traje comum”, achei que deveria tirar da mala a minha casaca. Estava em mangas de camisa, ocupado em desemalar minha pequena bagagem, quando um ruído de carro me atraiu à janela que dava para o pátio. Acabava de entrar uma bela caleça. Ocupavam-na uma dama de preto, um senhor e uma mulher vestida como as camponesas lituanas, mas tão grande e tão forte que a princípio fui tentado a tomá-la por um homem disfarçado. Foi ela quem desceu primeiro; duas outras mulheres, não menos robustas em aparência, já se achavam na escadaria. O senhor inclinou-se para a dama de preto e, com grande surpresa minha, despreendeu uma larga cinta de couro que a fixava a seu lugar na caleça. Notei que aquela dama tinha longos cabelos brancos em desordem, e que seus olhos, muito abertos, pareciam inanimados: dir-se-ia uma figura de cera. Depois de a haver desatado, seu companheiro dirigiu-lhe a palavra, de chapéu na mão, com todo o respeito; mas a dama não pareceu prestar-lhe a menor atenção. Ele então se voltou para as criadas, fazendo-lhes um leve sinal de cabeça. Em seguida as três mulheres se apoderaram da dama de preto e, a despeito de seus esforços para se agarrar à caleça, carregaram-na como uma pluma, levando-a para o interior do castelo. Tal cena tinha por testemunhas vários serviçais da casa, que não pareciam ver naquilo nada de extraordinário.

O homem que dirigia a operação tirou o relógio e perguntou se iam jantar logo.

– Daqui a um quarto de hora, sr. doutor – responderam-lhe.

Não tive dificuldade em adivinhar que via o dr. Froeber e que a dama de preto era a condessa. Pela sua idade, concluí que era a mãe do conde Szémioth, e as precauções que tomavam com ela bem denotavam que seu juízo estava alterado.

Alguns instantes depois, o próprio doutor entrou em meu quarto.

– Como o sr. conde está doente – disse ele –, sou obrigado a apresentar-me a mim mesmo. Sr. professor, dr. Froeber, para servi-lo. Encantado de travar conhecimento com um sábio cujo mérito é reconhecido por todos os que leem a *Gazeta Científica e Literária*, de Koenigsberg. Desejaria que já servissem o jantar?

Respondi o melhor que pude a seus cumprimentos e disse-lhe que, se eram horas de jantar, estava pronto a acompanhá-lo.

Logo que entramos na sala de jantar, um mordomo nos apresentou, conforme os costumes do norte, uma bandeja de prata com aperitivos e algumas iguarias salgadas e fortemente condimentadas, próprias para excitar o apetite.

– Permita-me, sr. professor – disse ele –, que lhe recomende, na minha qualidade de médico, um cálice desta *starka*,³⁹⁹ verdadeira aguardente de Cognac, embarrilada há quarenta anos. É a mãe das aguardentes. Sirva-se de uma anchova de Drontheim;⁴⁰⁰ nada mais próprio para abrir e preparar o tubo digestivo, órgão dos mais importantes... Agora, para a mesa! E se falássemos alemão? O senhor é de Koenigsberg, eu de Memel, mas fiz meus estudos em Iena. Assim, ficaremos mais à vontade, e os criados, que só sabem polonês e russo, não nos compreenderão.

Comemos a princípio em silêncio, e, depois de haver tomado um primeiro copo de Madeira, perguntei se o conde era frequentemente atacado da indisposição que naquele dia nos privava da sua presença.

– Sim e não – respondeu o doutor. – Depende das excursões que ele faz.

– Como assim?

– Quando toma a estrada de Rosenie,⁴⁰¹ por exemplo, volta com enxaqueca e de mau humor.

– Eu próprio já fui a Rosienie sem que me acontecesse tal acidente.

– Isto – respondeu ele a rir – é porque o sr. professor não está apaixonado.

Eu suspirei, pensando na srta. Gertrude Weber.

– É então em Rosienie – disse eu – que mora a noiva do sr. conde.

– Sim, nos arredores. Noiva?... Sei lá! Uma verdadeira coquete, isto é o que ela é! Ainda o fará perder o juízo, como aconteceu à mãe.

– Com efeito, creio que a sra. condessa está... enferma.

– Louca, meu caro senhor, louca! E mais louco sou eu, em vir para cá!

– Esperemos que os seus bons cuidados lhe restituam a saúde.

O doutor sacudiu a cabeça, examinando atentamente a cor de um copo de Bordéus que tinha na mão.

– Tal como me vê, sr. professor, eu era cirurgião-mor no regimento de Kaluga.⁴⁰² Em Sebastopol,⁴⁰³ passávamos da manhã à noite a cortar braços e pernas; não falo das bombas que nos caíam em cima como moscas num cavalo escorchado; pois bem, mal alojado, mal alimentado como então estava, eu não me aborrecia como aqui, onde como e bebo do melhor, onde estou acomodado como um príncipe e onde sou pago como um médico de Corte... Mas a liberdade, meu caro senhor!... Imagine que com aquele demônio não se tem um momento disponível!

– Há muito que ela está confiada à sua experiência?

– Há menos de dois anos; mas faz no mínimo vinte e sete que ela está louca, desde antes do nascimento do conde. Não lhe contaram isso em Kowno? Escute, pois é um caso a respeito do qual pretendo escrever um dia um artigo para o *Jornal Médico de São Petersburgo*. Ela enlouqueceu de susto...

– De susto? Como assim?

– De um susto que passou. Pertence à família dos Keystut... Oh! Nesta casa, não fazem casamentos desiguais. Quanto a nós, descendentes de Gedymin...⁴⁰⁴ Pois três dias... ou dois dias depois do casamento, que se realizou neste castelo onde jantamos (à sua saúde, sr. professor)... o conde, o pai deste, foi à caça. As nossas damas lituanas são verdadeiras amazonas, como o senhor bem sabe. A condessa vai também à caça... Fica para trás, ou passa além dos monteiros... não sei mais... Bem! De súbito o conde vê chegar a toda disparada o pequeno cossaco da condessa, menino de doze a catorze anos.

“Um urso carregou a senhora!”, diz ele.

“Para onde?”

“Por ali.”

“O conde e toda a companhia acorreram ao lugar que ele designa! Nada de condessa! De um lado, o seu cavalo estrangulado, do outro, a sua peliça estraçalhada. Procuram, batem a mata em todos os sentidos. Afinal um monteiro gritou: ‘Olha o urso!’ Com efeito, o urso atravessava uma clareira, arrastando a condessa, sem dúvida para ir devorá-la à vontade no fundo do mato, pois esses animais são gulosos. Gostam, como os monges, de almoçar tranquilos.

“Casado de dois dias, o conde era muito cavalheiresco, e queria lançar-se sobre o urso de faca em punho. Mas um urso da Lituânia, meu caro senhor, não se deixa esfaquear como um cervo. Felizmente, o porta-arcabuz do conde, sujeito imprestável, que então se achava tão bêbado que não poderia distinguir um coelho de um cabrito, faz fogo com a sua carabina, de mais de cem passos, sem se importar se a bala atingiria o animal ou a mulher...”

– E matou o urso?

– Instantaneamente. Não há como os bêbados para essas façanhas. Há também balas predestinadas, sr. professor. Temos aqui feiticeiros que as vendem pelo que valem... A condessa estava bastante esfolada, sem sentidos, está visto, e quebrara uma perna. Transportam-na, ela volta a si; mas a razão se fora. Levam-na a São

Petersburgo. Grave conferência, quatro médicos paramentados de todas as ordens. “A sra. condessa – dizem eles – está grávida; é provável que o parto determine uma crise favorável. Que a mantenham num bom clima, no campo, soro, codeína...” Dão cem rublos a cada um. Nove meses depois, a condessa dá à luz um menino bem constituído. Mas e a crise favorável? Qual! Redobramento de fúria. O conde lhe mostra seu filho. Isso nunca deixa de produzir efeito... nos romances. “Matem-no! Matem esse animal!”, grita ela. E por pouco que não lhe torceu o pescoço. Desde então, alternativas de loucura estúpida ou de mania furiosa. Forte propensão para o suicídio. Tem-se de atá-la para que saia a tomar um pouco de ar. São precisas três vigorosas criadas para segurá-la. No entanto, sr. professor, note o seguinte: depois que gastei todo o meu latim com ela, sem conseguir que obedecesse, consegui um meio de acalmá-la. Ameaço-a de lhe cortar os cabelos. Outrora, creio que ela os tinha muito bonitos! O que é a coqueteria! Eis o último sentimento humano que lhe resta. Engraçado, não? Se eu pudesse tratá-la à minha vontade, talvez a curasse.

– Como assim?

– Espancando-a. Curei, dessa maneira, vinte camponesas, numa aldeia onde se manifestara essa furiosa loucura russa, o *uivo*;⁴⁰⁵ uma mulher põe-se a uivar, sua comadre uiva. Ao cabo de três dias, toda uma aldeia uiva. À força de as moer de pancadas, consegui curá-las. (Coma uma franguinha; são bastante tenras.) O conde nunca quis que eu tentasse.

– Como! Queria o senhor que ele consentisse o seu abominável tratamento?

– Oh! Ele conheceu tão pouco a mãe! E depois, é para bem dela; mas diga-me, sr. professor, acredita que o medo pudesse enlouquecer?

– A situação da condessa era terrível... Achar-se entre as garras de um animal tão feroz!

– Pois bem, o filho não se parece com ela. Há menos de um ano, viu-se exatamente na mesma situação, e graças a seu sangue-frio escapou milagrosamente.

– Das garras de um urso?

– De uma ursa, e a maior que se tem visto nos últimos tempos. O conde quis atacá-la de lança. Qual o quê! De um tapa ela afasta a lança, enlaça o conde e joga-o por terra tão facilmente como eu derrubaria esta garrafa. Ele, o espertalhão, finge-se de morto... A ursa fareja-o; depois, em vez de despedaçá-lo, dá-lhe uma lambidela no rosto. Ele teve a presença de espírito de não se mover, e ela seguiu adiante.

– Julgou que ele estivesse morto. Com efeito, ouvi dizer que esses animais não comem cadáveres.

– Devemos crê-lo e abstermo-nos de uma experiência pessoal. Mas, a propósito de medo, deixe-me contar-lhe uma história de Sebastopol. Éramos cinco ou seis em torno de uma bilha de cerveja que acabavam de nos trazer por detrás da ambulância do famoso bastião nº 5. A sentinela grita: “Uma bomba!” Atiramo-nos todos ao chão; não, não todos: um chamado..., mas é inútil dizer-lhe o nome..., um jovem oficial que nos acabava de chegar, permaneceu de pé, segurando o copo cheio, até o momento em que a bomba explodiu. Ela arrebatou a cabeça de meu pobre camarada André Spenski, um bravo rapaz, e quebrou a bilha; ainda bem que estava quase vazia. Quando nos erguemos após a explosão, vimos no meio da fumarada o nosso amigo, que tomava o último gole da sua cerveja, como se nada houvera acontecido. Julgamo-lo um herói. No dia seguinte, encontro o capitão Guedeonof, que teve alta no hospital. Ele me diz: “Hoje janto com vocês e, para festejar o meu regresso, pago o champanha.” Sentamo-nos à mesa. O jovem oficial da cerveja estava presente. Desarrolharam uma garrafa perto dele. Plaft! A rolha bate-lhe na têmpora. Ele solta um grito e sente-se mal. Creia que, da primeira vez, o que o meu herói teve foi um terrível medo. E, se bebeu a cerveja em vez de atirar-se ao chão, é que perdera a cabeça e não lhe restava mais que um movimento maquinal, de que ele não tinha consciência. Com efeito, sr. professor, a máquina humana...

– Sr. doutor – disse um criado, entrando na sala –, a Jdanova diz que a sra. condessa não quer comer.

– O diabo que a carregue! – resmungou o doutor. – Já vou. Depois que eu tiver feito esse demônio comer, sr. professor, poderíamos, se for do seu agrado, jogar uma partida de preferência ou *duratchki*...⁴⁰⁶

Apresentei-lhe desculpas por minha ignorância; e, depois que ele foi ver a sua cliente, recolhi-me ao quarto e escrevi para a srta. Gertrudes.

II.

A noite estava quente, e eu deixara aberta a janela que dava para o parque. Escrita que foi a carta, e não tendo ainda vontade de dormir, comecei a repassar os verbos irregulares lituanos e a procurar no sânscrito as causas de suas diferentes irregularidades. Em meio a esse trabalho que me absorvia, uma árvore bastante próxima de minha janela foi violentamente agitada. Ouvi estalarem galhos secos e pareceu-me que um animal muito pesado tentava trepar por ela. Ainda com a cabeça cheia das histórias de ursos que o doutor me contara, ergui-me, não sem nenhuma inquietação, e, a alguns passos da minha janela, dentre a folhagem da árvore, percebi uma cabeça humana, alumada em cheio pela luz de minha lâmpada. A aparição não durou mais que um instante, mas o brilho singular dos olhos que se encontraram com os meus me impressionou mais do que eu o poderia dizer. Fiz involuntariamente um gesto de recuo, depois corri à janela, e, num tom severo, perguntei ao intruso o que desejava. Entretanto, ele descia à toda pressa e, segurando-se a um galho, deixou-se pender e depois tombar por terra, desaparecendo em seguida. Toquei a sineta; veio um criado. Conte-lhe o que acabava de suceder.

- Talvez o professor se tenha enganado.
- Estou certo do que digo – tornei. – Receio que haja um ladrão no parque.
- Impossível, senhor.
- Então será alguém de casa?

O criado arregalava os olhos sem responder. Afinal me perguntou se eu não tinha alguma ordem para lhe dar. Disse-lhe que fechasse a janela e meti-me na cama.

Dormi muito bem, sem sonhar com ursos nem com ladrões. De manhã, terminava de vestir-me quando bateram à porta. Abri, e encontrei-me em face de um alto e bonito jovem, de chambre de *bukhara*⁴⁰⁷ e com um longo cachimbo turco na mão.

– Venho pedir-lhe desculpas – disse ele – por haver acolhido tão mal um hóspede como o senhor. Sou o conde Szémioth.

Apressei-me em responder que, pelo contrário, tinha de agradecer-lhe humildemente por sua magnífica hospitalidade, e perguntei-lhe se já se livrara da enxaqueca.

– Mais ou menos – disse ele. – Até uma nova crise – acrescentou com uma expressão de tristeza. – O sr. professor se acha passavelmente aqui? Queira lembrar-se de que está entre bárbaros. Não se pode ser difícil em Samogícia.

Assegurei-lhe que me achava às mil maravilhas. Enquanto lhe falava, não podia deixar de considerá-lo com uma curiosidade que eu próprio achava impertinente. Seu olhar tinha qualquer coisa de estranho que me lembrava, malgrado meu, o do homem que eu vira na véspera trepado à árvore. Seus traços eram de grande regularidade; apenas os olhos ficavam muito próximos, e pareceu-me que, de uma glândula lacrimal à outra, não havia a distância de um olho, como o exige o cânone dos escultores gregos. Seu olhar era penetrante. Nossos olhos se encontraram várias vezes, sem o querermos, e cada um de nós os desviava com certo embaraço. De súbito, o conde deu uma gargalhada e exclamou:

– O senhor me reconheceu!

– Eu? Reconheci?

– Sim, o senhor me apanhou em flagrante, ontem, a fazer de garoto.

– Oh! Sr. conde!...

– Eu passara todo o dia muito mal, encerrado em meu gabinete. À noite, achando-me melhor, pus-me a passear pelo jardim. Vi luz

em seu quarto, e cedi a um impulso de curiosidade. Deveria ter-me nomeado e apresentado, mas a situação era tão ridícula... Tive vergonha e fugi... Desculpa-me havê-lo perturbado em meio de seu trabalho?

Tudo isso era dito num tom que procurava ser facetoso; mas ele enrubescia e era evidente que não se achava à vontade. Fiz tudo o que dependia de mim para persuadi-lo de que não guardara nenhuma impressão desagradável daquele primeiro encontro, e, para cortar o assunto, perguntei-lhe se era verdade que possuía o *Catecismo samogítico* do padre Lawicki.

– Pode ser; mas, para lhe falar a verdade, não conheço muito a biblioteca de meu pai. Eu não leio senão obras modernas; mas procuraremos, sr. professor. Quer então que leiamos o Evangelho em jmute?

– Não acha, sr. conde, que seria muito de desejar uma tradução das Escrituras na língua deste país?

– Sem dúvida; no entanto, se me permite uma pequena observação, eu lhe direi que, entre as pessoas que não conhecem outra língua a não ser o jmute, não há uma só que saiba ler.

– Talvez; mas peço a Vossa Excelência⁴⁰⁸ a permissão de lhe observar que a maior das dificuldades para aprender a ler é a falta de livros. Quando os camponeses samogitas tiverem um texto impresso, hão de querer lê-lo, e aprenderão a ler... Foi o que já aconteceu a muitos selvagens..., não que eu queira aplicar essa qualificação aos habitantes daqui... Aliás – acrescentei –, não é deplorável que uma língua desapareça sem deixar vestígios? Há uns trinta anos que o prussiano não é mais que uma língua morta.⁴⁰⁹ A última pessoa que sabia o córnico⁴¹⁰ morreu o outro dia.

– Triste! – interrompeu o conde. – Alexandre de Humboldt contava a meu pai ter visto na América um papagaio que era a única criatura viva que sabia algumas palavras da língua de uma tribo totalmente dizimada pela varíola. Permite que sirvam o chá aqui?

Enquanto tomávamos chá, a conversação girou em torno da língua jmute. O conde censurava a maneira como os alemães

imprimiram o lituano, e tinha razão.

– Vosso alfabeto – dizia ele – não convém à nossa língua. Não tendes nem o nosso J, nem o nosso L, nem o nosso Y, nem o nosso E. Posso uma coleção de *dainos* publicada o ano passado em Koenigsberg, e tenho as maiores dificuldades em adivinhar as palavras, dada a estranha maneira como estão grafadas.

– Refere-se Vossa Excelência aos *dainos* de Lessner?

– Sim. E é poesia bastante vulgar, não acha?

– Talvez pudesse ter encontrado coisa melhor. Confesso que, tal como é, essa coleção só tem um interesse puramente filológico; mas creio que, procurando bem, conseguir-se-iam recolher flores mais suaves entre as vossas poesias populares.

– Oh! Duvido muito, apesar de todo o meu patriotismo.

– Há algumas semanas, deram-me em Wilno⁴¹¹ uma balada verdadeiramente bela e, ainda mais, histórica... Sua poesia é notável... Permite-me que a leia? Tenho-a aqui na carteira.

– Com muito gosto.

Mergulhou na poltrona, depois de me pedir licença para fumar.

– Só compreendo a poesia fumando – disse ele.

– Intitula-se *Os três filhos de Budrys*.

– *Os três filhos de Budrys?! – exclamou o conde, com gesto de surpresa.*

– Sim. Budrys, Vossa Excelência o sabe melhor do que eu, é uma personagem histórica.

O conde fixava em mim o seu olhar estranho. Qualquer coisa de indefinível, ao mesmo tempo tímido e bravio, que dava uma impressão quase penosa, quando não se estava habituado. Apressei-me em ler para escapar-lhe.

Os três filhos de Budrys

No pátio de seu castelo, o velho Budrys chama seus três filhos, três verdadeiros lituanos como ele, e lhes diz:

– Filhos, dai de comer a vossos cavalos de guerra, aprestai vossas selas, afiai vossas espadas e vossos dardos. Dizem que em Wilno foi declarada guerra contra os três cantos do mundo. Olgerd marchará contra os russos; Skirghello contra os nossos vizinhos poloneses; Keystut cairá sobre os teutões.⁴¹² Vós sois jovens, fortes, ousados; ide combater: que os deuses da Lituânia vos protejam! Este ano, não farei campanha, mas quero dar-vos um conselho. Sois três: três caminhos se abrem diante de vós.

Que um de vós acompanhe Olgerd à Rússia, às margens do lago Ilmen, ante os muros de Novgorod. As peles de arminho, os panos recamados ali se encontram em profusão. Com os mercadores há tantos rublos como gelos sobre o rio.

Que o segundo acompanhe Keystut na sua cavalgada. Que faça em pedaços a ralé porta-cruz! O âmbar, lá, é a sua areia das praias; seus tecidos, pelo brilho e cor, não têm igual. Há rubis nas vestes de seus sacerdotes.

Que o terceiro atravesse o Niemen com Skirghello. Do outro lado, encontrará vis instrumentos de lavoura. Em compensação, poderá escolher boas lanças, fortes escudos, e também me trará uma nora.

As raparigas da Polônia, filhos, são as mais belas das nossas cativas. Arteiras como gatas, brancas como leite! Sob os seus negros cílios, seus olhos fulgem como duas estrelas. Quando eu era jovem há um meio século, trouxe da Polônia uma bela cativa que foi minha mulher. Já não existe há muito, mas não posso olhar para esse lado da lareira sem pensar nela!

Dá sua bênção aos jovens, que já estão armados e montados! Eles partem; vem o outono, depois o inverno... Eles não voltam. Já o velho Budrys os tem por mortos.

Vem uma tormenta de neve; aproxima-se um cavaleiro, cobrindo com a sua *burka*⁴¹³ negra algum precioso fardo.

– É um saco – diz Budrys. – Está cheio de rublos de Novgorod?...⁴¹⁴

– Não, pai. Eu vos trago uma nora da Polônia.

Em meio de uma tormenta de neve, aproxima-se um cavaleiro e sua *burka* se arqueia sobre algum precioso fardo.

– Que é isso, filho? Âmbar amarelo da Alemanha?

– Não, pai. Eu vos trago uma nora da Polônia.

A neve tomba em rajadas, um cavaleiro avança ocultando sob a sua *burka* algum precioso fardo... Mas, antes que ele mostrasse a sua presa, Budrys convidou os amigos para uma terceira boda.

– Bravos! Sr. professor – exclamou o conde. – O senhor pronuncia o jmude às maravilhas; mas quem lhe comunicou essa linda *daina*?
415

– Uma moça a quem tive a honra de conhecer em Wilno, em casa da princesa Katazyna Paç.

– E chama-se...?

– A *panna*⁴¹⁶ Iwinska.

– A srta. Iulka!⁴¹⁷ – exclamou o conde. – A louquinha! Eu devia tê-lo adivinhado. Meu caro professor, o senhor sabe o jmude e todas as línguas eruditas, leu todos os velhos livros mas deixou-se mistificar por uma garota que só leu romances. Ela lhe traduziu, em jmude mais ou menos correto, uma das lindas baladas de Mickiewicz,⁴¹⁸ que o senhor não leu, porque não é mais velha do que eu. Se quiser, eu lha mostro em polonês, ou, se prefere uma excelente tradução russa, dar-lhe-ei a de Puchkin.⁴¹⁹

Confesso que permaneci interdito. Que alegria para o professor de Dorpat, se eu tivesse publicado como original a *daina* dos filhos de Budrys!

Em vez de divertir-se com o meu embaraço, o conde, com delicada polidez, apressou-se em desviar a conversação.

– Então – disse ele – o senhor conhece a srta. Iulka?

– Tive a honra de ser-lhe apresentado.

– E que pensa dela? Seja franco.

– É uma senhorita muito amável.

– Diz o senhor.

– É muito bonita.

– Hum!

– Mas como! Não tem ela os mais lindos olhos do mundo?

– Sim...

– E uma pele de uma alvura verdadeiramente extraordinária... Lembra-me um gazel persa em que um amante celebra a fineza da pele de sua amante. “Quando ela bebe vinho tinto – diz ele –, a

gente o vê passar ao longo da sua garganta.” A *panna* Iwinska me fez pensar nesses versos persas.

– Talvez a srta. Iulka apresente esse fenômeno; mas não sei bem se ela tem sangue nas veias... Não tem coração... É branca como a neve e fria como ela!...

Ergueu-se e passeou algum tempo pelo quarto sem falar e, como me parecia, para ocultar uma emoção; depois, estacando de súbito:

– Perdão – disse ele. – Falávamos, creio eu, de poesias populares...

– Com efeito, sr. conde.

– Afinal, deve-se convir que ela traduziu muito bem Mickiewicz... “Travessa como uma gata..., branca como o leite... seus olhos brilham como duas estrelas...” É o seu retrato. Não acha?

– Perfeitamente, sr. conde.

– E quanto a essa travessura... muito descabida sem dúvida..., a pobre menina se aborrece em casa de uma velha tia... Leva uma vida de convento.

– Em Wilno, ela frequentava a sociedade. Vi-a num baile oferecido pelos oficiais do regimento de...

– Ah! Sim, jovens oficiais, eis a sociedade que lhe convém! Rir com um, maldizer com outro, fazer coqueterias com todos... Quer ver a biblioteca de meu pai, sr. professor?

Segui-o até uma grande galeria, onde se achavam muitos livros bem encadernados, mas raramente abertos, como se podia julgar pela poeira que lhes cobria o corte superior. Imagine-se qual não foi a minha alegria quando um dos primeiros volumes que retirei de uma estante sucedeu ser o *Catechismus samogiticus*! Não pude evitar um grito de prazer. Dir-se-ia que uma misteriosa atração exerce a sua influência sem o querermos... O conde tomou o livro e, depois de folheá-lo negligentemente, escreveu sobre a guarda: “Ao sr. prof. Wittembach, oferecido por Miguel Szémioth”. Não saberia exprimir aqui o transporte de meu reconhecimento, e prometi mentalmente que, após minha morte, aquele precioso livro faria o ornamento da biblioteca da Universidade onde me graduei.

– Queira considerar essa biblioteca como seu gabinete de trabalho
– disse o conde –, o senhor aqui não será jamais perturbado.

III.

No dia seguinte, após o almoço, o conde me convidou para um passeio. Tratava-se de visitar um *kapas* (é assim que os lituanos chamam os túmulos a que os russos dão o nome de *kurgane*) muito famoso na região, porque outrora os poetas e feiticeiros, que tudo era um, ali se reuniam em certas ocasiões solenes.

– Vou ceder-lhe um cavalo bastante manso – disse ele. – Lamento não poder levá-lo de caieça. Mas o caminho por onde nos vamos meter não é nada transitável para carros.

Quanto a mim, preferia ficar na biblioteca tomando notas, mas julguei que não deveria exprimir outro desejo que não o de meu generoso hospedeiro, e aceitei.

Os cavalos esperavam-nos embaixo da escadaria; no pátio, um criado segurava um cão por uma corrente. O conde parou um instante, e, voltando-se para mim:

– O sr. professor é entendido em cães?

– Muito pouco, excelência.

– O estaroste⁴²⁰ de Zorany, onde possuo uma terra, envia-me este *épagneul*, de que diz maravilhas. Permite-me que o veja?

Chamou o criado, que lhe trouxe o cão. Era um bellissimo animal. Já familiarizado com aquele homem, o cão saltava alegremente e parecia cheio de entusiasmo mas, a alguns passos do conde, meteu a cauda entre as pernas, recuou e pareceu acometido de terror súbito. O conde acariciou-o, o que o fez uivar de modo lamentável, e depois de o considerar algum tempo com ar de entendido, declarou.

– Creio que vai ser bom. Cuidem bem dele.

– Depois montou a cavalo.

– Sr. professor – disse o conde, logo que tomamos a avenida do castelo –, acaba de ver o medo desse cão. Quis que o senhor

mesmo o testemunhasse. Na sua qualidade de sábio, deve explicar os enigmas... Por que é que os animais têm medo de mim?

– Na verdade, o sr. conde me dá a honra de me tomar por um Édipo.⁴²¹ Não passo de um pobre professor de linguística comparada. Podia ser que...

– Note – interrompeu ele – que jamais bato nos cavalos nem nos cães. Teria escrúpulos em dar uma chicotada num pobre animal que fez uma tolice sem o saber. No entanto, o senhor não poderia imaginar a aversão que inspiro aos cavalos e aos cães. Para habituá-los a mim é-me preciso duas vezes mais trabalho e duas vezes mais tempo do que a qualquer outro. Olhe, o cavalo que o senhor monta muito tempo levei para o sujeitar; agora é manso como um cordeiro.

– Creio, sr. conde, que os animais são fisionomistas e que descobrem em seguida se as pessoas a que veem pela primeira vez têm, ou não, verdadeiro gosto por eles. Suponho que o senhor não gosta dos animais senão pelos serviços que prestam; ao contrário, algumas pessoas têm natural preferência por certos animais, que no mesmo instante o percebem. Quanto a mim, por exemplo, desde a infância que tenho a predileção instintiva pelos gatos. Raramente fogem quando me aproximo para acariciá-los; jamais um gato me arranhou.

– É bem possível – disse o conde. – Com efeito, não tenho o que se chama gosto pelos animais... Não valem mais que os homens... Levo-o, sr. professor, a uma floresta onde, ainda hoje, existe florescente o império dos animais, a *matecznik*, a grande matriz, a grande fábrica dos seres. Sim, segundo as nossas tradições nacionais, ninguém lhe sondou as profundezas, ninguém pôde atingir o centro dessas matas e desses pântanos, exceto, está visto, os srs. poetas e os feiticeiros, que penetram em toda parte... Ali vivem os animais em república... ou sob um governo constitucional, não saberei dizer qual dos dois. Os leões, os ursos, os alces, os *jubrs* (são os nossos uros) todos se dão muito bem. O mamute, que lá se conserva, goza de grande consideração. É, creio eu, marechal da Dieta. Têm uma polícia muito severa e, quando acham algum animal

vicioso, é este julgado e expulso. Ele vai então de mal a pior. É obrigado a aventurar-se no país dos homens. Poucos escapam.⁴²²

– Curiosíssima lenda! – exclamei. – Mas o sr. conde me fala do urso; esse nobre animal, que César descreveu nos *Comentários* e que os reis merovíngios caçavam na floresta de Compiègne, existe realmente ainda na Lituânia, como ouvi dizer?

– Certamente. Meu pai até matou um *jubr*, com uma permissão do governo, é claro. Deve o senhor ter visto a sua cabeça no salão de honra. Eu nunca vi um *jubr* vivo, creio que são muito raros. Em compensação temos aqui lobos e ursos à vontade. É para um possível encontro com um desses senhores que eu trouxe este instrumento (e mostrava uma *tchékhole*⁴²³ circassiana que trazia a tiracolo) e meu criado traz no arção uma carabina de dois tiros.

Começávamos a penetrar na floresta. Em breve desapareceu o estreito caminho que percorríamos. A todo momento éramos obrigados a contornar enormes árvores, cujos galhos baixos nos barravam a passagem. Algumas, mortas de velhice e tombadas, nos apresentavam charcos profundos cobertos de nenúfares e de lentilhas-d'água. Mais adiante, divisávamos clareiras cuja relva brilhava como esmeraldas; mas ai de quem ali se aventurasse, pois aquela rica e enganosa vegetação oculta de ordinários abismos de lama onde cavalo e cavaleiro desapareceriam para sempre... As dificuldades do caminho haviam interrompido nossa conversação. Eu punha todo o cuidado em seguir o conde, e admirava a imperturbável sagacidade com que ele se guiava sem bússola e sempre reencontrava o rumo ideal que era preciso seguir para atingir o *kapas*. [Era visível que já caçara muito naquelas florestas selvagens.]

Avistamos afinal o *tumulus*,⁴²⁴ no centro de uma larga clareira. Era bastante elevado, e ainda reconhecível, apesar da vegetação e dos escombros. Parecia que já o tinham explorado. No cimo, encontrei os restos de uma construção de pedras, algumas das quais estavam calcinadas. Uma quantidade notável de cinza misturada a carvão, e, aqui e ali, cacos de vasos grosseiros atestavam que haviam alimentado fogo no alto do *tumulus*, durante um tempo

considerável. A acreditarmos na tradição vulgar, ter-se-iam efetuado outrora sacrifícios humanos sobre os *kapas*; mas não há religião extinta a que não tenham imputado esses ritos abomináveis, e duvido que se pudesse justificar tal opinião a respeito dos antigos lituanos com testemunhos históricos.

Descíamos o *tumulus*, o conde e eu, para pegar nossos cavalos, que tínhamos deixado do outro lado do fosso, quando vimos dirigir-se a nosso encontro uma velha que se apoiava a um bastão e carregava um cesto.

– Meus bons senhores – disse ela –, uma esmolinha pelo amor de Deus! Deem-me com que comprar um pouco de aguardente para aquecer meu pobre corpo.

O conde atirou-lhe uma moeda de prata e indagou o que fazia ela na floresta, tão longe de qualquer lugar habitado. Como única resposta, a velha mostrou-lhe o cesto que estava cheio de cogumelos. Por mais limitados que sejam os meus conhecimentos de botânica, pareceu-me que vários daqueles cogumelos pertenciam a espécies venenosas.

– Boa mulher – disse-lhe eu –, espero que você não pretenda comer isso...

– Meu senhor – respondeu a velha com um triste sorrir –, os pobres comem tudo o que o bom Deus lhes dá.

– O senhor não conhece os nossos estômagos lituanos; são forrados de lata – disse o conde. – Os nossos camponeses comem todos os cogumelos que encontram, e nem por isso deixam de passar muito bem.

– Impeça-a ao menos de provar o *agaricus necator*,⁴²⁵ que vejo no seu cesto – exclamei.

E estendi a mão para apanhar um dos cogumelos mais venenosos; mas a velha retirou vivamente o cesto.

– Cuidado! – disse ela, num tom de susto. – Eles estão guardados... *Pirkuns! Pirkuns!*

Pirkuns, diga-se de passagem, é o nome samogítico da divindade que os russos chamam *Perune*; é o Júpiter *tonans*⁴²⁶ dos eslavos. Se

fiquei surpreendido ao ouvir a velha invocar um deus do paganismo, não menor foi meu espanto ao ver os cogumelos erguerem-se. A cabeça negra de uma serpente saiu do meio deles e elevou-se um pé, ao menos, fora do cesto. Dei um salto para trás, e o conde cuspiu por cima do ombro, segundo o hábito supersticioso dos eslavos, que julgam assim desviar os malefícios, a exemplo dos antigos romanos. A velha pousou o cesto no chão e acocorou-se ao lado; depois, com a mão estendida para a serpente, pronunciou algumas palavras ininteligíveis que pareciam uma encantação. A serpente permaneceu imóvel durante um minuto; depois, enrolando-se em torno do braço descarnado da velha, desapareceu na manga do seu capote de pele de carneiro, que, com uma péssima camisa, compunha, creio eu, toda a indumentária daquela Circe lituana. A velha nos olhava com um risinho de triunfo, como um escamoteador que acaba de executar um passe difícil. Havia na sua fisionomia essa mescla de esperteza e estupidez, que não é rara entre os pretensos feiticeiros, na maioria iludidos e intrujões, ao mesmo tempo.

– Eis – disse-me o conde em alemão – uma amostra de *cor local*; uma feiticeira que encanta uma serpente, junto a um *kapas*, em presença de um sábio professor e de um ignorante gentil-homem lituano. Daria um lindo tema de quadro de gênero para o seu patrício Knauss...⁴²⁷ Não tem vontade de mandar tirar a sua sorte? Eis uma bela ocasião.

Respondi-lhe que longe de mim estava o encorajar semelhantes práticas.

– Prefiro – acrescentei – perguntar-lhe se não conhece algum detalhe sobre a curiosa tradição de que o senhor me falou.

– Boa mulher – disse eu à velha –, não ouviste falar de um cantão desta floresta onde os animais vivem em comunidade, ignorando o domínio do homem?

A velha fez um gesto afirmativo e disse, com o seu sorriso meio tolo, meio malicioso:

– Eu venho de lá. Os animais perderam o seu rei. Nobre, o leão, acaba de morrer; os animais vão escolher outro rei. Vai tu para lá, que talvez sejas rei.

– Que dizes, comadre? – exclamou o conde, a rir. – Sabes com quem estás falando? Não sabes então que o senhor é... (como diabo se diz professor em jmuude?) que o senhor é um grande sábio, um *waidelote*?⁴²⁸

A velha olhou-o com atenção.

– Enganei-me – disse ela –, tu é que deves ir para lá. Serás o rei dos animais, não ele; tu és grande, és forte, tens garras e dentes...

– Que acha dos epigramas que ela nos impinge? – disse-me o conde. – Sabes o caminho, tiazinha? – perguntou-lhe ele.

Ela indicou-lhe com a mão uma parte da floresta.

– Ah! Sim? – tornou o conde. – E o charco, como é que fazes para atravessá-lo? Saiba, sr. professor, que, para o lado que ela indica, há um charco, intransponível, um lago de lama líquida coberta de relva verde. O ano passado, um veado ferido por mim lançou-se nesse maldito pântano. Vi-o afundar lentamente, lentamente... Ao fim de dois minutos, não via mais que as suas asas; em breve tudo desapareceu; e dois de meus cães com ele.

– Mas eu não sou pesada – disse a velha, com um risinho.

– Creio que atravessas o charco sem dificuldade, num cabo de vassoura.

Um raio de cólera brilhou nos olhos da velha.

– Meu bom senhor – disse ela, retomando o tom arrastado e nasal dos mendigos –, não terias um pouco de fumo para dar a uma pobre mulher? Para ti seria melhor procurares a passagem do charco – acrescentou ela, baixando a voz – do que ires a Dowghielly.

– Dowghielly! – exclamou o conde, enrubescendo. – Que queres dizer?

Não deixei de notar que tal palavra produzia nele um singular efeito. Estava evidentemente embaraçado; baixou a cabeça e, para ocultar a perturbação, demorou-se em abrir a bolsa de fumo, suspensa ao punho de sua faca de caça.

– Não, não vás a Dowghielly – continuou a velha. – A pombinha branca não é para ti. Não é, *Pirkuns*?

Nesse momento, a cabeça da serpente saiu pela gola do velho capote e alongou-se até o ouvido da sua dona. O réptil, adestrado sem dúvida nessa manobra, movia as mandíbulas como se falasse.

– Ela diz que eu tenho razão – acrescentou a velha.

O conde lhe pôs na mão um punhado de fumo.

– Tu me conheces? – perguntou ele.

– Não, meu bom senhor.

– Eu sou proprietário de Medintiltas. Vem visitar-me um dia destes. Eu te darei fumo e aguardente.

A velha beijou-lhe a mão e afastou-se rapidamente. Num instante a perdemos de vista. O conde permaneceu pensativo, atando e desatando os cordões da bolsa, sem saber bem o que fazia.

– Sr. professor – disse-me ele após um longo silêncio –, com certeza vai zombar de mim. Essa velhaca me conhece melhor do que pretende, e o caminho que acaba de mostrar-me... Afinal de contas, não há nada de espantar em tudo isso. Sou tão conhecido aqui como o lobo branco. A velha me viu mais de uma vez na estrada do castelo de Dowghielly... Há lá uma senhorita para casar. Ela concluiu que eu estava enamorado... Depois, algum moço bonito a comprou para que ela me anunciasse má sorte... [Tudo isso salta aos olhos; no entanto... à minha revelia, as palavras dela me tocam. Quase me assustam... Ris e tendes razão...] A verdade é que eu projetava ir jantar no castelo de Dowghielly, e agora hesito... Sou um maluco! Vejamos, professor, decida o senhor. Iremos?

– Procurarei não formar opinião – disse eu, rindo. – Em matéria de casamento, nunca dou conselhos.

Tínhamos alcançado os cavalos. O conde montou, deixou tombar as rédeas, e exclamou:

– O cavalo escolherá por nós!

O cavalo não hesitou; entrou imediatamente num pequeno caminho que, depois de várias voltas, foi dar numa via férrea, e esta ia ter a Dowghielly. Meia hora depois, estávamos na escadaria do castelo.

Ao ruído que fizeram nossos cavalos, uma linda cabeça loura mostrou-se a uma janela, entre duas cortinas. Reconheci a pérfida tradutora de Mickiewicz.

– Seja bem-vindo! – disse ela. – O senhor não podia vir mais a propósito, conde Szémioth. Chega-me agora mesmo um vestido de Paris. O senhor não me reconhecerá, tão bonita ficarei.

As cortinas tornaram a fechar-se. Enquanto subia a escada, o conde dizia entre dentes:

– Decerto não era para mim que ela ia estrear esse vestido...

Apresentou-se à sra. Dowghiello, tia da *panna* Iwinska, que me acolheu polidamente e falou-me de meus últimos artigos na *Gazeta Científica e Literária* de Koenigsberg.

– O sr. professor – disse o conde – vem queixar-se da srta. Juliana, que lhe pregou uma peça.

– É uma criança, sr. professor. É preciso perdoar-lhe. Muitas vezes me desespera com as suas loucuras. Eu, aos dezesseis anos, era mais razoável do que ela aos vinte; mas é uma boa moça, no fundo, e tem todas as qualidades sólidas. É uma boa musicista, pinta flores divinamente, fala igualmente bem o francês, o alemão e o italiano. Borda...

– E faz versos jmudes! – acrescentou o conde, a rir.

– Ela é incapaz disso! – exclamou a sra. Dowghiello, a quem se teve de explicar a travessura da sobrinha.

A sra. Dowghiello era instruída e conhecia as antiguidades de seu país. Sua conversação me agradou singularmente. Lia muito as nossas revistas alemãs e tinha noções muito sãs sobre linguística. Confesso que não me apercebi do tempo que levou a srta. Iwinska para se vestir, mas pareceu longo ao conde Szémioth, que se levantava, sentava, olhava pela janela, tamborilava na vidraça como quem perde a paciência.

Afinal, passados três quartos de hora, apareceu, seguida de sua governanta francesa, a srta. Iwinska, ostentando com graça e orgulho um vestido cuja descrição exigiria conhecimentos muito superiores aos meus.

– Não estou bonita? – perguntou ela ao conde, girando lentamente sobre si mesma para que ele a visse de todos os lados.

Ela não olhava nem para o conde nem para mim, olhava para o seu vestido.

– Como, Iulka – disse a sra. Dowghiello –, não cumprimentas ao sr. professor, que tem queixas contra ti?

– Ah! Sr. professor! – exclamou a moça, fazendo um beicinho encantador. – Que fiz eu? Será que o senhor me vai pôr de castigo?

– Nós é que nos poríamos de castigo, senhorita, se nos privássemos da sua presença. Longe de mim, queixar-me; pelo contrário, felicito-me de haver sabido, graças à senhorita, que a musa lituana renasce mais brilhante do que nunca.

Ela baixou a cabeça e, tapando o rosto com as mãos, mas tendo o cuidado de não desarranjar os cabelos, disse, com o ar de uma criança que acaba de roubar doce:

– Perdoe-me, eu não o farei mais.

– Só lhe perdoarei, minha cara *pani*, depois que houver cumprido certa promessa que me fez em Wilno, em casa da princesa Katazyna Paç.

– Que promessa? – disse ela, erguendo a cabeça e rindo.

– Já se esqueceu? Prometeu-me que, se nos encontrássemos em Samogícia, me mostraria certa dança regional da qual me dizia maravilhas.

– Oh! A *russalka*! Eu sou arrebatadora na *russalka*! E eis aqui justamente o par que me é preciso.

Correu a uma mesa onde havia cadernos de música, folheou um precipitadamente, colocou-o na estante do piano e, dirigindo-se à governanta:

– Vamos, coração, *allegro presto*.⁴²⁹

E ela própria tocou o ritornelo, sem sentar-se, para indicar o movimento.

– Venha cá, conde Miguel; o senhor é muito lituano para não dançar bem a *russalka*... mas dance como um camponês,

compreende?

A sra. Dowghiello tentou chamá-la à ordem, mas em vão. O conde e eu insistimos. Ele tinha as suas razões para isso, pois o seu papel nesse passo era dos mais agradáveis, como em breve se verá.

A governanta, depois de algumas tentativas, disse que achava que poderia executar aquela espécie de valsa, por mais estranha que fosse, e a srta. Iwinska, tendo afastado algumas cadeiras e uma mesa que poderiam atrapalhá-la, pegou o seu par pela gola do casaco e levou-o para o meio da sala.

– Saiba, sr. professor, que eu sou uma *russalka* para servi-lo.

E fez uma profunda reverência.

– Uma *russalka* é uma ninfa das águas. Há *russalkas* em todos esses pântanos cheios de água negra que embelezam as nossas florestas. Não se aproxime dali! A *russalka* sai, ainda mais bonita do que eu, se é possível; e leva-o para o fundo, onde, ao que parece, ela o devora...

– Uma verdadeira sereia! – exclamei.

– Ele – continuou a srta. Iwinska, mostrando-me o conde Szémioth – é um jovem pescador, muito ingênuo, que se expõe às minhas garras e eu, para fazer durar o prazer, vou fasciná-lo, dançando um pouco em torno dele... Ah! Mas para sair bem direito, eu precisaria de uma *sarafana*.⁴³⁰ Que pena!... O senhor vai desculpar-me este vestido, que não está a caráter, que não tem cor local... Oh! E estou de sapatos! Impossível dançar a *russalka* de sapatos!... E ainda por cima de salto alto!

Ergueu a saia e, sacudindo com muita graça um lindo pezinho, com o risco de mostrar um pouco a perna, arremessou o sapato para o extremo da sala. O outro seguiu o primeiro, e ela ficou sobre o chão com as suas meias de seda.

– Pronto! – disse ela à governanta. E a dança começou.

A *russalka* põe-se a girar em torno de seu cavaleiro. Ele estende os braços para apanhá-la; ela passa por baixo e escapa-lhe. Tudo é muito gracioso, e a música tem movimento e originalidade. A figura termina quando, querendo o cavaleiro agarrar a *russalka* para lhe

dar um beijo, ela dá um salto, bate-lhe nas costas e ele tomba a seus pés como morto... Mas o conde improvisou uma variante, que consistiu em estreitar a travessa em seus braços e beijá-la deveras. A srta. Iwinska soltou um gritinho, corou muito e foi cair sobre um canapé com um ar amuado, queixando-se de que ele a apertara como um urso que era. Notei que a comparação não agradou ao conde, pois lhe recordava uma desgraça de família; sua fronte anuviou-se. Quanto a mim, agradei vivamente à srta. Iwinska e elogiei a sua dança, que me pareceu de caráter bem antigo, fazendo lembrar as danças sagradas dos gregos. Fui interrompido por um criado que anunciava o general e a princesa Veliaminof. A srta. Iwinska deu um salto do canapé a seus sapatos, enfiou-lhes às pressas os pezinhos e correu ao encontro da princesa, a quem fez seguidamente duas profundas reverências. Notei que, a cada uma delas, erguia habilmente o calcanhar dos sapatos. O general trazia dois ajudantes de ordens e, como nós, vinha para jantar. Em qualquer outro país penso que uma dona de casa ficaria um pouco embaraçada de receber ao mesmo tempo seis hóspedes inesperados e de bom apetite; mas tal é a abundância e hospitalidade das casas lituanas, que o jantar não foi retardado mais de meia hora, penso eu. Apenas, havia muitos *pâtés* quentes e frios.

IV.

O jantar foi bastante animado. O general nos forneceu detalhes interessantes sobre as línguas faladas no Cáucaso, algumas das quais são arianas e outras turanianas,⁴³¹ embora entre as diferentes populações haja notável conformidade de usos e costumes. Eu próprio fui obrigado a falar de minhas viagens, pois, tendo-me o conde Szémioth felicitado pela maneira como eu montava a cavalo, dizendo que jamais encontrara ministro ou professor que pudesse aguentar tão bem uma cavalgada como a que acabávamos de fazer, tive de explicar que, encarregado pela Sociedade Bíblica de um trabalho sobre a língua dos charruas, passara três anos e meio na República do Uruguai, quase sempre a cavalo e vivendo nos

pampas, entre os índios. Fui assim levado a contar que, tendo estado três dias perdido naquelas infindas planícies, sem água nem mantimentos, me vira obrigado a fazer como os gaúchos que me acompanhavam, isto é, a sangrar meu cavalo e a beber-lhe o sangue.

Todas as damas lançaram um grito de horror. O general observou que os *kalmuks*⁴³² faziam a mesma coisa em circunstâncias idênticas. O conde me perguntou como achara eu tal bebida.

– Moralmente – respondi-lhe –, me repugnava; mas, fisicamente, soube-me muito bem, e é a ela que devo a honra de jantar hoje aqui. Muitos europeus, quero dizer brancos, que conviveram longo tempo com os índios, habituam-se a ela, e até lhe tomam gosto. Meu excelente amigo, d. Fructuoso Rivera, presidente da República,⁴³³ raramente perde ocasião de o satisfazer. Lembra-me que um dia, indo ao Congresso em uniforme de gala, passou por um rancho onde sangravam um potro. Parou e apeou do cavalo para pedir um *chupón*, uma chupada; feito o quê, pronunciou depois um de seus mais eloquentes discursos.

– É um terrível monstro esse seu presidente! – exclamou a srta. Iwinska.

– Perdão, cara *pani* – respondi-lhe –, ele é um homem muito distinto, de espírito superior. Fala maravilhosamente várias línguas locais muito difíceis, sobretudo o charrua, por causa das inumeráveis formas que assume o verbo, segundo o seu regime direto ou indireto, e mesmo segundo as relações sociais entre as pessoas que o falam.

Ia dar alguns pormenores bastante curiosos sobre o mecanismo dos verbos charruas, mas o conde interrompeu-me para perguntar onde devia a gente sangrar o cavalo quando lhe queria beber o sangue.

– Por amor de Deus, meu caro professor – exclamou a srta. Iwinska, com um ar de terror cômico. – Não lhe diga! Ele é homem capaz de matar toda a sua cavalaria, e de comer a nós mesmos quando não tiver mais cavalos!

Ante essa saída, as damas deixaram a mesa, a rir, para irem preparar o chá e o café, enquanto fumávamos. Passado um quarto de hora, mandaram chamar o general. Queríamos acompanhá-lo todos; mas disseram que as damas só queriam um homem de cada vez. Em breve, ouvimos no salão grandes gargalhadas e palmas.

– A srta. Iulka está fazendo das suas – disse o conde.

Vieram também chamá-lo; novos risos, novos aplausos. Depois dele, foi a minha vez. Quando entrei no salão, todos os rostos haviam assumido um ar de gravidade, que não era de muito bom agouro. Eu esperava alguma cilada.

– Sr. professor – disse-me o general Veliaminof, no seu tom mais oficial –, essas damas acham que nós fizemos grande acolhida a seu champanha, e não querem admitir-nos na sua presença senão depois de uma prova. Trata-se de caminhar, com os olhos vendados, do meio do salão até aquela parede, e tocá-la com o dedo. Bem vê que a coisa é simples, basta marchar direito. Está o senhor em condições de seguir a linha reta?

– Assim o creio, sr. general.

Em seguida a srta. Iwinska me pôs um lenço nos olhos e amarrou-o com toda a força por detrás.

– O senhor está no meio da sala – disse ela –, estenda a mão... Bem! Aposto que não tocará a parede.

– Ordinário, marche! – comandou o general.

Não havia mais que cinco ou seis passos a dar. Avancei muito lentamente, convencido de que encontraria alguma corda ou tamborete, traiçoeiramente colocado em meu caminho para fazer-me tropeçar. Ouvia risos abafados, que aumentavam meu embaraço. Afinal, já me julgava bem perto da parede, quando o meu dedo, que eu estendia para a frente, afundou de súbito em qualquer coisa de frio e de viscoso. Fiz uma careta e dei um salto para trás, o que provocou uma gargalhada geral. Arranquei a venda e vi perto de mim a srta. Iwinska, segurando um pote de mel, onde eu metera o dedo, julgando tocar na parede. Meu consolo foi ver os dois

ajudantes de ordens passarem pela mesma prova, sem se portarem melhor do que eu.

Durante o resto da noite, a srta. Iwinska não cessou de dar asa a seu gênio brincalhão. Sempre zombeteira, sempre travessa, ora tomava a um, ora a outro, para objeto de suas brincadeiras. Notei no entanto que ela se dirigia mais seguidamente ao conde, que, devo dizê-lo, nunca se incomodava, e até parecia sentir prazer com as suas provocações. Pelo contrário, quando ela investia contra um dos ajudantes de ordens, o conde franzia as sobrancelhas, e eu via seus olhos brilharem com aquele sombrio ardor que tinha na realidade qualquer coisa de sinistro. “Travessa como uma gata e branca como o leite.” Parecia-me que, ao escrever estes versos, Mickiewicz quisera traçar o retrato da *panna* Iwinska.

V.

Recolhemo-nos bastante tarde. Em muitas grandes residências lituanas veem-se uma prataria magnífica, belos móveis, preciosos tapetes persas, e não há, como em nossa querida Alemanha, bons colchões de penas para oferecer a um hóspede fatigado. Rico ou pobre, gentil-homem ou camponês, um eslavo sabe muito bem dormir sobre uma prancha. O castelo de Dowghielly não fazia exceção à regra geral. No quarto para o qual fomos conduzidos, o conde e eu, só havia dois canapés forrados de marroquim. Isso não me assustou, pois em minhas viagens me sucedeu dormir sobre a terra nua, e até achei graça nas exclamações do conde a propósito da falta de civilização dos seus patrícios. Um criado nos veio tirar as botas, e trouxe-nos chambres e chinelos. O conde tirou o casaco e pôs-se a passear algum tempo em silêncio; depois, parando diante do canapé onde eu já estava deitado, perguntou-me:

- Que pensa o senhor de Iulka?
- Acho-a encantadora.
- Sim, mas é tão coquete!... Acha que ela realmente gosta daquele capitãozinho louro?

- O ajudante de ordens?... Como poderei sabê-lo?
- É um pretensioso!... Deve, pois, agradar às mulheres.
- Nego a conclusão, sr. conde. Quer que lhe diga a verdade? A srta. Iwinska pensa muito mais em agradar ao conde Szémioth que a todos os ajudantes de ordens do exército.

Ele corou sem me dar resposta; mas pareceu-me que as minhas palavras lhe haviam causado sensível prazer. Passeou mais algum tempo sem falar; e depois, olhando para o relógio:

- Palavra, faríamos bem em dormir, pois já é tarde.

Tomou o seu fuzil e a sua faca de caça, que haviam depositado em nosso quarto, e guardou-os em um armário, de que retirou a chave.

– Quer guardá-la? – disse ele, com grande surpresa minha, entregando-me a chave. – Eu poderia esquecê-la. O senhor decerto tem mais memória do que eu.

– O melhor meio de não esquecer as suas armas – disse-lhe – seria colocá-las sobre essa mesa, perto do seu sofá.

– Não... Olhe, para falar francamente, não gosto de ter armas perto de mim, quando durmo... E eis o motivo. Quando eu servia com os húsares⁴³⁴ de Grodno, dormia uma noite num quarto, em companhia de um camarada, tendo as minhas pistolas sobre uma cadeira, a meu lado. No meio da noite, fui despertado por um estampido. Eu tinha uma pistola na mão, fizera fogo, e a bala passara a duas polegadas da cabeça de meu companheiro... Nunca pude lembrar-me do sonho que tivera.

Essa anedota me inquietou um pouco. Estava bem seguro de que não receberia uma bala na cabeça; mas, quando considerava a elevada estatura, o talhe hercúleo de meu companheiro de quarto, uns braços musculosos recobertos de pelos negros, não podia deixar de reconhecer que ele estava perfeitamente em estado de me estrangular com as suas mãos, se acaso tivesse um pesadelo. Todavia, absteve-me de lhe mostrar a menor inquietação. Apenas coloquei uma lâmpada sobre a cadeira próxima de meu canapé, e pus-me a ler o *Catecismo* de Lawicki, que levava comigo. O conde

me desejou boa noite, estendeu-se no seu sofá, voltou-se cinco ou seis vezes; afinal, pareceu ter adormecido, embora estivesse enovelado como o amante de Horácio, que, encerrado num baú, toca a fronte com os joelhos encolhidos:

*... Turpi clausus in arca,
Contractum genibus tangas caput...*⁴³⁵

De tempos em tempos, suspirava com força, ou fazia ouvir uma espécie de arquejar nervoso que eu atribuía à estranha posição que tomara para dormir. Talvez uma hora assim se passou. Eu próprio já ia dormitando. Fechei o livro, e acomodava-me o melhor possível no meu leito, quando um riso estranho de meu vizinho me fez estremecer. Olhei para o conde. Tinha os olhos fechados, todo o seu corpo fremia, e de seus lábios entreabertos escapavam-se algumas palavras mal-articuladas.

– Tão fresca!... Tão branca!... O professor não sabe o que diz... O cavalo não vale nada... Que belo petisco!

Depois começou a dar dentadas no travesseiro onde repousava a cabeça e, ao mesmo tempo, soltou uma espécie de rugido tão forte que despertou.

Quanto a mim, permaneci imóvel no meu canapé, fingindo dormir. Observava-o, no entanto. Ele sentou-se, esfregou os olhos, suspirou tristemente e permaneceu perto de uma hora sem mudar de posição, absorto, como parecia, em suas reflexões. Mas eu me sentia pouco à vontade e prometi a mim mesmo nunca mais dormir ao lado do sr. conde. Afinal, porém, a fadiga triunfou da inquietação e, quando entraram de manhã em nosso quarto, dormíamos os dois a sono solto.

VI.

Depois do almoço, regressamos a Medintiltas. Encontrando-me a sós com o dr. Froeber, disse-lhe que julgava o conde enfermo, que ele

tinha sonhos terríveis, que era talvez sonâmbulo e que, nesse estado, poderia ser perigoso.

– Já me apercebi de tudo isso – disse o médico. – Com uma boa constituição atlética, ele é nervoso como uma bonita mulher. Talvez tenha herdado da mãe... Ela esteve insuportável esta manhã... Não creio muito em histórias de sustos e desejos de mulheres grávidas; mas o certo é que a condessa é maníaca, e a mania é transmissível pelo sangue...

– Mas o conde – tornei – é perfeitamente razoável; tem o espírito justo, é instruído, muito mais até do que eu esperava; gosta da leitura.

– De acordo, de acordo, meu senhor; mas muitas vezes ele é esquisito. Encerra-se às vezes durante vários dias; seguidamente põe-se a rondar de noite; lê livros incríveis..., metafísica alemã... fisiologia, que sei eu! Ainda ontem chegou um pacote de Leipzig. Quer que lhe fale com clareza? Um Hércules tem necessidade de uma Hebe.⁴³⁶ Há aqui camponesas muito bonitas... No sábado à tarde, depois do banho, a gente as tomaria por princesas... Não há uma só que não se orgulhasse de distrair o conde. Eu, na idade dele, que diabo! Não, ele não tem amante, nem se casa. Faz mal. Precitaria de um derivativo.

Como o materialismo grosseiro do doutor me chocasse até o último ponto, terminei bruscamente a conversa, dizendo que fazia votos para que o conde Szémióth encontrasse uma esposa digna dele. Não foi sem surpresa, confesso-o, que soube, pelo doutor, da inclinação do conde para os estudos filosóficos. Aquele oficial de húsares, aquele caçador apaixonado lendo metafísica alemã e ocupando-se de fisiologia era coisa que confundia as minhas ideias. O doutor no entanto dissera a verdade, o que foi confirmado no mesmo dia.

– Como explica, sr. professor – disse o conde de repente, no fim do jantar –, como explica a dualidade ou duplicidade de nossa natureza?

E, como viu que eu não compreendia perfeitamente, esclareceu:

– O senhor nunca se encontrou no alto de uma torre ou à beira de um precipício, tendo ao mesmo tempo a tentação de lançar-se no vácuo e um sentimento de terror absolutamente contrário?...

– Isto pode ser explicado por causas inteiramente físicas – disse o doutor. – Primeiro, a fadiga que se experimenta após uma marcha ascensional determina um afluxo de sangue ao cérebro, que...

– Deixemos o sangue, doutor – exclamou o conde com impaciência –, e tomemos outro exemplo. O senhor tem na mão uma arma carregada. Perto, acha-se o seu melhor amigo. Que ocorre ao senhor? A ideia de lhe meter uma bala na cabeça. O senhor tem o maior horror a um assassinato, e no entanto possui o pensamento de o praticar. Creio, senhores, que, se todos os pensamentos que nos vêm à cabeça no espaço de uma hora... creio que se todos os *seus* pensamentos, sr. professor, a quem tenho por um sábio, fossem escritos, formariam talvez um volume *in-folio*, baseado no qual não haveria um advogado que não pleiteasse com sucesso a sua interdição, ou um juiz que não o mandasse para a cadeia ou para o hospício.

– Esse juiz, sr. conde, não me condenaria decerto por haver procurado esta manhã, durante mais de uma hora, a lei misteriosa segundo a qual os verbos eslavos tomam um sentido futuro combinando-se com uma preposição; mas se por acaso tivesse eu algum outro pensamento, que prova tirar contra mim? Não sou mais senhor dos meus pensamentos que dos acidentes exteriores que nos sugerem. Pelo fato de que surgiu em mim um pensamento, não se pode concluir daí um começo de execução, nem mesmo uma resolução. Jamais tive a ideia de matar alguém, mas, se me viesse o pensamento de um assassinato, não estaria aqui a minha razão para afastá-lo?

– O senhor fala muito à vontade da razão; mas estará ela sempre aqui, como diz, para nos guiar? Para que a razão fale e se faça obedecer, é preciso reflexão, isto é, tempo e sangue-frio. Dispomos sempre de um e outro? Num combate, vejo vir em minha direção uma bala que ricocheta, desvio-me e deixo a descoberto meu amigo, pelo qual teria eu dado a vida, se tivesse tempo de refletir...

Tentei falar-lhe de nossos deveres de homens e de cristãos, da necessidade em que estamos de imitar o guerreiro da Escritura, sempre pronto para o combate; fiz-lhe ver enfim que, lutando sem cessar contra as nossas paixões, adquirimos forças novas para enfraquecê-las e dominá-las. Não consegui, receio, senão reduzi-lo ao silêncio, e ele não parecia convencido.

Permaneci ainda uns dez dias no castelo. Fiz outra visita a Dowghielly, mas não pousamos lá. Como da primeira vez, a srta. Iwinska se mostrou travessa e caprichosa como uma criança mimada. Exercia sobre o conde uma espécie de fascinação, e não duvidei de que ele estivesse profundamente apaixonado. No entanto, conhecia bem os defeitos dela e não alimentava ilusões. Sabia-a coquete, frívola, indiferente a tudo que não fosse diversão. Muitas vezes notava que ele sofria interiormente por sabê-la tão pouco razoável; mas logo que ela lhe fazia alguma pequena momice, esquecia tudo, seu rosto iluminava-se, ele irradiava alegria. Quis levar-me pela última vez a Dowghielly, na véspera de minha partida, talvez porque eu ficava a conversar com a tia enquanto ele ia passear no jardim com a sobrinha; mas eu tinha muito que trabalhar, e tive de escusar-me, por maior que fosse a sua insistência. Voltou para jantar, embora nos houvesse dito que não o esperássemos. Sentou-se à mesa, e não pôde comer. Durante toda a refeição, estive sombrio e de mau humor. De vez em quando, suas sobrancelhas se aproximavam e seus olhos tomavam uma expressão sinistra. Quando o doutor saiu para ir ter com a condessa, o conde me acompanhou até meu quarto, e disse-me tudo o que tinha no coração.

– Muito me arrependo – exclamou – de o ter deixado para ir ver aquela louquinha, que zomba de mim e só gosta de caras novas. Mas felizmente tudo está acabado entre nós, estou profundamente desgostoso e nunca mais a verei...

Passeou algum tempo de um lado para outro, como costumava; depois continuou:

– O senhor acreditou talvez que eu estivesse apaixonado por ela, não? É o que pensa esse imbecil do doutor. Não, nunca a amei. Sua

carinha risonha divertia-me... Sua pele branca dava gosto ver... Eis o que há de bom nela... a pele principalmente. De cérebro, nada. Nunca vi nela outra coisa mais que uma linda boneca, boa de olhar quando a gente se aborrece e não tem um livro novo... Sem dúvida, pode-se dizer que é uma beleza... A pele é maravilhosa!... Sr. professor, o sangue que corre sob aquela pele deve ser melhor que o de um cavalo, não?... Que pensa o senhor?...

E pôs-se a dar gargalhadas, mas aquele riso, fazia mal ouvi-lo.

Despedi-me dele no dia seguinte para continuar minhas explorações no norte do Palatinado.

VII.

Elas duraram cerca de dois meses, e posso dizer que não há aldeia na Samogícia onde eu não tenha parado e recolhido alguns documentos. Permitam-me aproveitar a ocasião para agradecer aos habitantes dessa província, e em particular aos srs. eclesiásticos, a assistência verdadeiramente solícita que emprestaram às minhas pesquisas e pelas excelentes contribuições com que enriqueceram meu dicionário.

Após uma estada de uma semana em Szawlé, propunha-me embarcar em Klaypeda (porto a que chamamos de Memel) para regressar à minha casa, quando recebi do conde Szémioth a carta seguinte, trazida por um de seus caçadores:

Sr. professor,

Permita-me escrever-lhe em alemão. Cometeria ainda mais solecismos, se lhe escrevesse em jmade, e o senhor perderia toda consideração por mim. Não sei se já tem muita, e a notícia que lhe vou comunicar talvez não contribua para aumentá-la. Sem mais preâmbulos, vou casar-me, e o senhor bem adivinhará com quem. Júpiter zomba das juras dos amorosos. Assim faz Pirkuns, nosso Júpiter samogita. É, pois, a srta. Juliana Iwinska a quem desposo no dia 8 do mês vindouro. O senhor seria o mais amável dos homens se viesse assistir à cerimônia. Todos os camponeses de Medintiltas e circunvizinhanças virão à minha casa comer alguns bois e inumeráveis porcos, e, quando estiverem bêbados, dançarão naquele prado, à direita da avenida que o senhor conhece.

Verá costumes e vestuários dignos da sua observação. Dar-me-á o maior prazer, e também a Juliana. Acrescentarei que sua recusa nos lançaria no mais triste embaraço. Sabe o senhor que pertença à comunhão evangélica, da mesma forma que minha noiva; ora, o nosso ministro, que mora a umas trinta léguas de distância, está impossibilitado de locomover-se por causa da gota e eu atrevi-me a esperar que o senhor consentiria em vir officiar em vez dele.

Creia-me, meu caro professor, seu amigo muito atento,

MIGUEL SZÉMIOTH

Abaixo, em forma de P.S., vinha o seguinte, em jmude, numa linda letra feminina:

Eu, musa da Lituânia, escrevo em jmude. É uma grande impertinência da parte de Miguel duvidar de seu consentimento. Só eu, na verdade, é que sou bastante louca para querer um rapaz como ele. O sr. professor verá, a 8 do mês próximo, uma noiva algum tanto chic. Isto agora não é jmude, é francês. Ao menos não vá cometer distrações durante a cerimônia!

Nem a carta nem o P.S. me agradaram. Achei que os noivos demonstravam uma imperdoável leviandade em ocasião tão solene. Mas como recusar? Confessarei ainda que o espetáculo anunciado não deixava de tentar-me. Dentre os gentis-homens que se reuniram no castelo de Medintiltas, esperava eu encontrar pessoas instruídas que me dessem informações úteis. Meu glossário jmude era bastante rico; mas o sentido de certo número de palavras, aprendidas da boca de camponeses rudes, aparecia-me ainda envolto em relativa obscuridade. Todas essas considerações tiveram força bastante para me induzir a atender ao pedido do conde, e respondi-lhe que estaria em Medintiltas na manhã do dia 8.

O quanto me arrependi!

VIII.

Ao entrar na avenida do castelo, avistei grande número de damas e cavalheiros em *toilette* matinal, agrupados na escadaria, ou circulando pelas alamedas do parque. O pátio estava cheio de camponeses endomingados. O castelo tinha um ar de festa; por toda

parte flores, guirlandas, bandeiras, festões. O intendente conduziu-me ao quarto que me fora preparado no andar térreo, pedindo-me desculpas por não me poder oferecer um mais bonito; mas havia tanta gente no castelo que fora impossível reservar-me o apartamento que eu ocupara em minha primeira estada, e que estava destinado à esposa do marechal da nobreza; meu novo quarto, aliás, era bastante conveniente; possuía vista para o parque, e ficava abaixo do apartamento do conde. Vesti-me às pressas para a cerimônia, enverguei a batina; mas nem o conde nem a noiva apareciam. O conde fora buscá-la em Dowghielly. Há muito que deviam ter chegado; mas a *toilette* de uma noiva não é pouca coisa, e o doutor avisava aos convidados que, como o almoço só devia realizar-se após a cerimônia religiosa, os apetites muito impacientes poderiam tomar suas precauções em certo bufete guarnecido de bolos e de toda espécie de bebidas. Notei, nessa ocasião, o quanto a espera excita a maledicência; duas mães de duas lindas moças presentes eram incansáveis em epigramas contra a noiva.

Era mais de meio-dia quando uma salva de petardos e tiros assinalava a sua chegada e, logo depois, uma caleça de gala entrou na avenida, puxada por quatro magníficos cavalos. Pela espuma que lhes cobria o peito, era fácil ver que o atraso não fora culpa deles. Só estavam na caleça a noiva, a sra. Dowghiello e o conde. Este desceu e estendeu a mão à sra. Dowghiello. E a srta. Iwinska, num gesto cheio de graça e coqueteria infantil, fez menção de ocultar-se com o xale para escapar aos olhares curiosos que a cercavam de todos os lados. No entanto, pôs-se de pé na caleça e ia tomar a mão do conde quando os cavalos, talvez assustados com a chuva de flores que os campônios lançavam sobre a noiva, talvez também tomados daquele terror que o conde Szémioth inspirava aos animais, empinaram-se, bufando; uma roda chocou-se contra a base da escadaria e, durante um instante, temeu-se um acidente. A srta. Iwinska deixou escapar um pequeno grito... Mas logo todos se tranquilizaram. Pois o conde, tomando-a nos braços, carregou-a até o alto da escadaria tão facilmente como se levasse apenas uma pomba. Aplaudíamos todos sua destreza e sua galanteria

cavalheiresca. Os camponeses davam formidáveis vivas; a noiva enrubescida ria e tremia ao mesmo tempo. O conde, que não tinha pressa alguma de soltar seu delicioso fardo, parecia triunfar, mostrando-o à multidão que o cercava...

De súbito, uma mulher de elevada estatura, pálida, magra, com as vestes em desordem, os cabelos esparsos, e todos os traços contraídos pelo terror apareceu no alto da escadaria, sem que ninguém soubesse de onde viera.

– O urso! – bradava ela com voz aguda. – O urso! Espingardas!... Ele está carregando uma mulher! Fogo! Fogo!

Era a condessa. A chegada da noiva atraía todos para a escadaria, para o pátio, ou para as janelas do castelo. As próprias mulheres que vigiavam a pobre louca haviam esquecido sua obrigação; ela escapara e, sem ser observada por ninguém, chegara até onde nos achávamos. Foi uma cena penosa. Tiveram de levá-la, apesar de seus gritos e resistência. Muitos dos convivas não sabiam de seu estado. Deram-lhes explicações. Cochicharam durante muito tempo. Todas as fisionomias estavam contristadas. – Mau agouro! – diziam os supersticiosos, e o número destes é grande na Lituânia.

A srta. Iwinska pediu cinco minutos para fazer a *toilette* e colocar o véu de noiva, operação que durou uma bela hora. Era mais do que o necessário para que as pessoas que ignoravam a doença da condessa lhe ficassem sabendo a causa e os pormenores.

Afinal, a noiva reapareceu magnificamente vestida e coberta de diamantes. Sua tia apresentou-a a todos os convidados, e, no momento de passarmos para a capela, a sra. Dowghiello, com grande surpresa minha, e na presença de todos, vibrou na face da sobrinha uma bofetada, bastante forte para fazer com que se voltassem os mais distraídos. Essa bofetada foi recebida com a mais perfeita resignação, e ninguém pareceu espantar-se; apenas, um homem de preto escreveu qualquer coisa num papel que trouxera e alguns dos assistentes lhe apuseram a assinatura com o ar mais indiferente. Foi só no fim da cerimônia que tive a chave do enigma. Se o tivesse imaginado, não deixaria de erguer-me com toda a força do meu sagrado ministério contra esse odioso costume, o qual tem

por fim estabelecer um caso de divórcio, simulando que o casamento se efetuou após violência material exercida contra uma das partes contratantes.

Depois do serviço religioso, julguei de meu dever dirigir algumas palavras ao jovem par, empenhando-me em lhes fazer ver a gravidade e santidade do compromisso que acabava de uni-los e, como ainda me pesava o descabido P.S. da srta. Iwinska, lembrei-lhe que ela entrava numa vida nova, não mais acompanhada de divertimentos e alegrias juvenis, mas cheia de deveres sérios e de graves experiências. Pareceu-me que essa parte de minha alocução impressionou bastante a noiva, bem como a todas as pessoas que conheciam a língua alemã.

Salvas de armas de fogo e gritos de alegria acolheram o cortejo ao sair da capela; depois passamos para a sala de jantar. A refeição foi magnífica, o apetite geral estava aguçado, e a princípio não se ouviu outro ruído que o das facas e garfos, mas depois, com o auxílio dos vinhos de Champagne e da Hungria, começaram a falar, a rir, e até mesmo a gritar. O brinde à noiva foi feito com todo o entusiasmo. Mal acabávamos de sentar, quando se ergueu um velho *pane*,⁴³⁷ dizendo com voz estentórea:

– Vejo com pesar que os nossos velhos costumes estão desaparecendo. Nunca os nossos pais ergueriam esse brinde em taças de cristal. Nós bebíamos no sapato da noiva, e até na sua bota; pois no meu tempo as damas usavam botas de marroquim vermelho. Mostremos, amigos, que ainda somos verdadeiros lituanos. E tu, senhora, dá-me o teu sapato.

A noiva respondeu enrubescendo, com um risinho abafado:

– Vem buscá-lo, senhor... Mas eu não farei outro tanto na tua bota.

O *pane* não se fez rogar.

Pôs-se galantemente de joelhos, descalçou-lhe um sapatinho de cetim branco, de salto vermelho, encheu-o de champanha e bebeu-o tão depressa e jeitosamente, que apenas metade do líquido lhe correu pela roupa. O sapato passou de mão em mão, e todos os

homens beberam por ele, mas não sem dificuldade. O velho gentil-homem reclamou o sapato como uma relíquia preciosa, e a sra. Dowghiello mandou chamar uma camareira para vir reparar o desarranjo da indumentária da sobrinha.

Esse brinde foi seguido de muitos outros, e em breve os convivas se tornaram tão bulhentos, que não me pareceu conveniente continuar entre eles. Escapei-me da mesa sem que ninguém prestasse atenção, e fui tomar ares fora do castelo. Mas ainda aí topei com um espetáculo edificante. Os criados e camponeses que tinham tido cerveja e aguardente à discrição, já estavam na maioria bêbados. Houvera brigas e cabeças quebradas. Aqui e ali, sobre a relva, jaziam ébrios privados de conhecimento, e o aspecto geral da festa tinha muito de um campo de batalha. Tinha eu alguma curiosidade de ver de perto as danças populares; mas eram na maioria conduzidas por ciganas sem compostura; e eu julguei que não ficaria bem arriscar-me naquele tumulto. Recolhi-me, pois, ao quarto, li algum tempo, despi-me e adormeci em seguida.

Quando despertei, o relógio do castelo batia três horas. A noite era clara, embora a lua estivesse um pouco velada por leve bruma. Tentei reconciliar o sono; não o consegui. Como costume em tais ocasiões, tentei apanhar um livro para estudar, mas não pude encontrar fósforos ao meu alcance. Ergui-me e fui tateando pelo quarto, quando um corpo opaco, muito volumoso, passou por minha janela, tombando com um ruído surdo no jardim.

Minha primeira impressão foi de que se tratava de um homem, e julguei que um dos nossos ébrios tivesse caído da janela. Abri a minha e olhei; nada vi. Acendi enfim uma vela e, voltando para o leito, repassei meu glossário até o momento em que me trouxeram o chá.

Pelas onze horas, dirigi-me ao salão, onde encontrei muitos olhos mortiços e rostos desfigurados; soube que haviam saído da mesa muito tarde. Nem o conde nem a jovem condessa ainda tinham aparecido. Às onze e meia, depois de muitos gracejos de mau gosto, começaram a murmurar, baixo a princípio, depois bastante alto. O dr. Froeber resolvera mandar o camareiro do conde bater no quarto do

patrão. Passado um quarto de hora, o homem desceu e, um tanto alterado, contou ao dr. Froeber que batera mais de uma dúzia de vezes, sem obter resposta. Nós nos consultamos, a sra. Dowghiello, o doutor e eu. A inquietação do camareiro comunicara-se a mim. Nós três subimos com ele. Diante da porta, encontramos, muito assustada, a camareira da jovem condessa, assegurando que devia ter acontecido alguma desgraça, pois a janela do quarto se achava escancarada. Lembrei-me, com horror, do corpo pesado que tombara diante da minha janela. Batemos com força. Nenhuma resposta. Afinal o camareiro trouxe uma tranca de ferro, e arrombamos a porta... Não! Falta-me coragem para descrever o espetáculo que se ofereceu a nossos olhos. A jovem condessa jazia morta sobre o leito, com o rosto horripelantemente lacerado, a garganta aberta, inundada de sangue. O conde desaparecera, e ninguém desde então teve notícias suas.

O doutor examinou o terrível ferimento da jovem.

– Não foi uma lâmina de aço – exclamou – que produziu esse ferimento... Foi uma dentada!...

O doutor fechou o livro e olhou para o fogo, com um ar pensativo.

– E acabou-se a história? – perguntou Adelaide.

– Acabou-se! – respondeu o professor com voz lúgubre.

– Mas – tornou ela – por que a intitulou *Lokis*? Nenhum dos personagens tem esse nome.

– Não é um nome de homem. Vejamos, Teodoro, sabes o que quer dizer *Lokis*?

– Não tenho a mínima ideia.

– Se estivesses bem a par da lei da transformação do sânscrito para o lituano, terias reconhecido em *Lokis* o sânscrito *arkcha* ou *rikscha*. Chama-se *lokis*, em lituano, o animal a que os gregos chamaram ἄρκτος, os latinos *ursus* e os alemães *Bär*.

Compreendem agora o meu epigrama:

Miszka su Lokiu

Abu du tokiu.

Sabem que, no *Romance de Renard*,⁴³⁸ o urso se chama Damp Brum. Entre os eslavos, chamam-no Miguel, Miszka em lituano, e esse apelido quase sempre substitui o nome genérico, *lokis*. Assim foi que os franceses esqueceram o seu nome neolatino de *goupil* ou *gorpil* para substituí-lo pelo de *renard*. Poderia citar-lhes muitos outros exemplos...

Mas Adelaide observou que era tarde, e nós nos separamos.

392. Referente à folha de impressão dobrada três vezes, resultando dela um caderno de oito folhas ou dezesseis páginas.

393. "Os dois formam par"; literalmente: "Miszka (Miguel) com Lokis, ambos os mesmos", "*Michaelium cum Lokide, ambo duo ipsissim!*". (N. do A.)

394. A Samogícia (do samogício "*Žemaitija*", "terras baixas") é uma região localizada no atual noroeste da Lituânia e corresponde a uma das cinco regiões etnográficas do país. Note-se que "jomaítico" e "jmude" – palavras que o tradutor aportuguesa a partir de suas ocorrências no texto de Mérimée ("jomaitique" e "jmoude", respectivamente) – são variantes do que se latiniza como "samogício" (*Żmudzkie* em polonês). A diferenciação também está no texto de Mérimée, que usa "Samogícia" para "*Samogitie*".

395. A classificação linguística de Mérimée já não corresponde à de nosso tempo. A classificação geográfica ("para além" dos Montes Urais, cadeia de montanhas localizada na Rússia) não condiz com as diferenças linguísticas representadas nas línguas da região. O lituano, bem como o samogítico, são línguas indo-europeias; o estoniano, por sua vez, falado na mesma região, está no grupo não indo-europeu das línguas fino-ugrianas (das quais também constam o húngaro e o finlandês).

396. *Kowno* é o nome polonês de Kaunas, importante cidade lituana à qual coube o estatuto de capital, sendo substituída por Vilna.

397. Não há referência real a essa obra. Supõe-se que Wittembach estivesse pesquisando traduções dos livros sagrados nas diferentes línguas da região.

398. *Dainos*, em lituano, é o nome dado à música de origem popular nos países bálticos e ainda hoje é utilizado na Lituânia e na Letônia. Seu assunto não se limita ao mitológico ou às temáticas amorosa, de trabalho e guerra, mas também abarca eventos históricos.

399. A *starka* é um tipo de vodca produzida a partir do centeio. Seu consumo é tradicional na Polônia e na Lituânia.
400. Nome alemão para a cidade norueguesa de Trondheim.
401. Rosienie (Raseiniai) é historicamente uma das mais importantes cidades da região da Samogícia.
402. Cidade localizada na Rússia e desde o início da Idade Moderna ligada ao poder de Moscou.
403. Cidade de fundação russa (séc.XVIII), localizada na região da Crimeia.
404. Gedymin (Gediminas, em lituano), grão-duque do reino da Lituânia, e seu irmão Keystut (Késtutis, em lituano) foram dois heróis lituanos dos sécs.XIII e XIV.
405. Chama-se, em russo, a uma possessa "uivadora", *klikucha*, cuja raiz é *klik*, "bramido", "uivo". (N. do A.)
406. Jogo de cartas.
407. Referência ao tecido de seda produzido em Bukhara, cidade do atual Uzbequistão.
408. *Siatelstvo*, "vosso esplendor luminoso"; é o título que se dá a um conde. (N. do A.)
409. Língua hoje extinta do ramo báltico, dominante na atual região do nordeste da Polônia e de Königsberg num período anterior à primeira ocupação germânica da região (sécs.XIII e XIV).
410. Língua céltica falada na Cornualha.
411. Wilno, forma utilizada por Mérimée, é a forma polonesa para Vilna, atual capital da Lituânia.
412. Os cavaleiros da ordem teutônica. (N. do A.) [A Ordem Teutônica foi fundada no período das Cruzadas (séc.XI). No auge de seu poder (sécs.XIII e XIV), dominou toda a região da Prússia e do mar Báltico. Embora enfraquecida, foi decisiva para a formação do Império prussiano, futuramente à frente da unificação do Estado alemão.]
413. Capa de feltro. (N. do A.)
414. Cidade russa. Fundada no séc.X, há evidências de que existisse como entreposto comercial nas rotas de Bizâncio ao Báltico em tempos anteriores à cristianização dos povos que dariam origem aos russos.
415. Daina ("canção", em lituano) é o nome da música vocal tradicional produzida nos países bálticos, preservada em particular na Lituânia e na Letônia. Geralmente, as *dainas* versam sobre matéria folclórica, mas também podem tratar de temas históricos.
416. "Senhorita." (N. do A.) [Em polonês, no original.]
417. Juliana. (N. do A.)

418. Adam Mickiewicz (1798-1855) foi um importante poeta romântico e patriota polonês.
419. Alexander Sergueievitch Puchkin (1799-1837) foi romancista e poeta romântico russo, considerado o fundador da literatura russa moderna seja por seu uso do vernáculo, seja por seus temas e o trabalho sobre as formas tradicionais da literatura local.
420. Isto é, fidalgo polonês.
421. Aqui, as personagens se referem ao episódio que marca o coroamento de Édipo, personagem da mitologia grega, como rei tebano: a solução do enigma da Esfinge.
422. Ver *Messire Tadeu*, de Mickiewicz, e *A Polônia cativa*, de Charles Edmondson. (N. do A.)
423. Estojo de fuzil circassiano. (N. do A.)
424. Monte de terra ou pedras cobrindo uma ou mais covas.
425. Espécie de cogumelo, atualmente conhecida como *Lactarius turpis*. Por sua concentração de toxinas, não é considerada comestível.
426. *Tonans, tonantis*: "tonitruante", em latim.
427. Ludwig Knauss (1829-1910) foi um pintor alemão filiado à escola de Dusseldorf, bastante afeita ao paisagismo e à pintura ao ar livre.
428. Má tradução da palavra "professor", pois os *waidelotes* eram bardos lituanos. (N. do A.)
429. Andamento musical rápido e alegre.
430. Vestido de camponesa sem corpete.
431. Ariana: família de línguas derivadas do indo-europeu. Turaniana: família de línguas aglutinantes; a categoria abarca todas as línguas da Europa e da Ásia não semíticas ou arianas, não incluindo o chinês, o japonês e seus dialetos.
432. Os calmuques são povos nômades de origem mongol.
433. Primeiro e terceiro presidente uruguaio, José Fructoso de Rivera y Toscana (1784-1854) governou nos períodos de 1830-34 e 1838-43.
434. Ver nota 387.
435. "Encerrado num cofre nojento, toques com os joelhos a cabeça encolhida", em latim no original. Citação de uma das *Sátiras*, de Horácio (II, v.vii).
436. Hebe, deusa da juventude na mitologia grega, filha de Zeus e Hera, e ligada à representação das tarefas domésticas. Desposou Hércules quando este foi admitido entre os deuses.
437. Senhor. (N. do A.) [Em polonês, no original.]
438. Coletânea de pequenos poemas paródicos franceses de autoria variada, anônima ou não, e datados dos sécs.XII e XIII cujos personagens são animais.

Neles, a raposa (*Renard*) desempenha papel dominante.

DJUMANE⁴³⁹

A 21 DE MAIO DE 18..., regressávamos a Tlemcen.⁴⁴⁰ A expedição fora feliz; trazíamos bois, carneiros, camelos, prisioneiros e reféns. Depois de trinta e sete dias de campanha, ou antes, de caça incessante, nossos cavalos estavam na espinha, mas ainda tinham olho vivo; nenhum estava esfolado no lombo. Nossos homens, bronzeados pelo sol, com os cabelos compridos, os correames sujos, as roupas coçadas, apresentavam esse ar de despreocupação ante o perigo e a miséria, que caracteriza o verdadeiro soldado.

Para uma bela carga, que general não preferiria os nossos caçadores aos mais luzidos esquadrões de uniforme novo?

Desde a manhã, pensava em todas as pequenas aventuras que me aguardavam.

Que bem não dormiria eu em meu leito de ferro, depois de ter passado trinta e sete noites sobre um retângulo de encerado! Comería sentado numa cadeira, teria pão fresco e sal à vontade! Depois indagava comigo se a srta. Concha traria uma flor de romã ou de jasmim nos cabelos, e se teria cumprido as juras que fizera em nossas despedidas; mas, fiel ou inconstante, sabia que ela poderia contar com o manancial de ternura que a gente sempre traz do deserto. Não havia, em nosso esquadrão, ninguém que não tivesse os seus projetos para a noite.

O coronel recebeu-nos muito paternalmente, e até nos disse que estava satisfeito conosco. Depois, chamou à parte nosso comandante e, durante cinco minutos lhe disse coisas mediocrementemente agradáveis, como podíamos avaliar pela expressão de suas fisionomias.

Observávamos o movimento dos bigodes do coronel, que se elevavam até a altura das sobrancelhas, enquanto os do comandante desciam lamentavelmente desfrisados até o peito. Um jovem caçador, a quem fingi não ouvir, afirmou que o nariz do comandante se alongava a olhos vistos; mas em breve os nossos também se alongaram, quando o comandante voltou para nos dizer: “Deem de comer aos cavalos e estejam prontos para partir ao pôr do sol! Os oficiais jantam com o coronel às cinco horas, em uniforme de campanha; monta-se a cavalo depois do café... Será que por acaso os senhores não estarão satisfeitos?...”

Não concordamos absolutamente e enviamo-lo mentalmente para o diabo, bem como ao coronel.

Dispúnhamos de pouco tempo para os nossos pequenos preparativos. Apressei-me em mudar de roupa e, depois de feita a *toilette*, tive o pudor de não sentar em minha poltrona, por medo de adormecer.

Às cinco horas, fui ter com o coronel. Morava ele numa grande casa mourisca, cujo pátio encontrei repleto de gente, franceses e indígenas, que se acotovelavam em torno de um bando de peregrinos ou de saltimbancos chegados do sul.

Um velho, feio como um macaco, meio nu sob o seu albornoz esburacado, a pele cor de chocolate, profusamente tatuada, os cabelos crespos e tão bastos que de longe parecia trazer um *colback*⁴⁴¹ na cabeça, de barbas brancas e eriçadas, era quem dirigia o espetáculo.

Murmurava-se que era um grande santo e um grande feiticeiro.

Diante dele, uma orquestra composta de duas flautas e dois tambores fazia um ruído infernal, digno do ato que ia ser representado. Dizia-se que recebera de um famoso marabu⁴⁴² amplos poderes sobre os demônios e os animais ferozes. Depois de uma pequena saudação ao coronel e ao respeitável público, procedeu ele a uma espécie de prece ou encantação, acompanhada pela orquestra, enquanto os atores sob as suas ordens saltavam, dançavam, giravam num pé só e davam grandes socos no próprio peito.

Entrementes, os tambores e as flautas aceleravam o ritmo. Quando a fadiga e a vertigem lhes fizeram perder o pouco de cérebro que tinham, tirou de alguns cestos colocados em seu redor alguns escorpiões e serpentes, e, depois de ter feito ver que eles estavam bem vivos, lançou-os àqueles farsantes, que lhes caíram em cima como cães sobre um osso e os devoraram a dentadas.

Apreciávamos de uma galeria alta o singular espetáculo com que nos brindava o coronel, sem dúvida para nos aguçar o apetite. Quanto a mim, desviando os olhos daqueles malandros que me enojavam, divertia-me em contemplar uma linda menina de treze ou catorze anos, que se esgueirava em meio à multidão para se aproximar do espetáculo.

Tinha os mais belos olhos do mundo, e seus cabelos lhe tombavam sobre as espáduas em finas tranças com moedinhas de prata em cada ponta, que ela fazia tilintar, meneando graciosamente a cabeça. Estava vestida com mais apuro que a maioria das moças da região: lenço de veludo bordado, calças curtas de cetim azul, deixando ver suas pernas nuas, cercadas de aros de prata. Não tinha véu no rosto. Era uma judia, uma idólatra? Ou pertenceria a uma dessas hordas errantes cuja origem é desconhecida e que não têm preconceitos religiosos?

Enquanto eu seguia com verdadeiro interesse todos os seus movimentos, ela chegara à primeira fila do círculo onde aqueles possessos executavam seus exercícios.

Procurando aproximar-se ainda mais, derrubou um cesto de base estreita, que não fora aberto. Quase ao mesmo tempo, o feiticeiro e a menina soltaram um grito terrível e o círculo agitou-se, recuando todos com horror.

Uma grande serpente acabava de escapar-se do cesto, e a menina pisara em cima do réptil, que num instante se lhe enroscara na perna. Vi correrem algumas gotas de sangue por baixo do aro que lhe cingia o tornozelo. A menina caiu de costas, chorando e rangendo os dentes. Uma espuma branca lhe cobriu os lábios, enquanto ela se rolava na poeira.

– Corra, doutor! – gritei para o nosso cirurgião-mor. – Por amor de Deus, salve essa pobre criança!

– Inocente! – respondeu o cirurgião, dando de ombros. – Não vê que isso faz parte do programa? Aliás, o meu ofício consiste em cortar os braços e pernas de vocês. Compete ali ao meu colega curar as pequenas mordidas por cobras.

Mas o velho feiticeiro acorrera, e seu primeiro cuidado foi apoderar-se da serpente.

– Djumane! Djumane! – dizia-lhe ele, num tom de amistosa censura.

A serpente se desenroscou, deixou a sua presa e pôs-se a rastejar. Prontamente o feiticeiro pegou-a pela ponta da cauda e, segurando-a com o braço estendido, fez a volta da assistência, mostrando o réptil, que se torcia e silvava sem poder endireitar-se.

Não ignorais que uma serpente suspensa pela cauda acha-se em muito má situação. Não pode erguer-se além de um quarto de seu comprimento, quando muito, e, por conseguinte, fica impossibilitada de morder a mão que a segura.

Um minuto depois, era a serpente devolvida ao cesto, cuja tampa foi bem ajustada, e o mágico ocupou-se então da menina, que continuava a gritar e a espernear. Pôs-lhe na ferida uma pitada de pó branco, que tirou da cinta, depois murmurou ao ouvido da menina uma encantação cujo efeito não se fez esperar. Cessaram as convulsões; a pequena enxugou a boca, apanhou o lenço de seda, sacudiu-lhe a poeira, colocou-o na cabeça, e logo se afastou.

Um instante após, subia à nossa galeria, para fazer a sua coleta, e nós lhe colávamos na frente e nas costas uma porção de moedas de cinquenta cêntimos.

Era o fim do espetáculo, e fomos todos jantar.

Eu estava com bom apetite e preparava-me para fazer honras a uma magnífica enguia à tártara, quando o nosso doutor, a cujo lado me assentei, disse-me que estava reconhecendo nela a serpente de há pouco. Foi-me impossível provar um só bocado.

O doutor, depois de zombar de meus preconceitos, reclamou a minha parte da enguia e assegurou-me que a cobra tinha um gosto delicioso.

– Esses malandros que você acaba de ver – disse ele – são verdadeiros peritos. Vivem em cavernas, como trogloditas, com as suas serpentes; têm lindas raparigas, como se vê pela pequena das calças azuis. Não sei qual a religião deles, mas são uns sabidos, e quero travar conhecimento com o seu *cheik*.

Durante o jantar, soubemos por que motivo reencetávamos a campanha. Sidi-Lala, perseguido de rijo pelo coronel R..., procurava alcançar as montanhas de Marrocos.

Dois caminhos a escolher: um ao sul de Tlemcen, vadeando o Mulaia no único ponto em que as escarpas não o tornam inacessível; o outro pela planície, ao norte do nosso acantonamento.

O Mulaia corre entre dois paredões rochosos, e existe um único ponto, uma espécie de brecha muito estreita, onde os cavalos podem passar. O local me era bastante conhecido, e não compreendo por que ainda não ergueram ali um blocausse.⁴⁴³ De modo que, para o coronel, havia todas as probabilidades de encontrar o inimigo e, para nós, de fazermos uma jornada inútil.

Antes de findo o jantar, vários cavaleiros de Maghzen⁴⁴⁴ tinham trazido despachos do coronel R... O inimigo tomara posição e parecia mostrar desejos de bater-se. Havia perdido tempo. A infantaria do coronel R... ia chegar e derrotá-lo.

Mas por onde fugiria o inimigo? Nada sabíamos, e era preciso estarmos prevenidos nos dois caminhos. Não falo de um terceiro partido que ele poderia tomar: o de lançar-se no deserto; seus animais e sua gente logo morreriam de fome e sede. Ficaram combinados alguns sinais para revelar os movimentos do inimigo.

Três tiros de canhão disparados em Tlemcen nos preveniriam de que Sidi-Lala surgia na planície, e nós levávamos foguetes para indicar que tínhamos necessidade de auxílio. Segundo todas as probabilidades, o inimigo não poderia aparecer antes do raiar do dia e nossas duas colunas tinham várias horas de avanço sobre ele.

Já era noite quando montamos a cavalo. Eu comandava o pelotão da vanguarda. Sentia-me fatigado, tinha frio; vesti o capote, ergui a gola, firmei-me nos estribos, e seguia tranquilamente ao passo de minha mula, ouvindo com distração o quartel-mestre Wagner, que me contava a história de seus amores, infelizmente concluídos com a fuga de uma infiel, que lhe carregara, com o seu coração, um relógio de prata e um par de botas novas. Eu já sabia essa história, e parecia-me ainda mais longa que de costume.

A lua se erguia enquanto nos púnhamos em marcha. O céu estava puro, mas elevava-se do solo uma névoa branca, renteando a terra, que parecia coberta de flocos de algodão. Sobre aquele fundo branco, a lua lançava longas sombras, e todos os objetos tomavam um aspecto fantástico. Às vezes eu julgava distinguir cavaleiros árabes de vigia; outras vezes parava, julgando ouvir os tiros de canhão combinados: Wagner me dizia que era um cavalo a galopar.

Chegamos à passagem, e o comandante tomou suas providências.

O lugar era maravilhoso para a defesa, e bastaria o nosso esquadrão para deter um corpo considerável. Solidão completa do outro lado do rio.

Após uma longa espera, ouvimos um galope e logo apareceu um árabe, montado num magnífico cavalo, e que se dirigia para nós. Pelo seu chapéu de palha encimado de penas de avestruz, por sua sela bordada, de onde pendia uma *dgebira*⁴⁴⁵ ornada de coral e de flores de ouro, reconhecia-se um chefe; nosso guia disse que era Sidi-Lala em pessoa. Era um belo jovem, de talhe esbelto, que manobrava o cavalo às maravilhas. Fazia-o galopar, lançava ao ar seu longo fuzil e aparava-o, gritando-nos não sei que palavras de desafio.

Os tempos da cavalaria já passaram, e Wagner pegou um fuzil para desenganchar o marabu, como dizia ele. Mas eu opus-me a isso e, para que não se dissesse que os franceses haviam recusado combater em campo fechado com um árabe, pedi permissão ao comandante para cruzar o vau e terçar armas com Sidi-Lala.⁴⁴⁶ A

licença foi-me concedida, enquanto o chefe inimigo se afastava em galope curto, para ganhar terreno.

Logo que me viu na margem, correu para mim com o fuzil ao ombro.

– Cuidado! – gritou-me Wagner.

Não temo absolutamente os tiros de um cavaleiro, e, depois da fantasia que Sidi-Lala acabava de executar, o seu fuzil não devia achar-se em estado de fazer fogo. Com efeito, ele apertou o gatilho a três passos de distância, mas a arma falhou, como eu esperava. Em seguida o meu homem fez o cavalo dar meia-volta tão rapidamente que, em vez de lhe vibrar minha espada no peito, só lhe alcancei o albornoz flutuante.

Mas eu o apossava de perto, tendo-o sempre à direita e levando-o contra as escarpas que bordam o rio. Em vão tentava ele fazer desvios; eu o apertava cada vez mais.

Após alguns minutos de desesperada carreira, vi seu cavalo empinar-se de súbito, enquanto ele puxava as rédeas com ambas as mãos... Sem indagar comigo por que fazia Sidi-Lala aquele singular movimento, investi contra ele como uma bala e assestei-lhe a espada bem no meio das costas, ao mesmo tempo que a pata de meu cavalo batia na sua coxa esquerda. Homem e cavalo desapareceram; minha montaria e eu tombamos depois deles.

Sem o perceber, tínhamos chegado à beira de um precipício e nos despenhávamos... Enquanto estava ainda no ar – o pensamento anda depressa! – refleti que o corpo do árabe amorteceria a minha queda. Vi distintamente abaixo de mim um albornoz branco com uma grande mancha rubra: foi ali que eu tombei de cara ou coroa.

O salto não foi tão terrível como eu esperava, graças à altura da água; tive-a até acima das orelhas, debati-me atordoado por um instante, e não sei bem como me encontrei de pé no meio de grandes caniços à margem do rio.

O que fora feito de Sidi-Lala e dos cavalos, eu não sabia. Estava encharcado e tiritante, metido na lama, entre dois paredões de rochedos. Dei alguns passos, esperando encontrar um ponto onde as

escarpas fossem menos íngremes; quanto mais avançava, mais abruptas e inacessíveis me pareciam.

De repente, ouvi acima de minha cabeça o rumor de cascos de cavalos e o tilintar de bainhas contra os estribos e as esporas. Era, evidentemente, o nosso esquadrão. Quis gritar, mas nenhum som saiu da minha garganta; sem dúvida, na queda, eu partira o peito.

Imagine-se a minha situação! Ouvia as vozes dos nossos, reconhecia-os, e não os podia chamar em meu auxílio. O velho Wagner dizia:

– Se ele me tivesse deixado agir, viveria o bastante para chegar a coronel.

Logo o ruído diminuiu, enfraqueceu, e não ouvi mais nada.

Acima de minha cabeça pendia uma grossa raiz, e eu esperava, agarrando-a, içar-me até o alto. Num desesperado esforço, lancei-me, e... sss!... A raiz contorce-se e me escapa com um silvo horrível... Era uma enorme serpente...

Retombei na água: a serpente, deslizando-me entre as pernas, lançou-se no rio, onde me pareceu que deixava como que um rasto de fogo.

Um minuto depois, tinha eu recuperado o sangue-frio, e aquela luz trêmula à flor das águas não havia desaparecido. Era, como o descobri, o reflexo de uma tocha. A uns vinte passos de mim, uma mulher enchia, com uma das mãos, uma bilha no rio, e com a outra segurava um toco de madeira resinosa que ardia. Não desconfiava de minha presença. Colocou tranquilamente a bilha na cabeça, e, com a tocha na mão, desapareceu entre os caniços. Segui-a e encontrei-me à entrada de uma caverna.

A mulher avançava muito calmamente e subia uma encosta bastante inclinada, espécie de escada talhada contra a parede de uma sala imensa. À luz da tocha, eu distinguia o chão daquela sala, que não ultrapassava o nível do rio, mas não podia descobrir qual era a sua extensão. Sem saber bem o que fazia, enveredei pela rampa, atrás da mulher que segurava a tocha, seguindo-a à

distância. De tempos em tempos, a luz desaparecia atrás de alguma anfractuosidade do rochedo, e em pouco eu tornava a divisá-la.

Pareceu-me também perceber a sombria abertura de grandes galerias em comunicação com a sala principal. Dir-se-ia uma cidade subterrânea, com suas ruas e seus cruzamentos. Parei, achando perigoso aventurar-me sozinho naquele imenso labirinto.

De repente, uma das galerias abaixo de mim iluminou-se de viva claridade. Vi grande número de archotes que pareciam sair dos flancos do rochedo para formar como que uma grande procissão. Ao mesmo tempo, elevava-se um canto monótono que lembrava a salmodia dos árabes recitando as suas preces.

Em breve avistei uma grande multidão que avançava devagar. À frente vinha um homem de cor preta, quase nu, com a cabeça coberta por uma enorme massa de cabelos eriçados. A barba branca, caindo sobre o peito, sobressaía da cor escura da pele, cortada de tatuagens azuladas. Reconheci logo meu feiticeiro do espetáculo da véspera e, após, avistei atrás dele a jovem que havia desempenhado o papel de Eurídice, com seus belos olhos, suas calças de seda e seu lenço bordado na cabeça.

Mulheres, crianças, homens de todas as idades os seguiam, todos com tochas, todos com vestimentas bizarras de cores vivas, saias arrastando, capacetes altos, dos quais alguns em metal refletiam de todas as formas a iluminação dos archotes.

O velho feiticeiro parou justamente debaixo do lugar em que eu estava, e toda a procissão com ele. Fez-se um grande silêncio. Encontrava-me a uns vinte passos acima dele, protegido por grandes pedras, atrás das quais esperava ver tudo sem ser percebido. Ao pé do ancião, avistei uma grande laje, mais ou menos circular, com uma argola de ferro presa ao centro.

O velho pronunciou algumas palavras numa língua para mim desconhecida, que creio, seguramente, não ser o árabe nem o cabila.⁴⁴⁷ Uma corda com roldana, suspensa não sei de onde, caiu a seus pés; alguns dos assistentes a prenderam ao anel de ferro e, a um sinal, vinte braços vigorosos, fazendo força ao mesmo tempo,

suspenderam a pedra, que parecia ser muito pesada, e a colocaram ao lado.

Avistei então uma abertura como a de um poço, cuja água estava a menos de um metro da borda. Eu disse a água? Não sei que medonho líquido era, coberto de uma película irisada, interrompida e cortada em placas, deixando ver uma lama negra e asquerosa.

De pé, junto à margem do poço, o feiticeiro, com a mão esquerda sobre a cabeça da jovem, fazia com a direita gestos estranhos, enquanto pronunciava uma espécie de encantação no meio do recolhimento geral.

De quando em quando elevava a voz como se chamasse alguém: "Djumane! Djumane!", gritava ele; mas ninguém vinha. Entrementes, revirava os olhos, rangia os dentes e soltava gritos roucos que não pareciam sair dum peito humano. A hipocrisia desse velho patife me irritava e enchia de revolta; tive a tentação de jogar-lhe uma das pedras que estavam sob a minha mão. Provavelmente pela trigésima vez ele acabava de bradar pelo nome de Djumane, quando vi tremer a película irisada do poço e, a esse sinal, toda a multidão lançar-se para trás; o velho e a jovem ficaram sós à beira do buraco.

De súbito, uma grande bolha de lama azulada elevou-se do poço, e a cabeça enorme duma serpente, de um pardo lívido, saiu dessa lama, com olhos fosforescentes...

Sem querer, dei um passo para trás; ouvi um pequeno grito e o barulho de um corpo que caía na água...

Quando voltei a olhar para baixo, talvez um décimo de segundo depois, vi o feiticeiro só à beira do poço, cuja água borbulhava ainda. No meio dos fragmentos da película irisada, flutuava o lenço que cobria os cabelos da menina...

Já a pedra estava em movimento e voltava a cobrir a abertura do horrível sorvedouro. Então, todos os archotes se apagaram ao mesmo tempo, e eu fiquei nas trevas, em meio de um silêncio tão profundo, que ouvia distintamente as batidas do meu coração...

Logo que me refiz um pouco dessa hedionda cena, quis sair da caverna, jurando que, se viesse a encontrar meus camaradas, exterminaria os abomináveis habitantes desse lugar, homens e serpentes.

Tratava de procurar o caminho; tinha dado, segundo calculava, uma centena de passos no interior da caverna, com a parede de rocha à minha direita.

Fiz meia-volta, porém não avistei nenhuma luz que indicasse a abertura do subterrâneo; mas ele não se estendia em linha reta, e, aliás, eu tinha sempre subido, desde a beira do rio. Com a mão esquerda tateando a rocha e com a direita segurando o sabre, sondava o terreno, avançando lentamente e com precaução. Durante um quarto de hora, vinte minutos... uma meia hora talvez, caminhei sem encontrar a entrada.

Fiquei tomado de inquietação. Ter-me-ia metido, sem o perceber, em alguma galeria lateral, em lugar de voltar pelo caminho que seguira primeiro?...

Avançava sempre, tateando o rochedo, quando, ao invés do frio da pedra, senti uma cortina, que, cedendo sob minha mão, deixou escapar um raio de luz. Redobrando de precaução, afastei sem ruído a cortina e me encontrei numa pequena garganta que dava para um quarto intensamente iluminado, cuja porta estava aberta. Notei que o quarto estava guarnecido de um estofado floreado, de seda e fios de ouro. Distingui um tapete da Turquia e a extremidade de um divã de veludo. Sobre o tapete, havia um cachimbo de prata e defumadores com perfumes. Em suma, um apartamento suntuosamente mobiliado ao gosto árabe.

Nas pontas dos pés, aproximei-me da porta. Uma mulher jovem estava recostada sobre o divã, junto ao qual se via uma mesinha baixa, obra de marchetaria, com uma grande bandeja de prata dourada cheia de taças, de frascos e de buquês de flores.

Entrando nesse *boudoir*⁴⁴⁸ subterrâneo, a pessoa se sentia embriagada de não sei que perfume delicioso.

Tudo respirava voluptuosidade nesse retiro; por todos os lados eu via brilhar o ouro, ricos estofos, flores raras e de matizes variados. A princípio a mulher não me percebeu; tinha a cabeça inclinada e, com um ar pensativo, rolava entre os dedos as contas de âmbar amarelo de um longo rosário. Era uma verdadeira beleza. Seus traços lembravam os da infeliz menina que eu acabara de ver, mas mais formados, mais regulares, mais voluptuosos. Negra como a asa de um corvo, sua cabeleira, longa como um manto de rei,⁴⁴⁹ caía-lhe sobre as espáduas, sobre o divã e até sobre o tapete a seus pés. Uma camisa de seda transparente, de largas listras, deixava adivinhar uns braços e uma garganta admiráveis. Um colete de veludo bordado de ouro apertava-lhe o talhe e de suas calças curtas de cetim azul saía um pé maravilhosamente pequeno calçado com um chininho dourado, que ela fazia dançar com um movimento caprichoso e cheio de graça.

Minhas botas estalaram; ela levantou a cabeça e me avistou.

Sem se desconcertar, sem mostrar a menor surpresa por ver entrar nos seus aposentos um estrangeiro de sabre na mão, a jovem bateu palmas com alegria e me fez sinal para me aproximar. Saudei-a levando a mão ao coração e à testa, para lhe mostrar que estava a par da etiqueta muçulmana. Ela me sorriu e com as duas mãos afastou os cabelos, que cobriam o divã; indicava-me assim que tomasse lugar a seu lado. Acreditei que todos os perfumes da Arábia se desprendiam de seus belos cabelos.

Com um ar modesto, sentei-me na extremidade do divã, prometendo a mim mesmo que me aproximaria logo depois. Ela tomou uma taça da bandeja, segurando-a pelo pires de filigrana; encheu-a de café e, depois de roçá-la nos lábios, apresentou-a a mim, dizendo:

– Ah! Rumi! Rumi!...⁴⁵⁰

– Será que não tomamos um trago, meu tenente?...

A essas palavras, abri desmesuradamente os olhos. A jovem tinha bigodes enormes; era o retrato vivo do quartel-mestre Wagner. Com efeito, Wagner estava de pé diante de mim e me apresentava uma

xícara de café, enquanto, deitado sobre o pescoço do cavalo, eu o olhava estupefato.

– Parece que dormimos, apesar dos pesares, meu tenente. Tudo pronto, e o café está fervendo.

439. Nome de raiz árabe que significa “pérola” ou “joia”. O conto foi publicado postumamente em 1873.

440. Tlemcen é uma importante cidade do noroeste da Argélia, próxima à fronteira com o Marrocos e ao mar Mediterrâneo. Foi tomada pelos franceses em dois momentos, 1836 e 1842, durante o processo de ocupação (ou “departamentalização”) da Argélia no séc.XIX. Mérimée, como senador do Império, acompanhou este e outros movimentos de expansão do imperialismo francês.

441. Chapéu coberto de pelos e em forma de cone cortado adornado com uma pluma.

442. Religioso que vive sob as leis do Alcorão.

443. Pequena fortificação construída com troncos de madeira e provida de paliçada e fosso.

444. Referente às instituições de governo no Marrocos pré-independência e identificada com as figuras mais próximas ao rei.

445. Bolsa que os cavaleiros levam suspensa no arção da sela.

446. Corruptela do nome abreviado de *sid* El-Ala – ou *sid* El-Ala-ould-Abou-Bekr, herói da ressurreição argelina entre 1864 e 1869. A personagem contava seus sessenta anos à época em que Mérimée redige a história; portanto, esta se passa em algum momento em 1843 (pouco tempo após os franceses tomarem Tlemcen, em 1842). “Sid” – como no “El Cid” espanhol – significa “senhor”.

447. Termo que se aplica à designação da língua e dos povos bérberes do norte da África.

448. Quarto de dormir, vestir e estar de uma dama.

449. No original “*Plus longue qu’un manteau de roi*”, verso de “*L’Andalouse*”, de Alfred de Musset (1810-57).

450. Termo que significa, literalmente, “romano” e designa os europeus não muçulmanos em geral.

CRONOLOGIA

VIDA E OBRA DE PROSPER MÉRIMÉE

1803 | 28 set: Prosper Mérimée nasce em Paris, filho único de Léonor Mérimée, pintor e professor de desenho, e de Anne Moreau.

1811: Inicia as aulas no Lycée Napoléon.

1819: Matricula-se no curso de Direito.

1822: Conhece Henry Stendhal, de quem se torna amigo.

1823: Conclui o curso de Direito. É dispensado do serviço militar por sua constituição frágil.

1825: Estreia brilhante na literatura com o *Teatro de Clara Gazul* – pequenas peças destinadas à leitura –, que entretanto assina com o pseudônimo de Clara Gazul.

1826: Primeira viagem à Inglaterra.

1827: Publica *La Guzla: coletânea de poesias líricas*, supostas obras populares inventadas por ele, mas que são tomadas como autênticas por poetas e eruditos.

1828: Publica o drama *La Jacquerie*.

1829: Publica *Crônica do tempo de Carlos IX*, romance histórico, um sucesso de vendas; *Mateus Falcone*, sua primeira novela, gênero no qual produzirá suas maiores obras-primas; *Visão de Carlos XI*, *A tomada do reduto*, *Tamango* e *Federigo*. Leva intensa vida mundana.

1830: Publica *O vaso etrusco* e *A partida de gamão*. | 25 fev: Toma parte na "batalha de *Hernani*", do lado de Victor Hugo. Primeira viagem pela Espanha. Torna-se próximo da condessa Montijo, mãe de Eugênia, futura imperatriz da França.

1831-33: Publica as *Cartas da Espanha*. Ocupa funções administrativas nos ministérios da Marinha e do Comércio. Funcionário impecável durante o dia, é um boêmio inveterado durante as noites.

1831: Serve na Guarda Nacional. Tem início sua ligação com Jenny Dacquin, que o procura como admiradora assinando suas cartas como "A Desconhecida". Dacquin publicará sua correspondência com Mérimée após a morte do escritor.

1832: Nomeado referendário do Conselho de Estado. Conhece pessoalmente Jenny Dacquin.

1833: Publica *O duplo engano* e *Mosaico*.

1834: Nomeado inspetor-geral dos Monumentos Históricos, cargo que ocupará por décadas, faz a primeira de suas muitas viagens de inspeção. Exercerá suas funções com desvelo e prazer e prestará relevantes serviços ao patrimônio artístico francês, contando com o auxílio de, entre outros, Viollet-le-Duc.

1834: Publica *As almas do Purgatório*.

1836: Torna-se amante de Valentine Delessert, relacionamento que durará dezoito anos. Morte do pai.

1837: Publica *A Vênus de Ille*.

1839: Viaja à Córsega. Torna-se vice-presidente da Comissão de Monumentos Históricos, cargo que conservará até a morte.

1840: Publica *Colomba*.

1841: Viaja à Grécia e ao Oriente Próximo.

1843: É eleito membro da Academia de Inscrições e Belas-Artes. É relator da comissão para a restauração da catedral de Notre Dame.

1844: É eleito membro da Academia Francesa. Publica *Arsênia Guillot*.

1845: Publica *Carmen*. Nova viagem à Espanha.

1846: Publica *O padre Aubain* e *Il viccolo di madama Lucrezia*.

1847: Relatório para o restauro dos vitrais da Sainte-Chapelle. Publica a monumental monografia histórica *História de d. Pedro I, rei de Castela*.

1848: Proclamação da Segunda República francesa. Luís Napoleão é eleito presidente.

1849: Mantém a publicação de artigos sobre arte e história, e intensifica o contato com a literatura russa, inclusive traduzindo obras.

1850: *O carro do Santo Sacramento* é representado, sem qualquer sucesso, na Comédie Française. Publica a homenagem a Stendhal *H.B., por um dos Quarenta*.

1852: Com um golpe de Estado, Luís Napoleão torna-se Napoleão III, chefe do Segundo Império francês. Morte da mãe de Mérimée. O escritor é encarcerado por quinze dias na Conciergerie, por haver defendido publicamente um amigo acusado de roubos.

1853: Eugênia de Montijo é coroada imperatriz da França. Mérimée é nomeado senador vitalício e será um dos íntimos da imperatriz, mas recusa diversas vezes postos importantes, inclusive o de ministro da Educação. Não exercerá influência sobre os acontecimentos políticos e, embora favorável ao Império, preverá seu fim. Colaborará com Napoleão III na história de *Júlio César*, escrita pelo imperador.

1854: Rompimento definitivo com a sra. Delessert, por decisão dela. Mérimée nunca deixará de amá-la.

1855: Integra o júri de arquitetura da Exposição Universal.

1856-69: Passa a sofrer de problemas respiratórios, mas não deixa de fazer frequentes viagens e de se dedicar aos russos.

1860: É substituído na função de inspetor-geral dos Monumentos Históricos. Nomeado comandante da Legião de Honra.

1866: Elevado a Alto Oficial da Legião de Honra. Depois de vinte anos, volta à literatura, com *O quarto azul*, novela dedicada à imperatriz.

1868: Última participação na Comissão de Monumentos Históricos. Conclui *Lokis*, que só será publicado um ano mais tarde.

1870: Queda do Segundo Império francês. Mérimée fica profundamente abalado. | 23 set: Morre em Cannes.

1871: Um incêndio consome o apartamento onde Mérimée passara a viver após a morte da mãe, destruindo seus livros e papéis.

1873: Publicação póstuma de *Djumane*, conforme determinação do autor.

CLÁSSICOS ZAHAR

em edição comentada e ilustrada

Sherlock Holmes (9 vols.)*

A terra da bruma

Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood

O conde de Monte Cristo*

A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror

Os três mosqueteiros*

Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego

Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes

O corcunda de Notre Dame*

Victor Hugo

O Lobo do Mar

Jack London

Carmen e outras histórias: novelas e contos completos

Prosper Mérimée

O Ateneu

Raul Pompeia

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*

Howard Pyle

Os Maias

Eça de Queirós

20 mil léguas submarinas*

A ilha misteriosa

Jules Verne

A besta humana

Émile Zola

* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

Veja a lista completa da coleção no site www.zahar.com.br

Copyright da tradução © 2015, Elena Quintana de Oliveira

No processo de produção desta edição, verificamos que, por razão ignorada, havia pequenos trechos saltados na tradução de Mario Quintana. Procedemos a um minucioso cotejo com a edição *Théâtre de Clara Gazul. Romans et nouvelles* (org. e notas Jean Mallion e Pierre Salomon, col. La Bibliothèque de La Pléiade, Gallimard, 1978) e incluímos aqui todas as passagens que faltavam, em tradução de André Telles, sempre indicadas por colchetes. Salvo esses casos, respeitamos rigorosamente a tradução de Mario Quintana.

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Produção do arquivo ePub: Revolução eBook

Edição digital: março 2015

ISBN: 978-85-378-1425-3